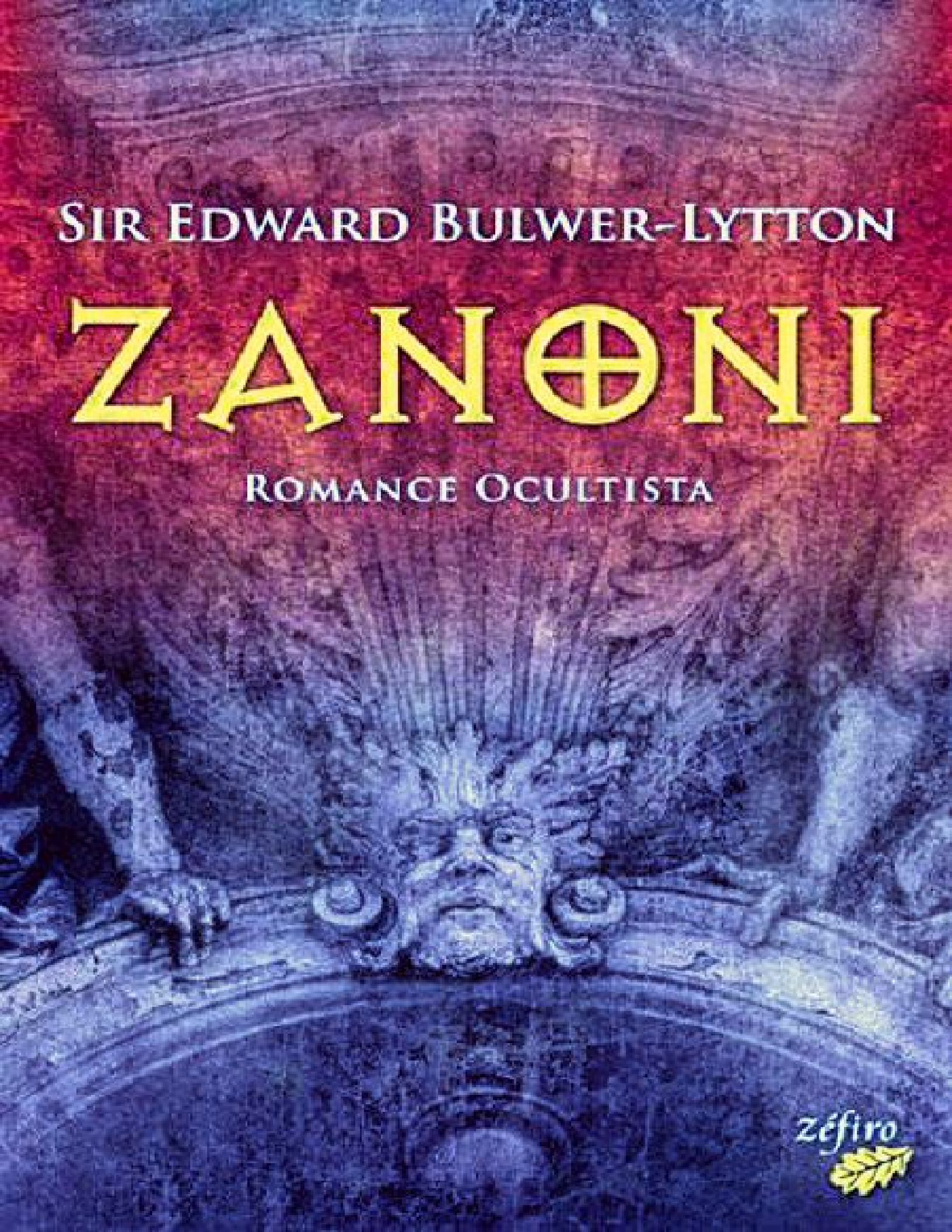
SIR EDWARD BULWER-LYTTON
ZANONI
ROMANCE OCULTISTA
zéfiro

img1.png

img2.pngSociedade das Ciências Antigas

ZANONI

por **Edward Bulwer-Lytton**

INTRODUÇÃO

É possível que entre os meus leitores haja alguns poucos que ainda se recordem de uma antiga livraria, que existia, há alguns anos, nas imediações de COVENT GARDEN; digo poucos, porque certamente, para a grande maioria da gente, muito escasso atrativo possuíam aqueles preciosos volumes que toda uma vida de contínuo labor havia acumulado nas empoadas estantes do meu velho amigo D.

Ali não se encontravam tratados populares, nem romances interessantes, nem histórias, nem descrições de viagens, nem "Biblioteca para o povo", nem "Leitura recreativa para todos". O curioso, porém, podia descobrir ali uma rica coleção de obras de Alquimia, Cabala e Astrologia, que um entusiasta conseguiu reunir e que, em toda a Europa, talvez, era a mais notável em seu gênero. O seu proprietário havia despendido uma verdadeira fortuna na aquisição de tesouros que não deviam ter saída. Mas o velho D. não desejava, na realidade, vendê-las. O seu coração não se sentia bem, quando um freguês entrava em sua livraria; ele espiava os movimentos do intruso, lançando-lhe olhares vingativos; andava ao redor dele, vigiando-o atentamente; fazia carrancas e dava suspiros, quando mãos profanas tiravam de seus nichos algum dos seus ídolos. Se, por acaso, a alguém atraia uma das sultanas favoritas do seu encantador harém, e o preço dado não lhe parecia ser demasiado exorbitante, muitas vezes era duplicado esse preço. Se vacilasse um pouco, o proprietário com vivo prazer, lhe arrebatava das mãos a venerável obra que o encantava; se aceitasse suas condições, o desespero se pintava no rosto do vendedor; e não eram raros os casos que, no meio do silêncio da noite, tinha bater à porta da moradia do freguês, pedindo-lhe que lhe vendesse, nas condições

que desejasse, o livro que batia com prado, pagando-lhe tão esplendidamente o preço estipulado. Um crente admirador do seu Averrois e do seu Paracelso, ele sentia a mesma repugnância, como os filósofos que havia estudado, em comunicar aos profanos o saber que tinha adquirido.

Sucedeu, pois, que, nos anos juvenis de minha existência e de minha vida literária, senti um vivo desejo de conhecer a verdadeira origem e as doutrinas da estranha seita a que se dá o nome de "Rosacruzes".

Não satisfeito com as escassas e superficiais informações que, acerca deste assunto, se pode achar nas obras comuns, opinei que talvez na coleção do Sr. D., que era rica, não só em livros impressos, como também em manuscritos, encontrasse alguns dados mais precisos e autênticos sobre aquela famosa fraternidade, escritos, quiçá, por algum dos membros da Ordem, e que confirmassem, com o valor de sua autoridade e com certas particularidades, as pretensões à sabedoria e à virtude que Bringaret atribuía aos sucessores dos Caldeus e dos Ginosofistas. De acordo com estas suposições, encaminhei os meus passos ao dito sítio, o qual era, indubitavelmente (embora eu tenha que me envergonhar disso), um dos meus passeias prediletos. Porém, não existem, acaso, nas crônicas dos nossos próprios dias, erros e enganos tão obscuros, como os dos alquimistas dos tempos antigos? E possível que até os nossos periódicos vão parecer à nossa posteridade tão cheios de ilusões, como aos nossos olhos parecem os livros dos alquimistas; e, talvez, achem até estranho que a imprensa é o ar que respiramos, quando este ar é tão nebuloso!

Ao entrar na livraria, notei num freguês de venerável aspecto, a quem nunca dantes ali havia encontrado, e cuja presença chamou a minha atenção. Surpreendeu-me também o respeito com que era

tratado pelo colecionador, de ordinário desdenhoso.

— Senhor, — exclamou este, com ênfase, enquanto eu estava folheando o catálogo, — nos quarenta e cinco anos que levo dedicado a esta classe de investigações, é você o único homem que tenho encontrado digno de ser meu freguês. Como pode nestes tempos tão frívolos, adquirir um saber tão profundo? E

quanto a esta augusta fraternidade, cujas doutrinas, vislumbradas pelos primeiros filósofos, lhes ficaram sendo misteriosas, diga-me se existe realmente, na terra, um livro, um manuscrito, em que se possam aprender as descobertas e os ensinos dessa sociedade?

Ao ouvir as palavras "augusta fraternidade", excitou-se muito a minha curiosidade e atenção, e escutei com avidez a resposta do desconhecido.

— Eu não julgo — disse o velho cavalheiro — que os mestres da dita escola tenham revelado ao mundo as "suas verdadeiras doutrinas, a não ser por meio de obscuras insinuações e parábolas místicas", e não os censuro por sua discrição.

Depois de ter dito estas palavras, calou-se e parecia que ia retirar-se, quando eu me dirigi ao colecionador, dizendo-lhe, de um modo algo brusco:

— Não vejo em seu catálogo, Sr. D., nada que tenha referência aos Rosacruzes.

— Os Rosacruzes! — repetiu o velho cavalheiro, olhando-me fixamente, com certa surpresa. — Quem, a não ser um Rosacruz, poderia explicar os mistérios Rosacruzes? E o Sr. poderá imaginar que um membro dessa seita, a mais zelosa de todas as sociedades secretas, tenha querido levantar o véu que oculta ao mundo a Isis de sua sabedoria?

Ah! Pensei eu comigo, esta será, pois, a "augusta fraternidade"

de que falou. Louvado seja o céu! Com certeza, topei agora com um membro dessa fraternidade.

— Porém, — respondi em voz alta, — onde poderia eu, senhor, obter alguma informação, se não se encontra nos livros? Em nossos dias, não pode um literato arriscar-se a escrever sobre qualquer coisa, sem conhecê-la a fundo, e quase nem se pode citar uma frase de Shakespeare, sem citar ao mesmo tempo o titulo da obra, o capítulo e o versículo. A nossa época é a época dos fatos, senhor, a época dos fatos.

— Bem, — disse o ancião, com um amável sorriso; — se nos virmos outra vez, poderei talvez, ao menos, dirigir as investigações do senhor à fonte mesma do saber.

E, ditas estas palavras, abotoou o, sobretudo, chamou com um assobio o seu cão, e saiu.

Quatro dias depois da nossa breve conversação na livraria do Sr. D., encontrei-me de novo com o velho cavalheiro. Eu ia tranquilamente a cavalo em direção a Highgate, quando, ao pé da sua clássica colina, distingui o desconhecido, que ia montado num cavalo preto, e diante dele marchava o seu cão, preto também.

Se você encontrar, prezado leitor, o homem que desejas conhecer, cavalgando ao pé de uma longa subida, de onde não pôde se afastar muito, por certa consideração de humanidade à espécie animal, a não ser que ande no cavalo de estimação de algum amigo que lho emprestou, julgo que seria sua a culpa, se não o alcançasse antes dele chegar em cima da colina. Em suma, favoreceu-me tanta a sorte que, ao chegar a Highgate, o velho cavalheiro me convidou a descansar um pouco em sua casa, que estava a curta distância da povoação; e era uma casa excelente, pequena, porém confortável, com um vasto jardim, e das suas janelas gozava-se de uma vista tão bela que seguramente Lucrécio a recomendaria aos filósofos. Num

dia claro, podia-se distinguir perfeitamente as torres e sé pulas de Londres; aqui estava o tranquilo retiro do eremita, e lá longe o "mare-magnum" do mundo.

As paredes dos principais aposentos estavam decoradas com pinturas de um mérito extraordinário, pertencentes àquela alta escola de arte que é tão mal compreendida fora da Itália. Eu fiquei admirado ao saber que essas pinturas haviam sido feitas pela mão do mesmo proprietário. As demonstrações da minha admiração pareceram agradar ao meu novo amigo, e levaram-no a falar sobre este ponto, e notei que ele não era menos inteligente no que se referia às teorias da arte, do que consumado na prática da mesma. Sem querer molestar o leitor com juízos críticos desnecessários, não posso deixar, entretanto, de observar, a fim de elucidar em grande parte o desígnio e o caráter da obra, à qual estas páginas servem de introdução, digo, não posso deixar de observar em poucas palavras, que ele insistia muito sobre a relação que existe entre as diferentes artes, de igual modo como um eminente autor o tem feito com respeito às ciências; e que também opinava que, em toda a classe de obras de imaginação, sejam estas expressas por meio de palavras ou por meio de cores, o artista, pertencente às escolas mais elevadas, deve fazer a mais ampla distinção entre o real e o verdadeiro, — ou, em outras palavras, entre a imitação da vida real e a exaltação da Natureza até o Ideal.

— O primeiro — disse ele — é o que caracteriza a escola holandesa; o segundo, a escola grega.

— Hoje, senhor, — repliquei, a escola holandesa está mais com voga.

— Sim, na arte de pintar, pode ser, — respondeu o meu amigo, porém na literatura...

— Foi precisamente à literatura que me referi. Os nossos poetas

mais novos estão todos pela simplicidade e por Betty Foy; e o que os nossos críticos apreciam mais numa obra de imaginação, é poder-se dizer que suas personagens são exatamente como tiradas da vida comum. Até na escultura.

— Na escultura! Não, não! Ali o ideal mais elevado deve ser, pelo menos, a parte mais essencial!

— Perdoe-me, senhor; parece-me que não viu Souter Johnny e Tom O'Shanter.

— Ah! — exclamou o velho cavalheiro, meneando a cabeça, — pelo que vejo, vivo muito apartado do mundo. Suponho que Shakespeare deixou de ser admirado, não é?

— Pelo contrário; a gente adora Shakespeare, porém esta adoração não é mais que um pretexto para atacar a todos os outros escritores. Mas os nossos críticos descobriram que Shakespeare é tão realista!

— Shakespeare realista! O poeta que nunca delineou uma personagem que se pudesse encontrar no mundo em que vivemos, —e que nem uma vez sequer desceu a apresentar uma paixão falsa, ou uma personagem real!

Estava eu pronto a replicar gravemente a este paradoxo, quando adverti que o meu companheiro começava a perder sua calma habitual. E aquele que desejava pescar um Rosa-Cruz, deve cuidar de não turvar a água. Assim, pois, achei que convinha mais dar outro giro à conversação.

— Revenons à nos moutons (Volvamo-nos ao nosso tema), — disse-lhe; — o senhor me prometeu dissipar a minha ignorância acerca dos Rosacruzes.

— Muito bem! — respondeu-me ele, em tom sério; — porém, com que propósito? Deseja talvez entrar no templo somente para ridicularizar os ritos?

— Por quem me toma o senhor? Certamente, se tal fosse o meu intento, a infeliz sorte do Abade de Vilars seria uma lição suficiente para advertir a toda a gente que não se deve tratar com frivolidade os reinos das Salamandras e dos Silfos. Todo o mundo sabe como misteriosamente foi privado da vida aquele homem de talento, em paga das satíricas burlas do seu "Conde de Gabalis".

— Salamandras e Silfos! Vejo que incorre no erro vulgar de entender ao pé da letra a linguagem alegórica dos místicos.

Esta observação deu motivo ao velho cavalheiro para condescender a fazer-me uma relação muito interessante e, como me pareceu, muito erudita, acerca das doutrinas dos Rosacruzes, dos quais, segundo me assegurou, alguns ainda existiam, continuando ainda, em augusto mistério, suas profundas investigações no domínio das ciências naturais e da filosofia oculta.

— Porém, esta fraternidade, — disse o ancião, — se bem que respeitável e virtuosa, porque não há, no mundo, nenhuma ordem monástica que seja mais rígida na prática dos preceitos morais, nem mais ardente na fé cristã, — esta fraternidade é apenas um ramo de outras sociedades ainda mais transcendentes nos poderes que adquiriram, e ainda mais ilustres por sua origem. Conhece o senhor a filosofia platônica?

— De vez em quando me tenho perdido em seus labirintos — respondi. — A minha fé, os platônicos são cavalheiros que não se deixam compreender facilmente.

— E, contudo, os seus problemas mais intrincados nunca foram publicados. Suas obras mais sublimes conservam-se manuscritas, e constituem os ensinamentos da iniciação, não só dos Rosacruzes, como também daquelas fraternidades mais nobres a que me referia há pouco. Porém, ainda mais solenes e sublimes são os conhecimentos que podem respigar-se de seus antecessores, os

Pitagóricos, e das imortais obras mestras de Apolônio.

— Apolônio, o impostor de Tyana! Existem seus escritos?

— Impostor! — exclamou o meu amigo. — Apolônio impostor?

— Perdoe me, senhor; eu não sabia que ele era um dos seus amigos; e se o senhor me garante por sua pessoa, acreditarei com gosto que ele foi um homem muito respeitável, que dizia só pura verdade quando se gabava de poder estar em dois lugares distintos ao mesmo tempo.

E isto é tão difícil? —- replicou o ancião. — Se lhe parece impossível, é por que nunca sonhou!

Aqui terminou a nossa conversação; porém, desde aquele momento, ficou formada entre nós uma verdadeira intimidade que durou até que o meu venerável amigo abandonou esta vida terrestre.

Descansem em paz as suas cinzas! Ele era um homem de costumes muito originais e de opiniões excêntricas; mas a maior parte do seu tempo empregava em atos de filantropia, sem alarde e sem ostentação alguma. Era entusiasta dos deveres do Samaritano, — e assim como as suas virtudes eram realçadas pela mais doce caridade, as suas esperanças tinham por base a mais fervorosa fé. Nunca falava sobre sua própria origem e da história de sua vida, e eu nunca pude elucidar o mistério obscuro em que estava envolvida. Segundo parece, tinha viajado muito pelo mundo, e havia sido testemunha ocular da primeira Revolução Francesa, a respeito da qual se expressava de um modo tão eloquente como instintivo. Não julgava os crimes daquela tempestuosa época com aquela filosófica indulgência com que alguns escritores ilustrados (que têm as suas cabeças bem seguias sobre os seus ombros) se sentem, atualmente, inclinados a tratar as matanças desses tempos passados; ele falava não como um estudante que tinha lido e macio raciocinado, mas como um homem que tinha visto e sofrido.

O velho cavalheiro parecia estar só no mundo; e eu ignorava que ele tivesse algum parente, até que seu executor testamentário, um primo seu em grau afastado, que residia no estrangeiro, me informou do bonito legado que fizera o meu pobre amigo. Este legado consistia, em primeiro lugar, numa quantia de dinheiro, a qual, julgo que convém guardar, em previsão de um novo imposto sobre as rendas e bens imóveis; e, em segundo lugar, em certos preciosos manuscritos, aos quais este livro deve a sua existência.

Suponho que devo este último legado a uma visita que fiz àquele sábio, si se me permitem chamá-lo com tal nome, poucas semanas antes da sua morte.

Embora lesse pouco da literatura moderna, o meu amigo, com a amabilidade que o caracterizava, permitia-me afavelmente que o consultasse acerca de alguns ensaios literários, projetados pela irrefletida ambição de um estudante novo e sem experiência. Naquele tempo, procurei saber o seu parecer a respeito de uma obra de imaginação, em que eu me propunha pintar os efeitos do entusiasmo nas diversas modificações do caráter. Ele escutou, com sua paciência habitual, o argumento da minha obra, que era bastante' vulgar e prosaica, e dirigindo-se, depois com ar pensativo, à sua coleção de livros, tirou um volume antigo, do qual me leu, primeiro em grego, e em seguida em inglês alguns trechos do teor seguinte:

"Platão fala aqui de quatro classes de mania", palavra que, a meu entender, denota entusiasmo, a inspiração dos deuses: Primeira, a musical; segunda, a teléstica ou mística; terceira, a profética; a quarta, a pertencente ao amor".

O autor citado pelo meu amigo, depois de sustentar que na alma há algo que está acima do intelecto, e depois de afirmar que em nossa natureza existem distintas energias, — uma das quais nos

permite descobrir e abraçar, por assim dizer, as ciências e os teoremas com uma rapidez quase intuitiva, ao passo que, mediante outras, se executam as sublimes obras de arte, tais como as estátuas de Fidias, — veio dizer que "o entusiasmo, na verdadeira acepção da palavra aparece quando aquela parte da alma, que está por cima do intelecto, se eleva, exaltada até aos deuses, de onde provém a sua inspiração".

Prosseguindo em seus comentários sobre Platão, o autor observa que "uma destas manias" (isto é, uma das classes de entusiasmo) especialmente a que pertence ao amor, pode fazer remontar a alma à sua divindade e bem-aventurança primitivas; porém que existe uma intima união entre elas todas, e que a ordem progressiva, pela qual a alma sobe, é esta: primeiro, o entusiasmo musical; depois, o entusiasmo telético ou místico; terceiro, o profético; e, finalmente, o entusiasmo do amor".

Escutava eu estas intrincadas sublimidades, com a cabeça aturdida e com atenção relutante, quando o meu mentor fechou o livro, dizendo-me com complacência:

— Ali tem você o mote para o seu livro, a tese para o seu tema.

— Davus sum, non OEdipus, — respondi, meneando a cabeça e com ar descontente. — Tudo pode ser muito belo, mas, perdoe-me o Céu, — eu não compreendi nem uma só palavra de tudo o que acaba de dizer-me.

Os mistérios dos Rosacruzes e as fraternidades de que fala, não são mais do que brinquedos de crianças, em comparação com a geringonça dos Platônicos.

— E, contudo, enquanto o senhor não tiver compreendido bem esta passagem, não poderá entender as mais elevadas teorias dos Rosacruzes ou das fraternidades ainda mais nobres, das quais fala com tanta leviandade.

— Oh! Se assim é, então renuncio a toda esperança de conseguilo. Porém, uma vez que está tão versado nesta classe de matérias, porque não adota o senhor mesmo, aquele mote para um de seus próprios livros?

— Mas, se eu já tivesse escrito um livro com aquela tese encarregar-se-ia o meu amigo de prepará-lo para o público?

— Com o maior gosto, respondi eu, infelizmente, com bastante imprudência.

— Pois eu o tomo pela palavra, — replicou o ancião, — e quando eu tiver deixado de existir nesta terra, receberá os manuscritos. Do que diz a respeito do gosto, que hoje predomina na literatura, deduzo que não posso lisonjear-lhe com a esperança de que venha a obter grande proveito em sua empresa; e advirto-lhe de antemão que achará bastante laboriosa a tarefa.

— É a sua obra um romance?

— É romance, e não é. É uma realidade para os que são capazes de compreendê-la; e uma extravagância para os que não se acham neste caso.

Por fim, chegaram às minhas mãos os manuscritos, acompanhados de uma breve carta do meu inolvidável amigo, na qual me recordava da minha imprudente promessa.

Com o coração oprimido, e com febril impaciência, abri o embrulho, avivando a luz da lâmpada.

Julguem qual foi o desalento que se apoderou de mim, quando vi que toda a obra estava escrita em caracteres que me eram desconhecidos! Apresento aqui ao leitor uma amostra deles: e assim por diante, as novecentas e quarenta páginas de grande formato! Apenas podia dar crédito aos meus próprios olhos; comecei a pensar que a lâmpada estava luzindo com um azul singular; e assaltaram à minha desconcertada imaginação vários receios a respeito da

profanada índole dos caracteres que eu, sem dar-me conta disso, havia aberto, contribuindo para isto as estranhas insinuações e a mística linguagem do ancião. Com efeito, para não dizer outra coisa pior, tudo aquilo me parecia muito misterioso, impossível!

Já estava eu querendo meter, precipitadamente, esses papéis num canto da minha escrivaninha, com a pia intenção de não me ocupar mais deles, quando a minha vista, de improviso, fixou-se num livro, primorosamente encadernado em marroquim. Com grande precaução, abri este livro, ignorando o que podia sair dali, e — com uma alegria que é impossível descrever — vi que ele continha uma chave ou um dicionário para decifrar aqueles hieróglifos. Para não fatigar o leitor com relação às minúcias do meu trabalho, me contentarei em dizer que por fim, cheguei a julgar-me capaz de interpretar aqueles caracteres, e pus mãos à obra, com verdadeiro afinco. A tarefa não era, porém, fácil; e passaram-se dois anos antes que eu fizesse um adiantamento notável. Então, desejando experimentar o gasto do público, consegui publicar alguns capítulos desconexos num periódico, em que tinha a honra de colaborar, havia alguns meses.

Estes capítulos pareceram excitar a curiosidade do público muito mais do que eu havia presumido; dediquei-me, pois, com mais ardor do que nunca, à minha laboriosa tarefa. Porém, então me sobreveio um novo contratempo: ao passo que eu ia adiantando no meu trabalho, achei que o autor tinha feita dois originais de sua obra, sendo um deles mais esmerado e mais minucioso do que o outro; infelizmente, eu tinha topado com o original defeituoso (*), e, assim, tive que reformar o meu trabalho, desde o princípio até o fim, e traduzir de novo os capítulos que já escrevera. Posso dizer, pois, que, excetuando os intervalos que eu dedicava às ocupações mais peremptórias, a minha desditosa promessa me custou alguns anos

de trabalhos e fadigas, antes de poder vê-la devidamente cumprida. A tarefa era tanto mais difícil, porque o original estava escrito numa espécie de prosa rítmica, como se o autor houvesse pretendido que a sua obra fosse considerada, em certo modo, como uma concepção ou um debuxo poético. Não foi possível dar uma tradução que conservasse tal forma, e onde tentei fazê-lo, é, frequentemente, necessário pedir a indulgência do leitor. O respeito natural com que, ordinariamente, tenho aceitado os caprichos do velho cavalheiro, cuja Musa era de um caráter bastante equívoco, deve ser a minha única desculpa onde quer que a linguagem, sem entrar plenamente no campo da poesia, apareça com algumas flores emprestadas, um tanto impróprio da prosa.

Em honra da verdade, hei de confessar também que, apesar de todos os esforços que fiz, não tenho a certeza absoluta de ter dado sempre a verdadeira significação a cada um dos caracteres hieroglíficos do manuscrito; e acrescentarei que, em algumas passagens, tenho deixado em branco certos pontos da narração, e que houve ocasiões em que, encontrando um hieróglifo novo, de que não possuía a chave, vi-me obrigado a recorrer a interpolações de minha própria invenção, que, sem dúvida, se distinguem do resto, mas que com prazer reconheço, não estão em desacordo com o plano geral da obra. Esta confissão que acabo — de fazer, leva-me a formular a seguinte sentença, com a qual vou terminar: Se neste livro, o caro leitor, encontrar algo que seja de seu gosto, sabe que é, com toda a certeza, produzido por mim; porém, onde achar algo que o desagrade, dirija a sua reprovação ao endereço do velho cavalheiro, o autor dos hieróglifos manuscritos!

Londres, Janeiro de 1842.

LIVRO PRIMEIRO

O MÚSICO

CAPÍTULO I

"Vergine era D'alta beltà, ma sua beltà non cura:
Di natura, d'amor, de cieli amici Le negligenze sue sono artifici".
Gerusal. LIb., canto II, 14-18.

"Era uma virgem de grande beleza, mas de sua beleza não fazia caso: A negligência mesma é arte nos que são favorecidos pela Natureza, pelo amor e pelos céus".

Na segunda metade do século XVIII, vivia e florescia em Nápoles um honrado artista, cujo nome era Caetano Pisani. Era um músico de grande gênio, mas não de reputação popular; havia em todas as suas composições algo caprichoso e fantástico, que não era do gosto dos "dilettanti" de Nápoles. Era ele amante de assuntos pouco familiares, nos quais introduziam toadas e sinfonias que excitavam uma espécie de terror nos que as ouviam. Os títulos das suas composições lhes dirão, já por si mesmos de que índole era. Acho, por exemplo, entre os seus manuscritos:

"A Festa das Harpias", "As bruxas em Benevento", "A descida de Orfeu aos Infernos", "O mau olhado"; "As Eumênides", e muitos outros, que demonstram nele uma grande imaginação que se deleitava com o terrível e o sobrenatural, mas às vezes se elevava, com delicada e etérea fantasia, com passagens de esquisita beleza, até ao sublime. É verdade que, na escolha dos seus assuntos, que tomava da fábula antiga, Caetano Pisani era muito mais fiel do que seus contemporâneos à remota origem e ao primitivo gênio da

Opera Italiana. Quando este descendente, embora efeminado, da antiga união do Canto e do Drama, depois de uma longa obscuridade e destronamento, tornou a aparecer empunhando o débil cetro e, coberto com mais brilhante púrpura, nas margens do Amo, na Etrúmia, ou no meio das lagoas de Veneza, hauriu as suas primeiras inspirações das desusadas e clássicas fontes da lenda pagã; e "A Descida de Orfeu", de Pisani, era apenas uma repetição muito mais atrevida, mais tenebrosa e mais científica da "Eurídice", que Jacopo Peri pôs em música quando se celebraram as augustas núpcias de **[1]**

Henrique de Navarra com Maria de Médicis . Todavia, como já disse, o estilo do músico napolitano não era agradável em tudo aos ouvidos delicados, acostumados às suaves melodias do dia; e os críticos, para desculparem seu desagrado, apoderavam-se das faltas e das extravagâncias do compositor, que facilmente se descobriam em suas obras, e ponderavam-nas, muitas vezes, com intenção maligna.

Felizmente, — pois do contrário o pobre músico teria morrido de fome, — ele não era somente compositor, mas também um excelente tocador de vários instrumentos, e especialmente de violino, e com este instrumento ganhava uma decente subsistência, tendo encontrado uma colocação na orquestra do Grande Teatro de São Carlos. Aqui, os deveres formais e determinados, dados pela sua colocação, serviam necessariamente de tolerável barreira às suas excentricidades e fantasias, ainda que se saiba que não menos de cinco vezes deposto do seu lugar por haver desgostado os executantes e levado em confusão toda a orquestra, tocando, de repente, variações de uma natureza tão frenética e espantadiça que se podia pensar que as harpias ou as bruxas, que o inspiravam em suas composições, se haviam apoderado do seu instrumento. A

impossibilidade, porém, de se encontrar um violinista de igual notabilidade (isto é, em seus momentos de maior lucidez e regularidade) era a causa de sua reinstalação, e ele, agora, quase sempre se conformava a não sair da estreita esfera dos "adágios" ou "alegros" das suas notas. Além disso, o auditório, conhecendo sua propensão percebia imediatamente quando ele começava a desviar-se do texto; e se o músico divagava um pouco, o que se podia descobrir tanto pela vista como pelo ouvido, por alguma estranha contorção do seu semblante, ou por algum gesto fatal do seu arco, um suave murmúrio admonitório do público tornava a transportar o violinista, das regiões do Eliseu ou do Tártaro à sua modesta estante. Então parecia ele despertar, sobressaltado, de um sonho; lançava um rápido, tímido e desculpante olhar em redor de si, e com ar abatido e humilhado, fazia voltar o seu rebelde instrumento ao carril trilhado da volúvel monotonia. Em casa, porém, se recompensava desta relutante servilidade. Agarrando com dedos ferozes o infeliz violino, tocava e tocava muitas vezes até ao amanhecer, fazendo sair do instrumento sons tão estranhos e desenfreados, que enchiam de supersticioso terror os pescadores que viam nascer o dia na praia contígua à sua casa, e até ele mesmo estremecia como se alguma sereia ou algum espírito entoasse ecos extraterrestres ao seu ouvido.

O semblante deste homem oferecia um aspecto característico da gente de sua arte. As suas feições eram nobres e regulares, porem magras e um tanto pálidas; os negros cabelos descuidados formavam uma multidão de caracóis; e os seus grandes e profundos olhos costumavam permanecer fixos, contemplativos, sonhadores. Todos os seus movimentos eram particulares, repentinos e ligeiros, quando o frenético impulso dele se apoderava; e quando andava precipitadamente pelas ruas, ou ao longo da praia, costumava rir e falar consigo mesmo. Contudo, era um homem pacífico, inofensivo e

amável, que partia o seu pedaço de pão com qualquer dos "lazaroni" preguiçosos, parando para contemplá-los como se estendiam ociosos, ao sol. Não obstante, esse músico era totalmente insociável. Não tinha amigos; não adulava a nenhum protetor, nem concorria a nenhum desses alegres divertimentos, de que gostam tanto os filhos da Música e do Sul. Parecia que ele e a sua arte eram feitos para viverem isolados e um para o Outro: ambos delicados e estranhos, irregulares, pertencentes aos tempos primitivos ou a um inundo desconhecido: Era impossível separar o homem da sua música; esta era ele mesmo. Sem ela, Pisani era nada, não passava de uma máquina! Com ela, era o rei dos seus mundos ideais. E isto lhe bastava, ao pobre homem! Numa cidade fabril de Inglaterra, há uma lousa sepulcral, cujo epitáfio recorda "um homem, chamado Cláudio Philips, que foi a admiração de quantos o conheceram, devido ao desprezo absoluto que manifestava pelas riquezas, e devido à sua inimitável habilidade em tocar violino". União lógica de opostos louvores! Tua habilidade no violino, ó Gênio, será tão grande, quanto o seja o teu desprezo pelas riquezas!

O talento de Caetano Pisani, como compositor, se havia manifestado principalmente em música apropriada ao seu instrumento favorito, que é, indubitavelmente, o mais rico em recursos e o mais capaz de exercer o poder sobre as paixões. O violino de Cremona é, entre os instrumentos, o que Shakespeare é entre os poetas. Todavia, Pisani tinha composto outras peças de maior ambição e mérito, e a principal era a sua preciosa, sua incomparável, sua não publicada, sua não publicável e imortal ópera "Sereia".

Esta grande obra prima tinha sido o sonho doirado de sua infância, a dona da sua idade viril; e, à medida que ele avançava na idade, "estava a seu lado como sua juventude". Em vão Pisani se

tinha esforçado para apresentá-la ao público. Até o amável e bondoso Paisielo, mestre de capela, meneava a gentil cabeça, quando o músico o obsequiava com algum ensaio de uma das suas cenas mais marcantes.

Contudo, Paisielo, ainda que essa música difira de tudo o que Durante te ensinou como regras de boa composição, pode ser que. . . Paciência Caetano Pisani! Aguarda o tempo, e afina o teu violino!

Por mais estranho que possa parecer à bela leitora, esta grotesca personagem havia contraído aqueles laços que os mortais ordinários são capazes de considerar seu especial monopólio, — tinha-se casado, e era pai de uma filha. E o que parecerá mais estranho ainda, a sua esposa era filha de um calmo, sóbrio e concentrado inglês: tinha muito menos anos de idade do que o músico; era formosa e amável, com um doce semblante inglês; havia-se casado com ele por escolha própria, e (crê-lo-eis?) amava-o ainda.

Como aconteceu que ela se casou com ele, ou como este homem esquivo, intratável, impertinente se havia atrevido a propor-lhe, só posso explicá-lo, convidando-lhe a dirigir o seu olhar em redor de si, para depois explicar, primeiro a mim, como a metade dos homens e a metade das mulheres que você conhece, puderam encontrar o seu cônjuge! Entretanto, refletindo bem, esta união não era coisa tão extraordinária.

A moça era filha natural de pais demasiado pobres para reconhecê-la ou reclamá-la. Foi levada à Itália para aprender a arte que devia proporcionar-lhe os meios de viver, pois a jovem tinha gosto e voz; vivia em dependência, e via-se tratada com dureza. O pobre Pisani era seu mestre, e a voz dele era a única que a jovem havia ouvido desde o seu berço, e que lhe parecia não a escarnecer ou desprezar. E assim. . . o resto não é uma coisa muito natural? Natural ou não, eles se casaram. Esta jovem amava o seu marido; e,

jovem e amável como era, podia dizer-se quase que era o gênio protetor dos dois. De quantas desgraças tinha-o salvo a sua ignorada mediação oficiosa contra os déspotas de São Carlos e do Conservatório! Em quantas enfermidades, — pois Pisani era de constituição delicada, — tinha-lhe assistido e dado alimentação! Muitas vezes, nas noites escuras, esperava-o à porta do teatro, com sua lanterna acesa, dando-lhe o seu robusto braço em que ele se apoiava, para ser guiado por ela; se não o fizesse, quem sabe, o músico, em seus abstratos sonhos e desvarios, não se teria arrojado ao mar, em busca da sua ”Sereia”! Por outra parte, a boa esposa escutava com tanta paciência (pois nem sempre o bom gosto é companheiro do verdadeiro amor) e com tanto prazer, aquelas tempestades de excêntrica e caprichosa melodia, até que, por meio de constantes elogios, conseguia levá-lo à cama, quando ele, no meio da noite, se punha a tocar. Eu disse que a música era uma parte desse homem, e esta gentil criatura parecia ser uma parte da música; com efeito, quando ela se sentava junto dele, tudo o que era suave e maravilhoso em sua matizada fantasia, vinha mesclar-se imperceptivelmente com a agradável harmonia.

Sem dúvida, a presença dessa mulher influía sobre a música, modificando-a e suavizando-a; Pisani, porém, que nunca perguntava de onde ou como lhe vinha a inspiração, ignorava-o. Tudo o que ele sabia era que amava e abençoava a sua esposa. Ele pensava que lho dizia pelo menos vinte vezes por dia; mas, na realidade, não lho dizia nunca, pois era muito parco de palavras, até para a sua consorte. A linguagem de Pisani era a música; assim como a linguagem da sua mulher era os seus cuidados! Ele era mais comunicativo com seu bárbito, como o sábio Merseno nos ensina a chamarmos a todas as variedades da grande família da viola. Certamente, bárbito soa melhor do que “rabeca”; deixemo-lo, pois,

ser bárbito.

Pisani passava horas inteiras falando com este instrumento, — louvando-o, censurando-o, acariciando-o; e até (pois assim é o homem, por mais inocente que seja) já o havia ouvido jurar por seu bárbito; mas este excesso sempre lhe causava, em seguida, remorso e penitência. E o instrumento tinha a sua linguagem particular, sabia responder-lhe; e quando ele, o bárbito, ralhava, fazia-o às mil maravilhas. Era um nobre companheiro, este violino! Um tirolês, que havia saído das mãos do ilustre instrumentista Steiner. Havia algo de misterioso em sua grande idade. Quantas mãos, agora já convertidas em pó, tinham feito vibrar suas cordas, antes que passasse a ser o amigo familiar de Caetano Pisani? Até a sua caixa era venerável; tinha sido belamente pintada, segundo se dizia, por Caraci. Um inglês colecionador de antiguidades ofereceu a Pisani mais dinheiro pela caixa, do que este tinha ganhado com o violino. Porém, o músico, a quem pouco importava morar numa choupana, orgulhava-se de ter um palácio para o bárbito, ao qual considerava como seu filho primogênito. Mas ele tinha também uma filha, da qual agora nos vamos ocupar.

Como deverei fazer, ó Viola, para descrever-te? Com certeza, a Música foi, de algum modo, responsável pelo advento desta jovem desconhecida. Pois tanto em sua forma, como em seu caráter, pode-se descobrir uma semelhança familiar com essa singular e misteriosa vida do som, que, noite após noite, andava nos ares, imitando os divertimentos dos espíritos dos elementos nos mares estrelados. . . Viola era formosa, porém de uma formosura pouco comum; era urna combinação harmoniosa de atributos opostos. Os seus cabelos eram de um ouro mais rico e mais puro do que os que veem no Norte; mas os olhos, totalmente pretos, eram de uma luz mais terna e mais encantadora do que os olhos das italianas, sendo quase de esplendor

oriental. A sua fisionomia era extraordinariamente linda, mas nunca a mesma: ora rosada, ora pálida; e, com a variação da sua fisionomia, também variava a sua disposição: Ora era muito triste, ora muito alegre.

Sinto ter que dizer que esta jovem não tinha recebido dos seus pais, em grau satisfatório, o que nós chamamos, com razão, educação. Não resta dúvida que nenhum deles possuía grandes conhecimentos que pudessem ensinar; e, naquela época, a instrução não era tão espalhada entre o povo, como o é hoje.

Mas o Acaso ou a Natureza favoreceram a jovem Viola. Ela aprendeu, como era natural, a falar tanto a língua materna como a paterna. Também aprendeu, em breve, a ler e a escrever; e sua mãe, que era católica romana, ensinou-lhe, já na infância, a rezar. Porém, em contraste com todas estas aquisições, os estranhos costumes de Pisani e os incessantes cuidados e ocupações que ele reclamava de sua mulher, faziam com que, muitas vezes, a menina ficasse com uma velha aia que, com certeza, amava-a ternamente, mas não estava habilitada para instruí-la.

Dona Gianetta, a aia, era uma italiana e napolitana completa. A sua juventude era todo amor, e a sua idade madura era toda superstição. Era uma mulher loquaz e indiscreta, — uma palradora. Umas vezes falava à menina de cavalheiros e príncipes prosternados a seus pés, outras vezes lhe gelava o sangue nas veias, aterrorizando-a com histórias e lendas, talvez tão velhas como as fábulas gregas ou etruscas, de demônios e vampiros, — das danças ao redor da grande nogueira de Benevento, e da benzedura contra a mal olhado. Todas estas coisas concorreram silenciosamente para gravar supersticiosas ideias, na imaginação de Viola, que nem a idade, nem a reflexão puderam dissipar. E tudo isso fez com que se afeiçoasse, com uma espécie de mistura de temor e alegria, à música de seu pai. Aquelas

toadas visionárias, lutando sempre por traduzir em tons selvagens e desconcertados a linguagem de seres extraterrestres, rodeavam-na desde o berço. Pode-se dizer, pois, que sua imaginação, sua mente estava cheia de música; encontros amorosos, recordações, sensações de prazer ou de sofrimento, — tudo estava mesclado, inexplicavelmente, com aqueles sons que ora a deleitavam, ora a enchiam de terror; isto a afagava e saudava quando abria os olhos ao sol, e fazia-a despertar sobressaltada, quando se encontrava só em sua cama, rodeada da escuridão da noite. As lendas e os contos de Gianetta serviam somente para que a jovem compreendesse melhor o significado daqueles misteriosos tons; forneciam-lhe as palavras para a musica. Era, pois, natural que a filha de tal pai manifestasse cedo algum gosto pela sua arte.

Ainda era muito criança e já cantava divinamente. Um grande cardeal — grande igualmente no Estado e no Conservatório — tendo ouvido elogiar o seu talento, mandou buscá-la. Desde aquele momento, a sua sorte ficou decidida: estava destinada a ser a futura glória de Nápoles, a "prima dona" do São Carlos. O Cardeal, insistindo em que se cumprisse sua predição, lhe deu os mais célebres mestres. Para despertar nela o espírito de emulação, Sua Eminência levou-a, numa noite, ao seu camarote, crendo que serviria de alguma coisa ver a representação e ouvir os aplausos que se prodigalizavam às deslumbrantes artistas, as quais ela devia superar um dia. Oh! Como é gloriosa a vida teatral, e como é belo o mundo de música e de canto, que começava a brilhar para ela! Parecia ser o único que correspondia a seus estranhos e juvenis pensamentos. Afigurava-se-lhe que, tendo vivido até então em terra estrangeira, via-se, enfim, transportada a uma região onde encontrava as formas e ouvia a linguagem do seu país natal. Belo e verdadeiro entusiasmo, elevado pela promessa do gênio! Menino ou homem, nunca será

poeta, se não sentiste o ideal, o romance, se não viste a ilha de Calypso diante dos teus olhos, quando, pela primeira vez, levantando-se o mágico véu, se te apresentar o mundo da poesia sobreposto ao mundo da prosa!

E agora começou a iniciação para a jovem. Ia ler, estudar, descrever com um gesto, com um olhar, as paixões que depois devia expressar no palco; lições perigosas, na verdade, para algumas pessoas, mas não para o puro entusiasmo que nasce da arte: para a mente que a concebe exatamente, a arte não é mais que o aparelho onde se reflete o que se põe sobre sua superfície, enquanto está sem mácula, Viola compreendeu a natureza e a verdade, intuitivamente. As suas audições estavam impregnadas de um poder de que ela não era consciente; a sua voz comovia os ouvintes até as lágrimas, ou inspirava-lhes uma generosa ira. Mas estas emoções eram produzidas pela simpatia que manifesta sempre o gênio, até em seus anos de infantil inocência, por tudo o que sente, aspira ou sofre. Ela não era uma mulher prematura que compreendesse o amor ou o ciúme que as palavras exprimiam; a sua arte era um daqueles estranhos segredos que os psicólogos podem explicar-nos, se lhes apraz, dizendo-nos, ao mesmo tempo, porque crianças de uma mente singela e de um coração puro sabem distinguir tão bem, nos contos que lhes são relatados ou nos cantos que ouvem, a diferença entre a arte verdadeira e a falsa, entre a linguagem apaixonada e a geringonça, entre Homero e Racine, — e porque ressoam, dos corações que não têm ainda sentido o que repetem, os melodiosos acentos, tão naturalmente patéticos.

Fora de seus estudos, Viola era uma menina singela e afetuosa, porém um tanto caprichosa, — caprichosa não em seu caráter, pois que este era sempre afável e dócil, mas em sua disposição de ânimo, que, como já disse, passava da tristeza à alegria e vice-versa, sem

uma causa aparente. Se existia alguma causa, só podia atribuir-se às precoces e misteriosas influências que já referi, ao tratar de explicar o efeito produzido em sua imaginação por aquelas estranhas e arrebatadoras correntes de som que constantemente a rodeavam; pois convém notar que aqueles que são demasiado sensíveis aos efeitos da música, se veem incessantemente acossados, nas suas lidas mais ordinárias, por melodias e tons que os atormentam e inquietam. A música sendo uma vez admitida à alma converte-se em uma espécie de espírito, e nunca morre. Ela percorre, perturbadoramente, os recantos e as galerias da memória, e é ouvida, frequentemente, tão viva e distinta como quando fendeu os ares pela primeira vez. De quando em quando, pois, estes fantasmas de sons vagavam pela imaginação de Viola; faziam aparecer um sorriso em seus lábios, se eram alegres; anunciavam o seu semblante, se eram tristes; e então ela abandonava de repente a sua infantil alegria e sentava-se num canto, muda e meditativa.

Com razão, pois, em sentido alegórico, podia-se chamar a esta formosa criatura, de forma tão aérea, de beleza tão harmoniosa, de pensamentos e costumes tão pouco comuns, mais justamente filha da música do que do músico; um ser do qual se podia imaginar que lhe estava reservado algum destino, menos da vida comum do que do romance, desses que, pelo que os olhos podem ver, e pelo que os corações podem sentir, deslizam sempre, junto com a vida real, de corrente em corrente, até ao Oceano Negro.

Por isso, não parecia estranho que Viola, mesmo já em sua meninice, e muito mais quando começava a florescer na doce serenidade da juventude virginal, cresse ser a sua vida destinada a participar, fosse em bem ou mal, do romance, cheio de sonhos, que formava a atmosfera da sua existência. Frequentemente penetrava nos bosquezinhos que cercavam a gruta de Posillipo, — a grande

obra dos antigos cimerianos, — e, sentada ao lado da Tumba de Virgilio, entregava-se a essas visões, a essas sutis divagações que nenhuma poesia pode tornar palpáveis e definidas; porque o poeta que excede a todos que têm cantado, é o coração da juventude sonhadora! Muitas vezes também, sentada ali ao umbral, sobre o qual pendiam as folhas de parreira, e olhando o azulado e sereno mar, passava a jovem as horas do meio-dia outonal, ou os crepúsculos do verão, construindo seus castelos no ar. Quem é que não faz a mesma coisa, — não só na juventude, como também no meio de débeis esperanças da idade madura? Uma das prerrogativas do homem, desde o rei até ao campônio, é sonhar.

Mas esses sonhos eram em Viola mais habituais, mais distintos ou mais solenes do que a maior parte de nós desfruta. Pareciam ser como o Orama dos gregos, — fantasmas proféticos.

CAPÍTULO II

"Fu stupor, fu vaghezza, fu dileto!"

"Foi uma admiração, foi um prazer, foi um deleite!"
Gerusal. Líb, canto II, 21.

Enfim, a educação artística acha-se terminada! Viola tem perto de dezesseis anos. O Cardeal declara que chegou o tempo de inscrever um novo nome no Livro de Ouro, reservado aos filhos da Arte e do Canto, mas com que caráter? Qual o gênio a que Viola deve dar forma e vida? Ah! aqui está o segredo! Correm rumores de que o infatigável Paisielo encantado da maneira com que a jovem executou o seu "Nel cor piu non mi sento", e o seu "Io son Lindoro", quer produzir alguma nova obra mestra para a estreia da nova artista. Outros insistem em que Viola é mais forte no cômico, e que Cimarosa está trabalhando assiduamente para dar outro "Matrimônio Secreto". Ao mesmo tempo, se observa que, em outras partes, reina uma reserva diplomática, e que o Cardeal está de humor pouco alegre. Ele disse publicamente estas portentosas palavras:

— Esta tola menina é tão sem juízo como seu pai; o que ela pede é absurdo!

Celebra-se uma conferência atrás de outra; o Cardeal fala muito solenemente, em seu gabinete, à pobre jovem, — tudo em vão. Nápoles se perde num mar de curiosidade e conjecturas. A leitura termina numa dissensão e Viola regressa à casa, enfadada e teimosa: não representará, — desfez o contrato!

Pisani, que não conhecia os perigos do teatro, tinha concebido a lisonjeira esperança de que ao menos uma pessoa de sua família aumentaria a celebridade da sua arte. A obstinação da filha causava-lhe grande desgosto; todavia, não disse uma só palavra de enfado. Pisani nunca ralhava com palavras, mas contentava-se em agarrar o seu fiel bárbito. O fiel bárbito, de que horrível maneira te ralhava! O instrumento crocitava, gralhava, gemia, rosnava. E os olhos de Viola enchiam-se de lágrimas, porque ela compreendia aquela linguagem. A jovem aproximou-se de sua mãe e falhou-lhe ao ouvido; e quando o pai voltou do teatro, onde fora tocar, viu que sua mãe e a filha estavam chorando. Ele as contemplou com admiração; e, em seguida, como se sentisse haver sido demasiado duro para com elas, correu outra vez a agarrar o violino. E agora, eis que se faz ouvir o arrulho melodioso de uma fada, tratando de consolar um filho impertinente que havia adotado. Sons suaves, influentes, argentinos, manavam do instrumento, tocado pelo mágico arco. O mais intenso pesar desaparecia diante daquela melodia; e, contudo, às vezes ouvia-se uma nota estranha, alegre, repicante, parecida a um riso, porém não ao riso mortal. Era um dos trechos mais excelentes da sua querida ópera, — a Sereia no ato de encantar as ondas e adormecer os ventos. O Céu sabe o que teria acontecido em seguida, se o seu braço não tivesse sido detido. Viola se lançava ao seu peito, abraçando-o e beijando-o, com os olhos radiantes de felicidade, que se refletia nos seus dourados cabelos.

Neste mesmo instante, abriu-se a porta, para dar entrada a um mensageiro do Cardeal. Viola devia apresentar-se imediatamente à casa de Sua Eminência. A mãe a acompanhou. Fez-se a reconciliação, e tudo ficou arranjado num instante; Viola foi de novo admitida, e escolheu, ela mesma, a sua ópera.

Ó sombrias nações no Norte, ocupadas com suas dissensões e

seus debates, em suas trabalhosas vidas do Pnyx e do Agora! — não se pode imaginar que grande movimento e ruído produziu entre a gente musical de Nápoles o rumor de uma nova ópera e de uma nova cantora. Mas que ópera será esta? Nunca tinha sido tão secreta a intriga de gabinete, como desta vez.

Pisani voltou, uma noite, do teatro, evidentemente enfadado e irado. Pobres dos seus ouvidos, leitor, se tivessem escutado o bárbito aquela noite! Haviam-no suspenso do seu emprego, temendo que a nova ópera e a primeira representação de sua filha, como "prima dona", afetassem demasiados os seus nervos.

E, em tal noite, as suas variações, as suas endemoninhadas sereias e harpias, produziram uma algazarra que não se poderia ouvir sem terror. Separado do teatro, e isso exatamente na noite em que sua filha, cuja melodia não era senão uma emanação da sua, ia representar pela primeira vez! Estar à parte e ausente, para que ocupasse o seu posto algum novo rival: isto era demasiado para um músico de carne e osso! Pela primeira vez, o artista se expressou em palavras sobre este assunto, perguntando, com muita gravidade, — pois nesta questão o bárbito, apesar de sua eloquência, não podia expressar-se claramente, — qual era a ópera que devia executar-se, e qual o papel que a jovem devia representar? E Viola respondeu, também com gravidade, que o Cardeal lhe tinha proibido que o revelasse. Pisani não respondeu, mas desapareceu com o seu violino; foi-se ao mais alto da casa (onde, às vezes, quando estava de péssimo humor, se refugiava), e, em seguida, a mãe e a filha ouviram o violino lamentar-se e suspirar de um modo capaz de partir o coração.

As afeições de Pisani manifestavam-se muito pouco no seu semblante. Não era um desses pais carinhosos, cujos filhos estão sempre brincando ao redor dos seus joelhos; sua mente e sua alma

pertenciam tão inteiramente à sua arte, que a vida doméstica deslizava para ele como se fosse um sonho, e o coração, a forma substancial, o corpo da existência. As pessoas que cultivam um estudo abstrato, especialmente os matemáticos, costumam ser assim. Quando o criado de um célebre filósofo francês foi correndo dizer a este: — "Senhor, a casa está em chamas!" — respondeu o sábio, apenas levantando por um momento a vista dos seus problemas: — "Vai dizê-lo a minha mulher, imbecil! Tenho eu que cuidar de assuntos domésticos?" — E que são as matemáticas para um músico, e, sobretudo para um músico que não só compõe Óperas, mas também toca o bárbito? Sabem o que respondeu o ilustre Giardini, quando um principiante lhe perguntou quanto tempo deveria empregar para aprender a tocar violino? Ouçam e desesperem os impacientes, que desejam dobrar o arco em comparação com o qual o arco de Ulysses foi apenas um brinquedo: — "Doze horas todos os dias, por espaço de vinte anos seguidos!" — Poderá, pois, um homem que toca o bárbito, estar sempre brincando com seus filhinhos?

— Não, Pisani! Muitas vezes, com a fina suscetibilidade de sua infância, a pobre Viola se tinha retirado da sua presença, para chorar, pensando que não a amava.

E, contudo, debaixo desta superficial abstração do artista, se ocultava um afetuoso carinho; e à medida que a jovem foi crescendo, um sonhador foi compreendendo o outro. E agora, não só lhe era fechado o caminho da fama, mas até não se lhe permitia saudar a glória nascente da filha! — e esta filha havia entrado numa conspiração contra ele! Tamanha ingratidão era mais cruel do que a picada de uma serpente; e mais cruéis e dolorosos foram ainda os lamentos do bárbito!

Chegou a hora decisiva. Viola dirigiu-se ao teatro, acompanhada

de sua mãe. O indignado músico ficou em casa. Uma hora depois, Gianetta entrou correndo no quarto e disse-lhe:

— A carruagem do senhor Cardeal está à porta; o seu protetor manda buscá-lo.

Pisani teve que deixar a um lado o seu violino; era necessário por a casaca bordada e os punhos rendados.

— Aqui estão; ligeiro, ligeiro!

E já rola a luxuosa carruagem, e o cocheiro, sentado majestosamente na boleia, açoita os briosos cavalos. O pobre Pisani, envolto numa nuvem de confusão, não sabe o que se passa. Chega ao teatro; apeia-se à porta principal; começa a olhar de um lado para outro; sente que lhe falta alguma coisa, — onde está o violino? Ai! a sua alma, a sua voz, o seu próprio ser, ficou em casa! O músico não era então outra coisa senão um autômato que os lacaios conduziam, por entre corredores, ao camarote do Cardeal. Que surpresa, ao entrar ali! Estaria sonhando? O primeiro ato havia terminado. Não quiseram mandar buscá-lo até que o sucesso estivesse assegurado. O primeiro ato decidiu o triunfo. Pisani advinha isto pela elétrica simpatia que se comunica de coração em coração numa grande reunião de pessoas. Sente-o no silêncio profundo que reina entre o auditório; compreende-o até pela atitude do Cardeal, que o recebeu com o dedo levantado. Pisani vê sua Viola no cenário, deslumbrante em seu vestido semeado de pedras preciosas, — ele ouve sua voz que extasia milhares de corações. Porém, a cena, o papel, a música! É outra sua filha, —sua imortal filha; a filha espiritual da sua alma; a sua filha predileta que ele acariciava, por muitos anos, na obscuridade; a sua obra prima; a sua opera "A Sereia!"

Este, pois, foi o mistério que tanto o atormentara, — esta a causa da sua dissensão com o Cardeal; este o segredo que não devia revelar-se até que o êxito estivesse garantido; e a filha tinha unido o

seu triunfo ao de seu pai!

E ela estava ali, enquanto todos os corações se inclinavam diante dela, — mais formosa do que a mesma Sereia que lhe inspirava aquelas melodias. Oh, longa e doce recompensa do trabalho! Que prazer há, na terra, igual ao que desfruta o gênio, quando, por fim, abandona a sua obscura caverna, para aparecer à luz e cercar-se de fama!?

Pisani não falava, nem se movia; estava deslumbrado, sem respirar; grossas lágrimas rolavam-lhe pelas faces; só, de quando em quando, moviam-se suas mãos, — maquinalmente procuravam o seu fiel instrumento; por que não estaria ali, para participar do seu triunfo?

Por fim, o pano caiu; mas que tempestade de aplausos! O auditório levantou-se como um só homem, — aclamando, com delírio, aquele nome querido. Viola apresentou-se, trêmula e pálida, e, em toda aquela multidão, não viu senão a face de seu pai. O auditório, seguindo a direção daquele olhar umedecido, adivinhou o impulso da filha, e compreendeu a sua significação. O bom e velho Cardeal puxou delicadamente o músico para diante.

— Músico indomável você acaba de receber de sua filha uma coisa de maior valor do que a vida que lhe deu!

— Meu pobre violino! — exclamou Pisani, enxugando os olhos, — agora nunca mais tornarão a assobiá-lo!

CAPÍTULO III

"Fra si contrarie tempre in ghiaccio e in foco, In riso e in pianto, e fra paura e speme, L'ingannatrice Donna"

"Entre tão contrárias misturas de gelo e fogo, riso e pranto, temor e esperança, a Mulher enganadora"
Gerusal. Lib., canto IV, 44.

Não obstante a vitória definitiva da atriz e da ópera houve um momento, no primeiro ato, e, por conseguinte, antes da chegada de Pisani, em que a queda da balança parecia mais que duvidosa. Foi num coro cheio de todas as singularidades do autor. E quando este Maelstrom de Caprichos rolava e espumava, dilacerando os ouvidos e os sentidos com toda a variedade de sons, o auditório reconheceu simultaneamente a mão de Pisani. Por precaução, havia-se dado à ópera um título que afastava toda a suspeita de sua procedência; e a introdução e o princípio dela, em que havia uma música regular e suave, fez o público crer que ouvia algo do seu favorito Paisiello. Acostumado desde muito tempo a ridicularizar e quase desprezar as pretensões artísticas de Pisani, como compositor, o auditório julgou que havia sido ilicitamente enganado e seduzido para os aplausos, com que saudara a introdução e as primeiras cenas. Um ominoso zunido circulou por todo o teatro: os atores e a orquestra, — eletricamente impressionados com o desagrado do público, — começaram a agitar-se e a desmaiar, deixando de emprestar aos respectivos papéis a necessária energia e precisão, que era o único recurso com que se podia dissimular o grotesco da música.

Em cada teatro, sempre que se trata de um novo autor e de um novo ator, são numerosos os rivais, — partido impotente quando tudo vai bem, porém urna perigosa emboscada desde o momento em que qualquer acidente introduz a menor confusão no curso dos acontecimentos. Levantou-se um murmúrio; é verdade que era um murmúrio parcial, mas o silêncio significativo que reinava por toda parte, pressagiava que aquele desgosto não tardaria em se tornar contagioso. Pode-se dizer que a tempestade pendia de um cabelo. Em tão crítico momento, Viola, a rainha Sereia, emergia pela primeira vez do fundo do Oceano. A medida que ia aproximandose das luzes, a novidade de sua situação, a fria apatia dos espectadores, — sobre os quais nem a vista daquela singular beleza parecia produzir, a principio, a mais ligeira impressão, — o cochilar malicioso dos outros atores que havia no cenário, o resplendor das luzes e sobretudo aquele recente murmúrio que chegara a seus ouvidos enquanto se achava no seu esconderijo, todas estas coisas gelaram as suas faculdades e suspenderam-lhe a voz. E, em vez da grande invocação, na qual devia imediatamente prorromper, a régia Sereia, transformada em tímida menina, permaneceu pálida e muda ante aquela multidão de frios olhares que a ela se dirigiam.

Naquele instante, quando parecia já abandoná-la a consciência de sua existência, e quando dirigia um tímido olhar suplicante sobre a multidão silenciosa, Viola percebeu, num camarote do lado do cenário, um semblante que, de repente e como por magia, produziu sobre a sua mente um efeito incapaz de poder-se analisar nem esquecer. Pareceu-lhe que despertava em sua imaginação uma daquelas vagas e frequentes reminiscências que acariciara nos momentos de suas ilusões infantis. Não podia apartar a sua vista daquele semblante e, à medida que o contemplava, o terror e o frio, que se apoderavam dela ao apresentar-se ante o público, dissipou-se

como a névoa diante do sol.

No escuro esplendor dos olhos que encontravam os seus, havia realmente uma doçura que a reanimava tanto, e uma admiração benévola e compassiva, — tanta coisa que aquecia, animava e revigorava, — que qualquer que fosse o ator ou espectador, que houvesse observado o efeito que produz um sério e benévolo olhar da multidão dirigido à pessoa que se apresenta ante esta, e pela dita pessoa é percebida, teria compreendido a repentina e inspiradora influência que o olhar e o sorriso do estrangeiro exerceu sobre a estreante.

E, enquanto Viola ainda o mirava, e o ardor voltava ao seu coração, o estrangeiro levantou-se, como para chamar a atenção do público sobre o dever de cortesia para com uma jovem tão formosa; reanimada, começou esta a cantar e, apenas se fez ouvir a sua voz o público prorrompeu numa salva de generosos aplausos. Este estrangeiro era uma personagem notável, e, além da nova ópera, fora a sua chegada a Nápoles o objetivo principal das conversações naqueles dias. E quando cessou o aplauso, a Sereia renovou o seu canto com voz clara, cheia e livre de todo o embaraço, como o espírito libertado do pesado barro.

Desde aquele momento, Viola esqueceu o auditório, o acidente, o mundo inteiro, — exceto esse paraíso ideal ao qual ela presidia. Parecia que a presença do estrangeiro servia somente para mais ainda acrescentar essa ilusão, na qual os artistas não veem criação alguma fora do círculo de sua arte. Viola sentia como se aquela fronte serena e aqueles olhos brilhantes lhe inspirassem poderes anteriores nunca conhecidos: e, como se buscando uma linguagem para expressar as estranhas sensações produzidas pela presença do desconhecido, esta mesma presença lhe insuflasse a melodia e o canto.

Somente quando terminou a função, e Viola viu seu pai e sentiu a alegria dele, cedeu aquele estranho encanto, para dar lugar à pura expansão do amor filial. Contudo, quando se retirava do cenário, volveu a cabeça involuntariamente, e o seu olhar encontrou-se com o do estrangeiro, cujo tranquilo e melancólico sorriso lhe caiu até ao fundo do coração, — para ali viver e despertar em sua alma recordações confusas, meio risonhas e meio tristes.

Depois das congratulações do bom Cardeal-Virtuoso, admirado, como toda Nápoles, de haver vivido tanto tempo no erro a respeito desse assunto do gosto, — e mais admirado ainda de ver que toda Nápoles confessava este seu erro; depois de ter ouvido murmurar mil elogios que aturdiam a pobre atriz, esta, com seu modesto véu e seu traje singelo, passou por entre a multidão de admiradores que a aguardavam em todos os corredores do teatro; depois do terno abraço do pai com a filha, volveram à sua casa na carruagem do Cardeal, atravessando as ruas iluminadas só pelas estrelas, e ao longo da estrada deserta; a escuridão não deixou ver as lágrimas da boa e sensível mãe. Ei-los já em sua casa e no seu bem conhecido quarto, — Venimus ad larem nostrum”**[**2**]** ; veja a velha Gianetta, intensamente atarefada em preparar a ceia, observe Pisani como tira o bárbito de sua caixa para comunicar-lhe tudo o que sucedeu; escute como a mãe ri com toda a alegria tranquila de um riso inglês.

Por que, Viola, estranha criatura, senta-se sozinha num canto com as faces apoiadas em suas lindas mãos e com os olhos fixos no espaço? Levante-se! Tudo deve rir em sua casa, esta noite.

Feliz era o grupo que se sentou em redor daquela mesa humilde: era uma festa capaz de causar inveja ao próprio Lúculo, em sua sala de Apoio; havia uvas secas, delicadas sardinhas, rica “polenta” e o velho vinho “Lácrima”, presente do bom Cardeal.

O bárbito, colocado numa alta cadeira, ao lado do músico,

parecia participar da festiva ceia. A sua honesta e envernizada lace brilhava à luz da lâmpada; e havia algo de astuta gravidade em seu silêncio, quando, depois de cada bocado engolido, o seu amo se dirigia a ele para dizer-lhe alguma coisa que se esquecera de contar-lhe. A boa esposa olhava afeiçoada de um lado para outro, e a alegria que experimentava não lhe permitia comer; até que, levantando-se de repente, correu a colocar sobre as fontes do artista uma coroa de louros, que o seu carinho lhe fizera preparar já antecipadamente; e Viola, sentada ao outro lado do seu irmão, o bárbito, arrumava o boné e alisava os cabelos de seu pai, dizendo-lhe:

— Querido papai, não deixará, daqui para diante, que "ele" me ralhe, não é verdade?

Então, o pobre Pisani, louco de prazer entre sua filha e o violino, e um tanto excitado pelo "Lácrima" e pelo seu triunfo, voltou-se para Viola, e, com ingênuo e grotesco orgulho, disse-lhe:

— Não sei a quem dos dois devo estar mais agradecido. Você me causou um grande prazer, querida filha, e estou orgulhoso de si e de mim. Mas ele e eu, pobre companheiro, temos passado juntos tantos momentos de sofrimento!

O sono de Viola foi inquieto, perturbado, e isso era natural. A embriagues da vaidade e do triunfo, e a sua felicidade, pela felicidade que causara, eram coisas melhores do que dormir. Não obstante, o seu pensamento voava seguidamente atrás daqueles olhos expressivos e daquele doce sorriso, aos quais deveria ir para sempre unida a recordação do seu triunfo e da sua felicidade. Seus sentimentos, como o seu caráter mesmo, eram estranhos e peculiares. Não eram os de uma jovem cujo coração, alcançado pela primeira vez pelo olhar, suspira sua natural e original linguagem do primeiro amor. Ainda que o rosto, que em todas as ondas de sua desassossegada imaginação se refletia, ostentasse uma singular

majestade e beleza, não era tanto a admiração, nem a lembrança agradável e amorosa que a vista desse estrangeiro despertara no seu coração: mas era um sentimento humano de gratidão e prazer, mesclado a outra ideia misteriosa de medo e respeito. Estava certa de que tinha visto, já antes, aquelas feições; porém, quando e onde? Sem dúvida, só quando seus pensamentos haviam tratado de penetrar no seu futuro, e quando, apesar de todos os esforços para apresentar em sua imaginação um porvir semeado de flores e cheio de agradáveis raios solares, um negro e glacial pressentimento a fazia retroceder ao seu mais profundo interior. Parecia-lhe como se tivesse achado uma coisa que, desde muito tempo, buscara por entre mil tristes inquietações e vagos desejos, menos do coração que da mente; não como quando o estudante, depois de ter-se fatigado, correndo muito tempo atrás de uma verdade científica, a vê brilhar confusamente diante de si, porém ainda longe, e a vê luzir, apagar-se, reaparecer, e novamente sumir-se.

Por fim, Viola caiu num sono inquieto, povoado de disformes, fugitivos, vagos fantasmas; e, ao despertar, quando os raios do sol, rompendo por meio de um véu de nebulosa nuvem, brilhavam indecisos através da janela, ouviu seu pai que desde muito cedo se havia entregado à sua tarefa quotidiana, arrancando do seu violino um lento e triste som, parecido a um canto fúnebre.

— Como é, — perguntou Viola, quando desceu ao quarto de Písani, — como é, meu pai, que sua inspiração foi tão triste, depois da alegria da noite passada?

— Não sei, minha filha. Eu queria estar alegre e compor algo para dedicar-lhe, mas este obstinado não quis dar outras notas além das que você ouviu.

CAPÍTULO IV

"E cosi i pigri e timidi desiri Sprona".

"E assim estimula os lentos e túmidos desejos".

Era costume de Pisani, exceto quando os deveres de sua profissão lhe exigiam o sacrifício do seu tempo, dedicar uma parte do meio-dia ao sono; costume que não era tanto um luxo, como uma necessidade para um homem que dormia pouco de noite. Com efeito, as horas do meio-dia eram exatamente o tempo em que Pisani não podia fazer nada, nem compor, nem se exercitar, mesmo que o quisesse. O seu gênio assemelhava-se às fontes que estão cheias de manhã cedo e ao entardecer, abundantes de noite, e inteiramente esgotadas ao meio-dia. Durante este tempo que o músico consagrava ao descanso, a sua esposa costumava sair de casa, a fim de comprar o necessário para a família, ou para aproveitar (e qual é a mulher que não gosta de fazê-lo?) a ocasião de poder conversar um pouco com outras pessoas de seu sexo. E no dia seguinte ao daquele brilhante triunfo, quantas felicitações a esperavam!

Viola, por sua vez, costumava sentar-se, a essas horas, fora da porta da casa, debaixo de um toldo estendido para preservar do sol, mas que não impedia a vista. Ali, com o livro posto sobre os joelhos, no qual seus olhos se fixavam negligentemente de vez em quando, você a veria contemplar as folhas da parreira que pendiam da latada que havia por sobre a porta, e os ligeiros barcos que, com as velas brancas, deslizavam, levantando flocos de espuma, ao longo da praia que se estendia a perder de vista.

Enquanto Viola estava assim sentada, entregue antes a um sonho do que a pensamentos, um homem que vinha ao lado de Posilippo com passo lento e os olhos baixos passava por diante da casa e a jovem, levantando os olhos de repente, ficou sobressaltada ao ver diante de si o estrangeiro que a havia fitado no teatro. Ela deixou escapar uma involuntária exclamação, e o cavalheiro, volvendo a cabeça, avistou-a e parou.

Ficou por um instante mudo diante da jovem, contemplando-a; aquele silêncio era demasiado sério e tranquilo para que pudesse interpretar-se como uma demonstração de galanteria. Por fim, falou:

— É feliz, minha filha, — perguntou-lhe em tom quase paternal, — na carreira que escolheu? Dos dezesseis anos aos trinta, a música do suave rumor dos aplausos é mais doce do que toda a música que sua voz pode exprimir.

— Não sei, — respondeu Viola, em tom vacilante, porém animada pelo afável acento da voz que se lhe dirigia, — não sei se sou feliz ou não, neste momento; mas fui feliz ontem à noite. E também sinto, Excelência, que devo agradecer-lhe, ainda que, talvez, não saiba o motivo disso.

— Engana-se, — disse sorrindo o cavalheiro; — eu assisti ao seu merecido sucesso, e você talvez não saiba de que maneira.

O "porquê", eu lhe direi: porque vi que se albergava no seu coração uma ambição mais nobre do que a vaidade de mulher; foi a filha que me interessou. Talvez você preferisse que eu admirasse a artista?

— Não; oh! não!

— Bem, eu creio. E agora, já que nos encontramos assim, quero dar-lhe um conselho. Quando for outra vez ao teatro, terá aos seus pés todos os jovens galantes de Nápoles. Pobre menina! A fama que deslumbra a vista, pode queimar as asas. Não esqueça que a única

homenagem que não mancha, é a que nenhum desses aduladores lhe fornecerá. E por mais elevados que sejam os seus sonhos futuros, — e eu estou vendo neste momento, enquanto falo contigo, como são extravagantes e exagerados — Oxalá que só se realizem aqueles que se refiram à vida tranquila do lar.

Quando o desconhecido se calou, o peito de Viola palpitava agitadamente sob o fino corpete. E, cheia de uma natural e inocente emoção, compreendendo imperfeitamente, apesar de ser italiana, a gravidade do aviso, exclamou:

— Ah, Excelência! Não pode fazer ideia de como já me é caro esse lar. E meu pai — ah! para mim não haveria lar, sem meu querido pai!

O semblante do cavalheiro cobriu-se de profunda e melancólica sombra. Ele olhou a tranquila casa, construída entre as parreiras, e fixou outra vez os seus olhos na vívida e animada face da jovem atriz.

— Está bem, — disse. — Uma jovem singela não necessita outro guia que o seu coração inocente. Avante, pois, e prospere!

— Adeus, bela cantora!

— Adeus, Excelência; porém... — e um impulso irresistível, uma espécie de ansiedade, um vago sentimento de temor e de esperança, a impeliu a perguntar: — tornarei a vê-lo em São Carlos?

— Não, pelo menos por algum tempo. Hoje deixo Nápoles.

— Sim! — E, ao dizer isto, Viola sentiu-se desfalecer. O teatro perdia para ela toda a sua poesia.

— E, — disse o cavalheiro, voltando atrás, e pondo suavemente sua mão sobre a da jovem — e, talvez, antes que tornemos a nos ver, você terá sofrido, e conhecido as primeiras dores agudas da vida humana, e saberá quão pouco tudo o que a fama pode dar, substitui o valor do que o coração pode perder; mas seja forte e não ceda, nem

ao que possa parecer tristeza devida ao amor filial. Observe aquela árvore no jardim do seu vizinho. Veja como cresce, curvada e torcida. Algum sopro de vento trouxe o gérmen, do qual ela brotou, à fenda da rocha; cercada de rochedos e edifícios, oprimida pela Natureza e pelo homem, a sua vida tem sido uma contínua luta pela luz, — luz que é a necessidade e o princípio dessa vida mesma: veja como se tem agarrado e enroscado; como, onde encontrava uma barreira, esforçou-se, criando o caule e os ramos, por meio das quais conseguiu elevar-se e pôr-se em contato com a clara luz do céu. Que é o que a tem preservado e protegido contra todas as desvantagens do seu nascimento, e contra as circunstâncias adversas? Porque são as suas folhas tão verdes e formosas como as da parreira que estão aqui, e que, com todos os seus braços, desfruta o ar e o sol, sem empecilhos? Minha filha é porque o instinto, que impelia a lutar, porque os esforços que tem feito para alcançar a luz, a levaram a alcançar por fim, essa luz que tanto procurava. Assim, pois, com o coração valente, atravesse os adversos acidentes e as mágoas do fado, dirigindo o olhar interno ao sol, e lutando para alcançar o céu; é esta luta que dá saber aos fortes, e felicidade aos fracos. Antes que nos tornemos a ver, você terá olhado mais de uma vez, com olhos tristes e pesados àqueles ramos, e quando ouvir como as aves trinam, pousando neles, e quando vir como os raios do sol, vindo, de esguelha, do rochedo e da cumeeira da casa, brincam com as suas folhas, aprenda a lição que a Natureza lhe ensina, e lute, atravessando as trevas, para chegar à luz!

Assim que o desconhecido acabou de falar, afastou-se lentamente, deixando Viola admirada, silenciosa, tristemente impressionada pela predição do próximo mal, e, contudo, encantada pela sensação desta tristeza. Involuntariamente os olhos da virgem seguiram o estrangeiro, — involuntariamente estendeu os seus

braços, como se quisesse detê-lo com o gesto; teria dado um mundo para vê-lo voltar, — para poder ouvir outra vez aquela voz suave, calma e sonora, e para poder sentir outra vez aquela leve mão na sua.

A presença desse homem produzia o efeito dos débeis raios da lua fazendo ressaltar beleza dos ângulos que ilumina; — e, como quando a lua deixa de brilhar, os objetos reassumem seu aspecto ordinário, de aspereza e vida prosaica, quando o estrangeiro se retirou, a Viola apareceu novamente sombria a cena que se apresentava a seus olhos.

O estrangeiro seguiu andando pelo longo e pitoresco caminho que conduz aos palácios em face dos jardins públicos, e dali aos bairros mais populosos da cidade.

Um grupo de jovens cortesões, desses que passam a vida em ócio e orgias, tendo invadido a porta de uma casa estabelecida para o favorito passatempo do dia, e onde se reuniam os mais ricos e ilustres jogadores, — abriu passo ao estrangeiro, quando passou diante deles, saudando-os cortesmente.

— "Per fede" **[**3**]** — disse um, — não é esse o rico Zanoni, de quem fala toda a cidade?

— Ah! Dizem que a sua riqueza é incalculável!

— Dizem, — mas quem é que o diz? Quem pode afirmá-lo com autoridade? Há muito poucos dias que ele está em Nápoles; e não pude encontrar uma só pessoa que soubesse dizer algo a respeito do seu lugar de nascimento, de sua família, nem, o que é mais importante, dos seus bens!

— É verdade; porém ele chegou ao nosso porto num magnífico navio que, segundo dizem, é de sua propriedade. Veja-o — não, você não pode vê-lo daqui; mas está ancorado lá na baía. Os banqueiros com quem Zanoni trata, falam, cheios de respeito, das quantias que

depositou em suas mãos.

— Donde veio ele?

— De algum porto de Levante. O meu lacaio soube, por boca de alguns marinheiros do Molhe, que ele viveu muitos anos no interior da Índia.

— Ah! Eu ouvi dizer que na Índia se encontra o ouro assim como aqui os seixos, e que lá há vales onde os pássaros constroem seus ninhos com esmeraldas, para atrair os insetos. Ai vem Cetoxa, o nosso príncipe dos jogadores; estou certo de que ele já conhece este rico cavalheiro, pois o nosso amigo sente tanta atração para o ouro, como o imã para o aço. Olá, Cetoxa! Que novidade nos traz a respeito dos ducados do senhor Zanoni?

— Oh! — disse Cetoxa, com indiferença, — falavam do meu amigo?

— Ah! ah! Ouviu-o; o seu amigo...

— Sim; o meu amigo Zanoni foi a Roma, onde permanecerá por alguns dias; ele me prometeu que, quando estiver de volta, me designará um dia para vir cear comigo, e então o apresentarei aos meus amigos, e à alta sociedade napolitana! Diávolo! Asseguro-lhes que é um cavalheiro muito agradável e espirituoso!

— Faça o favor de contar-nos o que fez para ser, tão de repente, seu amigo.

— Nada mais natural, meu caro Belgioso. Zanoni desejava ter um camarote em São Carlos; creio não ter necessidade de dizer-lhes que, se tratando de uma ópera nova (ah! e que ópera tão magnífica! — esse pobre diabo, o Pisani! — quem o haveria pensado?) e de uma nova cantora (que rosto! e que voz! — ah!) estavam tomados todos os lugares do teatro. Ouvi dizer que Zanoni desejava honrar o talento de Nápoles, e como mandam as boas normas da civilidade, quando se trata de um distinto estrangeiro, mandei por à sua

disposição o meu camarote. Ele aceitou; fui visitá-lo nos entreatos; é um homem encantador! Convidou-me a cear com ele. Caspita! Que comitiva! Estivemos à mesa até muito tarde, — eu lhe contei todas as notícias de Nápoles; tornamo-nos mui amigos. Antes de separar-nos, obrigou-me a aceitar este diamante. — "É uma bagatela", — disse-me; — "os joalheiros a avaliam em 5000 pistolas"**[**4**]**.

Há dez anos que eu não tinha passado uma noite tão divertida.

Os cavalheiros agruparam-se para admirar o diamante.

— Senhor Conde Cetoxa, — perguntou um homem de aspecto grave, que se havia persignado duas ou três vezes, enquanto o napolitano fazia esta narração, — não sabe que coisas estranhas se contam a respeito desse homem? E não lhe causa medo o ter recebido dele um presente que pode trazer-lhe as mais funestas consequências? Não sabe que se diz que esse homem e um feiticeiro? Que possui o mau olhado? Que...

— Vamos, poupe-nos de ouvirmos essas antiquadas superstições, — interrompeu Cetoxa, com desprezo; — elas estão já fora da moda. Nos nossos dias, não impera senão o ceticismo e a filosofia. E, depois de tudo, quem ou o que é que fez surgir estes boatos? Um velho mentecapto de oitenta e seis anos. Em suas tolices, assegura solenemente haver visto esse mesmo Zanoni em Milão, há setenta anos (quando ele, o narrador, era ainda rapaz); mas, como sabem, Zanoni não é mais velho do que eu ou o senhor, Belgioso.

— Pois bem, — disse o sério cavalheiro, — este é, precisamente, o mistério. O velho Aveli diz que esse Zanoni não parece estar um dia mais velho do que naquele tempo, quando o encontrou em Milão. Ele diz também, note-se isto, que já então, embora sob um nome diferente, este Zanoni se apresentou naquela cidade com o mesmo esplendor, e envolto no mesmo mistério, pois havia lá um homem que se lembrava de tê-lo visto, sessenta anos antes, na

Suécia.

— Bah! — replicou Cetoxa, — o mesmo se tem dito do charlatão Cagliostro, meras fábulas, em que eu acreditarei só quando este diamante se transformar numa mancheia de feno. Além disso, — acrescentou com ar sério, — considero este ilustre cavalheiro meu amigo e qualquer conversação que no futuro tenda a manchar sua reputação ou sua honra, considerarei como uma ofensa feita a mim mesmo.

Cetoxa era um terrível espadachim, e possuía uma habilidade particular, que ele mesmo tinha inventado, para aumentar a variedade de estocadas. O bom e sério cavalheiro, se bem que ansioso pela felicidade espiritual do conde, não perdia de vista a sua segurança corporal; assim é que se contentou em dirigir-lhe um olhar de compaixão, e entrou para a casa, subindo, em seguida, à sala onde estavam as mesas de jogo.

— Ah! ah! — exclamou Cetoxa, rindo, — o nosso bom Loredano cobiça o meu diamante. Cavalheiros, estão convidados a cear comigo esta noite. Eu lhes asseguro que nunca, em minha vida, encontrei uma pessoa mais amável, mais sociável e mais espirituosa do que o meu querido amigo, o senhor Zanoni.

CAPÍTULO V

"Quello Ippogrifo, grande e strano augello Lo porta via".

"Aquele Hipogrifo, grande e maravilhoso pássaro, leva-o embora".
Orlando Furioso, canto VI, 18.

Agora, acompanhando este misterioso Zanoni, tenho que deixar, por algum tempo, Nápoles. Monta, leitor amigo, na garupa do meu hipogrifo, coloque-se nele da melhor forma que puder. Há poucos dias que comprei a sela a um poeta amante da comodidade, e depois fiz recheá-la para você se acomodar nela melhor. Assim pois, montemos! Veja como nos levantamos nos ares, — olhe! — não tema, os hipogrifos nunca tropeçam e, na Itália, estão acostumados a carregar cavaleiros de avançada cidade.

Dirija o seu olhar à terra, debaixo de nós! Ali, perto dos rumas da antiga cidade osca, chamada Átela, se levanta Aversa, outrora uma praça forte dos normandos; ali brilham as colunas de Cápua, sobre a corrente do Vulturno. Eu os saúdo, férteis campos e vinhas, célebre pelo famoso velho vinho de Falerno!

Eu os saúdo, ricas campinas onde crescem as doiradas laranjas de Mola di Gaeta! Saúdo também os lindos arbustos e flores silvestres, "omnis copia narium", que cobrem as ladeiras da montanha do silencioso Látula! Pararemos na cidade volsca de Anxur, — a moderna Terracina, — cujo sublime rochedo se assemelha a um gigante que guarda os últimos limites da meridional terra do amor. Adiante! Adiante! e retenhamos o fôlego enquanto

voarmos por cima dos Pântanos Pontinos. Medonhos e desolados, os seus miasmas são, para os jardins que temos atravessado, o que a vida comum é para o coração que deixou de amar. Lúgubre Campagna, que se apresenta â nossa vista em toda sua majestosa tristeza.

Roma, cidade das sete colinas! Recebe-nos como a Memória recebe o viajante cansado; recebe-nos em silêncio, no meio de suas rumas!

Onde está o viajante que procuramos? Deixemos o hipogrifo apascentar-se, solto: ele gosta do acanto que trepa por aquelas colunas rompidas. Sim, aquele é o arco de Tito, o conquistador de Jerusalém; ali está o Coliseu! Por um, passou em triunfo o divinizado invasor; no outro, caiam ensanguentados os gladiadores. Monumentos de matanças, como pobres são os pensamentos, e como mesquinhas as lembranças que despertam, comparados com o que dizem ao coração do homem as alturas de Phyle, ou o seu solitário dique, pardo Marathon! Estamos no meio de cardos, espinhos e ervas silvestres. Aqui, onde estamos, reinou, outrora, Nero; aqui estavam seus pavimentos marchetados; aqui, "como um segundo céu", se elevava a abobada de tetos de marfim; aqui, arco sobre arco, pilar sobre pilar, resplandecia ante o mundo o doirado palácio do seu senhor, — a Casa de Ouro de Nero. Olhem como o lagarto nos observa com seus olhos brilhantes e tímidos! Perturbamos o seu reino. Colham aquela flor silvestre: a Casa de Ouro desapareceu, mas a flor silvestre talvez seja da família das flores que a mão do estrangeiro espalhou por cima do sepulcro do tirano; veja, como a Natureza faz crescer ainda as flores silvestres sobre este solo, que é a tumba de Roma!

No meio desta desolação, levanta-se um velho edifício do tempo da Idade Média. Ali mora um singular recluso. Na época das febres,

os camponeses daquela região fogem da viçosa vegetação destes lugares; mas ele, que é um estrangeiro, respira sem temor o ar pestilento. Este homem não tem amigos, sócios, nem companheiros, a não ser os livros e instrumentos científicos. Muitas vezes é visto como anda pelas verdejantes colinas, ou como passeia pelas ruas da cidade nova, não com o ar negligente de estudantes, mas com os olhos observadores e penetrantes, que parecem sondar os corações dos transeuntes. É um homem velho, porém robusto, — alto e direito, como se estivesse moço. Ninguém sabe se ele é rico ou pobre. Não pede, nem dá esmola, — não faz mal a ninguém, mas também corno parece, não confere bem algum. Segundo todas as aparências, este homem vive só para si; mas as aparências são enganadoras, e a Ciência como também a Benevolência, vivem para o Universo. É pela primeira vez, desde que esse homem habita esta morada, que nela entra um visitante. E este é Zanoni.

Veja esses dois homens sentados um ao lado do outro, e conversando seriamente. Muitos anos haviam transcorrido desde que se viram pela última vez, — ao menos corporalmente, face a face. Porém, se são sábios, o pensamento de um pode ir ao encontro do pensamento do outro, e o espírito daquele voa em busca do espírito deste, embora os oceanos separem as formas. Nem a morte mesma é capaz de separar os sábios. Você se encontra com Platão, quando os seus olhos umedecidos se fixam sobre o seu Phedon.

Oxalá Homero viva eternamente com os homens!

Os dois homens estão conversando; comunicam um ao outro suas aventuras; evocam o passado e o reprovam; porém, observe com que modos distintos afetam as recordações. No semblante de Zanoni, apesar da sua calma habitual, as emoções aparecem e se somem. Ele agiu no passado que está recordando; ao passo que nem o menor vestígio dessas tristezas ou alegrias, de que participa a

humanidade, pode descobrir-se no semblante insensível do seu companheiro; para este, o passado, o mesmo que o presente, não é mais do que a Natureza para o sábio, ou o livro para o estudante, — uma vida tranquila e espiritual, um estudo, uma contemplação.

Do passado dirigem-se ao futuro! Ah! pelos fins do século XVIII, o futuro parecia uma coisa tangível, — estava enlaçado com os temores e as esperanças do presente.

Aos limites daquele século, o Homem, o filho mais maduro do Tempo, estava como no leito de morte do Velho Mundo, olhando o Novo Horizonte, envolto entre nuvens e ensanguentados vapores, — não se sabendo se representava um cometa ou um sol. Observe o frio e profundo desdém nos olhos do ancião, — a sublime e tocante tristeza que obscurece o imponente semblante de Zanoni. É que, enquanto um olha com indiferença a luta e o seu resultado, o outro a contempla com horror e compaixão! A sabedoria, contemplando o gênero humano, só conduz a estes dois resultados: ao desdém ou à compaixão.

Quem crê na existência de outros mundos, pode acostumar-se a considerar este mundo assim como o naturalista considera as revoluções de um formigueiro ou de uma folha. Que é a Terra para o Infinito?

Que valor tem a sua duração para o Eterno?

Oh! quantas vezes a alma de um só homem é mais importante e maior do que as vicissitudes de todo o globo! Filho do céu, e herdeiro da imortalidade! como, e quando residindo numa estreia, olharás depois o formigueiro e suas comoções, desde Clovis até Robespierre, desde Noé até o Juízo Final! O espírito que sabe contemplar, e que vive somente no mundo intelectual, pode subir à sua estrela, embora ainda viva neste cemitério chamado Terra, e enquanto o sarcófago chamado Vida, ncerra em suas paredes de

barro a essência eterna!

Porém você, Zanoni, — se recusou a viver somente no mundo intelectual; você não mortificou o coração; o seu pulso bate ainda com a doce música de paixão dos mortais; a humanidade é para você ainda uma coisa mais atrativa do que o abstrato, — você quis ver essa Revolução em seu berço, que a tempestade embala, e quis ver o mundo enquanto os seus elementos lutam para sair do caos!

— Vai, pois!

CAPÍTULO VI

"Précepteurs ignorants de ce faible univers". — Voltaire.
"Nous étions à table chez un de nos confrêres à I'Académie, un Grand Seigneur et homme d'esprit". — La Harpe.

"Preceptores ignorantes deste fraco Universo". Voltaire
"Estávamos à mesa com um dos nossos confrades da Academia um Grande Senhor e homem de espírito". – La Harpe

Uma tarde em Paris, alguns meses depois da data do nosso capítulo precedente, achavam-se reunidos alguns dos homens mais eminentes da época, em casa de uma personagem distinta, tanto por seu nobre nascimento, como por seus princípios liberais. Quase todos os presentes eram partidários das opiniões que então estavam em voga. Pois, assim como veio, depois, um tempo em que nada havia tão impopular como o povo, naqueles dias nada havia tão vulgar como a aristocracia. O mais fino cavalheiro e a mais altiva nobreza falavam de igualdade e luzes.

Entre os mais notáveis membros daquela reunião, estava Condorcet, que se achava, naquele tempo, no apogeu de sua reputação; era o correspondente do rei da Prússia, íntimo de Voltaire, membro da metade das Academias de Europa, — nobre de nascimento, de maneiras distintas e de opiniões republicanas.

Encontrava-se também ali o venerável Malesherbes, "o amor e as delicias da nação", como o chamava o seu historiador, Gaillard. Estava lá o erudito Jean Silvam Bailly, o aspirante político. Celebrava-se uma dessas festas denominadas "petits soupers", que

tornaram famosa a capital de todos os prazeres sociais.

A conversação, como é de supor, versava sobre assuntos literários e científicos, animada, por graciosas facécias. Muitas das senhoras daquela antiga e orgulhosa nobreza, — pois a nobreza existia ainda, se bem que as suas horas já estavam contadas, — aumentavam o encanto da sociedade; elas se convertiam, de vez em quando, em críticos atrevidos e, com frequência, faziam alarde de seus sentimentos liberais.

Muito trabalho me custaria, — e quase me seria impossível, com o meu idioma materno, — o poder fazer justiça aos brilhantes paradoxos que corriam de boca em boca. O tema favorito da conversação era a superioridade dos modernos sobre os antigos. Sobre este assunto, Condorcet esteve eloquente, até o ponto de deixar convencidos muitos dos ouvintes. Poucos eram os que se atreveram a negar que Voltaire fosse maior do que Homero. Ridicularizou-se sem compaixão o torpe pedantismo que quer que tudo o que é antigo seja necessariamente sublime.

— Todavia, — disse o gracioso marquês de ***, enquanto o champanhe dançava no seu copo, — mais ridícula ainda é a superstição que santifica tudo o que não compreende. Mas a inteligência circula; e, como a água, encontra o seu nível. O meu cabeleireiro disse-me esta manhã: — "Ainda que eu não seja mais que um pobre diabo, creio tão pouco como o mais fino cavalheiro".

— Indubitavelmente, a grande Renovação marcha para o seu auge, a passos de gigante, como disse Montesquieu de sua própria obra imortal.

E os homens de saber e os homens de nobreza, os cortesões e os republicanos, formaram um harmonioso coro, elogiando antecipadamente as brilhantes coisas que "a grande Revolução" produziria. Sobre este ponto, Condorcet falou com eloquência ainda

maior.

— “Il faut absolutement que la Superstition et le Fanatisme fassent place à la Philosophie”. (É absolutamente necessário que a Superstição e o Fanatismo cedam o lugar à Filosofia). Os reis perseguem as pessoas, os sacerdotes perseguem as opiniões. Quando não houver reis, os homens estarão seguros; quando não houver sacerdotes, o pensamento será livre.

— Ah, — murmurou o Marquês, e como esse querido Diderot cantou tão bem: “Et des boyaux du dernier prêtre Serrez le cou du dernier roi”[5].

— E então, — prosseguiu Condorcet, — então começará a Idade da Razão! Igualdade de instrução, igualdade de instituições, igualdade de fortunas! Os grandes obstáculos que se opõem à difusão dos conhecimentos são, em primeiro lugar, a falta de uma linguagem comum; e, em seguida, a curta duração da existência.

Pelo que toca ao primeiro, porque não há de haver um idioma universal, uma vez que todos os homens são irmãos? Quanto ao segundo, sendo indisputável a perfectabilidade orgânica do mundo vegetal, seria menos poderosa a Natureza, tratando-se de uma existência muito nobre, a do homem pensante? A destruição das duas causas mais ativas da deterioração física, — a exorbitante riqueza de um lado, e a degradante miséria do outro, — devem necessariamente prolongar o termo geral da existência. Assim como hoje se tributam honras à arte da guerra, que é a arte de assassinar, dar-se-ia então toda a importância à medicina: todas as mentes privilegiadas se entregariam à busca dos descobrimentos que tendessem a minorar as causas que produzem as enfermidades e a morte. Eu admito que não se possa eternizar a vida; mas creio que se poderia prolongá-la quase indefinidamente. E assim como o mais insignificante animal lega o seu vigor à sua prole, da mesma forma o

homem transmitirá a seus filhos a sua aperfeiçoada organização mental e física. Oh, sim, para conseguir isto devem dirigir-se os esforços do nosso século!

O venerável Malesherbes suspirou. Temia, talvez, que esta reforma não viesse a tempo para ele. O belo Marquês de *** e as senhoras, ainda mais belas do que elas pareciam convencidas e deleitadas.

Estavam ali, entretanto, dois homens sentados um ao lado do outro, que nenhuma parte tornaram na conversação geral: um era estrangeiro, recentemente chegado a Paris, onde a sua riqueza, sua pessoa e suas maneiras distintas lhe alcançaram já certa reputação e não poucas atenções; o outro, um ancião que contava uns setenta anos de idade, era o espirituoso, virtuoso, valente e bondoso Cazotte, o autor do "Os Amores do Diabo".

Estes dois homens conversavam familiarmente, separados dos demais, e só de vez em quando manifestavam, por um ocasional sorriso, a atenção que prestavam à conversação geral.

— Sim, — disse o estrangeiro, — sim, nós já nos temos encontrado várias vezes.

— A sua fisionomia não é desconhecida; e, contudo, em vão procuro relembrar-me do passado em que a vi.

— Eu vou auxiliá-lo a recordar-se. Lembre-se do tempo quando, levado por curiosidade, ou talvez pelo nobre desejo de alcançar conhecimentos elevados, você procurava a maneira de obter a iniciação na misteriosa ordem de Martinez de Pasqually?**[**6**]**

— Ah! é possível! Você pertence àquela irmandade teúrgica?

— Não; só assisti às suas cerimônias para ver como debalde tratavam de ressuscitar as antigas maravilhas da Cabala.

— Gosta desses estudos? Eu, por minha parte, expulsei para longe a influência que outrora exercia sobre a minha imaginação.

— Você não a sacudiu, — retrucou o estrangeiro gravemente — aquela influência ainda o domina. Domina-o nesta hora mesmo; ela bate no seu coração; ilumina a sua razão e falará com a sua língua.

E ao dizer isto, o estrangeiro continuou a falar-lhe, em voz ainda mais baixa, recordando-lhe certas cerimônias e doutrinas daquela seita, — explicando-as e acomodando-as à atual experiência e à história do seu interlocutor, causando a Cazotte uma grande admiração o fato de ser a sua vida tão conhecida a esse estrangeiro.

O tranquilo e amável semblante do ancião anuviava-se gradualmente e, de vez em quando, dirigia ao seu companheiro, olhares pesquisadores, curiosos e penetrantes.

A encantadora Duquesa de D*** fez observar à animada reunião o olhar abstrato e a enrugada testa do poeta; e Condorcet, que não gostava que fosse levada a atenção a outrem quando ele estava presente, disse a Cazotte:

— E que nos diz você da Revolução? Ou, ao menos, qual a sua opinião sobre a maneira como ela influirá sobre nós?

Cazotte sobressaltou-se ao ouvir esta pergunta; as suas faces empalideceram; grossas gotas de suor corriam por sua fronte; os seus lábios tremiam; os seus alegres companheiros miraram-no cheios de surpresa.

— Fale! — murmurou o estrangeiro, pondo sua mão, suavemente, sobre o braço do ancião.

A esta palavra, a fisionomia de Cazotte tomou uma expressão grave e rígida, o seu olhar errou pelo espaço e, com voz baixa e rouca, respondeu o velho poeta:

— Pergunta-me você que efeito a Revolução produzirá sobre os seus mais ilustrados e desinteressados agentes. Vou responder-lhe. O Marquês de Condorcet, morrerá numa prisão, mas não pela mão do verdugo. Na tranquila felicidade daquele dia, o filósofo levará

consigo não o elixir, mas o veneno.

— Meu pobre Cazotte — disse Condorcet, com seu amável sorriso — que têm que ver as prisões, os verdugos e os venenos com uma era de liberdade e fraternidade?

— É em nome da Liberdade e da Fraternidade que as prisões estarão cheias, e o algoz terá muito que fazer.

— Sem dúvida, você se refere ao reinado dos padres, e não ao da filosofia, Cazotte, — disse Champfort [7] — E a mim, o que está previsto?

— Você abrirá suas próprias veias para escapar à fraternidade de Caim. Console-se; as últimas gotas não seguirão a navalha. Para você, venerável Malesherbes; para Aimar Nicolai; para o douto Bailly — vejo levantar-se o cadafalso! E, entretanto, ó grandes filósofos, os seus assassinos não falarão senão de filosofia!

O silêncio era completo e geral, quando o pupilo de Voltaire, — o príncipe dos cépticos acadêmicos, o ardente La Harpe, —exclamou com riso sarcástico:

— Não me lisonjeie, ó profeta, excluindo-me do destino dos meus companheiros. Não terei eu nenhum papel para representar, neste drama de suas fantasias?

A esta pergunta, o semblante de Cazotte perdeu aquela estranha expressão de terror e rigidez; o seu constante humor sardônico tornou ao poeta e brincou nos seus olhos brilhantes.

— Sim, La Harpe, reservo a você o papel mais maravilhoso de todos! O de se transformar em cristão.

Isto era demasiado para o auditório que, um momento antes, parecera sério e meditabundo, e todos, menos o estrangeiro, caíram numa forte gargalhada, ao passo que Cazotte, como se estivesse exausto por essas suas predições, caiu sobre a cadeira, respirando pesada e dificilmente.

— Agora, — disse *Mme.* De G***, — que nos predisse coisas tão graves para nós, é dever profetizar também algo para si mesmo.

Um tremor convulsivo sacudiu o involuntário profeta, — e, a seguir, a sua fisionomia animou-se de urna expressão de resignação e calma.

— Senhora, — respondeu Cazotte, depois de uma longa pausa, — o historiador de Jerusalém nos diz que, durante o sítio daquela cidade, um homem andou sete dias consecutivos ao redor das muralhas, gritando: "Ai de ti, Jerusalém, e ai de mim!"

— Bem, Cazotte, e que mais?

— E ao cabo dos sete dias, enquanto ele assim falava, uma pedra arrojada pelas máquinas dos romanos, esmagou-o.

Ditas estas palavras, Cazotte se levantou; e os hóspedes, profundamente impressionados, contra sua vontade, também fizeram o mesmo, e retiraram-se.

CAPÍTULO VII

"Qui donc t'a donnê mission d'annoncer au peuple que la divinité n'existe pas?

Quel avantage trouve-tu à persuader à l'homme qu'une force aveugle preside à ses destInées et frappe au hasard le crime et la vertu?"

Robespierre, Discours, Mai, 7, 1794.

"Quem, pois, lhe deu a missão de anunciar ao povo que a divindade não existe?

Que vantagem acha no persuadir ao homem que uma força cega preside a seus destinos e fustiga ao acaso o crime como a virtude?"

Era um pouco antes da meia-noite, quando o estrangeiro entrou em sua casa. Os seus aposentos estavam situados num daqueles grandes edifícios que poderiam chamar-se uma miniatura de Paris mesma; — os sótãos eram alugados por pobres operários, apenas um pouco melhor alojados do que mendigos; e não raras vezes eram também habitados por proscritos e fugitivos, ou por algum atrevido escultor que, depois de haver espalhado entre o povo as mais subversivas doutrinas, ou algum libelo contra o clero, o ministro ou o rei, retirava-se para viver entre ratos, a fim de evadir-se da perseguição; os pavimentos térreos destas vastas casas eram ocupados por vendas ou lojas; as sobrelojas, por artistas; os primeiros andares por nobres; e as águas-furtadas por jornaleiros ou por aprendizes.

Enquanto o estrangeiro subia a escada, passou apressadamente

por seu lado um jovem de fisionomia duvidosa e pouco simpática, tendo saído de uma porta da sobreloja. O seu olhar era furtivo, sinistro, feroz e, contudo, tímido; a face desse homem era de uma palidez cinzenta, e as feições se moviam convulsivamente. O estrangeiro parou, observando-o com olhos pensativos, quando o moço descia correndo pela escada. Dali a instantes, ouviu-se um gemido dentro do quarto que aquele moço acabara de deixar; e, apesar deste, ao sair, ter puxado a porta para si, com violência, algum objeto, provavelmente uma lasca de lenha, não a deixou fechar bem, e agora estava entreaberta; o estrangeiro empurrou-a, e entrou na habitação.

Passou por uma pequena ante sala, pobremente mobiliada, e deteve-se num dormitório de aspecto desagradável e sórdido. Estendido na cama, e torcendo-se de dor, estava um ancião; apenas uma vela ardia no quarto, e alumiava fracamente o enrugado e quase cadavérico rosto do enfermo. Não havia em casa pessoa alguma que dele cuidasse; o doente parecia prestes a exalar o último alento, ali, abandonado e só.

— Água! — gemia ele, com voz fraca, — água! Como me queima a garganta!

O intruso, aproximando-se do leito, inclinou-se sobre o enfermo, tomando-lhe a mão:

— Oh! Muito grato Jean, muito grato! — disse o paciente — já trouxe o médico? Senhor, sou pobre, mas pagar-lhe-ei bem. Eu não queria morrer ainda, por amor a este jovem.

E, ao dizê-lo, sentou-se o enfermo na cama, fixando os olhos enfraquecidos sobre o visitante.

— Que tem? — perguntou este. — Que mal o aflige?

— Tenho fogo no coração e nas entranhas! Parece-me que estou a arder!

— Quanto tempo faz que tomou o último alimento?

— Alimento! Só esta taça de caldo; fora dela, não tomei nem comi nada durante as últimas seis horas. E apenas a tinha provado, quando comecei a sofrer estas dores.

O estrangeiro examinou a taça; uma pequena porção do conteúdo ficara ainda nela.

— Quem lhe deu isto?

— Quem havia de dar-me, senão Jean? Não tenho criado algum, senhor. Sou pobre, muito pobre. Mas não! Os médicos, não gostam de assistir aos pobres. Sou rico! Pode curar-me?

— Sim, se o céu o permitir. Espere alguns instantes.

O ancião quase já sucumbia sob os rápidos efeitos do veneno. O estrangeiro foi aos seus aposentos, e voltou dali a instantes, trazendo um poção, que produziu o resultado instantâneo de um antídoto. Apenas o ancião tomou este remédio, cessaram as suas dores, desapareceu a cor azulada e lívida dos seus lábios, e o doente adormeceu profundamente.

O estrangeiro deixou, então, cair as cortinas em redor do leito, agarrou a vela na mão, e pôs-se a inspecionar essa habitação. As paredes de ambos os aposentos estavam adornadas com pinturas de grande mérito. Havia ali também uma carteira cheia de desenhos igualmente preciosos, — porém estes eram, em sua maior parte, assuntos que espantavam os olhos e revoltavam o gosto: exibiam a figura humana em grande variedade de sofrimentos, — o cavalete, a roda, a força; tudo o que a crueldade inventou para aumentar as angústias da morte, parecia ainda mais horrível com o gosto apaixonado e a força séria de veracidade com que o expressava o pintor. E algumas dessas figuras assim desenhadas se afastavam bastante do ideal, para mostrar que eram verdadeiros retratos; com grandes letras irregulares, e mão atrevida, estava escrito debaixo

destes desenhos: 'O Futuro dos Aristocratas". Num canto do quarto, perto de um velho armário, estava um pequeno pacote, por cima do qual, como se o devesse ocultar, uma capa, estendida negligentemente. Algumas estantes estavam cheias de livros, quase todos obras de filósofos do tempo, — filósofos da escola materialista, especialmente os Enciclopedistas, aos quais mais tarde Robespierre atacou tão veemente, quando o covarde julgou perigoso deixar a sua nação sem um Deus.[8]

Sobre uma mesa, estava um livro, — era uma obra de Voltaire, e a página estava aberta na passagem que apresentava os argumentos para provar a existência do Ser Supremo , a margem estava coberta de notas traçadas a lápis, por uma mão rija, porém que a idade fizera tremer; todas estas notas tendiam a refutar ou ridicularizar a lógica do sábio de Ferney: Voltaire não tinha ido tão longe como o desejava o anotador![9]

O relógio batia duas horas, quando se ouviu, fora, o ruído de passos. O estrangeiro sentou-se silenciosamente no canto mais afastado da cama, cujas cortinas o ocultavam à vista de um homem que entrou nos pontinhas dos pés; era o mesmo que tinha descido na escada, ao lado do estrangeiro, quando este vinha subindo. O recém-chegado agarrou a vela e aproximou-se da cama. O rosto do ancião estava voltado no travesseiro; mas ele estava tão quieto, e a sua respiração era tão imperceptível, que o seu sono, ante aquele olhar intranquilo, trêmulo e culpável, podia equivocar-se muito facilmente com o repouso da morte. O recém-chegado retirou-se, e um sorriso sinistro apareceu-lhe no semblante: o moço tornou a colocar a vela sobre a mesa, e, abrindo o armário com uma chave que tirou da algibeira, apanhou alguns cartuchos de ouro que achou nas gavetas.

Neste instante, o ancião começava a voltar a si do letargo em que jazia. Moveu-se no leito, abriu os olhos; dirigiu o olhar à luz que

começava já a apagar-se, e viu o que estava fazendo o ladrão. Mais admirado do que aterrorizado, sentou-se por um instante, e depois saltou da cama para ir colocar-se em frente ao malfeitor.

— Justo céu! — exclamou. — Estarei sonhando? Você, para quem tanto trabalhei e sofri, privando-me, às vezes, até do necessário! ... Você!

O ladrão, sobressaltado, deixou cair o ouro da mão, e o metal rolou pelo assoalho.

— Como! — disse o jovem, — ainda não está morto? O veneno não agiu?

— Veneno, rapaz? Ah! — gritou o ancião, cobrindo o rosto com as mãos; e, em seguida, com uma energia repentina, exclamou:

— Jean, Jean! Retire essa palavra! Roube-me, saqueie-me, se quer; porém não diga que quis assassinar a quem tem vivido somente para ti! Aqui tem o ouro, tome-o; eu o havia acumulado para seu proveito. Vai, vai!

E o ancião, que em sua ira abandonara a cama, caiu estendido aos pés do assassino confuso, e torcia-se sobre o assoalho, atormentado pela agonia mental, muito mais intolerável do que a que antes experimentara o seu corpo.

O ladrão contemplou-o com frio desdém.

— Que lhe fiz eu, infeliz? — continuou dizendo o ancião, — senão amá-lo e alimentá-lo toda a minha vida?

Você era um órfão desamparado, e eu o alimentei; dei-lhe educação, e até adotei-o como filho. Se os homens me chamam de avarento, é porque eu não queria que pudesse ser desprezado quando eu deixasse de existir, já que a Natureza o fez tão desgraçado e disforme; você devia ser o meu herdeiro, e teria tudo o que acumulei. Não podia deixar-me viver alguns meses, ou dias, — que é nada para a sua juventude, porém tudo o que sobrou à minha

velhice? Que é que lhe fiz?

— Continuou vivendo, e não fazia o testamento.

— Ó meu Deus! Meu Deus!

— "Seu Deus", imbecil! Não me dizia, desde a minha infância: "Não há Deus?" Não me alimentou com filosofia? Não me dizia: "Seja virtuoso, seja bom, seja justo, por amor à humanidade: porém, não há outra vida depois desta vida"; não me dizia? A humanidade! Porque devo eu amar esta humanidade?

Esta humanidade que mofa de mim, porque sou feio e desgraçado, e me escarnece quando passo pelas ruas? Que é que me fez? Tiraram de mim, que sou o escárnio deste mundo, as esperanças de um outro mundo! Não há outra vida depois desta? Bem, então eu quero ter o seu ouro, para gozar, ao menos, tudo o que se possa nesta vida!

— Monstro! Que a minha maldição caia sobre ti!

— E quem ouvirá a sua maldição? Bem sabe que não há Deus! Ouve! Eu tenho tudo preparado para fugir.

Olha, — aqui está o meu passaporte; os meus cavalos que me esperam na rua, e já estão dadas ordens a respeito dos cavalos de muda. E tenho eu o dinheiro. (E o miserável, ao dizê-lo, enchia friamente as suas algibeiras com cartuchos de ouro). E agora, se poupo a sua vida, como estarei seguro de que não me denunciará?

E o malvado aproximava-se do ancião, com cara sinistra e gesto ameaçador.

A cólera do velho, que se havia acobardado ante aquele selvagem, transformou-se em medo.

— Deixe-me viver! Para que...

— Para que?

— Para que eu o perdoe! Sim, não terá nada que temer de mim. Juro-lhe!

— Jura! Porém, por quem e por que, desgraçado? Eu não posso crer, uma vez que você não crê em Deus algum! Ah! Ah! Vê os resultados das suas lições!

Um momento mais, e as mãos do assassino teriam estrangulado a sua vítima. Porém, entre os dois se interpôs uma sombra imponente e ameaçadora que lhes pareceu um ser vindo desse mundo em que nenhum dos dois cria.

O ladrão recuou, olhou-o aterrorizado e fugiu. O ancião caiu outra vez ao chão, desmaiado.

CAPÍTULO VIII

"Se quereis saber como um homem mal age quando atinge o poder, analisai todas as doutrinas que ele prega, enquanto está ocupando um lugar obscuro".
S. Montaigne

"As antipatias formam também uma parte daquilo que (falsamente) se chama magia.

O homem tem naturalmente o mesmo instinto que os animais, o qual adverte involuntariamente contra as criaturas que são hostis ou fatais à sua existência.

Mas o homem descuida-se tão a miúdo desse instinto, que ele fica latente e adormecido.

Não faz assim, porém, o cultivador da Grande Ciência", etc.
Trismegistus, o Quarto.
Um Rosacruz

Quando o estrangeiro, no dia seguinte, tornou a ver o ancião, encontrou-o tranquilo, e restabelecido do sofrimento da noite anterior. O ancião manifestou o seu agradecimento ao seu salvador, com as lágrimas nos olhos, e disse-lhe que já havia mandado chamar um parente que cuidasse da sua futura segurança.

— Ainda me sobrou dinheiro, — disse o ancião; — e daqui por diante não terei motivo algum para ser avaro.

Em seguida, pôs-se a lhe contar a origem e as circunstâncias que o haviam posto em relação com o jovem que o tentou assassinar.

Segundo parece, o ancião, quando ainda era jovem, desaviera-se com seus parentes, — por causa de diversidade de crenças.

Rejeitando toda religião como uma fábula, cultivava, contudo, sentimentos que o inclinaram (pois embora a sua inteligência fosse fraca, tinha bom coração) a essa falsa e exagerada sensibilidade, que as pessoas, por ela seduzida, confundem tão amiúde com a benevolência.

Ele não tinha filhos; resolveu adotar um "filho do povo". Quis educar este rapaz conforme a "razão".

Escolheu, pois, um órfão da mais baixa classe social, cujos defeitos físicos serviram ainda de estímulo à compaixão, e, finalmente, aumentaram a sua afeição. No seu protegido, não só amava um filho, como também amava uma teoria! Educou-o de uma forma de todo filosófica.

Helvécio lhe provava que a educação fazia tudo; e, antes que o pequeno Jean tivesse oito anos de idade, as suas expressões favoritas eram: "La lumiere et la vertu" (A luz e a virtude). O rapaz revelava bastante talento, sobretudo para as artes. O protetor procurou um mestre que, como ele, estivesse livre de toda "superstição", e encontrou o pintor David. Este homem, tão feio como o seu discípulo, e cujas disposições eram tão viçosas como era inegável era a sua habilidade profissional era, de certo, tão livre de toda "superstição", como o protetor podia desejar. Estava reservado a Robespierre o fazer crer, mais tarde, ao sanguinário pintor, na existência do Ser Supremo.

O rapaz teve, desde os seus primeiros anos, a consciência de sua fealdade, que era quase extraordinária.

O seu benfeitor tratou em vão de reconciliá-lo com a malícia da Natureza, mediante seus aforismos filosóficos; porém, quando lhe explicava que, neste mundo, o dinheiro, como a caridade, encobre uma multidão de defeitos, o rapaz escutava com atenção e sentia-se consolado. Todo o afã, e toda a paixão do protetor resumia-se nos

esforços de juntar e guardar dinheiro para o seu protegido, — o único ser que ele amava no mundo. E, como vimos, recebeu uma estranha recompensa.

— Mas eu estou contente por ele ter fugido, — disse o ancião, enxugando os olhos. — Ainda que houvesse reduzido ao extremo de pedir esmola, eu não o teria acusado nunca.

— Não podia fazer tal, — respondeu o desconhecido, —pois você mesmo é o autor dos seus crimes.

— Como? — replicou o ancião; — eu, que nunca deixei de inculcar-lhe a beleza da virtude? Explique-me.

— Ai! Se os lábios do seu pupilo não lhe disseram bastante claro na noite passada, ainda que viesse um anjo do céu em vão o compreenderia.

O ancião agitava-se numa espécie de desassossego, e ia replicar, quando entrou no quarto o parente que mandara chamar, e que, sendo morador de Nancy, por um acaso se achava, naqueles dias, em Paris. Era um homem de trinta e tantos anos de idade, e de uma fisionomia seca, saturnina, magra, com os olhos vivos e os lábios delgados. Fazendo muitos gestos de horror, estudou a narração do ocorrido que lhe fez o parente, e tratou seriamente, porém em vão, de convencê-lo que devia denunciar o seu protegido.

— Cale-se, cale-se, René Dumas! — disse o ancião; — o senhor é advogado, e, por isso, está acostumado a olhar a vida do homem com desprezo. Logo que alguém ofenda a lei, já o senhor grita: “Seja enforcado!”

— Eu? — exclamou Dumas, levantando as mãos e os olhos ao céu, — venerável sábio, quão mal me julga!

Eu, mais do que qualquer outro lamento a severidade do nosso código. Penso que o Estado nunca deveria arrebatar uma vida, — nunca, nem sequer a de um assassino. Concordo com esse jovem

estadista, — Maximiliano Robespierre, — que o verdugo é invenção do tirano. O que mais me faz adorar a nossa próxima revolução, é a ideia de que veremos desaparecer esta matança legal.

O advogado interrompeu-se, como se lhe faltasse o alento. O estrangeiro olhou-o fixamente e empalideceu.

— Observo uma mudança no seu semblante, senhor, —disse Dumas; — sem dúvida, não participa da minha opinião?

— Perdoe-me; neste momento me esforçava em reprimir um vago temor que me parecia profético.

— E qual é?

— Que nos encontraremos outra vez numa época em que sua opinião sobre a Morte e sobre a filosofia das Revoluções será bem diferente.

— Nunca!

— Encanta-me, primo René, — disse o ancião, que escutava o seu parente com grande prazer. — Ah! Vejo que tem sentimentos próprios de justiça e de filantropia. Porque não procurei conhecê-lo antes. O senhor admira a Revolução! O senhor, o mesmo como eu, detesta a barbaridade dos reis e fraude dos padres?

— Detesto! Como poderia eu amar a humanidade, se não detestasse essas coisas?

— E, — disse o ancião, hesitando, — não pensa como este cavalheiro, que errei nos preceitos que inculquei àquele miserável?

— Se errou? Pode-se, acaso, censurar a Sócrates, porque Alcebíades foi um adúltero e um traidor?

— Está ouvindo, está ouvindo! Porém, Sócrates teve também um Platão; de hoje em diante, será um Platão para mim. Ouviu? — exclamou o ancião, voltando-se para o estrangeiro.

Este, porém, já estava no umbral da porta. Quem pode discutir com o mais obstinado fanatismo, o fanatismo da incredulidade?

— Já queres ir? — exclamou Dumas, — e antes que eu lhe tenha agradecido e abençoado, por ter salvado a vida a este querido e venerável homem? Oh, se alguma vez puder retribuir-lhe este favor, — se algum dia o precisar, o sangue de René Dumas é seu!

E, dizendo isto, seguiu o estrangeiro até à porta do segundo quarto, onde, tomando-o suavemente pelo braço, e depois de olhar por cima do seu ombro para assegurar-se de que o ancião não podia ouvir, murmurou em voz baixa:

— Tenho que voltar a Nancy. Não quereria perder tempo. Não pensa, senhor, que aquele velhaco levou consigo todo o dinheiro deste velho louco?

— Era assim que Platão falava de Sócrates, senhor Dumas?

— Ah! Ah! Seu gênio é cáustico. Bem; tem razão, nós nos encontraremos outra vez.

Outra vez! — murmurou o estrangeiro.

E a sua fronte se anuviou. Subiu, apressadamente, ao seu quarto; passou o dia e a noite sozinho, e em estudos, não importa de que classe e que ainda mais aumentaram a sua tristeza.

Qual podia ser a casualidade que, um dia, viesse enlaçar o seu destino com o de René Dumas, ou com o fugitivo assassino?

Por que os ares vibrantes de Paris lhe pareciam pesados e impregnados de vapores de sangue? Por que um instinto o impelia a afastar-se desses círculos faiscantes, desse foco de ideias que infundira tantas esperanças a todo o mundo, e porque esse instinto o advertia que não voltasse mais para lá? — ele, cuja vida elevada afrontava os perigos. — Porém, para que se ocupar com esses sonhos e esses vaticínios ominosos?

Ia deixar a França, para tornar a saudar as majestosas rumas da Itália! A sua alma torna a respirar o ar livre dos Alpes. O ar livre! Ah! Deixa que esses homens, que se propuseram reformar o mundo,

esgotem sua química; o homem nunca será tão livre nos grandes mercados das cidades, como está livre na montanha.

Mas nós, leitor, fujamos também dessas cenas de falsa sabedoria, que encobre impiedades e crimes, Voltemos, novamente, "às regiões risonhas, onde residem as formas puras".

Conservando-se impoluto no meio da vida material, o Ideal vive somente com a Arte e a Beleza. Meiga, Viola, pelas praias azuladas de Partênope, pela tumba de Virgílio, e pela caverna Cimeriana, voltamos outra vez a ti!

CAPÍTULO IX

"Che non vuol che'l destrier più vada in alto, Poi lo lega nel margine marino A un verde mirto in mezzo um lauro e um pino".
Orlando Furioso, canto VI, 23.

"Não querendo que o seu animal corredor continue a andar nas altas regiões, ata-o, na beira do mar, a um verde mirto entre um louro e um pinho".

Ó músico! És feliz agora? Estais reinstalado na tua esplendida escrivaninha, — o seu fiel bárbito tem a sua parte no triunfo. Esta música que recreia os ouvidos é a sua obra mestra; a sua filha é a rainha da cena, — a música e a atriz estão unidas, uma com a outra, que aplaudir um é aplaudir a outra também. As pessoas abrem passo quando você dirige a orquestra; já não o escarnecem, nem piscam os olhos, quando, com grande ternura, acaricia o seu violino, que se queixa e lamenta, ralha e rosna debaixo da sua severa mão. Agora compreendem quão irregular é sempre a simetria de um verdadeiro gênio. São as desigualdades de sua superfície, que fazem com que a lua seja um astro luminoso para o homem.

Giovani Paisielo, mestre de capelo! se a sua alma generosa fosse capaz de sentir inveja, adoeceria de dor ao veres metidos ao canto a sua "Elfrida" e o seu "Pirro", enquanto que toda Nápoles delira pela "Sereia", a cujos compassos se meneou queixosamente a sua nobre cabeça. Porém, você Paisielo, tranquilo com a longa prosperidade de sua fama, sabe que o Novo tem o seu dia, e a você consola a ideia de que a "Elfrida" e o "Pirro" viverão eternamente. É talvez uma ilusão,

mas com semelhantes ilusões o verdadeiro gênio vence a inveja.

"Se quer ser imortal", diz Schiller, "viva no todo". Para ser superior à hora, viva na estima de si mesmo.

O auditório ouve agora com gosto aquelas variações e as estranhas melodias que outrora assobiava. Ah!

— Pisani passou dois terços de sua vida trabalhando, em silêncio, em sua obra prima; não há nada que lhe possa acrescentar, embora tenha tentado corrigir as obras mestras de outros compositores. Não é um costume comum?

O crítico mais insignificante, ao rever alguma obra de arte, dirá: "Isto vale pouco; isto vale nada; isto devia alterar-se, — isto devia omitir-se". Sim, com as cordas de arame, do seu violino, farão guinchar as suas amaldiçoadas variações.

Mas, deixemo-lo sentar-se e compor ele mesmo e veremos que considerará as suas variações impossíveis de serem melhoradas. Qualquer homem pode dominar o seu violino quando toca uma composição sua, e pode tornar agradáveis as suas extravagâncias até ao próprio diabo.

E Viola é o ídolo e o tema de Nápoles. É a mimada sultana do teatro. Seria talvez fácil inutilizar o seu mérito; porém, conseguirão viciar a sua natureza? Creio que não. Em sua casa continua sendo boa e singela; e ali, sentada debaixo do toldo em frente da porta da casa, passa horas, absortas em suas contemplações. Quantas vezes, árvore com o tronco torcido, tem ela fixado os seus olhos nos seus verdes ramos! Quantas vezes em seus sonhos e fantasias tem lutado pela luz, — não pela luz das lâmpadas teatrais. Ó, menina! Fiquei contente com o brilho opaco da mais humilde lâmpada! Para os fins domésticos, uma econômica vela de sebo é melhor do que as refulgentes estrelas.

Passaram-se semanas, e o estrangeiro não voltava; passaram-se

meses, e a sua profecia de aflição não se realizara ainda. Uma tarde, Pisani adoeceu, O seu êxito o fazia, agora, dedicar-se assiduamente a composições de algumas peças, adaptadas a seu favorito violino; e foi assim que havia passado algumas semanas, trabalhando noite e dia numa obra, em que esperava alcançar excelente sucesso. Como de costume, escolheu um daqueles assuntos, aparentemente impraticáveis, e que se comprazia em sujeitar aos expressivos poderes da sua arte; o assunto era, desta vez, a terrível lenda que trata da transformação de Filomela. A pantomima da música começava imitando a alegria de uma festa. O monarca de Tracia senta-se no banquete; de repente, aqueles sons alegres convertem-se numa música discordante; as cordas parecem crocitar com horror. O rei vem a saber que o seu filho foi assassinado pelas mãos das vingativas irmãs. O violino, com uma velocidade descomunal faz experimentar todas as sensações do medo, do horror, da ira, do desmaio. O pai persegue as irmãs, escute! Aqueles sons discordes e horríveis convertem-se numa música lenta, argentina, pesarosa! A transformação está completa; e Filomela, metamorfoseada agora em rouxinol, faz ouvir do seu ramo de mirto as suaves, fluentes, melodiosas notas que devem revelar eternamente ao mundo a historia dos seus sofrimentos.

Foi no meio deste complicado e difícil trabalho, que a enfermidade veio surpreender o sobrecarregado músico, excitado pelo triunfo obtido e por novas ambições. De noite, sentiu-se mal. No dia seguinte, o médico declarou que o seu incomodo era uma febre maligna e infecciosa. A esposa e Viola repartiam entre si os ternos cuidados que a doença do pobre Pisani delas exigia; mas em breve este trabalho ficou só ao cargo de Viola, porque a sua mãe contraiu a mesma enfermidade do seu esposo e, em poucas horas, ficou num estado ainda mais alarmante do que ele.

Os napolitanos, como a maior parte dos habitantes dos países quentes, tornam-se egoístas e brutais nas enfermidades contagiosas. Gianetta fingiu-se também doente, para não ter que assistir aos enfermos e, por conseguinte, todo o trabalho de amor e mágoa pesou sobre a pobre Viola. Foi uma prova terrível...

Abreviarei o mais possível a minha história, e não entrarei em minúcias. A mãe de Viola faleceu primeiro.

Uma tarde, um pouco antes do ocaso do sol, Pisani acordou um tanto melhor do delírio que dele se apoderara, desde o segundo dia de sua enfermidade; e, lançando ao redor de si olhares alucinados e fracos, reconheceu Viola e sorriu. Ele balbuciou o nome da filha e lhe estendeu os braços. Viola arrojou-se ao seu peito, esforçando-se em reprimir os soluços.

— Sua mãe? — perguntou o enfermo. — Está dormindo?

— Sim, ela está dormindo, — respondeu a jovem, e as lágrimas correram-lhe dos olhos.

— Eu pensava; não sei o que eu pensava. Mas não chore: eu estarei outra vez são, — inteiramente são. Ela virá ver-me logo que acordar, não é verdade?

Viola não pôde responder; mas foi imediatamente buscar um calmante que devia dar ao enfermo, logo que cessasse o seu delírio. O doutor a tinha encarregado também de o avisar no momento em que se verificasse tão importante mudança.

Ela foi à porta para chamar a mulher que substituía Gianetta durante a pretendida indisposição desta; mas a criada não respondeu. Viola procurou-a de quarto em quarto, porém em vão, — a criada teve também medo do contágio, e desapareceu.

Que fazer? O caso exigia urgência, o médico tinha declarado que não se perdesse nem um momento, que o avisassem imediatamente; precisava, pois, deixar o enfermo para ir ela mesmo à casa do

médico!

Entrou outra vez no quarto do pai — o calmante parecia haver produzido efeito favorável, pois o doente dormia um sono tranquilo, respirando regularmente. Viola, querendo aproveitar este momento, cobriu o rosto com o véu, e saiu apressada.

O remédio, porém, não tinha produzido o efeito que parecera à primeira vista; em vez de um sono benéfico, mergulhou o enfermo em uma espécie de leve sonolência, na qual a imaginação, extraordinariamente inquieta, vagava pelos seus objetos preferidos, despertando familiares instintos e inclinações. Não era sono nem delírio; era a sonolenta vigília que produz, às vezes, o ópio, quando os nervos, pondo-se em estado de trêmula vivacidade, que é acompanhada de uma correspondente atividade no corpo, comunicam a este uma espécie de vigor falso e ético.

Pisani sentia que lhe faltava alguma coisa; o que era, ele dificilmente poderia dizer; era uma combinação das duas necessidades principais da sua vida mental, — a voz da esposa e o contato do seu violino. Ele se levantou, saiu da cama, pôs devagar o seu fato velho, que costumava usar quando trabalhava em suas composições. Sorriu com complacência quando as recordações, que estavam em relação com esse fato, reviveram em sua memória; com passo incerto, dirigiu-se ao pequeno gabinete que havia junto ao seu quarto, e onde a sua esposa costumava permanecer, mais vezes despertada do que adormecida, sempre quando alguma enfermidade a separava do seu lado.

O gabinete estava deserto, e o que nele havia, estava em desordem. Pisani olhou, pensativo, em redor de si, murmurou algo entre os dentes e pôs-se a percorrer, sem fazer ruído, todos os aposentos da silenciosa casa.

Por fim, chegou ao quarto da velha Gianetta, a qual, por medida

de segurança, se havia retirado para o último extremo da casa, fugindo ao perigo do contágio. Ao vê-lo entrar, pálido e fraco, com o semblante transtornado, inspecionando a habitação com um olhar inquieto e ansioso, a velha criada deu um grito e caiu a seus pés. Pisani inclinou-se sobre ela e, passando as magras mãos pelo rosto da anciã, meneou a cabeça e disse com voz rouca:

— Não posso encontrá-las; onde estão?

— Quem, meu querido amo? Oh! Tenha compaixão de si mesmo; elas não estão aqui. Oh, santos abençoados! Que desgraça terrível! Está morta!

— Morta! Quem morreu? Morreu alguém aqui?

— Ah! Bem já devia sabê-lo; a minha pobre ama, — contagiou-a a sua febre; esta, capaz de infeccionar e matar a cidade inteira. Protege-me, São Januário! Minha pobre ama está já no cemitério; e eu, a sua fiel Gianetta, ai de mim! Vou morrer também! Retire-se, querido amo, para sua cama, — vá, retire-se!

O pobre músico parou por um momento, mudo e imóvel, até que, por fim, um ligeiro estremecimento lhe percorreu todo o corpo; em seguida, voltou, com passos lentos, silencioso e qual um espectro, ao quarto onde costumava compor, e onde a sua esposa havia passado, tantas vezes, horas inteiras, sentada a seu lado, elogiando-o e animando-o, quando o mundo só o escarnecia.

A um canto, encontrou a coroa de louros que ela depositara sobre a sua fronte, naquela noite feliz de glória e de triunfo; e, junto a ela, meio oculto pela mantilha da inesquecível esposa, o abandonado instrumento, metido em sua caixa.

Viola esteve ausente pouco tempo; tendo encontrado o médico, regressou com ele à casa. Ao chegarem, ouviram uma sinfonia que fazia estremecer o coração de angústia. Parecia que aqueles sons não partiam de um instrumento tocado por mão humana, mas que era

algum espírito, chamando com lamentos, das sombras e solidão, os anjos que via do outro lado do Eterno Golfo. O doutor e Viola trocaram um olhar de triste compreensão; entraram na casa e correram ao quarto. Pisani volveu a cabeça, dirigindo-lhe um olhar imperioso, que os obrigou a retroceder. A mantilha preta e a murcha coroam de louros estavam diante do músico. Viola, num relance, compreendeu tudo e, correndo para o pai, abraçou-o, exclamando:

— Meu pai meu pai! Ainda lhe fico eu, sua filha!

De repente, cessaram os lamentos do violino, para passar a um outro gênero de música. Com uma confusão mescla, em que se revela o homem e o artista, prosseguiu a melodia, que era agora um misto de tristeza e suavidade. O rouxinol tinha escapado à perseguição, — e deixava ouvir seus trinos brandos, aéreos, melodiosos, até que foram expirando, pouco a pouco.

O instrumento caiu ao chão, e suas cordas se romperam. No meio do silêncio, parecia que ainda se ouvia o eco do seu canto. O artista olhou a filha, ajoelhada a seus pés, e as cordas rompidas do violino.

— Enterrem-me ao lado dela, — disse com voz baixa e tranquila; — e este meu fiel companheiro enterrem-no também junto a mim!...

E, ao dizer estas palavras, tornou-se lívido e rígido, como si se transformasse em pedra. Um último lampejo de vida apareceu no seu semblante, extinguindo-se no mesmo instante. O músico tombara inerte; estava morto. Eram as cordas do instrumento humano que acabavam de estalar. Ao cair, o seu manto arrastou a coroa de louros, que caiu também ao chão, quase ao alcance da mão do morto.

Quebrado, eis o instrumento! Rompido o coração! Murcha a coroa de louros! Os raios do sol poente, entrando pelas gelosias

cobertas de folhas da parreira, iluminavam este triste quadro! Assim a eterna Natureza contempla, risonha, os destroços de tudo o que torna gloriosa a vida!

E não há sol poente que não ilumine, em alguma parte, a música que se caiou, — o louro que murchou!

CAPÍTULO X

"Che difesa miglior ch'usbergo e scudo, e la santa innocenza al petto ignudo!"
Gerusal. Lib., canto VIII, 12

"Defesa melhor do que a couraça e o escudo, é a santa inocência, para o peito descoberto!"

Conforme os seus últimos desejos, o músico e o seu bárbito foram enterrados juntos, no mesmo ataúde.

Ó bárbito, famoso descendente de Steiner — primeiro Titan da grande raça tirolesa — tantas vezes tentou subir aos céus, e, por isso, há de baixar, como os comuns filhos dos homens, ao tenebroso Hades! É um destino mais cruel o seu, de que o seu mortal dono; pois a sua alma desceu contigo ao sepulcro, ao passo que a música que pertence a ele, separado do instrumento, sobe às alturas, e poderá ser ouvida muitas vezes pelos ouvidos piedosos de uma filha, quando o céu estiver sereno e a terra triste.

Porque há pessoas privilegiadas cujos sentidos percebem o que não é dado perceber ao vulgo. E as vozes dos mortos murmuram com doçura e frequentemente aos ouvidos dos que sabem unir a memória com a fé.

E Viola está, agora, só no mundo; só na casa onde a solidão lhe parecera, desde sua infância, uma coisa fora da sua índole. E, ao princípio, a solidão e o silêncio eram insuportáveis.

Homens ou mulheres tristes, a quem estas folhas sibilinas, carregadas de vários escuros enigmas, vieram à mão, não é verdade

que, quando a morte de alguma pessoa querida tornou desolado o seu lar, encontrou insofrível e pesada demais a tristeza de sua morada? E que, embora fosse um palácio, a trocaria por uma humilde cabana? E, todavia, — é triste dizê-lo, — quando, no lugar estranho onde procura o seu refúgio, nada lhe fala dos que tem perdido, não tem sentido uma necessidade de alimentar a sua memória com as mesmas recordações que antes lhes pareceram tão amargas e insuportáveis? Não é quase ímpio e profano abandonar aquele lar querido a pessoas estranhas? Por isso, o haver abandonado a casa onde seus pais viveram e lhes acariciaram, é tão amargo e pesa sobre sua consciência, como se tivesse vendido os seus túmulos. Era bela a superstição etrusca, segundo a qual os antepassados se convertiam em deuses domésticos. Surdo é o coração ao qual os Lares chamam em vão da sua morada deserta.

Viola, em sua intolerável angústia, a princípio aceitou, cheia de gratidão, o refúgio que lhe oferecera em sua casa uma família da vizinhança, cujo chefe, íntimo amigo e companheiro de orquestra de Pisani, recebeu com prazer a desamparada órfã.

Todos procuravam dissipar as mágoas da jovem, porém, a companhia de pessoas estranhas ao nosso pesar e os consolos que nos dão, só irrita a nossa ferida. E, depois, não é cruel Ouvir pronunciar em outra parte os nomes de pai, mãe e filho, — como se a morte só a sua casa tivesse visitado, — ver ali a calma e a regularidade dos que vivem unidos em amor e tranquilos, contando as suas horas felizes no relógio imperturbável da vida doméstica, como se o dos demais não tivessem suas rodas paralisadas, sua corda rompida e sua pêndula sem movimento?

Não há nada, nem a tumba mesma, que nos lembre tão amargamente a morte das pessoas queridas, como a companhia dos que não têm perda alguma a chorar. Volta à sua solidão, jovem órfã;

volta à sua casa; a tristeza que a aguarda no umbral da porta, a saudará como um sorriso na face dos mortos. E ali, da sua janela, e ali, da sua porta, verá ainda aquela árvore, solitária como você, que cresce no meio da rocha, mas esforça-se por atingir a luz, — como, através de todas as mágoas, enquanto as estações ainda podem renovar o verdor e a flor da juventude, o instinto do coração humano também luta! Só quando se esgotou a seiva, só quando o tempo produziu o seu efeito, brilha o sol em vão para o homem e para a árvore.

Passaram-se, entretanto, semanas e meses, — muitos meses bem tristes, — e Nápoles não permite por mais tempo, que o seu ídolo viva isolado; querem ouvi-la, querem admirá-la e tributar-lhe novamente suas homenagens. O mundo, apesar de nossos esforços, nos arranca de nossa situação com seus milhares de braços. E novamente a voz de Viola vibra no teatro, o qual, misticamente fiel à vida, em nada é mais fiel do que na ideia de que a aparência que faz a cena; e nós não nos damos tempo para perguntar quais são as realidades que essas aparências representam. Quando o ator de Atenas comovia todos os corações, prorrompendo em amargos soluços ao estreitar em seus braços a urna cinerária, quão poucos ali sabiam que abraçava as cinzas de seu filho!

O ouro e a fama choviam sobre a jovem atriz; mas ela seguia sempre o seu singelo modo de vida, habitando a mesma humildade morada onde viveram seus pais, e sem mais criados do que a sua velha aia, na qual a pouca experiência de Viola não descobria defeitos, nem percebia o egoísmo. Gianetta foi a primeira que a pusera nos braços de seu pai, quando Viola veio ao mundo!

— A jovem via-se cercada de muitas atenções e cortejada por uma multidão de aduladores que espreitavam aproveitar-se de sua não guardada beleza e da sua perigosa profissão. Mas a virtude de

Viola passava imaculada por meio de todos os seus galanteadores. É verdade que lábios, agora mudos, lhe haviam ensinado os deveres que a honra e a religião impõem a uma jovem, e, todo amor que não falasse do matrimônio, desprezado e repelido pela formosa atriz. Além disso, a tristeza e a solidão amadureceram o seu coração, e fizeram-na tremer, às vezes, ao pensar como profundamente sentia, e as suas vagas visões de outro tempo transformarem-se num ideal de amor. E enquanto o ideal não é achado, como a sombra que ele projeta, torna-os frios à realidade que nos cerca! Com esse ideal, sempre e sempre, inconscientemente, e causando-lhe uma espécie de medo e admiração, vinha mesclar-se a figura e a voz do estrangeiro que lhe tinha falado do futuro. Perto de dois anos tinham já decorrido, desde que aquele homem aparecera em Nápoles pela primeira vez. Nada mais se soube, depois, exceto que o seu navio se havia feito à vela rumo a Livorno. Para os amantes de novidades em Nápoles, a sua existência, apesar de supor-se extraordinária, foi muito rapidamente esquecida; porém o coração de Viola era mais fiel. Frequentemente aquele homem apresentava-se em seus sonhos, e quando o vento fazia gemer os ramos daquela árvore fantástica associada com suas lembranças, Viola se sobressaltava e corava, como se o ouvisse falar.

Entretanto, entre a turba de admiradores da artista, havia um que ela escutava com mais complacência do que aos outros; já, talvez, porque ele falava o idioma pátrio de sua inolvidável mãe; já porque a timidez do moço o fazia pouco perigoso; já porque a sua condição social, mais próxima à da atriz do que a dos demais ilustres galanteadores tirava à sua admiração toda aparência de insulto; e já porque, com sua eloquência e seu caráter sonhador, manifestava, muitas vezes, ideias que se assemelhavam muito às dela. Viola começou a querer-lhe bem, a amá-lo talvez, porém, como uma irmã

ama a seu irmão; entre ambos nasceu uma espécie de privilegiada familiaridade. Se no coração do inglês se abrigavam esperanças menos nobres, nunca as havia manifestado nem remotamente. Há perigo, solitária Viola, nesta amizade, ou há um perigo maior no seu ideal que não pode encontrar no mundo das realidades?

E agora vamos cerrar esta primeira parte do livro, que, como um prelúdio, há de conduzir-nos a um espetáculo estranho e surpreendente. Quer ouvir mais, leitor? Venha, pois, com sua fé preparada. Não peço que feche os olhos, mas traga os seus sentidos bem despertos. Como a encantada Ilha, distante dos lares humanos, "aonde raras vezes ou nunca vai um navio das nossas costas" é a paragem do tumultuoso oceano da vida comum, onde a Musa ou Sibila lhe oferece um santo asilo, — "ali ela sobe a uma montanha despovoada e obscurecida por sombras; e por encanto lhe amontoa neve nas espaldas e nos flancos, e sem neve alguma lhe deixa a cabeça verdejante e linda; e, perto de um lago, constrói um palácio".

NOTAS LIVRO PRIMEIRO

[1] Orfeu foi o herói favorito da antiga Opera Italiana, ou do Drama Lírico, O Orfeu de Ângelo Politiano foi produzido em 1475. O Orfeu de Montoverdi foi representado, em Veneza, no ano de 1667.

[2] Viemos ao nosso lar.

[3] Por minha fé.

[4] Antiga moeda Italiana.

[5] E com as tripas do último padre estrangule o pescoço do último rei.

[6] Assim se conta de Cazotte. De Martinez de Pasqually pouco se sabe; até sobre a terra a que pertenceu, não estamos bem certos. Também não há provas que nos garantam quais eram, na realidade, os ritos, as cerimônias e os princípios da ordem cabalista, por ele fundada. Saint-Martin foi um discípulo desta escola, e isto, ao menos, a recomenda; porque, apesar do seu misticismo, Saint-Martin foi, talvez, o homem mais humanitário, generoso, puro e virtuoso do século XVIII. Além disso, ninguém se distinguiu mais no circulo de filósofos céticos, pela nobreza e pelo fervor com que combatia o materialismo e proclamava a necessidade da fé, no meio de um caos de descrença. Pode-se observar também que Cazotte, seja o que for que aprendeu da irmandade de Martinez, não aprendeu nada que diminuísse a excelência da sua vida e a sinceridade da sua religião. Sendo, ao mesmo tempo, brando e valente, nunca cessou de opor-se aos excessos da Revolução. Até a ultima hora, em contraste com os liberais do seu tempo, conservou-se um cristão devotado e sincero. Antes de sua execução, pediu uma pena e papel, para escrever as seguintes palavras: “Ma femme, mes enfants, ne me pleurez pas; ne

m’oubliez pas, mais souvenez-vous surtout de ne jamais offenser Dieu”. Isto é: “Minha mulher, meus filhos, não choreis por mim; não me esqueçais, mas lembrai-vos sobretudo de não ofender a Deus”.

[7] Champfort, um daqueles literatos que, apesar de seduzidos pela primeira aparência agradável da Revolução, recusaram-se a seguir os vis homens de ação nos seus horríveis excessos, expressou a filantropia assassina dos agentes revolucionários pelo mais belo dito daquele tempo. Vendo escrito sobre as paredes: “Fraternité ou la Mort” (“Fraternidade ou a Morte”), observou que estas palavras deviam interpretar-se: “Sois mon frère, ou je te tue”. (“Sê meu irmão, ou eu te matarei”).

[8] “Cette secte (les Encyclopédistes) propagea avec beaucoup de zele l’opinion du matérialisme, qui prévalut parmi les grands et parmi les beaux esprits; on doit en partie cette espèce de philosophie pratique qui, reduisant I’Egoisme en systeme, regarde la société humaine comme une guerre de ruse, le succès comme la règle du juste et de línjuste, la probité comme une affaire de gout, ou de bienséance, le monde comme de patrimoine des fripons adroits”. — Discours de Robespierre, Mai, 7, 1794.

[9] “Esta seita (os Encyclopedistas) propagou com muito zelo a opinião do materialismo, que prevaleceu entre os grandes e entre os belos espíritos; devemos-lhe, em parte, essa espécie de filosofia que, convertendo o Egoísmo em um sistema, considera a sociedade humana como uma guerra de astúcia, o sucesso como a regra do justo e do injusto, a probidade como um assunto de gosto ou de decência, o mundo como o patrimônio de velhacos espertos”. — Discurso de Robespierre, 7 de Maio de 1794.

img1.png

LIVRO SEGUNDO

ARTE, AMOR E MARAVILHAS

CAPÍTULO I

"Centauri, e Sfingi, e pallide Gorgoni".
Gerusal. Lib., canto IV, 5

"Centauros e Esfinges e pálidas Górgonas".

Numa noite enluarada, nos Jardins de Nápoles, quatro ou cinco cavalheiros, sentados debaixo de uma árvore, tomavam o seu sorvete e, nos intervalos da conversação, ouviram a música que animava aquele lugar favorito de alegres reuniões de uma população indolente. Um deste pequeno grupo, jovem inglês, que momentos antes parecia o mais alegre e vivaz dessa reunião, tornou-se subitamente triste e pensativo. Um dos seus compatriotas observou esta mudança repentina e, dando-lhe uma pancadinha no ombro, disse:

— Que tem, Glyndon? Está doente? Vejo-o tão pálido e a estremecer... Sente frio? Será melhor que se retire; estas noites italianas são, muitas vezes, perigosas para os nossos temperamentos.

— Não é nada; já me sinto bem. Foi um tremor passageiro que não sei a que atribuir.

Um homem, de aparência ainda mais distinta que os demais, e que parecia ter uns trinta anos de idade, voltando-se repentinamente para Glyndon, fixou nele os olhos e disse:

— Parece-me que compreendo o que tem e, talvez, — acrescentou com um ligeiro sorriso, — poderia explicá-lo melhor que o senhor mesmo.

Em seguida, dirigindo-se aos outros, continuou:

— Sem dúvida, cavalheiros, todos já experimentaram várias vezes, especialmente ao estarem sós, de noite, uma sensação estranha e inexplicável de frio e terror que os assalta de repente; o sangue gela; o coração cessa de bater; as pernas tremem; os cabelos se eriçam; têm medo de lançar os olhos para os cantos mais escuros do quarto; apresenta-se, em suas mentes, uma ideia que os horroriza, como, por exemplo, de se encontrar diante de alguma coisa extraterrestre. De repente, porém, todo esse feitiço, se assim podemos chamá-lo, cessa, desvanece-se, e quase sentem vontade de rir de semelhante fraqueza.

Não têm experimentado, muitas vezes, esta sensação, que acabo de descrever-lhes imperfeitamente? — Se assim é, poderiam compreender o que o nosso jovem amigo acaba de sentir, neste momento, apesar de estar rodeado das delícias desta mágica cena, e respirando as brisas balsâmicas desta noite de Julho.

— Senhor, — respondeu Glyndon, evidentemente muito surpreendido, — acaba de definir exatamente a natureza do arrepio que me assaltou. Como, porém, pôde, de um modo tão precioso, notar as minhas impressões?

— Conheço os sinais característicos, — replicou o estrangeiro, seriamente; — e estes não enganam facilmente a quem tem a experiência que eu tenho.

Todos os presentes declararam, então, que compreendiam perfeitamente o que o estrangeiro acabava de descrever, porque o haviam experimentado alguma vez.

— Segundo uma superstição do meu pai, — disse Mervale, o inglês que primeiramente dirigia a palavra a Glyndon, — no momento em que você sente que o seu sangue está gelado e que se eriçam seus cabelos é porque alguém pôs o pé no sítio em que está sua sepultura.

— Em todos es países existem diferentes superstições para explicar este fenômeno tão comum, — replicou o estrangeiro; entre os árabes, por exemplo, há uma seita que crê que, naquele instante, Deus decreta sua morte, ou a morte de alguma pessoa que lhe é cara. Os selvagens africanos, cuja imaginação está cheia de horrores de sua tenebrosa idolatria, creem que o demônio está puxando, naquele momento, a pessoa pelos cabelos; assim se mescla o terrível com o grotesco.

— Evidentemente, o fenômeno de que nos ocupamos não é outra coisa senão um acidente físico, uma indisposição do estômago ou uma paralisação na circulação do sangue — disse um jovem napolitano, que poucos dias antes fora apresentado a Glyndon.

— Por que, então, em todas as nações esta sensação vai sempre acompanhada de algum pressentimento supersticioso ou algum temor, — formando uma conexão entre o corpo material e o suposto mundo fora de nós? Por minha parte, eu penso que...

— Que é o que pensa, meu caro? — perguntou Glyndon, com curiosidade.

— Penso — prosseguiu o estrangeiro — que é a repugnância e o horror com que os nossos elementos mais humanos retrocedem ante alguma coisa, naturalmente invisíveis, porém antipática à nossa natureza, e que não nos é dado conhecer por causa da imperfeição dos nossos sentidos.

— Então crê na existência dos espíritos? — inquiriu Mervale, com um sorriso incrédulo.

— Não era precisamente dos espíritos que eu falava; porém, podem existir formas de matéria, tão invisíveis e impalpáveis para nós, como o são os animálculos no ar que respiramos, — ou da água que corre daquela fonte. Aqueles seres podem ter suas paixões e seus poderes, da mesma forma como nós temos as nossas paixões e os

nossos poderes e como animálculos aos quais os comparei. O monstro que vive e morre numa gota de água, — carnívoro, insaciável, subsistindo às criaturas ainda menores do que ele mesmo, — não é menos mortífero em sua fúria, nem menos feroz em sua natureza, do que o tigre do deserto. Existem talvez, ao redor de nós, muitas coisas que seriam perigosas e hostis para os seres humanos, se a Providência não tivesse levantado uma barreira entre elas e nós, por diferentes modificações da matéria.

— E pensa o senhor que estas barreiras nunca podem ser removidas? — perguntou, de repente, o jovem Glyndon. — As tradições de feiticeiros e bruxas, tão universais e imemoriais como são, não passarão de meras fábulas?

— Talvez sim, talvez não, — respondeu o estrangeiro, com indiferença. — Mas quem, numa época em que a razão tem estabelecido os seus próprios limites, seria bastante louco para romper a barreira que o separa da jiboia e do leão, — ou para murmurar e rebelar-se contra a lei que encerra a tubarão no grande abismo?

Porém, deixemos estas vãs especulações.

Ao dizer isto, o estrangeiro se levantou, chamou o "garçom", pagou o seu sorvete, cumprimentou aos demais do grupo e desapareceu, em seguida, entre as árvores.

— Quem é este cavalheiro? — perguntou Glyndon, com curiosidade.

Todos se entreolharam, sem responder, até que, passados alguns minutos, disse Mervale:

Esta é a primeira vez que o vi.

— Eu também.

— E eu igualmente.

— Eu o conheço bem, — disse o napolitano, que era o nosso

conhecido, o conde Cetoxa. — Se estão lembrados, ele veio até aqui como meu companheiro. Haverá uns dois anos, que este homem visitou Nápoles, e há poucos dias veio outra vez à cidade. É muito rico, — muitíssimo rico, e uma pessoa agradabilíssima. Sinto que tenha falado, esta noite, de uma forma tão estranha, pois isto servirá para confirmar os diversos boatos loucos que circulam a seu respeito.

— E seguramente, — disse um outro napolitano, — o fato que aconteceu outro dia, e que o meu caro Cetoxa conhece perfeitamente, justifica as suposições que pretende desprezar.

— Eu e o meu compatriota — disse Glyndon — frequentamos tão pouco a sociedade de Nápoles, que ignoramos muitas coisas que parecem dignas de interesse. Quer fazer-nos o obséquio de contar-nos esse fato, e o que se diz a respeito desse homem?

— Quanto aos boatos que circulam, cavalheiros, — disse Cetoxa, dirigindo-se cortesmente aos dois ingleses, — basta observar que atribuem ao Senhor Zanoni certas qualidades que cada um desejaria ter para si, porém condena a qualquer outra pessoa que parece possuí-las. O acontecimento, a que alude o Senhor Belgioso, exemplifica estas qualidades e é, devo confessá-lo, um tanto surpreendente.

Provavelmente jogam, cavalheiros? (Aqui, Cetoxa fez uma pausa. Como, efetivamente, os dois ingleses haviam arriscado alguns escudos nas mesas de jogo, inclinaram-se levemente, para afirmar a suposição).

Cetoxa continuou: — Bem; pois saibam que, há pouco tempo, no mesmo dia em que Zanoni regressara a Nápoles, estava eu jogando, tinha perdido quantias consideráveis. Levantei-me da mesa, decidido a não tentar mais a fortuna, quando, de repente, percebi Zanoni, de quem me fizera amigo em outro tempo (e que, posso

dizê-lo, me devia uma pequena obrigação), estando na sala como mero espectador. Antes de eu poder manifestar-lhe o meu prazer de vê-lo, pôs sua mão sobre o meu ombro, e disse-me:

— "Perdeu muito; mais do que podia despender. Por minha parte, não gosto de jogar; mas quero ter algum interesse pelo que está se passando. Quer jogar esta quantia por mim? As perdas correm por minha conta; e, se ganhar, repartiremos pela metade, os benefícios".

Como podem supor, esta proposta deixou-me desconcertado; porém, Zanoni o dizia com um ar e tom que era impossível resistir-lhe; além disso, eu ardia em desejos de recuperar o que havia perdido, e não me teria levantado da mesa, se me tivesse sobrado algum dinheiro. Respondi-lhe que aceitava a sua oferta, porém com a condição de que repartíssemos tanto os ganhos como as perdas.

— "Como quiser, — respondeu-me sorrindo; — não precisamos ter escrúpulos, porque, com certeza, irá ganhar".

"Sentei-me e Zanoni se pôs em pé atrás de mim. A minha sorte mudou, e isso de tal maneira que não fiz mais do que ganhar continuamente. Com efeito, levantei-me da mesa muito rico".

— Não é possível trapacear nos jogos públicos, e, sobretudo quando a trapaça teria que ser feita contra a banca — asseverou Glyndon.

— Certamente — respondeu o conde; porém a nossa sorte era tão extraordinária, que um siciliano (os sicilianos são, em geral, malcriados e de mau gênio) tornou-se colérico e até insolente.

— "Senhor, — disse ele, dirigindo-se ao meu novo amigo, — nada tem que fazer tão perto da mesa".

Zanoni respondeu-lhe, com bons modos, que não fazia nada que fosse contrário às regras do jogo, que sentia muito que um homem não pudesse ganhar sem outro perder, e que ali não poderia fazer

nada de má fé, nem que estivesse disposto a fazê-lo. O siciliano tomou por medo a brandura do estrangeiro, e começou a censurá-lo em voz ainda mais alta; e até se levantou da mesa e pôs-se a olhar para Zanoni de um modo capaz de fazer perder a paciência a qualquer cavalheiro que tivesse sangue inflamável ou que soubesse manejar a espada".

— E o mais singular, — interrompeu Belgioso, — o que mais me surpreendeu é que Zanoni, que estava em frente de mim, e cujo semblante, por conseguinte, eu podia examinar distintamente, não mudou as feições, nem mostrou o menor ressentimento. Ele fixou sua vista no siciliano de uma forma impossível de descrever; nunca me esquecerei daquele olhar! — gelava o sangue nas veias. O siciliano titubeou como se tivesse sido golpeado, estremeceu e caiu sobre o banco. E depois...

— Sim, depois, — concluiu Cetoxa, — com grande surpresa minha, o nosso cavalheiro, desarmado por um olhar de Zanoni, dirigiu a sua ira contra mim... Porém, talvez ignorem, senhores, que a minha habilidade no manejo das armas me tem valido alguma reputação.

— É o melhor esgrimista da Itália, — afirmou Belgioso.

— Antes que tivesse tempo de saber por que motivo — prosseguiu Cetoxa, — encontrei-me no jardim detrás da casa, com Ughelli (este era o nome do siciliano) encarando-me, e com cinco ou seis cavalheiros, que deviam ser as testemunhas do nosso duelo. Zanoni, chamando-me à parte, disse-me:

— "Este homem cairá. Quando ele estiver no chão, pergunte-lhe se quer que o enterrem ao lado de seu pai na igreja de São Januário".

— "Conhece, então, a sua família?" — perguntei-lhe, surpreendido.

— Zanoni não me respondeu, e um momento depois estava eu

batendo-me com o siciliano. Para fazer-lhe justiça devo dizer que o seu "imbrogliato" era magnífico, e que nunca um mandrião manejou a espada com mais destreza; apesar disso, porém, — acrescentou Cetoxa, com agradável modéstia, — caiu com o corpo atravessado pela minha arma. Aproximei-me e vi que o desgraçado mal podia falar.

— Tem que me encarregar de algo, ou tem algum negócio para ultimar? — perguntei-lhe.

"O ferido fez um sinal negativo".

— "Onde quer ser enterrado?" — tornei a perguntar. "Ele apontou a costa da Sicília".

— "Como? — observei, com surpresa, — não quer ser sepultado na igreja de São Januário, ao lado de seu pai"?

"Ao ouvir estas minhas palavras, o seu semblante alterou-se terrivelmente; Ughelli soltou um grito agudo, lançou uma golfada de sangue pela boca, e expirou".

"Agora vem a parte mais misteriosa desta história. Enterramos o siciliano na igreja de São Januário. Para este fim, levantamos a tampa do caixão onde estavam os restos mortais de seu pai cujo esqueleto ficou descoberto. Na cavidade do crânio, encontramos um pedaço de arame de aço delgado e duro. Isto nos causou surpresa, e levou a fazer-se investigações. O pai do meu rival, que era um homem rico e avarento, falecera repentinamente, e, devido ao grande calor da estação, fora sepultado sem perda de tempo. Como nosso achado levantasse suspeita, procedeu-se a um exame minucioso do cadáver. Foi inquirido o criado do velho Ughelli, o qual confessou, por fim, que o filho havia assassinado o pai. O ardil tinha sido engenhoso: o arame de aço era tão delgado, que atravessou o cérebro sem que saísse mais do que uma gota de sangue, que os cabelos ocultaram. O cúmplice morrerá no patíbulo".

— E Zanoni sabia desses fatos? Ele lhe contou?

— Não, — respondeu o conde; — ele declarou que, por um acaso, havia visitado, naquela manhã, a igreja de São Januário: que havia reparado na lousa sepulcral do conde Ughelli; que o seu guia lhe havia dito que o filho desse conde estava em Nápoles, e que era perdulário e jogador. Enquanto jogávamos, Zanoni havia ouvido pronunciar o nome do conde Ughelli à mesa; e quando estivemos no terreno do duelo, veio-lhe a lembrança de ter visto a tumba do pai do meu rival, e ele, conforme assegura, falou-me nela, levado a isto por um instinto que não podia ou não queria explicar.

— Uma história bastante explicável, — disse Mervale.

— Sim! Mas nós os italianos, somos supersticiosos; aquele instinto foi considerado, por muitos, como um aviso da Providência. No dia seguinte, o estrangeiro foi objeto de curiosidade e interesse geral. A sua riqueza, o seu modo de viver, a extraordinária beleza da sua pessoa, têm contribuído também para que seja olhado com inveja e furor; além disso, eu tive o prazer de introduzir esta eminente personagem entre os mais alegres dos nossos cavalheiros e apresentá-la às nossas primeiras beldades.

— Uma narrativa interessantíssima, —- rematou Mervale, levantando-se. — Venha, Glyndon; vamos ao nosso hotel? Não tardará em ser dia. Adeus, senhores!

— Que pensa desta história? — perguntou Glyndon ao seu companheiro, quando se dirigia para casa.

— Eu penso claramente que este Zanoni é algum impostor, algum velhaco esperto; e o napolitano participa da velhacaria, e gaba-o, exaltando-o, com o vil charlatanismo do maravilhoso. Um avarento desconhecido se introduz facilmente na sociedade, quando esta o converte em objeto de terror ou de curiosidade; Zanoni, além disso, é extraordinariamente belo, e as mulheres estão prontas a

recebê-lo muito contentes, sem outra qualquer recomendação, a não ser o seu próprio semblante e as fábulas de Cetoxa.

— Não sou desse parecer, — respondeu Glyndon — Cetoxa, ainda que jogador e perdulário, é nobre de nascimento, e goza de alta reputação por sua coragem e honradez. Além disso, esse estrangeiro, com sua nobre presença e o seu ar sério e sereno, tão calmo e tão modesto, não tem nada de comum com a loquacidade de um impostor.

— Perdoe-me, meu caro Glyndon; mas eu vejo que conhece ainda muito pouco o que é o mundo. O estrangeiro representa o papel de uma grande personagem, e o seu ar de grande importância não é mais que um estratagema do seu ofício. Porém, mudemos de assunto. Como vai a conquista amorosa?

— Oh! Viola não pôde ver-me hoje.

— Cuidado, não vá casar-se com ela. Que diriam todos lá na nossa terra?

— Desfrutemos o presente, — replicou Glyndon, com vivacidade; — somos jovens, ricos e de boa aparência; não pensemos no dia de amanhã.

— Bravo, Glyndon! Estamos já em casa. Durma bem, e não sonhe com esse senhor Zanoni.

CAPÍTULO II

"Prende, giovine audace e impazíente, L'occasione offerta avidamente".

Gerusal. Liber., cri nto VI, 29

"Toma, jovem audaz e impaciente, a ocasião que se oferece avidamente".

Clarêncio Glyndon era um jovem que possuía uma fortuna não muito avultada, porém suficiente para poder viver sem embaraços financeiros e com independência. Seus pais haviam falecido e sua parenta mais próxima era uma irmã, muito mais jovem do que ele, e que estava na Inglaterra, em casa de uma tia sua.

Desde muito moço, Glyndon tinha manifestado grande disposição para a pintura, e mais por entusiasmo do que por necessidade de exercer uma profissão, determinou dedicar-se a uma carreira, que os artistas ingleses geralmente começam com ardor idealista e composição histórica, para concluírem com cálculos avarentos e retratos de Aderman Simpkins.

Glyndon, segundo a opinião de seus amigos, possuía um talento bastante considerável, mas era um tanto precipitado e presunçoso. Não gostava de um trabalho contínuo e persistente, e a sua ambição procurava antes colher o fruto do que plantar a árvore. Como a maior parte dos jovens artistas, era amante dos prazeres e divertimentos, entregando-se, sem a menor reflexão, a qualquer empresa que impressionasse a sua imaginação ou exercitasse a sua imaginação ou excitasse suas paixões. Tinha viajado pelas mais

célebres cidades da Europa, com o firme propósito e a sincera resolução de estudar as grandiosas obras primas da sua arte; porém, em todas elas o prazer muitas vezes o afastava do seu objeto, e as belezas vivas distraiam a sua apreciação da tela insensível. Valente, amante de aventuras, vaidoso, inquieto, curioso, encontra-se sempre envolvido em projetos temerários e perigos encantadores, sendo uma criatura impulsiva e escrava de sua imaginação.

Era, então, a época em que o frenético espírito de inovação estava abrindo caminho a esse horrível escárnio das nobres aspirações humanas, denominado "Revolução Francesa" e do caos, dentro do qual estavam imergindo as santidades da Venerável Crença do Mundo, levantavam-se muitas, extravagantes e disformes quimeras. Devo lembrar ao leitor que, nesse tempo, ao lado do refinado cepticismo e afetada sabedoria, existiam a maior incredulidade e as mais crassas superstições; — era a época em que o magnetismo e a magia contavam adeptos entre os discípulos de Diderot; quando as profecias estavam sobre os lábios de toda a gente; quando o salão de um filósofo deísta se converteu numa Heracléa, onde a necromancia pretendia evocar as sombras dos mortos; quando se ridicularizavam a Cruz e a Bíblia, e acreditava-se em Mesmer e Cagliostro.

Naquele nascente Helíaco que anunciava o novo sol, que devia desvanecer todas as sombras, saíram de suas tumbas medievais todos os fantasmas que tinham passado diante dos olhos de Paracelso e Agrippa.

Deslumbrado pela aurora da Revolução, Glyndon foi atraído ainda mais por seus estranhos acompanhamentos; e era natural que como tantos outros, acolhesse com avidez a ideia de ver realizadas, em pouco tempo, as esperanças de uma utopia social, que, pelo trilhado e poeirento caminho da ciência, conduziria à ousada

descoberta de algum maravilhoso Eliseu.

Em suas viagens, Glyndon havia escutado com vivo interesse, senão com implícita crença, tudo quanto lhe contavam acerca dos milagres de todos os famosos videntes; assim é que a sua imaginação se achava preparada para receber a impressão que o misterioso Zanoni produziria sobre ele, desde a primeira vista.

Podia existir também outra causa para esta disposição à credulidade. Um dos antepassados de Glyndon, da família de sua mãe, tinha alcançado grande reputação como filósofo e alquimista. Contavam-se estranhas histórias a respeito desse homem. Dizia-se que havia vivido muito, mais tempo do que vive o comum dos homens, conservando sempre a aparência da cidade viril. Supunha-se que falecera de pesar por causa da morte repentina de um neto seu, que era a única criatura pela qual, em toda a sua sida, tinha manifestado amor. As obras deste filósofo, se bem que raras, existiam ainda e se achavam na biblioteca da casa de Glyndon. O seu platônico misticismo, as suas atrevidas asserções, as altas promessas que podiam descobrir-se atrás da sua fraseologia alegórica e figurada, impressionaram, desde os seus anos de rapaz, a imaginação de Clarêncio Glyndon. Seus pais, sem atender às consequências que o encorajamento das ideias podia acarretar, que a razão e a idade pareciam suficientes para dissipar ou repelir, tinham por costume, nos longos serões do inverno, falar da história tradicional desse distinto antepassado.

E Clarêncio estremecia de prazer, mesclado de terror, quando sua mãe dizia que descobria uma notável semelhança entre as feições deste seu filho e as do velho retrato do alquimista, que se via pendurado na parede da sala, entre outros quadros familiares, e era o orgulho da casa, como também a admiração de seus amigos. A criança, na verdade, é, mais frequentemente do que pensamos, “o

pai do homem".

Eu disse que Glyndon amava os prazeres. Fácil de impressionar-se com coisas alegres, como sempre se dá com os homens de gênio, a sua descuidada vida, antes de começar a carreira trabalhista de verdadeiro artista, o havia levado a voar de uma flor a outra. Ele tinha já desfrutado, quase até à. saciedade, todos os alegres divertimentos que oferecia Nápoles, quando se enamorou de Viola Pisani. Mas o seu amor, do mesmo modo que a sua ambição, eram vagos e mutáveis. Não satisfazia plenamente o seu coração, deixava antes um vazio em sua existência; não porque carecesse de fortes e nobres paixões, mas porque a sua mente não estava ainda suficientemente preparada nem bastante assentada para o desenvolvimento dessas paixões que nele brotavam.

Assim como há uma estação para a flor, e outra para o fruto, igualmente, enquanto a flor da imaginação não começa a murchar, não amadurece o coração para produzir as paixões que as flores precedem e predizem. Alegre sempre quer estivesse a sós com seus quadros, quer no meio dos joviais amigos, Glyndon não havia conhecido ainda bastante a tristeza, para poder amar profundamente. Pois, para que o homem possa compreender todo o valor das coisas grandes da vida, é preciso que tenha sofrido desenganos nas que são pequenas. Só os superficiais sensualistas da França podem dizer, em sua "linguagem de salões", que o amor é uma loucura; o amor, melhor compreendido, é a sabedoria. Por outra parte, Glyndon pertencia demasiado ao mundo, e a sua ambição artística tinha necessidade dos aplausos e elogios dessa miserável minoria da superfície, a qual chamamos de público.

Como todos os que Costumam enganar, o jovem pintor inglês temia sempre ser enganado; por isso, desconfiava da doce inocência de Viola. Não se aventurava a propor seriamente o casamento a uma

atriz italiana; contudo, a modesta dignidade da jovem e alguns bons e generosos sentimentos que Glyndon possuía, detinham-no até então, de qualquer plano mais mundano e menos honesto.

Por isso, a familiaridade que existia entre os dois, oferecia mais o caráter de uma mútua e atenta simpatia, do que o de uma paixão. Glyndon via Viola no teatro; falava-lhe entre bastidores, enchia sua carteira de inumeráveis esboços de sua beleza, que o encantava como artista e como amante; e passava os dias flutuando entre a dúvida e a irresolução entre a afeição e a desconfiança; esta última, porém, prevalecia sempre, devido aos constantes conselhos e admoestações de Mervale, homem de sóbria reflexão, na opinião do seu camarada.

De tarde, no dia seguinte ao que havia proporcionado a Glyndon o conhecimento de Zanoni, passeava aquele a cavalo pela praia de Nápoles, do outro lado da Caverna de Posillipo. O sol começava a declinar, e o mar risonho enviava à terra uma fresca e voluptuosa brisa. Ao longe, viu o artista um homem, inclinado sobre um fragmento de pedra, à beira da estrada; aproximou-se e reconheceu o Senhor Zanoni.

O inglês saudou-o cortesmente, e perguntou-lhe sorrindo.

— Descobriu alguma antiguidade? São tão abundantes aqui, como os seixos deste caminho.

— Não, — respondeu Zanoni; — não é mais do que uma dessas antiguidades que datam, seguramente, do princípio do mundo, porém que a Natureza dissolve e renova eternamente.

E assim falando, mostrou Zanoni ao jovem uma “ervazinha” de um azul pálido, e colocou-a depois cuidadosamente no seu peito.

— É herborizador? — perguntou Glyndon.

— Sim, — respondeu Zanoni.

— Ouvi dizer que é um estudo interessantíssimo.

— Certamente, para as pessoas que o compreendem.

— Será um conhecimento muito difícil de adquirir-se?

— Difícil! Os conhecimentos de maior profundidade, inclusive os das artes, estão, pode-se dizer, perdidos para a moderna filosofia que é uma vulgaridade superficial. Julga que carecem de fundamento aquelas tradições que nos chegaram de uma forma confusa e desfigurada através dos séculos? Lembre-se de que as conchas que hoje achamos no cume das montanhas, nos informam que ali havia sido mar! Em que consistia a magia da antiga Cólchida, senão no minucioso estudo da Natureza em seus mais ocultos trabalhos? Que é a fábula de Medeia, senão uma prova do poder que podem dar a semente e a folha? O mais portentoso de todos os Sacerdócios, as misteriosas irmandades de Cuth, a respeito de cujos ensinamentos a ciência mesma se perde no meio dos labirintos das lendas, procuravam nas mais insignificantes ervas, o que, talvez, os sábios de Babilônia buscavam em vão entre as mais sublimes estrelas. A tradição nos diz que existia, nos tempos antigos, uma nação que podia matar seus inimigos, a grande distância, sem necessidade de mover-se, e sem empregar armas. A erva que os seus pés pisam, tem, talvez, um poder mais mortífero do que aquele que os seus engenheiros podem dar aos seus mais destrutivos instrumentos de guerra. Pode-se dizer, não foi a estas praias italianas, onde existiu o antigo promontório de Circe, onde vinham os sábios dos países mais remotos do Oriente, buscar plantas e ingredientes, que os nossos farmacêuticos de mostrador desprezariam como se fossem ervas inúteis? Os primeiros herborizadores, os maiores químicos do mundo, pertenciam à tribo que os antigos chamavam reverentemente pelo nome de Titans. Recordo-me que, em outro tempo, nas margens do Ebro, no reinado de... Porém, esta conversação não serve, — disse Zanoni, interrompendo-se repentinamente e com um sorriso frio, — senão

para gastar inutilmente o seu tempo e o meu.

Calou-se por alguns instantes e, depois, tendo olhado fixamente o pintor, continuou:

— Julga, meu amigo, que uma vaga curiosidade pode substituir o trabalho assíduo? Estou lendo no seu coração. O senhor deseja conhecer-me, e não a esta "ervazinha"; porém; infelizmente, o seu desejo não pode ser satisfeito.

— Vejo que não possui a atenciosa amabilidade de seus compatriotas, — respondeu Glyndon, algum tanto desconcertado. — Suponho que eu desejasse cultivar a sua amizade, porque repeliria as minhas insinuações?

— Eu não repilo as insinuações de ninguém, — retrucou Zanoni; — eu hei de conhecer aqueles que querem entrar em relações comigo; a mim, porém, eles nunca poderão compreender. Se o senhor deseja a minha amizade, eu lha ofereço; devo, porém, advertir-lhe que melhor será se me evitar.

— E por que, senhor? É, assim, tão perigoso?

— Nesta terra, há homens que, sem o querer, estão destinados a serem perigosos para outros. Se eu tivesse que lhe predizer o seu futuro pelos vãos cálculos dos astrólogos, dir-lhe-ia, em sua linguagem que o meu planeta se colocou em sua casa da vida. Não cruze o meu caminho, se pode evitá-lo. Advirto-lhe pela primeira e última vez.

— Diz que despreza os astrólogos e, contudo, se expressa tão misteriosamente como eles. Eu nem jogo nem pelejo; porque, pois, deveria temer?

— Faça como lhe aprouver; por minha parte, tenho dito.

— Permita-me que lhe fale com franqueza; sua conversação de ontem à noite interessou-me muito, e, ao mesmo tempo, deixou-me perplexo.

— Eu o sei; as mentalidades como a sua, sentem atração pelo que é misterioso.

Estas palavras molestaram Glyndon, apesar de não terem sido pronunciadas em tom de desprezo.

— Vejo que não me considera digno de sua amizade, — disse o jovem. Paciência! Adeus!

Zanoni correspondeu com frieza à saudação; e, enquanto o inglês continuou o seu passeio, o botânico voltou à sua interrompida ocupação.

Naquela noite, segundo o seu costume, Glyndon foi ao teatro, posto de trás dos bastidores, observava Viola, que desempenhava naquele momento um dos seus mais importantes papéis. Os aplausos ressoavam por todo o teatro. Glyndon estava embriagado de paixão e de orgulho.

— Esta encantadora criatura, pensava ele, pode ainda ser minha.

Enquanto estava absorto nesta deliciosa meditação, sentiu uma leve pancadinha no ombro; voltou-se e viu Zanoni.

— Ameaça-lhe um perigo, — disse este. Convém que não vá à casa esta noite; ou, se for, não deve ir só.

Antes que Glyndon tornasse a si de sua surpresa, Zanoni havia desaparecido; e quando o inglês tornou a vê-lo, estava no camarote de um dos nobres napolitanos, onde Glyndon não pôde segui-lo.

Viola acabava de retirar-se da cena, e Glyndon aproximou-se dela, com uma apaixonada galanteria que até ali não havia empregado.

Porém, Viola, ao contrário da sua habitual afabilidade, não fez o menor caso das palavras do seu apaixonado; e, levando a parte Gioneta, que não a abandonava nem um instante enquanto permanecia no teatro, disse-lhe em voz baixa, afetando grande interesse:

— Oh, Gianetta! Ele está aqui outra vez! O estrangeiro de quem já tinha falado! E ele foi o único, em todo o teatro, que não me aplaudia!

— Qual é, minha querida? — perguntou a anciã, com voz terna. — Há de ser um estúpido, indigno de que pense nele.

A atriz levou Gianetta mais perto do proscênio e indicou-lhe um homem que estava num dos camarotes mais próximos, e que se distinguia de todos os demais, tanto pela simplicidade do seu traje, como por suas feições extraordinariamente belas.

— Indigno de que eu pense nele, Gianetta? — repetiu Viola.

— Indigno de que eu pense nele? Ah! Para não pensar nele seria necessário que eu não pensasse absolutamente.

O contra regra chamou a senhorita Pisani.

— Procura saber o seu nome, Gianetta, — ordenou Viola, dirigindo-se lentamente para a cena, e passando pelo lado de Glyndon, que a olhou com tristeza e como com repreensão.

A cena em que a atriz ia apresentar-se agora, era o desenlace da catástrofe, onde era necessário empregar todos os recursos da sua arte e da sua voz. O auditório escutava com profunda admiração todas as palavras da atriz; mas os olhos desta buscavam somente os de um espectador frio e imóvel; ela parecia como inspirada. Zanoni escutava, e observava-a com atenção, mas dos seus lábios não saiu a mais ligeira palavra de aprovação; e nem a menor emoção alterou a expressão do seu semblante frio e meio desdenhoso.

Viola, que desempenhava o papel de uma pessoa que ama sem ser correspondida, encarnava, sentia, como nunca, o papel que representava. As suas lágrimas eram verdadeiras; a sua paixão era a paixão natural: quase causava pena olhá-la. Quando terminou o ato, as forças da atriz haviam-se esgotado, e foi levada do cenário, desmaiada, no meio de uma tempestade de aplausos e de

entusiásticas exclamações de admiração. O auditório se pôs de pé, agitavam-se centenas de lenços, e, enquanto alguns espectadores arrojavam ramalhetes de flores à cena, outros enxugavam os olhos cheios de lágrimas; as senhoras não puderam reprimir o pranto por muito tempo.

— Pelo céu! — exclamou um fidalgo napolitano. — Esta jovem ateou no meu coração uma paixão que me devora. Nesta noite... Sim, ainda nesta noite há de ser minha! Está tudo arranjado, Marcari?

— Tudo, senhor. E esse jovem inglês? — esse imbecil e presunçoso bárbaro! Como já disse, deve pagar sua loucura com sangue. Não quero ter nenhum rival.

— Mas, é um inglês! E, quando desaparece um inglês fazem-se muitas diligências para achar o seu corpo.

— Estúpido! Não é bastante profundo o mar, ou a terra bastante reservada, para ocultar um cadáver? Os nossos sabem ser silenciosos como a tumba; e, quanto a mim... Quem se atreveria a suspeitar ou acusar o Príncipe de *? Quero que, nesta noite, seja feito o "serviço". Eu o deixo ao seu cuidado. Os ladrões o terão assassinado, entende? Abundam tanto neste país; para que isto pareça mais certo, tire-lhe tudo quanto levar consigo. Vai com três homens; os outros ficarão em minha escolta.

Mascari encolheu os ombros e retirou-se, saudando servilmente.

As ruas de Nápoles não eram, naqueles tempos, tão seguras como o são hoje, e as carruagens eram menos caras e mais necessárias. O veículo que a atriz costumava tomar para regressar para casa havia desaparecido. Gianetta, demasiada acautelada para com a beleza de sua ama, e temendo o enxame de admiradores que a importunariam, alarmou-se à ideia de terem que se retirar a pé, e comunicou esta inconveniência a Glyndon, este, então, pediu a Viola, que recuperava pouco a pouco, as forças, que aceitasse a sua

carruagem. Antes daquela noite, talvez a atriz tivesse aceitado este pequeno obséquio; agora, porém, por um outro motivo, havia-o recusado.

Glyndon, sentindo-se ofendido, retirou-se com mau humor, quando Gianetta o deteve, dizendo em tom lisonjeiro:

— Fique, senhor; a senhorita não está bem; — não se aborreça com ela; eu farei com que ela aceite a sua oferta.

Glyndon ficou, e depois de alguns instantes de discussão entre Gianetta e Viola, esta concluiu por aceitar a oferta do jovem. A anciã e a atriz subiram para a carruagem, deixando Glyndon à porta do teatro para que regressasse, a pé, à sua casa.

Naquele instante, apresentou-se, de repente, à mente do inglês a misteriosa advertência de Zanoni, que ele havia esquecido nos momentos do seu ressentimento contra Viola. Agora, julgando ser prudente precaver-se de um perigo anunciado por lábios tão misteriosos, olhou em redor de si para ver se descobriria algum conhecido. O público saía do teatro, aos encontrões, e o jovem, em toda aquela compacta multidão, não pôde distinguir nem um semblante amigo. Enquanto permanecia no mesmo sítio, sem saber que fazer, ouviu a voz de Mervale, que o chamava, e observou com prazer que o seu amigo abria caminho por entre o povo, para chegar até ele.

— Eu lhe reservei um lugar na carruagem do conde Cetoxa,- disse Mervale. — Venha comigo, o conde está à nossa espera.

— Como é gentil! Como soube que eu me encontrava aqui?

— Encontrei Zanoni no corredor, — respondeu Mervale, — e ele me disse: “O seu amigo está fora da porta do teatro; não deixe que regresse à sua casa a pé, esta noite; as ruas de Nápoles nem sempre oferecem segurança”. Imediatamente me lembrei de que alguns dos “bravos” calabreses haviam tido bastante que fazer nas ruas da

cidade, nas últimas semanas...

E encontrando, logo depois Cetoxa, concluiu:

Mas, olhe, aqui está ele.

A chegada do conde interrompeu a conversação. Enquanto Glyndon entrava para a carruagem, viu, pela janela, quatro homens que estavam na calçada, e que pareciam observá-lo com atenção.

— Cáspita! Exclamou um deles. — Aquele é o inglês!

Esta exclamação chegou aos ouvidos de Glyndon no momento em que a carruagem partia. Chegou em casa, sem ter sofrido acidente algum.

A familiar e cordial intimidade que existe sempre na Itália entre a aia e a criança por ela criada, e que Shakespeare nos apresentou, sem exagero algum, em "Romeu e Julieta", não podia deixar de ser mais estreita do que usualmente, numa situação tão desamparada como aquela em que se encontrava a atriz órfã. Gianetta tinha grande experiência em tudo quanto se referia às fraquezas do coração; e quando, três noites antes, ao voltar do teatro, Viola começara a chorar amargamente, a aia conseguira obter dela a confissão de que tornara a encontrar um homem, que não tinha visto durante dois anos, mas a quem nunca tinha esquecido, e que este homem, ai! Não havia feito a mais leve demonstração de alegria ao vê-la.

Gianetta era incapaz de compreender as vagas e inocentes emoções que envolviam esta tristeza; mas as reduzia todas com sua rude compreensão, a um só sentimento: o amor. E, neste assunto, sabia prodigalizar consolo e demonstrar simpatia. Ela nunca conseguira saber muitas coisas que se abrigavam no coração de Viola, — porque este coração não possuía palavras para revelar todos os seus segredos; porém, por aquela pequena confiança que a aia obtivera, estava pronta a demonstrar a sua compaixão, não

reprovando a jovem, mas pondo o seu resumido talento ao seu serviço.

— Descobriu quem é ele? — perguntou Viola, ao ver-se, agora, só com Gianetta na carruagem.

— Sim, é o célebre senhor Zanoni, que tem transtornado o juízo a todas as grandes senhoras de Nápoles.

Diz-se que é tão rico... Oh! Muito mais rico do que qualquer um dos ingleses! Porém, não tanto como o senhor Glyndon.

— Cale-se — interrompeu a jovem atriz — Zanoni — Não me fale mais do inglês!

A carruagem estava, agora, na parte mais afastada e solitária da cidade, onde estava situada, a casa de Viola. De repente, parou.

Gianetta, um tanto alarmada, abriu a janela e olhou para fora. À pálida luz da lua, viu que o cocheiro, arrancado violentamente do seu lugar, havia sido subjugado por dois homens; a portinhola foi aberta violentamente e, diante da atriz e sua aia, apareceu um homem de elevada estatura, mascarado e envolto numa capa.

— Não tenha medo, formosa Pisani, — disse o homem, com amabilidade; — ninguém lhe fará mal algum.

E agarrando a bela triz pela cintura, pretendeu tirá-la da carruagem. Gianetta, porém, não ficou inativa; repelindo o agressor com uma força que o deixou admirado, exprobrou a sua ação, com a violência do terror.

O mascarado deu um salto, a fim de reparar a desordem da sua capa.

— "Corpo di Barco!" — exclamou rindo; — a jovem tem uma terrível defensora... Luigi! Giovani! Agarrem essa velha bruxa.

Depressa! Por que esperam?

O mascarado retirou-se da portinhola, aparecendo nela, em seguida, outro homem, também disfarçado e ainda mais alto do que

o primeiro.

— Tranquilize-se, Viola Pisani, — disse, em voz baixa. — Eu a porei em segurança.

E, levantando a sua máscara, deixou ver as nobres feições de Zanoni.

— Tranquilize-se; não diga nada, — acrescentou; — eu a salvarei.

E retirou-se, deixando Viola imersa na surpresa, agitação e prazer.

Havia ali, entre todos, nove homens mascarados: dois subjugavam o cocheiro; um segurava pelos freios os cavalos da carruagem; o quarto cuidava dos cavalos ricamente ajaezados do agressor; três outros (além de Zanoni e o que se havia aproximado primeiramente de Viola) permaneciam um pouco afastados, ao pé de uma carruagem encostada a um lado do caminho. Zanoni falou com os três últimos; e, depois de ter-lhes apontado o primeiro mascarado, que era de fato, o Príncipe de***, dirigiram-se a este, que ficou surpreendido ao ver que o agarravam por detrás.

— Traição! — exclamou ele. — Fui traído pela minha própria gente! Que significa?

— Ponham-no dentro da sua própria carruagem, — disse Zanoni, calmamente. — Se ele resistir, que recaia sobre ele a culpa de sua morte.

Zanoni aproximou-se dos que seguravam o cocheiro.

— Estão em minoria, e logrados, — disse-lhes; — podem ir reunir-se ao seu amo. Os senhores são três homens, — nós somos seis, e estamos armados dos pés a cabeça. Agradeçam-nos por lhes pouparmos a vida. Retirem-se!

Os homens desapareceram humilhados. O cocheiro voltou para o seu posto.

— Corte as correias da carruagem daquela gente e as rédeas dos seus cavalos, — ordenou Zanoni, subindo para o carro que levava Viola, o qual partiu célere, deixando o vencido raptor num estado de raiva e estupefação, impossível de descrever.

Permita-me que lhe explique este mistério, Jovem — disse Zanoni. — Eu descobri, não importa como, a conspiração tramada contra você, e frustrei-a da seguinte maneira: O cabeça principal desta trama é um fidalgo que a vem perseguindo há muito tempo em vão. Ele e dois criados seus a espiavam desde que você entrou no teatro, ao passo que outros seis aguardavam no lugar onde o seu coche foi atacado; eu e cinco criados meus ocupamos o seu lugar, e foi assim que o fidalgo nos tomou por seus auxiliares. Eu tinha, previamente, ido ao sitio onde aqueles homens esperavam, e lhes disse que o seu amo não precisava de seus serviços esta noite. Eles me acreditaram e se dispersaram. Depois, fui buscar o meu grupo, que agora deixei atrás. E o resto você sabe. E agora estamos à porta da sua casa.

CAPÍTULO III

"When most I wink, then do mine eyes best see, For all the day they view things undespected; But when I sleep, in dreams they look on thee, And, darkly bright, are bright la dark directed".
Shakespeare.

"Quando fecho os meus olhos o mais possível, veem melhor; porque todo o dia enxergam coisas que não me prendem a atenção, porém, quando durmo, avistam em sonhos, e, brilhando no escuro, são como luzes dirigidas através da escuridão".

Zanoni acompanhou a jovem à sua casa. Gianetta foi-se às suas ocupações, e os dois ficaram a sós.

Estavam naquele quarto onde tão frequentemente, em dias outrora mais felizes, ouviam-se as estranhas melodias de Pisani; e agora, que a jovem via ali ao seu lado esse misterioso, incompreensível, belo e valente estrangeiro, no mesmo lugar onde ela se sentara tantas vezes aos pés de seu pai um estranho estremecimento percorreu todo o seu corpo; e, como a sua fantasia costumava personificar suas ideias, lhe pareceu que aquela música espiritual havia tomado forma e vida, e que esta estava diante dela, na sublime imagem que adotara. Viola sentia-se tomada de uma espécie de torpor, de uma semi-inconsciência. Havia tirado a touca e o véu; os seus cabelos, um tanto quanto desordenados, caiam-lhe sobre o colo ebúrneo, descoberto em parte, pelo decote do vestido lágrimas de agradecimento brilhavam-lhe nos formosos olhos negros e as suas faces estavam coradas pela emoção: nunca o deus da luz e

da música, no meio dos vales da Arcadia, soube tornar enamorada uma virgem ou uma ninfa mais formosa, quando esse ser imortal adotara uma forma humana.

Zanoni contemplou a artista, com um olhar em que a admiração estava mesclada de compaixão.

Murmurou algumas palavras entre dentes, e, depois, dirigindo-se à jovem, disse-lhe: — Viola, eu a salvei de um grande perigo; não só da desonra, como talvez da morte. O Príncipe de ***, protegido por um déspota e por uma administração venal, é um homem que está acima da lei. Ele é capaz de todos os crimes, porém, no meio de suas paixões, tem a prudência que lhe sugere a sua ambição; se, caindo em suas mãos, você não quiser se conformar com a sua desonra, nunca mais voltaria a ver a luz do mundo, para descobrir sua infâmia, e esta ficaria pois, ignorada. O poder não tem coração para o arrependimento, mas possui uma mão que pode assassinar. Eu a salvei, Viola. Perguntar-me-ia talvez, porque?

Zanoni calou-se por um instante, e, depois, sorrindo tristemente, prosseguiu: Suponho que não me fará a injustiça de pensar que é tão egoísta o seu libertador, como aquele que a injuriou. Órfã, eu não lhe falo a linguagem de seus galanteadores; eu tenho compaixão de ti, e não sou insensível ao afeto. Por que corar? Por que tremer a esta palavra? Neste momento, enquanto estou falando, leio no seu coração, e não vejo nele nada que possa causar-lhe vergonha. Não digo que me ama; felizmente, a imaginação pode interessar-se antes que o coração. Mas foi o meu destino fascinar os seus olhos e impressionar a sua imaginação. Se for neste momento, seu hóspede, não é senão para adverti-la contra o que lhe traria só aflição, como já outrora lhe disse que se dispusesse para sofrer grandes pesares. Glyndon, o jovem inglês, a ama muito, talvez mais do que eu poderia amá-la; e se é verdade que agora não é digno de ti sê-lo-á

quando a conhecer melhor. Ele pode ser seu esposo, e pode levá-lo à sua pátria, terra livre e feliz, o país natal de sua mãe. Esquece-me; aprenda a corresponder ao amor de Glyndon e a merecê-lo, pois, repito-o, com ele será respeitada e ditosa.

Viola escutava com silenciosa atenção, com emoção inexprimível, e com as faces inflamadas, esta estranha recomendação, e quando Zanoni concluiu, a jovem ocultou o rosto entre as mãos e pôs-se a chorar; e, embora muitas das palavras desse estrangeiro fossem pronunciadas com o fim de humilhá-la ou irritá-la, produzir indignação ou excitar pejo, não foram estes os sentimentos que manifestaram suas lágrimas e agitaram o seu coração. Neste momento, a mulher se tinha convertido em menina; e assim como uma menina, com todo o seu forte, porém inocente desejo de ser amada, chora de natural tristeza ao ver o seu afeto não correspondido, — assim, sem ressentimento e sem sentir-se envergonhada, chorou Viola.

Zanoni contemplava aquela linda cabeça sacudida pelos soluços, e, depois de uma dolorosa pausa, aproximou-se mais e disse-lhe, com voz carinhosa e com um leve sorriso:

— Lembre-se, Viola, de quando lhe disse que devia lutar pela luz, apontando-lhe, como exemplo, aquela frondosa árvore?

Eu não disse que imitasse a mariposa que, pensando voar às estrelas, cai queimada pela chama da lâmpada. Venha cá, quero falar-lhe. Este inglês...

Viola deu um passo para trás, redobrando o seu pranto.

— Este inglês tem, com pequena diferença, a sua idade, e a sua posição não é muito mais elevada do que o sua. Pode participar dos seus pensamentos na vida, — e poderá descansar depois, a seu lado, na mesma tumba! E eu... Porém, este aspecto do futuro não vem agora ao caso. Consulte o seu coração, e achará que antes que a

minha imagem viesse interpor-se em seu caminho, havia brotado no seu íntimo um puro e sereno afeto por esse jovem, que é seu igual, e que esse sentimento ia converter-se em amor. Nunca representou em sua imaginação um lar em que esse jovem fosse seu esposo?

— Nunca! — respondeu Viola, com repentina energia; —nunca pensei no que diz, mas até sinto que o destino não me reserva tal coisa.

E, erguendo subitamente a cabeça, fixou seus olhos em Zanoni.

— Oh! Quem quer que você seja, que quer ler em minha alma e penetrar no meu porvir, não equivoque sobre o sentimento que... que...

Viola titubeou um instante, e, em seguida, baixando a cabeça, acrescentou:

— Que reduziu, como por fascinação, os meus pensamentos a um só — você. Não pense que eu pudesse alimentar um amor não procurado e não correspondido. Estrangeiro, o que sinto por você, não é amor.

Por que deveria eu amá-lo? Nunca me falou senão para advertir e admoestar-me, e agora para magoar-me!

Aqui, Viola calou-se, sentindo faltar-lhe a voz; as lágrimas tremiam em suas pálpebras; a jovem enxugou-as e prosseguiu:

— Não, não é amor o que sinto... se o amor é tal como mo têm pintado, tal como tenho lido que é, e tal como tenho procurado imitá-lo no teatro. O que sinto é uma espécie de afeto respeitoso e cheio de temor; parece-me que é uma atração sobrenatural que me impele para sua pessoa, associando-a com imagens que me encantam e me assustam ao mesmo tempo. Julga que, se fosse amor, eu poderia agora lhe falar assim? — disse levantando de repente os seus olhos para buscar o dele, — que os meus olhos se atreveriam a buscar e encontrar os seus? Estrangeiro, às vezes só almejo vê-lo e

ouvi-lo! Não me fale dos demais. Advirta-me, censure-me, torture o meu coração, rejeite a gratidão que minha alma lhe oferece, se assim o entender. Porém, não se apresente sempre diante de mim como um presságio de tristeza, e de desgraça. Algumas vezes, em meus sonhos, vi-o debaixo de uma forma muito diferente; em uma forma cheia de glória e de luz; e em seus olhos radiantes lia uma alegria celestial que não vejo agora. Estrangeiro, você me salvou, e eu vo-lo agradeço de coração, e o bendigo! Rejeita também esta homenagem?

Ao dizer isso, Viola cruzou os braços humildemente sobre o peito, e inclinou-se profundamente diante dele.

Este ato de humildade não era servil nem indigno de uma mulher; não era a humildade de uma apaixonada para com o seu amante, nem a de uma escrava para com o seu senhor: — era o respeito de uma criança para com o seu protetor, a humildade de neófita para com o seu sacerdote.

O olhar de Zanoni era triste e pensativo. Os seus olhos fixaram-se na jovem com uma estranha expressão de bondade, de tristeza e de ternura; sem embargo, os seus lábios revelaram certa austeridade, e a sua voz era fria, quando respondeu: — Sabe o que pede, Viola? Sabe o perigo que corre, que corremos, talvez, ambos? Sabe que a minha vida, separada da vida turbulenta da multidão humana, está reduzida a adorar o Belo, e que desta adoração procuro banir aquilo que o Belo inspira nos demais? Evito sempre, como uma calamidade, o que parece sei a felicidade maior dos homens, — o amor das filhas da terra. Agora posso adverti-la e preservá-la de muitos perigos; teria eu o mesmo poder se pretender algo mais de ti? Não me compreende porém, o que lhe digo ainda, será mais fácil de compreender-se. Quero que apague a minha imagem do seu coração e que não pense mais em mim, a não ser como num homem que, como diz o seu Futuro, deve evitar. Se aceitar as homenagens de

Glyndon, ele a amará até que a tumba se cerre sobre ambos. Eu também — acrescentou com emoção — eu também poderia amá-la!

— Você! — exclamou Viola, com a veemência de um repentino impulso de alegria e de prazer que não pôde reprimir; porém, um momento depois, a jovem teria dado todo o mundo se pudesse retirar essa exclamação.

— Sim, Viola, eu poderia amá-la; porém, quantos sofrimentos e quantas mudanças trariam este amor! A flor comunica a sua fragrância à rocha sobre cujo coração cresce; em pouco tempo, a flor morre, porém a rocha subsiste, — desafiando a neve e a luz do sol no seu cume. Não se precipite, medite bem. O perigo ainda a rodeia. Por alguns dias, você se verá livre do seu cruel perseguidor; porém, em breve, virá a hora que só a fuga poderá salvá-la. Se o inglês a ama de um modo digno, a sua honra lhe será tão cara como a sua própria; se não existem ainda outras terras onde o amor é mais verdadeiro e onde a virtude está menos exposta à cobiça e à violência. Adeus! Do meu próprio destino e do meu futuro não posso prever senão nuvens e sombras. Entretanto, sei que tornaremos a ver-nos; porém, compreenda antes, que há terrenos mais suaves e mais vivificantes, doce flor, do que a rocha a que me referi.

Ao dizer isto, dirigiu-se Zanoni para onde estava a discreta Gianetta, e tocando-lhe suavemente no braço, disse, com o alegre acento de um cavalheiro jocoso:

— O senhor Glyndon galanteia a sua ama, e pode vir a ser seu esposo. Eu sei que ama muito a senhorita.

Desengane-a, se manifestar algum capricho por mim; pois eu sou qual ave erradia que não pára, que não tem pouso certo.

E colocando uma bolsinha com dinheiro nas mãos de Gianetta, deixou a casa da artista.

CAPÍTULO IV

"Les Intelligences Célestes se font voir, et se communiquent plus volontiers, dans le silence et dans la tranquillité de la solitude.

On aura donc une petite chambre ou un cabinet secret, etc".

Les Clavicules de Rabbi Salomon, chap. 3; traduites exactement du texte Hebreu,
par M. Pierre Morissoneau.

As Inteligências Celestes se manifestam e se comunicam de preferência no silêncio e na tranquilidade da solidão.

É necessário, pois, um pequeno quarto ou um gabinete secreto, etc".

O palácio que habitava Zanoni estava situado num dos bairros menos frequentados da cidade. Ainda hoje podem se ver as suas ruínas, monumentos de esplendor pertencente a uma época de cavalheirismo, desterrado desde muito tempo de Nápoles, junto com as altivas raças normanda e espanhola.

Quando Zanoni entrou em seus aposentos particulares, dois hindus, vestidos com traje do seu pai, receberam-no à porta, com as graves saudações orientais. Estes homens haviam vindo com Zanoni de terras longínquas, onde, segundo diziam os boatos, tinha vivido muitos anos. Mas estes hindus estavam impossibilitados de poder satisfazer a curiosidade que despertavam e justificar alguma suspeita, porque não falavam outro idioma além da sua língua materna. Além destes dois, a régia comitiva de Zanoni era composta de servidores, escolhidos dentre a gente de Nápoles, os quais a sua

esplendida generosidade, unida ao caráter imperioso, convertia em submissos escravos que o obedeciam fielmente. Nem ao interior de sua casa, nem em seus costumes, o quanto podiam ser observados, não havia nada que pudesse justificar os boatos que a respeito de Zanoni circulam pela cidade. Não era servido, como disseram outrora, de Alberto Magno e do grande Leonardo da Vinci, por formas aéreas; e nenhuma imagem de bronze, invenção de mecanismo mágico, lhe comunicava as influências das estrelas.

Também não se via em seus quartos nem o crisol, nem os metais, nem aparelhos de alquimista, dos quais pudesse deduzir-se a sua riqueza; nem parecia ocupar-se com esses sérios estudos que podiam comunicar a sua conversação às noções abstratas e o profundo saber que às vezes manifestava.

Em seus momentos de solidão, não consultava nunca seus livros; e, se em outro tempo tirava deles os vastos conhecimentos que possuía, agora só estudava na imensa página da Natureza; a sua ampla e admirável memória supria o demais. Contudo, havia uma exceção em todos estes hábitos e ocupações comuns, a qual, segundo a autoridade cujo nome e cujas palavras citamos no princípio deste capítulo, indicaria o cultor das ciências ocultas. Fosse em Roma, ou em Nápoles, ou em qualquer parte onde residisse, Zanoni escolhia um quarto separado do resto da casa, e fechava-o com um cadeado, pouco maior do que o selo de um anel, e que, não obstante, bastava para burlar os mais engenhosos instrumentos de serralheiro; como sucedeu, numa ocasião, a um dos seus criados, que, estimulado pela curiosidade, havia tentado, mas em vão, saber o que se encerrava no dito quarto; esse homem havia escolhido o momento mais favorável para que a tentativa ficasse ignorada e secreta, numa hora da noite, em que não havia viva alma ao seu redor, e quando Zanoni estava ausente. O caso, porém, é que a sua superstição ou a sua consciência,

lhe advertiu o motivo pelo qual, no dia seguinte, o mordomo calmamente o despediu. O criado, para compensar-se desta desgraça, divulgou a sua história, acrescentando mil divertidas exagerações. Declarava que, ao aproximar-se da porta, se viu repelido por mãos invisíveis, e que apenas tocou o cadeado, caiu ao chão, como ferido de paralisia. Um cirurgião que ouvira esta história observou com desgosto dos crédulos admiradores de milagres, que talvez Zanoni empregava habilmente a eletricidade. Fosse como fosse, naquele quarto, hermeticamente fechado, não entrava ninguém mais que Zanoni.

A solene voz do Tempo, provinda da igreja vizinha, veio tirar de sua profunda e tranquila meditação, o senhor do palácio, meditação que mais parecia um êxtase.

— É mais um grão, escapado do relógio de areia, — murmurou o estrangeiro, — e, sem embargo, o tempo nem dá nem tira um átomo ao infinito! Alma da minha Alma, Augoêides[1] , ser luminoso, por que desces da tua esfera? Por que abandonas a tua eterna, radiante e serena mansão, inacessível às paixões, e te transportas à obscuridade do negro sepulcro? Quanto tempo habitaste contente em tua majestosa solidão, sabendo muito bem que o nosso afeto pelas coisas que morrem não nos traz mais que tristeza?

Enquanto Zanoni murmurava estas palavras, uma das primeiras aves matutinas que saúdam a vinda da aurora, começou a gorjear alegremente entre as laranjeiras do jardim que haviam debaixo da janela do estrangeiro. De repente, outro canto respondeu ao primeiro; era a companheira da primeira ave, despertada pelo gorjeio desta, que lhe enviava a sua doce resposta. Zanoni pôs-se a escutar, e não ouviu a voz do espírito a quem perguntara, mas, em vez dele, respondeu-lhe o coração. Levantando-se então, começou a

andar, a passos largos, pelo estreito quarto.

— Fora deste mundo! — exclamou por fim, com impaciência.

— Não poderá o tempo romper seus fatais laços? A atração que liga a alma à terra, é igual à atração que segura a terra no espaço? Deixa, ó minha alma, este obscuro planeta! Rompe cadeias! Agita as asas!

E, ao dizer isto, Zanoni, atravessando as silenciosas galerias, subiu a escada que conduzia ao quarto secreto, e desapareceu.

CAPÍTULO V

"I and my fellows Are ministers of Fate".
The Tempest

"Eu e os meus companheiros, somos ministros do Destino".
A Tempestade

No dia seguinte, Glyndon encaminhou-se para o palácio de Zanoni. A imaginação do jovem, naturalmente impressionável, estava singularmente excitada pelo pouco que tinha visto e ouvido a respeito deste estranho homem; um encanto que o inglês não podia explicar nem dominar, impelia-o para o estrangeiro. O Poder de Zanoni parecia ser misterioso e grande; as suas maneiras, conquanto ordinariamente fossem amáveis e benévolas, tornavam-se algumas vezes frias e insociáveis. Porque aquele homem, por uma parte, repelia a amizade de Glyndon, e por outra parte, o salvar de um perigo?

Como havia descoberto Zanoni alguns inimigos que aquele jovem ignorava ter? Este fato, avivando duplamente o seu interesse e despertando a sua gratidão, fez com que Glyndon se resolvesse a tentar um novo esforço para captar a amizade do áspero botânico.

Glyndon foi introduzido numa vasta sala, onde Zanoni, em poucos minutos, veio recebê-lo.

— Venho agradecer-lhe pelo seu aviso da noite passada, — disse o jovem, — e pedir-lhe o favor de informar-me em que bairro da cidade é que me ameaça o perigo de que falou.

— Um jovem insinuante, — respondeu Zanoni, com um sorriso, e falando inglês — e conhece tão pouco o Sul para ignorar que os homens assim têm sempre rivais?

Fala seriamente? — perguntou Glyndon, corando.

Muito seriamente, — respondeu Zanoni. — ama Viola Pisani, e tem como rival um dos mais poderosos e implacáveis príncipes napolitanos. O perigo que o ameaça é, realmente, grande.

— Mas, perdoe-me: como pôde descobri-lo?

— Que lhe importa como o descobri? — replicou Zanoni, com altivez; — de resto, para mim é indiferente que despreze ou não a minha advertência.

— Bem; se não posso perguntar-lhe, seja assim; porém, ao menos, aconselhe-me o que devo fazer.

— Seguirá o meu conselho?

— Por que não?

— Porque é naturalmente valente, ama as emoções e os mistérios, e gosta de representar o papel de herói de um romance. Se eu o aconselhar que deixe Nápoles, fa-lo-á, durante todo o tempo que esta cidade lhe ofereça um inimigo com quem não pode medir forças, ou uma mulher amada que quer conquistar?

Tem razão, — respondeu o jovem inglês, com energia.

Não! E suponho que não me censurará por esta resolução.

— Porém, não lhe resta outro caminho. Ama deveras a bela Pisani? Se assim é, case-se com ela e leve-a para o seu país natal.

— Não, — respondeu Glyndon, embaraçado; — Viola não é da minha classe; além disso, a sua profissão... Enfim, eu me sinto escravizado pela sua beleza, mas não posso casar-me com ela.

Zanoni franziu as sobrancelhas e retrucou: — Então o seu amor não passa de uma paixão egoísta e indigna. Jovem, o destino é menos inexorável do que parece. Os recursos do grande Senhor do

Universo não são tão escassos nem tão duros, que ele negue aos homens o privilégio divino do livre arbítrio; todos nós podemos traçar o nosso próprio caminho, e Deus pode fazer com que até as nossas contradições se harmonizem com Seus fins solenes.

Apresentar-se-lhe-á uma ocasião de escolher. Um amor nobre e generoso pode produzir sua felicidade e salvá-lo; uma paixão frenética e egoísta não faria mais do que levá-lo à miséria e à desgraça.

— Pretende, então, ler o futuro?

— Eu disse tudo o que pretendia dizer.

— Vejo que é um grande moralista, senhor Zanoni, — disse Glyndon, sorrindo; — mas, diga-me: é tão indiferente à juventude e à beleza, que possa resistir estoicamente aos seus afagos?

— Se fosse necessário ajustar a prática ao preceito, — respondeu Zanoni, com um sorriso amargo, —

teríamos bem poucos conselheiros. A conduta de um indivíduo pode afetar somente um pequeno círculo fora dele; e o bem ou o mal permanente que faz aos demais, está, mais do que em outra coisa, nos sentimentos que difunde. As suas ações são limitadas e momentâneas; ao passo que seus sentimentos podem atravessar o universo e inspirar as gerações até ao fim do mundo. Todas as nossas virtudes e todas as nossas leis foram tiradas de livros e de máximas, isto é, de sentimentos, e não de ações. Em sua conduta, Juliano teve as virtudes de um cristão e Constantino os vícios de alguns pagãos. Os sentimentos de Juliano fizeram voltar milhares de pessoas ao paganismo; os sentimentos de Constantino ajudaram, debaixo da vontade do Céu, a converter ao cristianismo as nações da terra. Em sua conduta, o mais humilde pescador daquela praia, que crê nos milagres de São Januário, pode ser um homem melhor do que Lutero; não obstante, Lutero produziu urna revolução nas ideias

da Europa moderna, devido aos seus pensamentos e sentimentos. Nossas opiniões, jovem inglês formam em nós a parte angélica, e nossas ações a parte terrestre.

— Para ser italiano, tem refletido muito profundamente.

— Quem lhe disse que eu sou italiano?

— Então não é? E, sem embargo, quando o ouço falar o meu próprio idioma natal como poderia falá-lo só um inglês quase...

Ba! — interrompeu Zanoni, com certa impaciência.

E depois de alguns momentos de silêncio, prosseguiu com afabilidade: — Senhor Glyndon, renuncia a Viola Pisani? Quer alguns dias para refletir sobre o que lhe disse?

— Renunciar a ela? Nunca!

— Então vai se casar com ela?

— Impossível!

— Seja, pois; será ela quem renunciará. Digo-lhe outra vez que têm rivais.

— Sim, o Príncipe de ***; porém, não o temo.

— Tem um outro, muito mais terrível.

— E quem é?

— Eu mesmo.

Glyndon empalideceu e levantou-se da cadeira.

— O senhor Zanoni! E atreve a dizer?

— Atrever-me! Ah! Há ocasiões em que eu desejaria ter medo.

Estas palavras altivas foram ditas sem arrogância; o tom da voz de Zanoni era triste e melancólico.

Glyndon, apesar de sentir o coração cheio de ira, permaneceu, por alguns instantes, confuso e como que aterrorizado. Entretanto, como possuísse um valente coração, recobrou prontamente a serenidade.

— Senhor, — disse ele, calmamente, — não me deixo iludir com

essas frases solenes e com essas coisas místicas que a si se atribui. É possível que tenha poderes que eu não compreenda, nem poderia imitar, ou talvez não seja mais que um astuto impostor...

— Bem, continue!

— Quero dizer, pois, — prosseguiu Glyndon, com resolução, ainda que um tanto desconcertado — quero fazer-lhe compreender que não me deixo convencer ou obrigar por um estrangeiro, a casar-me com Viola Pisani, e que, não obstante, não me sinto inclinado a cedê-la tranquilamente a outrem.

Zanoni dirigiu um olhar sério ao jovem, cujos olhos brilhantes e faces afogueadas manifestavam claramente que estava resolvido a sustentar a palavra.

— Tão animado se sente? — perguntou-lhe a estranha personagem. — Está bem. Porém, aceite o meu aviso: aguarde ainda nove dias, e então me dirá se quer ou não se casar com a criatura mais formosa e mais pura que encontrou neste mundo.

— Mas, se você a ama por que... por que?...

— Porque desejo que ela se case com outro? Porque quero desviá-la de mim! Escute-me. Esta menina, embora seja humilde e de modesta educação, possui todos os dons que podem elevá-la às mais altas qualidades e às mais sublimes virtudes. Ela pode ser tudo quanto seja possível para o homem a quem ame, tudo quanto o homem pode desejar numa mulher. A sua alma, desenvolvida pelo afeto, elevará a sua; terá notável influência sobre a sua fortuna, engrandecerá o seu destino, chegará a ser um grande homem e feliz. Se, ao contrário, Viola for minha, não sei o que será dela; mas sei que existe uma prova pela qual poucos podem passar, uma prova à qual, até agora, não sobreviveu mulher alguma.

Enquanto Zanoni pronunciava estas palavras, a sua face tornou-se pálida, e havia em sua voz algo que gelou o sangue do jovem que

o escutava.

— Qual é, pois, este mistério que vos rodeia? — exclamou Glyndon, incapaz de reprimir sua emoção. —

Você é efetivamente diferente dos demais homens? Tem passado além do limite da ciência oficial? E, como alguns asseveram, um feiticeiro, ou somente um...?

— Silêncio! — interrompeu Zanoni afavelmente e com um sorriso que expressava uma singular e melancólica doçura; — creio que não adquiriu o direito de fazer-me estas perguntas... Embora haja na Itália ainda uma Inquisição, o seu poder é tão débil como o de uma folha que o primeiro sopro de vento leva quem sabe onde. Os dias de tortura e de perseguição já se foram; e o homem pode viver como lhe agrada e falar o que quiser, sem que deva temer a fogueira e a roda. E visto que posso desafiar a perseguição, perdoe se não cedo à curiosidade.

Glyndon levantou-se. Apesar do seu amor por Viola, e apesar do temor natural que lhe infundira um rival como Zanoni, o jovem se sentia irresistivelmente atraído para o homem do qual só tinha motivos para suspeitar e temer. Ele estendeu a mão a Zanoni, dizendo-lhe: — Bem; se tivermos que ser rivais, as espadas decidirão a nossa sorte; mas até lá eu desejaria que fôssemos amigos.

Amigos! Não sabe o que está pedindo.

— Outra vez enigmas?!

— Enigmas! — exclamou Zanoni, com exaltação. — Ah! Se sente capaz de resolvê-los? Só quando você puder, poderei dar-lhe a minha mão direita e chamar-lhe meu amigo.

— Eu seria capaz de tudo, para alcançar a sabedoria super-humana, — afirmou Glyndon. E o seu semblante brilhou com o fogo de um estranho e intenso entusiasmo.

As sementes do antepassado vivem no jovem, — murmurou

Zanoni; — ele talvez possa... porém...

E, tirando-se da sua meditação, disse em voz alta:

— Vá, Sr. Glyndon; tornaremos a ver-nos; mas eu não lhe pedirei a resposta senão quando se aproximara hora da decisão.

CAPÍTULO VI

"It is certain that this man has an estate of fifty thousand livers and seems to be a person of very great accomplishments.

But, then, if is a wizard. are wizards so devoutly given, as this man seems to be?

In short, I could make neither head nor tail on it".

The Count of Cabalis; translation affixed to the second edition of the "Rape of the Lock".

"É certo que este homem possui bens no valor de cinquenta mil francos, e parece ser uma pessoa de muito talento.

Mas então, se ele é um feiticeiro, demonstram os feiticeiros tanta devoção como este homem parece ter? Em breves palavras, eu não compreendo tudo isto".

De todas as fraquezas que são objetos de burlas por parte dos homens de escassa inteligência, nenhuma é por eles mais ridicularizada do que a credulidade. E de todos os sinais de um coração corrompido e de uma inteligência curta, a tendência à incredulidade é o sinal mais seguro.

A verdadeira filosofia prefere antes tentar resolver o problema, ao invés de negá-lo. Enquanto ouvimos, diariamente, os pequenos pedantes que pretendem ser homens de ciência, falarem dos absurdos da alquimia e do sonho da Pedra filosofal, outros homens mais eruditos confessam que as maiores descobertas científicas se devem aos alquimistas, e que muitos segredos poderiam ser ainda decifrados, se possuíssemos a chave da mística fraseologia que os

alquimistas se viam obrigados a empregar e cujo conhecimento nos abriria o caminho para aquisições ainda mais preciosas. À alguns dos mais notáveis químicos do nosso século, a Pedra Filosofal, não pareceu ser uma ilusão quimérica. É verdade que o homem não pode contrariar as leis da Natureza; porém, podemos dizer que todas as leis da Natureza já foram descobertas?

— Dê-me uma prova de sua arte, — diz todo o investigador racional. — Quando eu tiver visto o efeito, esforçar-me-ei, juntamente consigo, para verificar as causas.

Quando Clarêncio Glyndon se separou de Zanoni, um dos seus primeiros pensamentos foi recordar-se dos efeitos que testemunhara. Mas Glyndon não era um "investigador racional". Quanto mais vaga e misteriosa era a linguagem de Zanoni, tanto maior impressão fazia nele. Uma prova teria sido para ele uma coisa tangível, à qual teria procurado agarrar-se; e achar o sobrenatural reduzido à Natureza, não teria sido mais do que uma desilusão para a sua curiosidade. Às vezes, se esforçava, mas em vão, por libertar-se de sua credulidade e abraçar o ceticismo que invocava, para reconciliar o que ouvira, com os prováveis motivos e desígnios de um impostor. Porém Zanoni, quaisquer que fossem as suas pretensões, não fazia dos seus poderes, como Mesmer e Cagliostro, um objeto de especulação ou fonte de ganância; nem era Glyndon homem cuja posição pudesse sugerir a ideia de impressionar a sua imaginação para fazê-lo servir de instrumento a seus projetos, fossem este de avareza ou de ambição. Não obstante, de vez em quando, com a suspeita que é própria à generalidade dos homens não espiritualizados, o jovem tentava persuadir-se de que Zanoni agia, ao menos, sinistramente, induzindo-o ao que o seu orgulho inglês e sua maneira de pensar consideravam um aviltamento: — o casamento com a pobre atriz. Não podia existir algum acordo secreto entre Viola e o Místico? Não

seria essa história de profecias e ameaças apenas artifícios para enganá-lo? Glyndon começou a sentir um vago ressentimento para com Viola, por ter-se aliado a uma tal pessoa; ressentimento ao qual se mesclava um natural ciúme. Zanoni o ameaçava com sua rivalidade. Zanoni, que, quaisquer que fossem o seu caráter e as suas artes, possuía ao menos todos os atributos externos que deslumbram e dominam. Torturado pelo aguilhão da dúvida, Glyndon procurou distrair-se, frequentando, mais do que antes, os amigos que havia adquirido em Nápoles, principalmente artistas, como ele, literatos e ricos comerciantes que, se não gozavam dos privilégios da nobreza, competiam com ela em esplendor. Entre estes amigos, falava-se muito de Zanoni, o qual, não só para eles, como para os ociosos em geral, era um objeto de curiosidade e conjeturas.

Glyndon observou, como uma coisa notável, que Zanoni havia falado com ele em inglês manejando este idioma com tanta perfeição, que poderia bem passar por um compatriota seu. Por outra parte, Zanoni falava o italiano com igual pureza; e o mesmo sucedia com outros idiomas, pouco estudados por estrangeiros.

Um pintor sueco, que tinha falado com ele, afirmava que era filho da Suécia; e um comerciante de Constantinopla, que tinha vendido alguns de seus gêneros a Zanoni, era de parecer que somente um turco, ou, ao menos, uma pessoa nascida no Oriente podia possuir tão perfeitamente a suave entonação oriental. Entretanto, em todos estes idiomas, quando os comparavam, notava-se uma diferença apenas perceptível, não na pronúncia, nem no acento, mas na chave e no som da voz que o distinguia do natural do país cujo idioma falava. Esta faculdade, segundo Glyndon pôde recordar-se, era a que possuía uma seita, cujos dogmas e poderes não puderam nunca serem conhecidos senão parcialmente, e que se chamava Rosa-Cruz. O jovem inglês lembrava-se de ter ouvido falar,

na Alemanha, da obra de João Bringeret[2] , na qual se assegurava que os membros da verdadeira Fraternidade da Rosa-Cruz conheciam todas as línguas da terra. Pertenceria Zanoni a esta mística Fraternidade que, desde tempos remotíssimos, se gabava de possuir segredos, entre os quais, o da Pedra Filosofal era o mais insignificante; que se considerava herdeira de tudo o que os Caldeus, os Magos, os Ginosofistas e os Platônicos haviam ensinado, e que diferia de todos os tenebrosos Filhos da Magia pelas virtudes de sua vida, pela pureza das doutrinas, por sua insistência, como base de toda a sabedoria, em subjugar os sentidos, e pela intensidade da Fé Religiosa, — uma seita gloriosa, se não mentia? E, com efeito, se Zanoni possuía poderes que o faziam superior à raça atual de homens científicos, parecia que não fazia mal uso deles. O pouco que se sabia de sua vida, era em seu favor. Citavam-se dele alguns atos de generosidade e beneficência justamente aplicados, que deixavam surpreendidos os que ouviram referi-los, ao ver que um estrangeiro se achava tão bem informado sobre as obscuras e ignoradas necessidades que socorreras. Algumas pessoas, que ele havia visitado quando já estavam desenganadas e abandonadas pelos médicos, recuperaram então a saúde, ignorando totalmente, com quais remédios foram curadas.

Não podiam dizer senão que receberam a visita da estranha personagem e que esta as deixara curadas; geralmente, porém, antes do seu restabelecimento experimentaram um sono profundo.

Uma curiosa circunstância começou a ser notada e que também veio depor em favor desse homem. As pessoas com as quais costumava reunir-se, — os jovens alegres, os pródigos, os levianos, os transviados da classe mais polida da sociedade, — todos se encontravam, dentro em pouco, transformados, sem eles mesmos sentirem, despertando-se neles pensamentos mais puros e uma

tendência a reformar seus costumes. Até Cetoxa, o príncipe dos galanteadores, dos duelistas e dos jogadores, não era mais o mesmo homem, desde a noite das singulares aventuras que referira a Glyndon. O primeiro passo para a sua transformação foi retirar-se do jogo; o segundo, a sua reconciliação com um inimigo hereditário de sua família, — ao qual, por espaço de seis anos, havia provocado sempre, quando se lhe oferecia ocasião, para ver se podia ensaiar com ele sua inimitável manobra da estocada. E quando Cetoxa e seus jovens companheiros falavam de Zanoni, nenhum indício fazia suspeitar que esta mudança se devera, nem a conselhos, nem a uma austera admoestação. Todos descreviam Zanoni como um homem propenso ao divertimento; de maneiras não muito alegres, porém joviais; sempre pronto a escutar a conversação dos demais, embora insulsa, ou a encantar os ouvidos com o seu inesgotável fundo de anedotas brilhantes, e com sua grande experiência da sociedade. Todos os costumes, todas as nações, todos os graus de homens pareciam ser-lhe familiares. Só era reservado nos assuntos que podiam ter relação com o seu nascimento ou com a história da sua vida. A opinião mais geral que se tinha, de sua origem, parecia a mais plausível. A sua riqueza sua familiaridade com idiomas orientais, sua residência na Índia, certa gravidade que não o abandonava nem em seus momentos de alegria e franqueza, o famoso brilho dos seus olhos e cabelos pretos, e até as particularidades de suas formas, a delicada pequenez da suas mãos, e os contornos árabes da sua nobre cabeça, pareciam designá-lo como pertencente a alguma raça oriental.

E um estudante das línguas orientais pretendeu reduzir o simples nome de Zanoni**[**3**]**, que um século antes usara um inofensivo naturalista de Bolonha , às radicais da extinta língua caldaica Zan era o nome que os Caldeus empregavam para designar

o sol. Os Gregos, que mutilavam todos os nomes orientais, conservaram, neste caso, o nome verdadeiro, como o demonstra a inscrição cretense do sepulcro de Zeus. Quanto ao resto, o Zan era, entre os Sidonienses, um prefixo não desusado de On. "Adonis" não era mais do que um segundo nome dado a Zanonas, que, segundo recorda Hesychius, era muito venerado em Sidonia.

Mervale escutou com grande atenção esta profunda e erudita explicação, observando que, por sua parte, se atrevia a mencionar um importante descobrimento que tinha feito ele mesmo, já muito tempo antes, e que era o seguinte: que a numerosa família dos Smith, na Inglaterra, fora indubitavelmente os antigos sacerdotes de Apoio Frigio.

— Por que — disse ele — não era o sobrenome de Apoio, em Frigia, Smintheus? Este nome sofreu, em seguida, várias corrupções ou alterações: Smintheus, Smitheus, Smithé, Smith! Observei também que, nos nossos dias, os ramos mais ilustres desta distinta família, inconscientemente desejosos de aproximar-se, ao menos por uma letra, do nome verdadeiro, sentem um piedoso prazer em assinar o seu nome Smithe!

O filólogo, surpreendido com este descobrimento, pediu a Mervale permissão para anotá-lo como uma ilustração digna de figurar numa obra que ia publicar, relativa à origem da linguagem, a qual teria o título "Babel", e constaria de três volumes, para cuja publicação pediria as assinaturas adiantadas.

CAPÍTULO VII

"Learn to be poor in spirit, my son, if you would penetrate that sacred night which environs truth. Learn of the Sages to allow to the Devils no power in Nature, since the fatal stone has shut them up in the depth of the abiss. Learn of the Philosophers always to look for natural causes in an extraordinary events; and when such natural causes are wanting, recur to God".
The Count of Gabalis.

"Aprende a ser pobre em espírito, meu filho, se queres penetrar nessa noite sagrada que envolve a verdade. Aprende dos Sábios a não conceder aos Diabos nenhum poder na Natureza, desde que a pedra fatal os encerrou na profundidade do abismo. Aprende dos filósofos a procurar sempre causas naturais em todos os acontecimentos extraordinários; e quando faltarem tais causas naturais recorre a Deus".

Depois da ideia que Glyndon formara de Zanoni, todas estas informações sobre o estrangeiro e que ouvira nos vários lugares de reuniões e visitas que frequentava, não lhe agradaram. Naquela noite, Viola não representou no teatro; e, no dia seguinte, ainda perturbado por estranhas fantasias, aborrecido da sarcástica companhia da Mervale, Glyndon errava, pensativo, pelos jardins públicos, detendo-se por debaixo da árvore onde ouvira, pela primeira vez, a voz que havia exercido sobre a sua imaginação tão estranha influência. Os jardins estavam desertos. Ele sentou-se à sombra das árvores; dentro em pouco, quando absorto em

profundas meditações, tornou a experimentar o mesmo tremor frio que Zanoni definira tão exatamente, atribuindo-lhe uma causa extraordinária.

Glyndon fez um repentino esforço para levantar-se, e ficou sobressaltado ao ver sentado ao seu lado, uma pessoa bastante feia, que podia tomar-se perfeitamente por um desses seres malignos, dos quais Zanoni havia falado. Era um homem de pequena estatura, vestido com um traje muito diferente da moda dominante; afetava uma rusticidade e pobreza que se aproximava do desalinho. As largas calças de tecido grosseiro como a vela de um navio, a jaqueta desconcertada e com alguns rasgões, os pretos anéis de cabelos emaranhados, a saírem debaixo do gorro de lã, tudo isto formava estranho contraste com outras coisas que anunciavam nele um relativo bem estar. A camisa, aberta ao pescoço, estava presa por um broche de pedras preciosas, e duas correntes de ouro maciço deixavam ver o ridículo de levar dois relógios.

O aspecto deste homem, se não era de todo repugnante, era pouco recomendável. Os seus ombros eram altos e robustos; o peito parecia comprimido; as mãos, que não levavam luvas, eram grossas, e os dedos, cujas nodosas articulações revelavam grande força, contrastavam com o pulso delgado, como se não pertencessem ao mesmo indivíduo. As feições assumiam, às vezes, a dolorosa contratura que se observa no semblante de um aleijado, — eram largas, exageradas, e o nariz quase tocava à barba; os olhos eram pequenos, porém brilhavam com o fogo da astúcia quando se fixavam sobre Glyndon; a boca entreaberta deixava ver duas fileiras de dentes sujos, cariados e desiguais.

E sobre este horrível semblante ainda transluzia uma espécie de inteligência desagradável, uma expressão de ousadia sagaz; a quando Glyndon, voltando a si de sua surpresa, olhou fixamente o

seu vizinho, corou envergonhando-se da impressão que sentira, e reconheceu um artista, francês, que pertencia ao número dos seus conhecidos, e era possuidor de grande talento.

Era coisa verdadeiramente notável que esta criatura, cujo exterior era completamente desprovido de atrativos, se deleitasse particularmente nas pinturas tão cheias de majestade e grandeza. Conquanto o colorido dos seus quadros fosse duro e sombrio, como era costume geral da escola francesa daquele tempo, os seus desenhos eram admiráveis pela harmonia, pela singela elegância e pelo vigor clássico, apesar de carecerem, às vezes, dessa graça requintada e ideal. Este pintor preferia os assuntos que se referiam à história romana, aos que representavam as belezas da Grécia ou às sublimes histórias da Sagrada Escritura, que inspiraram a Rafael e a Michel Ângelo. A grandeza de seus desenhos não era a dos deuses ou dos santos, porém a dos mortais. A beleza das suas concepções era do gênero que a vista não pode censurar, porém que a alma não reconhece. Em uma palavra, como se dizia de Dionísio, era um "Antropófago", um pintor de homens.

Notava-se também uma grande contradição neste homem: ao passo que se entregava com extravagantes excessos a todas as paixões, tanto ao ódio como ao amor, sendo implacável na vingança e insaciável na devassidão, costumava usar frases cheias dos mais belos sentimentos de exaltada pureza e genial filantropia. O mundo não era bastante bom para ele; este homem era, valendo-nos de uma frase alemã, um "reformador do mundo".

Contudo, o esgar sarcástico dos seus lábios parecia zombar dos sentimentos que manifestava, como se quisesse dar a entender que era superior até ao mundo que desejava construir.

Este pintor estava em íntima correspondência com os Republicanos de Paris, e era tido por um desses missionários que,

desde o primeiro período da Revolução, os regeneradores do gênero humano se compraziam em enviar aos vários Estados que ainda gemiam na escravidão, fosse pela tirania de um homem ou pelo despotismo das leis. Certamente, como disse um historiador italiano (Botta), não havia, na Itália, nenhuma cidade onde essas novas doutrinas fossem acolhidas com maior fervor do que em Nápoles, um tanto devido ao ardente temperamento do povo, e principalmente porque os mais odiosos privilégios feudais, embora diminuídos alguns anos antes, pelo grande ministro Tanucini, ofereciam tantos males na vida prática, que o povo achava mais sedutora a forma das promessas que fazia a Novidade.

Este homem, a quem chamaremos Jean Nicot, era, portanto, uma espécie de oráculo para os jovens de ideias mais exaltadas de Nápoles; e antes que Glyndon conhecesse a Zanoni, não era dos que menos deslumbrados estavam pelas eloquentes aspirações do feio filantropo.

— Há tanto tempo que não nos vemos, "cher confrère" (querido confrade) — disse Nicot, aproximando a sua cadeira da de Glyndon, — que não deve surpreender-se que o veja com grande prazer, e até tomo a liberdade de interromper as suas meditações.

Que eram, por sinal, bem desagradáveis — respondeu Glyndon; o momento não podia ser mais asado para interromper-me.

— Alegrar-se-á em saber, — continuou Nicot, tirando um pacote de cartas da algibeira, — que a grande obra marcha com maravilhosa rapidez? Mirabeau faleceu, é verdade; mas, com os diabos! Cada francês agora é um Mirabeau.

Dizendo isto, Nicot pôs-se a ler e comentar vários animados e interessantes tópicos de sua correspondência, onde a palavra "virtude" aparecia vinte e sete vezes, e nenhuma vez se falava de Deus.

Depois, entusiasmado pelo brilhante porvir que se abria à sua vista, começou a entregar-se ao gozo antecipado dessas promessas do futuro, cuja descrição já ouvimos da extravagante eloquência de Condorcet. Todas as virtudes velhas foram destronadas e substituídas por outras com que adornavam o novo Panteon: o patriotismo era um sentimento muito limitado; a filantropia devia substituí-lo. O único amor digno de animar o peito de um homem generoso seria aquele que abraçasse toda a humanidade, ardendo tanto para a Índia e os polos como para o torrão natal. A opinião devia ser tão livre como o ar; e, para consegui-lo, era necessário exterminar todos aqueles, cujas ideias não fossem as mesmas que os do Sr. Jean Nicot.

Muitas destas coisas divertiam a Glyndon, e muitas lhe repugnavam; porém quando o pintor passou a falar de uma ciência que todos compreenderiam, e cujos resultados todos desfrutariam, — uma ciência que, tendo por base a igualdade das instituições e de cultura mental, daria à todas as raças humanas riqueza sem trabalho e uma vida isenta de cuidados e desgostos, mais longa do que a dos patriarcas, — então Glyndon escutou com interesse e admiração, se bem que com certo desassossego.

— Observe — disse Nicot — quantas coisas que hoje consideramos como virtude serão então rejeitadas como baixeza. Os nossos opressores, por exemplo, nos pregam a excelência da gratidão. Gratidão! A confissão da inferioridade! Que pode haver mais odioso para um espírito nobre do que o humilhante sentimento de obrigação? Porém, onde há igualdade, o poder não conseguirá escravizar o mérito. O benfeitor e o cliente deixarão igualmente de existir, e...

— Entretanto, — disse uma voz baixa a seu lado, — e, entretanto, Jean Nicot?

Os dois artistas sobressaltaram-se, e Glyndon reconheceu Zanoni. Este fixou sua vista com severidade sobre Nicot, o qual o olhava de soslaio, tendo espalhada no semblante uma expressão de terror.

E era ele, Nicot, que não temia nem a Deus, nem ao diabo, que estava ali assustado e a tremer à vista de um homem!

— Não é esta a primeira vez que tenho sido testemunha de suas opiniões à cerca do nenhum valor da gratidão — disse Zanoni.

Nicot reprimiu uma exclamação e, depois de dirigir a Zanoni um olhar sinistro em que se revelava um ódio impotente e inexplicável, retrucou: — Não o conheço; que quer de mim?

— Que se ausente daqui e nos deixe sós. Nicot deu um passo para diante, crispando os punhos e cerrando os dentes, como um animal feroz enraivecido. Zanoni, sem fazer o menor movimento, dirigiu-lhe um olhar altivo acompanhado de um sorriso de desprezo. Nicot deteve-se de repente ante esse imponente olhar que o fez estremecer da cabeça aos pés e, em seguida, com um visível esforço, como se agisse impelido por uma força exterior, foi-se embora.

Glyndon estava positivamente surpreso.

— Como conhece esse homem? — perguntou-lhe Zanoni.

— Conheço-o como companheiro de arte, — respondeu o jovem.

— De "arte"! Não profane esta maravilhosa palavra. O que a Natureza é para Deus, a arte deveria ser para o homem, uma criação sublime, benéfica e genial. Esse miserável pode ser um pintor, porém não um artista".

— Por que fala assim dele, senhor? Que é que sabe deste homem?

— Sei o bastante para preveni-lo contra ele; os seus próprios lábios manifestam a fealdade do seu coração.

Que necessidade tenho de dizer-lhe os crimes que cometeu?

Tudo nele fala de crime.

— Parece, senhor Zanoni, que não é um dos admiradores da Revolução que se aproxima. Talvez deteste esse homem porque lhe desagradam suas opiniões?

— Que opiniões?

Glyndon sentiu-se bastante embaraçado para querer defini-las; por fim, disse: — Suponho que, entre todos os homens, não pode estar contra a doutrina que prega o melhoramento infinito da espécie humana.

— Tem razão; os poucos, em cada século, produzem o progresso dos muitos; os muitos podem agora ser tão sábios como foram os poucos; mas o progresso fica estacionário, se me diz que agora os muitos são tão sábios como o são os poucos.

— Compreendo; não quer admitir a lei da igualdade universal!

— A lei! Ainda que todo o mundo se conspirasse para reforçar a mentira, não conseguiriam fazê-la lei.

Nivele todas as condições de hoje, e não fará mais que preparar o caminho para a tirania de amanhã.

Uma nação que aspira à igualdade é incapaz de gozar liberdade. Em toda a criação, desde o arcanjo até ao verme, desde o Olímpo até o seixo, desde o radiante planeta perfeito até à nebulosa que, através dos séculos de névoa e viscosidade, se vai consolidando até tornar-se um mundo habitável, a primeira lei da Natureza é a desigualdade.

— Doutrina dura quando se aplica aos Estados. Não desaparecerão nunca as cruéis desigualdades da vida?

— Desigualdades da vida física? Oh esperemos que estas sim desaparecerão. Porém, as desigualdades da vida intelectual e da vida moral, nunca! Igualdade universal da inteligência, de gênio, de virtude! Deixar o mundo sem um mestre! Sem um homem que seja mais sábio e melhor do que os outros! Se isto não fosse uma coisa

impossível, que perspectiva desesperada seria para a humanidade! Não; enquanto existir o mundo, o sol iluminará o cume das montanhas sempre primeiro do que a planície. Difunda todos os conhecimentos que contém a terra, hoje, entre a humanidade, para cada um ter deles porção igual à dos outros, e amanhã já haverá homens que saberão algo mais do que o resto. E isto não é uma lei dura, mas é uma lei benéfica, — a verdadeira lei do progresso; quanto mais sábios são os poucos numa geração, tanto mais sábia será a multidão na geração vindoura!

Enquanto Zanoni assim falava, iam andando pouco a pouco, pelos jardins risonhos, e o sol do meio-dia brilhava na formosa baía. Uma brisa fresca e suave temperava aquela hora de calor, encrespando a água do mar; e, na serenidade da atmosfera, havia algo que deliciava os sentidos. A alma parecia tornar-se mais leve e mais pura nesse ar lúcido.

— E estes homens, ao começarem sua era de melhoramento e igualdade, têm zelos até do Criador! Queriam negar uma inteligência, um Deus! — continuou Zanoni, como se falasse involuntariamente. — é possível que, sendo você um artista, e contemplando o mundo, possa prestar ouvido à semelhante dogma? Entre Deus e o gênio existe um elo necessário, — ao menos uma linguagem correspondente. Disse um pitagórico (Sextus): "Um bom intelecto é o coro da divindade".

Surpreendido e admirado destes sentimentos, que não esperava existirem num homem a quem ele atribuía aqueles poderes que os supersticiosos atribuem aos que pactuam com o gênio do mal, Glyndon disse: — E, contudo, você confessou que a sua vida, separada da vida dos outros homens, é de uma espécie que a gente temeria compartilhar. Existe, pois, alguma relação entre a magia e a religião?

— Magia! — exclamou Zanoni. — E que é a Magia? Quando o viajante contempla, na Pérsia, as rumas de palácios e de templos, os ignorantes moradores daquelas regiões lhe dizem que aqueles monumentos foram a obra de magos. O vulgo não compreende que possa estar legalmente em poder de outros o que está fora do seu próprio poder. Se, porém, por magia você entende um perpétuo estudo e pesquisa incansável de tudo o que é mais latente e obscuro na Natureza, respondo-lhe que professo essa magia, e que aquele que faz o mesmo, aproxima-se mais da fonte de toda a crença. Não sabe que se ensinava a magia nas escolas dos antigos? Porém, como e por quem? Como a última e a mais solene lição, pelos Sacerdotes que serviam no Templo**[**4**]**. E você, que quer ser um pintor, não sabe que existe uma magia também na arte a que se dedica? Depois de longos estudos do Belo que tem existido, não se sente levado a novas e aéreas combinações de uma beleza que deverá existir? Não vê que a arte mais sublime, sela a do poeta ou a do pintor, buscando sempre o verdadeiro, aborrece o real? Que deve tratar a Natureza como seu senhor, e não como seu escravo? Procure obter o domínio sobre o passado e uma concentração do futuro como o passado? Você acaricia em sua imaginação os seres invisíveis; e que é a pintura, senão a arte de dar forma e realidade ao Invisível? Está descontente com este mundo? Este mundo nunca foi suficiente para um gênio! Para poder existir, o gênio há de criar um outro mundo. Que mais pode fazer um mago? Ou, por outra, que ciência pode fazer outro tanto? Há dois caminhos que, das pequenas paixões e das tristes calamidades da terra, conduzem ao céu e se afastam do inferno; estes caminhos são a arte e a ciência. Mas a arte é mais divina do que a ciência, porque a ciência só descobre, ao passo que a arte cria. Você possui faculdades que podem dominar a arte; contente-se com a sua sorte. O astrônomo que forma o catálogo das estrelas, não pode

acrescentar um átomo ao universo; o poeta pode evocar um mundo de um átomo. O químico, que combina substâncias, pode curar, com suas drogas, as enfermidades do corpo humano; o pintor ou o escultor reveste de uma eterna juventude formas divinas que não serão alteradas por doenças, nem desfiguradas pelos anos. Renuncie a esses instáveis caprichos que ora o impelem para mim, e ora para aquele reformador da raça humana; nós dois somos antípodas um do outro. O seu pincel é sua varinha poderosa; a sua tela pode criar utopias mais belas do que as de que sonha Condorcet. Não o aconselho que precipite a sua decisão; porém, o que mais pode pedir o homem de gênio para embelezar o seu caminho para o túmulo, do que amor e glória?

— Porém, — objetou Glyndon, fixando seriamente Zanoni, — poder para evitar a própria morte...

Zanoni franziu a testa e, depois de uma pausa, respondeu: — E ainda que houvesse tal poder, seria uma sorte agradável sobreviver a quantos lhe foram caros, e renunciar a todos os laços que constituem a felicidade humana? A mais bela imortalidade, talvez, que se possa alcançar na terra, é a que proporciona um nome nobre.

— Você não me responde — fala por enigmas. Tenho lido de existências que duraram muito mais tempo do que o homem comum costumava viver, continuou Glyndon, — e que alguns alquimistas possuíram este segredo — uma mera fábula o que se diz do elixir de ouro?

— Se não o é, e esses homens o descobriram, morreram porque não quiseram viver! Isto pode ser uma triste advertência à sua conjetura. Ouça-me: volte ao seu cavalete e à sua tela!

Ao dizer isto, Zanoni saudou o jovem e, com os olhos baixos e a passos lentos, encaminhou-se para a cidade.

CAPÍTULO VIII

"A ciência, para alguns, é uma grande deusa; para outros, porém, é apenas uma vaca leiteira, e estes cuidam sempre de calcular quanta manteiga lhes dará".
Schiller.

A última conversação com Zanoni produziu um efeito tranquilizador e salutar sobre a mente de Glyndon.

No meio da confusão que anuviara a sua mente, começou novamente a tomar corpo os felizes e dourados projetos próprios da juvenil ambição de um artista, para iluminarem o espaço como os raios do sol. E com estes projetos mesclava-se também a visão de um amor mais puro e sereno do que o que tinha concebido até então. Os seus pensamentos retrocederam aos tranquilos dias de sua infância, quando o gênio, não tendo ainda provado da fruta proibida, permanecia em toda a sua louçania, não conhecendo outra terra além do Éden amenizado por uma Eva.

Insensivelmente, foram desenvolvendo-se ante seus olhos as doces cenas do lar, sem necessidade de qualquer outra emoção do que a que lhe fornecia a sua arte, e o amor de Viola que o cercava de felicidade e contentamento; e, no meio destas fantasias de um futuro que podia realizar, viu-se restituído ao presente pela sonora voz de Mervale.

Quem estudou a vida das pessoas cuja imaginação é mais forte do que a sua vontade, e sabe quanto é fácil impressioná-las terá observado a influência que sobre tais naturezas exerce um caráter enérgico e conhecedor do mundo. Isto sucedia com Glyndon. O seu

amigo Mervale tinha-o tirado muitas vezes dos perigos a que o expuseram suas imprudências; e havia algo na voz de Mervale que apagava o seu entusiasmo, e com frequência fazia-o envergonhar-se ainda mais de seus nobres impulsos do que de uma conduta fraca; este amigo de Glyndon, embora homem honesto, não podia simpatizar com a extravagância da generosidade, e igualmente aborrecia a presunção e a credulidade. Seguia o caminho reto da vida, e sentia um igual desprezo para o homem que vagava pelos flancos dos montes, fosse para caçar uma borboleta, fosse para descobrir uma boa vista do oceano.

— Ainda que não seja Zanoni, — disse Mervale, rindo, — vou dizer-lhe, Clarêncio, seus pensamentos.

Conheço-os ao ver seus olhos ainda úmidos e o meio sorriso nos seus lábios. Está meditando sobre aquela linda perdição, — a jovem cantora do São Carlos.

A jovem cantora do São Carlos! Glyndon corou e respondeu:

— Falaria dela assim, se fosse minha esposa?

— Não! Porque se me atrevesse, então, a sentir algum desprezo, seria por ti. Pode-se olhar com repugnância ao enganador, porém despreza-se sempre a quem se deixou enganar, apesar de ser advertido.

— Está seguro que eu seria enganado, se efetuasse essa união? Onde encontrei uma mulher tão amável e tão inocente, e cuja virtude houvesse resistido a tanta tentação? Há a mais leve sombra que obscureça o nome puro de Viola Pisani?

— Não conheço todas as contadoras de novidades em Nápoles, — volveu Mervale, — e, por isso, não posso responder-lhe; sei, porém, que na Inglaterra ninguém acreditaria que um jovem inglês de boa fortuna e respeitável nascimento, casando-se com uma cantora do teatro de Nápoles, não tivesse caído lamentavelmente em

um grande engano. Quero salvá-lo de cometer uma tolice irreparável. Pense nas mortificações que teria de sofrer ao ver que os moços se apressariam a frequentar a sua casa, enquanto que as senhoras a evitariam cuidadosamente.

— Eu posso escolher meu próprio sistema de vida, — observou Glyndon, — onde não se necessita para nada a sociedade comum. Posso fazer com que o mundo me respeite por minha arte, e não pelos acidentes do nascimento e da fortuna.

— Quer dizer que persiste em sua segunda loucura, — a absurda ambição de borrar telas? Livre-me o céu de eu dizer alguma coisa contra a louvável indústria de quem segue esta profissão para ganhar com ela a sua subsistência; porém o meu caro Glyndon, que tem meios e altas relações na sociedade, por que quer reduzir-se a um mero artista? Para distrair as horas de ócio, ainda vá; porém, fazer da pintura a ocupação da sua existência, seria uma loucura.

— Os artistas têm sido amigos dos príncipes! — exclamou Glyndon.

— Muito raras vezes, creio eu, na sóbria Inglaterra, — retrucou Mervale. — Ali, no grande centro da aristocracia política, os homens respeitam o que é prático, e não o ideal. Permita-me que lhe apresente dois quadros pintados por mim. Eis o primeiro: Clarêncio Glyndon regressa à Inglaterra; casa-se com uma jovem de fortuna igual à sua, filha de amigos ou parentes que possam realizar sua natural ambição. Clarêncio Glyndon, transformado, assim, num homem rico e respeitável, como o seu talento e com suas energias concentradas, entra na vida prática.

Tem uma casa onde pode receber as pessoas cujas relações lhe dão honra e vantagens; pode dedicar-se a úteis estudos nas horas que lhe sobram; a sua reputação, fundada sobre uma base sólida, é respeitada por todos. Ele adere a um partido; entra na vida política; e

suas novas relações servem para ele alcançar tudo o que almeja. Que é o que Glyndon tem a probabilidade de ser na idade de quarenta e cinco anos? Posto que ambicioso, deixo-lhe a si mesmo o cuidado de responder a esta pergunta! Vamos, agora, ao outro quadro: Clarêncio Glyndon volta à Inglaterra com uma mulher que não lhe trás dinheiro algum, a não ser que a deixe continuar a cantar no teatro; esta mulher é tão formosa, que todos perguntam quem ela é, e, em pouco tempo, sabem que é a célebre cantora Viola Pisani. Glyndon se fecha para moer as tintas e pintar grandes quadros no estilo da escola histórica, que ninguém lhe compra. Tem um preconceito contra si: não estudou na Academia, é um pintor amador. Quem é o senhor Clarêncio Glyndon? Oh! O esposo da célebre Pisani! Que mais? Ah! Exibe aqueles grandes quadros! Pobre homem! É verdade que estes quadros têm seu valor; porém os de Tiniers e Watteau estão mais em moda, e não são mais caros.

Clarêncio Glyndon tinha uma fortuna regular, enquanto solteiro; mas agora tem uma numerosa família, e como a sua fortuna não melhorou com o casamento, só se pode permitir despesas muito limitadas, e há de impor-se certas privações. Ele se retira para o campo, para precaver-se da necessidade e para pintar; vive abandonado e descontente. “O mundo não faz caso de mim”, diz, e retira-se do mundo social. Na idade de quarenta e cinco anos, o que será Clarêncio Glyndon? A sua ambição que responda também a esta pergunta!

— Se todos os homens pensassem assim tão mundanamente — disse Glyndon, levantando-se, — não teria havido, nem nunca haveria, no mundo, um artista ou um poeta.

— E talvez passássemos muito bem sem eles, — respondeu Mervale. — Mas... não será já tempo de pensarmos na comida?

Estes peixes aqui são muito saborosos!

CAPÍTULO IX

"Wollt ihr hoch auf ihren Flügen schweben, Werft die Angst des Irdischen von euch!
Fliehet aus dem engen, dumpfen Leben In des Ideales Reich!"
Das Ideal und das Leben.

"Quer levantar-se alto em suas asas?
Atire longe de si a ânsia do peso terrestre!
Fugindo da vida estreita e abafada das realidades, entre no reino do Ideal".

Assim como alguns mestres pouco judiciosos rebaixam e corrompem o gosto do discípulo, fixando a sua atenção no que chamam o Natural, mas o que, em realidade, não é mais do que uma vulgaridade, e não compreende que a beleza na arte é criada pelo que Rafael descreve tão acertadamente, a saber: a ideia da beleza na própria mente do pintor, e porque não sabem que em toda a arte, seja a sua plástica expressão feita em palavras ou em mármore, em cores ou em sons, a servil imitação da Natureza é o trabalho dos jornaleiros e dos aprendizes; assim, no que se refere à conduta, o homem do mundo perverte e rebaixa o nobre entusiasmo das naturezas idealistas, pela contínua redução de tudo o que é generoso e digno de confiança, ao trivial e grosseiro. Um grande poeta alemão definiu bem a distinção que há entre a discrição e a sabedoria mais larga, dizendo que nesta há certa temeridade que aquela desdenha. "O míope vê apenas a costa que se afasta, e não aquilo a que a ousada onda o transporta".

Entretanto, na lógica do homem prudente e homem do mundo encontra-se frequentemente um raciocínio a que é difícil opor uma objeção.

Há de ter um sentimento, uma fé em coisas que representem o sacrifício de si próprio e algo divino, seja em religião ou em arte, em glória ou em amor; e se não tem a fé firme, o sentido comum lhe apresentará uma razão que tira ao sacrifício todo o valor, e um silogismo reduzirá o divino a um objeto mercantil.

Todos os verdadeiros críticos de obras de arte, desde Aristóteles e Plino, Winkelmann e Vasari, até Reinolds e Fuseli, se esforçaram por convencer o pintor que não deve copiar a Natureza, porém exaltá-la; que a arte de ordem mais elevada, escolhendo só as mais sublimes combinações, é perpétua luta da Humanidade para aproximar-se dos deuses. O grande pintor, da mesma forma que o grande autor, incorpora o que é possível ao homem, é verdade, porém o que não é comum à humanidade. Há verdade em Hamlet; em Macbeth e suas feiticeiras; em Desdemona; em Otelo; em Próspero e em Caliban; há verdade nos cartões de Rafael; há verdade no Apoio, no Antinous e no Lacoonte. Porém, não encontrará o original das palavras, dos cartões, ou do mármore, nem na rua de Oxford, nem na de Santiago. Todas estas, tornando a Rafael, são produções da ideia da mente do artista. Esta ideia não é inata; proveio de um intenso estudo; porém, esse estudo ocupou-se do ideal que pode ser dirigido do positivo e do existente a um elevado grau de grandeza e beleza. O mais vulgar modelo pode tornar-se cheio de esquisitas sugestões a quem tem formado esta ideia, uma Vênus de carne e osso baixaria à vulgaridade pela imitação de quem não tem a noção do ideal que ela representa.

Guido, a quem se perguntou de onde tirava seus modelos, chamou um simples porteiro e fez ver que de um rústico original

obtinha uma cabeça, de beleza surpreendente. Aquela cabeça assemelhava-se à do porteiro; porém o pincel do pintor a idealizou, transformando-a numa cabeça de herói. Aquela pintura era verdadeira, mas não era o retrato real ou realista. Há críticos que vos dirão que o Aldeão de Teniers é mais fiel à Natureza do que o Porteiro de Guido. O público vulgar dificilmente compreende, mesmo na arte, o princípio idealizador, porque a arte sublime é um gosto adquirido.

Porém, volvamos à minha comparação. Ainda menos do que o princípio idealizador se compreende o princípio de benevolência na conduta do homem. Assim os conselhos da prudência mundana desviam tão frequentemente dos perigos da virtude, como dos castigos do vício; porém, na conduta, como na arte, existe uma ideia do grande, do sublime, por meio da qual os homens poderiam engrandecer as ações mais vulgares e triviais da vida.

Glyndon, sentindo a sóbria prudência dos raciocínios de Mervale, recuou diante do quadro provável apresentado à sua vista interna, em sua devoção ao talento artístico que possuía, e para não ceder a uma forte paixão que, se fosse bem dirigida, podia purificar a sua existência como um forte vento purifica o ar.

Porém, embora não pudesse se resolver a seguir os conselhos do seu prudente amigo, também não teve a coragem de deixar de perseguir Viola. Temendo que os conselhos de Zanoni exercessem uma influência demasiado grande no seu coração, evitava, nos últimos dois dias, a entrevista com a jovem atriz. Mas esta precaução não evitou que, na noite da sua última conversação com Zanoni e com Mervale, tivesse alguns sonhos tão distintos do quadro que lhe descrevera o seu amigo e compatriota, e tão semelhantes ao que a respeito do seu futuro lhe havia predito Zanoni, que pensaria talvez que este lhe tinha enviado do palácio do sonho, para acalmar os

pensamentos que o atormentavam.

Um tanto impressionado resolveu ir ver outra vez Viola e, sem um objetivo definido ou distinto, cedeu ao impulso do coração.

CAPÍTULO X

"Oh sollecito dubbio e freda tema Che pensando láccresci".
Tasso, canzone VI

"Oh, solícita dúvida e frio medo, que aumenta ao pensar"

A jovem atriz estava sentada diante da porta de sua casa. O mar, na encantadora baia que tinha diante dos olhos, parecia dormir nos braços da praia, enquanto à sua direita, não muito distantes, se elevavam as negras e amontoadas rochas de onde o viajante de hoje vai contemplar a tumba de Virgílio, ou comparar com a caverna de Posilipo a catacumba de Highgate Hill.

Alguns pescadores vagavam por aqueles rochedos, sobre os quais haviam posto a secar as suas redes; e lá ao longe, de vez em quando, o som de alguma flauta (mais comum então do que agora) se mesclava ao ruído das campainhas das mulas preguiçosas e vinha interromper aquele voluptuoso silêncio que reina nas praias de Nápoles pelas horas do meio-dia. Nunca, enquanto não o tiver desfrutado, nunca, enquanto não houver sentido sua deliciosa languidez, não poderá você compreender toda a significação do "dolce far niente" (isto é, o prazer de não fazer nada); e uma vez conhecido este suave estado, quando tiver respirado a atmosfera daquela linda terra, não se admirará mais que o coração amadurece e frutifica tão prestes e tão abundantemente debaixo do firmamento rosado e sob os gloriosos raios solares do Sul.

Os olhos da atriz haviam-se fixado no vasto e profundo mar azulado que se estendia diante dela. O desusado descuido do seu

traje revelava um estado de abstração. Os lindos cabelos estavam enrolados sena arte, e parcialmente atados com um lenço cuja cor de púrpura fazia ressaltar mais o brilho dos seus caracóis. Um anel das soberbas madeixas, que se desprendera inadvertidamente, caia-lhe sobre o colo gracioso. Trajava uma bata ampla ajustada ao talhe por um cinto, e o ligeiro sopro da brisa, que o mar enviava de vez em quando, vinha expirar no seu peito semi descoberto; e as minúsculas chinelas, que até Cinderela poderia calçar, pareciam um mundo demasiadamente espaçoso para o delicado pé que só em parte cobria. Talvez fosse o calor do dia que houvesse aumentado a cor rosada das suas faces, e dava uma extraordinária languidez aos seus grandes olhos negros. Nunca Viola, com toda a pompa do seu traje teatral, e todo o brilho que ao seu semblante comunicara o resplendor das lâmpadas, havia parecido tão formosa.

Ao lado da atriz, no umbral da porta, estava Gianetta, com as mãos metidas nas enormes algibeiras do avental.

— Mas eu lhe asseguro — disse a aia, esse tom agudo, rápido e pouco melodioso, que é tão comum às anciãs do sul — eu lhe asseguro, minha querida, que não há, em toda Nápoles, um cavalheiro mais fino, elegante belo do que este inglês; e ouvi dizer que todos os ingleses são mais ricos do que parecem.

Embora eles não tenham árvores no seu país, pobre gente! E em vez de vinte e quatro, só tenham doze horas no seu dia; fui informada que seus cavalos têm ferraduras de ouro; e como estes senhores ingleses — pobres heréticos! — não podem fazer vinho, porque não têm uvas, preparam remédios de ouro e tomam um copo ou dois de dinheiro de ouro, quando se sentem atacados de cólicas. Porém, vejo que não me escuta, minha queridinha, e então?...

— Todas estas coisas se dizem de Zanoni! — disse Viola, como a si mesma, sem fazer caso dos elogios que Gianetta tributava a

Glyndon e aos ingleses.

— Virgem Maria! Não fale desse terrível Zanoni. Pode estar bem certa de que a sua formosura, como também as suas bonitas moedas de ouro, é tudo bruxaria. Cada quarto de hora vou olhar o dinheiro que ele me deu noutra noite, para ver si se converteu em pedra.

— Crê realmente — perguntou Viola, com tímida seriedade — que existe a bruxaria?

— Se o creio! Creio-o, como creio no bendito São Januário. Como pensa que Zanoni curou o velho Felipe, o pescador, quando o médico o deixou porque não havia remédio para a sua doença? Como pôde ele ter conseguido viver pelo menos trezentos anos? E como pensa que ele fascina aos que olha e faz com que se submetam à sua vontade, tal e qual como os vampiros?

— Ah! É bruxaria tudo isto? Sim, deve sê-lo! — murmurou Viola, empalidecendo.

Gianetta mesma não era mais supersticiosa do que a filha do músico; assim é que a inocência da jovem se alarmou ao sentir os efeitos de uma paixão original, atribuindo à magia o que outros corações mais experimentados teriam tido por amor.

— E depois, como é que esse grande Príncipe de *** ficou aterrorizado diante dele? Porque deixou de perseguir-nos? Por que ficou tão tranquilo e quieto? Não há, em tudo isto, bruxaria? — continuou Gioneta.

— Pensa, pois, — disse Viola, com certa timidez, — que devo esta felicidade e segurança à sua proteção?

Ah! Deixa-me que eu assim o creia! Não me diga mais nada, Gianetta! Por que, ó lindo Sol, não tenho senão a ti e aos meus terrores para consultar? — exclamou a jovem, pondo a mão sobre o coração, com apaixonado ardor. — Oh! Querido Sol, que ilumina tudo, menos este lugar. Vai Gianetta! Deixe-me só, quero ficar só;

deixe-me.

E, com efeito, já é hora que a deixe, pois, do contrário, perderíamos a "polenta", e você não provou nada em todo o dia. Se não come minha querida, perderá a sua beleza, e ninguém a olhará. Ninguém se importa com as mulheres feias, eu o sei; e se ficar feia, como a velha Gianetta, haverá de procurar alguma Viola, para ter consigo uma criatura bonita. Agora vou ver a "polenta".

— Desde que conheci este homem, — disse a jovem a meia voz, — desde que os seus negros olhos em mim se fitaram, sinto-me totalmente transformada. Desejaria fugir de mim mesma, desaparecer como os raios do sol detrás do horizonte; converter-me em alguma coisa que não seja deste mundo. De noite, uma multidão de fantasmas cruza por diante dos meus olhos, enquanto sinto no coração uma agitação como se fossem as asas de uma ave, quase como se o meu espírito aterrorizado quisesse fugir de sua prisão.

E, enquanto a atriz pronunciava estas incoerentes palavras, um homem aproximou-se dela, sem ser pressentido, e tocando-lhe levemente no braço, disse:

— Viola! Belíssima Viola!

A jovem voltou a cabeça e viu Glyndon. A presença do elegante mancebo tranquilizou-a algum tanto, dando-lhe mesmo prazer.

— Viola, — disse o inglês tomando-lhe a mão e fazendo-a sentar-se outra vez no banco do qual se tinha levantado, — é preciso que me escute. Deve já ter percebido que a amo. Não foi mera compaixão ou admiração o que me impeliu sempre e sempre para o seu lado. Se até aqui não tenho falado senão com os olhos, é porque certas razões mo impediram, hoje, nem sei dizer porque sinto-me com mais coragem para dirigir-me àquela de quem depende a minha felicidade ou a minha desgraça. Sei que tenho rivais, rivais que são mais poderosos do que o pobre artista; serão eles também mais

ditosos do que eu?

Viola corou levemente; porém, o seu aspecto era grave e um tanto abatido. A jovem permanecia com os olhos baixos e, enquanto traçava, com a ponta da chinela, algumas figuras hieroglíficas na areia, respondeu:

— Senhor quem quer que ponha seus pensamentos numa atriz, há de conformar-se em ter rivais. É nosso cruel destino não sermos sagradas nem a nós mesmas.

— Porém, diga-me Viola, não gosta desta carreira tão brilhante como é e na qual tem alcançado tantos e tão belos triunfos?

— Ah, não! — respondeu a atriz, com os olhos marejados de lágrimas. — Em outro tempo, anelei ser sacerdotisa do canto e da música; agora só sinto que é uma triste sorte ser escrava da multidão.

— Fujamos, pois, — disse o artista, apaixonadamente; — abandone para sempre a carreira que me rouba parte desse coração que eu somente quereria possuir. Compartilhe da minha sorte agora e sempre. Será o meu orgulho, a minha delicia, o meu ideal. Inspirará o meu pincel; a sua beleza será santa e admirada ao mesmo tempo. A multidão se aglomerará nas galerias de príncipes para contemplar a esfinge de uma Vênus ou de uma Santa, e um murmúrio de entusiasmo dirá: "Viola Pisani!" Ah! Viola, eu a adoro!

Diga-me uma palavra, uma só, de esperança.

— Glyndon, — redarguiu Viola, contemplando o seu apaixonado, enquanto este se lhe aproximava ainda mais e a olhava ansioso, ao mesmo tempo que lhe apertava suavemente a mão, — o que é que eu posso dar-lhe em troca?

— Viola! Belíssima Viola!

— Amor, amor, — nada mais que amor!

— Um amor de irmão?

— Ah! Porque é tão cruel para mim?

— Não posso amar-lhe de outra maneira, — respondeu a jovem. — Escute-me, peço-lhe. Quando o vejo e ouço a sua voz, sinto que uma calma doce e tranquila adormece meus pensamentos, ardentes e estranhos. Quando se ausenta, meu amigo, parece-me que uma nuvem obscurece o dia, porém essa nuvem não tarda em desaparecer. Não quero enganar-lhe; não sinto a sua falta, não o amo e darei a minha mão somente a quem eu amar.

— Mas não poderá vir a amar-me, um dia? O amor que acaba de descrever-me, em nossos climas tranquilos é o amor da inocência e da juventude.

— Da inocência!- repetiu Viola. — É certo? Talvez...

A jovem quedou-se pensativa, um instante e acrescentou, após um grande esforço: — Estrangeiro! Daria sua mão a uma órfã? Ah, o senhor ao menos é generoso! Não quer destruir a inocência!

Glyndon teve um sobressalto, como se fosse impelido por um remorso da consciência.

— Não, não é possível! — prosseguiu a jovem, levantando-se, sem suspeitar os pensamentos que cruzavam a mente do enamorado mancebo, pensamentos de vergonha e de suspeita ao mesmo tempo.

— Peço-lhe que se retire, e que me esqueça. O senhor não compreende, nem pode compreender a natureza o caráter da mulher que julga amar. Desde a minha infância, até agora, tenho sentido sempre como se estivesse destinada para não sei que fim estranho e sobrenatural; parece-me que sou o único ser de minha espécie. Este sentimento (Oh! Às vezes ele tem um não sei que de delicioso e vago, e outras vezes transforma-se numa aflição inexplicável) domina-me cada vez mais. Ele é como a sombra do crepúsculo, que se estende lenta e solenemente sobre a terra, anunciando a noite. A minha hora se aproxima; em breve será noite para mim!

Enquanto a jovem atriz falava, Glyndon escutava, visivelmente

comovido, como se fosse preso de uma forte agitação.

— Viola! — exclamou ele, quando a jovem cessou de falar, — essas palavras não fazem mais do que estreitar os laços que me ligam a ti. Eu sinto o mesmo que acaba de descrever-me. Eu também tenho sofrido sob a influência de uma voz terrível e misteriosa, que não pertence a terra. No meio das multidões, tenho-me sentido só. Nos meus prazeres, nas minhas aflições, em todos os meus intentos, essa voz murmura sempre no meu ouvido: "O tempo te reserva um negro mistério para provar a tua coragem". Quando ouço a sua voz, Viola, parece-me ouvir o eco da minha própria alma.

Viola contemplou-o com uma espécie de temor mesclado de admiração. O semblante da jovem estava, neste momento, branco como o mármore; e aquelas feições, tão divinas em sua rara simetria, podiam ter servido ao pintor grego para representar a Pitonisa, quando, em sua mística caverna e sentada junto à fonte murmurante, ouvia a voz do deus que a inspirava. A rigidez do seu formoso semblante foi desaparecendo pouco a pouco, a cor volveu-lhe às faces, o pulso batia novamente com regularidade e o coração reanimou-se.

— Diga-me, — perguntou Viola, voltando um pouco a cabeça, — conhece um estrangeiro nesta cidade, um homem de que se contam mil estranhas histórias?

— Fala de Zanoni? Sim, tenho-o visto; conheço-o... Ah! Ele também pode ser meu rival! Ele também pode arrebatar o meu amor!

— Engana-se, — respondeu Viola, com precipitação, exalando um profundo suspiro: — Zanoni advoga pelo meu caro Glyndon; foi ele quem me informou deste seu amor, e aconselhou-me que eu. . . o não rejeitasse.

— Ser misterioso! Enigma incompreensível! Porque me fala

dele? — exclamou Glyndon.

— Por que? Ah! Eu queria perguntar-lhe, quando viu esse homem pela primeira vez, aquele pressentimento, o instinto, de que me falou, se apresentou em sua mente mais aterrador, mais inteligível do que antes; se experimentou um sentimento que o arrastava para esse homem, ao mesmo tempo que outra coisa o mandava fugir de sua presença; se sentiu (e a atriz falava com inquieta animação) que o segredo da sua vida estava em relação com ele?

— Sim, — respondeu Glyndon, com voz trêmula, — senti tudo isto pela primeira vez que me encontrei em sua presença. Apesar de ser alegre tudo o que me rodeava, — música, iluminação entre as árvores, conversação agradável ao redor de mim, e o céu acima de mim, sem nuvens, — os meus joelhos tremiam, os meus cabelos se eriçavam, e parecia-me que o sangue se gelava em minhas veias. Desde então, este homem está constantemente nos meus pensamentos.

— Basta! Basta! — exclamou Viola, com voz agitada. — Em tudo isto, há de estar a mão do destino. Por enquanto, não posso falar mais contigo. Adeus!

E, ao dizer isto, entrou precipitadamente em casa, e fechou a porta.

Glyndon não a seguiu, nem pensou, por mais estranho que o julguemos, em segui-la. A recordação daquela noite de luar nos jardins e da misteriosa conversação de Zanoni sufocou no seu coração, as paixões humanas. Naquele momento, a imagem de Viola passou como uma sombra, ao mais recôndito recesso do seu coração. Quando se levantou para retirar-se, sentiu que tinha frio, apesar dos ardentes raios de sol e, em seguida, com passo lento, e entregue à meditação, encaminhou-se para a parte mais movimentada da mais

rumorosa das cidades italianas.

NOTAS LIVRO SEGUNDO

[1] luminoso, uma palavra usada pelos místicos platonistas (Marc. Ant., lib. 2). A esfera da alma é luminosa quando nada que pertence ao mundo exterior, está em contato com ela, mas a alma, iluminada por sua própria luz, vê a verdade de todas as coisas, e a verdade que se concentra nela mesma. É, pois Augoeides, o que chamamos o "Eu Superior".

[2] Publicada em 1615.

[3] O autor de duas obras sobre botânica e plantas raras.

[4] Assim diz Psellus de Doemon.

img1.png

LIVRO TERCEIRO

TEURGIA

CAPÍTULO I

"But that which especially distinguishes the brotherhood is their marvellous knowledge of all resources of medical art. They work not by charms, but simples".

M. S. Account of the Origin and Attribute of the true Rosicrucian's, by J.Von D.

"Porém, o que especialmente distingue a Irmandade, é que os seus membros têm um maravilhoso conhecimento de todos os recursos da arte médica. Eles não agem por meio de encantos, mas por meio de remédios".

Manuscrito que trata da Origem e dos Atributos dos verdadeiros Rosacruzes, por J. Von D.

Naquele tempo, apresentou-se a Viola a oportunidade de pagar ao único amigo de seu inolvidável pai o favor que lhe fizera, quando, ao vê-la só e desamparada, lhe ofereceu um asilo no meio de sua família.

O velho Bernardi tinha três filhos que se haviam dedicado à profissão de seu pai e todos os três tinham abandonado, havia pouco tempo, Nápoles, para buscarem fortuna em cidades mais ricas do Norte da Europa, onde a música não possuía tantos virtuosos. Não ficava em casa de Bernardi senão a sua velha mulher e uma linda e gárrula menina de olhos pretos, de oito anos de idade, filha do seu segundo filho, cuja mãe morrera ao dar a luz. Esta menina era a alegria dos dois velhos. Um mês antes da data em que começa esta parte da nossa história, um ataque de paralisia impedira a Bernardi o

desempenho dos deveres de sua profissão. Deste homem tinha sido sempre um companheiro sociável, bondoso, imprórvido e generoso, gastando diariamente o que ganhava, como se a velhice e as enfermidades não devessem nunca chegar. Embora recebesse um pequeno salário por seus serviços passados, este era tão insignificante que não bastava para cobrir as suas necessidades; além disso, tinha também dívidas.

A pobreza reinava em sua casa, quando Viola, com um sorriso gracioso e com mão liberal, veio afugentar o espectro da miséria. Para um coração verdadeiramente bondoso, não é suficiente que envie e dê; a caridade é mais bela quando visita e consola. "Não esqueça o amigo de seu pai". Assim, quase todos os dias, o radiante ídolo de Nápoles vinha à casa de Bernardi.

De repente, uma nova aflição, mais grave do que a pobreza e a paralisia, veio contristar o velho músico.

Sua neta, a pequena Beatriz, adoeceu perigosamente, atacada de uma dessas terríveis febres, tão comuns nos países meridionais; e Viola abandonou suas estranhas e tétricas meditações e seus sonhos de amor, para ir velar à cabeceira da pequena enferma.

Esta criança amava muito a Viola, e os avós pensaram que bastaria a presença desta para restituir a saúde à enferma; porém, quando Viola chegou, Beatriz não dava acordo de si. Felizmente, naquela noite não havia função no São Carlos, e a jovem atriz resolveu passar a noite cuidando da menina.

Pela noite adiante, o estado da criança piorou; o médico (a arte de curar nunca foi muito adiantada em Nápoles) meneou a sua polvilhada cabeça, administrou um paliativo qualquer e retirou-se. O velho Bernardi veio sentar-se ao lado de sua neta, silencioso e acabrunhado; era o único laço que o ligava à vida. Si se romper a âncora, o navio irá à pique!

Esta resolução, pesada como ferro, era muito mais terrível do que a tristeza de ver doente a criança querida.

Um dos espetáculos mais aflitivos que podem oferecer as calamidades da vida, é um ancião, com um pé na sepultura, velando junto ao leito de uma criança moribunda. A avozinha parecia mais ativa e mais esperançosa; acudia a tudo, embora com lágrimas nos olhos. Viola pôs-se a cuidar dos três. Ao amanhecer, porém, o estado de Beatriz começou a ser tão alarmante, que Viola sentiu desvanecer-se toda a esperança.

Eis senão quando a jovem viu que a anciã, levantando-se de repente de diante da imagem do santo onde estivera ajoelhada, envolvia-se em sua capa e touca, e saia silenciosamente do quarto.

Viola seguiu-a apressadamente.

— O tempo está demasiado frio para sair, querida mãe, — disse a jovem. — Permita que eu mesma vá buscar o médico.

— Filha minha, não vou à casa do médico. Ouvi falar que, na cidade, há um homem muito caridoso para os pobres, e que curou muitos doentes que médicos declararam já incuráveis. Irei vê-lo e dir-lhe-ei: “Senhor, somos muito pobres, porém ontem éramos muito ricos em amor. Estamos à borda do túmulo, porém vivíamos da vida da nossa neta. Dê-nos a nossa riqueza, dê-nos a nossa juventude. Faça com que possamos morrer dando graças a Deus por ter deixado sobreviver-nos a criatura que adoramos”. E tenho a esperança que não suplicarei em vão.

A boa anciã foi. Por que bate mais forte o seu coração, Viola? Um grito agudo de dor, que a menina soltou, chamou a atriz ao lado da cama, onde o ancião permanecia ainda, com os olhos aterrorizados fitos na criança e, ignorando que sua mulher saíra em procura da salvação, assistia horrorizado aos movimentos de agonia do anjinho. Os 'ais' arrancados pela dor foram reduzindo-se,

gradualmente, a um gemido sufocado, as convulsões tornavam-se mais débeis, porém mais frequentes; o ardor violento da febre converteu-se em um matiz azul pálido, indício da morte que se aproximava.

A claridade do dia começava a iluminar o quarto, quando se ouviram passos precipitados na escada. A anciã entrou correndo; deitou um olhar à doentinha e exclamou: — Vive ainda, senhor, ela vive ainda!

Viola, que tinha a cabeça da menina apoiada no seu peito, levantou os olhos, e viu Zanoni. Ele sorriu, dirigindo-lhe um suave e terno olhar de aprovação, e tomou a criança em seus braços. No momento em que viu a cabeça de Zanoni inclinar-se silenciosamente sobre o pálido semblante da menina, um medo supersticioso veio mesclar-se, na mente de Viola, às suas esperanças. Curava este homem por meios lícitos, por uma arte santa? Estas perguntas, que a jovem atriz se fazia interiormente, cessaram de súbito, porque os escuros olhos de Zanoni pareciam ler em sua alma, e o seu olhar acusava-a da suspeita que sua consciência repreendia com certo desdém.

— Tranquilize-se — disse Zanoni, dirigindo-se afavelmente ao ancião; — o perigo pode ainda desaparecer ante os recursos da ciência humana.

E, tirando do bolso um pequeno frasquinho de cristal, pingou algumas gotas do seu conteúdo num copo de água. Apenas este remédio umedeceu os lábios da menina, pareceu produzir um efeito maravilhoso.

A cor reapareceu, em seguida, nos seus lábios e faces, e um sono tranquilo sucedeu à sua agitação. Um instante depois, o ancião se levantou rigidamente, como pode levantar-se um corpo quase sem vida, — baixou os olhos, escutou, e, dirigindo-se lentamente a um

canto do quarto, chorou e deu graças a Deus!

O velho Bernardi havia sido, até esse momento, um crente frio; a aflição não lhe havia deixado nunca, antes, erguer a cabeça acima da terra. Apesar da sua idade, nunca havia pensado na morte, como deve fazê-lo uma pessoa velha; o perigo de sua neta veio despertar a sua alma, que jazia em um letargo de indiferença. Zanoni disse algumas palavras, em voz baixa, à anciã, e esta levou seu esposo, com toda a solicitude, para fora do quarto.

— Permita-me, Viola, que eu fique uma hora com a criança? Ou pensa ainda que os meus conhecimentos são de origem diabólica?

— Ah! — exclamou Viola, humilhada e feliz ao mesmo tempo. — Perdoe-me, senhor, perdoe-me! Restituiu a vida à menina e fez o ancião rezar. Nunca mais tornarei a suspeitar de ti, ainda que por pensamentos!

Antes do nascer do sol, Beatriz estava fora de perigo; e, ao meio-dia, pôde Zanoni esquivar-se aos agradecimentos do casal de anciães, que o abençoavam; e quando fechava a porta da casa, encontrou Viola que o aguardava.

A jovem permaneceu, por alguns instantes, diante dele, com ar tímido e com os braços graciosamente cruzados sobre o peito, enquanto de seus olhos, que não se atrevia a levantar, caiam abundantes lágrimas.

— Que não seja eu a única a quem deixa desconsolada! — murmurou.

— Que efeito quer que produzam em si as ervas e os anódinos! — respondeu Zanoni. — Se pode com tanta facilidade, pensar mal dos que a auxiliam e ainda estão prontos a servi-la a sua enfermidade é do coração; e — não chore! Sendo eu um assistente dos enfermos, e consolador dos tristes, antes aprovo a sua atitude, em vez de a censurar. Eu a perdoo. A vida, que sempre necessita

perdão, tem, por seu primeiro dever, perdoar.

— Não. Não.

— Não, não me perdoe ainda; não o mereço, pois ainda que, neste instante, enquanto sinto quão ingrata tenho sido em crer e suspeitar coisas injuriosas e falsas contra o meu libertador, as minhas lágrimas caem de prazer, e não arrancadas pelo remorso. Oh! — prosseguiu a jovem, com singelo fervor, inconsciente, em sua inocência e suas generosas emoções, — você não pode saber como me era amargo acreditá-lo não melhor, não mais puro, não mais santo do que todos os outros homens. E quando o vi, — sendo rico e nobre, vir do seu palácio para socorrer os infelizes que sofriam na cabana, — quando ouvi as bênçãos dos pobres seguir os seus passos ao sair desta casa à qual restituiu a felicidade, senti que a minha alma se exaltava também, boa por sua bondade, nobre ao menos naqueles pensamentos que não a injuriavam.

— E pensa, Viola, que, num mero ato de ciência, há tanta virtude? O mais vulgar dos médicos visita os enfermos, recebendo os seus honorários. São as orações e as bênçãos uma recompensa menos digna do que o ouro?

— As minhas, pois, não são sem valor? Quer aceitá-las?

Ah! Viola! — exclamou Zanoni, com uma repentina paixão que o fez corar; — você, penso, é a única, em toda a terra, que pode fazer-me sofrer ou gozar.

Zanoni tendo dito estas palavras, calou-se por instantes, e o seu semblante tornou-se novamente grave e triste.

— E isto, — prosseguiu com voz alterada, — porque se quisesse ouvir meus conselhos, parece-me que poderia eu guiar o seu puro coração a um destino feliz.

— Seus conselhos! Estou disposto a segui-los. Ordena e eu obedeço. Quando está ausente, sou como uma criança que se assusta

de toda a sombra na escuridão; em sua presença, a minha alma se expande, e todo o mundo me parece estar cheio de calma celestial de um meio-dia de verão. Não me negue essa presença. Sou órfã ignorante e só!

Zanoni volveu a cabeça para ocultar sua emoção, e depois de um momento de silêncio, respondeu tranquilamente: — Seja assim, minha irmã; eu a visitarei outra vez!

CAPÍTULO II

"Gilding pale streams with heavenly alchemy".
Shakespeare

"Douradas, pálidas correntes com alquimia celestial".

Quem é tão feliz como Viola, agora? Parecia que lhe havia arrancado um enorme peso do seu coração.

Quando tornou à casa, o seu passo era ligeiro a airoso; tinha desejos de cantar, tanta era a sua alegria.

Para quem ama com coração puro, pode haver maior felicidade do que crer na superioridade e no sublime valor da pessoa amada? Podiam existir, entre os dois, alguns obstáculos humanos, — como a riqueza, a posição social, o pequeno mundo dos homens, — porém não existia mais aquele negro abismo, em que se perde a imaginação, que separa para sempre uma alma da outra.

Zanoni não correspondia ao amor da jovem. Amá-la! Mas pedia Viola amor? Amava ela mesma realmente? Não; se o tivesse amado, não teria sido tão humilde e tão ousada ao mesmo tempo. Como radiante lhe parecia o aspecto do mais vulgar transeunte!

Ao entrar no jardim, Viola olhou a árvore da rocha que estendia vigorosamente os seus ramos fantásticos ao sol.

— Sim, minha irmã! — disse-lhe a jovem, rindo de prazer.

— Como tu, tenho eu lutado pela luz!

Nunca, até então, como sucede com as instruídas Filhas do Norte, Viola tinha provado esse delicioso prazer de transladar seus pensamentos para o papel, escrevendo suas memórias. Agora, de

repente, o seu coração sentiu um impulso; um instinto recém-vindo, que lhe inspirou o desejo de olhar no mais recôndito do seu coração como através de um cristal. Este instinto era o fruto do abraço do Amor e da Alma, — de Eros e de Psychê, — era o Gênio! Enquanto Viola escrevia, suspirava, corava e estremecia. E do novo mundo que acabava de criar para si, teve que se transladar o teatro. Como lhe parecia insulsa, agora, a música, e sem atrativos a cena, que outrora achava tão deliciosas e deslumbrantes! O teatro, tu és o País das Fadas para as pessoas que amam a glória do mundo! Tu, porém, Imaginação, cuja música não é percebida pelos homens e cujas decorações não podem ser mudadas pela mão dos mortais, como o teatro representa ao mundo no tempo presente, tu és o futuro e o passado!

CAPÍTULO III

"In faith, I do not love thee with mine eyes:"
Shakespeare.

"Por minha fé, não te amo com os meus olhos".

No dia seguinte, ao meio-dia, Zanoni foi ver Viola; e seguiu visitando-a frequentemente; e estes dias pareceram à jovem uma época especial, separada do resto de sua vida.

Todavia, Zanoni não lhe falou nunca na linguagem de lisonja ou de adoração, que estava acostumada a ouvir. Talvez mesmo a frieza deste homem, que era, contudo, tão afável, aumentava-lhe o seu encanto.

Ele lhe falava com frequência do passado dela, e Viola apenas se surpreendia (agora nunca mais lhe vinha o pensamento de terror) ao ver quantos pormenores de sua vida eram conhecidos de Zanoni.

Ele fazia muitas perguntas e observações a Viola a respeito do seu inesquecível pai e gostava de ouvi-la cantar algumas daquelas tempestuosas árias da esquisita música de Pisani, cujos sons pareciam extasiá-

lo e fazê-lo cair numa espécie de doce abstração.

— A ciência para os sábios — dizia Zanoni — é talvez o mesmo que era a música para seu pai. A sua imaginação necessitava um campo muito vasto; tudo estava discorde com as finas simpatias que ele sentia, com as harmonias que, dia e noite, elevavam a sua alma ao trono do céu. A vida, com suas ruidosas ambições e suas paixões rasteiras, é tão pobre e de tão baixo nível! Pisani sabia criar, de sua

própria alma, a vida e o mundo que sua alma necessitava. Viola, você é a filha daquela vida, e será, portanto, habitante daquele mundo.

Em suas primeiras visitas, Zanoni nunca falou de Glyndon; porém, veio o dia em que a ele se referiu. E era tão grande o domínio que este homem chegou a adquirir sobre o coração da jovem que, apesar deste assunto desgostá-la sensivelmente, refreou o seu sentimento e escutou em silêncio.

— Prometeu-me — disse Zanoni — que seguiria os meus conselhos; pois bem, se eu agora, Viola, lhe disser que a aconselho a aceitar a mão desse estrangeiro e partilhar com ele a sorte, e se ele lhe propuser, não se recusará a dar-lhe a mão?

Viola reprimiu as lágrimas que lhe invadiam os olhos e, depois de um instante, com um estranho prazer mesclado de dor, — com o prazer de quem sacrifica seu coração a outrem que neste coração domina, — respondeu, com voz desfalecida:

— Se é capaz de mandá-lo, então.

— Fale — disse Zanoni.

— Disponha de mim como lhe agrada, — respondeu a jovem com infinita tristeza.

— Viola, — disse Zanoni, com voz trêmula, — o perigo que não estará agora em minha mão evitar, se aproxima cada hora mais, se permanecer mais tempo em Nápoles. Dentro de três dias, a sua sorte deverá estar decidida. Aceito a sua promessa. Antes da última hora desse terceiro dia, suceda o que suceda tornarei a vê-la aqui, em sua casa. Ate então, adeus!

CAPÍTULO IV

"Between two worlds life a hovers like a star Twixt night and morn".
Byron

"Entre dois mundos balança-se a vida como uma estrela, entre a noite e a manhã".

Quando Glyndon se separou de Viola, na disposição que vimos no final da segunda parte desta obra, submergiu-se outra vez naqueles místicos desejos e conjeturas que o assaltavam sempre quando se lembrava de Zanoni. E, vagando pelas ruas de Nápoles, semi-inconsciente dos seus próprios movimentos, encontrou-se, movido pelo mecanismo do costume, no meio de uma das ricas galerias de pinturas, que constituem o luxo dessas cidades da Itália, cuja glória está toda no passado. Glyndon costumava visitar este lugar quase diariamente, pois a galeria continha algumas pinturas de grande mérito, que eram especialmente o objeto de seu entusiasmo e estudo. A maioria das vezes parava diante das obras de Salvador, que lhe inspiravam um sentimento de profunda admiração e respeito. O rasgo característico deste artista é a Força de Vontade; elevada ideia de abstrata beleza, que fornece um modelo ao gênio de ordem mais ilustre, a singular energia do homem tira da pedra uma dignidade que lhe é própria. As suas imagens têm a majestade, não de um deus, porém de um selvagem; sendo inteiramente livre, como as escolas mais sublimes, da vulgar imitação, apartando-se, com elas, da convencional pequenez da chamada realidade, — o artista

apodera-se da imaginação, obrigando-a a seguir-lhe, não ao céu, mas através de tudo o que há de mais selvagem e fantástico sobre a terra; é uma magia que não se parece com a do mago astrólogo, e sim com a do tenebroso feiticeiro, — é um homem de romance, cujo coração bate fortemente, manejando a arte com a mão de ferro e forçando-a a idealizar as cenas de sua vida atual. Ante esta poderosa vontade, Glyndon sentiu-se mais cheio de admiração, do que diante da beleza, dotada de maior serenidade, que brotava da alma de Rafael, como Venus do seio do mar. E agora, como despertando de suas meditações, encontrou-se diante daquela imponente, selvagem e magnífica gravidade da Natureza, que o olhava, encolerizada, da tela, e cujas folhas, nessas árvores, semelhantes aos gnomos, com seus troncos tortos, pareciam murmurar-lhe no ouvido segredos sibilinos. Aqueles escabrosos e sombrios Apeninos, com sua soberba catarata, estavam mais acordes com os seus pensamentos, do que as cenas que o rodeavam. As ásperas e extravagantes figuras que descansavam sobre as rochas, e pareciam como anões ao lado das gigantescas proporções da matéria que reinava em seu derredor, o impressionavam, fazendo-lhe ver o poder da Natureza e a pequenez do homem. O mesmo que nos quadros dos gênios mais espirituais, o homem e a alma que vive nele, são cuidadosamente apresentados como a imagem mais proeminente; e os meros acessórios da cena ocupam um grau inferior, sendo tratados com menos cuidado, como para demonstrar que o desterrado do Paraíso é ainda o monarca do mundo exterior — assim nas paisagens de Salvador, a árvore, a montanha, a cascata figuram como o objeto principal, e o homem se reduz ao acessório. A matéria parece dominar nelas, ao passo que o seu verdadeiro senhor fica quase invisível debaixo de sua estupenda sombra. A matéria é, ali, o que dá interesse ao homem imortal, e não este à matéria inerte. Que terrível filosofia na arte!

Enquanto Glyndon estava imerso em semelhantes pensamentos, alguém tocou-lhe levemente o braço — era Nicot, que lhe disse: — É um grande mestre, mas eu não gosto da sua escola.

— Nem eu — respondeu Glyndon — porém há algo nestas pinturas que me impressiona extraordinariamente.

Amamos o belo e o sereno; mas há em nós um sentimento tão profundo como o amor, e este sentimento nos faz admirar o terrível e o obscuro.

— É verdade, — retrucou Nicot, pensativo. — E, não obstante, este sentimento não passa de ser uma mera superstição. As aias e outras pessoas que cuidam das crianças, com seus contos de fadas, de espíritos e de fantasmas, são o berço da maior parte de nossa ignorância; a arte deveria representar somente verdades. Confesso que Rafael me agrada menos, porque não simpatizo com seus assuntos. Os seus santos e as suas virgens não são, para mim, senão homens e mulheres.

— Então, de que fonte deveriam os pintores tomar seus temas?

— Da história, não há dúvida, — tornou Nicot, — daquelas grandes ações dos romanos, que inspiram aos homens sentimentos de liberdade e de valor, ensinando-lhes as virtudes republicanas. Eu desejaria que os quadros de Rafael tivessem ilustrado a história dos Horácios; mas é à França republicana que toca o legar à posteridade a nova e verdadeira escola, que não teria podido nunca nascer e prosperar num país dominado pelo clero e pelo fanatismo.

— E os santos e as virgens de Rafael não são, para você, mais do que homens e mulheres? — repetiu Glyndon, voltando, com admiração, à cândida confissão de Nicot, e quase sem atender as deduções que o francês fazia da sua proposição.

— Seguramente, — retrucou Nicot, rindo-se horrivelmente. Ah! Ah! Quer, acaso, fazer-me crer o que o calendário conta a seu

respeito?

— Porém, o ideal?

— O ideal! — interrompeu Nicot. — Que coisa! Os críticos italianos, e o seu inglês Reynolds transtornaram-lhe a cabeça. Eles falam tão apaixonadamente do seu "gosto refinado" e da "beleza ideal que fala à alma!" — Alma! Existe uma alma? Compreendo um homem quando fala do bom gosto de uma composição, referindo-se a uma pessoa educada e inteligente, ou a alguém que compreende verdades; porém, quanto à alma, — ora! — Nós não somos mais que modificação da matéria, e a pintura é modificação da matéria também.

Os olhos de Glyndon dirigiam-se ora para o quadro que tinha diante de si, ora para Nicot. O dogmatista dotou de voz os pensamentos que a vista daquele quadro despertara. O inglês meneou a cabeça, sem replicar.

— Diga-me, — perguntou Nicot, de repente; — aquele impostor, — Zanoni — oh! Eu soube o seu nome, nestes dias, como também soube de suas farsas, — que lhe disse de mim?

— De ti? Nada; apenas me advertiu contra as suas doutrinas.

— Ah! Ah! Nada mais? Esse homem é um embusteiro, e, como a última vez que nos encontramos, descobri suas trapaças e mistificações, pensei que talvez se vingasse, caluniando-me.

— Descobriu suas trapaças e mistificações? Como?

— Oh! E uma história insulsa e longa. Ele quis ensinar a um ancião, meu amigo extremoso, seus segredos acerca da alquimia filosófica e o modo de prolongar a vida. Aconselho-o a não lhe dedicar sua amizade, para não se desacreditar.

Dizendo isto, Nicot fez um gesto significativo, e não desejando que Glyndon lhe fizesse mais perguntas sobre esse assunto, retirou-se.

Glyndon voltou à sua arte, que a presença de Nicot havia tão desagradavelmente interrompido. O jovem inglês deixou as paisagens de Salvador e, fixando a vista na Natividade, de Corrégio, ficou admirado ao ver o contraste que oferecia aqueles dois gênios de naturezas tão opostas; a Glyndon pareceu isto como uma descoberta. Aquela calma esquisita, aquele perfeito sentimento de beleza, aquele vigor natural, aquela sublime moral, que respira a arte quando, falando à mente por meio dos olhos, desperta nela, por meio da ternura e do amor, pensamentos que a elevam às regiões admiráveis e cheias de milagres, — ah!

Aquela era a verdadeira escola. Glyndon deixou a galeria a passos lentos e com ideias inspiradas; profundamente impressionado, dirigiu-se à sua casa. Ao chegar, alegrou-se por não ter encontrado Mervale, e sentando-se, meditativo, esforçou-se para recordar as palavras de Zanoni em sua última conversação. Sentia que o que Nicot tinha dito a cerca de arte era um crime, pois que reduzia até a imaginação a uma simples máquina. Podia aquele homem, que só via na alma uma combinação da matéria, falar de escolas que deviam ser superiores à de Rafael? Sim, a arte é magia; e como o jovem reconhecia a verdade do aforismo, compreendeu que na magia pode haver religião, porque a religião é uma condição essencial da arte. A sua antiga ambição liberta agora da fria prudência com que Mervale tratava de profanar as imagens menos substanciais do que o bezerro de ouro avivou-se, tornando a arder novamente. O sutil descobrimento do que ele julgara ser um erro na escola que havia adotado até então, patenteado ainda mais pelos mordentes comentários de Nicot, parecia oferecer à sua vista um novo mundo de invenção. Aproveitando aquele feliz momento, colocou diante de si as tintas e a tela. Perdido no conceito de um novo ideal sentiu a sua mente transportada às aéreas regiões da

beleza, ao passo que se desvaneciam os pensamentos sombrios e os desejos profanos. Zanoni tinha razão: o mundo material desaparecia de sua vista; ele via a Natureza como a observá-la do cume de uma montanha; e quando se sossegaram as ondas do seu agitado coração, os olhos angélicos de Viola apareceram no novo horizonte como uma luminosa estrela.

Encerrado no seu quarto, não quis receber visitas, nem a de Mervale. Embriagado com o ar puro de sua nova existência permaneceu três dias e quase três noites absorto em seu trabalho, até que, na manhã do quarto dia, começou a verificar-se a reação, à qual está exposto todo trabalho. Glyndon despertou indiferente e fatigado; e quando olhou o seu quadro, pareceu-lhe que a glória se havia dele ausentado.

Recordações humilhantes dos grandes mestres com que aspirava a rivalizar, invadiram-no; defeitos, até então desaparecidos, vieram aumentar as deformidades que iam notando em sua obra, o que descontentou sobremaneira.

O artista retocou uma e outra vez o quadro; porém a sua mão mostrava-se rebelde: e, por fim, cansado, depôs os pincéis e foi sentar-se à janela que abrira. O dia estava sereno e agradável; as ruas estavam cheias daquela vida e alegria tão naturais ao povo de Nápoles. Glyndon via passar os namorados a conversar nessa linguagem muda dos gestos tão eloquentes em todos os idiomas, e que são hoje iguais aos que os etruscos, na antiguidade, pintaram nos magníficos vasos do Museu Bourbonico. A luz da vida exterior convidou a sua juventude à alegria e ao prazer; e as enfadonhas paredes do seu quarto, o qual pouco antes era bastante vasto para conter o céu e a terra, pareciam limitar agora uma estreita e triste prisão. Glyndon abriu a porta e, com alegria, viu entrar o seu amigo Mervale.

— E isto é tudo o que fez? — disse Mervale, olhando a tela desdenhosamente. E para isto fechou-se por tantas horas, privando-se dos lindos dias de sol e das encantadoras noites de Nápoles?

— Enquanto eu estive debaixo da influência do entusiasmo, estive desfrutando um sol mais brilhante e uma lua mais bela e majestosa.

— Pelo que vejo, o entusiasmo já o deixou. Bem, isto indica que voltou a recobrar a razão. E, depois de tudo, vale mais besuntar a tela durante três dias, do que se converter num louco por toda a sua vida. E a sua sereia?

— Cale-se! Não gosto de ouvi-lo falar dela.

Mervale aproximou a sua cadeira da de Glyndon, assumiu uma atitude negligente, e ia começar um sério debate, quando alguém bateu à porta e sem esperar permissão para entrar, apareceu no quarto; era Nicot.

— Bom dia, meu caro colega, — disse o francês. — Desejava falar-lhe. Olá! Como vejo, tem trabalhado.

Assim é bom. Sim, amigo! Um contorno atrevido..., uma grande destreza da mão. Porém, espere!

Vamos ver se a composição é boa. Não tem adotado a grande forma piramidal. Não pensa também que nesta figura se descuidou de aproveitar a vantagem do contraste? Já que a perna direita se dirige para diante, o braço direito deveria estar dirigido para trás: com a bréca! Aquele dedo pequeno é magnífico!

Mervale detestava Nicot, como a todos os especuladores, utopistas e pretensos reformadores do mundo; naquele instante, porém, teria abraçado o francês. Via, na expressiva fisionomia de Glyndon, todo o enfado e desgosto que sofria. Depois de um estudo feito sob o fogo do entusiasmo, ouvir falar de formas piramidais, de braços direitos e pernas direitas, de rudimentos da arte, sem tocar

absolutamente na concepção, e ver terminar a crítica, enaltecendo o mérito do dedo mínimo!

— Oh! — disse Glyndon, aborrecido, cobrindo com um pano o seu quadro, — já falou bastante do meu pobre trabalho. Que é o que você vem dizer-me?

Em primeiro lugar, — respondeu Nicot, sentando-se sem cerimônia num banquinho, — em primeiro lugar, este senhor Zanoni — este segundo Cagliostro, — que ataca as minhas doutrinas! (sem dúvida, ele é um espião de Capet); eu não sou vingativo, pois, como diz Helvécio, "nossos erros nascem das nossas paixões"; eu sei pôr freio às minhas, porém é virtude odiar por causa da humanidade; eu queria ser o denunciante e o juiz do senhor Zanoni em Paris.

E, ao dizer isto, Nicot rangeu os dentes, e os seus pequenos olhos despendiam um brilho infernal.

— Ele lhe deu algum novo motivo de ódio? — perguntou Glyndon.

— Sim, — respondeu Nicot, com impetuosidade. — Sim, ouvi dizer que cortejava a moça com a qual eu pretendo casar-me.

— Você! E quem é essa moça?

— A célebre Pisani! É uma mulher divinamente formosa, que faria minha fortuna numa república; e uma república teremos ainda antes de findar o ano.

Mervale esfregava as mãos de prazer, rindo-se ruidosamente. Glyndon corou de raiva e vergonha.

— Você conhece a senhorinha Pisani? — perguntou o pintor inglês. — Falou-lhe alguma vez?

— Ainda não, — respondeu Nicot; — porém quando concebo um projeto, levo-o a cabo sem demora. Devo voltar, em breve, a Paris. Escreveram-me que uma mulher formosa adianta a carreira de um patriota. O tempo dos preconceitos já passou, e começam a

compreender-se as virtudes mais sublimes. Levarei a Paris a mulher mais formosa da Europa.

— Então?! Que é isso! — exclamou Mervale, detendo Glyndon ao vê-lo avançar para o francês com os punhos cerrados e os olhos cintilantes.

— Senhor! — gritou Glyndon, rangendo os dentes, — sabe de quem fala? Julgas que Viola Pisani o aceitaria!

— Não, se lhe apresentasse um partido mais vantajoso, —disse Mervale, olhando placidamente para o teto.

— Um partido mais vantajoso? — retrucou Nicot. — Eu, Jean Nicot, ofereço a minha mão à moça, e caso-me com ela! Encontrará muitos que lhe façam ofertas mais liberais, porém nenhuma será tão honrosa como a que faço. Somente eu me compadeço da triste situação em que está, isto é, sem amigos. Por outra parte, será sempre fácil, na França, desembaraçar-se de uma mulher quando assim acharmos conveniente. Teremos novas leis de divórcio. Pensa que uma jovem italiana, — e, digo entre parêntesis, em nenhum outro país do mundo, segundo parece, as donzelas são mais castas, ainda que muitas mulheres se consolem com virtudes mais filosóficas, — pensa que uma jovem italiana, repito, recusará a mão de um artista pelas honras de um príncipe? Não tenho formado da Pisani melhor conceito do que você. Penso fazer todo o possível para, em breve, ela aceitar a minha mão.

— Desejo-lhe todo o sucesso, senhor Nicot, — disse Mervale, levantando-se e apertando-lhe a mão cordialmente.

Glyndon dirigiu a ambos um olhar desprezo e disse, com um sorriso amargo:

— Talvez, senhor Nicot, tenha rivais.

— Tanto melhor, — replicou o francês, com indiferença, fazendo bater os tações, e parecendo absorto na admiração do tamanho dos

seus grandes pés.

— Eu mesmo sou um admirador de Viola Pisani, — tornou Glyndon.

— Não o estranho, — respondeu Nicot. — Todo pintor deve admirá-la.

— Eu posso oferecer-lhe a minha mão, como você pretende oferecer-lhe a sua.

— O que em mim seria sabedoria, — redarguiu o francês — seria em si uma grande tolice. Você não saberia tirar vantagens da especulação. Caro colega, você tem preconceitos.

— E ousa dizer que especulará com a sua própria mulher?

— O virtuoso Gatão emprestou a sua mulher a um amigo, e eu, que amo a virtude, não posso fazer melhor do que imitar esse sábio. Porém, falemos seriamente, — eu não o temo como rival, você tem um semblante bonito, e eu sou feio. Mas é irresoluto, e eu sou decisivo. Enquanto que você perderá o tempo pronunciando frases escolhidas, eu direi simplesmente: "Tenho boa fortuna; quer casar-se comigo?" E assim perderá e eu ganharei, caro colega. Adeus tornaremos a nos ver detrás dos bastidores.

E, assim falando, Nicot se levantou e, depois de estirar os compridos braços e as pernas curtas, abriu a boca num bocejo enorme, deixando ver todos os dentes, pela maior parte já estragados; em seguida, com ar de desafio, enterrou o gorro na desgrenhada cabeça, e dirigindo por cima do ombro esquerdo um olhar triunfante e malicioso para Glyndon, saiu precipitadamente do quarto.

Mervale soltou uma estrepitosa gargalhada, e disse: — Veja, Glyndon, como o seu amigo Nicot estima a sua Viola. Não há dúvida que o senhor alcançaria uma grande vitória, arrancando-a das garras do cão mais feio que há entre os lapões e os kalmuks.

Glyndon estava ainda bastante indignado para poder responder, quando recebeu uma nova visita: era Zanoni.

Mervale, a quem a presença e o aspecto deste homem impuseram uma espécie de relutante deferência, que ele não queria confessar, e muito menos deixar transluzir, saudou Glyndon, dizendo-lhe simplesmente: — Quando nos tornarmos a ver, falaremos mais deste assunto. E deixou o pintor e a sua inesperada visita.

— Vejo, — disse Zanoni, descobrindo o quadro, — que não esqueceu o conselho que eu lhe tinha dado.

Coragem, jovem artista; esta é uma excursão fora das escolas; é uma tintura cheia da ousada confiança em si mesmo, como a tem o verdadeiro gênio. Espero que não tenha nem Nicot, nem Mervale ao seu lado, quando concebeu esta imagem de verdadeira beleza!

Reanimado por este inesperado elogio, e sentindo-se novamente impelido para a sua arte, Glyndon respondeu modestamente: — O meu quadro satisfazia-me até esta manhã; porém, depois, aborreceu-me e desvaneceu-me a minha ilusão.

— Diga antes que, não estando acostumado a um trabalho continuo, sentiu-se fatigado com a tarefa.

— É verdade; por que negá-lo? — confessou Glyndon. — Comecei a sentir a falta do mundo exterior.

Pareceu-me que, enquanto eu desperdiçava o meu coração e a minha juventude em visões de beleza, estava perdendo as formosas realidades da vida. E cheguei até a invejar o alegre pescador que passava cantando, debaixo da minha janela, e o feliz amante que ia conversando com a escolhida de seu coração.

— E censura-se — disse Zanoni — por ter voltado às coisas da terra; mas saiba que este regresso é natural, e que até os mais inveterados sonhadores procuram na terra a tranquilidade e o

repouso. O gênio do homem é uma ave que não pode voar incessantemente; quando se sente o desejo irresistível do mundo real, é mister satisfazê-lo a todo o transe. Os que dominam mais o ideal são os que melhor desfrutam a realidade. Repare que o verdadeiro artista, quando se encontra em sociedade, está sempre observando, sempre sondando o coração, sempre atento às mais insignificantes, como às mais complicadas verdades da existência, e descendo ao que os pedantes chamariam coisas triviais e frívolas. De cada malha do tecido social, o verdadeiro artista sabe tirar uma graça, e os átomos mais insignificantes tomam para ele uma forma doirada quando flutuam nos raios do sol. Não sabe que, ao redor do animálculo microscópico que brinca na água[1], brilha uma auréola, como em torno da estrela que faz sua luminosa revolução no espaço? A verdadeira arte encontra a beleza em toda parte: na rua, no mercado, na choupana; por onde quer que procure, acha alimento para o enxame dos seus pensadores. Na lama da política, Dante e Milton escolheram pérolas para engastá-las na coroa do canto. Quem lhe disse que Rafael não desfrutou a vida exterior, levando sempre consigo a ideia interna de beleza que atraia e enchia com a sua própria magia até as palhas que os pés do homem tosco pisam no lodo? Assim como as feras andam pelas selvas em busca de sua presa, cheirando-a e seguindo-a por montes e planícies, silvados e grutas, até que, por fim, dela se apoderam, da mesma forma o gênio busca por entre o bosque e através do deserto, infatigável e cheio de ardor, com todos os sentidos despertos, com todos os nervos levados à maior tensão, os objetos que lhe oferecem as dispersas e fugitivas imagens da matéria, de que, por fim, se apodera a sua mão forte, para levá-los às paragens solitárias que nenhum pé pode alcançar. Vá, procure o mundo exterior; ele é para a arte o inesgotável manancial que dá o alimento ao mundo ideal, ao mundo interior!

— Sinto-me confortado, — respondeu Glyndon, com serenidade. — Eu julgava que o meu cansaço fosse uma prova de minha incapacidade! Porém, neste momento não quereria falar-lhe destes trabalhos.

Perdoe-me se passo do trabalho à recompensa. O senhor tem pronunciado incompreensíveis profecias a cerca do meu porvir, se eu me casasse com uma jovem, que, segundo opinam pessoas graves e sensatas, seria unicamente obstáculo para realizar os sonhos que ambiciono. Fala baseando-se na sabedoria proveniente da experiência, ou inspirado pela ciência que aspira à predição?

— Porventura não são aliadas umas a outra, estas duas ciências? — retrucou Zanoni. — O homem mais acostumado ao cálculo não é, diga-me, o que mais depressa pode resolver um novo problema na aritmética das possibilidades da sorte?

— Vejo que está iludindo a minha pergunta.

— Não; quero apenas fazer com que compreenda mais facilmente a minha resposta; pois eu queria levá-lo a este terreno. Escute-me!

Zanoni fixou seriamente o seu interlocutor, e continuou: — Para a realização da verdade é um dos primeiros requisitos, — pois as verdades que se adaptam ao objeto hão de ser bem conhecidas. Por isso, o guerreiro reduz a sorte de uma batalha combinações quase inteiramente matemáticas. Pode predizer o resultado, se conta estritamente com os elementos que se vê obrigado a empregar. Com tantas e tantas perdas, poderá passar tal ponte; em tanto tempo. poderá apoderar-se daquela fortaleza. Ainda com mais exatidão do que o guerreiro, pois depende menos das causas materiais do que das ideias de que dispõe, pode o homem que possui uma ciência mais pura ou uma arte mais divina, se chega a perceber as verdades que estão nele e ao redor dele, predizer o que poderá levar a cabo e o

que está condenado a ver fracassar. Porém, esta percepção das verdades é interrompida por muitas causas, — como a vaidade, as paixões, o medo, a indolência nele mesmo, a ignorância dos meios fora dele, que deve empregar para conseguir o que se tem proposto. Pode calcular mal as suas próprias forças; pode faltar-lhe o mapa do terreno que quer invadir. Somente quando a mente do homem se encontra em certo estado especial, é capaz de perceber a verdade; e este estado é uma profunda serenidade. A sua mente, meu amigo, afana-se febrilmente, levada por um desejo de verdade; desejaria, talvez, que eu lhe apresentasse sem que para isso estivesse preparado, os maiores segredos que existem na Natureza. Porém, a verdade não pode ser vislumbrada por uma mente que não está preparada para isso, da mesma forma como é impossível que o sol nasça à meia-noite. A mente que quer descobrir a verdade, sem estar devidamente habilitada, recebe a verdade somente para corrompê-la, como bem exprimem as palavras de um homem que andou perto do segredo da sublime Goecia (ou a magia que existe na Natureza, como a eletricidade na nuvem):

— Quem deita água num poço lodoso, não faz mais do que turvar a água. **[**2**]**

— Onde quer ir parar? — objetou Glyndon.

— Ao seguinte: Que o meu caro jovem possui faculdades que podem dar-lhe poder extraordinário, pondo-o na conta daqueles encantadores que, maiores do que os magos deixam detrás de si uma influência duradoura, a qual é adorada onde quer que se compreenda a beleza e onde a alma seja sensível para tornar-se consciente de um mundo mais elevado do que este, em que a matéria luta por uma existência rude e incompleta. Porém, para tirar proveito destas faculdades, não necessito ser profeta para dizer-lhe que é mister que aprenda a concentrar todos os seus desejos em

grandes objetos. O coração deve permanecer tranquilo, para que a mente possa ser ativa. Até aqui não tem feito mais do que vagar de um projeto a outro. O que o lastro é para o navio, a fé e o amor são para o espírito. Com todo o seu coração, e perseverança, com a ideia concentrada em um só objeto, a sua mente e suas aspirações se tornarão igualmente enérgicas e estáveis. Viola é ainda muito jovem; o senhor não percebe o grande caráter que as vicissitudes da vida nela desenvolveram. Perdoe-me se lhe digo que a alma dessa moça, mais pura e mais elevada do que a sua, o ajudará a subir também às alturas sublimes, como um hino sagrado eleva ao céu as almas sensíveis. A sua índole aspira à harmonia, à música que, como ensinavam tão sabiamente os pitagóricos, transporta a alma a esferas superiores e acalma-a ao mesmo tempo. Eu ofereço-lhe esta música em seu amor.

— Porém, estarei eu certo de que Viola me ama?

— Tem razão, Glyndon; ela não o ama agora; o seu afeto pertence todo a um outro. Eu, porém, posso transferir para si o amor que ela sente presentemente por mim; sim, posso transferi-lo como o imã transmite a sua atração ao aço; se eu puder conseguir que ela o considere como o ideal dos seus sonhos.

— E semelhante poder pode ser facultado a um homem?

— Eu lha ofereço, se o seu amor é verdadeiro, se a sua fé na virtude e em si mesmo é profunda e leal; se, porém, não tem tal amor e fé julga que eu a desencantaria da verdade para fazê-la adorar uma mentira?

— Porém, — retrucou Glyndon, — se Viola é tudo o que acaba de dizer, e se ela o ama, como é que renuncia a um tesouro tão precioso?

Oh! Parvo e néscio coração humano! — exclamou Zanoni, com estranha veemência. — É possível que tenhas uma ideia tão pobre do

amor, que não saibas que o homem pode sacrificar-lhe tudo, até o seu próprio amor, para garantir a felicidade da pessoa que ama?... Escute-me!

E, ao dizer isto, o semblante de Zanoni empalideceu.

— Escute-me! Eu lhe conto tudo isto, porque a amo, e porque temo que comigo não seria tão ditosa como com o artista Glyndon. Por que? Não me pergunte, pois não lho quero dizer. Basta já! É tempo de que eu saiba a sua resposta; é impossível adiá-la mais. Antes da noite do terceiro dia, a contar de hoje, não terá mais direito para escolher!

— Mas, — disse Glyndon, ainda duvidando e alimentando certas suspeitas, — por que tanta pressa?

— Jovem, o senhor não é digno dela, se me faz semelhantes perguntas. Tudo o que posso dizer-lhe, deveria já saber por si mesmo. Aquele raptor, aquele homem de vontade poderosa, aquele filho do velho Visconti — e nisto não se parece consigo — é firme, resoluto e enérgico até em seus crimes, — ele nunca retrocede quando persegue um objeto que quer alcançar. Só uma paixão domina o seu desejo voluptuoso, — é a sua avareza. No dia seguinte ao da sua tentativa de raptar Viola, seu tio, o Cardeal, — de quem ele espera herdar muitas terras e muito ouro, — chamou-o e proibiu-lhe, sob pena de deserdá-lo, o prosseguimento de seus ignóbeis desígnios contra a jovem, a qual o Cardeal protegera e amara desde a infância. Esta é a causa que o tem detido em seus iníquos projetos. Enquanto nós estamos conversando, a causa vai desaparecendo. Antes do meio dia, o Cardeal terá deixado de existir! Neste mesmo instante, o seu amigo, Jean Nicot, está falando com o Príncipe de ***.

— Ele? E por que?

— Para saber que dote terá Viola Pisani na manhã em que deixar o seu palácio.

— E como sabe tudo isto?

— Insensato! Digo-lhe outra vez: porque um amante vigia de dia e de noite, quando algum perigo ameaça o objeto de seu amor.

— E foi o senhor quem informou o Cardeal?

— Sim, e o que eu fiz, podia também o senhor havê-lo feito. Vamos, qual é a resposta que me dá?

— Sabê-lo-á dentro de três dias.

— Seja assim; deixa a sua felicidade para a última hora, pobre homem inconsciente. No terceiro dia, a contar de hoje, virei saber a sua resposta.

— E onde nos veremos?

— Antes da meia-noite, no sítio onde menos o espera. Não poderá evitar esse encontro, ainda que tente fazê-lo.

— Ainda um instante! — disse o artista. — disse-me que sou desconfiado, irresoluto. Não tenho motivos para sê-lo? Posso eu ceder, sem resistência, à estranha fascinação que exerce sobre a minha mente? Que interesse pode levá-lo a impor a um desconhecido, como sou eu para ti, a ação mais grave da vida do homem? Suponha que qualquer outro homem, que estivesse em seu perfeito juízo, não quisesse um prazo para deliberar — e perguntasse a si mesmo: "Por que é que este estrangeiro se ocupa tanto de mim?".

— E sem embargo, — respondeu Zanoni, — se eu lhe dissesse que posso iniciá-lo nos segredos dessa magia que a filosofia de todo o mundo tem por uma quimera, ou por uma impostura; se lhe prometesse ensinar a maneira de dominar os seres do ar e do oceano, de poder acumular riquezas com tanta facilidade como uma criança junta as pedrinhas e os grãos da areia na praia, pôr em suas mãos a essência das ervas que prolongam a vida de século em século, o mistério dessa atração por meio da qual se evitam os perigos, se

desarma a violência e se subjuga o homem, como quando a serpente encanta a "avezinha"; se eu lhe dissesse que possuo todo este poder e que posso comunicar-lhe, então me escutaria e me obedeceria sem dúvida!

— E verdade; e posso explicar-me unicamente pelas imperfeitas recordações da minha infância, por tradições que existem em casa de ***.

— De seu avô, o qual, querendo auxiliar o restabelecimento da ciência, buscou os segredos de Apolônio e de Paracelso.

— Como! — exclamou Glyndon, pasmado. — Conhece os anais de uma linhagem tão obscura?

— Para o homem que aspira ao saber, — respondeu Zanoni, — não deve ser desconhecido o nome do mais humilde estudante da ciência. Pergunta-me por que me interesso tanto pela sua sorte? Por uma razão que ainda não lhe expliquei. Existe uma irmandade, cujas leis e mistérios são ignorados pelos homens mais estudiosos. Estas leis impõem a todos os seus filiados o dever de advertir, ajudar e guiar até os mais remotos descendentes dos que se têm esforçado, embora em vão, como seu avô, por conhecer os mistérios da Ordem. Nós temos a obrigação de aconselhar-lhes tudo o que pode fazer sua felicidade; e mais ainda: se o exigem de nós, havemos de aceitá-los por discípulos. Eu sou um membro desta sociedade, cuja memória se perde em tempos antiquíssimos; e é por isso que, desde que o encontrei pela primeira vez, me senti ligado a ti, por esses laços de fraternidade; esta é a causa por que o tenho atraído a mim, talvez inconscientemente filho da nossa Irmandade!

— Se é assim, ordeno-lhe, em nome das leis a que obedece, que me receba por discípulo.

— Que é o que quer? — disse Zanoni, com arrebatamento.

— Saiba primeiro as condições. Quem quer ser iniciado, deve, já

como neófito, ser livre de todo afeto ou desejo que o ligue ao mundo. Não lhe é permitido amar mulher alguma; deve estar livre de avareza e de ambição, livre de toda a ilusão, até da que inspira a arte ou a esperança de um nome ilustre. O primeiro sacrifício que teria a fazer seria renunciar a Viola. E por que? Por pertencer a uma ordem em que podem entrar apenas homens de grande coragem, pois hão de passar por provas a que resistem, somente as naturezas privilegiadas. O senhor não está apto para a ciência que me fez a mim e a outros o que somos; tem ainda muito medo!

— Medo! — exclamou Glyndon, corando e erguendo altivamente a cabeça.

— Medo, sim, e da pior espécie: o medo do que dirão os outros; o medo dos Nicots e dos Mervales; medo de seus próprios impulsos quando são generosíssimos; medo dos seus próprios poderes, quando o seu gênio lhe inspira coisas arrojadas; medo de que a virtude não seja eterna; medo de que Deus não vive no céu para velar sobre a terra; medo, sim, medo dos homens de coração pequeno; e este medo não conhece nunca os grandes homens.

E, ao dizer estas palavras, Zanoni desapareceu, deixando o artista humilhado e estupefato, porém não convencido.

Glyndon permaneceu só com seus pensamentos, até que o som do relógio o fez voltar a si; lembrou-se, então, da predição de Zanoni sobre a morte do Cardeal; — e sentindo-se impelido por um Intenso desejo de saber a verdade, saiu apressadamente para a rua e dirigiu-se ao palácio dessa alta personagem.

Ao chegar ali, soube que Sua Eminência havia expirado cinco minutos antes do meio-dia, e que a sua enfermidade havia durado apenas uma hora. A visita de Zanoni tinha sido mais prolongada do que a doença do Cardeal. Aterrorizado e perplexo, abandonou Glyndon o palácio, e, enquanto passava pela Chiaja, viu — Jean

Nicot que saia do palácio do Principe de ***.

CAPÍTULO V

"Two loves I have of comfort and despair, Which like two espirits do suggest me still".
Sheakspeare

"Tenho dois amores que me dão consolo e desespero, são como dois espíritos que ainda me sugestionam".

Venerável Irmandade, tão sagrada e tão pouco conhecida, de cujos secretos e preciosos arquivos foi tirado o material para esta história; você que tem conservado, de século, em século, tudo o que o tempo poupou da augusta e venerável ciência, — a ti agradecemos se agora, pela primeira vez, é dado ao mundo, embora imperfeitamente, algum registro dos pensamentos e das ações de um luz da sua Ordem, que não era uma falsa luz, nem por si mesmo apresentada. Muitos se intitulam membros dessa sociedade; muitos pretendentes espúrios foram assim chamados pela ignorância erudita, que até hoje, envergonhada e perplexa se vê obrigada a confessar que nada sabe da sua origem, das suas cerimônias ou doutrinas, e nem pode dizer-nos se ainda tem a sua sede na terra. A ti o agradecemos, eu o único do meu país admitido, com um passo de profano, na sua misteriosa Academia , eu que fui por ti autorizado e instruído para adaptar à compreensão dos não iniciados, algumas das brilhantes verdades que resplandeciam na grande Shemaia da Ciência Caldaica, e luziam francamente através da ciência obscurecida dos discípulos dos tempos posteriores, trabalhando, como Psellus e Jamblichus, para reavivarem as cinzas

do fogo que ardera no Hamarin do Leste.[3]

Embora não seja concedido a nós, filhos de um mundo envelhecido e adoentado, dizer o NOME que, segundo afirmam os mais velhos oráculos da terra, “penetra os mundos infinitos”, contudo podemos investigar as verdades que revivem, em toda a nova descoberta do filósofo e químico.

As leis da atração, da eletricidade, e do ainda mais misterioso agente daquele grande principio de vida, que, se fosse retirado do universo, transformaria este em túmulo, eram o Código em que a Teurgía dos antigos buscavam as guias que deviam levá-la a uma legislação e ciência que lhe eram próprias.

Para reconstruir com palavras os fragmentos desta história, parece-me como se, num solene transe, tivesse sido levado através das rumas de uma cidade de que só restavam túmulos. Do sarcófago e da urna, despertei o gênio da extinta Tocha**[**4**]**, e a sua forma parece-se tanto com a de Eros, que às vezes nem sei dizer com certeza qual de vós me dita, — ó Amor! ó Morte!

E como agitou o coração virginal esta nova, insondável e divina emoção! Era somente a afeição comum do pulso e da fantasia, dos olhos voltados para o Belo, do ouvido dirigido ao Eloquente, ou era um sentimento que não justificava a noção que ela mesma concebia a respeito dessa emoção admirável, — que não era gerada pelos sentidos, que era menos de amor terrestre e humano do que o efeito de algum encanto maravilhoso e sagrado? Eu disse que, desde o dia em que Viola resolveu submeter-se, sem medo, à influência de Zanoni, resolveu também traduzir em palavras seus pensamentos e confiá-los ao papel. Vejamos uma parte deste manuscrito, para conhecermos o caráter e a disposição da jovem cantora, por meio dos seus pensamentos.

O CONFESSIONÁRIO DO CORAÇÃO

É a luz do dia que me ilumina, ou é a recordação da sua presença? Por onde quer que eu dirija a minha vista, o mundo me parece cheio de sua imagem; no raio de sol que tremula sobre a água e sorri sobre as folhas, não vejo mais que a semelhança dos teus olhos. Que mudança é esta que altera não somente o meu ser, mas até o aspecto do universo inteiro?

"Como instantaneamente penetrou, na minha vida, o poder que fez vibrar o meu coração em seu fluxo e refluxo! Milhares de pessoas estavam ao redor de mim, e eu vi sempre só a ti. Foi na primeira noite em que entrei nesse mundo, que reduz a vida a um drama, que não tem outra linguagem que a música. Quão estranha e repentinamente aquele mundo se tornou para sempre ligado contigo! A minha vida me pareceu concentrar-se naquelas curtas horas, e dos teus lábios eu ouvia uma música, imperceptível para todos os ouvidos, menos para os meus. Estou sentada no quarto onde morou outrora meu pai. Aqui, naquela noite feliz, esquecendo-me do porque eles eram tão ditosos, entreguei-me à tristeza, buscando adivinhar o que tu eras para mim; e quando a voz de minha mãe me chamou, corri para sentar-me ao lado de meu pai bem perto dele, porque os meus próprios pensamentos se assustavam".

"Ah! Como foi doce e triste ao mesmo tempo a manhã que se seguiu a essa noite, quando os teus lábios me advertiam do meu futuro! E agora, pobre órfã que sou, em que posso pensar, com que devo sonhar, a quem devo estimar, senão a ti"?

"Com que ternura me repreendeste pelos pensamentos injuriosos que de ti formara! Por que estremecia eu, quando sentia que o teu olhar penetrava meus pensamentos, como o raio solar chega até a árvore solitária, com a qual tão bem me comparou? Era

porque a minha vida se assemelhava à dessa árvore, e porque, como ela, lutava pela luz; e a luz veio. Falam-me de amor, e, no teatro, sempre tenho nos meus lábios a tua linguagem. Não; repito-o sempre, não é amor o que sinto por ti, eu sei! — não é paixão, é um pensamento! Não peço que seja amada. Não me queixo de que tuas palavras sejam ásperas e frio o teu olhar. Não pergunto se tenho rivais; não procuro parecer formosa a teus olhos. E o meu espírito que deseja unir-se com o teu. Eu daria mundos, ainda quando estivéssemos separados, ainda quando houvesse entre nós o imenso oceano, digo, daria mundos para saber a hora em que teus olhos se dirigem às estrelas, e quando o teu coração eleva ao céu suas preces. Dizem-me que és mais belo do que as estátuas de mármore, mais formoso do que todas as formas humanas; mas eu nunca me atrevi a olhar fixamente o teu semblante, para que a minha memória pudesse comparar-se depois com os demais.

Lembro-me somente dos teus olhos e do teu afável e tranquilo sorriso. Tudo o que se passa no meu coração é misterioso, tão misterioso como a silenciosa luz da lua".

"Muitas vezes, quando o ar é calmo, parece-me que ouço as toadas da música do meu inesquecível pai; e, embora já há muito tempo que os autores dos meus dias repousam na tumba, creio que várias vezes vieram interromper meu sonho no meio das noites silenciosas. Parece-me que ouço o violino de meu pai gemer e lamentar-se, quando, vendo-o partir, mergulho-me em aflição. Você é algo dessa música, é seu espírito, seu gênio. Meu pai deve tê-lo conhecido, e talvez visitava as suas regiões natas, quando os ventos paravam para escutar seus tons, e o mundo o tinha por louco! Eu ouço daqui, de onde estou sentada, o longínquo murmúrio do mar. Murmurai benditas águas! As ondas são as pulsações da praia.

Elas batem com a alegria da brisa matutina, — assim como bate

o meu coração na frescura e luz que me fazem pensar em ti”!

“Muitas vezes, em minha infância, meditei e perguntei a mim mesma, porque havia vindo ao mundo; e minha alma, respondendo ao coração dizia: “Nasceste para adorar!” Sim; eu sei porque o mundo real me tem parecido sempre tão falso e tão frio. Sei porque o mundo teatral me encantava e ofuscava. Sei porque me era tão grato sentar-me num sítio solitário e mirar o meu ser inteiro nos céus distantes. Eu não nasci para esta vida, que tão feliz parece aos demais. A minha alma precisa ter sempre diante de si alguma imagem mais sublime do que ela mesma! Estrangeiro, quando tiver passado pelo túmulo, em que região elevada poderá a minha alma adotar o que adoras?

“Nos jardins do meu vizinho há uma fonte. Esta manhã, depois do nascer do sol, estive junto dela. Como saltava a sua espumosa água, brilhando nos raios solares! E eu pensei que devia ver-te outra vez naquele dia, e assim saltava o meu coração na luz da nova aurora que me trazia do céu”.

“Ah! — respondi — que importa a história do coração de uma menina”

“Viola — respondeste, com essa voz tão calma e tão serena, — Viola, a obscuridade do coração de uma criança é, às vezes, a sombra de uma estrela. Fala! Então quando apanharam o teu rouxinol e o meteram na gaiola, recusou-se a cantar”

“Sim, e eu coloquei a gaiola entre as folhas daquela parreira, e, tomando o meu alaúde, pus-me a falar-lhe por meio das cordas; pois pensei que toda a música era sua linguagem natural e que ele compreenderia que eu queria consolá-lo”.

“Sim, — disseste — e, por fim, ele te respondeu, porém não cantando, mas com um grito estridente e breve; tão triste, que as tuas mãos deixaram escapar o alaúde, e os teus olhos verteram lágrimas.

Em seguida, abriste a porta da gaiola, e o rouxinol, aproveitando este teu gesto, saiu voando para o mato; e ouviste mover-se a folhagem, e viste através dos raios da lua, que o passarinho havia encontrado a sua companheira. O rouxinol cantou, então, pousando entre os ramos, uma ária longa, sonora e alegre. E meditando, sentiste que não eram as folhas de parreira, nem a lua, o que, fazia o rouxinol cantar tão melodiosamente, mas que o segredo do seu canto era a presença de um ser querido".

"Por que sabias os meus pensamentos infantis melhor do que eu mesma? Como é, formoso estrangeiro, que a minha vida humilde, nos seus minuciosos pormenores, lhe é tão conhecida? Admiro-me, porém nunca mais me atreverei a ter medo de ti!"

"Um dia, a lembrança dele me oprimia. Como uma criança que chora por não poder apanhar a lua, assim eu sentia no meu coração um vago desejo de urna coisa que nunca poderia atingir. Agora, pelo contrário, quando penso em ti, desvanece-se qualquer pesar que oprima a minha alma. Flutuo nos tranquilos mares da luz e nada parece demasiado alto às minhas asas, nem demasiado brilhante para os meus olhos. Era a minha ignorância que me levava a temê-lo. Parece-me que de ti se desprende um saber que não está nos livros, e que o envolve como uma atmosfera. Quão pouco tenho lido! Quão pouco tenho aprendido!

Porém, quando tu estás a meu lado, parece-me que se levanta, diante dos meus olhos, o véu de toda a sabedoria e da Natureza inteira. Sinto surpresa até quando vejo as palavras que escrevi; parece-me que não vêm de mim mesma, mas que são os sinais de uma outra língua que tu ensinaste ao meu coração, e que a minha mão traça rapidamente, como se me fossem ditadas. Às vezes, enquanto escrevo ou medito, se me figura que ouço umas asas que se agitam ao redor de mim, e que vejo opacas formas de beleza que me

rodeiam e se desvanecem, sorrindo. Nenhum sonho pesado e medroso vem agora me inquietar quando durmo, mas a minha vida, quer eu durma, quer esteja acordada, é toda como um contínuo sonho.

Quando durmo, viajo contigo, não pelos caminhos da terra, mas pelo ar impalpável, — por um ar que parece uma harmonia, — e me elevo mais e mais alto, como a alma sobe sobre os tons da lira! Antes de conhecer-te, fui escrava da terra. Tu me deste a liberdade do universo! Antes de conhecer-te, eu estava viva; agora, porém, me parece que começou para mim a eternidade"!

"Antes, quando eu tinha que aparecer na cena, o meu coração batia com mais força; eu temia encontrar-me, face a face, com o auditório, cuja voz dá vergonha ou fama; agora, não o receio mais. Olho essa gente, mas a minha vista não se cruza com a sua; eu não observo, não ouço o auditório! Sei que há música em minha voz, pois é um hino que canto em seu louvor! Tu nunca vens ao teatro; e, contudo, isto não me entristece. És demasiado sagrado aos meus olhos, para que me pareça igual aos demais; e sinto um prazer vendo que não estás presente quando a multidão tem o direito de julgar-me".

"E ele me falou de um outro, a um outro queria ele entregar-me! Não, não é amor o que sinto por ti, Zanoni; aliás, por que te escutei sem ressentir-me? Por que não me pareceu coisa impossível a tua ordem? Como as cordas de um instrumento obedecem à mão de quem as maneja, o teu olhar modula todos os desejos do meu coração, submetendo-os à tua vontade. Se o queres, — assim, seja, assim. És o árbitro do meu destino; não posso rebelar-me contra ti! Até penso que amaria a quem quer que fosse, uma vez que lhe transmitisses os raios que te rodeiam. Amo tudo o que tocaste, e tudo que fala de ti. As tuas mãos brincaram com estas folhas de

parreira e, por isso, eu as guardo sobre o meu peito. Parece-me que tu és a fonte de todo o amor; parece-me que, sendo demasiado alto e demasiado brilhante para seres amado, irradias a tua luz em outros objetos, que a vista pode contemplar sem ofuscar-se. Não é amor o que sinto por ti e, portanto, não me envergonharei de nutrir e contestar estas ideias. Seria um opróbrio para mim, amar-te, sabendo que sou aos teus olhos uma coisa sem valor"!

"Um outro! A minha memória repete esta palavra. Um outro! Queres dizer-me, com isso, que não tornarei já a ver-te? Não é tristeza, não é desespero o que se apodera de mim. Não posso chorar. É um profundo sentimento de desolação. Estou atirada novamente à vida vulgar; e tremo ao considerar a minha solidão. Contudo, obedecer-te-ei, se assim queres. Tornarei a ver-te só no além da bimba? Oh!

Como seria doce para mim a morte!"!

"Por que não luto para romper os laços que enredam assim a minha vontade? Tens direito de dispor de mim como queres? Devolve-me à vida que conheci antes de ver-te; a vida que depus em tuas mãos!

Devolve-me os tranquilos sonhos da minha infância — a liberdade do meu coração que cantava em voz alta quando andava nesta terra. Tu me desencantaste de todas as coisas que não se referem a ti mesmo.

Era um crime, eu pensar em ti, e vê-lo? O teu beijo queima ainda a minha mão; é minha esta mão, para que eu a dê a quem quiser? O teu beijo reclamou e consagrou esta mão para ti. Estrangeiro, eu não te obedecerei".

"Mais um dia, — um dos três dias fatais, passou! Admiro-me como o sono da última noite derramou sobre o meu peito uma calma profunda. Sinto-me tão segura na minha concepção de que o meu

verdadeiro ser tornou-se uma parte de ti, que não posso crer que a minha vida possa separar-se da tua; e nesta convicção descanso, e rio-me até das tuas palavras e dos teus temores. Professas uma máxima que repetes em mil formas: que a beleza da alma é a fé; que a fé é para o coração o que o ideal é para o escultor; que a fé, bem compreendida, se estende a todas as obras do Criador, a quem só podemos conhecer por meio dela; que a fé nos infunde uma tranquila confiança em nós mesmos, e um sereno descanso ao pensarmos no nosso futuro; que a fé é a lua que domina o fluxo no mar da vida humana. Eu sei que tenho entrelaçado de uma forma indivisível a madeixa das nossas vidas e que não posso separar-me de ti, ainda que o queira! E esta mudança da luta nesta calma realizou-se enquanto estive dormindo, num sono sem sonho; quando despertei, tive um misterioso sentimento de felicidade, — uma confusa lembrança de algo agradável, como se tu de longe, tivesses feito cair um sorriso teu sobre mim, adormecida. De noite, eu estava tão triste! Não havia um botão que não se tivesse fechado, como se nunca mais devesse tornar a abrir o seu cálice ao sol; e a noite mesma, tanto no coração como na terra, transformou os botões em flores. O mundo torna a ser belo, e a sua beleza está unida à calma; nem a mais leve brisa move as árvores, nem a menor dúvida perturba a minha alma”!

CAPÍTULO VI

"Tu vegga o per violenza o per inganno Patire o disonore o mortal danno".

Orlando Ftsr., canto XLII, 1

"Ou por violência, ou por engano, deverá sofrer desonra ou dano mortal.

Estamos num pequeno gabinete, cujas paredes estão cobertas de pinturas, das quais cada uma tem mais valor do que toda a linhagem do dono do palácio. Oh, sim! Zanoni tem razão: o pintor é um mago; o ouro que ele, ao fim, extrai do seu crisol, não é uma ilusão. Um nobre veneziano pode ser um janota, ou um assassino, um homem vil ou um imbecil; ainda, porém, que seja um homem indigno, pode ter-se feito retratar por Ticiano, e o seu retrato pode ser de um valor inestimável, — algumas polegadas de tela pintada podem valer mil vezes mais do que um homem de carne e osso, com seu cérebro, com sua vontade, com seu coração e sua inteligência!

Neste gabinete estava sentado um homem de uns quarenta e três anos, de olhos negros, tez pálida, formas salientes, boca grande, em cujos grossos lábios se via pintada a sensualidade e a resolução. Este homem era o Príncipe de ***. A sua estatura era algo mais que mediana e a sua forma um pouco inclinada à corpulência; trajava um largo chambre de rico brocado. Sobre uma mesa diante dele estavam uma espada antiga, um chapéu, uma máscara, dados e um copo para estes, uma carteira e um tinteiro de prata ricamente cinzelado.

— Bem, Marcari, — disse o Príncipe, olhando para o seu

cortesão, que permanecia no vão de uma janela gradeada de ferro, — bem! o Cardeal já dorme com seus pais; eu preciso consolar-me da perda de um parente tão excelente; e que coisa poderia oferecer-me maior distração do que a doce voz de Viola Pisani?

— Fala Vossa Excelência seriamente? — respondeu Mascari.

— Há pouco tempo que faleceu Sua Eminência!

Por esta mesma razão, ninguém suspeitará de mim, — redarguiu o Príncipe. — Sabe o nome do insolente que nos burlou naquela noite, e avisou o Cardeal no dia seguinte?

— Ainda não.

— Pois bem, sapientíssimo Marcari! Eu lhe direi. Foi o misterioso estrangeiro.

— O senhor Zanoni? Estais seguro disso, senhor Príncipe?

— Sim, Mascari. Na voz desse homem há algo que não me deixa enganar; o seu tom é claro e tão imperioso que, quando o ouço, quase acredito que existe o que chamam consciência. Sem embargo, havemos de desfazer-nos desse impertinente, Mascari; o senhor Zanoni ainda não honrou a nossa pobre casa com sua presença. Sendo ele um estrangeiro tão distinto, devemos obsequiá-lo com um banquete.

— Ah! E o vinho de Chipre! Chipre e cipreste soam um pouco semelhantemente, e o cipreste é o melhor emblema da tumba.

Porém, isto há de ser logo, — disse o Príncipe; — eu sou supersticioso, e contam-se tantas coisas do poder de Zanoni e da sua previsão... Lembra-se da morte de Ughelli. Porém, não importa; ainda que estivesse aliado com o demônio, não roubará a minha felicidade, nem evitará a minha vingança.

— Vejo que Vossa Excelência está deveras enfeitiçado pela atriz.

— Mascari, — respondeu o aristocrata, com um sorriso orgulhoso, — por estas veias corre o sangue dos velhos Visconti,

daqueles que se vangloriavam de que mulher alguma lhes escapou quando a cobiçavam, e nenhum homem soube evitar o seu ressentimento. A coroa dos meus antepassados converteu-se num brinquedo; a sua ambição e o seu espírito, porém, estão sempre firmes. A minha honra está comprometida nesta empresa, Viola há de ser minha!

— Outra emboscada? — perguntou Mascari, para descobrir terreno.

— Não, — respondeu o príncipe; — por que não penetraríamos na casa? Está num sítio muito solitário, e a porta não é de ferro.

— E se ela, ao regressar à sua casa, relatar a nossa violência? Uma casa assaltada, uma virgem roubada!

Refleti bem; ainda que os privilégios feudais não estejam destruídos, lembrai-vos de que agora nem um Visconti está acima da lei.

— Não está, Mascari! Louco! Em que época do mundo, mesmo se esses maníacos lá da França realizassem suas quimeras, a férrea lei não dobrará como um débil galho de vime, ante o poder e o ouro?

Não empalideça, Mascari; combinei tudo perfeitamente. No dia em que Viola deixar este palácio, seguirá para a França com Monsieur Jean Nicot.

Antes que Mascari pudesse replicar, o criado anunciou o senhor Zanoni.

O Príncipe pôs, involuntariamente, a mão sobre a espada colocada sobre a mesa; depois, sorrindo do seu impulso, levantou-se e foi receber a visita ao limiar da porta, com a profunda e respeitosa cortesia da dissimulação italiana.

— Uma honra que muito me desvanece, — disse o aristocrata. — Havia muito tempo que desejava apertar a mão de uma pessoa tão distinta.

— E eu lha estendo com a intenção com que a procura — respondeu Zanoni.

O napolitano apressou-se a apertar a mão de Zanoni; porém, apenas a tocou, sentiu um forte estremecimento, e o seu coração cessou de bater. Zanoni fixou no príncipe seus negros olhos sorridentes, e sentou-se com ar familiar.

— Assim, nobre Príncipe, fique firmada e selada a nossa amizade. E agora dir-lhe-ei qual é o objeto da minha visita. Acho, Excelência, que, talvez inconscientemente, somos rivais. Não podemos regular as nossas pretensões?

— Ah! — respondeu o napolitano, afetando indiferença, — então é o senhor o cavalheiro que me arrebatou o prêmio da minha caça? Na guerra e no amor, todos os estratagemas são legais. Reconciliemos as nossas pretensões! Bem; aqui estão os dados; que a sorte decida sobre ela. Quem obtiver o ponto mais baixo, renunciará a Viola.

— É esta uma decisão, a que promete submeter-se?

— Sim, sob a minha palavra de honra.

— E a quem falta à sua palavra, que castigo se lhe impõe?

— A espada está junto aos dados, senhor Zanoni. Quem faltar à sua palavra de honra que caia pela espada.

— Então, Príncipe, Vossa Excelência invoca esta sentença para qualquer de nós dois, se faltar à sua promessa de submeter-se à decisão dos dados? Está bem; aceito. Que o senhor Mascari deite os dados por nós.

— Muito bem! Mascari, os dados!

O Príncipe acomodou-se em sua cadeira; e, apesar de toda a sua fleuma mundana, não pôde dominar a emoção que fez colorir o seu semblante à ideia do seu triunfo e satisfação. Mascari agarrou os três dados, colocou-os no copo e fê-los rolar ruidosamente. Zanoni,

apoiando a face com a mão, e inclinando-se sobre a mesa, fixou os seus olhos firmemente no parasita. Em vão Mascari se esforçava por subtrair-se àquele olhar perscrutador; empalideceu, e, tremendo, pôs o copo dos dados sobre a mesa.

— O primeiro lance será para V. Excia. — disse Zanoni.

E dirigindo-se ao cortesão:

— Senhor Mascari, tenha a bondade de tirar-nos logo das dúvidas.

Mascari tomou de novo o copo com os dados, agitou-o ruidosamente e, depois, deitando-os, verificou que o lance dava dezesseis pontos.

— É um número bem alto! — disse Zanoni, com calma; — contudo, senhor Mascari, ainda não desespero.

Mascari recolheu os dados e, agitando o copo, despejou novamente o seu conteúdo sobre a mesa: o número era o mais elevado que se podia obter: dezoito.

O Príncipe lançou um olhar irritado ao seu criado, que contemplava os dados com a boca aberta, tremendo da cabeça aos pés.

— Como vê senhor, ganhei, — disse Zanoni; — poderemos, apesar de tudo, ser amigos?

— Senhor, — respondeu o Príncipe, esforçando-se por dominar a sua raiva e confusão, — a vitória é sua.

Porém, falou dessa jovem com muita frieza; haveria algo que pudesse fazer-lhe renunciar ao seu direito?

— Ah! Não pense tão mal de minha fidalguia, — respondeu Zanoni, e acrescentou com voz grave: — Não se esqueça da sentença que os seus lábios pronunciaram.

O Príncipe franziu as sobrancelhas; porém reprimiu a altiva resposta que o seu primeiro impulso lhe punha na boca, e retrucou

com fingido sorriso: — Basta! Eu cedo; e deixe-me provar-lhe que cedo sem nutrir ressentimentos. Quer honrar com sua presença uma pequena festa que me proponho dar?

E com riso sardônico, acrescentou: — Será dada a festa em honra da elevação do meu parente, o falecido Cardeal, de pia memória, à verdadeira cadeira de São Pedro.

— Será para mim um prazer obedecer às vossas ordens, respondeu Zanoni.

E, mudando de conversação, falou alguns instantes com bom humor, depois se despediu.

— Patife! — exclamou o Príncipe, agarrando Mascari pelo pescoço. — Você me traiu...

— Asseguro a Vossa Excelência — disse o criado — que os dados estavam bem preparados: para ele não deviam sair mais do que dez pontos; porém este homem é o diabo, e assim se explica tudo.

— Não percamos tempo, — respondeu o Príncipe, soltando o criado, que, tranquilamente, começou a pôr em ordem a sua gravata. — O meu sangue está fervendo; quero que esta menina seja minha, ainda que isto me custasse a vida.

— Que ruído é esse?

— Nada, senhor, foi a espada do vosso ilustre avô que caiu da mesa.

CAPÍTULO VII

"Il ne faut appeler aucun ordre, si ce n'est en temps clar et serein".
Les Clauvicles du Rabbi Salomon.

"Não se deve evocar espíritos de classe alguma, a não ser em tempo claro e sereno".

CARTA DE ZANONI A MEJNOUR

"A minha arte começa já a obscurecer-se e turvar-se. Perdi a serenidade que é a que dá o poder. Já não posso influenciar as decisões daqueles que desejava guiar à margem; vejo-os andarem cada vez mais longe e mais engolfados no imenso oceano onde os nossos barcos navegam eternamente, dirigindo-se ao horizonte que foge diante de nós. Admirado e alarmado de ver que só posso aconselhar e advertir, quando desejo mandar, dirigi o meu olhar à minha própria alma. É verdade que os desejos terrestres ligam-me ao presente, e encobrem-me os solenes segredos que unicamente o intelecto, purificado de toda a escória material, pode examinar e avaliar. A dura condição, sob a qual nos foram concedidos nossos mais nobres e divinos dons, anuvia a nossa vista quando a dirigimos para o futuro daqueles que nos têm inspirado as fraquezas humanas de zelos, ódio ou amor".

Mejnour, uma densa névoa levanta-se em torno de mim; eu declinei em nossa sublime existência, e do seio de imorredoura juventude, que floresce somente no espírito, brota a negra e

venenosa flor do amor humano.

Este homem não é digno dela, — eu conheço esta verdade; porém, a sua natureza contém a semente do que é bom e grande, e esta semente poderá germinar, se o joio e as vis ervas da vaidade e dos preconceitos mundanos não o impedirem. Se essa jovem fosse sua, e eu pudesse assim transplantar em outro solo a paixão que obscurece a minha vista e desarma o meu poder, eu, sem ser visto, ouvido ou conhecido, poderia velar pela sorte deste homem e inspirar-lhe secretamente o bom sucesso de suas obras, e a ela proporcionar a felicidade por intermédio dele. Mas o tempo urge! Por entre as sombras que obscurecem a minha vista vejo amontoarem-se os mais terríveis perigos. Não resta outro recurso senão fugir, ela não pode salvar-se senão com ele, ou comigo.

Comigo! — á ideia sedutora, — convicção terrível! Comigo! Mejnour, admira-te saber que eu desejaria salvá-la de mim? Um momento na vida dos séculos, uma bolha no meio do imenso mar. Que outra coisa poderia ser para mim o amor humano? E nesta esquisita natureza, mais pura e mais espiritual em suas afeições juvenis, do que tudo o que eu pude contemplar no passado, nos inumeráveis volumes do coração, geração após geração, existe, contudo, um oculto sentimento que me adverte que inevitáveis males a aguardariam, se fosse minha. O austero e insensível Hierofante, tu que quiseste converter à nossa irmandade todos os homens cujos espíritos te pareciam elevadíssimos e altamente atrevidos, e sabes, por horrível experiência, quão baldia é a esperança de banir o medo do coração da mulher. A minha vida seria para ela uma maravilha. Até se, por outro lado, eu tentasse guiar seus passos pela região do terror, para fazê-la vir à luz, lembro-me do Espectro do Umbral, e estremeço ao imaginar o tremendo perigo!

Eu me esforcei por despertar no coração do inglês a ambição que inspira a verdadeira glória da sua arte; mas o espírito inquieto do seu avô parece inspirar ainda este jovem e atraí-lo às esferas onde se perderam os seus próprios passos. Existe um mistério nessa transmissão de inclinações do pai ao filho.

Certas particularidades da mente, bem como as enfermidades do corpo permanecem adormecidas durante algumas gerações para depois reviverem, em algum distante descendente; resistem a todo o tratamento e zombam de toda a ciência.

Vem visitar-me Mejnour! Deixa as tuas solitárias ruínas de Roma, e vem prestar-me teu auxílio! Anseio por ter um confidente vivo, — um que sentiu, em outro tempo, também o ciúme e o amor. Quis comunicar-me com Adonai; mas a sua presença, que outrora me inspirava tão celestial contentamento com a sabedoria e tão serena confiança no destino, agora só me confunde e faz-me titubear. Das alturas de onde me esforço por penetrar as sombras do porvir, vejo confusos espectros de aspecto irado e ameaçador. Parece-me que distingo um pálido fim da maravilhosa existência que tenho gozado, parece-me que, depois de séculos de uma vida ideal, vejo os meus dias precipitarem-se na mais tempestuosa voragem da realidade. Lá onde as estrelas me abriam as suas portas, vejo aparecer um cadafalso, densos vapores de sangue se levantam como de um matadouro. O que acho mais estranho, é que uma criatura humana, um tipo do falso ideal dos homens vulgares, um homem disforme de corpo e de mentalidade, um hediondo escárnio da arte que cria a beleza e do desejo que busca a perfeição, aparece-me sempre no meio dessas confusas e negras sombras do meu destino. Sempre o vejo junto a esse cadafalso, e fala-me em sua geringonça, e dos lábios lhe goteja lama e sangue.

Vem, oh! Vem, amigo dos tempos de outrora; sei que, quando se

trata de mim, a tua sabedoria não apaga no teu coração as afeições humanas. Segundo os vínculos da nossa augusta Ordem, reduzida agora a nós dois, únicos sobreviventes de tantos altivos e gloriosos aspirantes, estás também obrigado a advertir o descendente daqueles que os teus conselhos procuravam iniciar no grande segredo, num tempo já passado. O último descendente daquele intrépido Visconti, que foi teu discípulo, é infatigável perseguidor desta formosa jovem. Ele, com as suas ideias libidinosas e assassinas, está abrindo a sua sepultura; podes talvez, ainda fazê-lo vacilar, desistir do seu projeto e evitar o precipício.

E eu também, misteriosamente, pelos mesmos vínculos, me vejo obrigado a obedecer, se o jovem inglês exigir que seja iniciado, este menos culpado descendente de um desenganado, porém nobre estudante.

Se ele rejeitar o meu conselho, insistir em que eu cumpra a promessa, terás, Mejnour, um novo neófito.

Não queira outra vítima! Vem a mim! Esta carta chegará às tuas mãos o mais depressa possível.

Responde-a com o contato de uma mão que ainda me considero digno de apertar.’

CAPÍTULO VIII

"Il lupo Ferito, credo, mi conobbe e 'ncontro Mi venne con la bocca sanguinosa".

Amita, Acto IV, Scena I

"O lobo ferido, creio, conheceu-me e veio ao meu encontro, com a boca sanguinolenta".

O túmulo de Virgílio, situado sobre a caverna de Posilippo, é venerado em Nápoles, não com os sentimentos que deveriam honrar a memória do poeta, mas com o terror que inspira a recordação de um mago. Os napolitanos atribuem a seus feitiços a cavidade daquela montanha; e a tradição ainda faz guardar o seu túmulo pelos espíritos que evocara para construir a caverna.

Este sítio, que se achava na imediata vizinhança da casa de Vida, havia muitas vezes atraídos seus solitários passos. A jovem se comprazia com as tétricas e solenes fantasias que lhe inspirava a vista daquela profunda e tenebrosa gruta; e, às vezes, subia até ao túmulo do poeta para contemplar, daquela elevada rocha, as pequenas figuras da afamada multidão, que pareciam arrastar-se como insetos pelas tortuosidades da cidade que lhe ficava abaixo; e agora, na hora do meio dia, dirigia-se a jovem para este sitio, com ar contemplativo. Ia pelo estreito caminho, e depois de cruzar a sombria vinha que trepa pela rocha, chegou ao ponto mais elevado, coberto de musgo e de verde folhagem, onde, como é opinião geral, repousam os restos daquele que ainda hoje inspira aos homens sublimes pensamentos.

Numa distância notável, levantava-se a imensa fortaleza de Sant'Elmo, fazendo negrejante carranca no meio de pináculos e zimbórios que brilhavam esplendidamente os raios de sol. Acalentada pelo murmúrio das ondas, a sereia dormia no azulado mar, e o Vesúvio, não muito longe, elevava ao lúcido firmamento uma coluna móvel de fumaça.

À borda do precipício, estava Viola, imóvel, contemplando o formoso panorama que o mundo dos vivos apresentava, lá em baixo, à sua vista; e o negro vapor do Vesúvio a fascinava ainda mais do que os dispersos jardins, ou a brilhante Cáprea, que sorria no meio dos sorrisos do mar.

Viola, que não tinha notado o ruído dos passos que seguiam a sua pista, sobressaltou-se ao ouvir uma voz junto de si. Tão repentina foi a aparição da forma que notou a seu lado, emergindo das moitas que cobriam as rochas, e a sua extraordinária fealdade harmonizava-se tanto com a selvagem natureza da cena que a rodeava e com as tradições misteriosas daquele sítio, que a jovem empalideceu, e um débil grito escapou-se-lhe dos lábios.

— Silêncio, tímida pombinha! Não tenha medo do meu rosto — disse o homem, sorrindo com amargura. — Depois de três meses de matrimônio, não existe a menor diferença entre a formosura e a fealdade. O costume é um grande nivelador. Eu me dirigia à sua morada justamente quando você de lá saia; e como tenho que lhe comunicar assuntos de importância me atrevi a seguir seus passos. Eu me chamo Jean Nicot e o meu nome já é bastante conhecido como artista francês. A pintura e a música são artes irmãs, e o teatro é o altar que as une.

Havia, na conversação deste homem, uma certa franqueza, que desvaneceu o medo que causara à primeira vista. O artista sentou-se sobre uma pedra, ao lado da jovem e prosseguiu, fixando nela os

seus olhos.

— É muito formosa, Viola Pisani, e não me surpreende que tenha tantos admiradores. Se eu me atrevo a figurar entre eles, é porque sou o único que a ama honestamente e que a galanteia seriamente. Não me olhe com indignação! Escute. Falou-lhe alguma vez do matrimônio o Príncipe de ***, ou esse belo impostor Zanoni, ou esse jovem inglês de olhos azuis, Clarêncio Glyndon? O que eu lhe ofereço é um matrimônio; sim, ofereço-lhe a minha mão, um lar, a segurança e a reputação; e estes são bens que persistem, quando o peso da velhice faz curvar as pessoas e apaga o brilho dos olhos. Que diz?

Ao fazer esta pergunta, Nicot fez um movimento, querendo tomar a mão da jovem. Viola, porém, esquivou-se ligeira e, voltando-lhe as costas, tomou silenciosamente o caminho de sua casa.

Nicot, ao perceber a intenção da jovem, correu a interceptar-lhe o passo.

— Formosa atriz! — exclamou ele, — há de ouvir-me! Sabe o que é a carreira do teatro aos olhos das pessoas que vivem nutrindo preconceitos, isto é, para a maioria da sociedade? Eu vo-lo direi. De noite, ao resplendor dos lampadários, é uma princesa; à luz do dia, porém, não é mais do que uma infeliz.

Ninguém crê em sua virtude, nem em seus votos; é a boneca que o público veste de ouro falso, para que o divirta, mas não é um ídolo que se adore. Tem, por acaso, tanta afeição a essa carreira, que, por ela, despreza a segurança e a honra? Talvez seja diferente do que parece ser. Talvez se ria dos preconceitos que lhe desagradam, e pode ser que queira tirar deles vantagem. Fale-me com franqueza; eu também não nutro preconceitos. Minha querida estou certo de que nós nos compreenderemos. Agora, é preciso que saiba que tenho que lhe dar um recado do Príncipe de ***. Devo dizer-lhe?

Nunca se sentira Viola tão abatida como neste instante, nunca havia visto tão claramente, como agora, todos os perigos de sua situação, de sua ameaçada fama, do seu honrado nome, que vís projetos queriam macular.

Nicot continuou: — Zanoni não faria mais que se divertir com sua vaidade; Glyndon se desprezaria a si mesmo, se lhe oferecesse a sua mão e o seu nome, e despreza-la-ia se aceitasse; mas o Príncipe de *** pensa seriamente, e é rico. Escute!

E Nicot aproximou os lábios ao ouvido da jovem e disse-lhe uma frase que Viola não lhe permitiu completar; e dirigindo-lhes um olhar de profundo desprezo, retrocedeu. Nicot fez, então, um esforço para tomar-lhe o braço e detê-la; porém, resvalou-lhe um pé e ele caiu rolando pela rocha, até que um galho de pinho, em que ele, já ferido e machucado, se deteve, serviu-lhe de ponto de salvação, senão teria ido parar no fundo do abismo.

Viola, ouvindo a sua exclamação de raiva e dor, pôs-se a correr pelo caminho e, sem volver a vista, chegou à sua casa. Ali, sob o alpendre, Glyndon estava conversando com Gianetta. Viola passando precipitadamente ao seu lado, entrou no quarto, sem deter-se e, atirando-se ao leito, pôs-se a chorar amargamente.

Glyndon, admirado de ver a jovem entrar daquela maneira, seguiu-a, esforçando-se em vão por acalmá-la e consolá-la.

Viola não respondia às suas perguntas; nem parecia, igualmente, escutar as suas declarações de amor, até que, de repente, recordando-se da terrível descrição, que Nicot lhe fizera, do juízo que a sociedade formava da sua carreira, dessa profissão que, outrora, lhe havia parecido, em seus pensamentos infantis, o serviço da Arte e da Beleza, levantou a cabeça e, olhando fixamente o inglês, disse-lhe: — Homem falso, você se atreve a falar-me de amor?

— Juro-lhe, pela minha honra, que me faltam palavras para

dizer-lhe como a amo!

— Quer oferecer-me a sua casa, e dar-me a seu nome? Quer casar-se comigo?

Se, neste momento, Glyndon tivesse respondido o que lhe aconselhava o seu anjo bom, talvez, na terrível revolução que se operava em toda a mente da jovem, em consequência das palavras que lhe dissera Nicot, palavras que a faziam desprezar-se a si mesma, e que, depois de arrebatar-lhe suas ilusões, a fizeram desesperar do seu porvir e tiraram-lhe as crenças em todo o seu ideal, talvez, repito, reabilitando-a em seu conceito, ele teria granjeado a confiança da jovem, e teria conquistado o seu coração.

Porém, contra o impulso de sua natureza mais nobre, esta inesperada pergunta despertou em seu espírito todas as dúvidas que, como Zanoni havia dito tão acertadamente, eram os verdadeiros inimigos de sua alma. Iría cair no laço que os enganadores tinham preparado para a sua credulidade? Não seria tudo isso senão um ardil, uma coisa fingida, para surpreendê-lo e arrancar-lhe uma promessa, da qual a fria prudência o faria arrepender-se depois? Não podia essa grande atriz representar um papel estudado de antemão? Estes pensamentos, filhos do mundo, cruzando por sua mente, desviaram-no do seu primeiro impulso, e até se lhe afigurou ouvir, na rua, o riso sarcástico de Mervale.

E não se enganava, neste ponto: Mervale passava naquele momento em frente a porta, e Gianetta lhe havia dito que os seu amigo estava lá dentro. Quem é que não conhece o efeito que produz o riso do mundo? E Mervale era a personificação do mundo. Na gargalhada de Mervale, parecia a Glyndon que ouvia o grito de escárnio do mundo inteiro.

O jovem artista parou e retrocedeu. Viola seguia-o com os olhos sérios e impacientes. Enfim, Glyndon balbuciou: — Exigem todas as

de sua profissão, formosa Viola, o matrimônio como a única prova de amor?

Oh! Pergunta amarga! Oh! Insulto venenoso! Glyndon, conhecendo a sua injustiça, arrependeu-se logo no mesmo instante; a razão, o sentimento e a consciência repreendiam-lhe, com graves remorsos, o seu comportamento. Ele notou o movimento de dor que Viola manifestou ao ouvir as suas palavras cruéis.

Viu que a cor do seu rosto mudava-se repetidas vezes, para deixá-la, por fim, pálida como morta. A atriz dirigiu-lhe, depois, um olhar de indizível tristeza, em que não se revelava a mais leve repreensão, e, apoiando ambas as mãos fortemente contra o coração, disse:

— Ah! Ele tinha razão! Perdoe-me, senhor; eu vejo agora que, realmente, sou uma enjeitada, uma criatura detestável!

— Escute, Viola! — exclamou Glyndon. — Eu retrato o que disse. — Viola, Viola! Perdoe-me!

Mas a jovem, em vez de responder, despediu-o com a mão, e dirigindo-lhe um sorriso triste, saiu do quarto, sem que Glyndon se atrevesse a detê-la.

CAPÍTULO IX

"Da! ne Ma, chi Iung' é d'Amor?
Tirai: Chi teme e fugge.
Dalne: E che giova fuggir da ch,ha l,ale?
Tirai: Amor nascente ha corte l'ale".
Amlnta, Acto II, Scena 2.

"Dafne: Mas quem está longe do Amor?
Tirai: Quem teme e foge.
Dafne: E que vale fugir dele, se éle tem asas?
Tirai: O amor nascente tem asas curtas".

Quando Glyndon se achou fora da casa de Vida, Mervale, que andava ainda passeando por ali, tomou-lhe o braço. Porém, o artista repeliu-o asperamente.

— Tu com teus conselhos — disse, com amargura, — fazes de mim um covarde e um desgraçado. Mas irei para casa e escrever-lhe-ei. Hei de aliviar a minha alma; Viola me perdoará ainda.

Mervale, homem de humor imperturbável, pôs em ordem os punhos da camisa, que o brusco movimento do seu amigo lhe havia enrugado em pouco, e ficou calado até notar que Glyndon estava cansado de proferir apaixonadas exclamações e censuras; então, o esperto pescador começou a puxar a linha.

Dirigindo a Glyndon algumas palavras suaves, conseguiu que este lhe explicasse o que havia acontecido, pondo Mervale em jogo toda a arte para tranquilizá-lo.

Mervale é verdade, não era mau; a sua moral era até muito mais

severa do que se costumava ver em jovens de sua idade. Por isso, repreendia o seu amigo, porque as intenções deste para com a atriz não eram honrosas.

— Sentiria — disse-lhe — se essa jovem viesse a ser tua esposa; porém nunca pensei, nem em sonho, que pudesses degradá-la fazendo-a tua concubina. Prefiro um casamento imprudente antes a uma união ilícita. Mas reflete bem; não ajas sob um impulso de momento.

— Mas não há tempo a perder, — respondeu Glyndon. — Prometi a Zanoni que amanhã de noite teria a minha resposta.

Depois deste prazo, é inútil toda resolução.

— Ah! — disse Mervale, — isto é para suspeitar. Explique-se.

E Glyndon contou ao amigo tudo o que se havia dado entre ele e Zanoni, suprimindo somente sem que soubesse o porque, a parte que fazia referência ao seu avô e à misteriosa irmandade.

Esta relação facilitou a Mervale poderosas razões para combater a ideia do seu amigo, o que fez, empregando argumentos cheios de bom senso. E em que tom falou! Quão evidente parecia a existência de uma aliança entre a atriz e... — quem sabe? — o seu clandestino protetor, cansado já de sua posse!

Como era equivoco o caráter dele, e a posição dela! Que sagacidade envolvia a pergunta da atriz! Com que perspicácia, à primeira sugestão de sua sóbria razão, havia Glyndon penetrado ao fundo da intriga!

Pois que! Devia, então, aventurar-se a contrair um enlace precipitado e talvez temerário, porque Zanoni, um simples estrangeiro, lhe dissera, com ar grave, que era necessário decidir-se antes que o relógio desse certa hora?

— Ao menos, — observou Mervale, — espera que o tempo expire; falta apenas um dia. Burla a Zanoni. Ele te disse que viria

encontrar-te amanhã antes da meia noite e desafiou a não pensares em evitá-lo. Pois bem! Vamos a qualquer parte, a qualquer ponto dos arredores de Nápoles, onde, a não ser que seja ele o próprio demônio, lhe será impossível encontrar-nos.

Mostra-lhe que não quer que o leve com os olhos vendados a praticar um ato que carece de madura reflexão. Não escrevas, nem vá ver Viola até depois de amanhã. Isto é tudo o que te peço. Depois a visite e faz o que te parecer melhor.

Glyndon vacilava. Não podia combater as razões do seu amigo; não estava convencido, mas hesitava.

Nisto, aproximou-se deles Nicot, que se deteve ao ver Glyndon, e perguntou-lhe: — Ainda pensas em Viola Pisani?

— Sim, — foi a resposta, — e vós?

— Vi-a e falei-lhe. Viola será Madame Nicot antes de uma semana! Vou ao café, ao Toledo. Ah! Escuta.

Quando encontrares o teu velho amigo, o senhor Zanoni, dize-lhe que ele cruzou duas vezes o meu caminho. Jean Nicot, embora apenas um pintor, é homem sincero e honesto, e sempre paga as suas dívidas.

— É uma boa doutrina em questões de dinheiro, — disse Mervale, — porém, para vingar-se, é menos moral, e certamente não é muito prudente. Zanoni estorvou, acaso, teus projetos amorosos? Mas como compreendê-lo, se acaba de dizer que este assunto vai tão bem?

— Podes fazer esta pergunta a Viola Pisani. Ora! Glyndon, essa jovem se faz tão inocente somente contigo. Mas eu não tenho preconceitos, como sabes. Adeus!

— Vamos lá, meu caro, — disse Mervale, dando uma leve pancada no ombro de Glyndon. — Que pensas agora da tua linda atriz?

— Esse homem mente, — respondeu Glyndon.

— Quer escrever agora mesmo a Viola?

— Não. Se for verdade que está representando um papel tão triste, renunciarei a ela sem exalar um suspiro. Vigia-la-ei de perto; porém, seja como for, Zanoní não será o senhor do meu destino. Amanhã, ao amanhecer, sairemos de Nápoles, como aconselhas.

CAPÍTULO X

"Oh! chiunque tu sia, che fuor d'ogni uso Pieghi Natura ad opre altere e strane, E, spiando i segreti, entri al piu chiuso Spazi', a tua voglia, delle menti umane —Deh, dimmi!"
Gerusal. Lib., canto X, 18.

"Ó tu, quem quer que sejas, que por meios extraordinários obténs da Natureza obras admiráveis e estranhas e, devassando seus segredos, entras, à vontade, no mais recluso recesso das mentes humanas, — Fala, dize-me!"

No dia seguinte, logo pela manhã, os dois jovens ingleses montaram a cavalo, e foram a Baiae. Glyndon dissera no hotel, onde morava, que, se o Senhor Zanoni o procurasse, deviam fazer-lhe saber que havia saído em excursão àquele sítio, tão celebrado pelos antigos, por seus magníficos banhos, e que ali o encontraria.

Os dois amigos passaram por diante da casa de Viola, mas Glyndon resistiu à tentação de deter-se ali.

Dirigiam-se à gruta de Posilippo, e depois, fazendo uma volta para chegar aos arrabaldes, tomaram o caminho oposto que conduz a Portici e Pompeia. Era já mais de meio-dia, quando chegaram à primeira destas cidades; resolveram parar um pouco e almoçar ali, pois Mervale, que era um bom gastrônomo, tinha ouvido elogiar a excelência dos macarrões de Portici, e quis experimentá-los.

Os dois viajantes entraram num hotel de modesta aparência, e comeram à sombra de um toldo. Mervale estava mais alegre que de costume; apresentava com frequência ao amigo o copo com o bom

vinho, e conversava animadamente.

— Bem, meu caro amigo — disse ele; — pregamos uma boa peça ao Sr. Zanoni, vencendo-o ao menos numa das suas predições, para o futuro não lhe terás tanta fé.

— O dia dos Idos[5] veio, mas ainda não passou, — respondeu Glyndon.

— Ora! Se ele é adivinho, tu não és o César, — replicou Mervale. — A tua vaidade, amigo, torna-o crédulo.

Graças a Deus, eu não me considero de tanta importância, que creia que as operações da natureza mudem a sua ordem para espantar-me.

— Porém, por que teria de alterar-se a marcha da Natureza? Pode existir uma filosofia mais profunda do que a que nós conhecemos ou do que sonhamos, uma filosofia que descobre os segredos da Natureza, não alterando o seu curso, mas penetrando nele?

— Ah! Torne a cair em sua herética credulidade; supões seriamente que Zanoni é um profeta, que lê no porvir do homem, que, talvez, esteja em contato com os Gênios e os Espíritos?

Neste instante, o hoteleiro, um homem baixo e gordo, entrou com outra garrafa de vinho, dizendo que esperava que suas Excelências estariam contentes. O bom homem se enterneceu deveras, quando ouviu dizer que os ingleses gostariam muitíssimo dos macarrões.

— Vão suas Excelências ao Vesúvio? — perguntou o hoteleiro. — Houve uma pequena erupção. Daqui não se pode ver; porém, é uma vista magnífica, e ainda muito mais depois do sol posto.

— Soberba ideia! — exclamou Mervale. — Que lhe parece, Glyndon?

— Nunca vi uma erupção, — respondeu o companheiro, —e

seria um espetáculo que gostaria muito de ver.

— Mas não haverá perigo? — perguntou o prudente Mervale.

— Oh, não, senhor! — respondeu o hoteleiro. — a montanha está muito cortês agora. Brinca apenas um pouquinho, o bastante para divertir suas Excelências, os ingleses.

— Bem; mande preparar-nos os cavalos, e traga-nos a conta iremos lá antes de anoitecer. Clarêncio, meu amigo, "nunc est bibendum"**[**6**]**; mas não esqueças de cuidar do "pede libero"**[**7**]**, que não sei se será bastante bom para andar por sobre as lavas!

Os dois amigos, depois de esvaziarem a garrafa, pagaram a conta e partiram. O hoteleiro os cumprimentou com reverência, e eles tomaram o caminho de Resina, acompanhados da fresca brisa daquela tarde deliciosa.

O vinho, ou talvez a excitação de seus pensamentos animou sobremaneira Glyndon, cujo humor inconstante era às vezes excelente e brilhante, como o de um menino de escola, que se vê livre da aula; assim é que as estrepitosas risadas dos viajantes do norte ressoavam com frequência, no meio da melancólica solidão daqueles sítios, debaixo dos quais jaziam cidades sepultadas.

O sol estava a pino, quando os viajantes chegaram a Resina. Deixaram, então, os cavalos, e tomaram duas mulas e um guia.

A proporção que o dia desaparecia, o calor na montanha se tornava mais intenso. Uma coluna de fogo se precipitava por diferentes correntes, maiores e menores, saindo da negra cumieira, e os ingleses, à medida que subiam, começavam a sentir essa sensação de solenidade e terror, que inspira a atmosfera que rodeia o Gigante das Planícies do Antigo Hades.

Era já noite, quando, deixando as mulas, resolveram continuar a subir a pé, acompanhados do seu guia, e de um camponês que levava uma grande tocha. O guia era um homem conservador e

vivaz, como o é a maior parte dos seus compatriotas que exercem tal profissão; e Mervale, cujo gênio era muito sociável, gostava de divertir-se e de instruir-se sempre quando se lhe oferecia ocasião.

— Ah! Excelência — disse o guia, — a gente do seu país sente uma forte paixão pelo vulcão. Deus lhe dê longa vida! Pois eles nos trazem muito dinheiro. Se tivéssemos que viver só com o que nos dão os napolitanos, em breve morreríamos de fome. — É verdade, os napolitanos não são muito curiosos, — disse Mervale.

Lembra-te, Glyndon, com que desprezo nos disse aquele velho conde: — "Suponho que ides ao Vesúvio?

Eu nunca lá estive; para que ir lá? para passar frio e fome, cansar-me e expor-me ao perigo, e tudo isso para ver fogo, que tem igual aspecto num braseiro como na montanha?" — Ah! ah! o velho tinha razão.

— Mas não é só isto, Excelência, — volveu o guia; — alguns cavalheiros se julgam capazes de subir a montanha sem nosso auxílio. Esses homens mereciam serem jogados na cratera.

— É necessário ser muito ousado para andar sozinho por estes sítios, e parece-me que não se encontram muitos que se atrevam a isso.

— Fazem-no às vezes os franceses, senhor. Porém noutra noite, — em minha vida nunca passei pôr tanto susto, — acompanhei uma expedição de vários ingleses, e uma senhora esqueceu no alto da montanha uma carteira em que havia feito alguns esboços. Ofereceu-me uma boa quantia de dinheiro, se quisesse ir buscar essa carteira e lha levasse a Nápoles. Pela tarde, subi à montanha e achei, efetivamente, o livrinho no mesmo lugar onde fora esquecido; quando, porém, dei o primeiro passo para voltar, vi uma figura que me pareceu subir da cratera mesma. O ar era tão pestilento, que parecia impossível que uma criatura humana fosse capaz de respirá-

lo e viver. Fiquei tão surpreendido, que por alguns instantes, parei imóvel como uma estátua, até que aquela figura, passando por cima da cinza quente, veio pôr-se em frente de mim. Virgem Maria, que cabeça!

— Muito feia não é?

— Não, — retrucou o guia, — era, pelo contrário, um semblante muito belo, porém tão terrível, que o seu aspecto não tinha nada de humano.

— E que disse essa salamandra? — perguntou Mervale.

— Nada! Nem sequer pareceu ter reparado em mim, apesar de eu estar tão perto dele como agora estou do senhor; mas os seus olhos se dirigiram ao céu, como se observasse atentamente alguma coisa nas alturas.

Ele passou rapidamente para meu lado, cruzou uma corrente de lava ardente, e, em breve, desapareceu na outra banda da montanha. A curiosidade deu-me audácia, e eu resolvi ver se podia aguentar a atmosfera que havia respirado aquele visitante; porém, não havia dado mais que uns trinta passos em direção ao lugar onde ele aparecera primeiramente, e vi-me obrigado a recuar sem demora, por causa de um vapor que esteve a ponto de asfixiar-me. Cáspita! Desde então, cuspo sangue.

— Apostaria qualquer coisa pela minha suposição de que pensas que este rei do fogo havia de ser Zanoni, — murmurou Mervale, rindo, para o seu amigo.

A pequena caravana havia chegado agora quase ao alto da montanha; e soberbo era o espetáculo que se oferecia às suas vistas. Do fundo da cratera saía um vapor, intensamente escuro, que enchia o espaço e cobria uma grande parte do céu; no centro da nuvem via-se uma chama da forma e cor singularmente belas. Podia comparar-se esse aspecto a uma crista de gigantescas plumas, coroada de

brilhantes, formando um belo e alto arco de várias cores, às quais as sombras da noite davam encantadores matizes, enquanto que o todo ondeava como a plumagem do capacete de um guerreiro. O resplendor da chama, luminoso e carmesim, iluminava o terreno escuro e escabroso que pisavam, e cada pedra e cada fenda produziam uma sombra particular.

Uma atmosfera sufocante e sulfurosa aumentava a sensação de terror que inspirava aquelas paragens.

Porém, quando se apartava a vista da montanha, para dirigi-la para o lado do oceano, que não se enxergava, o contraste era extraordinário, o céu, naquela região, aparecia sereno e azul, e salpicado de estrelas que brilhavam tranquilamente, como os olhos do Divino Amor. Era como se os mundos dos opostos princípios do Mal e do Bem se apresentassem num só quadro à vista do homem!

Glyndon, — com o seu entusiasmo e sua imaginação de artista, — sentia-se preso e arrebatado por vagas e indefiníveis emoções, em que o prazer se misturava com a dor. Apoiado ao ombro do amigo, o artista olhava em torno de si e escutava, com profunda sensação de terror e admiração, o murmúrio que se ouvia debaixo dos seus pés, semelhante a rodas de máquina e pelas vozes do mistério da Natureza, trabalhando em seus mais negros e inescrutáveis recessos.

De repente, como uma bomba arrojada por um morteiro, uma enorme pedra, lançada pela boca da cratera foi voando pelos ares à altura de centenas de metros, e caindo, com forte estrondo, sobre a rocha, saltou em milhares de pedaços, que foram rolando estrepitosamente pelos flancos da montanha. Um destes fragmentos, o maior, veio cair no estreito espaço que havia entre os ingleses e o guia, a uns três pés de distância dos primeiros.

Mervale lançou um grito de espanto, e Glyndon, quase perdendo o fôlego, tremia da cabeça aos pés.

— Diabo! — exclamou o guia. — Vamos descer, Excelências, descer! Não devemos perder um instante; sigam-me tão perto quanto possível!

Ao dizer isto, começou o guia, bem como o camponês, a correr com toda a velocidade que o terreno permitia. Mervale, sempre mais pronto em suas resoluções do que o seu amigo, imitou o seu exemplo; e Glyndon, mais confuso que alarmado, seguiu em último lugar. Não tinham andado, porém, muitos metros, quando, com um ruidoso e repentino sopro, a cratera vomitou uma enorme coluna de vapor, que os perseguiu e, alcançando-os num instante os envolveu, ao mesmo tempo em que mergulhava tudo na mais espantosa escuridão. A uma grande distância, ouviam-se os gritos do guia, abafados pelo ruído do vulcão e pelos rumores da terra debaixo dos pés dos excursionistas.

Glyndon se deteve. Encontrava-se já separado do seu amigo e do guia. Estava só, com a escuridão e o terror, O vapor adiantava-se, ameaçador, até à base da montanha. Outra vez apareceu ainda que confusamente, a forma do fogo crispado, lançando uma luz indecisa sobre o caminho escabroso.

Glyndon recuperou coragem e avançou. Ouvia a voz de Mervale, que o chamava, mas não podia distinguir-lhe a forma. O som lhe serviu de guia. Aturdido e mal podendo respirar, o artista andava tão depressa como lhe era possível, quando, de repente, lhe chegou ao ouvido um novo ruído de alguma coisa que rolava lentamente! Glyndon parou e, volvendo a cabeça para ver o que era, notou que uma torrente de fogo baixava pelo caminho que ele seguia; e já formava ali um largo córrego, perseguindo-o e prestes a alcançá-lo. Sentia, a cada instante, o bafo abrasador daquele terrível inimigo tocar-lhe o rosto! Abandonando o caminho, o inglês dirigiu-se para um lado, e agarrou-se desesperadamente, com as mãos e os

pés, a uma rocha que, à sua direita, quebrava o ardente e perigoso nível do solo. A torrente ígnea vinha também ali; o jovem, no último esforço, subiu para a a rocha. A massa ardente passou primeiro ao pé desta; porém, em seguida, fazendo uma pequena volta, cercou a pedra por três lados.

Formando uma larga e intransponível barreira de fogo líquido, que lhe tapava o único ponto que ficava livre para a fuga. E agora não tinha outra alternativa senão permanecer ali ou retroceder até à cratera e depois procurar, sem auxílio de um guia, algum outro caminho por onde pudesse descer.

Por um instante, abandonou-o a coragem; ele se pôs a chamar, com voz desesperada, por Mervale e pelo guia. Ninguém, porém, lhe respondeu; e o inglês vendo-se assim só e abandonado a seus próprios recursos, revestiu-se de coragem e sentiu-se novamente possuído de energia, dispondo-se a lutar contra o perigo. Desceu da rocha e, tornando atrás, aproximou-se da cratera tanto quanto lhe permitiu a sufocante atmosfera que o rodeava; depois, olhando com calma e atenção a vertente da montanha, viu um caminho, pelo qual podia andar, desviando-se da direção que o fogo havia tomado.

Pôs-se a caminhar, mas apenas tinha feito cerca de sessenta passos; parou de repente, sentindo-se tomado de um invencível e inexplicável horror, como nunca experimentara até ali. Tremia convulsivamente e os seus músculos não queriam obedecer à sua vontade; parecia-lhe que estava paralisado e que fora tocado pela morte. Este medo era tanto mais inexplicável quanto o caminho parecia ser limpo e seguro. O fogo do vulcão e o que havia deixado atrás, iluminavam a estrada até uma longa distância. Não se via obstáculo algum, nenhum perigo parecia ameaçá-lo naquele instante.

Enquanto permanecia desta maneira como encantado e cravado

no solo, o seu peito respirava com dificuldade, e grossas gotas de suor rolavam-lhe pela testa; os olhos, como se quisessem sair das órbitas, miravam fixamente, a certa distância, uma coisa que gradualmente ia tomando uma forma colossal, — uma espécie de sombra que se assemelhava um tanto a uma figura humana, porém de uma estatura muito maior, — vaga, escura, disforme mesmo, e que diferia, sem que o jovem pudesse dizer porque ou em que, não somente nas proporções, como também em sua estrutura, das regulares formas de um homem.

O resplendor do vulcão, que parecia ser cortado por aquela gigantesca e espantosa aparição, lançava, não obstante, sua luz, vermelha e firme, sobre outra figura que estava de pé, ao lado da primeira, quieta e imóvel; e era talvez o contraste dessas duas coisas, — o Ser e a Sombra, — que impressionara o jovem com a diferença que havia entre eles — o homem e o super-humano. Mas foi apenas por um instante rápido que Glyndon viu a aparição. Uma segunda erupção de vapores sulfúreos, mais rápida e mais densa do que a primeira, tornou a encobrir a montanha; e, fosse a impressão produzida por este fenômeno ou talvez o excesso de medo, o certo é que Glyndon, depois de fazer um esforço desesperado, caiu, sem sentidos, no chão.

CAPÍTULO XI

"Was hab'ich, Wenn ich nicht Alies habe? — sprach der Jüngling".
Das Verschleierte Bild zu Sais.

"Que é o que tenho, se não tenho tudo? — disse o jovem".

Mervale e o italiano chegaram ilesos ao lugar onde haviam deixado as mulas; só depois de terem-se reanimado do seu susto, e quando já respiravam com liberdade, lembraram-se de Glyndon.

Mervale, cujo coração era tão bom, ao menos, como o são os corações humanos em geral, começou a temer seriamente pelo seu amigo. Manifestou, então, o firme desejo de voltar para ver se o encontraria; e, depois de ter prometido boa recompensa ao guia, conseguiu que este o acompanhasse. A parte mais baixa da montanha estava tranquila e bastante clara, com o suave resplendor das estrelas; de modo que o olho prático do guia podia discernir todos os objetos a uma distância considerável.

Não tinham, porém, ido muito longe, quando perceberam duas figuras humanas que se aproximavam deles, pouco a pouco.

Quando estiveram bastante perto, Mervale reconheceu o seu amigo, e, dirigindo-se ao guia, exclamou: — Graças a Deus, ele está salvo!

— Santos anjos do céu, proteja-nos! — exclamou o italiano, tremendo, — Eis aqui aquele mesmo que cruzou comigo na sexta feira de noite. É ele, sim; somente que o seu semblante agora é humano.

— Senhor inglês — disse a voz de Zanoni, enquanto Glyndon, pálido, meio desmaiado e silencioso, correspondia passivamente à saudação alegre de Mervale; — senhor inglês eu disse ao seu amigo que nos encontraríamos esta noite. Vê que não me pregou a peça, nem obstou à realização do meu intento.

— Porém, como? Mas onde? — balbuciou Mervale, cheio de confusão e surpresa.

— Encontrei o seu amigo estendido no solo vencido pela exalação da cratera; levei-o a um lugar onde a atmosfera era mais pura; e como conheço a montanha perfeitamente, pude conduzi-lo incólume até aqui.

Esta é toda a história. Já vê cavalheiro, que, a não ser por essa profecia que se empenhou em frustrar, o seu amigo, neste momento, não existiria entre os vivos. Só faltava um minuto para que o vapor o asfixiasse. Adeus. Boa noite, e agradáveis sonhos.

— Mas, meu salvador, quer deixar-nos? — exclamou Glyndon, com ansiedade, e falando pela primeira vez.

— Não voltará conosco?

Zanoni, levando Glyndon para um lado, disse-lhe com acento grave:

— Jovem, é necessário que nos vejamos outra vez esta noite. É necessário que, antes de uma hora da madrugada, decidas o teu próprio destino. Sei que insultaste aquela que declaras amar. Ainda não é tarde, se quer arrepender-se. Não consultes sobre isso ao teu amigo, o qual, embora sensível e prudente, não é capaz de dar-te o necessário conselho neste caso. Há momentos, na vida, em que a sabedoria vem da imaginação e não da prudência; tu te achas agora numa destas ocasiões. Não quero que me respondas, agora. Coordene as tuas ideias, serena o teu fatigado espírito. Faltam duas horas para a meia-noite. Antes dessa hora, estarei contigo.

— Ser incompreensível! — replicou o inglês — Ponho em tuas mãos a minha vida que acabas de salvar; mas o que vi esta noite afastou até Viola dos meus pensamentos. Sinto que em minhas veias arde um desejo mais ardente do que o de amor é o desejo de não me assemelhar aos da minha espécie, mas exceder-lhes, o desejo de penetrar o segredo da sua própria existência e de participar dele, o desejo de um conhecimento sobrenatural e de um poder supra terrestre. Já estou decidido. Em nome do meu avô, lembro-te de teu juramento e quero que cumpras a tua promessa. Instrua-me; faze-me teu discípulo; faze-me um dos teus; e, desde já, te entrego, sem murmurar, a mulher que, antes de tê-la visto, eu teria disputado a todo o mundo.

— Desejo que reflitas bem: de um lado, Viola, um lar tranquilo, uma vida feliz e serena; do outro lado, trevas e nada mais que trevas, em que não podem penetrar nem estes olhos!

— Porém, me disseste que, se me casasse com Viola, teria que me contentar com uma existência vulgar.

Se renuncio a ela é para aspirar ao teu saber e ao teu poder.

— Homem vaidoso, o saber e o poder não constituem a felicidade!

— Porém, valem mais do que ela. Dize-me: se eu me casar com Viola, serás meu mestre, meu guia?

Responde-me que sim, e eu me decido desde já.

— Seria impossível.

— Então, renuncio a ela. Renuncio ao amor. Renuncio à felicidade. Venha a solidão, venha o desespero, se eles me fazem penetrar no teu obscuro e sublime segredo.

— Agora não aceito a tua resposta. Antes de dar a última hora da noite, dar-me-ás em uma só palavra: sim ou não. Até então, adeus!

Zanoni saudou com a mão, descendo rapidamente a montanha, desapareceu na obscuridade.

Glyndon foi reunir-se ao seu impaciente amigo, e este, fitando-lhe o semblante, viu que se havia operado nele uma grande mudança. A zombeteira expressão da juventude havia desaparecido.

As suas feições tornaram-se impassíveis e graves; foi tal a transformação, que se diria que naquela hora parecia ter produzido nele o efeito de muitos anos.

CAPÍTULO XII

"Was ist's, Das hinter diesem Schleir sich verbirgt?"
Das Verschleierte Bild zu Sais.

"Que é que se oculta detrás deste véu"?

Quando você regressa do Vesúvio ou de Pompeia, entra em Nápoles pelo seu bairro mais animado, e mais napolitano; pelo bairro onde a vida moderna se assemelha muito à antiga, e onde, num dia feira, as ruas oferecem ora o aspecto do tráfico, ora o da indolência; assim é que num dia pode ver em Pompeia habitações de uma idade remota, ao passo que na Mola, em Nápoles, parece que se vê as mesmas pessoas que povoaram essas habitações.

Porém, à hora em que os dois jovens ingleses andavam por aquelas ruas, alumiadas somente pelas lâmpadas do céu, toda a alegria do dia estava adormecida. Aqui e ali, estendidos debaixo de um pórtico ou num rancho, sem morada certa, estavam a dormir vários grupos de "lazzaroni". Estes vadios contrastavam notavelmente com a energia e atividade daquela população.

Os dois ingleses caminhavam silenciosos, pois Glyndon parecia não ouvir as perguntas nem prestar atenção aos comentários de Mervale, e este se sentia quase tão fatigado como o animal que montava.

De repente, o silêncio da terra e do oceano foi interrompido pelo som de um relógio distante, que anunciava onze horas e três quartos da noite. Glyndon, emergindo da sua meditação, olhou com ansiedade em torno de si. Ao soar a última pancada do relógio,

ouviram-se as ferraduras de um cavalo açoitando as pedras do pavimento, e de uma rua estreita que havia à direita, saiu um homem a cavalo.

Quando se aproximou dos ingleses, Glyndon reconheceu que era Zanoni.

— Como! Nos encontramos outra vez, senhor? — perguntou Mervale, num tom entre vexado e sonolento.

— O seu amigo e eu temos que tratar de alguns negócios particulares — respondeu Zanoni, pondo o seu cavalo ao lado do de Glyndon, — será, porém, coisa de poucos momentos. Vai talvez, ao seu hotel, senhor.

— Sozinho? — observou Mervale.

— Não o ameaça nenhum perigo, — retrucou Zanoni, dando à sua voz um acento de desdém.

— A mim não; mas a Glyndon?

— Perigo para Glyndon, de minha parte? Ah! talvez tenha razão.

— Vai, meu caro Mervale, — disse Glyndon; — alcança-lo-ei ainda antes de chegar ao hotel.

Mervale acenou com a cabeça, e, assobiando, fez com que o seu cavalo se pusesse a trotar.

— Agora quero ouvir, sem demora, a sua resposta, — disse Zanoni a Glyndon.

— Estou decidido, — respondeu o inglês — O amor de Viola desvaneceu-se do meu coração. Não a importunarei mais.

— Está resolvido?

— Sim; e, agora, a minha recompensa?

— A recompensa! Bem; tê-la-á amanhã, antes desta hora.

Zanoni afrouxou a rédea do seu cavalo; e este partiu como um relâmpago; crispas de fogo saiam das ferraduras, e cavalo e cavaleiro

desapareceram nas sombras da mesma ruazinha por onde haviam aparecido.

Mervale ficou surpreendido ao ver o amigo a seu lado, decorrido apenas um minuto de ter-se separado dele.

— Que é o que se passou entre você e Zanoni?

— Mervale, não me faça perguntas; eu estou como que num sonho, — respondeu Glyndon.

— Não me admiro, pois eu também estou quase adormecido. Toca a andar.

Ao chegar em casa, tratou Glyndon de coordenar os seus pensamentos. Sentado aos pés da maca, apertava fortemente as fontes latejantes. Os acontecimentos das últimas horas; a aparição do gigantesco e fantástico Companheiro do Místico, no meio das chamas e dos vapores do Vesúvio; o seu estranho encontro com Zanoni num sitio onde nem por sonho esperava achá-lo, tudo isto encheu a mente de Glyndon de emoções em que prevaleciam o espanto e a admiração. Acendeu-se no seu coração um fogo, cujas faíscas, por longo tempo, haviam estado ocultas debaixo de cinzas; a chama de asbestos que, uma vez acesa, nunca mais se apaga. Todas as suas aspirações anteriores, a sua juvenil ambição e os seus desejos de conquistar a coroa de louros, se transformaram num apaixonado anelo de ultrapassar os limites comuns do saber humano, e de alcançar aquele maravilhoso lugar entre os dois mundos, onde o misterioso estrangeiro parecia ter fixado a sua morada.

Longe de intimidar-se ao recordar a aparição que tanto o havia espantado, a sua memória serviu somente para avivar e reconcentrar a sua curiosidade num foco ardente. Tinha razão, quando disse que o amor se havia desvanecido do seu coração; já não havia mais um sereno espaço no meio dos desordenados elementos desse coração, onde pudessem agitar-se ou respirar afeições humanas. O entusiasta

foi arrebatado da terra; e teria dado tudo o que a beleza mortal podia oferecer, e tudo o que a esperança mortal podia pintar como felicidade, para passar uma hora, em companhia de Zanoni, fora dos portais do mundo visível.

Levantou-se, com o peito oprimido e devorado por uma febre que os novos pensamentos nele produziam, e foi abrir a janela, para respirar o ar fresco. Ao longe, o oceano, palidamente iluminado pela luz das estrelas, parecia aconselhar, com muda eloquência, o repouso às delirantes paixões terrenas. Tal era, porém, a disposição de ânimo de Glyndon, que aquela tranquilidade servia só para aprofundar mais a veemência dos desejos que dominavam a sua alma; e as estrelas, que são outros tantos mistérios, pareciam agitar as asas do espírito que não se contentava com a sua gaiola.

Enquanto Glyndon contemplava o firmamento, uma estreia, separando-se das demais, foi perder-se no abismo do espaço!

CAPÍTULO XIII

"Oh be gone!
By Haven, I love thee better than myself, for I came hither armed against myself".
Romeo and Juliet

"Oh, Parte! Por Deus, eu a amo mais do que a mim mesmo; pois vim cá, armado contra mim mesmo".

A jovem atriz e Gianetta haviam regressado do teatro; Viola, fatigada e exausta, deixara-se cair sobre o sofá, enquanto Gianetta se entretinha em pôr-lhe em ordem as compridas tranças que, tendo-se escapado da fita que as prendia, cobriam quase metade do corpo da atriz, como se fosse um véu de fios de ouro.

Ao mesmo tempo em que alisava aquela rica cabeleira, a anciã foi falando dos acontecimentos da noite, dos pequenos escândalos e da política da cena e dos bastidores.

Gianetta era uma criatura excelente. Almanzor, na tragédia "Almahide", de Dtyden, não muda de bando com mais galante indiferença do que a boa aia mudava de conversação. Por fim, declarou-se desgostosa e escandalizada ao ver que Viola não havia escolhido um cavalheiro. Zegri ou Abencerrage, Glyndon ou Zanoni, eram iguais para a velha aia; só que os rumores que ouvia a respeito do último, combinados com as recomendações que lhe fizera em favor do seu rival, faziam com que desse a preferência ao inglês.

Gianetta dava uma só interpretação aos impacientes e pesados suspiros com que Viola acolhera os seus elogios em favor de

Glyndon, e a sua admiração de que este houvesse cessado, nos entreatos, de prodigalizar suas atenções à atriz, e, crendo que este era o motivo dos suspiros da jovem a anciã fazia todos os esforços para desculpar o seu protegido.

— Se ainda não se pode dizer nada contra o outro senhor, — dizia a velha criada, — é suficiente motivo para não pensar nele, a saber, que está preparando-se para abandonar Nápoles.

— Abandonar Nápoles? Ele, Zanoni?

— Sim, minha queridinha! Ao passar hoje pela Mola, vi uma porção de gente mirando alguns marinheiros, que pareciam provenientes de terras estranhas. O navio do senhor Zanoni chegou esta manhã, e acha-se ancorado na baía. Os marinheiros dizem que têm ordem de fazer-se à vela ao primeiro vento favorável; eles estavam renovando as provisões. Estavam também...

— Deixa-me, Gianetta, deixa-me! — interrompeu Viola.

Já havia passado o tempo em que a jovem podia ter confiança em Gianetta; os seus pensamentos haviam chegado, em seu desenvolvimento intelectual, ao ponto em que o coração se recusa a fazer confidências, e sente que não pode ser compreendido.

Sozinha agora, no principal aposento da casa, passeava Viola, trêmula e agitada; veio-lhe a lembrança o terrível encontro de Nicot, e as injuriosas palavras de Glyndon. A ideia de que os fingidos aplausos que lhe eram prodigalizados iam dirigidos à atriz e não à mulher, exposta sempre a ver-se insultada e vilipendiada, submergia-a num mar de tristeza. Naquele instante, acudiu-lhe a mente a recordação da morte de seu pai, que havia ocorrido nesse mesmo aposento; lembrou-se também da murcha coroa de louros e das cordas do violino rompidas, e sentia que o seu destino era mais triste ainda: as cordas estavam para romper-se, enquanto o louro ainda estava verde. A lâmpada ardia como uma chama pálida e

opaca, e os olhos de Viola apartaram-se instintivamente do canto mais escuro do quarto. Órfã, temes, acaso, a presença dos mortos no lar paterno?

Seria verdade que Zanoni ia deixar Nápoles? Não o veria mais? Oh! Se isto era verdade, nenhum outro pensamento podia já lhe causar tristeza! O passado! O passado não existia mais! O futuro! Não havia futuro para ela, achando-se ausente Zanoni! Porém, estava na noite do terceiro dia, a contar daquele em que Zanoni lhe disse que, sucedesse o que fosse, a visitaria outra vez. Havia, pois, se devia crer-lhe, alguma nova crise no destino a ela prescrito; e como o faria para ele saber das odiosas palavras que lhe dissera Glyndon? As mentes puras e as orgulhosas não podem nunca comunicar a outrem os seus agravos, mas apenas seus triunfos e sua felicidade. Mas, se Zanoni viesse a esta hora, tão adiantada, recebê-lo-ia? A meia-noite já se aproximava. Apesar de ser tão tarde, Viola não pensava em recolher-se ao leito; mas, presa de uma intensa e inexplicável ansiedade, vagava ainda pelo quarto. Ouviu-se um relógio distante dar onze horas e três quartos. Tudo estava em silêncio; a jovem dispunha-se, então, a passar ao seu dormitório, quando ouviu o ruído de um cavalo que galopava. O ruído cessou, e, em seguida, bateram à porta. O coração da jovem palpitava com violência; porém o medo deu lugar a outro sentimento, quando ouviu uma voz tão conhecida, chamando-a pelo nome. Viola hesitou um instante e, depois, com a temeridade que inspira a inocência, desceu e foi abrir a porta.

Zanoni entrou com passo leve e apressado. A sua capa de montar dava um belo aspeto à sua nobre figura, e o chapéu de abas largas lançava uma melancólica sombra sobre as suas feições cheias de majestade.

Viola seguiu-o ao quarto que acabara de deixar, tremendo e

corando, e parou diante dele com a lâmpada na mão; a luz iluminava o rosto da jovem, e o seu comprido cabelo caia-lhe, como uma chuva de raios luminosos, pelos ombros meio nus e sobre o formoso busto.

— Viola, — disse Zanoni, com uma voz cheia de emoção — estou outra vez ao seu lado para a salvar. Não há um só momento a perder. É necessário que fuja comigo, ou será a vítima do Príncipe de ***, eu queria confiar a um outro este cuidado; esse outro bem sabe quem é. Mas ele não é digno de ti, esse frio inglês! Sou eu quem se lança agora aos seus pés; tem confiança em mim, e fujamos!

Zanoni tomou-lhe a mão, ao ajoelhar-se aos pés da jovem, e contemplou-a com olhar suplicante.

— Fugir contigo! — exclamou Viola, não sabendo se devia crer ao seu próprio ouvido.

— Sim, comigo. Se não fizer isto, sacrifica o nome, a fama, a honra...

— Então..., então, — perguntou a jovem balbuciando e volvendo a cabeça, — não lhe sou indiferente? Não me cederia a outro?

Zanoni não respondeu; mas o seu peito respirava com dificuldade; tinha as faces afogueadas e os seus olhos faiscavam apaixonadamente.

— Fale! — exclamou Viola, com ligeira suspeita, provocada pelo seu silêncio.

— Se me é indiferente? Não; mas não me atrevo ainda a dizer-lhe que a amo.

— Então, que lhe importa a minha sorte? — objetou Viola, empalidecendo e retirando-se do seu lado. — Deixe-me, eu não temo os perigos. A minha vida, e, portanto, a minha honra, está nas minhas próprias mãos.

— Não seja louca! — retrucou Zanoni. — Escute! Ouça o relincho do meu cavalo. É um sinal que nos adverte que o perigo está

próximo. Vamos apresse-se, ou estará perdida!

— Por que toma tanto cuidado por mim? — insistiu a jovem, amargamente. — Lê no meu coração e sabe que é o senhor do meu destino. Porém, sofrer sob o peso da uma fria obrigação, mendigar aos olhos da indiferença, entregar-me às mãos de um homem que não me ama, isso seria, na realidade, a maior indignidade. Ah, Zanoni! Deixe-me, antes quero morrer!

Viola arrumou a sua formosa cabeleira, enquanto falava; e, como agora estava com os braços caídos, em atitude aflita, com as mãos cruzadas e com a altiva amargura do seu obstinado espírito, a qual dava novo incentivo e encanto à sua singular beleza, era impossível conceber uma visão mais irresistível para os olhos e para o coração.

— Não me tente, para o seu próprio perigo, talvez para a morte! — exclamou Zanoni, com voz trêmula. — Não sabe nem pode saber o que me pede. Vem!

E, ao dizer isto, passou o braço ao redor da sua cintura.

— Vem, Viola! Confia na minha amizade, em minha honra, em minha proteção!

— E não em seu amor? — interrogou a italiana, dirigindo-lhe um olhar indefinível.

Os olhos de Viola encontraram-se com o de Zanoni, que não pôde deixar de contemplá-la. Sob o encanto deste olhar, ele sentia o coração da jovem bater perto do seu próprio coração; a agitada respiração dela vinha aquecendo a face de Zanoni. E ele estremeceu... ele! O grande homem, o homem misterioso que parecia muito superior às criaturas humanas. E, exalando um profundo e ardente suspiro, murmurou: — Viola, eu a amo!

E soltando a jovem, arrojou-se apaixonadamente aos seus pés.

— Eu a amo como uma mulher pode ser amada no mundo, e

peço-lhe que aceites o meu amor. Desde que a vi pela primeira vez, desde que ouvi a sua doce voz, meu coração deixou de pertencer-me. Falas de fascinação; a fascinação vive e respira em ti! Fugi de Nápoles, para evitar a sua presença; mas a sua imagem seguiu-me por toda a parte. Passaram-se meses e anos, e o seu semblante meigo nunca deixou de luzir no meu coração. Regressei, porque sabia que estava só e triste no mundo, e porque conhecia os perigos que a ameaçavam, e dos quais eu podia salvá-la. Era por amá-la, só por amá-la muito, que eu a teria cedido a alguém que pudesse torná-la mais feliz, na terra do que posso eu fazê-lo. Viola! Viola! Você não sabe, nem pode imaginar toda a intensidade do amor que me inspirou! Inútil seria querer buscar palavras para expressar o prazer, a deliciosa sensação que inundou o coração da napolitana. O homem que ela considerava demasiado elevado para amar estava agora ajoelhado aos seus pés, mais humilde do que os que ela havia quase desprezado!

A jovem permaneceu silenciosa, porém os seus olhos falavam a Zanoni mais eloquentemente do que poderia fazê-lo a palavra; e depois, quando, por fim, se lembrou que o amor humano acabava de sobrepor-se ao ideal, sentiu-se assaltada de temores de uma natureza modesta e virtuosa. Viola não se atrevia, nem sonhava sequer em fazer a Zanoni a pergunta que tão resolutamente havia dirigido a Glyndon; porém, de repente, experimentou uma sensação estranha, um sentimento que lhe advertia que entre amor e amor existia uma grande barreira.

— Oh, Zanoni! — murmurou, baixando os olhos. — Não me peça que eu fuja contigo; não me tente, para que eu não tenha que me envergonhar de mim mesma. Já que quer proteger-me contra os outros, protege-me contra ti!

— Pobre órfã! Respondeu ele, com ternura, — como pode

pensar que exigiria de ti algum sacrifício? Oh arreda de ti semelhante suposição! Eu peço o seu amor de esposa; sim, peço a sua mão, e desejo fortificar o nosso amor por todos os votos que são capazes de santificar o afeto. Ah! Muitos teriam fingido amá-la, se não tivesse pensado na religião que protege e purifica o amor! Aquele que ama verdadeiramente, busca para possuir o tesouro que anela, todos os laços que podem fazê-lo seguro e durável. Viola não chore, a não ser que me conceda o santo direito de beijar as suas lágrimas!

E aquele belo rosto, não vacilando mais, inclinou-se sobre o peito de Zanoni; e o homem misterioso, abaixando a sua cabeça, procurou, firmemente, com os seus lábios, a rosada boca da formosa jovem: um beijo prolongado selou aquele amor tão ardente e tão puro. Naquele instante, tudo foi esquecido: o perigo, a vida, o próprio mundo!

De repente, porém, desprendeu-se Zanoni dos braços de Viola, e disse:

— Ouve esse vento que suspira e foge? Assim mesmo foge de mim o poder que eu tinha, de velar por ti, protegê-la contra os perigos e prever a tempestade do seu firmamento. Mas não importa. Apresse-se, ao menos, possa o amor suprir a perda de tudo o que me fez sacrificar! Venha!

Viola não hesitou mais. Pôs o manto sobre os ombros, e recolheu a sua desordenada cabeleira. Um momento e a jovem se encontrava disposta a sair, quando de repente, se ouviu um grande ruído na rua.

— Ah! É demasiado tarde! Louco que fui! É demasiado tarde! — exclamou Zanoni, com voz angustiada, dirigindo-se com passos rápidos para a porta.

Ao abri-la, viu-se rechaçado por urna multidão de homens

armados; e, em um momento, a sala ficou cheia de indivíduos mascarados e armados da cabeça aos pés.

Viola estava já nos braços de dois dos rufiões. O seu grito de desespero feriu o ouvido de Zanoni, o qual tentou abrir passagem por entre aquela gente; a jovem ouviu o seu grito aterrador, pronunciado num idioma estrangeiro. E quando viu as armas dos bandidos assestadas contra o peito de Zanoni, a jovem desmaiou. Ao voltar a si, encontrou-se amordaçada, metida numa carruagem que andava com rapidez vertiginosa, e viu ao seu lado um homem mascarado e imóvel. Por fim, a carruagem parou. As portas abriram-se, sem fazer o mínimo ruído e, em seguida, apareceu diante dos olhos de Viola uma larga escada, esplendidamente iluminada. Estava no palácio do Príncipe de ****.

CAPÍTULO XIV

"Ma lasciamo, per Dio, Signore, ormai Di panar d'ira, e di cantar di morte".

Orlando Fur., canto XVII, 17.

"Mas deixemos, por Deus, senhor, de ora em diante, de falar de ira, e de cantar de morte".

A jovem atriz foi conduzida a uma habitação, adornada com todo o esplendor e gosto semi oriental, que caracterizava, em uma certa época, os palácios dos grandes senhores da Itália. Deixada a sós naquele quarto, o seu primeiro pensamento foi para Zanoni.

Estaria ele vivo ainda? Teria escapado, ileso, das mãos dos inimigos? — ele, que agora era para ela o seu tesouro, a nova luz da sua vida, o seu senhor e, finalmente, o seu leal amante!

Pouco tempo teve para refletir, pois, em breve, ouviu passos que se aproximavam do seu quarto.

Retirou-se a um canto do aposento, porém sem tremer. Não sentia medo; sentia, ao contrário, nascer-lhe uma coragem, até então desconhecida. Ainda que lhe custasse a vida, estava resolvida a ficar fiel a Zanoni! Tinha um novo motivo para defender a sua honra, e queria defendê-la a todo custo.

A porta se abriu, e entrou o Príncipe, vestido com um esplêndido e luxuoso traje, que se usava naquele tempo, em Nápoles.

— Criatura formosa e cruel, — disse o recém-chegado, com um sorriso nos lábios. Espero que não me repreenda mui duramente

pela violência que o amor me fez cometer.

E, ao dizer isto, quis tomar uma das mãos de Viola; porém, vendo que a jovem a retirava, prosseguiu: — Reflete que está em poder de um homem que nunca viu fracassar uma só de suas tentativas, conseguindo sempre o seu fim, mesmo quando se tratava de um objeto que lhe era menos caro. O seu amante, por muito audacioso que seja, não poderá salvá-la esta vez. É minha; porém, deixa que eu, em vez de ser seu senhor, seja seu escravo.

— Príncipe — respondeu Viola, com gravidade — a sua jactância é vã. Diz-me que me tem em seu poder!

Engana-se. A minha vida esta em minhas próprias mãos! Não o desafio; porém, também não o temo.

Sinto — e há pressentimentos que são inspirados pela Divindade — acrescentou com voz solene e penetrante — sinto que me acho segura até neste lugar; ao passo que o Príncipe de ***, acaba de atrair grandes perigos sobre a sua casa.

O napolitano pareceu sobressaltar-se ao ver na jovem uma resolução e uma ousadia que não esperava encontrar. Ele não era, porém, um homem que se intimidasse tão facilmente, nem que desistisse de seus projetos, uma vez concebidos. Aproximando-se de Viola, ia responder-lhe com muito calor, real ou fictício, quando se ouviu uma pancada na porta do quarto. A pancada foi repetida, e o Príncipe, irritado por esta interrupção, abriu a porta, perguntando, com impaciência, quem se atrevia a desobedecer às suas ordens e vinha incomodá-lo. Apresentou-se Mascari, o qual lhe disse, pálido e agitado, em voz baixa:

— Senhor, perdoe-me; porém, lá em baixo está um estrangeiro que insiste em vê-lo e, por algumas palavras que pronunciou, julguei prudente avisá-lo mesmo infringindo as ordens que tinha dado.

— Um estrangeiro!... E a esta hora, que quer? Porque foi

admitido neste palácio?

— Ele afirma que a sua vida se acha em iminente perigo, e só à Vossa Excelência quer manifestar de onde este perigo procede.

O Príncipe franziu as sobrancelhas, e empalideceu. Depois de refletir um instante, tornou a entrar no quarto e, aproximando-se de Viola, disse:

— Creia-me, formosa criatura, eu não quero aproveitar-me da vantagem que oferece a minha posição.

Quero conseguir o que desejo, só por meio do afeto e carinho. Seja no interior deste palácio uma rainha mais absoluta do que a que tem representado, às vezes, no teatro. Por esta noite, passe bem! Dorme tranquilamente, e oxalá que seus sonhos sejam favoráveis às minhas esperanças!

Depois de pronunciar estas palavras, o Príncipe se retirou. Um momento depois, a jovem se viu rodeada de oficiosos criados que ela, porém, despediu, não sem dificuldade; e, não querendo deitar-se, passou a noite examinando o aposento, que não oferecia saída por nenhuma parte, e pensando sempre em Zanoni, cujo poder lhe inspirava uma extraordinária confiança.

O Príncipe dirigiu-se ao quarto em que haviam introduzido o estrangeiro.

O recém-chegado estava envolto num largo roupão que o cobria da cabeça aos pés; urna espécie de hábito talar, como o que costumam vestir, às vezes, os eclesiásticos. A fisionomia deste estrangeiro era notável. As suas faces pareciam tão queimadas pelo sol, e a sua cor era tão morena, que à primeira vista, se podia reconhecer nele um descendente das raças do longínquo Oriente. A sua fronte era elevada e os olhos apesar de tranquilos eram tão penetrantes que o Príncipe procurou evitar fixá-los.

— Quem é o senhor? O que quer de mim? — perguntou o

Príncipe, oferecendo ao visitante um assento.

— Príncipe de ***, — disse o estrangeiro com voz sonora e suave ao mesmo tempo, porém, com acento que manifestava não ser do país — filho da raça mais enérgica e mais varonil que das tortuosidades, da perversidade e da teimosia, a ela inata; descendente dos grandes Visconti, em cujas crônicas está escrita a história da Itália em seus dias mais prósperos, e cuja época de elevação o mais poderoso intelecto chegou às sublimes alturas do desenvolvimento, amadurecido pela incansável ambição; eu venho contemplar a ultima estreia que se obscurece num nublado firmamento. Amanhã, a esta hora, o espaço não a conhecerá mais. Homem, se a sua conduta não mudar inteiramente, os seus dias estão contados!

— Que significa esta linguagem sibilina? — disse o Príncipe, visivelmente admirado, e tocado por um secreto terror.

Vem ameaçar-me em minha própria casa, ou quer advertir-me de um perigo? É um saltimbanco ambulante, ou algum amigo de que não posso lembrar-me? Fale claramente. Qual é o perigo que me ameaça?

— Zanoni é a espada do seu avô, — respondeu o estrangeiro.

— Ah! Ah! — retrucou o Príncipe, rindo-se desdenhosamente.

— À primeira vista, quase adivinhei quem era. É, pois, o cúmplice ou o instrumento do mais destro, porém, agora, do mais desprestigiado charlatão? E suponho que veio dizer-me que, se restituir a liberdade a certa pessoa que conservo presa, se desvanecera o perigo, e a mão do destino se deterá, não é verdade?

Julgue-me como o entender, Príncipe de ***. Não nego que conheço Zanoni. O senhor conhecerá o seu poder, porém só no momento em que será tarde para recuar. Eu quereria salvá-lo e, por isso, venho adverti-lo. Perguntará por que? Dir-lhe-ei: Recorda-se de

alguma das coisas maravilhosas que narravam do seu nobre avô. Não se lembra de ter ouvido falar de sua sede do saber, do seu desejo de conhecer uma ciência superior à dos claustros e das universidades? Não ouviu nunca referências a um homem singular que, vindo do Oriente, foi seu amigo e seu mestre, e contra o qual o Vaticano tem lançado, de século em século, os seus raios? Não se lembra das riquezas do seu avô? Não sabe que, em sua juventude, o seu nome teve pouca celebridade? Que, depois de uma vida desregrada e extravagante, como é a sua, ele teve que fugir de Milão, pobre e exilado por si mesmo? Que, depois de muitos anos passados, ninguém sabia em que climas, nem em que ocupações, ele voltou à cidade onde haviam reinado os seus antepassados, e que com ele veio o sábio do Oriente o místico Mejnour? Pois bem, todos os que tornaram a ver o seu avô, observaram, com medrosa admiração, que o tempo não tinha plantado uma só ruga em sua testa; e que a juventude parecia haver-se fixado, como por encanto, em seu semblante e em sua pessoa. Desde então, a sua fortuna prosperou. Os parentes mais remotos foram morrendo, e bens sobre bens passaram às mãos do nobre arruinado. Ele se tornou o conselheiro dos Príncipes, e o primeiro magnata da Itália. Fundou uma nova casa, de que você é o último rebento em sua linhagem, e transferiu o seu resplendor de Milão para o reino de Sicília. Planos de alta ambição o dominavam de dia e de noite. Se tivesse vivido, a Itália teria conhecido uma nova dinastia, e os Visconti teriam reinado na Magna Grécia. Ele era um homem dos que o mundo vê raramente; mas os seus fins, demasiado terreno, estavam em luta com os meios que procurava. Se a sua ambição tivesse sido maior ou menor, ele teria sido digno de um reino mais poderoso do que o dos Césares; teria sido digno da nossa augusta Ordem; digno de ser companheiro de Mejnour, que agora vê diante de si.

O Príncipe, que escutara com profunda e viva atenção as palavras do seu singular hóspede, levantou-se da cadeira, ao ouvir as últimas expressões.

— Impostor! — exclamou. — Como se atreve a brincar assim com a minha credulidade? Há sessenta anos que o meu avô faleceu; se estivesse ainda vivo, estaria com cento e vinte anos de idade; e o senhor cuja velhice é tão vigorosa que não se curva ainda, pretende ter sido seu contemporâneo? Mas aprendeu mal a sua narrativa. Sem dúvida, não sabe que o meu avô, sábio e ilustre, efetivamente, em tudo, exceto na confiança que tinha em um charlatão, foi encontrado morto em sua cama, no momento em que ia pôr em execução seus colossais planos, e que Mejnour foi quem cometeu este assassinato?

— Ah! — respondeu o estrangeiro, com voz muito triste; — se ele tivesse escutado os conselhos de Mejnour, se tivesse deixado para mais tarde a prova mais perigosa do intrépido saber, até que a necessária prática e a iniciação tivessem sido completas, — seu avô ter-se-ia posto comigo numa eminência que as águas da Morte, embora a lavem perpetuamente, nunca poderiam subjugar. O seu avô não quis ouvir as minhas ferventes súplicas; desobedeceu às minhas mais absolutas ordens, e na sublime temeridade de uma alma que se afanava por segredos que nunca pode obter quem deseja terras e ceptros, pereceu, vítima de sua impaciência.

— O meu avô morreu envenenado, e Mejnour fugiu, — insistiu o Príncipe.

— Mejnour não fugiu, — respondeu o estrangeiro, altivamente; — Mejnour não tinha que fugir, porque, desde há muito tempo, é superior aos perigos. Foi no dia que precedeu aquele em que o duque tomou a fatal bebida que ele cria que o tornaria imortal, foi naquele dia que eu, vendo que o meu poder sobre ele havia terminado, o abandonei à sua sorte. Porém, deixemos este assunto!

Sabe que eu estimava o seu avô, e, por isso, quero salvar o último da sua raça. Não se oponha a Zanoni; não entregue a sua alma às suas más paixões! Retire-se do precipício, enquanto ainda é tempo! Em sua testa e em seus olhos descubro ainda algo daquela divina glória que pertenceu à sua raça. Existem em si ainda germens de seu gênio, que estão sendo sufocados pelos seus vícios. Lembre-se que o gênio elevou a sua casa, ao passo que os vícios sempre lhe impediram perpetuar o seu poder. Nas leis que regulam o universo, está decretado que nada do que é mal pode durar. Seja prudente, e aproveite as lições da história. Está no limite de dois mundos: o passado e o futuro; e de cada um desses presságios chega aos seus ouvidos.

Tenho dito. Adeus!

— Oh, não sairá assim! — exclamou o Príncipe. — Não sairá deste recinto, sem que eu haja experimentado o seu poder.

Olá! Aqui! Socorro! Oh!

Aos gritos do Príncipe acudiram seus servidores.

— Segurem esse homem! — gritou o Príncipe, apontando para o lugar que havia ocupado Mejnour.

Mas, no mesmo instante, recuou aterrado. O misterioso estrangeiro havia desaparecido como uma visão; apenas se via uma espécie de vapor diáfano e fragrante, que ondulava ao redor das paredes.

Mascari, ao ver o seu amo caído sem sentidos, gritou por socorro. Durante muitas horas, o Príncipe pareceu estar em uma espécie de transe. Quando voltou a si, despediu os criados e, um momento depois, ouviram-se os seus passos largos e pesados, cruzar o quarto, de um lado para outro, prolongadamente.

O Príncipe sentiu que uma transformação singular se operara no seu íntimo; desconhecia-se a si mesmo.

CAPÍTULO XV

"Oimê como poss'io Altri trovar, se me trovar non posso?"
Aminto, Acto 1, Scena 2.

"Ai de mim! como posso eu achar a outrem, se não posso achar a mim mesmo?"

Depois da sua entrevista com Zanoni, dormiu Glyndon mais profundamente do que de costume; e quando abriu a janela, o sol do claro dia lhe encheu os olhos, de seus raios luminosos. O jovem levantou-se revigorado, com um sentimento de tranquilidade, que parecia antes ser o resultado da sua resolução, do que o do abatimento que sofrera. Os incidentes e as emoções da noite passada haviam gravado em sua alma, distintas e claras impressões. Pensou, porém, pouco nestas coisas, — pois pensava quase incessantemente no porvir. Era como um dos iniciados nos mistérios do antigo Egito, que, encontrando-se no umbral, ardia em desejos de penetrar no templo do Saber.

Glyndon vestiu-se e alegrou-se quando soube que Mervale havia partido para o campo com alguns compatriotas, numa excursão à Ischia. Ficou sozinho durante as horas quentes do meio-dia, e, gradualmente, a imagem de Viola reapareceu no seu coração. Era uma imagem santa — porque era uma imagem humana. Ele havia resignado à jovem atriz; e, apesar de não estar arrependido disso, afligia-o a ideia que, mesmo se o estivesse, o arrependimento já teria chegado demasiado tarde.

De repente, levantou-se, impaciente, da cadeira, e dirigiu-se com

passos rápidos à morada da atriz.

A distância era considerável, e o calor era intenso. Glyndon chegou à porta, um tanto sufocado e respirando com dificuldade. Bateu à porta; ninguém lhe respondeu. Deu volta ao trinco e entrou. Subiu pela escada; nenhum som, nenhum sinal de vida havia na casa. No quarto da frente sobre uma mesa, se via a guitarra da atriz e algumas peças manuscritas de suas óperas favoritas. Glyndon hesitou e, depois, revestindo-se de coragem, bateu à porta que parecia guiar ao aposento interior. A porta estava entreaberta, e o artista, não ouvindo dentro nenhum ruído, abriu-a. Era o dormitório da jovem, atriz, o lugar mais santo para um amante; e era digno da divindade que lhe presidia: não se notava, neste quarto, nada das fúteis esquisitices próprias das pessoas de sua profissão, nem a desordem que se observa nos aposentos das classes pobres do Sul. Tudo ali era simples; até os adornos revelavam um gosto inocente; havia ali alguns livros, colocados cuidadosamente em estantes, algumas flores meio murchas num vaso de barro modelado e pintando, imitando a moda etrusca. Os raios do sol iluminavam a cama de Viola, branca como a neve, e algumas peças de roupa de uso da atriz, ao lado da cama.

Viola não estava em casa; mas a aia? Onde estaria ela? Glyndon chamou Gianetta, repetidas vezes, e em voz alta; ninguém, porém, lhe respondeu. Por fim, quando o jovem abandonava, já cheio de pesar, aquela solitária morada, percebeu Gianetta, que chegava da rua. A pobre anciã lançou um grito de alegria ao vê-lo; porém, o desengano foi mútuo, quando nem um nem outro pôde dar-se notícia agradável, nem explicação alguma satisfatória. Gianetta contou, que, na noite passada, a tinha despertado um ruído que ouvira nos quartos inferiores; mas que, antes que pudesse sentir-se com suficiente coragem para descer, Viola havia desaparecido! Na

porta da rua, viam-se ainda os sinais da violência; e tudo o que havia podido inquirir na vizinhança, foi que um "lazzarone", da sua pousada na Chiaja, tinha visto, à claridade da lua, uma carruagem que reconheceu pertencer ao Príncipe de ***, e que passara por ali à uma hora da madrugada, mais ou menos, regressando pouco tempo depois.

Das confusas palavras e dos soluços de Gianetta, Glyndon compreendeu, finalmente, o que havia acontecido, e, deixando repentinamente a aia, dirigiu-se ao palácio de Zanoni. Ali lhe disseram que o senhor havia ido ao banquete do Príncipe de ***, e que não voltaria se não à noite. Triste e desanimado, Glyndon não sabia o que pensar de tudo aquilo, nem o que devia fazer. E nem Mervale estava a seu lado, para aconselhá-lo. A consciência do jovem inglês repreendia-o amargamente. Ele tivera em sua mão o poder de salvar a mulher que amava, e deixara perder-se esse poder; porém, como se explicava o fato de que Zanoni não a havia libertado? Como era possível que este homem assistia ao banquete do raptor? Era possível que Zanoni ignorasse o que havia acontecido? Pois, se assim fosse, Glyndon não queria tardar nem um momento em ir participar-lhe. Ainda que mentalmente carecesse de resolução, não havia outro homem que, fisicamente fosse mais valente do que ele. Queria, pois, ir, desde já, ao palácio do Príncipe de ***; e se Zanoni faltasse à confiança que tacitamente se havia arrogado, ele, o humilde estrangeiro, pediria a liberdade da prisioneira, por boa maneira ou por força, na residência e na presença dos convidados do poderoso Príncipe.

CAPÍTULO XVI

"Ardua vallatur duns sapientia scrupis"
Hadr. Jun., Emblem. XXXVIL

"A difícil sabedoria é cercada de duras rochas"

Temos que retroceder algumas horas, antes de continuarmos a nossa narrativa.

Os primeiros raios de luz anunciavam o nascimento de um dia de verão, quando dois homens se achavam num balcão que pendia sobre um jardim, cheio de perfumadas flores. As estrelas não haviam ainda deixado o firmamento, — as aves dormiam ainda, pousadas nos ramos; tudo estava quieto, tranquilo e silencioso; mas que diferença entre a tranquilidade do dia nascente e o solene repouso da noite! Na harmonia do silêncio, se notam mil variações. Estes dois homens, que, como parecia, eram os únicos, em Nápoles, que não dormiam, eram Zanoni e o misterioso estrangeiro que, uma ou duas horas antes, fora surpreender o Príncipe de *** no seu suntuoso palácio.

— Não — dizia este homem misterioso — se tivesse adiado a aceitação do Dom Supremo até que tivesse atingido os anos, e tivesse passado por todas as desoladas privações que me queimaram a alma, antes que as minhas pesquisas me trouxessem esse Dom, teria escapado à infeliz situação de que agora se lamenta, — não teria que se queixar da brevidade da afeição humana, comparada com a duração da sua própria existência; porque teria sobrevivido ao desejo e ao sonho de amor de uma mulher. Você alcançou a etapa

mais brilhante da existência, e se não fosse este erro, conheceria talvez já o mais sublime segredo e a augusta raça que enche o intervalo da criação, entre a humanidade e os filhos do Empíreo; oh! Por longos séculos você se sentirá arrependido da esplendida loucura que o fez querer levar a beleza e as paixões da juventude na assombrosa grandeza da imortalidade terrestre.

— Não me arrependo, nem me arrependerei, respondeu Zanoni. Os encantos e as mágoas, tão estranhamente unidos ou alterados, que, de vez em quando, vieram trazer variação à minha vida, valem mais do que a calma e aridez que você encontra no seu solitário caminho, quem não ama nada, nem nada odeia, nada sente, e anda pelo mundo com os passos silenciosos de um sonho que não sabe o que é a alegria.

— Engana-se, — replicou o que tinha o nome de Mejnour, — embora eu não cuide do amor e esteja morto para todas as paixões que agitam os filhos do barro, não deixo de sentir a seus mais serenos gozos. Eu acompanho a corrente dos inumeráveis anos, não nutrindo desejos turbulentos da juventude, mas gozando as calmas e espirituais delícias da idade madura. Sábia e deliberadamente, abandonei para sempre a juventude, quando separei a minha sorte da sorte dos homens. Não invejamos nem repreendamos um ao outro. Eu quisera, Zanoni (como lhe apraz chamá-lo agora), salvar o napolitano, já porque o seu avô esteve separado da nossa irmandade só pela última e leve barreira, já porque sei que nesse homem existem os mesmos elementos de coragem e poder que existiam no seu avô, e estes elementos, na primeira parte de sua vida, o teriam tornado digno de ser um dos nossos. A terra contém mui poucos homens que tenham obtido da Natureza as qualidades que possam suportar as provas que a nossa Ordem impõe. Porém o tempo e os excessos, estimulando os sentidos mais grosseiros do napolitano,

embotaram a sua imaginação. Eu o abandono ao seu destino.

— E ainda, Mejnour, abriga a ideia de reviver a nossa Ordem, limitada agora a nós dois, por meio de novos convertidos e filiados? Seguramente... seguramente... a sua experiência pode ter-lhe ensinado que, em cada mil anos, nasce apenas um ente humano que possa atravessar as terríveis portas que conduzem aos mundos externos! O seu caminho não está juncado já de suas vítimas? Não se levantam diante de ti as suas pálidas faces, nas quais estão gravadas a agonia e o medo? — Não lhe aparecem os suicidas, manchados de sangue, e os maníacos delirantes? — E todas estas aparições não são, para o que lhe sobra ainda da humana simpatia, sinais e advertências suficientes para o curarem da sua insana ambição?

— Não? — respondeu Mejnour, — Pois não tenho acaso obtido sucessos que compensam os meus desenganos? E posso eu abandonar esta elevada e augusta esperança, digna somente da nossa alta condição, a esperança de formar uma excelente e numerosa raça, com bastante força e poder para ensinar à humanidade as suas majestosas conquistas e seu domínio; uma raça de homens que venham a ser os verdadeiros senhores deste planeta, e talvez os invasores de outros; uma raça que domine as tribos inimigas e maliciosas que, neste momento, nos rodeiam; uma raça que, em seus imortais destinos, possa elevar-se, de um degrau ao outro, à gloria celeste e colocar-se por fim, ao lado dos servidores e agentes mais aproximados da Divindade, que se reúnem em redor do Trono dos Tronos? Que importam mil vítimas, uma vez que dêem um convertido à nossa sociedade?

E depois de uma pausa, continuou Mejnour:

— E você, Zanoni, você mesmo, se este afeto que sente por uma mortal beleza, fosse algo mais que um passageiro capricho, poderia, uma vez que o admitiu em sua íntima natureza, fazer que participe

de sua mais brilhante e duradoura essência; você mesmo poderia desafiar todas as coisas para conseguir que essa pessoa querida se tornasse igual. Não me interrompa. É possível que tenha a coragem de vê-la ameaçada pelas enfermidades, expostas aos perigos, ver como os anos a alquebram, como os seus olhos se enfraquecem, como a sua beleza esvaece, enquanto o seu coração, jovem ainda, não quer desprender-se do seu? Pode ver tudo isto, sabendo que está em...

— Basta! — exclamou Zanoni, com calor. — Que é toda e qualquer outra sorte, comparada com a morte produzida pelo terror? Pois que quando o mais frio sábio, o mais ardente entusiasta, o mais ousado guerreiro, com os seus nervos de ferro, têm sido encontrado morto em sua cama, com os olhos desmesuradamente abertos e os cabelos eriçados, ao primeiro passo que deram na Terrível Senda, pensa senhor, que esta fraca mulher, cuja face empalidecida ao primeiro ruído que ouvisse numa janela, ao grito de uma coruja, à vista de uma gota de sangue na espada de um homem, pensa que ela pudesse resistir ao espectro de...? Não! Só em pensar que ela teria que ver semelhantes coisas, sinto que me abandona a coragem!

— Quando lhe disse que a amava, quando a estreitou ao seu peito, renunciou a todo o poder de prever o seu futuro, e protegê-la contra os perigos. Por conseguinte, daqui por diante, não é para ela mais do que um homem, um homem como os demais. Como, pois, sabe em que poderá ser tentado? Como sabe o que despertará a sua curiosidade e o que desafiará a sua coragem? Porém, deixemos disto; está resolvido a levar por diante o seu projeto?

— O "fiat" (faça-se) já foi pronunciado.

— E amanhã?

— Amanhã a esta hora, o nosso barco sulcará aquele mar, e o

peso dos séculos cairá do meu coração!

— Tenho compaixão de ti, pobre sábio! Você se despojou da sua juventude!

CAPÍTULO XVII

"Alchimist — Thou always speakest riddles.
Tell me if thou art that fountain of which Bernard Lord Trevizan writ?
Mercur — I am not that fountain,
but I am the water.

The fountain compasseth me about".
Sandivogius, "New Light of Alchymy".
"Alquimista: — Tu sempre falas em enigmas.
Dize-me se tu és aquela fonte de que escreveu Bernardo, o nobre Trevizano?
Mercúrio: — Eu não sou aquela fonte; sou, porém, a água. A fonte me rodeia".

O Príncipe de *** não era homem a quem Nápoles pudesse chamar de supersticioso. No Sul da Itália, existia então, e existe ainda, um certo espírito de credulidade, que se nota de vez em quando, entre os mais atrevidos dogmas dos seus filósofos e céticos. Em sua infância, o Príncipe de * tinha ouvido referir estranhas histórias a respeito da ambição, o gênio e a carreira do seu avô, e secretamente, talvez influenciado pelo exemplo do antepassado, em sua primeira juventude havia estudado a ciência, não só no seu curso legítimo como também em algumas das suas tortuosidades antiquadas e erráticas. Vi, com efeito, em Nápoles, um pequeno volume com o brasão dos Visconti, e atribuído ao aristocrata a que me refiro, o qual trata de alquimia num estilo meio satírico e meio

reverencial.

Os prazeres distraíram muito breve o Príncipe desta espécie de trabalho, e o seu talento, que era indubitavelmente grande, dedicou-se totalmente às mais extravagantes intrigas e aos adornos do luxo, de uma esplêndida ostentação, mesclada com algo do gosto clássico. A sua imensa riqueza, o seu desmarcado orgulho, o seu caráter atrevido, que não conhecia escrúpulos, o faziam impor certo medo a uma corte fraca e tímida; e os ministros do governo indolente lhe toleravam os excessos, porque ao menos tinham adormecido a sua ambição.

A estranha visita e o ainda mais estranho desaparecimento de Mejnour encheu de terror e admiração o napolitano, e a sua altiva arrogância e o cepticismo da sua idade madura lutavam em vão por livrar-se de tais impressões. A aparição de Menjour serviu, na realidade, para investir Zanoni de um caráter em que o Príncipe até então não o tinha considerado.

O napolitano sentiu-se bastante inquieto ao pensar no rival que havia desafiado, no inimigo que havia provocado.

Quando, um pouco antes do banquete que mandara preparar, havia tornado a recuperar o seu sangue-frio, foi com a bárbara e sinistra resolução de levar adiante os pérfidos projetos que tinha previamente formado. Sentia que a morte do misterioso Zanoni era necessária para a sua própria conservação; e, se já nos primeiros dias de sua rivalidade determinara sobre o destino de Zanoni, as advertências de Mejnour serviam só para confirmar a sua resolução.

— Experimentaremos se a sua magia é capaz de inventar um antídoto ao veneno, — disse o Príncipe a meia-voz e com um sorriso sardônico, quando chamou Mascari à sua presença.

O veneno que o Príncipe misturara, com suas próprias mãos, no vinho que tinha preparado para o hóspede, era composto de

ingredientes cujos segredos haviam sido até ali um dos maiores orgulhos de aquela hábil e perigosa raça que deu à Itália aos seus mais sábios e mais criminosos tiranos. O seu efeito era eficaz, ainda que não repentino: não produzia dor, nem convulsões, nem deixava sinal algum externo que pudesse levantar suspeitas. Em vão se teria cortado e dissecado todas as membranas e fibras do cadáver: em nenhuma parte o médico mais hábil teria descoberto a presença do sutil agente mortífero.

Durante doze horas, a vítima não sentia o mais leve sintoma, exceto uma alegre e exaltada precipitação no sangue, à qual se seguia uma deliciosa languidez, precursora infalível da apoplexia. A sangria não servia de nada! A apoplexia era uma enfermidade que atacava com muita frequência os inimigos dos Visconti!

Chegou a hora da festa; os convidados achavam-se reunidos. Via-se ali a flor da nobreza napolitana, os descendentes dos normandos, dos teutões e dos godos, pois Nápoles tinha então uma nobreza que declarava derivar-se da raça do norte, que tem sido realmente a "Nutrix Leonum", — a ama da leonina cavalaria do mundo.

O último dos convidados que apareceram foi Zanoni; e a multidão lhe deu passagem, quando o deslumbrante estrangeiro se dirigiu ao dono do palácio. O Príncipe saudou-o com fingido sorriso, ao qual Zanoni respondeu, em voz baixa:

— Nem sempre ganha quem joga com dados carregados.

O Príncipe mordeu os lábios, e Zanoni, seguindo adiante, parecia sustentar uma animada conversação com o adulador Mascari.

— Quem é o herdeiro do Príncipe? — perguntou Zanoni.

— Um parente distante pela linha materna, — respondeu Mascari. — Com Sua Excelência, acaba a linha masculina.

— O herdeiro está assistindo ao banquete?

— Não, senhor; não são amigos, ele e Sua Excelência, o Príncipe.

— Não importa; amanhã estará aqui.

Mascari calou-se, surpreso; porém, o sinal de começar o banquete foi dado, e os convidados foram para a mesa. Como era, então, costume, a festa principiou um pouco depois do meio-dia. O salão era grande e de forma oval; por um lado havia uma galeria, sustentada por colunas de mármore, e com a saída para um pátio ou jardim, onde a vista sentia prazer ao se fixar sobre as frescas fontes e as estátuas de mármore alvíssimo, meio veladas por laranjeiras. Ali se encontrava toda a arte que o luxo pode inventar para mitigar com frescura o lânguido calor do exterior, num dia em que o siroco**[**8**]** parece haver suspendido a sua respiração. Correntes artificiais de ar, por tubos invisíveis; grandes leques de seda que se moviam continuamente, como um vento de abril; repuxos em miniatura em cada ângulo da sala ofereciam aos italianos essa alegria e conforto (se posso empregar esta palavra), como as cortinas suspensas e o chamejante fogão produzem nos filhos dos climas frios.

A conversação era algum tanto mais viva e intelectual do que se costumava entre os ociosos caçadores de prazer, nas terras meridionais; pois o Príncipe, homem de talento, buscava seus amigos não somente entre os homens ilustrados do seu país como também entre os alegres estrangeiros que vinham adornar e avivar a monotonia dos círculos napolitanos. Estavam ali presentes dois ou três nobres e ricos franceses do antigo regime, que haviam emigrado com tempo, vendo aproximar-se a Revolução; e o seu particular modo de pensar e a sua agudeza de espírito estavam bem calcitados para o meridiano de uma sociedade que fazia do “dolce far niente” ao mesmo tempo sua filosofia e sua fé.

O Príncipe, entretanto, falava menos do que ordinariamente; e

quando fazia um esforço para estimular-se, as suas ideias eram inoportunas e exageradas.

As maneiras de Zanoni contrastavam sensivelmente com as do Príncipe. O porte deste homem singular estava sempre caracterizado por uma calma e por uma polida facilidade de exprimir-se, que os cortesões atribuíam ao muito que devia ter frequentado a sociedade. Dificilmente se podia dizer que estava alegre; e, não obstante, poucas pessoas sabiam manter como ele o bom humor dos convidados. Parecia, por uma espécie de intuição, adivinhar em cada conviva, as qualidades, em que neles mais sobressaiam; e se, ocasionalmente, um certo tom de encoberta crítica se revelava em suas observações, concernentes aos tópicos de que tratava a conversação, parecia a homens que nunca tomavam nada a sério, ser a linguagem, ao mesmo tempo, do gracejo e da sabedoria. Os franceses, em particular, achavam coisa surpreendente o seu íntimo conhecimento dos acontecimentos mais minuciosos da França e sua capital, assim como a sua profunda penetração (embora manifestada só por meio de epigramas e sarcasmos), tocante aos caracteres eminentes que estavam então desempenhando um papel no grande teatro da intriga continental.

No instante em que esta conversação parecia mais animada, e em que a alegria da festa tocava ao seu auge, chegou Glyndon ao palácio. O porteiro, vendo, pelo seu traje, que não pertencia ao número dos convidados, disse-lhe que Sua Excelência estava ocupada, e que não se podia interrompê-la sob pretexto algum. Glyndon, pela primeira vez, compreendeu quão estranho e árduo era o dever que se impusera.

Entrar, a viva força, no salão do banquete e de uma personagem nobre e poderosa, rodeada do escol de Nápoles, e acusá-la perante seus alegres companheiros daquilo que para estes não seria mais do

que um ato de galanteio, era uma empresa que não podia deixar de ser temerária e ridícula. O jovem refletiu um momento e, pondo uma moeda de ouro na mão do porteiro, disse-lhe que precisava ver o senhor Zanoni, para quem trazia uma mensagem de vida ou de morte. Este meio facilitou-lhe a entrada no interior do palácio. Glyndon subiu a larga escadaria e, em breve, chegaram aos seus ouvidos as alegres vozes dos convivas. A entrada dos salões de recepção, encontrou um pajem, por intermédio do qual transmitiu o recado a Zanoni.

O pajem foi ter com Zanoni; e este, ao ouvir o nome de Glyndon, dirigiu-se ao dono do palácio, dizendo-lhe:

— Desculpe-me, senhor Príncipe; um inglês amigo meu, o senhor Glyndon —cujo nome não é desconhecido a Sua Excelência-, espera-me na ante sala; sem dúvida, se tratará de um assunto muito importante e urgente, porque veio buscar-me aqui nesta hora. Permitirá que me ausente um momento?

— Não, senhor, — respondeu o Príncipe, com cortesia, ao mesmo tempo em que aparecia em seu semblante um sorriso sinistro: — não seria melhor que o seu amigo entrasse a fazer-nos companhia? Um inglês é bem recebido em todas as partes; e ainda que fosse holandês, a sua amizade o tornaria simpático. Diga-lhe que entre; não queremos privar-nos de sua presença, nem que seja por um instante.

Zanoni fez um amável cumprimento ao Príncipe, enquanto o pajem ia levar a Glyndon a lisonjeira mensagem. Puseram uma cadeira para ele ao lado de Zanoni, e o jovem inglês entrou.

— Seja muito bem-vindo, cavalheiro, — disse-lhe o Príncipe.

— Espero que os assuntos que tem que comunicar, ao nosso ilustre hóspede sejam de bom agouro e de alegre interesse. Se, ao contrário, traz alguma notícia má, rogo-lhe que a deixe para mais

tarde.

Glyndon franziu a testa, e estava a ponto de espantar os convivas com uma resposta que queria dar, quando Zanoni, tocando-lhe significativamente o braço, disse-lhe, em voz baixa, em inglês:

— Eu sei porque veio buscar-me. Cale-se, e preste atenção no que vai suceder.

— Então, sabe que Viola, a qual se jactava de poder salvar de todo perigo...

Está nesta casa! — Sim! — completou Zanoni a frase de Glyndon, e acrescentou: — E sei também que a Morte está assentada à direita do dono desta casa. Mas o seu destino está agora separado do de Viola para sempre; e o espelho que o reflete aos meus olhos, me aparece claramente, através das correntes de sangue. Cale-se, e espere pelo fim que aguarda o malvado!

E dirigindo-se ao napolitano, disse Zanoni em voz alta:

— Senhor Príncipe, o ser Glyndon trouxe-me, deveras, notícias não de todo inesperadas. Vejo-me obrigado a ausentar-me de Nápoles, e este é um motivo mais para aproveitar quanto possível a presente hora.

— E qual é, se me é permitido perguntar, a causa que traz tanta aflição às damas de Nápoles? A próxima morte de uma pessoa que me tem honrado com a mais leal amizade, replicou Zanoni, com ar grave.

Porém, não falemos disto agora; a tristeza não pode fazer retroceder o horário no relógio da vida. Assim como substituímos por novas flores as que murcham nos nossos vasos, é o segredo da sabedoria mundana substituir por novos os amigos que desaparecem da nossa senda.

— Soberba e verdadeira filosofia! — exclamou o Príncipe. A

máxima dos romanos era “Não se admire”; a minha é: “Nunca se entristeça!” Nada deve causar-nos pesar na vida, senhor Zanoni, exceto, com efeito, o caso de alguma jovem beleza que, depois de ter conquistado o nosso coração, se escapa de nossas mãos. Em semelhantes momentos, necessitamos de toda a nossa sabedoria, para não sucumbir ao desespero e apertar as mãos da morte. Que diz a isto, cavalheiro? Sorri? Nem sempre sorrirá. Brinde comigo: A saúde do amante afortunado, e para que o amante enganado ache um pronto consolo!

— Brindo pelo que diz, — respondeu Zanoni; e (quando o fatal vinho foi deitado no seu copo) repetiu, fixando os olhos no semblante do Príncipe: — Brindo pelo que diz, ainda que seja com este vinho!

E, ao dizê-lo, levou o copo a seus lábios. O Príncipe pareceu empalidecer, enquanto que o olhar de Zanoni se fixava nele com ardor e pertinácia, ante o qual o napolitano, sentindo remorsos da consciência, se curvou e estremeceu. Zanoni não desviou seus olhos do Príncipe, senão quando tinha engolido a última gota do líquido.

— Príncipe o seu vinho foi guardado demasiado tempo e, por isso, perdeu as suas virtudes. Poderia ser inconveniente a muitos; mas, quanto a mim, não tema; não me fará o menor dano.

E voltando-se para a esquerda:

— Senhor Mascari, o senhor que é excelente conhecedor dos vinhos, quer fazer-nos o favor de dizer a sua opinião?

— Ser-me-ia difícil, — respondeu Mascari, com afetada calma, — porque não gosto dos vinhos de Chipre; acho-os demasiado ardentes. Talvez o senhor Glyndon achará este vinho mais saboroso do que o acha Sua Senhoria? Pois tenho ouvido dizer que os ingleses gostam que suas bebidas sejam ardentes e picantes.

— Quer que o meu amigo prove também do vinho, Príncipe? —

interrogou Zanoni. — Porém lembro-lhe que nem todos podem tomá-lo com a mesma impunidade que eu.

— Não, — respondeu o Príncipe, apressadamente. — Uma vez que este vinho não merece sua recomendação, Deus me livre de obrigar meus convidados a tomá-lo! Senhor Duque — prosseguiu, dirigindo-se a um dos franceses — os vinhos da sua pátria são verdadeiramente dignos de Baco. Como se acha este barril de Borgonha? Conservou-se bem na viagem?

— Ah! — disse Zanoni, —- mudemos de vinho e de tema.

E desde este momento, pareceu ainda mais animado e brilhante. Nunca saiu da boca de um comensal uma conversação mais cintilante, mais eloquente e mais recreativa. As suas palavras espirituosas fascinavam todos, até o Príncipe e Glyndon, e todos sentiam um estranho e inexplicável contágio.

O Príncipe, a quem as palavras e o olhar de Zanoni, quando este bebia o veneno, haviam enchido de medrosa desconfiança, saudava agora, na brilhante eloquência da sua espiritualidade, uma prova positiva da operação do tóxico. O vinho circulava sem parar; mas ninguém parecia reparar em seus efeitos. Um por um, os convidados foram caindo numa espécie de religioso silêncio, enquanto Zanoni continuava a gracejar e a dizer epigramas. Todos pareciam estar suspensos dos lábios do divertido conviva, escutando-o com avidez. Quão amarga, porém, era a alegria deste homem! Como era cheia de desprezo pelos néscios presentes e pelas frivolidades que formavam a sua vida!

Veio a noite; o salão começava a parecer um tanto escuro; a festa se havia prolongado muitas horas mais do que então costumavam durar semelhantes divertimentos. Ainda não se levantavam os convivas das cadeiras para retirar-se, e ainda continuava Zanoni, com olhar reluzente e o lábio zombador, contando-lhe espirituosas

histórias e anedotas. De repente, a lua, surgindo no horizonte, derramou seus raios sobre as flores e fontes do jardim, deixando o salão imerso numa penumbra calma e misteriosa.

Então se levantou Zanoni, dizendo:

— Bem, cavalheiros; parece-me que ainda não temos cansado bastante o nosso hóspede; e o seu jardim oferece uma nova tentação para prolongarmos a nossa visita. Príncipe, não tem no seu séquito, alguns músicos que recreiem os nossos ouvidos, enquanto nós respiramos a fragrância das suas laranjeiras?

— Que excelente ideia! — disse o Príncipe. — Mascari, que venham os músicos.

Os convidados foram-se levantando simultaneamente, para passar ao jardim; e então, pela primeira vez, começaram a sentir o efeito do muito vinho que tinham bebido.

Com as faces coradas e os pés pouco seguros, saíram ao ar livre, que ainda mais estimulou neles o crescente ardor do vinho. Como se quisesse desforrar o tempo que haviam permanecido em silêncio, escutando Zanoni, desataram-se agora todas as línguas, todos começaram a falar ao mesmo tempo, porém ninguém escutava. Havia algo de estranho e sinistro no contraste que oferecia a calma beleza da noite e da cena, e a confusão e o clamor destes conversadores meio ébrios. Um francês, sobretudo, o jovem Duque de R***, um dos nobres da classe mais alta, e de temperamento vivo e irascível, como é a maior parte de seus compatriotas, era o que parecia mais tumultuoso e excitado. E como as circunstâncias, cuja recordação ainda se conserva entre certos círculos de Nápoles, fizeram depois necessário que o mesmo Duque tivesse de revelar o que havia acontecido, quero transcrever aqui o breve relatório daqueles fatos, que ele escreveu e que, há alguns anos, me foi gentilmente apresentado por meu apreciável e leal amigo, o

Cavalheiro de R***.

Nunca me lembro (escreve o Duque) de ter sentido o meu ânimo tão excitado como naquela noite; parecíamos o mesmo que tantos rapazes saídos da aula, dando-nos empurrões uns aos outros, enquanto descíamos, tropeçando, os sete ou oito degraus da escada que conduzia ao jardim; — alguns riam, outros gritavam, outros ralhavam, outros palravam. Parecia que o vinho tinha feito manifestar-se o caráter intimo de cada um. Alguns falavam em voz alta e disputavam, outros se mostravam sentimentais ou caprichosos; alguns, que até então nos pareceram aflitos, entregavam-se a uma alegria extraordinária; outros, que tomávamos por homens discretos e taciturnos, começaram a manifestar-se loquazes e turbulentos. Lembro-me que, no meio da nossa ruidosa alegria, a minha vista se fixou no cavalheiro senhor Zanoni, cuja conversação nos encantara tanto a todos, e senti um certo estremecimento ao ver que ele conservava em seu semblante a mesma calma e o mesmo sorriso de antipatia, que o caracterizavam em suas singulares e curiosas histórias da corte de Luiz XIV. Quase me senti inclinado a provocar esse homem, cuja calma era uma espécie de insulto à nossa desordem; e não fui eu o único que sentiu o efeito daquela irritante e escarnecedora tranquilidade. Alguns dos convivas me disseram depois que, ao ver Zanoni, sentiam ferver o seu sangue e mudar-se-lhes a alegria em ressentimento. Parecia que, no seu frio sorriso, havia um encanto particular que feria o amor próprio e predispunha à ira.

Neste instante, o Príncipe, dirigindo-se a mim, travou-me do braço e levou-me para um canto. Ele havia, certamente, participado de nossos excessos, mas não se sentia tão excitado como nós, pelo contrário, estava um pouco taciturno e demonstrava uma espécie de fria arrogância e altivo desprezo em seu porte e em sua linguagem,

que, apesar de manifestar-me muito afetuosa cortesia, sublevou o meu amor próprio contra ele. Parecia que Zanoni o tinha contagiado, e que, ao imitar as maneiras destes, tratava de exceder o original. O Príncipe motejou-me, lembrando uma historiazinha da corte, em que aparecia o meu nome, ligado ao de certa formosa e distinta dama siciliana, e simulou tratá-la com desprezo que, se houvesse sido certo, eu teria considerado como uma jactância. Este homem falava, na realidade, como se tivesse colhido todas as flores de Nápoles, deixando para nós, estrangeiros, somente as que desdenhara.

Isto picou o meu orgulho natural e nacional, e vinguei-me com alguns sarcasmos que seguramente, me haviam abstido de aventurar, se o meu sangue houvesse estado mais frio. Ele riu-se gostosamente, o que me deixou bastante irado.

"Talvez (devo confessar a verdade) o vinho houvesse produzido em mim uma estranha tendência à irritabilidade e a provocar disputas. Quando o Príncipe se separou de mim, voltei-me, e vi Zanoni a meu lado".

— O Príncipe é um fanfarrão, — disse ele, com o mesmo sorriso que tanto me repugnara antes. — ele desejaria monopolizar toda a riqueza e todo o amor. Vamos vingar-nos.

— E como?

Neste momento, ele tem em sua casa a mais encantadora atriz de Nápoles, a célebre cantora Viola Pisani. Esta jovem se encontra aqui, é verdade, contra sua vontade; ele a arrastou a seu palácio empregando a força, mas pretextará que ela o adora.

Insistamos em que nos apresente o seu secreto tesouro, e quando a cantora entrar, o Duque de R*** pode estar certo de que os seus elogios e as suas atenções encantarão a jovem, e provocarão fortes zelos no Príncipe. Esta seria uma linda vingança que castigaria a sua imperiosa presunção.

“Esta sugestão me deleitou. Dei-me pressa a procurar o Príncipe. Naquele momento, os músicos haviam começado a tocar; eu fiz um sinal com a mão, mandando cessar a sinfonia, e, dirigindo-me ao Príncipe, que estava no centro de um dos grupos mais animados, queixei-me de sua mesquinha hospitalidade em oferecer-nos alguns maestros tão pobres na arte, quando ele se reservava, para o seu próprio gozo, o alaúde e a voz da primeira cantora de Nápoles. Em tom meio sorridente e meio sério, supliquei que nos apresentasse a jovem Pisani. O meu pedido foi recebido com uma salva de aplausos pelos demais.

Sufocamos com gritos de protesto as réplicas do Príncipe, e não quisemos escutar a sua negativa”.

Cavalheiros, — disse ele, quando, afinal, lhe foi possível fazer-se ouvir, — mesmo se eu acedesse à sua proposta, ser-me-ia impossível induzir essa senhora a apresentar-se perante uma reunião tão tumultuosa quanto nobre. São demasiado cavalheiros para usar violência para com ela, ainda que o Duque de R*** se esqueça a si mesmo o bastante para violentar-me a mim.

“Esta repreensão, embora merecida, indignou-me”.

— Príncipe, — respondi-lhe-, a respeito da incivilidade da violência, tenho um exemplo tão ilustre dela, que não posso hesitar em seguir a senda honrada por seus próprios passos. Toda Nápoles sabe que Viola Pisani despreza o seu ouro e o seu amor; que somente a violência podia trazê-la até à sua casa; e que, o senhor se nega a apresentá-la é, porque teme a sua queixa, e sabe bastante da fidalguia que a sua vaidade despreza, para estar convencido de que os cavalheiros franceses estão tão dispostos a adorar a beleza, como a defendê-la contra qualquer insulto.

“ — Tem razão, senhor, — confirmou Zanoni, com ar sério”.

— O Príncipe não se atreve a apresentar a sua presa.

“O Príncipe calou-se por alguns instantes, como se a indignação o fizesse emudecer. Por fim irrompeu, nos mais injuriosos insultos contra Zanoni e contra mim. Zanoni não respondeu; eu tremia de ódio”.

“Os convidados pareciam deleitar-se com a nossa disputa”.

Ninguém tratou de conciliar-nos, exceto Mascari, a quem empurramos para um lado, não querendo ouvi-lo; alguns tomaram partido em favor de um, outros em favor do outro. O resultado é fácil de prever.

Recorreu-se às espadas. Um do grupo apresentou-me duas. Eu ia escolher, quando Zanoni pôs em minha mão a outra, a qual, a julgar pelo seu punho, parecia um objeto de arte muito antigo. Ao mesmo tempo, olhando o meu contendor, disse-lhe sorrindo:

— Príncipe, o Duque toma a espada do seu avô. Sua Senhoria é um homem demasiado valente para fazer caso de superstições; eu o advirto da multa do contrato.

“Ao ouvir estas palavras, pareceu-me que o Príncipe estremecia, empalidecendo; não obstante, respondeu ao sorriso de Zanoni com um olhar de desprezo. Um momento depois, tudo era confusão e desordem. Havia seis ou oito pessoas empenhadas em uma estranha e confusa refrega; porém, eu e o Príncipe nos buscávamos um ao outro. O barulho que reinava em redor de nós, a confusão dos convidados, os gritos dos músicos e o ruído das nossas espadas serviam somente para estimular o nosso rancor. Temíamos que os outros nos interrompessem, e batíamo-nos como loucos, sem ordem nem método. Eu parava e atacava maquinalmente, cego e frenético, como se um demônio se houvesse apoderado de mim, até que vi o Príncipe estendido aos pés, banhado em sangue, e Zanoni inclinando-se sobre ele e falando-lhe ao ouvido”.

“Este espetáculo deixou-nos todos gelados. A luta cessou;

confusos e cheios de remorsos e horror, nos reunimos em torno do malfadado Príncipe; mas era tarde, os seus olhos rolavam espontaneamente nas órbitas. Eu tenho visto morrer muitos homens, porém nunca um que levasse em seu semblante a expressão de tanto horror. O Príncipe exalou o último suspiro!"

Zanoni levantou-se e, tomando com surpreendente tranquilidade a espada de minha mão, disse calmamente:

— Cavalheiros, Suas Senhorias são testemunhas de que o Príncipe atraiu sobre si mesmo esta desgraça. O último desta ilustre casa pereceu numa contenda.

"Nunca mais tornei a ver Zanoni. Depois das palavras por ele proferidas, fui correndo à casa do nosso representante para referir-lhe o acontecimento e aguardar o que seguiria. Estou agradecido ao governo napolitano e ao ilustre herdeiro do desditoso Príncipe, pela nobre, generosa e justa interpretação que deram a este desgraçado incidente, cuja memória me afligirá até à última hora de minha vida. — (Assinado) Luiz Victor, Duque de R***".

No memorial acima transcrito, o leitor encontra a narração mais exata e minuciosa de um acontecimento que produziu em Nápoles, naqueles dias, a mais profunda sensação.

Glyndon não havia tomado parte alguma naquela luta, nem participado muito dos excessos daquela festa. Talvez foi isto devido às exortações que, em voz baixa, lhe dera Zanoni. Quando este se retirou daquela cúria de confusão, Glyndon reparou que, ao atravessar o grupo que formavam os convidados, tocou Mascari levemente no ombro, dizendo-lhe algumas palavras que o inglês não pôde ouvir; Glyndon seguiu Zanoni ao salão do banquete, o qual, exceto onde os raios da lua tocavam o soalho, estava envolvido nas tristes e pesadas sombras da noite.

— Como você pôde predizer este terrível acontecimento? O

Príncipe não caiu ao golpe de seu braço! — recriminou Glyndon, com voz trêmula e surda.

— O general que prepara a vitória não combate em pessoa, — respondeu Zanoni; — porém, deixemos o passado dormir com os mortos. À meia-noite virá encontrar-me na praia, à meia milha à esquerda do seu hotel. Conhecerá o sítio, porque há ali um grosso e único pilar, ao qual está atada uma corrente de ferro rompida. Se quiser estudar a nossa ciência, ali encontrará então, o mestre. Retire-se; eu tenho de pôr em ordem ainda alguns negócios. Lembre-se de que Viola está ainda na casa do homem que acaba de morrer.

Neste momento, aproximou-se Mascari, e Zanoni, voltando-se para o italiano, enquanto se despedia de Glyndon com um aceno da mão, levou-o para um lado e disse-lhe:

— Mascari, o seu amo deixou de existir; e como o seu sucessor é um homem sóbrio, a quem a pobreza tem preservado dos vícios, os seus serviços lhe serão inúteis. Quanto a ti, agradeça-me por não o entregar às mãos do verdugo; recorde-se do vinho de Chipre. Bem, não trema, homem; este vinho, que mataria a qualquer outro, não pode fazer-me mal algum. Você cometeu uma ação criminosa; porém, eu lha perdôo e prometo-lhe que, se esse vinho me matar, nunca o meu espectro aparecerá a um homem tão verdadeiramente arrependido como você. Porém deixemos isto. Conduza-me ao quarto de Viola Pisani.

A morte do carcereiro abre a porta do cárcere ao preso. Vamos, depressa! Eu quero ir-me embora.

Mascari pronunciou algumas palavras ininteligíveis, fez um respeitoso cumprimento, e levou Zanoni ao quarto onde estava encerrada Viola.

CAPÍTULO XVIII

"Mercur — Tell me, therefore, what thou, seekest after, and what thou wilt have.
What dost thou desire to make?
Alchimist — the Philosopher's Stone".
Sandivogius

"Mercúrio: — Dize-me então, que é o que procuras e o que queres obter. Que desejas fazer?
Alquimista: — A Pedra Filosofal".

Alguns minutos antes da meia-noite, encontrava-se Glyndon no sítio indicado. O misterioso domínio que Zanoni adquirira sobre ele, foi confirmado ainda mais solenemente pelos acontecimentos das últimas horas; a morte súbita do Príncipe, prevista pelo singular estrangeiro, e verificada, contudo, de uma forma aparentemente tão acidental, por motivos tão vulgares, e, apesar de tudo, associada a palavras tão proféticas, despertou no coração do jovem inglês os mais profundos sentimentos de admiração e respeito. Parecia que aquele ser incompreensível e maravilhoso podia converter em agentes de sua inescrutável vontade os atos mais ordinários e os instrumentos mais comuns; porém, sendo assim, porque havia permitido a captura de Viola? Porque não preferiu prevenir o crime a castigar o criminoso?

E amava Zanoni realmente a jovem? Amá-la, e não obstante querer resignar à sua posse, para cedê-la a um rival, do qual podia livrar-se certamente, se quisesse aplicar para isso as suas artes!

Mas Glyndon já não cria que Zanoni e Viola quisessem enganá-

lo, a fim de induzi-lo a casar-se com esta. O temor e o respeito que sentia por Zanoni não lhe permitiam crer numa impostura tão mesquinha.

Continuava a amar Viola? Não; ao ouvir, naquela manhã, que a jovem se encontrava em perigo, havia sentido, é verdade, renascer as simpatias e o afeto que lhe professara, e temia por ela; porém, com a morte do Príncipe, a imagem dela desapareceu novamente do seu coração, e não lhe causava zelos a ideia de que Viola fora salva por Zanoni, e que naquele momento se encontrava talvez debaixo do seu teto. Quem, no curso de sua vida, tem sentido a absorvente paixão do jogo, lembrar-se da maneira como o jogador apaixonado fica inteiramente absorvido por esta estranha ilusão, e com que cetro de mágico poder o terrível déspota domina todo o sentimento e todo o pensamento. Pois bem, o sublime desejo que dominava agora o coração de Glyndon era muito mais intenso do que a paixão do jogador. O jovem queria ser rival de Zanoni, não em afeições humanas e perecedouras, mas sim em sua ciência eterna e sobrenatural. Ele teria dado a sua própria vida com satisfação, — e até com êxtase, —para conseguir a chave daqueles solenes segredos, que separavam o estrangeiro do resto da humanidade. Enamorado da deusa das deusas, o jovem estendia os braços, — como o impetuoso Ixion, — e abraçava uma nuvem!

A noite era muito linda e serena, e as ondas vinham morrer, silenciosas, aos pés do inglês que seguia pela fresca praia, ao resplendor do estrelado firmamento. Por fim, chegou ao lugar designado, onde viu um homem envolto numa capa, apoiando contra o pilar, como se dormisse profundamente. O jovem, aproximando-se, pronunciou o nome de Zanoni. O homem voltou-se, e Glyndon viu que era um estrangeiro, cujo semblante, ainda que não tão belo como o de Zanoni, tinha, não obstante, o mesmo

aspecto majestoso, e talvez ainda mais impressionável, tanto pela idade madura como por essa elevada inteligência livre de paixões, e que se revelava em sua larga testa e nos seus olhos profundos e penetrantes.

— Procura Zanoni, — disse o estrangeiro. — Ele não tardará a vir; porém, talvez o homem que está diante de ti seja mais ligado ao seu destino, e esteja mais disposto a realizar os seus sonhos.

— Há, pois, na terra, ainda um outro Zanoni? — perguntou Glyndon, surpreso.

— Se isto lhe parece impossível, — replicou o estrangeiro, — porque acaricia você mesmo a esperança e a fé de tornar-se um dia também o que ele é? Pensa que ninguém mais se tem abrasado no fogo do seu divino sonho? Quem, em sua juventude, — quando a alma está mais próxima do céu, de onde saiu, e as suas primeiras e divinas aspirações não têm sido ainda todas desvanecidas pelas sórdidas paixões e mesquinhos cuidados que o tempo gera; — quem é, repito, que em sua juventude não alimentou a crença de que o universo contém segredos desconhecidos à maioria dos homens, e quem não suspirou, como o cervo suspira pelo manancial de água, pelas fontes que se ocultam longe, no meio do vasto deserto da ciência e onde não se vê o menor rastro? A música da fonte ouve-se no interior da alma, até que o pé, vacilante e erradio, se extravia longe de suas águas, e o pobre viajante desorientado morre no imenso deserto. Pensa que, dos que acariciam a esperança, ninguém achou a Verdade, ou que em vão nos foi dado esse sentimento que nos impele a procurar o Inefável Saber? Não! Todo o desejo que sente o coração humano é um vislumbre de coisas que existem, ainda que distantes e divinas. Não! No mundo nunca faltaram espíritos mais resplandecentes e mais felizes, que chegaram às regiões etéreas onde só se movem e respiram os seres superiores à

humanidade. Zanoni, por grande que seja, não é um ser sem igual. Ele tem seus predecessores, e uma longa linha de sucessores pode vir atrás dele.

— E quer dizer com isto, — perguntou Glyndon, — que devo ver no senhor um daqueles poucos seres poderosos, aos quais Zanoni não é superior em poder nem em sabedoria?

— Em mim, — respondeu o estrangeiro, — você vê um de quem Zanoni mesmo aprendeu alguns dos seus mais altos segredos. Eu tenho estado nestas praias em tempos que os seus cronistas apenas conhecem.

Vi os fenícios, os gregos, os oscos, os romanos, os lombardos, — a todos, eu os vi, essas folhas alegres e brilhantes sobre o tronco da vida universal, dispersas em sua devida estação e renovada depois; até que, na realidade, a mesma raça que deu ao mundo antigo a sua glória, deu ao mundo novo segunda juventude. Porque os gregos puros, os helenos, cuja origem tem confundido os seus historiadores, eram da mesma grande família que os filhos da tribo normanda, nascidos para serem senhores do universo e em nenhum país da terra, destinados a serem humildes lenhadores. Até as obscuras tradições dos eruditos, segundo as quais os filhos de Helas vieram dos vastos territórios do Norte de Thrácia, para serem os vencedores dos pastores pelasgos, e os fundadores da raça de semideuses; as tradições que falam de uma população bronzeada sob o Sol do Oeste, e de Minerva com os olhos azuis e de Aquiles com os cabelos ruivos (caracteres físicos, distintos do Norte); que introduzem, no meio de um povo pastoril, aristocracias guerreiras e monarquias limitadas, o feudalismo do tempo clássico, — até estas tradições podem servir-lhe para a prova de que os primitivos estabelecimentos dos helenos se encontravam na mesma região de onde, em tempos posteriores, os guerreiros normandos vieram invadir as ignorantes e

selvagens tribos celtas, para se converterem nos gregos do mundo cristão. Porém, tudo isto não lhe interessa, e faz bem em ouvi-lo com indiferença. O império do homem que aspira a ser mais do que um homem, não reside no conhecimento das coisas exteriores, mas sim no aperfeiçoamento da alma que tem no seu interior.

— E quais são os livros que contêm esta ciência? E em que laboratório se trabalha para possuí-la? — perguntou Glyndon.

— A Natureza fornece os materiais — respondeu o desconhecido; — e estes existem ao redor de si, e você o pisa a cada passo Nas ervas que o animal devora e que o químico desdenha de colher; nos elementos de que se deduz a matéria nas suas formas mais diminutas e mais poderosas; no seio espaçoso do ar; nos negros abismos da terra, em todas as partes podem os mortais encontrar os recursos e as bibliotecas da ciência imortal. Porém, corno os mais simples problemas, nos mais simples de todos os estudos, são obscuros para quem não educa a sua mente para os compreender; como o remador daquele barco não pode dizer-lhe por que dois círculos podem tocar-se um ao outro num só ponto, assim, ainda que toda a terra estivesse cheia de gravuras e escritos do mais divino saber, os caracteres seriam inúteis para quem não procura saber o que significa essa linguagem e não medita sobre a verdade. Jovem, se a sua imaginação é viva, se o seu coração é ousado, e a sua curiosidade insaciável, eu o aceitarei por discípulo.

Mas advirto-o que as primeiras lições são duras e terríveis.

— Se o senhor as superou — respondeu Glyndon, intrepidamente, porque não poderia eu fazer outro tanto?

Desde a minha infância, acompanha-me um pressentimento de que em minha vida me estão reservados estranhos mistérios; e, do ponto onde se acham os limites da ordinária ambição, dirigi sempre o meu olhar às nuvens e escuridão que se estendem no além. No

instante em que vi Zanoni, senti como se tivesse descoberto o guia e o tutor pelo qual a minha juventude em vão tinha suspirado com ardente desejo.

— E Zanoni transferiu-me este cuidado, — replicou o desconhecido. — Lá, na baía, está ancorado o navio em que Zanoni vai a busca de uma morada mais agradável; não demorará muito o instante em que a brisa se levantará e inchará as velas, e o estrangeiro terá desaparecido ao longe, como um sopro de vento. Porém como o vento, ele deixa depositadas em seu coração as sementes que podem florescer e dar fruto. Zanoni concluiu a sua missão; ele não é mais necessário aqui; quem há de aperfeiçoar a sua obra, está ao seu lado. Zanoni se aproxima! Ouço o ruído do remo. Agora deve fazer a escolha. Segundo o que decidir, tornaremos a nos ver.

Ao dizer estas palavras, o desconhecido afastou-se lentamente, desaparecendo na sombra das rochas, enquanto um barco, fendendo velozmente as águas, aproximou-se da terra e parou; um homem saltou à praia, e Glyndon reconheceu Zanoni.

— Glyndon, — disse-lhe este, — já não posso oferecer-lhe a escolha de um amor feliz e de uma existência tranquila. A hora já passou, e o destino ligou à minha a mão que podia ter sido sua. Porém, ainda posso conceder-lhe grandes dons, se quiser abandonar a esperança que rói seu coração, e cuja realização não posso, nem eu, prever. Se a sua ambição for humana, posso saciá-la amplamente. Os homens desejam quatro coisas nesta vida: amor, riquezas, fama e poder. O primeiro, não posso conceder-lhe mais; porém, os três restantes estão à minha disposição! Escolha destas três coisas a que lhe agrada, e separemo-nos em paz.

— Estes não são os dons que cobiço; prefiro a ciência, — a ciência que você possui. Por ela, e só por ela cedi o amor de Viola; e

esta ciência é a única recompensa que anelo.

— Não posso opor-me aos seus desejos, mas posso lhe advertir. O desejo de aprender não contém sempre a faculdade de adquirir. E verdade que posso dar-lhe o mestre; porém, o resto depende de ti. Seja prudente enquanto é tempo, e tome o que eu posso conceder-lhe.

— Responda-me só às perguntas que vou fazer, — disse Glyndon, — e, segundo a sua resposta, me decidirei.

Está no poder do homem comunicar-se com os seres de outros mundos? Está no poder do homem influir sobre os elementos e preservar a sua vida contra a espada e contra as enfermidades?

— Tudo isso é possível, — respondeu Zanoni, evasivamente, — porém, somente para alguns; por um que chega a alcançar estes segredos, podem perecer milhões, ao tentarem alcançar o alvo.

— Mais uma pergunta. Você...

— Basta! Já lhe disse que, de mim, não dou contas a ninguém.

— Pois bem, — retrucou o jovem; — posso crer no poder do estrangeiro que encontrei esta noite? É realmente um dos videntes eleitos, de quem me afirma terem chegado a ser senhores dos mistérios que eu desejo sondar?

— Temerário! — disse Zanoni, num tom de compaixão; — a sua crise já passou e a sua escolha já está feita!

Apenas, o que posso desejar-lhe é que seja valente e que prospere; sim, eu lhe entrego a um mestre que tem o poder e a vontade de abrir as portas de um mundo terrível e majestoso. Sua felicidade ou seus sofrimentos, são nada para a sua fria sabedoria. Pedir-lhe-ia que o poupasse, mas ele não me dará ouvido. Mejnour, recebe o seu discípulo!

Glyndon voltou-se e sentiu o seu coração bater com força, quando viu novamente ao seu lado o desconhecido, cujos passos não

haviam produzido o menor ruído na pedregosa praia e cuja aproximação o jovem não havia percebido, apesar da claridade da lua.

— Adeus! — disse Zanoni a Glyndon, despedindo-se. — A sua prova começa. Quando nos tornarmos a ver, ou serás a vítima ou terás triunfado.

Glyndon seguiu com os olhos o misterioso Zanoni, cuja forma desaparecia entre as sombras da noite.

Viu-o entrar no bote e, pela primeira vez, reparou que, além dos remadores, estava ali uma mulher que se pôs de pé quando Zanoni entrou.

Apesar da distância, o inglês reconheceu que era Viola, a linda atriz que ele havia adorado ainda poucos dias antes. Ela agitou a mão em sinal de despedida e, através do ar calmo e transparente, veio ao ouvido do inglês a sua doce voz, que, com acento triste e ao mesmo tempo suave, lhe dizia, no idioma de sua mãe:

— Adeus, Clarêncio! Eu o perdoo! Adeus! Adeus!

O jovem quis responder-lhe; porém a voz de Viola havia tocado no seu coração uma corda demasiado sensível; faltaram-lhe as palavras. Perdia, pois, para sempre Viola, que partia com esse temível estrangeiro; e a escuridão cobria o destino dela! E foi ele mesmo, Glyndon, quem havia decidido sobre a sorte da jovem e sobre a sua própria sorte também! O bote deslizava pela superfície serena das ondas, das quais cada golpe de remo fazia brotar muitas chispas, deixando detrás de si um sulco de safira, matizado pela luz suave da lua, e levando para longe os amantes; e foi afastando-se mais e mais, até que, por fim, apareceu à vista de Glyndon, apenas como um ponto preto, indo tocar o lado do navio que estava até então imóvel na formosa baía.

Naquele instante, como se fosse provocado por magia,

despertou-se, murmurando alegremente o vento folgazão e fresco.

Glyndon, voltando-se para Mejnour, rompeu o silêncio:

— Diga-me senhor, se pode ler no futuro, diga-me se ela será feliz e se a escolha que fez foi, ao menos, prudente?

— Meu discípulo, — respondeu Mejnour, com uma voz cuja calma estava em perfeito acordo com as frias palavras, — o seu primeiro cuidado deve ser afastar de si todos os pensamentos, sentimentos e simpatias que se dirijam a outros. A base fundamental da ciência é fazer você mesmo o seu estudo e este estudo deve ser agora, somente o seu mundo. Você se decidiu por esta carreira; renunciou ao amor; rejeitou as riquezas, a fama e a vulgar pompa do poder. Que lhe importa, então, a humanidade? Todos os seus esforços devem dirigir-se, de hoje em diante, a aperfeiçoar as suas faculdades e concentrar as suas emoções!

— E encontrei, por fim, a felicidade?

— Se a felicidade existe, — respondeu Mejnour, — deve encontrar-se num EU, que é livre de toda a paixão.

Porém, a felicidade é o último estado do ser; e você se encontra, agora, apenas rio umbral do primeiro degrau da escada que para lá conduz.

Enquanto Mejnour dizia isto ao jovem, o navio de Zanoni desdobrava as suas velas ao vento e movia-se devagar, singrando tranquilamente as águas.

Glyndon exalou um suspiro e, em seguida, discípulo e mestre dirigiram seus passos para a cidade.

NOTAS LIVRO TERCEIRO

[1] “Monas mica”, por exemplo.

[2] Jamblichus, de Vita Pythag.

[3] Lembramos ao leitor que quem diz isto, é o autor dos manuscritos originais.

[4] O gênio grego da Morte.

[5] O dia decisivo.

[6] Agora deve-se beber.

[7] Pé livre.

[8] Siroco é o nome que se dá, no Mediterrâneo, ao vento sudeste.

img1.png

LIVRO QUARTO

O ESPECTRO DO UMBRAL

CAPÍTULO I

"Come vittima io vengo aIl'ara".
Metast., Acto II, Scena 7.

"Como vitima, eu venho ao altar".

Havia passado quase um mês desde a partida de Zanoni e a recepção de Glyndon como discípulo de Mejnour, quando dois ingleses passeavam, de braço dado, pela rua de Toledo, em Nápoles.

— Eu lhe digo, — exclamava um deles (que falava com calor), — que, se ainda tem uma partícula de senso comum, voltará comigo para a Inglaterra. Este Mejnour é um impostor mais perigoso, porque é mais sério do que Zanoni. E, além de tudo, para que lhe servem as suas promessas? Você mesmo confessa que não pode haver nada mais equívoco. Diz que ele abandonou Nápoles, que escolheu um retiro mais próprio do que os lugares cheios de bulício das multidões, para os profundos estudos em que quer iniciá-lo; e este retiro encontra-se numas paragens onde habitam os mais terríveis bandidos da Itália, em lugares onde até a justiça não se atreve a penetrar. Magnífica ermida para um sábio! Eu tremo de medo por ti. Que fará se este estrangeiro, de quem nada se sabe, estiver ligado com os ladrões; e estas promessas, oferecidas à sua credulidade, não forem mais do que o engodo para tirá-lo, quando cair na armadilha, a sua propriedade e, talvez, até a sua vida? Não será possível que, uma vez no meio dessa gente, o prendam e exijam a metade de sua fortuna por seu resgate? Sorri com indignação! Bem, não apelemos, pois, para o senso comum; olha a questão de seu

próprio ponto de vista. Vai submeter-se a uma prova que Mejnour mesmo não se atreve a descrever como fácil ou agradável. Desta prova se sairá bem ou mal. Se não tiver bom êxito, está ameaçado de sofrer horríveis males; e, se triunfar, não poderá esperar mais do que essa vida triste e sem gozos, como a que passa esse místico que escolheu por seu mestre. Deixa estas loucuras; goza a juventude enquanto pode fazê-lo; volta comigo à Inglaterra; esquece esses sonhos; entra numa carreira da qual você é digno; forma afeições mais respeitáveis do que aquelas que o atraiam, pôr algum tempo, para uma aventureira italiana. Cuida da sua fortuna, faz bons negócios e procure ser um homem feliz e distinto. Este é o conselho de um amigo sincero; veja que as promessas que exponho são mais sedutoras de que as de Mejnour.

— Mervale, — respondeu Glyndon, em tom áspero, — não posso, nem quero aceder aos seus desejos. Um poder superior à minha vontade impele-me para diante; eu não posso resistir à sua influência. Quero seguir até o fim, a estranha carreira que empreendi. Não pense mais em mim. Siga você mesmo o conselho que me dá, e seja feliz.

— Isto é uma loucura, — replicou Mervale; — a sua saúde começa já a decair; está tão mudado, que apenas o conheço. Vem, já fiz incluir o seu nome no meu passaporte. Dentro de uma hora estarei fora de Nápoles, e você, moço como é e sem experiência, ficará aqui sem um amigo, entregue às ilusões da sua fantasia e às maquinações desse infernal saltimbanco.

— Basta! — retrucou Glyndon, friamente; — deixa de ser um conselheiro afetivo, quando permite que seus preconceitos se manifestem com tanta rudeza. Tenho já ampla prova, — acrescentou o jovem inglês, e as suas pálidas faces tornaram-se agora lívidas, — do poder desse homem, se é que homem seja, o que, às vezes, tenho

duvidado, e, encontre a vida ou a morte, não retrocederei da senda que me atrai. Adeus, Mervale; e se não nos encontrarmos mais, se algum dia, no meio dos antigos e alegres lugares que frequentamos em nossa infância, ouvir dizer que Clarêncio Glyndon dorme o último sono nas praias de Nápoles ou naquelas distantes montanhas, diga aos nossos amigos da juventude: "Morreu dignamente, como milhares de mártires estudantes morreram antes dele, em busca do saber".

Ao dizer isto, apertou a mão de Mervale, e rapidamente desapareceu entre a multidão.

À esquina, viu-se detido por Nicot, que exclamou:

— Olá, Glyndon! Há um mês que não o vejo. Onde esteve? Passou o tempo, absorto em seus estudos?

— Sim, — respondeu o inglês.

— Eu vou a Paris, — continuou Nicot. — Quer acompanhar-me? Talentos de toda a ordem são ali muito procurados, e elevar-se-ão com toda a certeza.

— Agradeço-lhe; por ora, tenho outros projetos.

— Está tão lacônico, — observou o francês — Que é o que lhe aflige? Está triste pela perda da Pisani?

Resigne-se como eu o fiz. Eu me consolei já com Biansa Sachini, — uma mulher bonita, ilustrada, livre de preconceitos. Acho nela uma criatura adorável e apreciável, não há dúvida, Porém, a respeito desse Zanoni...

— Que sabe dele?

— Nada; porém, se eu pintar alguma vez uma alegoria, retratarei esse homem como Satanás. Ah! Ah!

Uma vingança digna de um pintor, não é verdade? É o modo como procede o mundo! Sim, quando não podemos fazer nada contra um homem que odiamos, nós, os pintores, podemos, ao

menos, pintá-lo como diabo. Porém, falo seriamente: aborreço esse homem.

— Por que?

— Por que? Acaso não me roubou a mulher e o dote que eu tinha negociado? E, depois de tudo, — acrescentou Nicot, pensativo, — ainda que me tivesse servido, em vez de ultrajar-me, odiá-lo-ia da mesma forma. A sua figura me faz invejá-lo e detestá-lo. Sinto que há algo antipático em nossas naturezas; e pressinto que nos veremos outra vez, quando o ódio de Jean Nicot for menos impotente. Também nós, querido colega, — também nós nos encontraremos algum dia! Viva a República! Eu vou ao meu novo mundo!

— E eu, ao meu. Adeus!

Naquele mesmo dia, Mervale partiu de Nápoles, e, no outro dia, de manhã, Glyndon abandonou também a cidade do prazer dirigindo-se, só e a cavalo, para aquela pitoresca, porém perigosa parte do país que, naquele tempo, estava infestada de bandidos, e por onde poucos viajantes se atreviam a passar, sem levar uma forte escolta, mesmo em plena luz do dia.

Não se pode conceber um caminho mais solitário do que aquele, onde as patas do seu cavalo, pisando os fragmentos de rocha que juncavam a estrada, evocavam um triste e melancólico eco. Grandes trechos de terreno desolado, variados somente pelas viçosas e profusas folhagens do Sul, ofereciam-se à sua vista; às vezes uma cabra silvestre, berrando e assomando a cabeça por detrás das escarpadas rochas, ou o discordante grito de alguma ave de rapina, saindo, assustada, do seu sombrio esconderijo, interrompia o silêncio destes sítios.

Estes eram os únicos sinais de vida que se percebia naquele caminho, no qual não se encontrava nenhum ser vivo, e nem se podia enxergar uma choupana. Imerso em seus próprios

pensamentos ardentes e profundos, o jovem marchou até que o calor abrasador do meio-dia cedeu lugar a uma brisa refrescante, vinda do oceano, que mal se divisava lá ao longe. Então a estrada, mudando de repente de direção, ofereceu à vista de Glyndon um desses desolados e tristes povoados que se encontram no interior dos domínios napolitanos; e, em breve, encontrou o inglês a um lado da estrada, uma pequena capela, aberta, sobre cujo altar via-se pintada, com vivas cores, a imagem da Virgem. Ao redor desta capela, que, no coração de um país cristão, conservava vestígios da antiga idolatria (pois justamente desta forma eram as capelas que, na idade pagã, se dedicavam aos demônios e santos da mitologia), estavam reunidos seis ou sete miseráveis criaturas que essa asquerosa enfermidade — a lepra — os isolara dos seres humanos. Ao verem o cavalheiro, lançaram agudos e penetrantes gritos, sem se moverem dos seus lugares, estenderam os magros braços, implorando, em nome da Mãe Misericordiosa, a caridade do viajante. Glyndon lhes arremessou algumas moedas de pequeno valor e, apartando a vista desse quadro, meteu esporas no cavalo, pondo-o a galope, até entrar no povoado. Em ambos os lados da rua estreita e lamacenta, viam-se grupos de pessoas de aspecto feroz e olhar traiçoeiro; alguns estavam recostados contra as esburacadas paredes das suas miseráveis choupanas, outros sentados na soleira da porta, outros estendidos na rua. Estes grupos inspiravam compaixão por sua miséria, e infundiam, ao mesmo tempo, desconfiança pelo ar feroz que se notava nos seus semblantes selvagens. Eles olhavam com atrevida sobranceria a Glyndon, enquanto que este cavalgava, com passo lento, por aquela rua pedregosa e lamacenta; às vezes, murmuravam uns aos outros algo de um modo significativo, porém ninguém se atreveu a detê-lo. Até as crianças interrompiam suas conversações e seus gritos, e rapazes andrajosos, devorando-o com

seus olhos Cintilantes, resmungavam:

— Mamãe, amanhã teremos um bom dia!

Era, efetivamente, um desses lugarejos onde a lei ainda não estava segura e onde a violência e o assassinato residem impunemente; lugarejos muito comuns, naquele tempo, nas partes mais selvagens da Itália, onde o nome de camponês era apenas o título eufônico do ladrão.

Glyndon começou a experimentar alguma inquietação quando olhou em torno de si, e a pergunta que queria fazer expirou nos seus lábios. Por fim, de uma daquelas escuras choupanas saiu um homem que parecia superior aos demais. Em vez dos andrajos e remendos que o inglês tinha visto até então, como a única moda de vestir-se daquela gente, o traje deste homem era caracterizado por todos os adornos do luxo nacional. O seu cabelo preto, lustroso e crespo contrastava notavelmente com as emaranhadas guedelhas dos selvagens que o rodeavam; trazia um gorro de pano, com uma borla de ouro, que lhe caia sobre o ombro; os seus bigodes estavam esmeradamente frisados, e sobre o pescoço, bem formado, ainda que um tanto musculoso, via-se um lenço de seda de cores alegres; a curta jaqueta, de pano grosseiro, estava adornada com algumas filas de botões dourados, e os seus calções cheios de curiosos bordados, ajustavam-se perfeitamente aos seus músculos. No largo cinturão, onde se viam vários adornos, estavam postas duas pistolas com coronhas prateadas, e a faca com bainha, que costumam carregar os italianos de baixa esfera, em cujo cabo de marfim havia muitas gravuras. Uma pequena carabina, ricamente trabalhada, pendia-lhe do ombro e completava o traje deste homem, que era de mediana estatura, de formas atléticas, porém delgadas e cujas feições, ainda que tostadas pelo sol, eram regulares e expressivas, demonstrando-se desde logo nelas antes a franqueza do que a ferocidade. O aspecto

geral deste homem revelava a audácia acompanhada de generosidade e, a não ser pela desconfiança que inspirava o seu traje, poderia se encontrar nele algo de simpático.

Glyndon depois de contemplá-lo, por alguns instantes, com grande atenção, deteve o cavalo e perguntou ao homem qual era o caminho para o Castelo da Montanha.

O interrogado tirou o gorro ao ouvir esta pergunta e, aproximando-se do inglês, pôs a mão sobre o pescoço do cavalo, dizendo, em voz baixa:

— Então é o cavalheiro que o nosso senhor e protetor aguarda! Ele me mandou esperá-lo aqui, para lhe conduzir ao castelo. E, com certeza, senhor, teria havido um desastre, se eu me tivesse descuidado em obedecê-lo.

Apartando-se, em seguida, um pouco de Glyndon, dirigiu-se esse homem aos grupos que estavam um pouco mais atrás, e disse-lhes em alta voz:

— Olá, amigos! É preciso que, de hoje em diante, prestem a este cavalheiro todo o respeito que merece, o hóspede aguardado pelo nosso bendito patrão do Castelo da Montanha. Que viva longos anos! Deus o guarde, mesmo como ao nosso patrão de dia e de noite, na montanha e no deserto, do punhal e das balas!

A maldição do céu caia sobre o miserável que se atreva a tocar num cabelo de sua cabeça ou num "baiocho"**[**1**]** de sua algibeira! Agora e sempre o protegeremos e respeitaremos, pela lei ou contra a lei, com lealdade e até a morte. Amém! Amém!

— Amém! — responderam cem vozes, em coro selvagem.

E os grupos dispersos iam se aproximando até que formaram um estreito círculo em torno do ginete.

— E para que este cavalheiro possa ser reconhecido, — prosseguiu o estranho protetor do inglês, — à vista e ao ouvido,

ponho-lhe o cinturão branco, e dou-lhe as sagradas palavras de passe:

"Paz aos valentes". Senhor, quando tiver sobre o seu corpo este cinturão, os homens mais altivos destas comarcas descobrirão a cabeça e dobrarão o joelho diante de si. Senhor, quando pronunciar as palavras de passe, os corações mais valentes se porão às suas ordens. Deseja-se salvar uma pessoa ou exercer uma vingança, — conquistar uma beldade ou desfazer-se de um inimigo — diga uma palavra, e todos estamos prontos a obedecê-lo. Estamos às suas ordens! Não é verdade, camaradas?

E novamente as vozes roucas exclamaram:

— Amém, amém!

— Agora, cavalheiro, — disse o bravo[2] , em voz baixa, — se tem algumas moedas de sobra, distribui-as entre esta gente, e partamos.

Glyndon, não descontente com esta sentença concludente, esvaziou a sua algibeira nas ruas; e enquanto, no meio de juramentos, bênçãos, guinchos e uivos, homens, mulheres e crianças arrebanhavam aquelas moedas, o bravo, agarrando a rédea do cavalo, fê-lo trotar, até que, entrando num estreito beco, à esquerda, encontraram-se, em poucos minutos, num sítio onde não se via nem casas nem homens, e as montanhas cerravam o seu caminho em ambos os lados. Foi só então que o guia soltou a brida do cavalo, e deixando que o animal afrouxasse o passo, dirigiu a Glyndon seus olhos pretos, com uma expressão velhaca, e disse-lhe:

— Sua Excelência, parece-me, não estava preparado para o cordial recebimento que lhe temos feito?

— E, a falar a verdade, eu devia estar preparado para isso, porque o senhor, a cuja casa me dirijo, não me ocultara o caráter da vizinhança. E seu nome, meu amigo, se é que me é lícito chamá-lo

assim?

— Oh! Excelência, não gaste cumprimentos comigo. No povoado, chamam-me geralmente Mestre Paolo.

Anteriormente, eu tinha ainda um sobrenome, ainda que, é verdade, era muito equívoco; mas esqueci esse sobrenome desde que me retirei do mundo.

E diga-me, — perguntou Glyndon, —- refugiou-se nestas montanhas por causa de algum desgosto, devido à pobreza, ou em consequência de alguma paixão que costuma ser punida?

— Cavalheiro, — disse o bravo, rindo alegremente, — os eremitas da minha classe são pouco amantes do confessionário. Eu, porém, enquanto os meus pés pisarem estes desfiladeiros:, enquanto o meu assobio estiver na algibeira e a minha carabina sobre o ombro, não tenho medo de que os meus segredos me comprometam.

E ao dizer isto, o bandido, como se quisesse tomar a licença de falar à vontade, escarrou três vezes, e começou, com muito bom humor, a referir a sua história; porém, à medida que a sua narração ia progredindo, as recordações que nele despertava pareciam levá-lo mais longe do que a princípio tencionara e, pouco a pouco, a sua fisionomia foi-se animando com essa gesticulação viva e variada, que caracteriza os homens do seu país.

— Nasci em Terracina, — começou, — cidade magnífica, não é verdade? Meu pai era um erudito monge, nascido de uma família nobre; minha mãe — descanse em paz no céu! — era uma formosa mulher, filha de um estalajadeiro. Naturalmente, não havia possibilidade de um casamento, neste caso; e, quando eu nasci, o monge declarou gravemente que o meu aparecimento era um milagre. Desde o berço, fui dedicado ao altar; e a minha cabeça era universalmente classificada como a forma ortodoxa para um frade. O monge cuidou que eu recebesse desde a infância a educação própria

para a carreira eclesiástica; e assim aprendi o latim e os salmos, na idade em que as crianças menos milagrosas aprendem a apascentar as vacas. E o cuidado do santo homem não se limitava só à minha educação moral. Embora tivesse feito os votos de pobreza, sabia ele arranjar os recursos para que as algibeiras da minha mãe estivessem sempre cheias; e entre as algibeiras dela e as minhas, estabeleceu-se logo uma secreta comunicação; assim aconteceu que, aos meus catorze anos, eu andava com o gorro a um lado, um par de pistolas à cinta, e com o ar de um cavalheiro e de um galã. Nesta idade, perdi minha mãe; e, por aquela época, meu pai tendo escrito uma História das Bulas Pontificais, em quarenta volumes, e sendo, como já disse, de família nobre, obteve o chapéu de cardeal. Desde aquele tempo, o santo varão não quis mais reconhecer este seu humilde servo. Entregou-me a um honesto notário de Nápoles, e deu-me duzentas coroas, em forma de uma provisão. Pois bem, senhor; em pouco tempo, conheci bastante a lei, para convencer-me de que nunca seria bastante velhaco para brilhar naquela profissão. Assim, pois, em vez de manchar pergaminhos, pus-me a entreter relações amorosas com a filha do notário. O meu amo descobriu o nosso inocente divertimento, e deitou-me à rua. Isto foi desagradável; mas a minha Nineta queria-me bem, e cuidou de que eu não me visse na necessidade de ter que ir misturar-me com os "lazzaroni". Pobrezinha! Parece-me que ainda a estou vendo como vinha, com os pés descalços e o dedo posto sobre os lábios, abrir a porta da rua, nas noites de verão, para introduzir-me, sem ruído, na cozinha, onde, louvados sejam os santos, um frasco e um pãozinho sempre aguardavam o faminto amante. Por fim, porém, o amor de Nineta por mim esfriou. É o costume do sexo, senhor. O pai arranjou-lhe um excelente casamento na pessoa de um seco e velho negociante de pinturas. Nineta se casou, e, como era natural, fechou a porta diante

do nariz do amante. Mas eu não desanimei, senhor; oh, não! Não faltam mulheres, quando somos jovens. Assim, sem um ducado na algibeira, e sem uma fatia de pão para os dentes, tratei de buscar fortuna, e entrei a bordo de um navio mercante espanhol. Era este um trabalho mais pesado do que eu pensara; porém, felizmente, fomos atacados por um pirata que matou uma metade da tripulação, e prendeu outra metade. Eu estive entre estes; tive, pois, sempre sorte, como vê senhor; os filhos de monges têm sempre uma proteção! O comandante dos piratas sentiu uma afeição por mim:

— Quer servir conosco? — perguntou-me.

Com muito gosto, — respondi-lhe.

"E assim eis-me feito pirata! Oh, que vida alegre! Como eu abençoava o notário por ter-me posto na rua!

Que vida de festins, de combates, de amores e de pendências! Às vezes, saltávamos à terra, em qualquer praia, e nos regalávamos como príncipes; outras vezes, permanecíamos dias inteiros em completa calma, no mar mais sereno que o homem jamais tenha atravessado. E quando a nossa vista descobria algum navio, como nos alegrávamos ! Passei três anos nesta encantadora profissão, e depois, senhor, senti-me atormentado pela ambição. Cobiçava o posto de capitão, e conspirei contra ele. Aproveitamos uma noite de calma para dar o golpe. O navio parecia dormir no mar; nenhuma terra se avistava da gávea; a água se assemelhava a um grande espelho, e era iluminada pela lua cheia. Mais de trinta conspirados, nos levantamos com um só grito, e eu, como chefe da conspiração, precipitei-me na câmara do capitão. O bravo ancião tinha percebido o tumulto, e aguardava no umbral, com uma pistola em cada mão; e o seu único olho (pois era vesgo) despendia um brilho mais terrível do que podiam fazê-lo as bocas das suas pistolas.

Rendei-vos! — gritei-lhe. — A sua vida será poupada.

Toma isto! — respondeu ele, e disparou a pistola.

"Porém, os santos me protegeram; a bala passou-me rente ao ouvido, e matou o contra mestre, que se achava atrás de mim. Agarrei, então, o braço do capitão, que disparou a sua segunda pistola, sem conseguir atingir alguém. Era um homem de um metro e noventa de altura, sem incluir os sapatos!

Fomos rolando pelo chão. Virgem Maria! No ardor da luta, nem tivemos tempo para tirarmos as nossas facas, nem eu, nem ele. Entretanto, toda a tripulação estava alvorotada e entregue a uma espantosa refrega, alguns a favor do capitão, e outros a meu favor; ouviram-se detonações, ruídos de armas, gritos e maldições; e, de vez em quando, a queda de um corpo pesado no mar. Os tubarões tiveram uma ceia rica naquela noite! Por fim, o velho Bilbôa se pôs sobre mim, e, brandindo a faca, deixou cair o braço; porém não pôde ferir-me no coração, não! Servindo-me do braço esquerdo como de um escudo, recebi o golpe neste, em que a faca se enterrou, e o sangue brotou como um jato de água da goela de uma baleia"!

"Com a força do golpe, o homem, robusto, tocou com a sua cara na minha; então agarrei-o, com a mão direita, pela garganta, e torci-lhe o pescoço como a um cordeiro, senhor, enquanto, no mesmo instante, o irmão do contra mestre, um corpulento holandês, lhe atravessou o corpo com uma lança.

— Velho amigo, — disse-lhe, quando o seu terrível olhar se fixou em mim, — eu não lhe desejava mal nenhum; porém sabe que todos devemos fazer o possível para prosperar neste mundo.

"O capitão rangeu os dentes e expirou. Em seguida, subi ao convés; que espetáculo! Vinte homens valentes estavam ali estendidos e frios, e a lua brilhava tão tranquilamente sobre os charcos de sangue como se fosse água. Pois bem, senhor! A vitória foi nossa e o navio ficou sendo meu; governei, bastante alegremente,

por espaço de seis meses. Depois, atacamos um navio francês cujo tamanho era o dobro do nosso; que divertimento! Fazia tanto tempo que não nos batíamos! Fizemos o melhor que pudemos, e nos apoderamos do navio e da carga. A minha gente queria matar o capitão, porém isto era contrário às minhas leis; assim lhe pusemos uma mordaça, pois não deixava de insultar-nos, em voz alta, como se fossemos casados com ele. Em seguida, com o resto da tripulação, o transladamos para o nosso navio, que estava já em más condições, arvoramos a nossa bandeira preta no navio francês, e partimos alegremente, ao sopro de um vento favorável. Mas desde que abandonamos o nosso velho barco, a fortuna pareceu-nos virar as costas".

"Um dia, um forte temporal fez saltar uma prancha do novo barco; alguns de nós escapamos à morte nas ondas, metendo-nos num bote. Todos havíamos tido o cuidado de recolher o nosso ouro, mas ninguém se lembrou de trazer uma pipa de água! Sofremos horrivelmente por espaço de dois dias e duas noites; por fim, abordamos numa praia, perto de um porto francês. O nosso triste estado moveu a compaixão dos habitantes, e como tínhamos dinheiro, ninguém suspeitou de nós, a gente não desconfia senão dos pobres. Em pouco tempo, recuperamos as forças, vestimo-nos de novo, da cabeça aos pés, e o teu humilde servo foi considerado um nobre e honrado capitão. Quis, porém, a minha má sorte que eu me enamorasse da filha de um mercador de sedas. Oh! Como eu a amava, a minha bela Clara! Sim, amava-a tanto, que sentia horror ao pensar na minha vida passada! Assim, pois, resolvi arrepender-me, casar-me com ela e viver como um homem honesto. Chamei, pois, um dia, aos meus companheiros, para lhes participar da minha resolução, renunciei ao meu posto e aconselhei-lhes que partissem. Como eram bons rapazes, entraram no serviço de um capitão

holandês, contra o qual, como eu mais tarde soube, amotinaram-se com feliz sucesso; mas nunca mais tornei a vê-los. Restavam-me duas mil coroas; com este dinheiro, obtive o consentimento do mercador e ficou ajustado que eu me tornaria seu sócio. Não tenho necessidade de dizer-lhe que ninguém suspeitava que meu pai fosse um homem tão respeitável, e passei por filho de um ourives napolitano, em vez do rebento de um cardeal. Eu era muito feliz então, senhor, tão feliz que não teria feito mal nem a uma mosca! Se me tivesse casado com Clara, teria sido o mais honrado e pacífico mercador do mundo".

O bravo calou-se, por alguns minutos, e era fácil de ver que estava profundamente comovido, mais do que se podia julgar por suas palavras e o tom da sua voz.

— Bem, bem, — prosseguiu, — não voltemos a vista atrás com demasiado ardor. Há lembrança que, como os raios do sol, fazem os olhos chorar. Foi fixada a época do nosso casamento. Na véspera deste dia, Clara, sua mãe, sua irmãzinha e eu, estávamos passeando pelo porto; e, enquanto olhávamos o mar, eu lhes contava alguns contos de sereias e serpentes marítimas, quando um francês narigudo e de rosto encarnado veio diretamente a mim e, pondo os óculos, exclamou:

" Sacré, mille tannerrej! Este é o maldito pirata que abordou o "Noble"!

Faça o favor de não brincar comigo, — disse-lhe eu, mansamente.

Oh! Eu não me engano; é ele mesmo! — prosseguiu o francês, e agarrando-me pela gravata, começou a gritar por socorro.

"Eu lhe repliquei, como pode supor, arrojando-o ao canal; mas isto não me valeu de nada. O capitão francês tinha atrás de si um tenente seu compatriota, cuja memória era tão boa como a do seu chefe.

Formou-se, em seguida, um círculo em torno de mim; vieram outros marinheiros, e todos me foram hostis e a favor do capitão. Àquela noite dormi no cárcere; e, poucas semanas depois, fui condenado às galés. Pouparam a minha vida, porque o velho francês teve a gentileza de declarar que eu havia obrigado a minha população a poupar a vida dele. Pode acreditar que o remo e os grilhões não eram de meu gosto.

Um dia, escapei com outros dois sentenciados; eles se fizeram guardiões da estrada, e não duvido que já há muito tempo terão espirado na roda. Eu, alma mansa, não queria cometer outro crime para ganhar o meu pão, pois a formosa imagem de Clara, com os seus doces olhos, estava gravada no meu coração; assim, pois, limitei a minha picardia a roubar os andrajos de mendigo, deixando-lhe em troca a minha fatiota de galeote, e dirigi os meus passos à cidade onde havia deixado Clara".

"Era um claro dia de inverno, quando cheguei às cercanias da cidade. Não tinha medo de ser descoberto, porque a minha barba e o meu cabelo me tornavam irreconhecível. Porém, oh! Mãe de Misericórdia!

Logo à entrada, encontrei-me com um enterro! Assim, pois, agora o sabes; não posso contar-te mais a respeito. Clara morrera, talvez de amor, porém, mais provavelmente de vergonha. Sabe como passei aquela noite? Furtei um enxadão do telheiro de um pedreiro, e, sozinho, sem ser visto por alguém, numa noite gelada, fui cavar a fresca terra do túmulo; tirei o ataúde, abri-o e vi outra vez a minha amada! Não se havia desfigurado em nada! Conservava a palidez de quando viva! Teria jurado que estava viva! Que felicidade era para mim esta ocasião de vê-la outra vez e estar com ela sozinho!"

"Porém, depois, de madrugada, ter que restituí-la à terra, fechar o ataúde, depositá-lo na sepultura e ouvir o ruído da terra e das

pedras que caiam sobre o caixão: isso era terrível! Senhor, eu até então não sabia, e nem quero pensar agora, que coisa preciosa é a vida humana. Ao nascer do sol, comecei novamente a peregrinar pelo mundo; porém, agora que Clara não existia mais, os meus escrúpulos desvaneceram-se, e novamente me achei em guerra com as minhas inclinações melhores.

"Por fim consegui, em O***, ser admitido a bordo de um navio que ia para Livorno, oferecendo-me para trabalhar de marinheiro durante a viagem. De Livorno fui a Roma, e pus-me à porta do palácio do cardeal. Quando o prelado veio saindo e ia subir para o luxuoso coche que o aguardava na rua, aproximei-me e disse-lhe:"

— Oh, pai não me conhece?

— Quem é — perguntou o cardeal?

— Seu filho – lhe respondi em voz baixa.

O cardeal deu um passo atrás, fixou-me com olhar sério, e pareceu refletir por um momento.

Todos os homens são meus filhos, — disse depois, com voz muito arável. — Tome este dinheiro. A quem pede uma vez, deve-se dar esmola; porém, para quem importuna pela segunda vez, há o cárcere que o espera. Reflita sobre isto, e não me moleste mais. O céu o abençoe!

"Ao dizer isto, o cardeal entrou na carruagem, e dirigiu-se ao Vaticano. A bolsa que me dera estava bem provida. Fiquei contente e agradecido, e empreendi a viagem a Terracina. Poucos instantes depois de ter passado os pântanos, vi dois homens a cavalo, que vinham, a galope, em direção a mim".

— Amigo, — disse-me um deles, parando, — parece muito pobre e, contudo, é um homem jovem e robusto.

— Senhor cavalheiro, — respondi-lhe, — os homens pobres e robustos são úteis e perigosos ao mesmo tempo.

"—Tem razão, — retrucou o cavaleiro. — Siga-nos".

"Eu obedeci, e tornei-me bandido. Fui elevando-me, de um grau a outro, nesta nova vida; e como tenho exercido sempre a minha profissão com brandura, tomando só o dinheiro e não a vida, adquiri certa reputação, tanto que posso comer meus macarrões em Nápoles, sem correr perigo para a minha vida e os meus ossos. Há dois anos que moro nesta comarca, onde comprei algumas terras. Assim, pois, me tornei um lavrador, senhor; e eu mesmo roubo agora só para divertimento e para não perder o costume. Creio que satisfiz a sua curiosidade. Estamos já muito perto do castelo".

— E como, — perguntou o inglês a quem a narrativa do seu guia interessara vivamente, — como entrou em relações com o senhor a cuja casa me dirijo? Por que meios conciliou ele a sua boa vontade e a de seus amigos?

Mestre Paolo fixou seus olhos pretos seriamente sobre o inglês, e respondeu:

— Senhor, suponho que conhece melhor do que eu este estrangeiro, cujo nome é tão difícil de se pronunciar. Tudo o que posso dizer-lhe é que, há uns quinze dias, achando-me, por um acaso, junto a uma barraca no Toledo, de Nápoles, vi um senhor de aspecto respeitável, que, tocando-me levemente o braço, disse-me:

Mestre Paolo, eu desejo entrar em relações de amizade contigo; faça-me o favor de vir comigo àquela taverna e tomar um frasco de bom vinho.

— Com todo o gosto, — respondi.

Entramos na taverna. Depois de nos sentarmos, disse-me o meu novo amigo:

—O conde de O*** quer alugar-me o seu velho castelo, perto do povoado de B***. Conhece aqueles sítios?

— Perfeitamente, — respondi; — há mais de um século que esse

castelo não é habitado. Está meio em minas, senhor. É uma casa singular para alugar-se; penso que o conde não lhe fará pagar muito por esse aluguel.

Mestre Paolo — disse ele — eu sou filósofo e faço pouco caso do luxo. Necessito de um lugar retirado e tranquilo para fazer algumas experiências científicas. O castelo me servirá muito bem para este fim, uma vez que me aceite por vizinho e que você e seus amigos me tomem sob sua especial proteção. Sou rico; porém nada terei no castelo que valha a pena de ser roubado. Pagarei o aluguel ao conde e pagar-lhe-ei também uma importância que, por certo, lhe agradará.

Entendemo-nos em breve; e como este estranho senhor dobrou a quantia que lhe pedi, goza de alto favor de todos os seus vizinhos. Nós defenderíamos o castelo até contra um exército. E agora, senhor, que eu fui tão franco consigo, sede-o também comigo. Quem é este singular cavalheiro?

— Quem é ele? Pois ele vo-lo disse: um filósofo.

— Hein! Um filósofo que busca, talvez, a Pedra Filosofal ou um mago que se oculta dos sacerdotes?

— Justamente; adivinhou bem.

— Assim se parecia; e você é seu discípulo?

— Sim.

— Desejo que tenha bom sucesso, — disse o bandido, seriamente, fazendo o sinal da cruz com grande devoção. — Não sou nem melhor nem pior do que muita gente que anda por aí. Não me horroriza um "roubo" de vez em quando ou uma pancada na cabeça de um homem, se for necessário, porém fazer um pacto com o diabo! Ah! Cuidado, cavalheiro; olhe o que faz!

— Não tema, — respondeu Glyndon, sorrindo; — o meu preceptor é demasiado sábio e bom para fazer semelhante pacto. Mas, parece-me que estamos chegados. Belas ruínas e que vista

magnífica!

Glyndon deteve-se, agradavelmente impressionado e, como artista, mirou extasiado o lindo panorama que se lhe oferecia. Insensivelmente, distraído pela conversação do bandido, havia subido urna colina assaz elevada, e encontrava-se agora num pequeno planalto, formado por algumas rochas e coberto de musgos e arbustos raquíticos. Entre esta eminência e outra de igual altura, na qual estava situado o castelo, havia um barranco estreito e profundo, com folhagem muito abundante, razão por que a vista não podia penetrar muitos metros abaixo da escabrosa superfície do abismo. Contudo, podia-se calcular a sua profundidade pelo rouco e monótono ruído das águas que corriam, invisíveis, lá em baixo, e cujo curso ia precipitar-se num maravilhoso rio que serpenteava por aqueles áridos vales, À esquerda, estendia-se o horizonte a perder de vista. Deserta e desolada como a estrada que Glyndon acabava de percorrer, lhe havia aparecido essa paisagem, mas agora a enfraquecida luz da tarde dava aos escarpados cumes das montanhas o aspecto de castelos, cúpulas e povoados.

Ao longe, os últimos raios do sol iluminavam a branca cidade de Nápoles, e as rosadas tintas do horizonte confundiam-se com o azul da sua formosa baía. Ainda mais longe, e em outra parte da cena, via-se, de uma forma vaga e meio coberta pela folhagem, as demolidas colunas da antiga Possidonia.

Ali, no meio dos seus domínios denegridos e estéreis, levantava-se o terrível Monte do Fogo, enquanto que, na parte oposta, por entre dilatadas planícies de variadas cores, às quais a distância emprestava toda a sua magia, resplandeciam vários rios e arroios, junto aos quais etruscos e sibaritas, romanos, sarracenos e normandos haviam, por longos intervalos, plantado suas tendas invasoras.

Todas as visões do passado, as tempestuosas e brilhantes histórias da Itália Meridional passaram pela mente do artista, em quanto a sua vista se deleitava com aquele quadro. E depois, ao voltar-se lentamente, avistou os pardos e semidestruídos muros do castelo, em que vinha buscar os segredos que deviam dar-lhe a esperança de encontrar, no futuro, um império mais poderoso do que o passado é para a memória. O edifício era uma daquelas fortalezas feudais que tanto abundavam na Itália, na primeira metade da Idade Média, e que tinham muito pouco da graça ou da grandeza gótica, que ostenta a arquitetura religiosa do mesmo tempo. O castelo era forte, vasto e ameaçador, ainda em sua decadência.

Sobre o fosso, havia uma ponte de madeira bastante larga para passarem por ela dois homens a cavalo, um ao lado do outro; e as suas velhas vigas tremeram produzindo um ruído surdo, quando o fatigado cavalo de Glyndon passou por elas.

Um caminho, que em outro tempo fora largo e calçado de rudes pedras, mas que agora estava meio coberto de viçosas ervas silvestres, conduzia ao pátio externo do castelo; as portas estavam abertas, e a metade do edifício estava desmantelada; as minas estavam parcialmente ocultas debaixo da erva que ali crescia desde há séculos.

Ao entrar, porém, no pátio interior, Glyndon notou, com satisfação, que ali havia menos aparências de descuido e decadência. Algumas rosas silvestres davam um aspeto mais sorridente aos velhos muros, e no centro do pátio havia uma fonte, onde gotejava ainda, com sonoro murmúrio, água cristalina, da boca de um gigantesco Tritão.

Ao chegar, foi o jovem recebido por Mejnour, com um sorriso afável.

— Bem-vindo seja o meu amigo e discípulo, — disse-lhe este; — quem busca a verdade, pode encontrar nesta solidão uma imortal Academia.

CAPÍTULO II

"And Abaris, so far from esteeming Pythagoras, who taught these things, a necromanter or wizard, rather revered and admired him as something divine".

Iamblicho: "Vita Pythag".

"E Abaris, tão longe de dar o verdadeiro valor a Pitágoras, que ensinava estas coisas, um necromante ou feiticeiro, antes o venerou e admirou como algo divino".

Os criados que Mejnour trouxera para acompanhá-lo em sua tão estranha residência, eram tais como convinha a um filósofo que tem poucas necessidades. Eram quatro, a saber: um velho armênio, ao qual Glyndon recordava ter visto ao serviço do místico em Nápoles; uma mulher alta, de feições duras e que o filósofo tomara no povoado, por recomendação de Mestre Paolo; e dois jovens de cabelos compridos, de vozes brandas, mas de caras atrevidas, filhos do mesmo lugar, e garantidos pelo mesmo fiador. Os aposentos que o sábio ocupava eram cômodos e abrigados contra o mau tempo, ostentando ainda alguns restos de antigo esplendor nas carcomidas tapeçarias que adornavam as paredes, e em grandes mesas de mármore, ricamente esculpido.

O dormitório de Glyndon tinha comunicação com uma espécie de belveder, cuja vista era incomparavelmente bela, e que estava separado pelo outro lado, mediante uma comprida galeria e uns dez ou doze degraus de escada, dos quartos reservados do místico. O todo deste retiro respirava uma tranquilidade, que era sombria,

porém não desagradável, e convinha bem aos estudos a que agora era destinado.

Por alguns dias, Mejnour recusava-se falar a Glyndon dos assuntos que mais interessavam o coração do jovem inglês.

— No exterior, — disse-lhe, — tudo está preparado; porém não no interior; é necessário que a sua alma se acostume ao lugar e que se impregne ao aspecto da natureza que a rodeia, pois a Natureza é a fonte de toda inspiração.

Com estas palavras, passou Mejnour a assuntos mais fáceis. Fazia com que o inglês o acompanhasse em longas excursões pelos arredores, e sorria com ar de aprovação, quando o artista dava passagem livre ao entusiasmo que lhe inspirava a sombria beleza dos sítios que frequentavam, e que teria feito palpitar um coração menos impressionável do que o seu; e, nestas ocasiões, dava Mejnout ao seu discípulo lições de uma ciência que parecia inexaurível e ilimitada. Dava-lhe curiosíssimas noticias, gráficas e minuciosas, das várias raças (seus caracteres, costumes, crenças e hábitos), que haviam habitado sucessivamente aquela linda terra. É verdade que as suas descrições não se encontravam nos livros, nem eram autorizadas por historiadores célebres; porém, Mejnour possuía o verdadeiro encanto do narrador, e falava de todas as coisas com a animada confiança de uma testemunha pessoal. Às vezes, falava também dos mais duráveis e elevados mistérios da Natureza com uma eloquência e uma pureza de linguagem, que adornavam a sua conversação mais com as cores da poesia do que com as da ciência.

Insensivelmente, o jovem artista se sentiu elevado e lisonjeado pelas lições do seu amigo; pouco a pouco, foi-se acalmando a febre dos seus desejos. A sua mente começou a acostumar-se à divina tranquilidade da contemplação; ele sentiu mais nobres aspirações; e, no silêncio dos seus sentidos, lhe parecia ouvir a voz de sua alma.

Este era, evidentemente, o estado a que Mejnour queria conduzir o neófito, e, nesta elementar iniciação, o místico agiu como agem todos os sábios. Pois, quem procura descobrir, há de entrar, primeiramente, numa espécie de idealismo abstrato, e entregar-se, em solene e doce cativeiro, às faculdades que contemplam e imaginam.

Glyndon observou que, em seus passeios, Mejnour parava, com frequência, onde a folhagem era mais abundante, para colher alguma erva ou flor; e isto lhe lembrou que havia visto Zanoni também assim ocupado.

— Podem estas humildes filhas da Natureza — perguntou o jovem, um dia, a Mejnour, — estas coisas que florescem e murcham num mesmo dia, ser úteis à ciência dos segredos superiores? Existe uma farmácia para alma, assim como há uma farmácia para o corpo? Podem as plantas que a primavera cria, empregar-se não só na conservação e restituição da saúde humana, mas também para alcançar-se a imortalidade espiritual?

— Se um estrangeiro, — respondeu Mejnour, — tivesse visitado uma tribo errante que não conhecesse nenhuma das propriedades das ervas; se este viajante tivesse dito aos selvagens que as ervas que pisavam cada dia com seus pés, estavam dotadas de muitas e potentes virtudes; que uma podia restaurar a saúde de um irmão que estivesse às portas da morte; que outra reduziria ao idiotismo o homem mais sábio; que uma terceira faria cair morto no chão o seu mais valente guerreiro; que as lágrimas e o riso, o vigor e a enfermidade, a loucura e a razão, a vigília e o sono, a existência e a dissolução, se ocultavam naquelas desprezadas folhas, não o haveriam tido por um feiticeiro ou por um homem mentiroso? Em relação à metade das virtudes do mundo vegetal, a humanidade está ainda nas trevas da ignorância como os selvagens a que me referi.

Há faculdades no nosso interior, com as quais certos vegetais guardam uma notável afinidade, e sobre as quais exercem um grande poder.

O caráter de Mejnour diferia muito do de Zanoni; e ainda que o primeiro fascinasse menos a Glyndon, dominava e impressionava-o muito mais. A conversação de Zanoni manifestava um profundo e geral interesse pela humanidade, e um sentimento, que quase se confundia com entusiasmo, pelas artes e pela beleza. Os boatos que circulavam acerca dos seus costumes realçavam o mistério de sua vida com ações de caridade e beneficência. Em tudo isso, havia algo de genial e humano, que atenuava o temor que inspirava, e tendia, a despertar suspeitas sobre os altos segredos que afirmava possuir.

Mejnour, porém, parecia totalmente indiferente a tudo o que se referia ao mundo atual. Não cometia mal algum, mas parecia igualmente apático para o bem. Os seus atos não levavam socorro a nenhuma necessidade, as suas palavras não mostravam compaixão por ninguém. O coração parecia nele ter sido absorvido pelo intelecto. Ele pensava e vivia antes como um ser abstrato, do que como um homem que conservava, com a forma, os sentimentos e as simpatias da sua espécie.

Um dia, Glyndon, observando o tom de suprema indiferença com que Mejnour falava daquelas mudanças na superfície da terra, as quais ele dizia haver presenciado, atreveu-se a lhe dizer algumas palavras sobre a diferença que havia notado entre as ideias do seu atual mestre e as de Zanoni.

— É verdade, — respondeu Mejnour, friamente. — a minha vida é a vida que contempla; a de Zanoni é a vida que goza. Quando eu colho uma erva, penso só em seus usos. Zanoni se detém para admirar a sua beleza.

— E julga que a sua existência é melhor e mais elevada do que a

dele? — perguntou Glyndon.

— Não, — respondeu o sábio. A existência de Zanoni é a da juventude; e a minha é a da idade madura.

Cultivamos faculdades diferentes. Cada um de nós possui poderes a que o outro não pode aspirar. Os seus associam-se à ideia de viver melhor, e os meus à ideia de saber mais.

— Ouvi dizer, realmente, — observou Glyndon, — que dos seus companheiros de Nápoles se notou que levavam vida mais pura e mais nobre, depois de terem entrado em relações com Zanoni; e, contudo, não é para estranhar que ele, um sábio, escolhesse semelhantes companheiros? Como também esse terrível poder que ele exerce à medida do seu desejo, como, por exemplo, o que manifestou na morte do Príncipe de * e na de Ughelli, muito pouco se pode conciliar com os sentimentos filantrópicos de quem busca ocasiões de fazer bem.

— Tem razão, — respondeu Mejnour, com um sorriso frio.

— Semelhante erro comete sempre aqueles filósofos, que se mesclam com a vida ativa da humanidade. É impossível servir a uns, sem prejudicar a outros; é impossível proteger os bons, sem indispor-se com os maus; e quem deseja reformar os defeitos, há de descer a viver entre as pessoas que têm esses defeitos, para conhecê-los. Desta opinião é também o grande Paracelso**[**3**]**, conquanto se tivesse equivocado frequentemente . Pelo que me diz respeito, nunca cometerei semelhante loucura. Eu vivo só para a ciência, e na ciência; não misturo a minha vida com a vida da humanidade!

Outro dia, perguntou Glyndon ao místico acerca da natureza dessa união ou fraternidade a que Zanoni uma vez se referira.

— Julgo que não me engano, — disse o jovem, — suponho que o Senhor e ele pertencem à Sociedade Rosa-Cruz?

— Pensa, — respondeu Mejnour, — que não tem havido outras

uniões místicas e solenes de homens que procuram os mesmos fins pelos mesmos meios, antes dos árabes de Damasco terem ensinado, em 1378, a um viajante alemão, os segredos que fundaram a Instituição dos Rosacruzes? Não nego, porém, que os Rosacruzes formavam uma seita que descendia de uma escola maior e mais antiga. Eles eram mais sábios do que os Alquimistas, assim como os seus mestres são mais sábios do que eles.

— E quantos existem daquela ordem primitiva? — perguntou Glyndon.

— Zanoni e eu, — respondeu Mejnour.

— Como? Somente dois! — exclamou, admirado, o jovem. — E possuem o poder de ensinar a todos o segredo de escapar à morte?

— O seu avô alcançou este segredo; ele faleceu somente porque preferia morrer a sobreviver ao único ser que amava. Sabe, discípulo, que a nossa ciência não nos dá o poder para afastar de nós a morte, se a desejarmos, ou se ela for enviada pela vontade do céu. Estes muros podem esmagar-me, se caírem sobre mim. Tudo o que declaramos que nos é possível fazer é o seguinte: descobrir os segredos que se referem ao corpo humano; saber porque as partes se ossificam e a circulação do sangue se paralisa; e aplicar contínuos preventivos aos efeitos do tempo. Isto não é magia; é a arte da medicina bem compreendida.

Na nossa ordem, consideramos como as mais nobres, duas ciências: a primeira é a que eleva o intelecto e a segunda é a que conserva a saúde e a vida do corpo. Porém, a mera arte, pela qual se fazem extratos dos sumos e das drogas que restabelece a força animal e detém os progressos da destruição, ou esse segredo mais nobre, a que agora me limitarei a aludir somente, pelo qual o calor, ou o calórico, como o chamam, sendo, como Heráclito sabiamente ensinou, o princípio primordial da vida, pode empregar-se como um

perpétuo renovador; esta arte repito, não seria suficiente para a nossa segurança. Possuímos também a faculdade de desarmar e iludir a ira dos homens, desviar de nós as espadas de nossos inimigos e dirigi-las umas contra as outras, e fazer-nos (senão incorpóreos) invisíveis aos olhos dos demais, cobrindo-os de névoa ou de escuridão. Alguns videntes disseram que este segredo residia na pedra ágata.

Abaris o localizava em sua frecha. Eu lhe mostrarei, naquele vale, uma erva que produz um encanto mais seguro do que a ágata e a frecha. Numa palavra, sabe que os produtos mais humildes e comuns da Natureza são os que encerram as mais sublimes propriedades.

— Porém, — objetou Glyndon — se possui estes grandes segredos, por que se mostram tão avaros que não tratam de difundi-los? Pois não é verdade que o charlatanismo, ou a falsa ciência, difere da ciência verdadeira e é indisputável nisto: que esta (a verdadeira ciência) comunica ao mundo os processos pelos quais obtêm as suas descobertas, ao passo que aquela (a ciência falsa, o charlatanismo) gaba seus maravilhosos resultados, negando-se a explicar as causas?

— Disse bem, o lógico acadêmico! Mas reflete um pouco. Suponha que generalizássemos indiscretamente os nossos conhecimentos entre os homens, não só entre os viciosos, como entre os virtuosos; seriamos os benfeitores da humanidade, ou seriamos o seu mais terrível flagelo? Imagine o tirano, o sensualista, o homem mau e o corrompido, possuindo estes tremendos poderes: não seria isto soltar um demônio sobre a terra? Admitamos que o mesmo privilégio seja concedido também aos bons; e em que estado viria parar a sociedade? Numa espécie de luta titânica, — os bons sempre em defensiva contra os ataques dos maus. Na atual condição do

mundo, o mal é o princípio mais ativo do que o bem e o mal prevaleceriam.

É por estas razões que estamos solenemente comprometidos a não participar a nossa ciência senão aos que são incapazes de fazer dela mau uso e pervertê-la, como também baseamos as nossas provas iniciáticas em experiências que purificam as paixões e elevam os desejos. E nisto a mesma Natureza nos guia e ajuda; pois ela estabelece terríveis guardiões e insuperáveis barreiras entre a ambição do vício e o céu da ciência superior.

Estas e semelhantes perguntas e respostas formavam uma pequena parte das numerosas conversações de Mejnour com o seu discípulo, conversações que, parecendo dirigir-se somente à razão deste, lhe inflamavam cada vez mais a imaginação. A reflexão sobre as forças que se encontram na Natureza se é propriamente investigada, mas que não são concedidas a qualquer curioso, levava o jovem a admitir que existem forças e poderes que Mejnour afirmava que a Natureza podia oferecer.

Assim se passaram dias e semanas; e a mente de Glyndon acostumando-se gradualmente a esta vida de isolamento e meditação, esqueceu, por fim, as vaidades e quimeras do mundo exterior.

Uma noite, o jovem havia feito um solitário e prolongado passeio, contemplando as estrelas que apareciam, uma após outra, no firmamento. Nunca antes havia sentido tão claramente o grande poder que o céu e a terra exercem sobre um homem; nem havia advertido com que solenes influências a Natureza desperta e agita os germens da nossa existência intelectual. Como um paciente, sobre o qual se há de fazer agir, devagar e gradualmente, os agentes do mesmerismo, assim o jovem sentia em seu coração a força crescente deste vasto magnetismo universal, que é a vida da criação, e que liga

o átomo ao todo. Uma estranha e inefável consciência do poder, de alguma coisa grande dentro do mortal corpo de pó terrestre, despertava nele sentimentos obscuros e ao mesmo tempo grandiosos, como a débil recordação de um ser mais puro e anterior.

Neste instante, sentiu que uma força irresistível o impelia a procurar o mestre. Queria pedir, nessa hora, a sua iniciação nos mundos que se estendem além do nosso mundo; estava preparado a respirar uma atmosfera mais divina.

Glyndon entrou no castelo e, atravessando a sombria galeria, iluminada apenas pela luz das estrelas, dirigiu-se ao aposento de Mejnour.

CAPÍTULO III

"Man is the eye of things"
Euriph., "De Vita Hum"

"O homem é o olho das coisas"

"There is, therefore, a certain statistical or transporting power, which, if at any time it shall be excited or stirred up by an ardent desire and most strong imagination, is able to conduct the spirit of the more outward even to some absent and far distant object".
Van Helmont.

"Existe, pois, certa força extática ou arrebatadora, a qual, uma vez excitada ou instigada por um ardente desejo e por fortíssima imaginação, é capaz de conduzir o espírito de um objeto mais externo até a algum objeto ausente e muito distante".

Os aposentos que Mejnour ocupava consistiam em dois quartos que comunicavam um com o outro, e de um terceiro, que era o seu dormitório. Todos estes quartos estavam situados dentro de uma grande torre quadrada, que se elevava ao pé do escuro precipício, habitado por arbustos com folhas verdejantes.

O primeiro quarto, em que Glyndon entrou, estava vazio. Com um passo silencioso, seguiu o jovem adiante, e abriu a porta que dava entrada à peça interior. Ao chegar ao umbral, teve que retroceder, por causa de uma forte fragrância que enchia o quarto: uma espécie de névoa pairava no ar, com que um vapor ou uma

nuvem branca que se movia lentamente, formando certas ondulações que se elevavam, onda após onda, regularmente, pelo espaço.

Um frio mortal invadiu o coração do inglês e o seu sangue se gelava. Glyndon parou e permaneceu como cravado naquele lugar; não obstante, fez um esforço involuntário para olhar através daquele vapor, e pareceu-lhe (se bem que não pudesse dizer se era uma ilusão de sua imaginação) que viam escuras e gigantescas formas à guisa de espectros, flutuando no meio daquela névoa; ou era, talvez, a mesma névoa que convertia seus vapores, fantasticamente, em aparições móveis, impalpáveis e incorpóreas?

Diz-se que um pintor da antiguidade, num quadro de "Hades", representou os monstros deslizando por entre a etérea corrente do Rio da Morte, tão artisticamente, que os olhos percebiam logo que o rio não era, em si, mais do que um espectro, e que os seres sem sangue que o cruzavam, não tinham vida, e que as suas formas se confundiam com as águas mortas, até que a gente, cansada de olhar, concluía por não distingui-las do elemento sobrenatural, no qual, como se supunha, habitavam. Assim eram as formas que flutuavam, mesclando-se e confundindo-se, naquela névoa; porém, antes que Glyndon tivesse tempo de tornar a si da violenta sensação que experimentara, sentiu que alguém lhe pegava pela mão, e o conduzia ao quarto exterior. Ao ouvir fechar a porta, sentiu Glyndon que o seu sangue tornava a circular-lhe nas veias, e viu Mejnour a seu lado. De repente, foi atacado, em todo o seu organismo, de fortes convulsões, — e ele caiu ao chão, perdendo os sentidos. Quando voltou a si, encontrou-se ao ar livre, num rude balcão de pedra, contíguo ao quarto; as estrelas brilhavam serenamente acima do negro abismo que havia em baixo, e iluminavam escassamente o semblante do místico, que estava junto a ele, em pé e com os braços cruzados.

— Jovem, — disse Mejnour, — julga, pelo que acaba de experimentar, como é perigoso ao homem buscar o saber antes de estar preparado para recebê-lo. Se tivesse demorado mais um momento no ar daquele quarto, teria sucumbido.

Então — respondeu Glyndon — de que natureza era o saber que o senhor, outrora mortal como eu, podia buscar impunemente nessa atmosfera de gelo que me mataria, se eu a respirasse? Mejnour — continuou o jovem, e o seu indômito desejo, aguçado pelo ânimo e vigor, — eu me sinto preparado, ao menos para os primeiros passos. Venho a ti como na Antiguidade o discípulo ao Hierofante, e peço-lhe a iniciação.

Mejnour pôs a sua mão sobre o coração do jovem e sentiu que batia com força, regularidade e ousadia.

Olhou com uma espécie de admiração, que se revelava em sua austera e fria fisionomia, e murmurou, quase como a si mesmo:

— Este valor me anuncia que encontrei, finalmente, o verdadeiro discípulo.

Depois, acrescentou em voz alta:

— Seja, pois. A primeira iniciação do homem é feita no estado de "transe". É por meio de sonhos que começa todo o saber humano; em sonhos suspende-se sobre o imenso espaço a primeira e fraca ponte entre espírito e espírito, — entre este mundo e os mundos além! Olha fixamente aquela estrela!

Glyndon obedeceu, e Mejnour retirou-se para dentro do quarto, do qual começou, então, a emergir lentamente um vapor, um pouco mais pálido e de odor mais fraco do que aquele que, por pouco, teria produzido um efeito fatal sobre o organismo do jovem. Este vapor, pelo contrário, quando começou a pairar em torno dele, mesclando-se, em finas espirais, com o ar, exalava uma fragrância refrigerante e saudável.

Glyndon fitava ainda atentamente os seus olhos na estreia, e a estreia parecia, gradualmente, fixar e dominar o seu olhar. Um momento depois, apoderou-se dele uma espécie de languidez, porém sem que se comunicasse, como pensou, à sua mente; e quando esta languidez o dominou inteiramente, sentiu as fontes umedecidas com uma essência volátil e ardente. No mesmo instante, um leve tremor, que entrou a circular-lhe pelas veias, fez estremecer todo o seu corpo. A languidez foi crescendo; os seus olhos estavam ainda fixos na estreia, cuja luminosa circunferência, parecia agora se dilatar. A sua luz foi-se tornando, pouco a pouco, mais suave e mais clara; difundindo-se cada vez mais por todas as partes, encheu enfim, o espaço. Por fim, no meio de uma brilhante atmosfera prateada, Glyndon sentiu como se algo arrebentasse no seu cérebro, — como se rompesse uma forte cadeia; naquele momento lhe pareceu que voava pelo espaço, com um sentimento de celestial liberdade, de inexplicável delícia, como se a sua alma tivesse abandonado a sua corpórea prisão, e se elevasse no ar com a leveza de um pássaro.

— A quem deseja ver, agora, na terra? — murmurou a voz de Mejnour.

— Viola e Zanoni! — respondeu Glyndon, com o coração, pois sentiu que os seus lábios não se moviam.

De repente, ao pensar nestes dois nomes, — por aquele espaço em que nada se distinguia, exceto uma luz suave e translúcida, — começaram a passar, em uma rápida sucessão, obscuras paisagens, arvores, montanhas, cidades e mares, como numa fantasmagoria; até que, por fim, o jovem viu, fixa e estacionária uma cova junto a uma praia, cujas formosas beiras estavam povoadas de mirtos e laranjeiras. Numa colina, que havia a certa distância, brilhavam os brancos e esparsos restos de algum edifício pagão arruinado; e a lua

iluminando tudo com seu calmo resplendor, literalmente banhava com sua luz duas figuras que estavam ao exterior da cova, e a cujos pés iam estrelar-se as ondas azuis; parecia a Glyndon que ouvia até a voz baixa em que conversavam aquelas duas pessoas, em que ele reconheceu Zanoni, e Viola. Zanoni estava sentado sobre um fragmento de rocha; Viola, meio reclinada a seu lado, contemplava a face do seu marido inclinado sobre ela, e na fisionomia da mulher descobria-se essa expressão de perfeita felicidade, que só revela o verdadeiro e perfeito amor.

— Quer ouvi-los falar? — perguntou Mejnour.

—Sim, respondeu Glyndon, exprimindo-se outra vez por voz meio de uma interior, sem articular som algum.

As vozes de Zanoni e Viola chegaram, então, ao seu ouvido, porém com um som que lhe parecia estranho; eram fracas e davam a impressão que vinham de muito longe, lembrando as vozes que, em suas visões, ouviam alguns santos, aos quais eram dirigidas de alguma esfera distante.

E como é — dizia Viola — que você pode encontrar prazer em escutar uma ignorante?

Porque o coração — respondeu Zanoni — nunca é ignorante; porque os mistérios dos sentimentos estão cheios de maravilhas, igualmente como os mistérios do intelecto. Se você, às vezes, não pode compreender a linguagem dos meus pensamentos, também eu, às vezes, ouço doces enigmas na linguagem das suas emoções.

"- Ah! Não fale assim!- retrucou Vio1a, enlaçando ternamente o pescoço de Zanoni, e a sua face corada aparecia mais bela debaixo daquela luz celeste. Os enigmas não são mais do que a linguagem comum de amor, e o amor os decifra. Enquanto eu não o conhecia, — enquanto não vivia consigo, — enquanto não sabia vigiar os seus passos, quando estava ausente, não podia saber como é forte e

penetrante o laço que existe entre a natureza e a alma humana.

E sem embargo, — prosseguiu Viola, — estou agora convencida de que era verdade o que eu pensava no princípio: que os sentimentos que me impeliam para a sua pessoa primeiramente, não eram os de amor.

Eu sei isto, comparando o presente com o passado; naquele tempo, era um sentimento que pertencia totalmente à minha mente ou ao meu espírito! Agora, não poderia eu ouvi-lo dizer: "Viola, sê feliz com outro!"

Nem eu poderia, agora, dizer-lhe — retrucou Zanoni. — Ah, Viola! Nunca se canse de afirmar-me que é feliz!

Sim, sou feliz, quando você se sente feliz. Porém, há momentos, Zanoni, em que o vejo tão triste!

Isto acontece quando considero que a vida humana é tão curta; e que, por fim, teremos que separar-nos; quando me lembro que essa lua continuará brilhando no horizonte, quando o rouxinol tiver deixado já de trinar debaixo dos seus poéticos raios! Dentro de alguns anos, os seus formosos olhos perderão os seus encantos, a sua beleza murchará, e este lindo cabelo com que agora brinco encanecerão, e o seu aspecto já não será atraente.

E você, cruel! — disse Viola, pateticamente. — Nunca verei em ti os vestígios dos anos? Acaso não envelhecemos ambos ao mesmo tempo? Os nossos olhos se acostumarão insensivelmente a essa mudança de que o coração não participará.

Zanoni suspirou, e, volvendo um pouco a cabeça, parecia consultar algo consigo mesmo.

Glyndon se pôs a escutar com atenção ainda maior.

Se assim fosse! — murmurou Zanoni.

E, em seguida, olhando fixamente Viola, acrescentou sorrindo: Não a excita a curiosidade de saber algo mais do seu amado, de

quem, em outro tempo, pensou que era um enviado do Espírito Maligno?

Não, — respondeu Viola; — tudo o que se deseja saber de um ser amado eu já o sei, que você me ama!

Eu lhe disse, alguma vez, — prosseguiu Zanoni, — que a minha vida era diferente da vida dos demais homens. Não quereria participar dela?

— Eu dela já participo.

— Porém, se fosse possível conservarmo-nos ambos assim, jovens e formosos, para sempre, até que o mundo em redor de nós viesse a arder como uma pira funerária?

— Seremos jovens e formosos, quando deixarmos este mundo.

Zanoni permaneceu silencioso por alguns instantes, e depois prosseguiu:

— Lembra-se daqueles sonhos brilhantes e aéreos, que você teve em outro tempo, quando parecia que estava reservado um destino muito diferente da sorte das filhas comuns da terra?

— Zanoni, aqueles sonhos se realizaram; já estou desfrutando esse destino.

E não lhe inspira temor algum o futuro?

O futuro! Não penso nele! O passado, o presente e o porvir repousam no seu sorriso. Ah, Zanoni! Não brinque com as tolas credulidades da minha juventude! Desde que a sua presença dissipou a névoa que obscurecia a minha vista, tornei-me melhor e mais humilde. O futuro! Pois bem! Quando tiver motivo para temê-lo, levantarei os meus olhos ao céu e lembrar-me-ei de quem guia os nossos passos!

Ao dizer estas palavras, Viola levantou os olhos para a abóbada celeste; e, no mesmo instante, uma nuvem escura invadiu subitamente a cena, e envolveu as laranjeiras, o azulado oceano, as

densas areias.

As últimas imagens que a nuvem velou à encantada vista de Glyndon, foram Viola e Zanoni. O semblante da jovem sorria, sereno e radiante, ao passo que o do seu companheiro aparecia nublado e pensativo, e encobria, em uma rigidez maior do que a usual, de melancolia, a sua beleza e a sua profunda tranquilidade.

— Basta; levante-se! — disse Mejnour; — a sua prova iniciática começou! Há pretendentes à solene ciência, que lhe haveriam mostrado aos ausentes, e lhe falariam, em sua insípida linguagem, de secretas eletricidades e do fluido magnético, de cujas verdadeiras propriedades eles conhecem apenas os germes e os elementos.

Eu lhe emprestarei os livros desses patetas, e verá quantos foram, nos tempos obscuros, os que vagaram extraviados e que, por haverem tropeçado com o umbral da poderosa ciência, imaginaram ter penetrado no interior do templo. Hermes, Alberto, Paracelso: eu os conhecia todos; apesar de terem sido grandes e nobres espíritos, o destino os condenou e os enganou. Não havia em suas almas a suficiente fé nem a audácia que se necessita para alcançar os altos destinos a que aspiraram. Contudo, Paracelso — o modesto Paracelso — era dotado de uma arrogância que voava mais alto do que toda a nossa ciência. Oh! Ele pensou que podia formar uma raça de homens com a química; ele se arrogou o dom divino, o sopro da vida**[**4**]**. Ele quis criar uma raça de homens, e, depois de tudo, teve que confessar que não seriam mais do que pigmeus. A minha arte é fazer homens superiores à humanidade atual. Porém, eu vejo que lhes impacientam as minhas digressões. Perdoe-me. Todos esses homens (que eram grandes visionários, como você deseja ser) foram meus íntimos amigos. Mas agora estão mortos, e os seus corpos transformados em pó. Eles falavam de espíritos, mas temiam estar em outra companhia que não a dos homens. O mesmo como alguns

oradores que ouvi ao falar, ao Pnyx, em Athenas, que chamejavam na assembleia com suas palavras, semelhantes a cometas, e extinguiam o seu ardor como os foguetes de festas, quando se encontravam no campo. Ah! Demóstenes, meu herói covarde, como foram ágeis os seus pés em Cheronéa! E está ainda impaciente, rapaz! Eu poderia dizer-lhe tais verdades sobre o passado, que o fariam o luminar dos eruditos. Mas o seu desejo é somente penetrar nas sombras do futuro. O seu desejo será satisfeito. É, porém, necessário que, antes de tudo, seja preparada e exercitada a sua mente. Vai ao seu quarto, e dorme; impõe-se austeros jejuns; não leia livros; medite, imagine, sonhe, esquece de si mesmo, se quiser. A ideia brota por fim e sai do seu caos. Antes da meia-noite, vem falar comigo outra vez!

CAPÍTULO IV

"Quem tenciona elevar-se a tão sublimes degraus, deve, em primeiro lugar, esforçar-se para abandonar afeições carnais, a fraqueza dos sentidos, as paixões que pertencem à matéria; em segundo lugar, deve aprender por quais meios podemos subir às alturas do puro intelecto, unidos aos poderes superiores, sem os quais nunca podemos obter a ciência das coisas secretas, nem as forças mágicas que produzem verdadeiros milagres".

Trithemo: "Sobre Coisas Secretas e Secretos Espíritos".

Faltavam ainda alguns minutos para a meia-noite, quando Glyndon foi ter novamente ao quarto do místico.

O jovem havia observado escrupulosamente o jejum que lhe fora ordenado; e as intensas e arrebatadoras meditações em que o submergia a sua excitada fantasia, não somente lhe fizera esquecer as necessidades do corpo, mas até conseguiram que ele se sentisse superior a elas.

Mejnour, sentado ao lado do seu discípulo, falou-lhe desta maneira:

— O homem é arrogante à proporção da sua ignorância, e a sua tendência natural é o egoísmo. Na infância do saber, pensa que toda a criação foi feita para ele. Por muitos séculos, viu nos inumeráveis mundos que brilham no espaço, como as borbulhas de um imenso oceano, apenas pequenas velas, que a Providência havia-se comprazido em acender com o único fim de tornar-nos a noite mais agradável. A astronomia corrigiu esta ilusão da vaidade humana; e o homem, ainda que, com relutância, confessa, agora, que as estrelas

são mundos mais vastos e mais formosos do que o nosso mundo, que a terra, sobre a qual os homens se arrastam, é apenas um ponto dificilmente visível no vasto mapa da criação. Porém, no pequeno, assim como no grande, Deus pôs a vida igualmente em profusão. O viajante olha a árvore e imagina que os seus ramos foram formados para livrá-lo do ardor dos raios solares no verão, ou para fornecer-lhe o combustível durante os frios do inverno. Mas em cada folha desses ramos, o Criador fez um mundo, que é povoado de inumeráveis raças. Cada gota de água naquele rego é um orbe, mais cheio de seres do que de homens é cheio um reino. Em todas as partes, neste imenso Plano de Existência, a ciência descobre novas vidas. A vida é um princípio que atravessa tudo, e até a coisa que parece morrer e apodrecer gera nova vida, e dá novas formas à matéria. Raciocinando, pois, por evidente analogia, diremos: Se não há uma folha, nem uma gota de água que não seja, como aquela estreia, um mundo habitável e respirante, e se até o homem mesmo é um mundo para outras vidas, e milhões e bilhões de seres habitam nas correntes do seu sangue, vivendo no seu corpo como o homem vive na terra, o senso comum (se seus homens eruditos o tivessem) bastaria para ensinar que o infinito circunfluente, ao qual chamam espaço, — o ilimitado Impalpável que separa a terra da lua e das estrelas, — está também cheio de sua correspondente e apropriada vida. Não é visível absurdo supor que uma folha está cheia de seres e vida, e que seres vivos não existem nas imensidades do espaço? A lei do Grande Sistema não permite que se desperdice um só átomo, nem conhece lugar algum onde não respire algum ser vivo. Até o ossário é um viveiro de produção e animação. É verdade o que digo? Pois bem, se é assim, pode conceber que o espaço, que é o Infinito mesmo, somente seja um deserto sem vida, menos útil ao Plano da Existência Universal, do que o esqueleto de um cão, do que a

povoada folha, do que a gota de água, cheia de seres viventes? O microscópio mostra-nos as criaturas na folha; nenhum tubo mecânico foi ainda inventado para descobrir os seres mais nobres e mais adiantados, que povoam o ar ilimitado. Entre estes, porém, e o homem, existe uma misteriosa e terrível afinidade. E, por isso, nascem dos contos e lendas, que não são nem totalmente falsos, nem totalmente verdadeiros, de tempo em tempo, crenças em aparições e espectros. Se estas crenças foram mais comuns entre as tribos primitivas, mais simples do que os homens do seu enfatuado século, é só porque os sentidos daquelas tribos eram mais finos e mais perspicazes. E como o selvagem vê ou percebe, até pelo olfato, a muitas milhas de distância, as pegadas de um inimigo, invisíveis aos embotados sentidos do homem civilizado, assim é menos densa e menos obscura para ele a barreira que se encontra entre ele e as criaturas do mundo aéreo. Escutou-me?

— Com toda a minha alma, — respondeu Glyndon.

— Porém, para penetrar esta barreira, — continuou Mejnour, — é preciso que a alma, com que escuta, seja aguçada por um intenso entusiasmo e purificada de todos os desejos terrestres. Não sem razão os chamados magos de todos os países e de todos os tempos, insistiam sempre sobre a necessidade de castidade e de moderada contemplação, como os mais poderosos elementos da inspiração. Quando a alma está assim preparada, a ciência pode, depois, vir em seu auxilio; a vista se torna mais sutil, os nervos mais agudos, o espírito mais ativo e penetrante, e até os elementos, o ar, o espaço, por meio de certos segredos da química superior, podem tornar-se mais palpáveis e claros. E também isto não é magia, no sentido que a esta palavra dá aos crédulos; pois, como já lhe disse tantas vezes, a magia, se com este termo se pensa em uma ciência que Viola a Natureza, não existe; ela é apenas a ciência com que as forças da

Natureza podem ser dirigidas, dominadas e aproveitadas. Ora, no espaço há milhões de seres, não literalmente espirituais, pois que têm todos, como os animálculos invisíveis ao olho nu, certas formas de matéria, se bem que tão delicada e sutil, que parece não ser mais do que uma película uma penugem que cobre o espírito. Daí nascem os belos fantasmas Rosacruzes de silfos e gnomos. Sem embargo, essas raças e tribos diferem mais entre si, do que o kalmuk do grego, em suas formas, seus atributos e poderes. Na gota de água, vê como são variados os animálculos, como grandes e terríveis são alguns desses microscópicos vermes, monstros em comparação a outros. Igualmente, dentre os habitantes da atmosfera, alguns há que possuem um alto grau de sabedoria, e outros são dotados de uma horrível malignidade; alguns são hostis aos homens, porque são seus inimigos; ao passo que outros lhe são afáveis, e servem de mensageiros entre a terra e o céu. Quem pretende entrar em relações com estes divinos seres, assemelha-se ao viajante que, querendo penetrar em países desconhecidos, se expõe a estranhos perigos e incalculáveis terrores. Quando tiver entrado nestas relações, não poderei livrá-lo dos incidentes a que o seu caminho o expõe. Não posso dirigi-lo por sendas onde não encontrem alguns desses mortais e terríveis inimigos. Há de fazer-lhe frente você mesmo, e sozinho. Porém, se aprecia tanto a sua vida, que somente queira prolongar a sua existência, não importa para que fins, reparando a força dos seus nervos e a frescura do seu sangue com o elixir vivificador do alquimista, por que deve buscar as relações com esses seres intermediários e expor-se aos perigos que resultam? Porque o homem poderia atrair sobre si. Por isso, embora o elixir seja a vida, aguça os sentidos de tal maneira, que essas larvas que povoam o ar, se ouvem e se veem. Enquanto não tiver exercitado suficientemente a poder gradualmente, acostumar-se-á a não se perturbar pelo

aparecimento desses fantasmas, e a dominar a sua malícia, uma vida, dotada destas forças e capacidades, seria a mais horrível sentença que o homem poderia atrair sobre si. Por isso, embora o elixir seja composto de ervas muito simples, pode recebê-lo só quem tenha passado já pelas provas mais sutis. Alguns, sobressaltados por um insuportável horror ante os objetos que se apresentaram à sua vista ao primeiro gole do milagroso liquido, acharam que a poção era menos poderosa para salvar, do que a agonia e o trabalho da Natureza para destruir. Assim é que, para os que não estão preparados, o elixir não é mais do que um veneno mortífero. Entre os moradores do umbral há também um, que, em sua malignidade e ódio, excede a toda a sua tribo; um, cujos olhos têm paralisado os homens mais intrépidos, e cujo poder sobre o espírito humano aumenta, precisamente, à proporção do temor que inspira. Vacila a sua coragem?

— Oh, não! — respondeu Glyndon. — Pelo contrário, as suas palavras não fazem mais do que inflamá-la.

— Então, — ordenou Mejnour, — siga-me; vou submetê-lo aos trabalhos de iniciação.

E Mejnour conduziu o discípulo ao quarto interior, onde lhe explicou certas operações químicas, as quais, como Glyndon logo compreendeu, apesar de serem muitíssimo simples, eram capazes de produzir resultados extraordinários.

— Nos tempos remotos, — prosseguiu Mejnour, sorrindo, — a nossa irmandade via-se, com frequência, obrigada a recorrer ao engano, para encobrir a realidade; e, como os seus adeptos eram destros mecânicos ou peritos químicos, dava-se-lhes o nome de feiticeiros. Observe como é fácil compor o Espectro de Leão, que acompanhava o célebre Leonardo da Vinci!

E Glyndon viu, com deliciosa surpresa, os simples meios que

bastavam para produzir as mais singulares ilusões da imaginação. As mágicas paisagens que deleitavam Baptista Porta; a aparente mudança das estações com que Alberto Magno surpreendeu o Conde de Holanda; e até aquelas terríveis visões de espíritos e imagens com que os necromantes de Heracléa alarmaram a consciência do conquistador de Platéa[5] , — tudo isto Mejnour mostrou ao discípulo, assim como o fazem os homens que, com a lanterna mágica e a fantasmagórica, encantam medrosas crianças, na véspera no Natal.

— E agora, que você viu, ria-se da magia! Se estes brinquedos, estes enganos, divertimentos e frivolidades da ciência eram aquelas coisas tão terríveis que os homens olhavam com repugnância, e que os reis e os inquisidores premiavam com a roda ou com a estaca!

— Porém, a transmutação de metais, de que falam os alquimistas? — perguntou Glyndon.

— A Natureza mesma — respondeu Mejnour — é um laboratório, onde os metais, e todos os elementos estão continuamente em transmutação. É fácil fazer ouro, e mais fácil ainda, e mais cômodo e mais barato, é fazer-se pérolas, diamantes e rubis. Oh, sim! Homens sábios consideraram também isto como feitiçaria; mas não acharam nada de feitiçaria no descobrir que, pelas mais simples combinações de coisas de uso quotidiano, poderiam criar um demônio que arrebatasse a milhares as vidas de seus semelhantes, por meio de um fogo consumidor. Descubra coisas que destruam a vida, e será um grande homem! Acha, porém, um meio de prolongar a vida, e chamar-lhe-ão impostor! Invente alguma máquina que torne mais ricos os ricos e que aumente a pobreza dos pobres, e a sociedade levantará para si um monumento!

Descubra algum mistério na arte, que faça desaparecer as desigualdades físicas, e morrerá apedrejado!

Ah! Ah! Meu discípulo, este é o mundo pelo qual Zanoni ainda se interessa! Você, porém, e eu, deixaremos este mundo entregue a si mesmo. E agora, que presenciou alguns dos efeitos da ciência, comece a aprender a sua gramática.

Mejnour pôs, em seguida, diante do seu discípulo certos trabalhos, nos quais empregou este o resto da noite.

CAPÍTULO V

"Great travel hath the gentle Calidore And toyle endured...
There on a day, He chaunst to spy a sort of shepheard groomes,
Playng on pipes and caroling apace. ...
He, there, besyde Saw a falre damzell".
Spenser, "Faerie Queene", canto IX

"O gentil Calidoro fez uma grande jornada e passou trabalhos...
Um dia conseguiu espiar algumas jovens pastoras, que tocavam flautas e cantavam alegremente... E viu também uma linda donzela".

Por muito tempo, esteve o discípulo de Mejnour absorvido por um trabalho que requeria a mais vigilante atenção e um cálculo sutil e minucioso. Resultados surpreendentes e variados premiavam o seu trabalho e estimulavam o seu interesse. Os seus estudos não se limitavam a descobrimentos químicos, — nos quais (é-me permitido dizê-lo) as maiores maravilhas concernentes à organização da vida física pareciam dimanar de experiências feitas sobre a vivificante influência do calor. Mejnour afirmava que achava um elo entre todos os seres pensantes, na existência de um certo fluido invisível e onipenetrante, que se assemelhava à eletricidade, mas era diferente das operações conhecidas deste misterioso agente, um fluído que ligava um pensamento ao outro, com a rapidez e precisão do moderno telegrafo, e a influência deste fluido, segundo Mejnour, estendia-se ao mais remoto passado, isto é, a todos os tempos e todos os lugares, quando e onde o homem tinha pensado. Se, pois, esta doutrina era verdadeira, todo o saber humano se tornava atingível

por meio de um "médium" (isto é, um objetivo intermediário), estabelecido entre o cérebro de um pesquisador individual e as mais longínquas e obscuras regiões no universo das ideias. Glyndon admirou-se de ver que Mejnour era adepto dos abstrusos mistérios, que os pitagóricos atribuíam à oculta ciência dos números.

Porém, o jovem observava que Mejnour reservava para si o segredo das experiências que o admirado discípulo, guiado por ele, executara, assim como o último e breve processo aplicado em cada uma destas experiências ficava incompreensíveis para Glyndon; e, quando este fez ao místico esta observação, recebeu uma resposta mais dura do que satisfatória.

— Pensa — disse Mejnour — que eu entregaria a um mero discípulo, cujas qualidades não estão ainda provadas, poderes que transformariam a face do mundo social? Os últimos segredos se confiam somente àqueles de cuja virtude o Mestre está convencido. Paciência! O trabalho é o grande purificador da mente; e os segredos se revelarão, pouco a pouco, por si mesmos, à sua mente, à medida que ela for se tornando mais apta para recebê-los.

Por fim, Mejnour declarou ao seu discípulo que estava satisfeito com o adiantamento deste.

— Aproxima-se, agora, a hora — disse-lhe — em que poderá transpor a grande, porém aérea barreira, e em que poderá enfrentar o terrível Guarda do Umbral. Continua trabalhando, continua dominando a sua impaciência para saber os resultados, até que possa sondar as causas. Vou ausentar-me por um mês; se, ao meu regresso, eu achar executadas todas as tarefas deixadas ao seu cuidado, e se a sua mente estiver preparada, pela contemplação e pensamentos sérios, para a grande prova, prometo-lhe que esta prova começará, então, imediatamente. Somente tenho que adverti-lo de uma coisa:

Não se esqueça que deixo como uma ordem peremptória a proibição de entrar neste quarto!

Encontravam-se, naquela ocasião, no quarto onde haviam feito as principais experiências, e onde Glyndon estivera perto de perecer como vítima de sua intrusão, na noite em que tinha procurado a solidão do místico.

— Não entre neste quarto durante o tempo de minha ausência, — continuou o místico; — se, porém, no caso de ter que buscar materiais indispensáveis para os seus trabalhos, se aventurar a chegar aqui, não acenda a nafta naqueles vasos e nem abra os frascos naquelas prateleiras. Deixarei a chave do quarto em seu poder para provar a sua abstinência e o seu domínio sobre si próprio. Jovem, resistir a essa tentação é uma parte da grande prova pela qual deverá passar.

Ao dizer isto, Mejnour entregou a chave a Glyndon e, ao pôr do sol, ausentou-se do castelo.

Por espaço de alguns dias, continuou Glyndon imerso em trabalhos que absorviam todas as suas faculdades intelectuais. Até os mais parciais sucessos desses trabalhos dependiam de tal maneira da abstração dos pensamentos e das minúcias dos seus cálculos, que quase não restava tempo para pensar em outra coisa. E, sem dúvida, Mejnour quis deixá-lo entretido numa multidão de tarefas que exigisse constantemente toda a sua força intelectual, apesar se parecer não terem conexão com os fins que visava; assim, por exemplo, o estudo elementar da matemática não é tão proveitoso na solução de problemas, que quase nunca nos servem, depois, em nossa profissão, mas é útil para exercitar o intelecto na compreensão e análise das verdades gerais.

Porém, ainda não havia passado a metade do tempo que Mejnour determinara para a sua ausência, quando Glyndon tinha

terminado todos os trabalhos, ordenados pelo místico; e então a sua mente, livre do labor e do mecanismo da ocupação, entregou-se outra vez a obscuras conjeturas e incansáveis fantasias. O seu caráter temerário e indagador sentiu-se excitado pela proibição dada por Mejnour; e, quase sem adverti-lo, examinava muitas vezes, com uma confusa e audaz curiosidade, a chave do quarto proibido. Glyndon começou a sentir-se indignado ao pensar que se submetia a uma prova de constância, que lhe parecia frívola e pueril. Que contos infantis de Barba Azul o seu aposento secreto reviviam para atemorizá-lo e terrificá-lo! Como era possível que as paredes de um quarto, onde tantas vezes estivera tranquilamente ocupado com seus estudos, se convertessem, de repente, em um temível perigo? Se era assombrado esse quarto, não podia o assombro ser outra coisa mais do que alguma dessas fictícias visões que Mejnour mesmo lhe ensinara a desprezar: um leão fantástico, um espectro químico! Ora!

Quase perdia a metade do temor que lhe inspirara Mejnour, quando pensava que o sábio agiria com semelhantes artifícios sobre o mesmo intelecto que havia despertado e instruído!

Contudo, Glyndon resistiu ainda esta vez aos impulsos da sua curiosidade e do seu orgulho e, para fugir a novas tentações, adotou o sistema de dar prolongados passeios pelas montanhas circunvizinhas ou pelos vales que rodeavam o castelo, a fim de impor, por meio da fadiga do corpo, o repouso à mente inquieta.

Um dia, ao sair de um sombrio desfiladeiro, topou, repentinamente, com uma dessas festas rurais e alegres, próprias do povo italiano, nas quais parece que se vê reviver os tempos clássicos. Era uma festa meio campestre, meio religiosa. Reunida nos arredores de um povoado, uma animada multidão, que acabava de chegar de uma procissão realizada numa capela pouco distante, formava agora vários grupos: os velhos provavam as uvas, e os jovens cantavam e

dançavam; e todos estavam alegres, retratando-se a felicidade em todos os semblantes. Este inesperado quadro de folgada alegria e de plácida ignorância, que tanto contrastavam com os intensos estudos e com a ardente sede de saber que, desde tanto tempo, predominavam em sua vida, afetou sensivelmente o inglês e, enquanto contemplava aquela gente de alguma distância, o discípulo de Mejnour sentiu que era jovem. A recordação de tudo o que se decidira a sacrificar, começou a falar-lhe com a voz cruel do remorso. As ligeiras formas das mulheres em seu pitoresco traje e o seu riso feliz, vibrando pelo fresco ar de um claro meio-dia de outono, despertaram no seu coração, ou antes, representaram aos seus sentidos as imagens dos tempos passados, daquelas doces horas de amor em que viver era gozar.

Glyndon foi aproximandose, pouco a pouco, cada vez mais desses grupos e, de repente, se viu rodeado de gente; e o Mestre Paolo, tocando-lhe familiarmente o ombro, exclamou, com voz afetuosa:

— Seja bem vindo, Excelência! Alegramo-nos muito de vê-lo entre nós.

Glyndon ia responder a esta saudação, quando os seus olhos se fixaram numa jovem, que se apoiava ao braço de Paolo, e cuja beleza era tão atrativa, que o inglês sentiu o sangue afluir-lhe ao rosto e o coração bater com veemência. Os olhos da moça brilhavam com alegria travessa e petulante, e os rosados lábios, emoldurando o mais adorável dos sorrisos, formavam um belo contraste com a brancura dos seus dentes, semelhantes a duas filas de pérolas. Como se impacientasse o estar longe dos folguedos, o seu pequenino pé batia, no solo, o compasso de uma canção ora murmurada, ora cantada. Paolo riu-se ao ver o efeito que a rapariga produzira no jovem estrangeiro.

— Não dança, Excelência? — perguntou-lhe. — Venha, deixe por alguns momentos a sua grandeza, e divirta-se como nós, os pobres diabos. Olhe como a bela Filida suspira por um companheiro.

Compadeça-se dela.

Filida amuou-se ao ouvir isso, e separando-se do braço de Paolo, se foi, porém, não sem que, por sobre o ombro, dirigisse ao jovem um olhar, meio amável, meio zombeteiro. Glyndon, quase involuntariamente, dirigiu-se à moça e começou a falar-lhe.

Sim, pôs-se a conversar com a jovem! Filida baixou os olhos e sorriu. Paolo os deixou a sós, afastando-se com um sorriso velhaco. A rapariga fala agora e olha o estudante com expressão convidativa.

Glyndon meneia a cabeça; Filida ri, e o seu riso é argentino. Ela aponta com o dedo um divertido camponês que se aproxima. Por que Glyndon se sente com zelos? Porque ele, quando a moça torna a falar-lhe, não torna a menear a cabeça? Ele estende a mão a Filida, e esta aceita, com sedutor galanteio.

Mas. . . que é isto? Será possível? Já penetraram no tumultuoso círculo dos bailarinos. Ah! ah! Não é isto melhor do que destilar ervas e fatigar os miolos com os números pitagóricos? Com que ligeireza salta Filida! Como a sua flexível cintura desliza-se por entre os braços do jovem! Tara-rá-tarará, tarará, tatará-rá! Que diabo tem esse compasso que faz correr o sangue pelas veias com mais viveza do que o azougue? Tem-se já visto dois olhos mais sedutores do que os de Filida? Ali não há nada de estrelas frias! Como esses olhos brilham e sorriem! E essa rosada e linda boca, que responde tão avaramente as suas lisonjas, como se palavras fossem uma perda de tempo, e os beijos a sua verdadeira linguagem! Ó discípulo de Mejnour! Ó você que queria ser Rosacruciano, Platônico, Mago e não sei o que mais!

Envergonho-me, vendo-o assim! Pelos nomes de Averróes,

Burri, Agrippa e Hermes, que é feito das suas austeras contemplações? Foi para isto que renunciou a Viola? Parece-me que não lhe sobrou nem a mínima recordação do elixir, nem da Cabala. Cuidado! Que está fazendo, senhor? Por que aperta com tanta veemência essa linda mão que segura na sua? Por que? Tararará, tarâ-tará-rará-rá, tararará, ta-ra-a-rá. Afaste os seus olhos desse delgado talhe e desse espartilho carmezim! Tará-rará-rá! Lá estão eles outra vez dançando! E agora foram descansar debaixo das frondosas árvores. O tumulto da festa chega apenas aos ouvidos de Glyndon e Filida. Eles ouvem — ou não ouvem — as gargalhadas que soam ao longe! veem — ou, se olhassem em torno de si, veriam — os pares que cruzam, um atrás do outro, falando de amor e olhando-se amorosamente. Mas eu apostaria que, sentados como estão debaixo da árvore, ainda quando o sol já se estivesse escondido por trás das montanhas, eles não veriam nem ouviriam mais do que a si mesmos.

— Olá, Excelência! Agrada-lhe a sua companheira? Venha aproveitar a nossa festa, preguiçosos; dança-se com mais alegria depois de ter-se tomado vinho.

O sol se põe no Ocidente; aparece a lua outonal. Tará, tará, rarará, rarará, tararâ-rá! Novamente estão dançando; aquilo é uma dança ou é um movimento ainda mais alegre, mais tumultuoso, mais fogoso?

Como brilham essas formas esvoaçantes através das sombras da noite! Que confusão! Ah! Agora dançam a “tarantela”! Veja como os pés do mestre Paolo pisam o chão! Diabo, que fúria! A “tarantela” prendeu a todos. Dançar ou morrer; é um delírio! Os Coribantes, as Menadas, os... Oh! Olá! Mais vinho!

O Sabat das bruxas de Benevento é uma brincadeira, em comparação com esta festa!

A lua passa de nuvem a nuvem, ora luzindo, ora ocultando-se, velando com sua obscuridade o rubor da donzela, e alumiando o seu semblante quando sorri.

— Filida, é uma encantadora mulher!

— Boa noite, Excelência; até outra vista!

— Ah, jovem! — disse um ancião, um octogenário de rosto magro e olhos cavados e que se apoiava sobre um bordão, aproveite bem a sua juventude! Também eu, nos meus anos de moço, tive uma Filida!

Naquele tempo, eu era ainda mais jovem do que você! Ai! Se pudéssemos ser sempre moços!

— Sempre moços! — murmurou Glyndon, sobressaltado.

E, ao apartar a sua vista do lindo e rosado semblante da rapariga, viu os olhos ramelados, a pálida e enrugada pele e o corpo trêmulo do ancião.

— Ah! Ah! — exclamou o velho, coxeando em direção a Glyndon, e com um riso malicioso. — Eu também fui jovem!...

Dê-me um "baioco" para um copo de aguardente!

Tarâ, rará, ra-rará, tará; rará-rá! Ali dança a Juventude! Velhice envolva-se em seus andrajos, e vá!

CAPÍTULO VI

"Whilest Calidore does follow that faire mayd, Unmindfuld of his vow and hlgh beheast Which by the Faerie Queene was on him layd".

Spenser, "Faerie Queene", canto X, estr. I.

"Entrementes, Calidoro segue aquela linda jovem, descuidado do seu voto e do alto preceito que lhe dera a Rainha das Fadas".

A pálida e indistinta claridade da alvorada ia já vencendo em sua luta com reinado da noite, quando Clarêncio entrava novamente no seu quarto. O primeiro objeto em que se fixou a sua vista, foram aqueles abstrusos cálculos em que trabalhara nos dias anteriores, e que estavam sobre a mesa; ao olhá-los, sentiu que se apoderava dele uma emoção, composta de fadiga e desgosto. Porém... Ah! Se pudéssemos ser sempre jovens! Oh! Horrível espectro do ancião com os olhos ramelosos! Que aparição mais feia e mais abominável do que esta pode ocultar-se no quarto místico? Oh, sim! Se pudéssemos ser sempre jovens! Mas (pense agora o neófito) não para trabalhar sempre com essas figuras carrancudas e nessas frias composições de ervas e drogas. Não; porém para gozar, amar divertir-se! Quem é o companheiro de juventude, senão o prazer? E o dom da eterna juventude pode ser meu nesta hora mesma! Que significa a proibição de Mejnour? Não é do mesmo gênero que a sua pouco generosa reserva nos mais insignificantes segredos da química ou nos números da sua Cabala? Obrigar-me a executar todos os trabalhos, e não querendo deixar-me conhecer os resultados que coroam o labor!

Não duvido que, ao seu regresso, ele me mostrará que o grande mistério pode ser atingido; mas ainda não permitirá que eu o atinja. Não parece senão que o seu desejo é fazer da minha juventude a escrava da sua velhice; ele quer, talvez, tornar-me dependente unicamente dele; pretenderá condenar-me ao trabalho de um jornaleiro, excitando perpetuamente a minha curiosidade, e mostrando-me os frutos que põe sempre fora do alcance dos meus lábios?

Estas e outras reflexões ainda mais aflitas preocupavam a mente de Glyndon, perturbando e irritando-o.

Excitado e exaltado pelo vinho e pela recordação da tumultuosa festa a que acabava de assistir, não pôde conciliar o sono. A imagem daquela repugnante Velhice que o Tempo, se o seu poder não for desbaratado, havia de trazer-lhe infalivelmente, avivava o ardor do seu desejo de possuir sempre a deslumbrante e eterna juventude que atribuía a Zanoni. A proibição de Mejnour só servia para encher de desconfiança o seu espírito.

A risonha luz do dia, entrando alegremente pelas janelas do seu quarto, dissipou da sua mente todos os temores e as superstições que pertencem à noite. O quarto místico não apresentava à sua imaginação nada em que diferisse de qualquer outra peça do castelo. Que abominável ou maligna aparição poderia fazer-lhe mal, no meio da brilhante luz daquele dia abençoado?

Na natureza de Glyndon havia uma contradição particular e, sobretudo, muito infeliz, que, enquanto os seus raciocínios o levavam à dúvida, a dúvida o tornava, em sua conduta moral, irresoluto e inconsciente, a sua valentia física raiava em temeridade. Isto, aliás, nada tem de estranho; pois o cepticismo e a presunção muitas vezes são gêmeos. Quando um homem deste caráter determina realizar um projeto, nunca o detém o medo pessoal; e,

quanto ao medo moral, qualquer sofisma é suficiente para servir à sua vontade. Quase sem analisar os processos mentais por que os seus nervos se alentavam e as suas pernas se moviam, o jovem atravessou o corredor, dirigiu-se ao quarto de Mejnour e abriu a porta proibida.

Tudo ali estava da mesma forma como de costume; apenas, sobre a mesa no centro do quarto, via-se aberto um volumoso livro. Glyndon aproximou-se dele e olhou os caracteres que a página lhe oferecia; eram escritos em cifras, cujo estudo fizera uma parte de seus trabalhos. Sem que lhe custasse grande dificuldade, pareceu-lhe que podia interpretar o significado das primeiras sentenças onde lia:

"Sorver a vida interna é, ver a vida externa; viver desafiando o tempo é viver no todo. Quem descobre o elixir, descobre o que há no espaço, pois o espírito que vivifica o corpo, fortalece os sentidos. Há atração no princípio elemental da luz. Nas lâmpadas dos Rosas-Cruzes, o fogo é o puro princípio elemental.

Acenda as lâmpadas enquanto abre o vaso que contém o elixir, e a luz atrairá os seres cuja vida é aquela luz. Guarde-se do Medo. O Medo é o inimigo mortal da ciência".

Aqui as cifras mudaram de caráter e tornaram-se incompreensíveis para Glyndon. Porém, não havia lido já bastante? Não seria suficiente a última sentença? — "Guarde-se do Medo!" Parecia como se Mejnour houvesse deixado de propósito aquela página aberta, quem sabe se a grande prova devia começar fazendo o contrário do que se lhe recomendara? Talvez o místico quisesse pôr à prova a coragem do discípulo, afetando proibir-lhe o que queria que fizesse? O Medo, e não a Audácia, era o inimigo da ciência. Glyndon dirigiu-se às prateleiras onde estavam colocados os vasos de cristal; com mão firme destapou um deles, e subitamente um perfume delicioso inundou todo o quarto. O ar brilhava como se

estivesse cheio de pó de diamante. Um sentimento de delícia supra terrestre, de uma existência que parecia toda espiritual, difundiu-se por todo o corpo do jovem; e uma débil, porém suave e esquisita música parecia penetrar dentro do quarto. Neste instante, ouviu Glyndon uma voz no corredor, a qual pronunciava o seu nome; e, em seguida, alguém bateu à porta exterior.

— Está aí, senhor? — disse a sonora voz do Mestre Paolo.

Glyndon tapou imediatamente o frasco, recolocou-o na prateleira, dizendo a Paolo que o aguardasse no seu quarto; conservou-se quieto até que ouviu afastar-se o intruso; então, não sem relutância, saiu do aposento. Ao fechar a porta, ainda ouviu o som melodioso daquela música aérea. Com passo ligeiro e com o coração cheio de alegria, foi encontrar Mestre Paolo, resolvido a tornar novamente àquele quarto, a uma hora em que ninguém o visse interromper.

Quando Glyndon passou pelo umbral do seu quarto, Paolo exclamou, estupefato:

— Que é isso, Excelência? Quase não vos reconheço. Vejo que o divertimento aumenta a beleza da juventude. Ontem estava tão pálido e magro; mas vejo, agora, que os alegres olhos de Filida fizeram mais do que a Pedra Filosofal (os santos me perdoem o nomeá-lo!) tem feito para os feiticeiros.

Glyndon, olhando-se no velho espelho veneziano, enquanto Paolo falava, não ficou menos surpreendido do que este ao ver a mudança que se notava no seu semblante e em toda a sua figura. O seu corpo, anteriormente um tanto curvado sob o peso dos pensamentos, pareceu-lhe haver crescido um pouco, tão flexível e ereto era agora. Os seus olhos brilhavam; as faces, agora rosadas, respiravam saúde e, ao mesmo tempo, revelavam o contentamento e prazer de sua alma. Se a mera fragrância do elixir tinha tanto poder

razão de sobra tinham os alquimistas quando atribuíam vida e juventude ao seu uso em forma liquida!

— Perdoe-me, Excelência, por ter vindo interrompê-lo, — disse Mestre Paolo, tirando uma carta da algibeira. — Mas o nosso patrão me escreveu para que lhe dissesse que ele regressaria amanhã, e encarregou-me que não perdesse um momento em entregar-lhe este bilhete, que veio incluso na carta a mim dirigida.

— Quem trouxe a carta?

— Um homem a cavalo, o qual se foi, sem aguardar resposta.

Glyndon abriu o bilhete e leu o seguinte:

"Volto uma semana antes do que tencionara e chegarei amanhã. Entrarás, então, na grande prova pela qual deseja passar; porém não se esqueça de que, para isso, deve reduzir, o quanto for possível, o seu Ser à Mente. Há de mortificar e dominar os sentidos, para não ouvir nem o murmúrio de uma paixão. Sê mestre na ciência da Cabala e da química; porém, há de ser também mestre na dominação sobre a Carne e o Sangue, sobre o Amor e a Vaidade, sobre a Ambição e o Ódio. Espero encontrá-lo nesta disposição.

Jejua e medita, até que tornemos a ver-nos!"

Glyndon amarrotou o bilhete, com sorriso desdenhoso.

Como? Mais torturas! Mais abstinência?! Juventude sem amor e sem prazer! Ah! Ah! Pobre Mejnour, o seu discípulo penetrará os seus segredos, sem precisar de sua ajuda!

— E Filida? — perguntou Paolo. — Passei por seu rancho, quando vinha para cá; ela corou e suspirou, quando, gracejando, pronunciei o seu nome, Excelência.

— Bem, Paolo, — respondeu o jovem. — Agradeço-lhe por me haver feito conhecer uma tão encantadora moça. A sua vida deve ser muito extraordinária.

— Ah, Excelência! Enquanto somos jovens, todos gostamos de

aventuras, e principalmente de vinho, amor e riso!

— Diz uma grande verdade. Adeus, Mestre Paolo; dentro de alguns dias, falaremos mais demoradamente.

Toda aquela manhã estava Glyndon dominado pelo novo sentimento de felicidade que se havia despertado em sua alma. Não fazia mais do que vagar pelos bosques, e experimentava um prazer comparável somente com o que havia sentido nos primeiros anos de sua vida de artista; porém, este prazer era mais sutil e mais vivido, sob as variadas cores da folhagem do outono. Parecia que a Natureza se aproximava mais amorosamente do seu espírito; e ele compreendia melhor, agora, tudo o que Mejnour lhe havia dito a respeito do mistério das simpatias e atrações. Estava quase a ponto de entrar na mesma lei que aqueles silenciosos filhos e filhas dos bosques. Ia conhecer a "renovação da vida"; as estações que, depois do frio do inverno, traziam outra vez a flor e a alegria na primavera. A existência comum do homem é como um ano no mundo vegetal: tem sua primavera, seu verão, seu outono e seu inverno, porém somente uma vez. Entretanto, os gigantescos carvalhos que o rodeiam, passam por um circulo de séries de verdura e juventude, que vêm e vão, e o verdor da árvore centenária é tão vigoroso debaixo dos raios do sol de Maio, como o do renovo que está a seu lado. Ao observar isto, o aspirante exclamou entusiasmado:

— Hei de desfrutar desta primavera, sem nunca conhecer o inverno!

Extasiado em tão ardentes e alegres ilusões, Glyndon saindo do bosque, encontrou-se no meio de campos cultivados e vinhas, que até então não havia pisado ainda; e lá, à beira de uma verde alameda, que recordava as paisagens da Inglaterra, via-se uma casa, meio choupana, meio granja. A porta estava aberta, e o jovem reparou que havia, nessa casa, uma rapariga que fiava. A jovem

levantou a vista, deixou escapar um leve grito e, correndo alegremente pela alameda, veio ao encontro do inglês que reconheceu nela a bela Fílida.

— Silêncio! — disse a rapariga, pondo graciosamente o dedo sobre os lábios. — Não fale alto; minha mãe está dormindo lá dentro. Eu já sabia que vinhas me visitar. Como é bom!

Glyndon, embora estivesse um pouco embaraçado, aceitou o cumprimento, sentindo que não o merecia tanto, pois que a sua chegada fora puramente casual.

— Então disse ele, — pensou em mim, linda Filida?

— Sim, — respondeu a moça, corando, porém com essa franca e ousada ingenuidade que caracteriza as mulheres da Itália, e especialmente as da classe baixa e das províncias meridionais. — Oh! Sim, quase nem pensei em outra coisa! Paolo me disse que sabia que você vinha ver-me.

— Paolo é seu parente? — perguntou Glyndon.

— Não, mas é um bom amigo de todos nós. Meu irmão é do seu bando.

— Do seu bando?! — exclamou o inglês. — Seu irmão é... um bandido?

— Nós, os filhos das montanhas, senhor, não damos o nome de bandido a um montanhês.

— Perdoe; porém, não teme às vezes, pela vida do seu irmão?

— A lei...

— A lei não se atreve a penetrar nestes desfiladeiros. Temer por ele? Não. Meu pai e meu avô exercem a mesma profissão. Quantas vezes tenho desejado ser homem!

— Juro-lhe, por seus formosos lábios, que me alegro por não se ter realizado o seu desejo.

— Ora, senhor! E ama-me deveras? — perguntou a moça.

— Com todo o meu coração! — respondeu o inglês.

— Eu o amo também! — retrucou ela, com uma candura que parecia inocente, enquanto Glyndon lhe tomava a mão. — Porém, — prosseguiu, — você nos deixará em breve, e eu...

A jovem calou-se e algumas lágrimas apareceram nos seus olhos.

É preciso confessar que havia nisto algo de perigoso. Certamente, Filida não tinha a ingenuidade angelical de Viola; mas a sua beleza não era menos encantadora, ao menos para os sentidos. Glyndon, talvez, nunca houvesse amado deveras a Viola; talvez os sentimentos que ela lhe inspirava não foram daquele caráter ardente que merece o nome de amor. Fosse como fosse, o certo é que, ao contemplar os olhos negros de Filida, Glyndon acreditava não haver amado nunca como agora.

— E não poderia deixar estas montanhas? — murmurou o inglês, aconchegando ternamente a moça ao peito.

— Você me faz tal pergunta? — disse Filida, retrocedendo e fixando o olhar firmemente em sua face. — Sabe o que somos nós, as filhas das montanhas? Vocês, alegres e lisonjeiros cavalheiros das cidades, raras vezes sentem o que dizem. Para vocês, o amor é uma distração; para nós, é a vida. Deixar estas montanhas! Pois bem! Mas eu não poderia deixar o meu caráter.

— Guarde-o, e sempre, pois é tão gentil.

— Sim, gentil, enquanto me for fiel; porém terrível, quando deixar de o ser. Devo dizer-lhe o que eu sou, o que somos nós, as raparigas deste país? Filhas de homens a quem vocês chamam bandidos, aspiramos ser companheiras dos nossos amantes ou dos nossos maridos. Amamos apaixonadamente, e confessamo-la com audácia. Permaneceremos a seu lado nos momentos de perigo, nas horas de tranquilidade, os servimos como escravas; nós nunca

mudamos, porém ressentimo-nos, se vocês mudam em seu amor.

Podem ralhar-nos, bater-nos, pisar-nos como cães, e tudo suportaremos, sem murmurar; porém, se nos traem, somos mais implacáveis do que o tigre. Sejam-nos fiéis, e os nossos corações lhes premiarão; enganem-nos, e as nossas mãos saberão vingar-nos... Ama-me agora?

Enquanto a italiana assim falava, a sua fisionomia ia se animando, acompanhando eloquentemente as suas palavras, — ora ternas, ora ameaçadoras, mas sempre francas, — e, ao fazer a última pergunta, inclinou a cabeça humildemente e permaneceu silenciosa, diante de Glyndon, como se esperasse com medo a resposta. O caráter indômito, valente e varonil de Filida, embora impróprio para uma jovem de sua idade, não abateu, mas antes cativou o inglês, de modo que este respondeu imediatamente, e sem titubear:

— Sim, Filida!

Ah, sim! Certamente, Clarêncio Glyndon! Todo homem de caráter leviano responde facilmente; sim, quando uns lábios tão rosados lhe fazem semelhante pergunta. Tenha cuidado! Tenha cuidado! Por que diabos, Mejnour, deixou o seu discípulo com a idade de vinte e quatro anos, à mercê dessas feiticeiras da montanha? Prega jejuns e abstinência, e recomenda ao seu neófito que renuncie aos enganos dos sentidos! Isto é fácil para si, senhor, que tem a idade, Deus sabe de quantos séculos; porém, se aos seus vinte e quatro anos o seu Hierofante lhe tivesse deixado no caminho de Filida, haveria tido, penso eu, muito pouco gosto de estudar a Cabala!

Os dois jovens permaneceram juntos durante tempo, conversando e fazendo-se mútuos juramentos, até que a mãe da rapariga a chamou; então Filida, pondo outra vez o dedo nos lábios, voltou rapidamente à sua roca.

— Há mais magia em Filida do que em Mejnour, — dizia Glyndon, consigo mesmo, regressando alegremente à sua morada; — não obstante, quando reflito, não sei se me convém um caráter tão disposto à vingança. Porém, quem possui o verdadeiro segredo, há de poder livrar-se também da vingança de uma mulher e evitar todo perigo!

Velhaco! Já medita na possibilidade da traição! Ah! Razão tinha Zanoni em dizer que "quem deita água limpa num copo enlameado, não faz mais do que agitar a lama".

CAPÍTULO VII

"Cernis, custodia qualis Vestibulo sedeat? quae limina servet?"
AEneid, lib. VI, 574.

"Vês que guarda está sentado no vestíbulo?
Que face vigia o umbral?"

Noite profunda. Tudo no velho castelo repousa, — um silêncio sepulcral reina sob as melancólicas estrelas. É o tempo propício. Mejnour, com sua sabedoria austera; Mejnour, o inimigo do amor; Mejnour, cujos olhos lerão no seu coração e lhe negará os segredos prometidos, porque o belo semblante de Filida perturba essa existência, Mejnour virá amanhã! Aproveite esta noite! Não tenha medo! Agora ou nunca! Assim intrépido jovem — intrépido, a despeito de todos os teus erros, — assim, com pulso firme, a sua mão abre outra vez a porta vedada.

Glyndon colocou a sua lâmpada ao lado do livro, que ainda estava ali aberto; virou uma folha e outras, porém sem poder decifrar o seu significado, até que chegou ao trecho seguinte:

"Quando, pois, o discípulo está desta maneira iniciado e preparado, deve abrir a janela, acender as lâmpadas e umedecer as suas fontes com o elixir. Mas que tenha o cuidado de não se atrever a tomar muita coisa do volátil e fogoso espírito. Prová-lo, antes que, por meio de repetidas inalações, o corpo se haja acostumado gradualmente ao extático liquido, é buscar, não a vida, mas sim a morte".

Glyndon não pôde penetrar mais adiante nas instruções; pois

aqui as cifras novamente estavam mudadas. O jovem pôs-se a olhar fixa e seriamente ao redor de si, dentro do quarto. Os raios da lua entraram silenciosamente através da cortina, quando a sua mão abriu a janela, e assim que a sua misteriosa luz se fixou ns paredes e no solo da habitação, parecia como se tivesse entrado nela um poderoso e melancólico espírito. Depois, preparou as nove lâmpadas místicas em torno do centro do quarto, e acendeu-as, uma por uma. De cada uma delas brotou uma chama de azul prateado, espalhando no aposento um resplendor tranquilo, porém ao mesmo tempo deslumbrante. Esta luz foi-se tornando, pouco a pouco, mais suave e pálida, enquanto uma espécie de fina nuvem parda, semelhante a uma névoa, se esparzia gradualmente pelo quarto; e subitamente um frio agudo e penetrante invadiu o coração do inglês e estendeu-se por todo o seu corpo, como o frio da morte. O jovem, conhecendo instintivamente o perigo que corria, quis andar, porém achou nisso grande dificuldade, porque as suas pernas se haviam tornado rígidas como se fossem de pedra; contudo, pôde chegar à prateleira onde estavam os vasos de cristal. Apressadamente inalou um pouco do maravilhoso espírito, e lavou as suas fontes com o cintilante líquido. Então, a mesma sensação de vigor, juventude, alegria e leveza aérea que havia sentido pela manhã substituíram instantaneamente o entorpecimento mortal que um momento antes lhe invadira o organismo, pondo em perigo a sua vida. Glyndon cruzou os braços e, impávido, esperou o que sucederia.

O vapor havia, agora, assumido quase a densidade e a aparente consciência de uma nuvem de neve, por entre a qual as lâmpadas luziam como estrelas. O inglês via distintamente algumas sombras que, assemelhando-se, em seu exterior, às formas humanas, moviam-se, devagar e com regulares evoluções, através da nuvem. Estas sombras eram corpos transparentes, evidentemente sem sangue e

contraiam e dilatavam-se como as dobras de uma serpente. Enquanto se moviam vagarosamente, o jovem ouvia um som débil e baixo, como se fosse o espetro de uma voz, que cada uma daquelas formas apanhava de outras e a outras transmitia, como num eco; um som baixo, porém musical, e que se assemelhava ao canto de uma inexprimível e tranquila alegria. Nenhuma dessas aparições reparava nele. O veemente desejo que ele sentia, de aproximar-se delas, de ser um do seu número, de executar um daqueles movimentos de aérea felicidade, — pois assim lhe parecia que havia de ser a sensação que as acompanhava, — fez com que estendesse os seus braços, esforçando-se por chamar, com uma exclamação, a atenção desses seres; porém somente um murmúrio inarticulado saiu dos seus lábios; e o movimento e a música seguiam, como se não houvesse ali nenhum ser mortal. Aqueles seres etéreos, semelhantes a sombras, deslizavam tranquilamente pelo quarto, girando e voando, até que, na mesma majestosa ordem, um atrás do outro, saiam pela janela e se perdiam na luz da lua; depois, enquanto os olhos de Glyndon os seguiam, a janela se obscureceu com algum objeto, a princípio indistinto, porém que, por um mistério, foi suficiente para mudar, por si só, em inefável horror o prazer que o jovem experimentara até então. Este objeto foi gradualmente tomando forma. Aos olhos do inglês, parecia ser uma cabeça humana, coberta com um véu preto, através do qual luziam, com brilho demoníaco, dois olhos que gelavam o sangue em suas veias. Nada mais se distinguia no rosto da aparição, senão aqueles olhos insuportáveis; porém, o terror, que o jovem sentia e que, a princípio, parecia irresistível, aumentou mil vezes ainda, quando, depois de uma pausa, o fantasma entrou devagar, no interior do quarto. A nuvem se retirava da aparição, à medida que esta se aproximava; as claras lâmpadas empalideciam e tremeluziam inquietas, como

tocadas pelo sopro do fantasma. O corpo, este se ocultava debaixo de um véu, como o rosto; porém, por sua forma, adivinhava-se que era uma mulher; não se movia como o fazem as aparições que imitam os vivos; mas parecia antes se arrastar como um enorme réptil; e, parando um pouco, curvou-se, por fim, ao lado da mesa, sobre a qual estava o místico volume, e fixou novamente os seus olhos, através do tênue véu, sobre o temerário invocador. O pincel mais fantástico e mais grotesco dos monges pintores medievais, ao retratar o demônio infernal, não teria sido capaz de dar-lhe o aspecto maligno tão horrível que se via nesses olhos aterrorizantes O corpo do fantasma era tão preto, impenetrável e indistinguível, que lembrava uma monstruosa larva. Porém, aquele olhar ardente, tão intenso, tão lívido e, não obstante, tão vivo, tinha em si algo que era quase humano em sua máxima expressão de ódio e escárnio, algo que revelava que a horripilante aparição não era um mero espírito, mas que tinha bastante matéria para, ao menos, apresentar-se mais terrível e ameaçadora, como inimiga dos seres humanos encarnados. Glyndon, estarrecido e apavorado, parecia querer agarrar-se à parede; os seus cabelos se eriçaram, os olhos pareciam querer saltar-lhe das órbitas e não se apartaram dos olhos coruscantes do fantasma. Por fim, este falou, com uma voz que antes falava à alma do que ao ouvido:

— Entrou na região imensurável. Eu sou o Espectro do Umbral. Que é o que quer de mim? Não responde?

Teme-me? Não sou eu a sua amada? Acaso não tem sacrificado por mim os prazeres de sua raça? Quer ser sábio? Eu possuo a sabedoria dos séculos inumeráveis. Venha, beije-me, ó meu querido mortal!

E enquanto o horroroso fantasma dizia estas palavras, arrastava-se cada vez mais para perto de Glyndon, até que veio pôr-se a seu

lado, o jovem sentiu em sua face o alento do espectro. Soltando um agudo grito, caiu, desmaiado, ao chão, e nada mais soube do que ali se passou, pois quando, ao meio-dia do dia seguinte, tornou a si e abriu os olhos, encontrou-se em sua cama. Os raios do sol brilhante entravam no seu quarto através das gelosias da sua janela e Mestre Paolo, junto ao seu leito, limpava a carabina e assobiava uma amorosa canção calabresa.

CAPÍTULO VIII

"O homem, pois, segue a senda dura, Não diminuindo esforços seus, até que lhe venha a ventura, Que cai do seio do alto Deus".
Schiller

Zanoni havia fixado a sua morada em uma dessas ilhas, cuja história a imperecível literatura e a fama de Atenas revestem ainda de melancólico interesse, e nas quais a Natureza, na qual "nada há de melancólico", ainda oferece vistas magníficas e um clima radiante para o homem, seja ele livre ou escravo, e seja iônio, veneziano, gaulês, turco ou um altivo inglês. Ali o ar circula impregnado de suaves aromas, que das planícies leva muitas milhas ao longo do azul e translúcido mar.

Vista de uma de suas verdes colinas, a ilha que Zanoni escolhera parecia um delicioso jardim. As torres e torrezinhas da sua capital brilhavam no meio de bosques de laranjeiras e limoeiros; vinhas e oliveiras enchiam os vales, e trepavam pelas ladeiras das pitorescas colinas; e quintas, granjas e cabanas estavam cobertas de viçosas latadas de folhas verde escuras e purpúreas frutas. A beleza, de que a Natureza ali se mostra tão pródiga, como que justifica aquelas graciosas superstições de uma crença, segundo a qual, demasiadamente enamoradas da terra, as divindades preferiam antes baixar a ela, para aqui fazerem companhia ao homem, do que elevar o homem ao seu menos fagueiro e menos voluptuoso Olímpo.

Ali o pescador se entrega ainda às suas danças antigas sobre a areia; a jovem adorna ainda com fios prateados as suas sedosas tranças debaixo da frondosa árvore que faz sombra à sua tranquila

cabana; e a mesma Grande Mãe que vigiou sobre o sábio de Salmos, sobre a democracia de Corcira e sobre a profunda e encantadora doutrina de Mileto, sorri agora tão graciosamente como naqueles remotos tempos. Para os países do Norte, a filosofia e a liberdade são indispensáveis à felicidade humana; na terra onde Afrodite surgiu das ondas para governar, quando as Estações, com as mãos dadas, se colocaram à beira do mar, para saudá-la , a Natureza é, em tudo, suficiente.**[**6**]**

A ilha, onde Zanoni fixara a sua residência, era uma das mais encantadoras naquele mar divino. A sua morada, um tanto distante da cidade, mas próxima de uma das enseadas do litoral, pertencia a um veneziano e, ainda que pequena, era de forma mais elegante do que as casas que costumam edificar os gregos. No mar, à sua vista, estava ancorado o navio de Zanoni. Os seus hindus, como dantes, faziam, com o máximo zelo e seriedade, o serviço doméstico. Não podia haver um sítio mais belo, nem um retiro mais solitário. Para o misterioso saber de Zanoni, e para a inocente ignorância de Viola, o bulício e a ostentação do mundo civilizado não tinham atração. Um céu amoroso e uma terra amável são companheiros suficientes à Sabedoria e à Ignorância, quando estas amam.

Ainda que, como já disse antes, nada de particular oferecessem as visíveis ocupações de Zanoni, que pudesse revelar nele um cultivador das ciências ocultas, os seus hábitos eram os de um homem que medita, rememora e reflete. Gostava muito de passear sozinho, principalmente ao amanhecer, ou de noite, à claridade da lua (e, sobretudo quando a lua se levantava e quando era cheia); e andava milhas e milhas pelo rico interior da ilha, colhendo ervas e flores, que guardava com zeloso cuidado. Às vezes, ao expirar a noite, Viola despertava, porque uma espécie de instinto a advertia que Zanoni não estava a seu lado e, estendendo os seus braços,

verificava que não se enganara. Cedo, porém, notou que ele guardava grande reserva sobre o que concernia aos seus hábitos secretos; e se, às vezes, algum negro presságio do coração, algum terror suspeito a assaltava, Viola não se atrevia a perguntar-lhe a significação de semelhantes coisas.

Porém, nem sempre passeava Zanoni sem companhia; também gostava de fazer excursões menos solitárias. Com frequência, quando o mar estava bem tranquilo, parecendo um calmo lago, e a estéril e melancólica costa de Cefalonia, que se avistava no lado oposto, contrastava com a risonha praia onde moravam, passeava Zanoni, acompanhado de Viola, cruzando devagar ao longo da costa, ou visitando as ilhas vizinhas. Todos os lugares do solo grego, "essa linda terra da fábula", pareciam-lhe familiares; e quando falava do passado e de suas esquisitas tradições, fazia-o de tal maneira que levava Viola a amar a raça que nos legara a poesia e a sabedoria que hoje possui o mundo.

À medida que Viola ia conhecendo Zanoni, sentia aprofundar-se a fascinação que esse homem misterioso, desde o primeiro dia, irradiara sobre ela. O amor que ele lhe professava era tão terno, tão vigilante e tinha aquele melhor e mais duradouro atributo, que parecia antes ser grato pela felicidade de poder cuidar dela, do que assoberbar-se com a dita que lhe proporcionava. As maneiras habituais deste homem singular, como todos os que tinham que tratar com ele, eram calmas, polidas e quase apáticas.

Nunca saia de seus lábios uma palavra colérica, nunca brilhava a ira em seus olhos.

Um dia ficou exposto a um grande perigo bastante comum naquele tempo e naquelas terras semi selvagens. Alguns piratas, que infestavam as costas vizinhas, haviam ouvido falar da chegada dos estrangeiros, e os marinheiros, que Zanoni empregara, haviam

espalhado notícias sobre a riqueza deste.

Uma noite, depois de ter-se retirado para descansar. Viola foi despertada por um leve ruído que se ouvia na parte inferior da casa. Zanoni não estava a seu lado; assim, se pôs a escutar, bastante alarmada.

Parecia-lhe ouvir um gemido. Viola levantou-se e dirigiu-se para a porta; tudo estava tranquilo. Um instante depois ouviu passos que se aproximavam lentamente, e Zanoni entrou, com sua calma habitual, sem que parecesse advertir o medo que sentia a sua esposa. No dia seguinte, foram encontrados três homens mortos no umbral da entrada principal, cuja porta havia sido forçada. Os vizinhos reconheceram neles três dos mais sanguinários e terríveis saqueadores daquelas costas, homens que haviam cometido inúmeras mortes, e que, até aquele dia, nunca haviam fracassado em seus projetos de rapina. A numerosas pisadas, que se notavam até à praia, indicavam que os cúmplices desses três malfeitores haviam fugido, de certo, ao verem mortos os seus chefes. Porém, quando o provedor veneziano, que era a autoridade da ilha, veio averiguar o fato, apurou que aqueles ladrões haviam encontrado a morte de uma forma misteriosa e inexplicável.

Zanoni não havia saído do gabinete onde, ordinariamente, se ocupava com estudos químicos. Nenhum dos seus criados havia sido interrompido no sono. Nos cadáveres não se notava o menor sinal de violência humana. Os bandidos morreram, sem se saber como. Desde aquele momento, a casa de Zanoni tornou-se sagrada.

As povoações vizinhas regozijaram-se ao saber que estavam livres de um flagelo, e olhavam Zanoni com grande respeito, considerando-o como pessoa especialmente protegida pela Divindade.

Com efeito, aqueles gregos de viva imaginação, tão facilmente

acessíveis a todas as impressões externas, admiradas da singular e majestosa beleza de um homem que conhecia o seu idioma como e fosse do país cuja voz os consolou muitas vezes em suas aflições, e cuja mão estava sempre aberta para socorrer aos necessitados, ainda muito tempo depois dele abandonar essas praias, conservaram a lembrança dele em gratas tradições e mostravam o alto plátano, debaixo do qual o tinham visto sentado muitas vezes, só e pensativo, nas horas quentes do meio-dia.

Zanoni, porém, tinha outras paragens, em que era mais difícil vê-lo do que à sombra do plátano. Naquela ilha existem os mananciais betuminosos, mencionados por Heródoto. Frequentemente, de noite, se não os homens, ao menos a Lua via o misterioso estrangeiro emergir dentre os mirtos e cistos que cobriam as colinas dos arredores do pântano que contém a inflamável matéria, cujos usos medicinais, aplicados aos nervos da vida orgânica, a ciência moderna talvez ainda não tenha estudado bastante. Mais vezes, ainda, passava Zanoni suas horas numa caverna situada na parte mais solitária da praia, onde as estalactites pareciam haver sido colocadas ali pela mão da arte, e a qual a superstição dos camponeses associa, em várias lendas antigas, como os numerosos e quase incessantes terremotos, a que a ilha está tão singularmente exposta.

Todas as excursões a estes sítios prediletos estavam ligadas ou subordinadas a um constante principal desejo, que se confirmava e aumentava cada dia que Zanoni passava na companhia humana de Viola.

A cena que Glyndon presenciara no seu "transe" era verdadeira e real. E poucos dias depois daquela noite Viola sentiu vagamente que uma influência, cuja natureza ela ignorava, lutava para interpor-se no meio da sua vida feliz. Visões indistintas e belas, como às que

tivera nos dias de sua infância, porém, mais constantes e impressionáveis, começaram a visitá-la, de dia e de noite, quando Zanoni se achava ausente, desvanecendo-se quando ele voltava à sua presença. Zanoni lhe fazia frequentes e minuciosas perguntas a respeito destas aparições; porém as respostas da esposa o deixavam, ao que parecia, pouco satisfeito e, às vezes, até perplexo.

— Não me fale — disse-lhe ele, um dia — dessas desconexas imagens, dessas evoluções de brilhantes figuras que dançam em coro, nem dessas deliciosas melodias que lhe parecem ser a música e a linguagem de esferas distantes; mas, diga-me: não tem visto uma figura mais distinta e mais bela do que as demais, que não fala, ou, se o faz, parece exprimir-se em sua própria língua, e dizer, em voz baixa, estranhos segredos e solenes conhecimentos?

— Não, — respondeu Viola; — tudo é confuso nestes sonhos, venham de dia ou de noite; e quando, ao ruído dos seus passos, volto a mim, a minha memória não guarda mais do que uma vaga impressão de felicidade. Quão diferente e quão frio, é isso, em comparação com o prazer que sinto quando, contemplando o sorriso dos seus lábios, ouço a sua voz que me diz: — "Eu a amo!"

— Porém, como é que visões menos formosas do que estas lhe pareciam tão fagueiras em outro tempo.

Como é que, então, excitavam as suas fantasias e enchiam o seu coração? Outrora desejou habitar uma terra semelhante à das fadas e agora parece que se contenta com a vida comum!

— Não lhe expliquei uma vez? É, acaso, uma vida comum, amar e viver ao lado daquele que se ama? Pois já estou na terra das fadas, pela qual eu tanto anelava! Não me fale de outra.

E assim os surpreendia a noite, na solitária praia; e Zanoni, afastado de seus projetos mais sublimes, pelo encanto do amor, e inclinando-se sobre o formoso semblante de Viola, esquecia que, no

harmonioso infinito que os rodeava, havia outros mundos além daquele coração humano.

CAPÍTULO IX

"Há um princípio da alma, superior a toda a natureza, por meio do qual somos capazes de elevar-nos acima da ordem e dos sistemas do mundo. Quando a alma subiu tanto que chegou junto a naturezas melhores do que é ela mesma, então é inteiramente separada das naturezas subordinadas, troca esta vida por outra e, escapando à ordem das coisas com que estava em relação, passa totalmente a outra ordem, que é mais alta".
Jamblico

— Adonai! Ó Adonai! Aparece! Aparece! Exclamou Zanoni.

E, na solitária caverna, de onde, em outro tempo, haviam saído os oráculos de um deus pagão, emergiu, das sombras das fantásticas rochas, uma luminosa e gigantesca coluna de vapor, radiante e variada.

Assemelhava-se à resplandecente e, ao mesmo tempo, nebulosa espuma que, vista de longe, uma fonte parece enviar ao estrelado firmamento. Aquela luz, iluminando as estalactites, as rochas e os arcos da caverna, espalhava um pálido e trêmulo esplendor sobre as feições de Zanoni.

— Filho da Luz Eterna, — disse o invocador, — tu, cuja sabedoria, grau após grau, raça após raça, por fim pude alcançar, nas vastas planícies da Caldeia; tu, de quem sorvi tão copiosamente o inexprimível saber que só a eternidade mesma pode exaurir, tu, que sendo congenial comigo, quanto a diferença dos nossos recíprocos seres permitem, por muitos séculos foste meu amigo familiar, responde-me e aconselha-me!

Apenas Zanoni acabou de pronunciar estas palavras, emergiu da coluna uma figura maravilhosamente bela, o seu semblante era

como o de um homem em sua juventude, mas era grave, revelando a consciência da sua imortalidade e a tranquilidade da sua sabedoria; uma luz, semelhante aos raios de estrelas, corria em suas transparentes veias; de luz eram os seus membros, e a luz corria, em contínuas faíscas, pelas ondas do seu brilhante cabelo.

Com os braços cruzados sobre o peito, a luminosa aparição parou em frente de Zanoni, separada dele apenas alguns pés, e a sua harmoniosa voz murmurou brandamente:

— Meus conselhos te eram muito agradáveis em outro tempo, quando, cada noite, a tua alma seguia as minhas asas através dos imperturbáveis esplendores do Infinito. Agora te achas ligado à terra pelos seus mais fortes laços e a atração da matéria terrena é mais poderosa do que as simpatias que atraiam a teus encantos o Habitante do Ar e dos Astros. A última vez que a tua alma me escutava, entre o oceano e o firmamento os teus sentidos já turvavam o teu intelecto e obscureciam a tua visão. Venho a ti mais uma vez, agora; porém o teu poder de trazer-me a teu lado já vai desvanecendo-se do teu espírito, como o sol perde a força de iluminar as ondas, quando os ventos interpõem uma nuvem entre o oceano e o firmamento.

— Ah! Adonai! — respondeu o vidente, com tristeza. — Eu conheço demasiado bem as condições, que é absolutamente necessário observar, quando se quer gozar a felicidade de tua presença. Sei que a nossa sabedoria dimana só da indiferença pelas coisas do mundo, às quais se sobrepõe a ciência. O espelho da alma não pode refletir, a um mesmo tempo, o céu e a terra; um destes desaparece da sua superfície, quando o outro nela se retrata. Porém, não é para elevar-me novamente àquela sublime abstração, onde o intelecto, livre e sem o peso do corpo, sobe, de região em região, às esferas; que eu, mais esta vez, e isto com a angústia e trabalho de um

poder debilitado, te chamei para me ajudares. Amo; e este amor faz com que eu comece a viver na doce humanidade de outra pessoa. Tenho ainda o conhecimento e o poder para desviar qualquer perigo que ameace a mim mesmo, ou às pessoas a quem posso olhar da calma altura aonde me eleva a contemplação indiferente; mas sou cego, como o mais humilde mortal, para penetrar os destinos da criatura que faz palpitar o meu coração com paixões que obscurecem a minha vista.

— Que importa! — respondeu Adonai. — O teu amor não pode ser mais do que uma ilusão; pois tu não podes amar como aqueles a quem aguarda a morte e o túmulo. Dentro de um tempo muito breve, que é como um dia em tua incalculável existência, o objeto que idolatras não será mais do que um punhado de pó! Os demais seres do mundo vulgar marcham juntos pelo caminho de sua vida efêmera, ao túmulo; e juntos tornam a subir, de simples vermes, a novos ciclos de existência. A ti aguardam, nesta terra, séculos; a ela, apenas horas. E a vós ambos, — ó pobre, porém poderoso homem! — ainda vos aguarda um encontro posterior! Por quantos graus e céus de existência espiritual terá passado a alma dela, quando tu, solitário vagabundo, dos vapores da terra subires às portas da luz!

— Pensas ó Filho da Luz Eterna, — replicou Zanoni, — que esta ideia se aparta um instante da minha mente?

Não vês que te invoquei para ouvir-te e para que auxilies no meu propósito? Não lês o meu desejo e sonho de elevar às condições da sua natureza às da minha? Tu, Adonai, banhado da alegria celeste, que constitui a tua vida nos oceanos do esplendor eterno, tu não podes, salvo pelas simpatias do saber, imaginar o que eu, filho de mortais, sinto privado ainda dos objetos da tremenda e sublime ambição que, ao principio, elevou as asas dos meus desejos acima da matéria terrestre, quando me vejo obrigado a vagar só neste baixo

mundo. Em vão busquei amigos entre os da minha espécie. Por fim, encontrei uma companheira. As aves e os animais silvestres têm, cada um, a sua; e o meu poder sobre os seres malignos do terror pode banir as larvas destes, do caminho que conduzirá a minha amada às alturas, até que o ar da eternidade prepare o seu corpo para o elixir que defende contra a morte.

— E tu começaste a iniciação, e não obtiveste o resultado que esperavas! Eu o sei. Conjurastes em teus sonhos, as mais belas visões; invocaste os mais amáveis filhos do ar para que murmurassem a sua música durante o "transe" dela; mas a sua alma não fez caso destas aparições e destas melodias, e evade-se de sua influência, quando volta à terra. Cego! Não sabes por que? Não percebes? Porque em sua alma tudo é amor. Não existe nela nenhuma paixão intermediária, com que possa ter associação e afinidade, as coisas com que desejas impressioná-la. A atração destas coisas não age senão sobre o desejo do intelecto. 'Que é que têm elas que ver com uma paixão que é puramente da terra, e com a esperança que vai diretamente ao céu?

— Porém, não pode haver um meio, um elo que una as nossas almas, assim como são unidos os nossos corações, e pelo qual a minha alma exerça influência sobre a sua?

— Não me perguntes, — não me compreenderias.

— Fala, eu te suplico!

— Não sabes que, quando duas almas estão separadas, uma terceira, na qual ambas se encontrem e vivam, é o elo que as une?

— Compreendo-te, Adonai, — exclamou Zanoni, e um raio de alegria mais humana iluminou o seu semblante, dando-lhe um aspecto de felicidade que nunca antes se lhe advertira.

— E se o meu destino, — acrescentou, — que tão obscuro se apresenta à minha vista, me concede o feliz dote que proporciona

aos seres humildes, se eu, algum dia, pude apertar ao meu peito um filho meu...

— E é para tornar a ser homem, que tu aspiraste a ser mais do que homem?

— Porém, um filho, — uma segunda Viola! — murmurou Zanoni, quase já sem atender ao Filho da Luz; uma jovem alma, recém-vinda do céu, a qual eu poderia guiar desde o primeiro instante em que ela tocar a terra, cujas asas poderei exercitar para seguirem as minhas no vôo por entre as grandezas e glórias da criação; e, por meio da qual, também a mãe poderá libertar-se do poder da morte!

— Porém, tenha cuidado! Reflete! — advertiu Adonai. —Não sabe que o teu maior inimigo habita no que se chama Mundo Real? Os teus desejos te levam cada dia mais perto da humanidade.

— Ah, ser um ente humano é tão doce! — respondeu Zanoni.

E enquanto ele o dizia, na gloriosa face de Adonai cintilou um Sorriso.

CAPÍTULO X

"AEterna aeternus tribuit, mortalia confert Mortalis; divina Deus, peritura caducus".
Aurel. Prud. contra Symmachum, lib. II

"O Eterno dá coisas eternas; o mortal colhe coisas mor mais; Deus, o que é divino; e o homem mortal, o que é perecedouro".

EXTRATOS DAS CARTAS DE ZANONI A MEJNOUR

CARTA I

"Não me participaste os progressos do teu discípulo; e eu temo que as circunstâncias, que formam as mentes das gerações atuais, sejam tão diferentes das que dominavam no tempo dos persistentes e muito sérios filhos do mundo primitivo, que até um neófito de natureza mais elevada e pura do que o que admitiste a entrar em tuas portas, não seja capaz de passar bem pelas provas da iniciação, mesmo que tu o guies cuidadosa e prudentemente. Os filhos do mundo setentrional nem conhecem aquele terceiro estado de existência, que os sábios da Índia designam justamente como uma transição entre o sono e a vigília, e que descrevem imperfeitamente pelo nome de "transe"[7]; e bem poucos seriam os que quereriam gozar de sua povoada calma, porque a considerariam como "Maya" e ilusão da mente. Em vez de preparar e cultivar este aéreo solo, do qual a Natureza, devidamente conhecida, pode evocar frutos tão ricos e flores tão belas, somente se esforçam por excluí-lo do

horizonte de sua vista; a luta do intelecto do homem, que, do seu mundo estreito, quer abrir passo à pátria infinita, consideram como uma enfermidade, que o médico deve extirpar com farmácia e drogas, e nem sabem que é a esta condição de sua existência, em sua forma mais imperfeita e infantil, que a poesia, a música, a arte tudo o que pertence a uma ideia de beleza, a que nem o sono, nem a vigília podem fornecer um arquétipo e semelhança, devem a sua imortal origem.

Quando nós, ó Mejnour, éramos neófitos e aspirantes, pertencíamos a uma classe, à qual o mundo atual estava fechado e interdito. Para os nossos avoengos, a vida não tinha outro objeto, a não ser a ciência.

Desde o berço, estávamos nós predestinados e educados para a sabedoria, como para um sacerdócio.

Nós começávamos nossos estudos, onde a moderna conjetura cerra suas aleivosas asas. E, para nós, eram os elementos comuns de uma ciência, essas coisas que os sábios de hoje desdenham como uma quimera, ou de que desesperam como de impenetráveis mistérios. Até os princípios fundamentais, as vastas, porém simples teorias da eletricidade e do magnetismo, permanecem envoltas em obscuridade, no meio das disputas das suas obcecadas escolas. Sem embargo, ainda em nossa juventude, quão poucos chegavam ao primeiro círculo da Irmandade, e quantos, depois de terem entrado no gozo dos sublimes privilégios que haviam procurado, abandonavam voluntariamente a luz do sol, e caiam, sem esforço no túmulo como peregrinos num deserto, subjugados pela calma de sua solidão e espantados pela imensidade sem limite!

Tu, em quem nada parece viver senão o desejo de saber; tu, que indiferente à felicidade, à dor, te prestas a ajudar todos os que buscam a senda da misteriosa ciência, e és como um livro em forma

humana, insensível aos preceitos que enuncia, sempre tentaste, e muitas vezes conseguiste aumentar o nosso número. A estes, porém, foram concedidos apenas segredos parciais; a vaidade e as paixões os tornaram indignos do resto do saber; e agora, sem outro interesse que o de uma experiência científica, sem amor e sem piedade, expõe esta nova alma aos perigos da tremenda prova iniciática!

Pensa que um caráter tão indagador, e uma coragem tão absoluta e intrépida podem ser suficientes para vencer, onde intelectos mais austeros e virtudes mais puras não puderam suportar a prova. Pensa também que o germe de arte, que jaz na mente do pintor, posto que compreenda em si o completo embrião do poder e da beleza, pode expandir-se, até que se desenvolva dele a sublime flor da Áurea Ciência. Isto, para o teu modo de pensar, não é mais do que um novo ensaio. Sê afável para com o teu neófito, e se a sua natureza te oferece um desengano nos primeiros degraus da senda restitua-o ao Mundo Real, enquanto ainda é tempo para que possa gozar a curta vida exterior, que reside nos sentidos e que conclui na tumba.

Tu rirás, ó Mejnour, quando vires que te admoesto desta maneira, e te falo com tão pouca esperança?

Eu, que sempre me negava a iniciar outros em nossos mistérios, começo, por fim, a compreender porque a grande lei, que liga o homem à sua espécie, mesmo quando procura apartá-lo mais da condição em que vivem os demais homens, fez de tua fria e impassível ciência o elo que te une à tua raça; porque tu buscaste sempre convertidos e discípulos; porque ao veres, vida após vida, apartar-se voluntariamente da nossa luminosa Ordem, ainda aspira substituir os desaparecidos, e a reparar as perdas, porque no meio dos teus cálculos infatigáveis e incessantes como as rodas da Natureza, te assusta a ideia de ver-se só! O mesmo se sucede a mim;

eu também, finalmente, busco um convertido, um meu igual, eu também temo de me ver só! Está acontecendo aquilo de que você me advertiu em outro tempo. O amor reduz todas as coisas a si mesmo. Ou me verei obrigado a descer à natureza da pessoa que amo, ou terei de elevar a sua natureza à altura da minha.

Como qualquer coisa que pertence à verdadeira Arte, sempre, necessariamente, teve atração para nós, cujo ser está no ideal, de onde a Arte descende, assim nesta bela criatura descobri, enfim, o segredo que me uniu a ela, desde o momento que a vi. Nesta filha da música, a música, tornando-se uma parte do seu ser, transformou-se em poesia. Não foi o teatro que a atraia, com suas ocas falsidades; foi a terra que a sua imaginação havia criado, que o teatro lhe parecia centralizar e representar. Ali a poesia encontrou uma voz, ali lutou também, sob uma forma imperfeita; e, depois, quando aquela terra já era insuficiente para ela, retirou-se, voltando à sua própria morada. Esta poesia dava colorido aos pensamentos da jovem, enchendo-lhe a alma; não pedia palavras, nem criava coisas; produzia apenas emoções e desperdiçava-se em sonhos. Enfim, veio o amor; e então a poesia, como um rio no mar, transfundiu ao amor as suas inquietas vagas, para, em seguida, emudecer em sua tranquila profundidade, o eterno espelho dos céus.

E não será por meio desta poesia, que jaz em sua alma, que se possa conduzir esta criatura à grandiosa poesia do universo? Às vezes, escutando a sua despretensiosa conversação, encontro oráculos em sua inconsciente beleza, como achamos estranhas virtudes numa solitária flor. Vejo que a sua mente está amadurecendo debaixo dos meus olhos; e, em sua admirável fertilidade, que manancial inesgotável de belos e variados pensamentos!

Ó Mejnour! Quantos, da nossa Ordem, deslindando as leis do

universo, resolveram os enigmas da natureza externa, e da obscuridade deduziram a luz! E não é, acaso, o poeta, que estuda só o coração humano, um filósofo maior do que eles todos?

A ciência e o ateísmo são incompatíveis. Conhecer a Natureza é saber que há de existir um Deus. Mas, para saber isto, será necessário examinar o método e a arquitetura da criação?

Quando contemplo uma mente pura, por ignorante e infantil que seja, parece-me que vejo nela o Augusto Ser Imaterial mais claramente do que em todos os mundos de matéria que, à sua ordem, se movem pelo espaço.

Tem razão, a lei fundamental da nossa Ordem, em estabelecer que não devemos participar nossos segredos senão às almas puras. A mais terrível parte das provas está nas tentações que o nosso poder oferece ao criminoso. Se fosse possível a um homem malévolo chegar a possuir nossas faculdades, que desordem poderia introduzir no mundo! Felizmente, isto é impossível; a malevolência desarmaria seu poder. Conto com a pureza de Viola, como você, mais que em vão, confiou no valor ou no talento dos seus discípulos.

Pode ser a testemunha, ó Mejnour, que, desde o remoto dia que penetrei nos Arcanos da nossa ciência, nunca tentei empregar os seus mistérios para objetivos indignos; ainda que, ai! A extensão da nossa existência nos priva de ter uma pátria e um lar; ainda que a lei que coloca toda a ciência e toda a arte na abstração das tumultuosas paixões e a turbulenta ambição da vida atual, nos prive de influenciar os destinos das nações, para que o céu eleja agentes mais violentos e mais cegos; sem embargo, por onde eu tenha dirigido meus passos, sempre me esforcei em socorrer aos desvalidos e em afastar a gente do pecado. O meu poder tem sido hostil somente aos malvados; e, não obstante, apesar de toda a nossa ciência, só nos é permitido sermos, a cada passo, os instrumentos do Poder, do qual o

nosso dimana.

Como é reduzida, quase em nada, toda a nossa sabedoria, comparada com Aquela que dá as convenientes virtudes à mais insignificante erva e povoa o mais diminuto glóbulo com seus seres apropriados! E, ao passo que se nos permite exercer, às vezes, uma influência sobre a felicidade dos outros, quão misteriosamente as sombras obscurecem o nosso próprio destino! Não podemos profetizar-nos o nosso próprio futuro! Com que trêmula esperança, alimento a ideia de que poderei conservar para a minha solidão a luz de um imorredouro sorriso!"

CARTA II

"Não me acreditando bastante puro para iniciar um coração tão puro, eu invoco, no seu transe, os habitantes mais belos e mais ternos do espaço, que forneceram à poesia, esta instintiva adivinha da criação, as ideias dos Gênios e Silfos. E estes seres eram menos puros do que os pensamentos dela, e menos ternos do que o seu amor! Não puderam elevá-la acima do seu humano coração, porque este possui seu próprio céu especial".

Acabo de contemplá-la; adormecida, ouvi-a suspirar o meu nome. Ai! Isto, que tão doce é para os outros, tem sua amargura para mim; pois penso quão breve poderá vir o tempo em que estará adormecida, sem sonhar, quando o coração que lhe dita o meu nome estiver frio, e mudos os lábios que o pronunciam. Quão diferentes são as duas formas sob as quais se apresenta o amor! Se o examinamos materialmente, se não consideramos nele mais do que os seus laços humanos, seus gozos de um momento, a sua febre turbulenta e a sua fria reação, como nos parece estranho que esta paixão seja o supremo móvel do mundo; que foi esta paixão que

ditou os maiores sacrifícios e fez sentir sua influência sobre todas as sociedades e sobre todos os tempos; que foi a esta paixão que os gênios mais elevados e mais amáveis consagraram sua devoção; que, se não houvesse o amor, não havia civilização, nem música, nem poesia, nem beleza, nem outra vida além da dos animais!

Porém, examinemos o amor sob a sua forma mais celestial, em sua mais absoluta abnegação, em sua íntima relação com tudo o que é mais delicado e sutil no espírito, o seu poder sobre tudo o que é sórdido na existência; o seu domínio sobre os ídolos de mais abjeta adoração; a habilidade para transformar em palácio uma cabana, em oásis o deserto, e para converter em verão o frio do inverno, pois onde respira o seu alento, fertiliza e aquece; e mais nos admiraremos ao ver que tão poucos o consideram sob este seu mais santo aspecto.

O que os sensualistas chamam seus prazeres, são os mais ínfimos dos seus gozos. O verdadeiro amor é menos uma paixão do que um símbolo. Mejnour virá o tempo em que te falarei de Viola como de uma coisa que foi?“

CARTA III

“Sabes que, nestes dias, várias vezes perguntei-me a mim mesmo, se não há algum mal na ciência que nos separou tanto dos nossos semelhantes? Verdade é que, quanto mais nos elevamos, tanto mais odiosos nos parecem os vícios dos mortais, dotados de tão curta existência, que se arrastam pela terra; à medida que penetra em nós e nos enche a bondade do Ser Todo Bondade, sentimos cada vez mais que a nossa felicidade emana dele.

Porém, por outra parte, quantas virtudes hão de permanecer mortas nos que vivem no mundo da morte e recusam-se a morrer! Este sublime egoísmo, este estado de abstração e de profunda

contemplação, esta majestade de existência, imersa em si mesma, e só de si mesma dependente, não será uma resignação daquela nobreza que agrega o nosso bem-estar, as nossas alegrias, nossas esperanças, nossos temores aos dos demais? Viver sempre sem temer aos inimigos, sem sentir-se nunca abatido pela enfermidade, sem cuidados e sem ver-se debilitado pela velhice é um espetáculo que cativa o nosso orgulho. E, sem embargo, não admiras os que morrem por outrem? Desde que a amo, Mejnour, parece-me quase uma covardia iludir a sepultura que devora os corações que nos envolvem em suas dobras.

Sinto que a terra ganha terreno no meu espírito. Tinhas razão; a eterna velhice, serena e livre de paixões é um dom mais grato do que a eterna juventude, com seus desejos suas inquietações. Enquanto não chegar a hora de sermos totalmente espírito, a tranquilidade da solidão deve buscar-se na indiferença".

CARTA IV

"Recebi a tua comunicação. Como? Pois é assim mesmo?"

O teu discípulo proporcionou-te um novo desengano? Ah! O pobre discípulo! Porém...

(Aqui seguem comentários sobre aquelas passagens da vida de Glyndon, que o leitor já conhece, mais ou menos, com ardentes súplicas a Mejnour para que vele ainda sobre o porvir do seu discípulo).

Porém, eu alimento o mesmo desejo, com um coração mais ardente. Minha discípula! Como os terrores que devem acompanhar a tua prova me advertem que não faça vítimas! Mais uma vez procurarei o Filho da Luz.

Sim; Adonai, tanto tempo surdo à minha voz, desceu à minha

visão, e deixou, após si, a auréola de sua aparição, em forma da Esperança. Oh, não é impossível, Viola, não é impossível que nós ainda possamos ser unidos, alma com alma!

CARTA V

(Escrita muitos meses depois da precedente)

"Mejnour, desperta da tua apatia, regozija-te! Uma nova alma virá ao mundo, um novo ser me chamara "pai"! Ah! Se aqueles, para quem existem todas as ocupações e cuidados da vida humana, estremecem, com esquisita emoção, a ideia de saudar outra vez a sua própria infância nos semblantes de seus filhos; se naquele nascimento renascem na santa inocência, que é o primeiro estado da existência; se podem sentir que ao homem se impõe um dever quase angelical, quando tem que guiar um ser desde o berço, e educar uma alma para o céu, que prazer arrebatador deverá ser, para mim, saudar o herdeiro de todos os dons que se duplicam no mero fato de serem participados!

Como é doce exercer o poder de vigiar e guardar, instilar o saber, desviar o mal e reconduzir a corrente da vida, num rio mais rico, mais largo e mais profundo, ao paraíso de onde ela emana! E às margens daquele rio se encontrarão as nossas almas, querida mãe! O nosso filho nos trará a simpatia que ainda nos falta e não poderá espantar-te sombra alguma, nem terror algum será capaz de fazer-te desmaiar, quando a tua iniciação está ao lado do berço do teu filho!"

CAPÍTULO XI

"They thus beguile the way Untill the blustring storme is overblowne, When weening to returne whence they did stray, They cannot finde that path which first was showne, But wander to and fro in waies unknowne".

Spenser,s F'aerie Queene, bookI, canto I, st. X.

"E assim vão entretendo-se, até passar a estrondosa tormenta, quando, pensando em voltar donde vieram, não puderam achar aquela senda, que primeiro lhes foi mostrada, mas vagueiam cá e acolá por caminhos desconhecidos".

Sim, Viola é muito agora diferente de quando, sentada no umbral da porta da sua casa italiana, seguia as suas fantasias, que vagavam pelo País da Sombra; ou quando em vão buscava dotar de voz uma beleza ideal, no palco, onde a ilusão cria a terra e o céu por uma hora, até que os sentidos fatigados, despertando, não veem mais do que o ouro falso e o figurante. O seu espírito descansa agora em sua própria felicidade; as suas divagações encontraram já os seus limites. Muitas vezes, o sentimento da eternidade se desperta em um instante; pois quando nos sentimos profundamente felizes, parece-nos que é impossível morrer. Sempre que a alma sente a si mesma, sente a vida eterna.

A iniciação fica adiada; em teus dias e tuas noites não verás já outras visões, a não ser aquelas com que um coração satisfeito encanta uma cândida imaginação.

Gênios e Silfos; perdoai-me por perguntar se aquelas visões não

são mais agradáveis do que vós mesmos.

Zanoni e Viola estavam na praia, contemplando o Sol que mergulhava no mar. Há quanto tempo habitavam aquela ilha? Que importa? Que faça meses ou anos, que importa? Por que deveria eu, por que deveriam eles contar aquele tempo ditoso?

Como, no sonho de um momento, podem parecer passar anos e séculos, assim devemos medir o êxtase ou a dor, pela duração do sonho, ou pelo número de emoções que o sonho em si envolve?

O sol se vai pondo lentamente; o ar é pesado e sufocante; o lindo navio permanece imóvel no mar, e, na costa, não se vê tremer nem uma folha nas árvores.

Viola aconchegou-se mais a Zanoni. Um pressentimento, que não sabia definir, fazia o coração bater-lhe com mais rapidez; olhando o semblante do marido, ficou surpreendida com a expressão inquieta, abstraída e perturbada que nele se notava.

— Esta calma me dá medo, — murmurou Viola.

Zanoni fez como se não a ouvisse; e, enquanto falava consigo mesmo, os seus olhos olhavam inquietos ao redor de si. Viola não sabia porque, mas aquele olhar que parecia querer atravessar a espaço, aquelas palavras murmuradas em um idioma estrangeiro, despertaram nela algumas das suas superstições de outros tempos.

Desde o momento em que Viola soubera que ia ser mãe, tornara-se mais tímida. Estranha crise na vida e no more da mulher! Um ser ainda desconhecido começa já a dividir o seu coração, com aquele que fora antes o seu único monarca.

— Olha-me, Zanoni, — disse a jovem esposa, apertando a mão do marido.

Ele voltando-se, disse:

— Estás pálida, Viola; a tua mão está tremendo.

— É verdade. Sinto como se algum inimigo viesse arrastando-se

perto de nós.

— E o seu instinto não a engana — respondeu Zanoni. — Com efeito, temos muito perto de nós um inimigo.

Eu o vejo através deste ar pesado; ouço-o no meio deste silêncio; o inimigo, cujo espectro nos assombra, é a destruidora, a Peste! Ah! Olha com atenção, e verá como as folhas se cobrem de insetos que seguem o sopro da praga!

Enquanto Zanoni dizia isto, um pássaro caiu dos ramos aos pés de Viola; o pobrezinho fez um esforço para voar, torceu-se por um instante, e morreu.

— Oh, Viola! — exclamou Zanoni, apaixonadamente. — Isto é a morte. Tu não temes morrer?

— Sim, porque me separaria de ti! — respondeu a esposa.

— E se eu lhe ensinasse a desafiar a Morte? Se eu pudesse deter o curso do tempo em sua juventude; se eu pudesse...

Zanoni interrompeu-se de repente porque os olhos de Viola revelavam um medo difícil de descrever; o seu rosto cobrira-se de mortal palidez.

— Não me fales desta maneira, não me olhes assim, — disse Viola, retrocedendo. — Desanima-me. Ah! Não me fales desta maneira, ou temerei, não por mim, mas por teu filho!

— Teu filho! Mas recusaria para o teu filho o mesmo glorioso dom?

— Zanoni?

— Meu amor!

— O sol ocultou-se aos nossos olhos, para aparecer aos olhos de outros. Desaparecer deste mundo e ir viver em outro mundo, longe daqui! Oh! Meu querido! Meu esposo! — continuou Viola, com súbita energia, — dize-me que apenas gracejou, que só querias brincar com minha ignorância. Na peste, há menos horror do que

nessas palavras tuas.

O semblante de Zanoni anuviou-se, e o homem misterioso depois de mirar a esposa por alguns momentos, disse gravemente:

— Que tens visto em mim que possa fazer-te desconfiar?

— Oh! Perdão, perdão! Nada! — exclamou Viola, se lhe lançando nos braços, e prorrompendo em pranto. — Não acreditaria nem em tuas próprias palavras, se parecessem injuriar-te!

Zanoni beijou os olhos da esposa e ficou silencioso.

— Ah! — prosseguiu Viola, com um encantador sorriso infantil, — se quisesses dar-me algum talismã contra a peste! Eu o aceitaria de bom grado.

E ao dizer isto, Viola pôs a mão num antigo amuleto que Zanoni trazia sobre o peito.

— Sabes, Zanoni, — disse-lhe, — quantas vezes isto me tem dado zelo do passado? Acaso é alguma prenda de amor? Mas, não; tu não amaste a quem te deu isto, como amas a mim. Posso roubar o teu amuleto?

— Criança! — disse Zanoni, com ternura; — aquela que pôs isto ao meu peito atribuía-lhe, efetivamente, um grande poder, porque era supersticiosa, como tu, porém, para mim, este objeto é uma coisa mais do que um talismã: é a relíquia de um tempo feliz que passou, de um tempo em que ninguém dos que me amavam era capaz de desconfiar de mim.

Zanoni pronunciou estas palavras repassadas de tal melancolia, que tocaram o coração de Viola; porém aquele tom mudou-se logo em um acento solene, que sufocou os sentimentos tristes que empolgavam a jovem esposa, quando disse:

— Este amuleto, Viola, talvez um dia o coloque ao teu colo; sim, quando me compreenderes melhor, quando as leis das nossas existências forem as mesmas!

Zanoni e Viola regressaram lentamente à casa; Viola, porém, por mais que fizesse para expulsar o medo do seu coração, não pôde conseguí-lo. Era uma italiana e católica, com todas as superstições do seu país e da sua seita. Logo que chegou à casa, entrou no seu quarto e pôs-se a rezar diante de uma pequena relíquia de São Januário, que um capelão lhe havia dado quando era menina, e que a tinha acompanhado em todas as suas viagens. Nunca pensara que pudesse abandonar aquela pequena prenda. Ora, se esta relíquia era um talismã contra a peste, temeria ela o flagelo, quanto à sua própria pessoa?

No dia seguinte, quando Zanoni despertou, achou a relíquia de São Januário pendurada ao seu colo, ao lado do amuleto.

— Agora, sim, não tem que temer a peste — disse Viola, entre lágrimas e sorrisos; e quando quiseres falar-me outra vez assim como fizeste ontem a noite, o santo te repreenderá.

Então, Zanoni, pode existir uma verdadeira comunhão de pensamentos e de espírito, fora dos que têm as mesmas ideias e as mesmas condições de existência?

A praga se manifestou de uma forma tão violenta, que foi preciso abandonar a ilha. Poderoso Vidente, tu não tens nenhum poder para salvar aos que amas! Adeus, teto nupcial! Doce mansão de tranquilidade e ventura, adeus! Climas tão benignos como o que estão deixando, ditosos amantes, poderão saudá-los, o destino pode conceder-lhes um céu igualmente sereno e águas igualmente azuis e calmas; porém, aquele tempo poderá voltar, para lhe dar ai felicidade? Quem pode assegurar que o coração não sofrerá dança, quando se muda a cena, o sítio onde se tem vivido a primeira vez com a pessoa amada? Cada lugar ali conserva tantas recordações, que só ele mesmo pode reproduzir. O passado que as evoca parece impor constância para o futuro. Se entra em nossa mente um

pensamento menos nobre, menos fiel, a vista de uma vote, debaixo da qual foram trocados juramentos, ou onde um beijo enxugou uma lágrima, nos reconduz às horas da primeira ilusão divina. Porém, nunca morada onde nada fala do primeiro tempo nupcial, onde não há eloquência da união, nem algum santo sepulcro de emoções, guardado por visões angélicas, quem é, repito, que, tendo passado por uma triste história de afeto, nos possa dizer que o coração não sofre mudança, quando se muda a cena?

Soprai afavelmente, ó ventos favoráveis; inflai suavemente, ó velas; partamos para longe do país aonde a morte veio arrebatar o cetro do Amor!

As praias desaparecem; novas costas sucedem às verdes colinas e aos laranjais da Ilha Nupcial. Ao longe, na luz prateada da Lua, brilham as colunas, ainda visíveis, de um templo que os atenienses dedicaram à Sabedoria; e, de pé no barco que era impedido pela fresca brisa, o devoto dessa deusa, que a ela sobreviveu, murmurava para si:

— Não me trouxe a sabedoria dos séculos horas mais felizes do que as que concedem ao pastor e ao camponês, que não conhecem mais mundo do que o seu modesto povoado, nem mais aspirações do que o beijo e o sorriso do lar?

E a Lua, alumiando igualmente as ruínas do templo da extinta crença, a cabana do camponês, a imemorial cúspide da montanha, e as tenras ervas que cobriram as suas ladeiras, pareciam sorrir com sua resposta de calmo desdém ao ser que, talvez, tenha visto construir o templo e que, em sua inescrutável existência, podia ver arrasada a montanha.

NOTAS LIVRO QUARTO

[1] Moeda de pequeno valor.

[2] Um “bravo”, na Itália, é quase o mesmo como um “capanga”, no Brasil.

[3] É tão necessário conhecer as coisas más como as boas; porque, quem saberá o que é bom, se não sabe o que é mau? *etc.* — Paracelsus, De Natura Rerum, Iiber 3.

[4] Paracelsus, De Nat. Rer., lib. I.

[5] Pausanias; veja-se Plutarco.

[6] Hino Homérico.

[7] Os Brâmanes, falando do Brama, dizem: “Para o Onisciente, os três modos de existência: o sono, a vigília e o “transe” não existem”; e com estas palavras reconhecem distintamente o “transe” como uma terceira condição da existência, ao lado da vigília e do sono.

img1.png

LIVRO QUINTO

OS EFEITOS DO ELIXIR

CAPÍTULO I

"Zwei Seelen wohnen, ach! in meiner Brust.
Was stelist du so, und blickst erstaunt hinaus?"
Goethe, "Faust".

"Duas almas residem, aí! No meu peito.
Porque estás assim parado, e olhas, pasmado, para fora?"

O leitor se recordará que deixamos Mestre Paolo ao lado da cama de Glyndon; e que, ao despertar daquele profundo sono, e ao lembrar-se da terrível cena da noite anterior, o inglês lançou um grito, cobrindo o rosto com as mãos.

— Bom dia, Excelência! — disse Paolo, alegremente. — "Corpo di Bacho"! Dormiu um sono prolongado!

O som da voz deste homem, tão alegre, sonora e sadia, afugentou o fantasma que ainda estava na mente de Glyndon.

O jovem ergueu-se na cama e perguntou:

— Onde me encontrou? Por que está aqui?

— Onde o encontrei? — repetiu Paolo, surpreendido. — Em sua cama, sem dúvida. Porque estou aqui?

Porque o patrão me ordenou aguardar que despertasse, para eu receber as suas ordens.

— O patrão? Mejnour? Ele chegou? — perguntou Glyndon.

— Chegou e tornou a partir, senhor, — respondeu Paolo. — Ele deixou esta carta para ti.

— Deme-a, e aguarde-me lá fora até que me tenha vestido.

— Estou às suas ordens. Preparei um excelente almoço, pois

deve ter muito apetite. Sou um regular cozinheiro, como o filho de um monge o pode ser! Com certeza lhe surpreenderá a minha habilidade em guisar peixe. Suponho que não o molestarei, se cantar; eu o faço sempre quando preparo uma salada; o canto se harmoniza muito bem com os ingredientes.

E pendurando a carabina ao ombro, Paolo saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

Glyndon havia já começado a ler a carta, cujo conteúdo era o seguinte:

"Quando o recebi por discípulo, prometi a Zanoni que, se eu me convencesse, às suas primeiras provas, que aumentaria, não o número da nossa Ordem, mas apenas a lista das vítimas que a ela têm aspirado em vão, não o abandonaria à sua ruína e infelicidade, mas que o restituiria ao mundo. Cumpro a minha promessa. A sua prova iniciática foi a mais fácil que se possa apresentar a um neófito. Não lhe exigi nada mais do que a abstinência sensual e uma curta experiência da sua paciência e de sua fé. Volta ao seu mundo, pois não tem qualidades dignas de aspirar ao nosso!"

"Fui eu quem arranjou que Paolo o recebesse na festa. Fui eu quem instigou o velho mendigo para que lhe pedisse esmola. Fui eu quem deixou o livro que não podia ler, sem violar o meu preceito. Pois bem!

Viu o que o aguarda no Umbral do Saber. Viu o primeiro inimigo que ameaça a quem se deixa ainda dominar e escravizar pelos sentidos. Surpreender-se-á que fechei para ti as portas para sempre?

Compreenderá agora que, para passar pelo umbral e desafiar o inimigo, é necessário ter uma alma temperada e purificada, que se exalte, não por encantamentos externos, mas por sua própria sublimidade e por seu próprio valor?"

Infeliz! Toda a minha ciência é inútil para o temerário, para o homem sensual, para aquele que deseja possuir nossos segredos somente para poluí-los com prazeres grosseiros e vícios egoístas. Como pereceram os impostores e feiticeiros dos tempos antigos por quererem penetrar nos mistérios que exigem purificação e não toleram depravações! Jactaram-se de possuir a Pedra filosofal e, morreram miseravelmente; pretenderam ter o elixir da imortalidade, e baixaram ao sepulcro, envelhecidos prematuramente. As lendas contam que o inimigo os fez em pedaços. Sim, o inimigo, que eram seus desejos impuros e seus propósitos criminosos! Você cobiçou o mesmo que eles cobiçaram; e ainda que tivesse as asas de um serafim, não poderia elevar-se do lodaçal da sua mortalidade. O seu anseio de saber não era mais do que uma petulante presunção; a sua sede de felicidade só lhe inspirava o desejo de beber as imundas águas dos prazeres corporais; até o seu amor, esse sentimento que, as vezes, eleva até os homens mais baixos, não é senão uma paixão que calcula a traição no meio da primeira chama de volúpia. E você queria ser um dos nossos! Um irmão da Augusta Ordem! Um Aspirante às Estrelas que brilham na Shemaia da ciência caldaica! A águia não pode levantar ao Sol senão seu próprio filho. Eu o abandono ao seu crepúsculo!

"Porém, ai de ti, desobediente e profano inalou o elixir; atraiu à sua presença um cruel e incansável inimigo. Você mesmo há de exorcizar o fantasma que evocou. Há de voltar ao mundo; porém, não sem sofrer um castigo, e somente fazendo grandes esforços, poderá recuperar a calma e a alegria da sua vida anterior. Dir-lhe-ei, para que, ao menos, tenha este consolo: quem, como você provou uma quantidade, por menor que seja, da volátil e vital energia que dão os sumos aéreos, despertou em si faculdades que, com paciente humildade, com fé sã, e com a coragem, não corporal como é a sua,

mas da mente resoluta e virtuosa, podem atingir, senão ao saber que governa as esferas superiores, ao menos à alta perfeição na carreira dos homens. Sentirá a infatigável influência do elixir em tudo o que empreender. O seu coração, no meio de alegrias vulgares, almejará outra coisa mais santa; a sua ambição aspirará, no meio do excitamento grosseiro, a algo que estará fora do seu alcance". "Porém, não pense que isto, já por si mesmo, será suficiente para levá-lo à glória; pois os seus desejos poderão conduzi-lo igualmente ao crime e à desonra. O que sentirá será uma nova e imperfeita energia, que não lhe deixará um momento de repouso. Segundo a direção que lhe der, será a emanação do seu mau ou do seu bom gênio".

"Porém, ai de ti! Inseto colhido na rede onde está preso de pés e asas! Não somente inalou a elixir, mas também conjurou o espectro; de todos os seres do espaço, não há outro mais hostil ao homem, e você levantou o véu que cobria a sua vista, e eu não posso colocá-lo ali novamente. Sabe, ao menos, que todos nós, — os mais altos e os mais sábios, — que, em sóbria verdade, temos passado além do umbral, tivemos, como a primeira e temível tarefa, a de dominar e subjugar o seu terrível guarda. Sabe que pode libertar-se daqueles olhos lívidos e fixos, sabe que, quando lhe aparecem, não podem fazer-lhe mal, se resiste aos pensamentos com que o tentam, e ao horror que inspiram. Teme-os mais quando os avista!"

"E assim, filho do verme, nos separamos! Tudo o que eu pude dizer-lhe para animá-lo, e para adverti-lo e guiá-lo, disse-lhe nestas linhas. A triste experiência, que o levou à posição crítica em que se encontra, não foi provocada por mim, mas por ti mesmo; espero, porém, que tornará a entrar em gozo da paz.

Representante da ciência que sirvo, não oculto nenhuma lição ao aspirante puro; sou, porém, um obscuro enigma ao investigador

comum. Como a única possessão indestrutível de um homem é a sua memória, assim não pode a minha arte reduzir à matéria os imateriais pensamentos que surgiram no seu peito. O aprendiz pode reduzir este castelo a pó e derribar esta montanha, igualando-a com a planície; porém, o mestre não tem poder para dizer: "Cessa de existir!" a um pensamento que a sua ciência inspirou. Poderá dar ao pensamento novas formas; poderá refazê-lo e sublimá-lo, reduzindo-o a um espírito mais fino, porém não poderá aniquilar o que só existe na memória, o que não tem substância fora da ideia. Cada pensamento é uma alma! Inútil, pois, seria querer eu, ou querer você desfazer o que aconteceu, ou restituir-lhe a alegre cegueira da sua juventude, é necessário que sofra a influência do elixir que inalou e não lhe resta outro remédio senão lutar com o espectro que evocou"!

Glyndon deixou cair a carta das mãos. Uma espécie de estupor sucedeu às várias emoções que experimentara durante a sua leitura; estupor parecido ao que segue à repentina destruição de uma ardente esperança que, por muito tempo, foi alimentada no coração humano, seja de amor, de avareza ou de ambição. O mundo superior ao qual havia anelado tanto, pelo qual sacrificara tantas coisas e pelo qual se submetera a tantos trabalhos, ficava-lhe fechado "para sempre", e isso por sua temeridade e presunção.

Porém, o caráter de Glyndon não era daqueles que se culpam a si mesmos, por muito tempo, de faltas cometidas. Começou a inflamar-se a sua indignação contra Mejnour, porque, depois de havê-lo tentado, o abandonava; abandonava-o à presença de um espectro.

As repreensões do místico antes o aguilhoavam do que humilhavam. Que crime havia cometido, para merecer uma linguagem tão dura e tão desdenhosa? Era um mal tão grave sentir prazer no sorriso e nos olhos de Filida? Não havia fugido com ela,

como sua companheira?

Glyndon não se tinha detido nunca a refletir se existia alguma diferença entre uma espécie de amor e outra. E, também, onde estava a grande ofensa de ter cedido a uma tentação, que somente existia para um homem intrépido? Não dizia o livro, que Mejnour propositadamente deixara aberto: "Guarde-se do medo?" Não era a maior provocação premeditada que se pode fazer às mais fortes influências da mente humana, proibir-lhe de entrar num quarto, cuja chave se lhe confiara, para excitar a sua curiosidade, e no qual se lhe deixara aberto um livro que parecia ditar o modo de satisfazê-la?

Enquanto estes pensamentos cruzavam pela sua mente, com extraordinária rapidez, Glyndon começou a considerar toda a conduta de Mejnour, como um pérfido intento de enlaçá-lo em sua própria miséria ou como o estratagema de um impostor, incapaz de realizar as grandes promessas que fizera. Quando se pôs a ler outra vez as misteriosas ameaças e advertências contidas na carta de Mejnour, pareceu-lhe que encerrava uma linguagem de mera parábola e alegoria, o estilo dos Platônicos e dos Pitagóricos. Pouco a pouco, começou a persuadir-se de que os espectros que tinha visto, — até aquele fantasma de aspecto tão horrível, — não deviam ser outra coisa mais do que ilusões que a ciência de Mejnour lhe preparara. Os brilhantes raios de sol, que inundavam de luz o seu quarto, pareciam afugentar, com riso, os terrores da noite passada. O orgulho e o ressentimento revigoravam a coragem habitual de Glyndon; e quando, depois de ter-se vestido precipitadamente, foi reunir-se a Paolo, o seu rosto estava sereno e o seu passo era seguro.

— Então, Paulo, — indagou Glyndon, — o patrão, como você o chama, lhe disse que me esperasse e recebesse na festa do povoado?

— Sim, — respondeu Paolo, — ele me enviou o recado por um pobre velho aleijado. Isto me surpreendeu, porque eu julgava que o

patrão estivesse muito longe; mas estes grandes filósofos sabem dar passos de duzentas léguas.

— Por que não me disse que tinha notícias de Mejnour?

— Porque o velho aleijado mo proibiu.

— Não viu o homem, depois, durante o baile?

— Não, Excelência.

— Hum!

— Permita que o sirva, — disse Paolo, enchendo o prato de Glyndon e deitando vinho no copo. — agora que o patrão está ausente (não é que eu pretenda dizer dele alguma coisa má), — acrescentou o bandido, lançando em volta de si um olhar desconfiado, — digo que, agora, que está ausente, eu desejava dizer-lhe que tivesse compaixão de si mesmo e que perguntasse ao seu coração de que serve a juventude! Que é o que conseguirá sepultando-se em vida, nestas ruínas, para expor ao perigo o seu corpo e a sua alma, com estudos que, estou certo, nenhum santo aprovaria?

— E os santos aprovarão as suas ocupações, Mestre Paolo? — objetou Glyndon.

— Oh! — respondeu o bandido, um tanto desconcertado, —um cavalheiro com um bolso cheio de dinheiro, não tem necessidade de abraçar a profissão de tirar o dinheiro de outra gente! Porém, a coisa é diferente conosco, que somos pobres marotos. E, além disso, também dou sempre uma parte dos meus ganhos à Virgem, e do resto distribuo outra parte caridosamente entre os pobres. Porém, beba e coma alegremente; faça-se absolver por seu confessor, se cometeu algum pecado, e não se exponha a muitos perigos desnecessariamente, é isto o que lhe aconselho. À sua saúde, Excelência! Ora senhor, os jejuns, exceto nos dias em que são prescritos a um bom católico, não servem senão para criar fantasmas.

— Fantasmas! — exclamou Glyndon.

— Sim, — retrucou Paolo; — o diabo sempre tenta o estômago vazio. Os desejos naturais do homem que tem fome levam o seu pensamento à cobiça, ao ódio, ao roubo, ao assassínio. Com a barriga cheia, senhor, estamos em paz com todo o mundo. Assim é bom; senhor gosta de perdiz! Cáspita! Quando passo dois ou três dias nas montanhas, sem ter para comer mais do que um pedaço de pão preto e uma cebola, desde a manhã até a noite, fico como um lobo. E isto ainda não é o pior; mas em todas àquelas horas vejo pequenos duendes dançarem diante dos meus olhos. Oh! Sim, quando o estômago está vazio, apresenta tantos espectros como um campo de batalha.

Glyndon pensou descobrir uma sã filosofia no raciocínio do seu companheiro; e, efetivamente, quanto mais comia e bebia, menos se recordava a noite passada e menos sentia a deserção de Mejnour. A janela estava aberta, a brisa era fresca e suave, o sol brilhava com todo o seu esplendor, toda a Natureza parecia sorrir. Paolo foi-se pondo tão alegre como a Natureza; ele falou de aventuras, de viagens, de mulheres, com certo entusiasmo que contagiava. Glyndon, porém, o escutou com mais complacência, quando Paolo tornou, com seu sorriso velhaco, a elogiar os olhos, os dentes os artelhos e o talhe da bela Filida.

Este homem parecia, com efeito, a personificação da vida sensual dos animais. Ele teria sido para Fausto um tentador mais perigoso do que Mefistófeles. Não se notava em seus lábios nenhuma ironia, quando descrevia os prazeres que animavam a sua voz. Para um homem em quem despertava um sentimento das vaidades do saber, esta descuidada e ignorante alegria de humor era um agente corruptor pior do que todas as frias burlas de um inimigo ilustrado. Mas quando Paolo se despediu, com a promessa de voltar

no dia seguinte, a mente do inglês, tornou a ocupar-se de coisas mais sérias e mais importantes.

O elixir parecia, efetivamente, haver produzido nele os sutis efeitos que Mejnour lhe atribuíra. Enquanto o jovem passeava pelo solitário corredor, ou, parando, contemplava o delicioso e vasto cenário que se estendia lá em baixo, elevados pensamentos de ambição, brilhantes visões de glória, passavam, em rápida sucessão por sua alma.

— Mejnour me nega a sua ciência. Pois bem! — exclamou o pintor, com altivez — não me despojou da minha arte! Como! Clarêncio Glyndon, voltas àquilo com que começou a sua carreira? Com que, então, Zanoni tinha razão?

Glyndon se encontrava, agora, no quarto do místico; não se via ali nem um vaso, nenhuma erva! O volume fatídico havia desaparecido, e não havia o menor vestígio do elixir! Sem embargo, parecia ainda que o quarto estava impregnado de uma atmosfera de encanto. Mais forte e impetuosamente arde em si, Clarêncio, o desejo de criar e apresentar obras perfeitas! Suspira por uma vida além da que é sensual, pela vida que é permitida a todo o gênio, pela vida que respira na obra imortal, e perpetua-se num nome imperecível.

Onde estão os utensílios de sua arte? Oh! Não se inquiete por isso; quando faltaram os instrumentos a um verdadeiro trabalhador? Encontre-se outra vez no seu quarto, a branca parede lhe servirá de tela e um pedaço de carvão será o seu lápis. Isto basta para, ao menos, delinear o esboço, que, sem isso, poderia desvanecer-se já, amanhã, na sua mente.

A ideia que excitou, desta maneira, a imaginação do artista, era, indubitavelmente, nobre e augusta.

Derivava-se da cerimônia egípcia, descrita por Diodoro (no seu 1° livro), sob o título: "O juízo dos mortos pelos vivos". Quando o

corpo do defunto, depois de ser devidamente embalsamado, se colocava na margem do Lago Aquerusio, e antes que fosse entregue ao barco que devia conduzi-la através das águas, à sua última morada, os juízes, nomeados para a respectiva função, ouviam todas as acusações que se faziam ao falecido e, quando achavam que estas eram graves e justificadas, privavam o corpo das honras rituais da sepultura.

Mejnour havia descrito a Glyndon este costume, ilustrando-o com várias anedotas que não se encontram em livro algum; e este assunto foi o que sugeriu agora ao artista a ideia de dar-lhe realidade e força. Ele imaginou um rei déspota e cruel, contra o qual ninguém se atrevera a murmurar durante a sua vida; porém, apenas tinha expirado o último hálito, o escravo a quem ele havia agrilhoado, veio do escuro calabouço, e este infeliz mutilado, lívido e esquálido como se fosse também já morto, veio acusá-lo, invocando a justiça que sobrevive à sepultura.

Que estranho fervor é este, jovem artista, que tem feito sair, de repente, a sua arte da obscura e densa névoa com que a ciência oculta envolvera por tanto tempo a sua imaginação? Como parece estranho que a reação de uma noite de terror e o desengano de uni dia lhe tenha restituído a sua divina arte! Ah! Com que ligeireza caminha a mão atrevida pelo extenso debuxo! Como, apesar dos toscos materiais, se revela já a mão, não do aprendiz, mas do mestre perfeito! Sem dúvida, os recentes efeitos do poderoso elixir fazem com que dês às suas figuras a animação e a vida superior que foi negada a ti! Um poder alheio traça, por meio da sua mão, os grandes símbolos na parede. Detrás, se levanta o vasto sepulcro; na construção desta mansão de repouso para os mortos consumiram-se milhares de vidas. Ali se sentam os sérios juizes, formando um semicírculo. Lentamente, se agita o lago de águas enegrecidas. Lá jaz

a múmia do rei morto. Intimida-se ainda a sua austera carranca, e o franzir da sua testa, que parece ainda viva? Ah! Que magnífica concepção, ó artista! — Levantam-se as magras figuras! — Os seus rostos pálidos falam uma linguagem de espetros! Deixará a Humanidade de vingar-se do poderoso tirano, depois da morte deste?

O seu quadro, Clarêncio Glyndon, é uma sublime verdade; o seu debuxo promete um renome ao gênio.

E esta magia é melhor do que os encantos do livro e do vaso. Passaram-se muitas horas: acendeu a lâmpada; a noite o encontra trabalhando ainda.

Porém, céu misericordioso! Que é o que gela assim a atmosfera? Por que se apaga a luz? Por que se eriçam os seus cabelos? Ali! Ali! Ali! A janela! A negra, asquerosa aparição, envolta num manto, olha!

E que olhar diabólico é o seu! Como ele destila escárnio e ódio.

Glyndon ficou estarrecido, olhando o espectro; não era ilusão. O fantasma não falava, nem se movia; porém, por fim, não podendo suportar por mais tempo aquele olhar fixo e terrível, o inglês tapou o rosto com as mãos. Um momento depois, descobriu-a, dando um grito de espanto; junto a si sentia aquele horrível algo sem nome, que estava agora curvado ao pé do seu debuxo; e eis que as figuras pareciam destacar-se da parede! As pálidas figuras dos acusadores, que a mão traçara, faziam carantonhas, olhando-o com mofa.

Fazendo um violento esforço, o jovem conseguiu dominar o seu espanto. Dirigindo-se ao fantasma, e afrontando o seu olhar, perguntou-lhe o que queria, dizendo-lhe que desafiava o seu poder.

Ouviu-se, então, uma voz que se assemelhava ao murmúrio do vento, o que a sombra disse, o que revelou, é proibido que os lábios repitam e que a mão escreva. Não fosse o elixir, que lhe havia dado um vigor e uma energia mais poderosa do que a força do mais forte,

Glyndon não teria sobrevivido àquela hora terrível. Despertar-se nas catacumbas e ver sair os mortos dos seus sudários, e ouvir os espíritos infernais em suas horríveis orgias de corrupção, seria preferível ao ver àquelas feições que se apresentavam à vista do pintor, quando o espetro levantou o véu e a escutar o que murmurou a sua voz!

No dia seguinte, Glyndon fugiu do arruinado castelo. Com que esperança de brilhante luz atravessava o umbral e penetram nesta casa! E agora, ao sair, com que desencanto olhou as suas torres enegrecidas, roídas pelo tempo, e que recordações levava consigo, capazes de fazê-lo estremecer, horrorizado, sempre que se achava na escuridão!

CAPÍTULO II

"Faust: — Wohin soll es nun gehn?
Mephisto: — Wohin es Dir gefällt.
Wir sehn die kleine, dann die grosse Welt.
Goethe, "Faust"

Fausto: — Onde iremos agora?
Mephistopheles: — Aonde te agradar.
Vamos olhar primeiro o pequeno, depois o grande mundo"

Coloque a sua cadeira perto do fogão, encha-o de lenha e acenda as luzes. Oh! Lar de asseio, ordem, abastança, conforto! Oh! Como é excelente e consoladora a realidade!

Passou algum tempo, depois dos acontecimentos narrados no capítulo precedente. Não nós encontramos, agora, em risonhas ilhas e sob os pálidos raios da Lua, nem em castelos carcomidos pelo tempo, mas estamos numa sala de vinte e seis pés de comprimento e vinte e dois de largura, bem atapetada, com macios sofás, sólidas cadeiras, e oito quadros, de insignificante valor artístico, porém com ricas molduras, adornando as paredes.

Thomaz Mervale, cavalheiro comerciante de Londres, é um homem invejável!

Para Mervale, foi a coisa mais fácil do mundo, ao regressar do continente, sentar-se diante da sua escrivaninha, da qual nunca se havia separado o seu coração. A morte do seu pai lhe deu, como direito de herdeiro, uma alta e respeitável posição em uma casa de comércio de segunda classe. Fazer com que o seu estabelecimento

passasse a ser de primeira classe, era a honrosa ambição de Mervale. Fazia pouco tempo que se havia casado, não totalmente por causa de dinheiro, não! Ele era mais homem do mundo do que mercenário. As suas ideias a respeito do amor não eram românticas; porém era bastante sensível para saber que uma esposa devia ser uma companheira, e não uma mera especulação. Mervale não ambicionava casar-se com uma mulher de notável beleza e gênio, mas cuidou de ter uma esposa dotada de boa saúde e bom caráter, e com uma certa dose de úteis conhecimentos; e, assim, escolheu a sua companheira da vida escutando a sua razão, e não o seu coração, e havemos de dizer que a sua escolha foi bem acertada. A senhora Mervale era uma mulherzinha excelente, viva, trabalhadora, econômica, afetuosa e boa. Tinha vontade própria, porém, não era despótica. Possuía grandes noções dos direitos da mulher e uma forte percepção das qualidades que proporcionam o bem-estar. Nunca teria inclinação ao seu marido, se houvesse observado nele alguma inclinação por outra mulher; porém, por sua vez, possuía um admirável sentimento de felicidade. Aborrecia toda a leviandade, toda a faceirice, todo o fingimento, os pequenos vícios que, muitas vezes, arruínam a felicidade doméstica, mas nos quais um caráter caprichoso incorre tão facilmente.

Todavia, não acreditava que devesse amar o seu esposo sobre todas as coisas; assim é que reservava uma parte de seu afeto para todos os seus parentes, amigos e conhecidos, e para a possibilidade do senhor Mervale. Cuidava da boa mesa, e tinha bom apetite; o seu humor era sempre moderado, porém firme; contudo sabia dizer uma ou duas palavras azedas, sempre que o marido deixasse de ser pontual como devia.

Tinha um cuidado particular em que o senhor Mervale mudasse de calçado ao entrar em sua casa; porque os tapetes eram novos e

caros. Não era de temperamento frio, nem apaixonada; o céu a abençoe por isso! Porém, quando alguma coisa lhe desagradava, manifestava o seu desgosto, aplicando uma repreensão, sem esquecer-se de lembrar ao marido as virtudes que ela possuía, a alta posição do seu tio, que era almirante, e as trinta mil libras que havia trazido de dote. Como, porém, o senhor Mervale era homem de bom humor, e reconhecia suas faltas, dava razão à mulher, e assim o desgosto logo passava.

Se for verdade que em cada casa há seus pequenos dissabores, em nenhuma eram menos frequentes do que na do casal Mervale. A senhora Mervale, se não gostar excessivamente das novidades da moda, cuidava, contudo, de andar bem vestida. Nunca saia do seu quarto com papelotes no penteado, nem nesse desalinho matutino, que é a pior das desilusões. Todas as manhãs, às oito horas e meia, a senhora Mervale vestia-se com esmero o espartilho bem atado, o seu toucador em boa ordem e, tanto no inverno, como no verão, o seu vestido era de seda grossa e bonita. As damas daquele tempo usavam coletes muito curtos, e a senhora Mervale seguia a moda. Os seus adornos, de manhã, consistiam em uma cadeia maciça de ouro, da qual pendia um relógio do mesmo metal, não desses frágeis anões de mecanismo, que são tão bonitos à vista, mas trabalham tão mal, mas um belo relógio de repetição que sempre dava a hora exata; trazia também, engastado no bracelete, um broche de mosaico, e um retrato, em miniatura, do almirante, seu tio. Para a tarde, tinha duas lindas coleções completas de joias, compostas de colares, brincos e braceletes, uma de ametistas e outra de topázios. O traje que acompanhava estes adornos era, geralmente, um vestido de cetim, cor de ouro, e um turbante, com o qual se tinha feito retratar.

A senhora Mervale tinha o nariz aquilino, bons dentes, lindo cabelo e finas pestanas; a sua compleição era daquelas que

constituem, geralmente, um belo busto, sendo de estatura antes alta do que baixa; tinha as faces cheias; os pés regulares e as mãos brancas e grandes, com unhas rosadas, e nas quais nunca, nem em sua meninice, se havia visto a mais leve mancha de pó.

Parecia representar um pouco mais de idade do que realmente tinha; isto era causado por um certo ar de afetada dignidade, e da forma aquilina do seu nariz. Nas mãos, costumava dizer curtas mitenes. Nunca lia outros poetas a não ser Goldsmith e Cowper. Não gostava muito de romances e novelas, embora não tivesse preconceitos contra tal literatura. No teatro, preferia a tudo um drama ou uma pantomima, seguidos de uma leve ceia. Não era afeiçoada a concertos nem a óperas. Ao começar o inverno, escolhia um livro para a sua leitura, e principiava algum trabalho por passatempo; e ocupava-se com ambos, tanto com a leitura, como com o trabalho, até à chegada da primavera. Nesta estação, deixava de ler, mas continuava a trabalhar. O seu estudo predileto era a história, e gostava muito da que havia escrito o Doutor Goldsmith. O seu autor favorito nas belas letras era, naturalmente, o Doutor Johnson. Não se podia encontrar uma mulher mais digna, nem mais respeitável, a não ser um epitáfio!

Era uma noite de outono, e fazia pouco que o senhor e a senhora Mervale haviam regressado de uma excursão a Weymouth.

Achavam-se sentados na sala de visitas, cada um no seu lugar favorito.

— Sim, eu lhe asseguro, minha querida, — dizia Mervale, — que Glyndon, com todas as suas excentricidades, era um bom amigo e amável camarada. Certamente teria gostado dele, pois agradava a todas as mulheres.

— Meu querido Thomaz, — respondeu a esposa, — perdoe-me a observação; porém, essa sua expressão: todas as mulheres...

— Desculpe; tem razão. Eu queria dizer que ele era quase sempre um favorito do sexo encantador.

— Compreendo; quer dizer que o seu caráter era bastante frívolo.

— Frívolo, precisamente, não; um pouco inconstante, extravagante, se assim quer, mas não frívolo. Era presunçoso e obstinado no seu caráter, porém modesto e atento em suas maneiras; talvez demasiado modesto e reservado, assim como você gosta que os homens sejam. Mas, voltemos ao assunto; as notícias que hoje tenho ouvido a respeito dele, inquietam-me profundamente. Parece que tem levado uma vida muito irregular e extravagante, viajando de um lugar para outro, de maneira que deve ter já gasto grande parte de sua fortuna.

A propósito de dinheiro, lembrou a senhora Mervale, julgo que teremos de mudar de açougueiro; certamente está em liga como o cozinheiro, uma lástima, pois o seu bife é ótimo! Estes criados de Londres são tão maus como os Carbonários. Porém, como ia dizendo, o pobre Glyndon...

Neste instante, ouviu-se bater à porta.

— Meu Deus! — exclamou a senhora Mervale, — quem será? Já são dez horas passadas. Quem poderá vir a esta hora?

— Talvez o seu tio, o almirante, — observou o marido, não sem um certo azedume.

— Creio, meu querido, — retrucou a esposa, — que não lhe é desagradável à visita de qualquer um dos meus parentes. O almirante é um homem de interessante conversação, e a sua fortuna está inteiramente à sua própria disposição.

— Eu o respeito como merece, — disse Mervale, com ênfase.

O criado abriu a porta e anunciou o senhor Glyndon.

— O senhor Glyndon! Que coisa extraordinária! — exclamou a

senhora Mervale; porém, antes que tivesse tempo de concluir a frase, Glyndon já se achava na sala.

Os dois amigos se abraçaram e saudaram com grande alegria de se encontrarem, depois de tão longa separação. Em seguida, foi o recém-chegado apresentado à senhora Mervale, a qual, com um sorriso cheio de dignidade, e com um furtivo olhar às suas botas, felicitou o amigo do seu esposo por sua chegada à Inglaterra.

Glyndon estava muito mudado desde a última vez que Mervale o havia visto. Ainda que houvesse passado, desde então, apenas dois anos incompletos, a sua bela compleição se tinha tornado mais varonil, e o seu semblante mais bronzeado. Pensamentos graves ou, talvez, uma vida de dissipação, haviam imprimido no seu semblante, antes lustroso e liso, quando se revelava nele a feliz juventude, rugas de cuidados ou de sofrimento. Às suas maneiras, outrora elegantes e polidas, haviam sucedido certa rudeza nos gestos, e até a sua voz não se acomodava ao que exigem a calma e as conveniências sociais. Não obstante, uma espécie de altiva nobreza, que anteriormente não se notava nele, dava certa dignidade ao seu semblante, e suavizava a liberdade de sua linguagem e de seus ademanes.

— Então, pelo que vejo, Mervale, você se estabeleceu? Não preciso perguntar se é feliz; o mérito, a sensatez, a riqueza, um bom caráter e uma companheira tão bela, certamente trazem a felicidade.

— Quer tomar chá, senhor Glyndon? — perguntou a senhora Mervale.

— Não senhora, agradeço-lhe, — respondeu o jovem. — Tomarei a franqueza de propor um convite mais estimulante ao meu velho amigo. Vinho, Mervale... Vinho, eh? Ou uma taça de ponche inglês. A sua esposa nos desculpará, se passarmos a noite bebendo.

A senhora Mervale puxou para trás a sua cadeira, e custou-lhe

muito esforço dissimular a sua surpresa.

Porém, Glyndon não deu ao seu amigo tempo de replicar.

— Encontro-me, enfim, na Inglaterra, — disse, olhando em torno com um sorriso irônico; — seguramente este ar exercerá em mim uma benéfica influência, e poderei viver aqui como os demais.

— Esteve doente, Glyndon? — perguntou o seu amigo.

— Doente! Sim, — respondeu o artista. — Hum! Você tem uma casa magnífica. Haverá nela um pequeno quarto para um viajante solitário?

Mervale dirigiu um olhar à sua esposa, que se manteve com os olhos fixos no tapete.

— Modesto e reservado em suas maneiras... Talvez demasiado! — Pensava a senhora Mervale, que se achava no sétimo céu da indignação e surpresa!

— Minha querida? — disse, por fim, Mervale com afabilidade e em tom interrogante.

— Que é? — respondeu a esposa, com mal dissimulada aspereza.

— Podemos oferecer um quarto ao meu amigo. Será? O amigo, que se havia sentado comodamente em uma cadeira com os pés colocados sobre o amparo diante do fogão, olhava atentamente o fogo, como se tivesse esquecido já a sua pergunta.

A senhora Mervale mordeu os lábios, e depois de refletir um instante, respondeu com frieza:

— Certamente, senhor Mervale; os seus amigos devem sentir-se aqui como em sua própria casa.

Ao dizer isto, a senhora se levantou, acendeu uma vela e saiu da sala, com ar majestoso. Quando voltou, os dois amigos se haviam passado para o escritório.

O relógio bateu meia-noite, uma, duas horas! Três vezes a

senhora Mervale havia mandado um criado ao escritório, para saber primeiramente, se precisavam de alguma coisa; pela segunda vez, se o senhor Glyndon queria dormir numa cama com colchões de plumas; e pela terceira vez, para perguntar-lhe se devia abrir a sua mala. E o viajante, depois de responder a todas estas perguntas, acrescentava, cada vez, com uma voz robusta que se ouvia da cozinha até o sótão:

— Outra taça! Porém mais forte; sim, faça o favor, e que venha já!

Por fim, Mervale apareceu no quarto conjugal. Tinha os olhos brilhantes, as faces ardiam, e sentia as pernas trôpegas; e ele se pôs a cantar. Sim o senhor Thomaz Mervale cantou!

— Senhor Mervale! É possível, senhor? — exclamou, irada, a esposa.

Mas ele, em vez de responder, cantou:

— O rei Cole era uma alma fagueira.

— Senhor Mervale! Deixe-me só!

— Não deixou fazer a ninguém...

— Senhor Mervale! Que exemplo está dando o senhor aos criados!

— O cachimbo acendeu, mandou vir a poncheira. .

— Se não se calar, senhor, chamarei. .

— E também já os músicos vêm.

CAPÍTULO III

"In die Welt weit
Aus der Einsamkeit
Wollen sie Dich locken".
Faust.

"Ao mundo vasto, da solidão te querem atrair".

Pela manhã seguinte, à hora do almoço, a senhora Mervale estava tão taciturna, como pode estar uma mulher que se crê muito ofendida. Mervale, por sua parte, dir-se-ia um criminoso, perseguido pelos remorsos, e pela vingança do mau humor. Só falou para queixar-se de uma forte dor de cabeça e para dizer que tirassem os ovos da mesa.

Clarêncio Glyndon, imperturbável e com bom apetite, estava de um humor buliçoso, e falava pelos três.

— Pobre Mervale! — dizia. — Perdeu os hábitos de verdadeiro companheirismo, senhora! Mas dentro de um par de noites, tornará a ser o mesmo que era dantes.

— Cavalheiro, — observou a senhora Mervale, pronunciando uma premeditada sentença, com suma dignidade, — permite-me que lhe recorde que o senhor Mervale agora está casado, que é o presumível pai de uma família e o atual dono de uma casa.

— Precisamente estas são as razões que me fazem invejá-lo, — retrucou Glyndon. — Eu também tenho grande desejo de casar-me; a felicidade é contagiosa.

— Pinta ainda? — perguntou Mervale, com desaprovação,

esforçando-se para dar outro rumo à conversação do seu hóspede.

— Não, — respondeu o artista; — adotei o seu conselho. Troquei a arte e o ideal pelo positivismo. Se tornar a pintar, suponho que você comprará meus quadros. Porém, trate de acabar o seu almoço, homem; quero consultá-lo sobre umas coisas. Vim à Inglaterra para cuidar dos meus negócios. A minha ambição é fazer dinheiro e, para isto, conto com sua experiência e seus conselhos, que hão de servir-me muito.

— Ah! Tão cedo se desenganou da Pedra Filosofal? — disse Mervale. — Não sei se já lhe contei, Sara, que, quando deixei o meu amigo Glyndon, estava ele a ponto de tornar-se alquimista e mago.

— Está hoje disposto a gracejar? — retrucou a esposa.

— Não, minha querida; palavra de honra, afirmo que é a verdade. Não lhe havia contado já antes?

Glyndon levantou-se de repente, dizendo:

— Por que recordar, agora, os desvarios de uma louca presunção? Já disse que regressava à minha terra natal, para praticar a saudável vocação a que me sinto inclinado! Ah, sim! Que coisa pode haver mais salutar, mais nobre e mais apropriada à nossa natureza do que o que se chama a vida prática? Se possuirmos algumas faculdades, que coisa melhor podemos fazer do que vendê-las vantajosamente?

Compremos conhecimentos como compramos os nossos gêneros de comércio; adquiramo-los aos preços mais baratos possíveis, e vendamo-los, depois, por preços notavelmente maiores! Não acabou ainda de almoçar?

Os dois amigos saíram à rua. Mervale tremia ao ouvir com quanta ironia Glyndon o felicitava por sua respeitável posição, seu modo de vida, seus propósitos, seu feliz matrimônio e seus oito quadros colocados em tão ricas molduras. Antigamente, o sóbrio

Mervale exercia certa influência sobre o seu amigo; naquele tempo, era ele que empregava sempre o sarcasmo contra o caráter tímido e irresoluto de Glyndon. Agora estavam trocados os papéis. Havia, no gênio alterado do pintor, uma fogosa seriedade que intimidava o seu pacífico amigo, impondo-lhe silêncio, e parecia comprazer-se malignamente, dando-lhe a entender que estava persuadido de que a sóbria vida dos homens da sociedade era desprezível e vil.

— Ah! — exclamava Glyndon, — quanta razão tinha em aconselhar-me que tratasse de fazer um respeitável casamento, procurando uma sólida posição, vivendo em decoroso medo do mundo e da própria mulher, suportando a inveja dos pobres e gozando a boa opinião dos ricos. Praticou o que pregava. Deliciosa existência! O escritório do comerciante e os sermões pregados pela esposa! Ah! Ah! Teremos outra noite como a passada?

Mervale confuso e irritado encaminhou a conversação para os negócios de Glyndon, e ficou surpreso ao ver os conhecimentos do mundo dos negócios que o artista parecia ter adquirido tão repentinamente; e mais ainda admirado ao notar com que sutileza e inveja falava o seu amigo das especulações que estavam mais em voga no mercado. Sim, Glydon tinha, certamente, o sério propósito de tornar-se rico e respeitável, e ganhar, ao menos, os dez por cento em suas transações comerciais!

Depois de passar alguns dias com o comerciante, durante os quais esteve a ponto de levar a desorganização em toda a casa, fazendo da noite dia, convertendo a harmonia em desacordo, levando a pobre senhora Mervale a uma disposição que a tornava meio distraída, e convencendo o seu amigo de que se deixava dominar demasiadamente pela esposa, o fatal hóspede desapareceu tão repentinamente como havia chegado.

Arranjou uma casa própria, procurou a sociedade de pessoas

abastadas, entregou-se aos negócios da bolsa; parecia, enfim, haver-se convertido num homem de negócios. Os seus projetos eram atrevidos e colossais, e os seus cálculos rápidos e profundos.

Em breve, Mervale, pasmado pela energia de Glyndon e deslumbrado pelos seus sucessos, começou a ter-lhe inveja e a estar descontente com seus próprios ganhos, regulares e lentos.

Quando Glyndon comprava ou vendia fundos públicos, chovia dinheiro; o que a sua arte não podia oferecer-lhe em muitos anos de trabalho, deram-lhe algumas felizes especulações, realizadas em poucos meses. De repente, porém, deixou estes negócios, pois novos objetos de ambição pareciam atraí-lo a outro terreno. Quando ouvia tocar um tambor na rua, que glória podia haver maior que a do soldado?

Quando se publicava um novo poema, que renome podia igualar ao do poeta? Glyndon começou a escrever algumas obras literárias que prometiam serem excelentes; porém, antes de concluí-las, punha-as de lado, desgostoso.

De pronto abandonou a sociedade que frequentava, e, associando-se com alguns jovens turbulentos e imprudentes, entregou-se a todos os vícios e excessos da grande cidade, onde o Ouro reina sobre o Trabalho e o Prazer. Por toda a parte levava consigo um certo poder e um calor de alma; em todas as sociedades aspirava a dominar, e em todas as empresas, a brilhar.

Sem embargo, qualquer que fosse a paixão que o dominava no momento, a reação sempre era terrível e triste. Às vezes, se entregava a muitas profundas e estranhas meditações. Quando ardia na febre da atividade, parecia que a sua mente queria despojar-se da memória; e quando repousava, parecia que a memória se apoderava outra vez da sua mente, para devorá-la.

Mervale via-o, agora, muito pouco, pois evitavam ambos

encontrar-se um com o outro. E assim chegou Glyndon a não ter nenhum confidente, e nenhum amigo.

CAPÍTULO IV

"Ich fühle Dich mir nahe; Die Einsanmkeit belebt; Wie über gemem Welten Der Unsichtbare schwebt".
Uhuland.

"Sinto-te perto de mim; a solidão se anima; como sobre os seus mundos, paira aqui o Invisível".

Glyndon achava-se mais num estado de intranquilidade e agitação do que de uma infatigável atividade, até que dele foi tirado pela visita de uma pessoa que parecia exercer sobre ele uma salutar influência.

Sua irmã, órfã como ele, havia residido no campo, com sua tia. Em sua primeira juventude, o artista amara esta irmã, mais jovem do que ele, com o terno carinho de um irmão afetuoso. Ao seu regresso à Inglaterra, parecia havê-la esquecido completamente. Havendo falecido a sua tia, esta jovem dirigiu-se ao irmão por meio de uma carta, cheia de impressionável melancolia, dizendo que agora não tinha outra casa a não ser a do irmão, nem outro amparo senão o seu afeto. Glyndon chorou ao ler esta carta, e não sossegou até a chegada de Adélia.

Esta jovem, de uns dezoito anos de idade, ocultava, sob uma calma e singeleza exterior, uma grande parte do romântico entusiasmo que caracterizava o seu irmão, quando este tinha a sua idade. Sem embargo, o entusiasmo de Adélia era de uma natureza muito mais pura, e tinha seus limites regulares, em parte pela doçura de uma natureza verdadeiramente feminina, e em parte pela estrita e

metódica educação que recebera. Diferia especialmente do caráter do seu irmão na timidez, que era maior do que se costumava ver nas jovens de sua idade; mas esta timidez era oculta pelo costume de dominar-se, e isto tão cuidadosamente, como também o romantismo de suas ideias.

Adélia não era bela; o seu aspecto era o de uma pessoa de constituição delicada e de pouca saúde; a débil organização de seus nervos tornava-a susceptível a toda a impressão que pudesse influenciar a saúde do corpo através da simpatia da mente.

Como, porém, nunca se queixava, e porque, por outra parte, a singular serenidade de suas maneiras parecia indicar uma equanimidade de temperamento que, para o vulgo, podia passar por indiferença, os seus sofrimentos não foram percebidos por muito tempo, porque os sabia dissimular, sem grande esforço.

Ainda que, como já disse, não fosse bela, a sua fisionomia era interessante e simpática, pois revelava essa afetuosa bondade, esse sorriso atraente e encantador, e esse dom de agradar e consolar, que ia diretamente ao coração. Tal era a irmã que Glyndon, por tanto tempo, havia olvidado, e a qual, agora, havia recebido tão cordialmente.

Adélia tinha passado muitos anos sendo vítima dos caprichos, que ocasionaram um sem número de enfermidades de uma parente egoísta e exigente. A delicada, generosa e atenta consideração do seu irmão foi, para ela, tão nova, como deliciosa. Glyndon se comprazia em torná-la feliz, a tal ponto que, pouco a pouco, se foi retirando de toda outra sociedade, e começou a sentir o encanto do lar. Não deve admirar-nos, portanto, que Adélia, livre de toda outra indignação mais ardente, concentrasse todo o seu carinho e gratidão no irmão que a protegia e amava tão dedicadamente. Os estudos a que a jovem se dedicava de dia, e os sonhos que a visitavam de noite,

todos tinham um só objetivo: pagar-lhe a sua afeição. Estava orgulhosa do talento do irmão, e dedicava-se exclusivamente ao bem-estar dele; a coisa mais insignificante que pudesse interessá-lo tomava para ela o aspecto de um dos mais graves interesses na vida. Em suma, todo o acumulado tesouro de entusiasmo, que constituía a sua perigosa e única herança, ela o inverteu neste cínico objeto de sua santa ternura, nesta imaculada ambição.

Porém, à medida que Glyndon abandonava os excessos e excitamentos, a que se entregava para ocupar o seu tempo, ou para distrair os seus pensamentos, a tristeza de suas horas mais tranquilas vinha sentindo-se mais profunda e mais contínua. Ele temia sempre e muitíssimo, estar só; e não podia suportar que a sua nova companheira se ausentasse da sua vista: passeava com ela, a pé ou a cavalo, e só com visível relutância, que quase tocava ao horror, retirava-se de noite, e a horas muito avançadas, para deitar-se.

Esta tristeza não era desse gênero a que se dá o brando nome de melancolia, era muito mais intensa; parecia antes ser uma espécie de desespero. Muitas vezes, depois de um silêncio sepulcral e de uma abstração que o deixava como que convertido numa estátua, sobressaltava-se de repente e lançava olhares assustados ao seu derredor. O seu corpo tremia, os lábios se tornavam lívidos e sentia a fronte banhada de suor frio.

Convencida Adélia de que alguma mágoa secreta afligia seu irmão e que isto poderia minar-lhe a saúde sentiu o fortíssimo e natural desejo de ser sua confidente, para poder consolá-lo. Com seu fino e delicado tato, observou que Glyndon sentia grande desgosto quando parecia afetado pelo seu mau humor, e a jovem se esforçava por dominar seus temores e seus sentimentos. Não queria solicitar a confiança do irmão, mas tratou de obtê-la gradualmente, sem que ele o notasse, e viu que, pouco a pouco, ia conseguindo o seu propósito.

Demasiado preocupado com a sua própria estranha existência, para observar agudamente o caráter dos outros, Clarêncio Glyndon equivocou-se, tomando a calma de uma afeição generosa e humilde por força da alma e vigor da constituição; e esta qualidade lhe agradava e lhe servia de consolo. É a força e segurança de si mesmo, que uma pessoa, que tem a alma doente, requer no confidente que escolhe por seu médico. E como é irresistível o desejo de comunicar um pesar! Quantas vezes o homem solitário pensou consigo: "Como seria aliviado o meu coração, se eu pudesse confessar o peso de sua miséria!"

Glyndon sentia também que, na juventude, na inexperiência, no temperamento poético de Adélia podia achar mais conselhos e ser por ela mais facilmente compreendido do que por qualquer outra pessoa mais severa e prática. Mervale teria tomado as suas revelações como os delírios de uma imaginação louca, e a maior parte dos homens as consideraria, na melhor hipótese, com as quimeras ou alucinações de um homem enfermo.

Assim, tendo-se preparado, pouco a pouco, para esse momento de alívio, que tanto anelava, aproveitou uma oportunidade que favorecera o desenlace desta maneira:

Uma tarde, estando ambos sós, Adélia, que herdara parte do talento artístico do seu irmão, entretinha-se pintando.

Glyndon, saindo de suas meditações, menos tétricas do que de costume, levantou-se e, pondo afetuosamente a mão sobre o ombro da irmã, pôs-se a olhar o seu trabalho. De repente, deixando escapar uma exclamação de surpresa, tirou-lhe das mãos o desenho, e disse:

— Querido Clarêncio, não se recorda do original? — respondeu a jovem. — Uma cópia do retrato do nosso sábio avô, com quem, segundo dizia a nossa pobre mãe, você tem muita semelhança. Eu pensei que você gostasse de ver-me copiá-lo de memória.

— Maldita semelhança! — exclamou Glyndon, tristemente.

— Não advinha o motivo porque eu não quis voltar à casa dos nossos pais? Porque temia ver aquele retrato! Porque..., porque... Mas, perdoe-me, eu a assusto!

— Não, não, Clarêncio; você não me assusta nunca, quando fala; eu temo só o seu silêncio! Oh! Se me cresse digna de sua confiança! Se me tivesse concedido o direito de discutir consigo sobre as suas mágoas, cujas causas tanto desejo conhecer!

Glyndon não respondeu, mas começou, a passear agitado pelo quarto. Depois de alguns instantes, parou e, fixando na irmã um olhar sério, disse:

— Sim, você também descende dele; sabe que essa classe de homens tem vivido e sofrido; você não zombará de mim, nem duvidará das minhas palavras. Escute! Escute! Que ruído é este?

— Não é nada, Clarêncio; é apenas o vento que se ouve lá fora.

— Dê-me a sua mão, minha Adélia; deixe-me sentir o seu vivo contato; e nunca comunique a ninguém o que lhe vou contar. Oculte-o a todo o mundo; jure-me que este segredo morrerá conosco, os últimos descendentes da nossa predestinada raça!

— Nunca trairei a sua confiança, nunca! Juro-lhe! — disse Adélia, com acento firme, e aproximando-se mais do seu irmão.

Então, começou Glyndon a sua história, a qual, narrada por escrito, e lida por pessoas preparadas para discutir e duvidar pode, talvez, parecer fria e pouco aterradora; um efeito muito diferente, porém, produzia, sendo referida por aqueles lábios pálidos, com toda a verdade do sofrimento que convence e espanta. Muitas eram, realmente, as coisas que o narrador ocultou, e muitas às quais, involuntariamente deu um colorido mais suave; porém, apesar disto, revelou o bastante para que a sua narração fosse inteligível e clara para a pálida jovem, que o escutava tremendo.

— Ao amanhecer, — terminou Glyndon, depois de ter referido tudo o que leitor já sabe dos acontecimentos no velho castelo, — deixei aquela tétrica e maldita habitação. Sem embargo, tinha ainda a esperança de que tornaria a ver Mejnour, a quem me propunha procurar pelo mundo. Eu esperava obrigá-lo a livrar-me do inimigo que aterrorizava a minha alma. Com este intento, viajei de uma cidade a outra, fazendo praticar as mais ativas diligências pela polícia da Itália. Em Roma, empreguei até os serviços da Inquisição, que ultimamente havia dado uma prova de seu antigo poder no processo do afamado Cagliostro, que era menos temível do que Mejnour. Tudo foi em vão; não foi possível encontrar-se o menor vestígio do homem que eu procurava. Eu não ia só, Adélia.

Glyndon interrompeu-se por um momento, como embaraçado, porque, em sua narração, só uma ou outra vez havia aludido a Filida, a qual, como o leitor deve supor, era a sua companheira.

— Eu não ia só; porém a minha alma não podia confiar o seu segredo à pessoa que me acompanhava nas viagens. Embora fosse fiel e afeiçoada, carecia ela de educação e das faculdades necessárias para poder compreender-me. Possuía instintos naturais, mas a sua razão era inculta. O meu coração encontrava nela um apoio em suas horas tranquilas; mas não existia entre nós comunhão de pensamentos, e o meu atribulado espírito não podia tomá-la por guia. Todavia, na companhia daquela pessoa, o demônio não me inquietava. Deixe que lhe explique mais minuciosamente as terríveis condições de sua presença.

Quando eu me imergia em excitamentos baixos, em orgias, em tumultuosos e fogosos excessos, na torpe letargia daquela vida animal, que nos nivela aos brutos, os seus olhos permaneciam invisíveis e o seu murmúrio era mudo. Porém, sempre quando a alma tinha alguma aspiração, quando a imaginação se inflamava

para alcançar alguns fins elevados, quando a consciência do nosso verdadeiro destino lutava contra a vida desregrada que eu levara, então, Adélia — então o espectro vinha acocorar-se a meu lado, na luz do meio-dia, ou sentar-se em minha cama, "uma coisa escura", visível na escuridão mesma. Se, nas galerias da Divina Arte, os sonhos da minha juventude despertavam a minha anterior emulação, se eu dirigia os meus pensamentos aos pensamentos dos sábios, se o exemplo dos grandes homens ou a conversação dos homens inteligentes acordavam o meu intelecto adormecido, o demônio do espectro surgia à minha presença, como evocado por um encantamento. Por fim, uma tarde, na cidade de Genova, aonde eu fui à busca do místico, de repente, quando eu menos o esperava, Mejnour apareceu diante de mim. Era por ocasião do Carnaval; eu estava numa dessas cenas tumultuosas, que não merecem o nome de divertimento e que estabelecem saturnais pagãs no meio de uma festa cristã. Cansado de dançar, eu entrava num quarto onde estavam alguns folgazões bebendo, cantando e gritando; com seus fantásticos disfarces e suas máscaras hediondas, a sua orgia não tinha nada de humano. Sentei-me entre eles, e, nessa excitação de espírito que o homem feliz nunca conheceu, em pouco tempo vim a ser o mais barulhento de todos. A conversação versava sobre a Revolução Francesa, que sempre tinha exercido sobre mim uma espécie de fascinação. As máscaras falavam da transmutação que essa revolução ia trazer à terra, não como filósofos que se comprazem no advento das luzes, mas como sicários que exultavam no aniquilamento das leis. Sem saber porque, a sua linguagem licenciosa me causou náuseas; e, sempre desejoso de ser o dianteiro em qualquer círculo, excedi em breve àqueles turbulentos em declamações sobre a natureza da liberdade que ia abraçar todas as famílias do globo, liberdade que invadia não somente a legislação

pública, mas também a vida doméstica, emancipando o homem de todas as cadeias forjadas para sujeitá-lo. No meio deste discurso, uma das máscaras me disse: Cuidado! Há um que lhe escuta, e que me parece ser um espião.

"Os meus olhos seguiram os da máscara, e observei um homem que não tomava parte na conversação, mas cujos olhos pareciam constantemente fixos sobre mim. Ele estava disfarçado como os demais; porém todos asseguravam, murmurando uns aos outros, que não o haviam visto entrar. O seu silêncio e a sua atenção, impondo respeito aos folgazões deste círculo, não fizeram senão excitar-me mais.

Entusiasmado com as minhas próprias palavras, prossegui perorando, sem fazer caso dos sinais que me faziam os que me rodeavam; e, dirigindo-me particularmente ao silencioso mascarado que estava sentado fora do círculo, nem sequer adverti que os demais, uns após outros, foram abandonando o quarto, e que, por fim, eu e o silencioso ouvinte éramos os únicos que ali permaneciam".

"Cessando a minha impetuosa declamação, disse-lhe:".

E o senhor, que pensa desta brilhante era? Opinião sem perseguições; fraternidade sem inveja; amor sem escravidão.

E vida sem Deus, — acrescentou o mascarado, quando titubeei, buscando novas imagens.

"O som daquela voz, tão conhecida, mudou o curso das minhas ideias. Precipitei-me até ao mascarado, e exclamei: Impostor ou Demônio, finalmente nos encontramos!"

O homem se levantou, tirou a máscara, e eu reconheci a fisionomia de Mejnour. O seu olhar fixo e seu aspecto majestoso me aterrorizaram, fazendo-me retroceder. Fiquei como que cravado no solo.

Sim, — disse o homem misterioso, com acento solene, — encontramo-nos, porque eu o quis, pois tenho que lhe falar. Como tem seguido bem os meus conselhos e admoestações! São estas as cenas, no meio das quais o Aspirante à Serena Ciência pensa escapar ao Espectro Inimigo? Crê que os pensamentos que expressou — pensamentos que destruíram toda a ordem do universo — correspondem às esperanças que concebera o sábio que queria fazê-lo participar da Harmonia das Esferas Eternas?

"Tua mesmo é a culpa! — exclamei. — Exorciza o fantasma! Liberta-me deste terror que esmaga a minha alma!"

Mejnour contemplou-me um instante, com um frio e profundo desdém, que me provocou, ao mesmo tempo, medo e raiva, e replicou:

"— Não, insensato escravo dos sentidos, não! É' necessário que tenhas uma completa experiência das ilusões que o Saber sem Fé encontra no seu titânico caminho. Suspira por esta Revolução, por esta Nova Era. Pois bem, vê-la-ás! Serás um dos agentes da Era da Luz e da Razão. Neste momento, enquanto te falo, vejo a teu lado o fantasma, de que foges; ele guia os teus passos; ele tem, sobre ti, ainda um poder que desafia o meu. Nos últimos dias dessa Revolução que saúdas, no meio das ruínas da Ordem que amaldiçoas como opressão, busca o cumprimento do teu destino, e aguarda a tua cura!"

"Neste instante, um turbulento grupo de máscaras, em altos gritos, entrou, cambaleando, no quarto, e separou-me do místico. Abrindo passo por entre esse grupo, procurei Mejnonr por toda parte, porém em vão. As pesquisas que fiz no dia seguinte foram igualmente infrutíferas. Passei semanas inteiras ocupado na mesma tarefa, sem descobrir nem o mínimo vestígio de Mejnour. Cansado de falsos prazeres, impressionado pelas repreensões que havia

merecido, e retirando-me da cena onde Mejnour me profetizara que encontraria a minha cura, ocorreu-me por fim, a ideia de que, no saudável ar da minha terra natal, levando uma vida tranquila e dedicando-me a sérias empresas, poderia emancipar-me do espectro Abandonei aquela vida e, libertando-me de todos os que me haviam seduzido e fascinado, vim para aqui. Nos projetos mercenários e nas especulações egoístas, achei o mesmo alivio que primeiro achara nos vícios e excessos. O fantasma se mantinha invisível. Porém, estas ocupações tornaram-se, em breve, tão fastidiosas como as outras. Eu sentia incessantemente que havia nascido para algo mais nobre do que a sede da ganância, que a vida pode tornar-se igualmente indigna e a alma desgraçada, tanto pelo frio sopro de avareza, como pela ardente turbulência das paixões. Eu me sentia continuamente atormentado por uma ambição mais nobre. Porém, continuou Glyndon, com um estremecimento e empalidecendo, a cada esforço que eu fazia para entrar numa existência mais digna, apresentava-se-me o horrível espetro. Se eu pintava, via-o ao lado do meu cavalete. Se eu lia os livros dos sábios e dos poetas, via os seus ardentes olhos no silêncio da noite, e parecia-me que a sua horrível voz murmurava tentações que nunca serão divulgadas".

Glyndon calou-se e grossas gotas de suor corriam-lhe pela testa.

— Mas eu — disse Adélia, dominando o medo e abraçando o irmão, — eu, de hoje em diante, não viverei senão para a sua felicidade; oxalá possa a minha afeição desvanecer este terror que o acabrunha.

— Não, não! — exclamou Glyndon, desprendendo-se dela.

— Falta ainda a revelação mais terrível! Desde que está aqui desde que resolvi seriamente corrigir-me e retirar-me das cenas em que este inimigo sobrenatural não viesse molestar-me, eu. . . eu . . . Ó Deus! Misericórdia!... Ali está o espectro..., ali, a seu lado... ali!

E Glyndon caiu ao solo, perdendo os sentidos.

CAPÍTULO V

"Doch wunderbar ergriff mich's diese Nacht; Die Glieder schienen schon in Todes Macht".
Uhand.

"Mas nesta noite senti uma admirável comoção; os meus membros pareciam estar já no poder da morte".

Glyndon sofreu, durante alguns dias, uma febre, acompanhada de delírio, que o privou do conhecimento; e quando, mais pelos cuidados de Adélia do que pela habilidade dos médicos, começou a recuperar a saúde e a razão, ficou extremamente surpreso ao ver a mudança que se havia verificado no semblante da sua irmã. A principio, pensou, erroneamente, que a saúde dela, alterada por causa de suas vigílias, se restabeleceria ao mesmo tempo em que a sua própria. Em breve, porém, viu, com uma angústia que participava do remorso, que as raízes dessa doença estavam muito profundo, tão profundas que nem a ciência de Esculápio, nem o poder de suas drogas podiam curá-la.

A imaginação da irmã, quase tão viva como a sua própria, fora fortemente impressionado pelas estranhas confissões que ouvira durante o seu delírio. Repetidas vezes ele gritava:

— Ali está o espectro, minha irmã, a seu lado!

O desventurado chegou a gravar na mente da jovem a imagem do fantasma e o horror que perseguia e oprimia a ele mesmo. Glyndon compreendeu tudo isto, não porque a irmã lho dissesse, mas pelo silêncio que ela guardava, pelos olhos que fitavam o

espaço, pelos estremecimentos que observava nela, de vez em quando, por seu contínuo sobressalto e porque a sua vista, aterrorizada, não se atrevia a voltar-se para trás. O artista arrependeu-se amargamente da sua confissão; amargamente compreendeu que, entre os seus sofrimentos e a simpatia humana, não podia existir nenhum terno laço, nem uma santa comunhão; em vão procurou retratar e desfazer o que fizera, declarando que tudo o que lhe havia contado não era mais do que alucinação de uni cérebro exaltado!

E era valente e generosa a sua abnegação; pois, muitas e muitas vezes, quando dizia isso, via o objeto do seu terror aparecer e acocorar-se ao lado da irmã, fitando nele seus olhos ameaçadores, quando ele negava que esse mesmo espectro existisse.

O que, porém, impressionou Glyndon ainda mais do que o aspecto doentio de Adélia e os seus nervos hiper excitados, foi o ver que o amor que ela lhe tinha se havia convertido em medo e que a sua presença lhe causava uma espécie de horror. A jovem empalidecia quando o irmão se aproximava dela, e estremecia quando ele segurava a sua mão. Separado já de todo o mundo, viu que a contínua recordação do fantasma havia aberto agora um abismo entre ele a irmã. Glyndon não podia mais suportar a presença da pessoa cuja vida a sua vida amargurava. Declarou à irmã que tinha necessidade de fazer uma viagem, e sentiu uma profunda mágoa ao ver que a irmã recebia esta notícia com grande satisfação. Desde a noite em que lhe fizera a fatal revelação, este era o primeiro sinal de alegria que observara no semblante da sua irmã, e pareceu maior o contentamento dela, quando lhe disse.

— Adeus!

Glyndon viajou, durante algumas semanas, pelos sítios mais desertos e escabrosos da Escócia; as vistas que são deliciosas para os

artistas em geral, eram indiferentes aos seus olhos inquietos.

Em tal disposição de ânimo, recebeu uma carta que o obrigava a regressar a Londres, com urgência e com a alma cheia de angústia e medo.

Quando chegou, encontrou a irmã num estado de saúde física e mental, muito mais deplorável do que havia imaginado. O seu olhar vago, as suas feições lívidas e o seu enorme abatimento o assombraram; era como se contemplasse a cabeça de Medusa e sentisse, sem poder obstá-lo, que o ser humano ia se transformando, gradualmente, em uma fria estátua sem vida. O que Adélia padecia, não era delírio nem idiotismo, era uma abstração, uma terrível apatia, uma espécie de sono com os olhos abertos. Somente pelas onze horas da noite, à hora em que Glyndon concluíra a sua história, a jovem se tornava visivelmente inquieta, perturbada e quase frenética; os seus lábios murmuravam, então palavras ininteligíveis, as suas mãos se torciam, e ela, dirigindo um olhar de terror em torno de si, parecia implorar socorro e proteção; e, de repente, quando o relógio dava onze horas, lançava um agudo grito e caia ao chão, fria e como morta. Somente com muita dificuldade e, depois das mais ardentes súplicas, respondeu às perguntas angustiosas de Glyndon; e, por fim, confessou que, naquela hora, e somente naquela, onde quer que se encontre e qualquer que fosse a ocupação a que se entregava, via claramente a aparição de uma velha bruxa, a qual depois de bater três pancadas na porta, entrava no quarto, aproximava-se dela coxeando e, com uma fisionomia hedionda, transtornada pela ira e pela ameaça, lhe punha seus gelados dedos sobre a testa; perdia, então, os sentidos, e quando voltava a si, era somente para aguardar, com medo que lhe gelava o sangue nas veias, a reaparição do terrível espectro.

O médico que tinha sido chamado para socorrer Adélia, antes

do regresso de Glyndon, e que foi quem escreveu a carta chamando este para junto da irmã, era um prático vulgar, que, depois de se manifestar honestamente que não compreendia aquele mal, pediu que o substituíssem por outro médico, mais experimentado em sua arte. Clarêncio chamou um dos doutores mais eminentes da Faculdade, e o fez ciente da ilusão ótica que atormentava a sua irmã. O médico ouviu-o com atenção e pareceu ter grandes esperanças de curá-la. Veio à casa de Glyndon duas horas antes da hora temida pela doente. Ele adiantou os relógios em meia hora, sem que o soubessem Adélia e o seu irmão. O doutor era um homem de talento e conversava muito agradavelmente, revelando, a par da vasta instrução, aguda percepção e o dom de interessar e divertir os ouvintes. Primeiramente, administrou à enferma uma poção anódina, a qual como ele mesmo supunha, desvaneceria a ilusão. O seu tom, cheio de confiança, despertou as esperanças de Adélia; o médico continuou distraindo a atenção desta, fazendo-a sair, pouco a pouco, do seu estado de prostração; ele gracejava e ria, até que se ouviu o relógio das as onze horas.

— Alegre-se, meu irmão! — exclamou, então, Adélia, abraçando Glyndon; — passou a hora!

E, como uma pessoa que se vê livre de um encantamento, pareceu recuperar a sua antiga alegria.

— Ah, Clarêncio! — murmurou, — perdoe-me o desamparo em que o havia deixado..., perdoe por ter medo de ti. Viverei!... Viverei! Para, por minha vez, banir o espectro que o atormenta!

E Clarêncio sorria, enxugando as ardentes lágrimas que lhe corriam pelas faces.

O médico prosseguiu contando alegres histórias e chistosas anedotas. No meio de uma corrente de bom humor que parecia ter inundado Adélia e o seu irmão, Glyndon viu, de repente, no

semblante da jovem a mesma transformação, o mesmo olhar angustioso, o mesmo desassossego e o mesmo horror, como na noite precedente. Ele se levantou e aproximou-se da irmã.

Adélia, com um terrível estremecimento exclamou:

— Olha! Olha! Olha! Ela vem! Salve-me dela, salve-me! E caiu aos pés do irmão, em espantosas convulsões, quando o relógio, que o médico em vão adiantara, deu a meia hora depois das onze.

O doutor levantou-a nos braços, dizendo seriamente:

— Os meus piores temores, infelizmente, se confirmaram; a enfermidade é uma epilepsia .**[**1**]**

Na noite seguinte, à mesma hora, Adélia Glyndon faleceu.

CAPÍTULO VI

"La loi, dont le règne vous épouvante, a son glaive levé sur vous; elle vous frappera tous: le genre humain a besoin de cet exemple".
Couthon.

"A lei, cujo reino vos terrifica, tem o seu gládio levantado contra vós; ela vos castigará a todos: o gênero humano precisa deste exemplo".

Ah! Que alegria! Que alegria! Vem outra vez! Aperto sua mão e beijo os seus lábios. Diga-me que não me abandonou pelo amor de outra; digamo-lo repetidas vezes! E eu o perdoarei sem mais!

— Então, sentiu a minha ausência?

— Se a senti! E, sem embargo, foi bastante cruel para deixar-me dinheiro; aqui está... aqui está, intacto!

— Pobre filha da Natureza! E como obteve pão e o abrigo aqui no estrangeiro, nesta cidade de Marselha?

— Honestamente, alma de minha alma! Honestamente, e isso com esta cara que um dia achou ser tão bela; acha que o é ainda agora?

— Sim, Filida, acho-a hoje mais formosa do que nunca.

Porém, que é o que quer dizer?

— Há aqui um pintor, respondeu a jovem, um grande homem, uma das pessoas que mais figuram em Paris; não sei como se chama; mas ele tem aqui o poder sobre tudo, dispõe da vida e da morte dos demais; e este homem me pagou muito bem por deixar-me retratar.

Ele quer dar o seu quadro à Nação, de presente, pois este artista pinta somente pelo desejo de glória. Que renome vai adquirir a sua Filida!

Ao dizer isto, a vaidade fez brilhar os vivos olhos da rapariga, que prosseguiu:

— Esse homem queria casar-se comigo e me disse que, se eu consentisse nisso, se divorciaria de sua mulher. Mas eu não quis aceitar. Esperava-o, ingrato!

Neste instante, bateram à porta; um homem entrou. Nicot!

— Ah! Glyndon! Olá! Seja bem vindo! Como! Outra vez meu rival? Porém, Jean Nicot não pensa em malícia. A virtude é o meu sonho, a minha pátria é a minha querida. Sirva a minha pátria, cidadão, e eu lhe perdoo a preferência desta bela.

Porém, enquanto o pintor falava, ouvia-se, nas ruas, o hino fogoso da "Marselhesa", cantado por uma multidão entusiasta, levando bandeiras e armas. E quem seria capaz de dizer que aquele movimento marcial era o sinal, não de uma guerra contra algum povo estranho, mas de uma matança, em que os franceses perseguiam franceses? Pois em Marselha havia dois partidos, e isto dava uma ocupação contínua ao verdugo! Porém, o inglês recém-chegado à cidade, e não pertencendo a nenhuma facção, não percebia nada disto.

Glyndon não percebia mais do que o hino, o entusiasmo, as armas e as bandeiras, que elevavam ao sol a gloriosa mentira: "Le peuple Français debout contre les tyrans!"**[**2**]**

O infeliz animou-se a olhar da janela, a multidão que marchava debaixo do seu estandarte que flutuava ao vento. O povo avistando Nicot, o amigo da Liberdade e do infatigável Mébert, ao lado do estrangeiro, prorrompeu em estrepitosos vivas.

— Aclame também, — gritou Nicot, — o valente inglês que

abjura os seus Pitts e Coburgs, para converter-se em cidadão da Liberdade e da França!

Mil vozes encheram o ar de entusiásticos clamores, e a "Marselhesa" levantou-se novamente, em majestosos tons.

— Ah! Sim, no meio deste povo timorato e destas nobres esperanças, há de desvanecer-se o espectro, e hei de encontrar a minha cura! — murmurou Glyndon.

E parecia-lhe que sentia novamente correr-lhe pelas veias o poderoso elixir.

Será um membro da Convenção, junto com Paine e Clootz.

Eu me encarrego de preparar tudo! — exclamou Nicot, lhe batendo levemente no ombro; e Paris...

— Ah! Se eu pudesse ver Paris! — exclamou Filida, extasiada, com voz alegre.

Alegre! E alegre estava a cidade inteira, por todo esse tempo, e o ar era agradável, — exceto onde se levantava o grito da agonia e o alarido do assassínio.

Dorme tranquila em sua sepultura, Adélia!

Alegria! Alegria! No Jubileu da Humanidade devem cessar todas as mágoas privadas! Olha, marinheiro bravo, a vasta voragem atrai-o ao seu tempestuoso seio! Ali não existe o indivíduo. Tudo é de todos!

Abra suas portas, formosa Paris, ao cidadão estrangeiro! Recebam ó modestos republicanos, em suas fileiras o novo campeão da liberdade, da razão e da humanidade!

Mejnour tinha razão; quando se praticar a virtude e, com a valentia, se sustentar gloriosa luta pela humanidade, o espetro haverá de fugir, voltando às trevas de onde saíra.

E a voz aguda e penetrante de Nicot elogiava este novo campeão; e o magro Robespierre, — "a tocha, a coluna, a pedra

angular do edifício da República”[3], — lhe sorria ominosamente com seus olhos sanguinários; e Filida o apertava, com seus braços apaixonados, ao seu amoroso peito.

E, ao levantar-se e ao deitar-se, à mesa e na cama, apesar de que Glyndon não o visse, o Espectro sem nome o guiava, com olhos de demônio, ao mar cujas águas eram sangue.

NOTAS LIVRO QUINTO

[1] O mais celebre médico em Dublin relatou ao editor (do original inglês) uma história de ilusão ótica, muito semelhante à que acabamos de narrar, tanto no que concerne as circunstâncias como também em relação à causa física.

[2] Levante-se o povo francês contra os tiranos.

[3] “Flambeau, colonne, pierre angulaire de l’édifice de la République”. Lettre du Citoyen P* ; Papiers inédits chez Robespierre, tome II, p. 127. (Carta do cidadão P***, nos papéis inéditos, achados em poder de Robespierre, volume II, pág. 127).

img4.png

LIVRO SEXTO

A SUPERSTIÇÃO FUGINDO DA FÉ

CAPÍTULO I

"Por isso, pintavam-se os Gênios com um prato cheio de grinaldas e flores numa das mãos, e com um açoite na outra".
Alexandre Ross, Mystag. Poeta

Segundo a ordem dos acontecimentos que acabamos de referir, a partida de Zanoni e de Viola, da ilha grega, onde este casal passou dois anos felizes, teve lugar um pouco depois da chegada de Glyndon a Marselha. Foi, por conseguinte, no ano de 1791 que Viola fugira de Nápoles com o seu misterioso amante, e que Glyndon fora procurar Mejnour no fatal castelo.

No momento em que começamos a narração deste capítulo, tornando a ocupar-nos de Zanoni, estamos nos fins do ano de 1793. As estreias do universo brilhavam sobre as lagoas de Veneza. O tumultuoso movimento do Rialto se havia calado, e os últimos passeantes haviam abandonado a praça de São Marcos; somente, de vez em quando, se ouvia o compassado ruído dos remos das rápidas gôndolas que conduziam à casa algum notívago ou amante. Sem embargo, ainda brilhavam luzes através das vidraças dos palácios Paladinos, cujas sombras se refletiam no grande canal; e dentro do palácio velavam as duas Furnênides gêmeas, que nunca dormem para o Homem: a Ânsia e a Dor.

— Se a salvar, far-lhe-ei o homem mais rico de Veneza, — disse o dono do palácio, que era Zanoni, a um médico que chamara para assistir a Viola, que estava passando pelos trabalhos do parto.

— Senhor, — respondeu o médico, — o seu ouro não pode deter a morte, nem a vontade do céu. Se, dentro de uma hora, não se

verificar alguma favorável mudança, prepare-se para suportar o golpe fatal.

Como, Zanoni, homem do mistério e do poder, que tem passado por entre as paixões do mundo com semblante sereno, deixa-se por fim, dominar pelas ondas de tempestuosa ânsia, e teme? Teme o seu espírito? Conhece, finalmente, a força e a majestade da Morte?

E o poderoso Zanoni fugiu, cambaleante, da presença do abatido, facultativo, e depois de cruzar, maquinalmente, a grande sala e o comprido corredor, entrou num quarto apartado, que se conservava cerrado para todas as outras pessoas.

Ah! Zanoni! Como está triste e abatido! Prepare as suas ervas e os seus vasos! Brote dos encantos elementos, ó chama azul prateada! Porque não vem ele, o Filho da Luz Celeste? Porque Adonai permanece surdo à sua solene voz? Não vem; a luminosa e deliciosa Presença, não vem! Kabalista, são vãos os seus encantamentos? O seu trono se desvaneceu dos domínios do espaço? Está pálido e treme.

Oh! Não estava pálido, nem tremia, quando a sua voz governava os gloriosos seres aéreos. Ao homem que empalidece e treme, nunca se inclinam os filhos da glória: a alma, e não as ervas, nem a azulada chama, nem os encantamentos da Cabala, é o que comanda os filhos do ar; e a sua alma perdeu o cetro e a coroa, o Amor e a Morte lhos arrebataram!

Por fim, a chama tremula, o ar está frio como o vento gelado. Aparece uma coisa que não é ser terrestre, uma sombra, semelhante a uma névoa, uma sombra informe. Acocora-se a certa distância, um horror mudo! A aparição se levanta; arrasta-se em direção a si, e aproxima-se, envolta em seu negro e vaporoso manto; e, por debaixo do seu véu, fixa em si os seus olhos lívidos e malignos.

— Ah! Jovem caldeu! Jovem nos seus inumeráveis anos,

— Jovem como quando, insensível ao prazer e à beleza, habitava a velha Torre do Fogo, escutando como o silêncio das estrelas lhe explicava o último mistério que desafia a Morte, teme a Morte agora, finalmente? Não é o seu saber mais do que um círculo que torna a trazê-lo ao ponto onde começou a sua jornada? Gerações após gerações desapareceram desde que nós dois nos encontramos. Olha! Estou outra vez diante de ti!

— Mas eu o olho sem medo! É verdade que têm perecido milhares de homens ao avistá-lo; é verdade que onde os seus olhos irradiam o seu fogo, deitam abomináveis venenos no coração humano, e a sua presença sepulta o infeliz que você sujeita à sua vontade, nas espirais de uma alucinação, ou o leva ao negro calabouço do crime e do desespero; porém, comigo o caso é diferente: não é meu vencedor, mas é meu escravo!

— E como tal o servirei! Manda ao seu escravo, ó formoso caldeu! Escuta os gemidos de mulheres! Ouve os agudos gritos da sua amada! A Morte entrou no seu palácio! Adonai não comparece à sua voz. Os Filhos da Luz Celeste descem aos humanos somente quando nenhuma sombra de paixão e da carne perturba o olhar da Serena Inteligência. Porém, eu posso ajudá-lo! Escute!

E Zanoni ouviu distintamente no seu coração, apesar da distância, a voz de Viola que, em seu delírio, chamava pelo esposo amado.

— Oh! Viola, eu não possa salvá-la! — exclamou o vidente, com voz angustiada; — o amor que lhe professo me desarmou!

— Não é assim, — disse-lhe a horrível aparição; — eu posso conceder-lhe o meio de salvá-la. Eu posso pôr em sua mão o remédio que lhe dará as necessárias forças para vencer a crise e viver!

— O seu remédio salvará ambos, a mãe e o filho?

— Sim!

Zanoni estremeceu; uma grande luta deu-se no seu íntimo, depois da qual sentiu-se débil como uma criança: a Humanidade e a Hora venceram o seu espírito.

— Cedo! Salve a mãe e o filho! — exclamou, por fim.

No obscuro quarto, estava Viola na cama, nas mais agudas agonias do parto; a vida parecia esgotar-se com os gritos e gemidos que, no meio do delírio, revelavam seus sofrimentos; e sempre ainda, nos gemidos e gritos chamava o seu querido Zanoni. O médico olhou o relógio; o Coração do Tempo batia com sua tranquila regularidade, o Coração que nunca simpatizou com a VIDA, nem se abrandou ante a Morte.

— Os gemidos estão cada vez mais fracos, — murmurou o médico; — em dez minutos, tudo terá acabado.

Insensato! Os minutos riem de ti; a Natureza, neste mesmo instante, como o céu azul através de um templo arruinado, sorri através do torturado corpo. A respiração torna-se mais calma e regular; a voz do delírio se cala e um doce sono reparador se apodera de Viola. É um sonho ou é uma realidade que a sua alma vê? Parece-lhe, de repente, que está ao lado de Zanoni, e que a sua cabeça ardente se apoia ao peito do esposo; parece-lhe que, enquanto ele a contempla, os olhos do seu amado dissipam as dores que dela se apoderaram, e que o contato da sua mão refrigera a sua testa, tirando-lhe a febre. Viola ouve a voz do esposo que murmura, é uma música que afugenta os inimigos. Onde está a montanha que parecia oprimir as suas fontes? Esse peso cruel desaparece como um vapor açoitado pelo vento. No meio do frio de uma noite de inverno, vê aparecer o sol, sorridente, no céu sereno, ouve o murmúrio das verdes folhas; o belo mundo, os vales, as correntes e as florestas se apresentam à sua vista e parecem dizer-lhe, numa linguagem natural: “Ainda existimos para ti!“ Homem de drogas e receitas olha

o seu vaticínio!

Olha o relógio: o primeiro continuou andando e os minutos se sepultaram na Eternidade; a alma, que a sua sentença teria despedido, permanece ainda nas praias do Tempo.

Viola está dormindo; a febre cede; as convulsões não se repetem; a rosa viva torna a florescer na sua face; passado a crise! Homem, a sua mulher vive! Amante, o seu universo não é solidão! Coração do Tempo bate! Um momento mais, um pequeno instante, e que alegria! Que alegria! Pai, abraça o teu filho!

CAPÍTULO II

"Tristis Erinnys Praetu1it infaustas sanguinolenta faces". Ovídio.

"Erinnys, triste e sanguinolenta, estende os sinistros fachos".

E o pai recebeu o filho nos seus braços! E enquanto o contemplava, silencioso, abundantes lágrimas caiam-lhe dos olhos, lágrimas como as de um mortal qualquer! E a criança parecia sorrir ao sentir o calor das lágrimas que banhavam as suas faces!

Ah! Com que doces lágrimas recebemos o ser desconhecido que vem a este mundo de tristeza! Com que angústia choramos quando vemos o ser desconhecido regressar às mansões dos anjos!

Quão desinteressada é a nossa alegria! Mas quão egoísta é a nossa tristeza!

E, agora, uma voz doce e débil interrompe o silêncio que reina no quarto; é a voz da jovem mãe.

— Estou aqui, a seu lado! — murmurou Zanoni.

A mãe sorriu, agarrando a mão do esposo, e não perguntou nada mais; estava contente.

Viola recuperou a saúde com uma rapidez que deixou admirado o médico; e o pequeno estrangeiro recém-chegado à vida terrestre, medrava como se já amasse o mundo ao qual havia descido. Desde àquela hora, Zanoni parecia viver na vida do seu filho, e nesta vida as almas do pai e da mãe encontraram um novo laço de amor.

Nunca a vista de um pai contemplou criatura mais formosa do que esta. As aias estranhavam que a criança não chorasse ao ver a

luz, mas, ao contrário, sorrisse, como se a luz lhe houvesse sido familiar já antes de nascer. Nunca se ouviu um grito que o anjinho tivesse dado por sentir alguma dor que costuma afligir as crianças. No seu tranquilo repouso, parecia escutar alguma voz suave que lhe falava ao coração; parecia tão feliz! Quem lhe contemplava os olhos, sentia que neles estava já aceso o intelecto, embora ainda não falasse. Também parecia conhecer já seus pais; pois estendia os braços, quando Zanoni se inclinava sobre o leito, no qual a criança respirava e se desenvolvia, como um botão em flor.

E rara vez se apartava Zanoni deste leito; contemplando-o com seus olhos serenos e alegres, parecia a sua alma alimentar a alma do recém-chegado, e permanecia ali até que a escuridão da noite fosse completa. Viola o ouvia murmurar, mas não compreendia o que o seu esposo dizia, porque ele falava numa língua que lhe era desconhecida. Às vezes, quando o ouvia, sentia um certo medo, como se a assaltassem vagas e indefiníveis superstições, as superstições dos primeiros anos de sua juventude. As mães temem sempre, até o próprio Deus, quando se trata de seu filho.

Os mortais se alarmavam também, quando, na antiguidade, viam a grande Demeter querendo tornar imortal algum filho humano.

Zanoni, porém, envolvido nos sublimes desígnios que animavam o amor humano que agora despertara em seu coração, esquecia tudo, até o que havia perdido e os perigos que havia atraído, pois este amor não o deixava ver com a clareza necessária. Mas a negra e informe sombra, embora não a invocasse nem a enxergasse, arrastava-se, muitas vezes, ao redor dele, e sentava-se, frequentemente, junto ao leito da criança, envolvendo-a em um olhar torvo e odioso.

CAPÍTULO III

"Fuscis tellurem amplectitur alis".
Virgilio

"Abraça a terra com asas sombrias".

CARTA DE ZANONI A MEJNOUR

"Mejnour, a Humanidade, com todos os seus pesares e com todas as suas alegrias, outra vez me conta o número dos que lhe pertencem. De dia para dia, vou forjando minhas próprias cadeias. Vivo mais em outras vidas, do que na minha própria, e nelas perdi já mais da metade do meu domínio. Não sou capaz de elevá-la às alturas, e assim me arrastam à terra, pelos fortes laços do afeto. Abandonado dos seres amigos, visíveis somente quando os sentidos estão submergidos numa profunda abstração, fiquei preso nas redes do terrível Inimigo que guarda o Umbral. Crer-me-ás quando te disser que aceitei os seus serviços e que sofro as consequências da perda dos meus poderes anteriores? Séculos e séculos terão que passar, antes que os espíritos puros possam novamente obedecer ao que se tem inclinado ante o poder do espectro impuro.

"Nesta esperança, pois, Mejnour, triunfo ainda, ainda tenho um poder absoluto sobre esta jovem vida.

Insensível e imperceptivelmente a minha alma fala à sua. Sabes que para o puro e imaculado espírito infantil, a prova iniciática não oferece terror nem perigo. Assim, pois, incessantemente alimenta a sua alma com a serena luz; e antes de que ela seja consciente do dom,

desfrutará os privilégios que eu alcancei. A criança comunicará gradualmente, e sem que o advirta, seus próprios atributos à mãe, e, contente ao ver a juventude sempre radiante na frente dos seres que bastam, agora, para encher toda a minha infinidade de pensamento, porque me afligiria o fato de que estou perdendo, a cada vez mais, o contato com o reino das aéreas alturas? Tu, porém, cuja vista ainda é clara e serena, dirija o teu olhar aos longínquos abismos, onde não me é dado penetrar, e aconselha-me ou adverte-me! Sei que os favores do Ser, cuja raça é tão hostil à nossa, são, para um pesquisador vulgar, fatais e pérfidos, como ele mesmo.

Por isso, quando os homens, ao chegar à extremidade do conhecimento, à qual chamavam, na antiguidade, Magia, encontravam os seres das tribos hostis, acreditavam que as aparições eram espíritos infernais, e que, por contratos imaginários, haviam feito entrega de sua alma, como se o homem pudesse dar, por uma eternidade, uma coisa sobre a qual tem domínio somente enquanto vive! Encerrados no seu impenetrável e escuro reino, os demônios rebeldes ocultavam-se perpetuamente às vistas humanas. Nos espíritos malignos não há sopro algum de Divindade; sopro esse que alenta a criatura humana; e só ele tem o poder para julgar depois o que é dele, e destinar-lhe uma nova morada e nova carreira. Se o homem pudesse vender-se a um espírito infernal, teria a capacidade de julgar-se atentamente a si mesmo e arrogar-se o poder de dispor da eternidade! Porém, essas criaturas, não sendo mais do que modificações da matéria, e algumas mais malignas do que o mais maligno dos homens, podem muito bem parecer ao medo e à superstição que não raciocina, os representantes dos seres infernais. E do mais escuro e mais poderoso dentre eles, eu aceitei um favor, o segredo que afastou a Morte do lado das pessoas que me são tão caras. Não devo confiar que me sobra ainda bastante poder para

afrontar ou intimidar o fantasma, se quiser perverter a sua dádiva? Responda-me, Mejnour; pois, na obscuridade que vela a minha vista, não vejo senão os puros olhos do meu filho, nem ouço mais do que o bater do meu coração. Responda-me tu, cuja sabedoria está livre do amor!"

CARTA DE MEJNOUR A ZANONI
ROMA

"Espírito decaído! Eu vejo diante de ti o Mal, a Morte e a Dor! Abandonaste Adonai pelo inominável fantasma, as brilhantes estrelas por aqueles horríveis olhos! Por fim, vais ser a vítima da Larva do terrível Umbral, desse espectro que no seu primeiro noviciado, fugiu, vencido, ante o teu soberano olhar! Quando, aos primeiros degraus da iniciação, o discípulo que me entregaste nas praias da transformada Partênope, desmaiou aterrorizado pela presença do Negro Fantasma, compreendi que o seu espírito não estava apto para penetrar nos mundos que se estendem além do físico; porque o medo é a atração maior que o homem sente para a terra; e, enquanto teme, não pode elevar-se às alturas. Porém, não sabes que amar não é outra coisa que temer? Não vês que o poder, de que se jacta de possuir ainda sobre a maligna aparição, já se desvaneceu? Esse espectro te assusta e te domina zomba de ti e engana-te. Não perca um momento; vem pessoalmente falar comigo. Se existe ainda suficiente simpatia entre nós, verás por meio dos meus olhos e poderás, talvez, guardar-te dos perigos que, informes ainda, e envoltos entre sombras, se agrupam em derredor de ti e daqueles a quem o teu amor tem condenado a sofrer a tua sorte. Vem, desprendendo-te de todos os laços com que afeições humanas o retém em seu domínio; pois não fariam mais do que obscurecer a

tua vista. Vem, livre dos teus temores e das tuas esperanças, dos teus desejos e das tuas paixões. Vem, e lembra-te que a mente só pode ser o monarca e o vidente, quando brilha através da mansão em que reside, em sua qualidade de inteligência pura, sublime e livre de alheias impressões".

CAPÍTULO IV

"Plus que vou nes pensez ce moment est terrible".
La Harpe, "Le Comte de Wa.rwick", acte III, scêne 5.

"Este momento é mais terrível do que pensais".

Pela primeira vez, desde a sua união, Zanoni e Viola se achavam separados. Zanoni precisava ir a Roma, por causa de negócios de importância; porém, segundo dizia, a sua ausência devia ser muito curta, e partiu tão de repente, que não deu tempo a surpresa nem à tristeza. Não obstante, a primeira despedida é sempre mais melancólica do que se pensa; pois parece ser uma interrupção para a existência em que o Amor está enlaçado com outro Amor, e faz com que o coração sinta o vazio que há de ficar na vida, quando chega a hora da última separação.

Porém, Viola tinha agora um novo companheiro; gozava daquela deliciosa novidade que renovava sempre a juventude e deslumbrava os olhos da mulher. Como amante e esposa, a mulher se apoia num outro ser humano; e deste outro se reflete a sua felicidade, e a sua existência, como um planeta toma do sol a luz.

Sendo, porém, mãe, a mulher passa do estado de dependência ao estado de poder; é um outro ser, agora, que nela se apoia; é uma estrela que surgiu no espaço, para a qual ela mesma se tornou o sol!

A ausência será curta, apenas de alguns dias, mas haverá uma coisa que suavizará a sua tristeza. Uns dias, cada hora dos quais parece uma era para a criança, sobre a qual se inclinam, vigilantes, os olhos e o coração. Desde a vigília ao sono, e do sono à vigília, se

efetuará uma revolução no Tempo. Cada novo gesto, cada novo sorriso do pequerrucho parece ser um novo progresso no mundo que se tornou abençoado para a mãe, com a vinda do filho adorado!

Zanoni partiu, emudeceu o último ruído do remo, a ultima onda que a gôndola deixou, desapareceu nas águas plácidas de Veneza! O filho está dormindo no berço, ao pé da mãe; e enquanto esta derrama as lágrimas da despedida, pensa já em tudo o que terá que contar ao pai quando voltar, pois aquele berço, que é para ela um imenso mundo cheio de maravilhas, lhe oferecerá abundante assunto. Ri e chora, jovem mãe! A folha mais bela no estranho livro do seu destino já está fechada para si, e o dedo invisível volta a página!

Junto à ponte do Rialto estavam dois venezianos, ardentes republicanos e democratas, que consideravam a Revolução Francesa como um terremoto que devia derrubar também a expirante e viciada constituição de Veneza, e estabelecer a igualdade de classes e direitos também nesta cidade.

— Sim, Cotalto, — dizia um deles, — o meu correspondente de Paris me prometeu que venceria todos os obstáculos e evitaria todos os perigos. Ele determinará, de acordo conosco, a hora da revolução, que será quando as legiões francesas estiverem tão perto que possam ouvir o eco de nossos canhões. Um dia desta semana, a esta mesma hora, deve vir encontrar-me aqui. Hoje é o quarto dia dos sete, durante os quais devo esperar a sua vinda.

Apenas havia acabado de pronunciar estas palavras, apareceu um homem, envolto em seu "rocló"[1], o qual acabara de sair de uma das estreitas ruas, à esquerda. Este homem deteve-se diante dos dois venezianos, e, depois de examiná-los durante alguns instantes, com ar sério e perscrutador, disse, em voz baixa, e em francês:

— Salut! [2]

— "Et Fraternité"[3] — respondeu o que havia falado.

— É pois, o senhor, o valente Dandolo a quem o "Comitê" me enviou para nos entendermos? E este cidadão...

— É Cottalto, cujo nome frequentemente mencionei em minhas cartas.

— Saúde e fraternidade para ele! Tenho que lhe dizer muitas coisas a ambos. Hei de falar contigo esta noite, Dandolo; porém, na rua poderíamos ser observados.

— E eu não me atrevo a dizer-lhe que venha à minha casa; a tirania converte em espias até as nossas paredes; porém, o lugar que lhe designo neste bilhete, é seguro.

E, dizendo isto, pôs um papelzinho na mão do seu interlocutor.

— Pois, até às dez horas, nesta noite! Agora tenho que pôr em ordem ainda outros negócios.

O homem, envolto no "rocló", calou-se um instante, e, em seguida, prosseguiu, com voz misteriosa:

— Em sua última carta, me fala desse homem rico e misterioso... desse Zanoni. Está ainda em Veneza?

— Ouvi dizer que havia partido esta manhã; porém, a sua mulher está ainda aqui.

— Sua mulher! Está bem!

— Que sabe dele? Pensa que se unirá conosco? A sua riqueza seria...

— A sua casa, o seu endereço... Depressa! — interrompeu o estrangeiro.

— O palácio de ***, no Grande Canal.

— Agradeço-lhe; às dez nos encontraremos.

O homem dirigiu-se, com passo rápido, para a rua de onde viera; e quando passava pela frente da casa onde estava alojada (pois havia chegado em Veneza na noite anterior), uma mulher que estava à porta, agarrou-o pelo braço e disse-lhe, em francês:

— Senhor, eu estava aguardando o seu regresso. Entende-me? Desafiarei tudo, a tudo me atreverei para voltar contigo à França, para estar, viva ou morta, ao lado do meu marido!

— Cidadã, prometi ao seu esposo que se assim o desejasse, arriscaria a minha segurança para ajudá-la a realizar o seu desejo. Porém, reflita bem! O seu marido pertence a um partido, sobre o qual Robespierre tem fixado os seus olhos; ele não pode fugir. A França inteira é uma prisão para toda a pessoa suspeita.

Se regressar à França, corre um grave perigo. Francamente, cidadã, aguarda-lhe a guilhotina. Eu lhe falo, como o seu marido me encarregou; já o sabe por sua carta.

— Senhor, eu quero regressar contigo, — insistiu a mulher, com um sorriso no pálido semblante.

— E, sem embargo, abandonou o seu marido no momento em que mais brilhante aparecia o sol da Revolução, e quer ir reunir-se a ele, agora que ela está em forte tempestade e trovoada!- respondeu o homem, em tom entre admirado e de censura.

— Foi porque, então, os dias do meu pai estavam ameaçados, porque não lhe restava outra salvação senão a fuga para um país estrangeiro; porque era velho e pobre, e não tinha ninguém que por ele trabalhasse, a não ser eu; porque, naquele tempo, o meu marido não estava em perigo, e meu pai estava. Porém, meu pai faleceu, e o meu marido corre perigo agora. Os deveres da filha terminaram, e os da esposa persistem.

— Como quer, cidadã; parto na terceira noite próxima. Durante o tempo que ainda lhe sobra, pode refletir e mudar de decisão.

— Nunca!

Um sorriso triste apareceu no semblante do homem.

— Ó guilhotina! — exclamou ele. — Quantas virtudes têm revelado! Bem podem dar-lhe o nome de “Santa Mãe”, ó

sanguinolenta guilhotina!

CAPÍTULO V

"Ce que j'ignore Est plus triste, peut-être, et plus affreux encore".

La Harpe, "Le Comte de Warwick", acte V, scêne 7.

"O que ignoro é, talvez, ainda mais triste e mais assustador".

Viola estava sentada junto à janela aberta. Ao pé, murmuravam as brilhantes águas que corriam sob um sol radiante. Muitos dos elegantes cavalheiros, ao passarem nas suas gôndolas, dirigiam olhares curiosos àquela formosa criatura.

— Por fim, no centro do canal, parou um desses escuros vasos, e um homem, que ia dentro, por detrás da gelosia, fixou o olhar naquele majestoso palácio. O homem disse algumas palavras aos remadores, e a gôndola aproximou-se da margem. O estrangeiro saltou, e, subindo a larga escada, entrou no palácio.

Chora para nunca mais sorrir, ó jovem mãe! Acaba de virar-se a última página do livro do destino!

Um criado entrou no quarto e entregou a Viola um bilhete, no qual estavam escritas as seguintes palavras em inglês:

"Viola, é necessário que a veja! — Clarêncio Glyndon".

Oh, sim! Que entre! Com alegria o verá Viola! Com que satisfação lhe falará de sua felicidade, de Zanoni! Com que prazer lhe mostrará o seu filho! Pobre Clarêncio! Ela o tinha esquecido até agora, como tinha esquecido toda a agitação da sua vida de solteira, todos os sonhos e as vaidades daqueles anos juvenis, as lâmpadas do luxuoso teatro, os entusiásticos aplausos da ruidosa multidão.

Glyndon entrou. Viola ficou surpreendida ao vê-lo tão mudado; o gracioso e sereno semblante do artista amador havia-se transformado; a fronte era melancólica e denotava cuidados, aflições e, ao mesmo tempo resolução. O seu traje, ainda que não fosse como o das classes mais baixas, era tosco, notando-se mesmo certo descuido e desordem. Um aspecto meio selvagem substituíra aquela franqueza de fisionomia, desconfiada no meio de sua graça e séria em sua desconfiança, que caracterizava, em outro tempo, o jovem adorador da Arte, o aspirante a uma ciência superior.

— É você, realmente? — perguntou, por fim, Viola. — Pobre Clarêncio, como está mudado!

— Mudado! — replicou abruptamente Glyndon, sentando-se ao lado de Viola. — E a quem devo agradecê-lo, senão aos inimigos satânicos, — aos feiticeiros, — que se apoderaram da sua existência, igualmente como da minha? Viola, ouça-me. Há algumas semanas que eu soube que estava em Veneza. Sob outros pretextos e correndo inúmeros perigos, vim cá, arriscando a liberdade, e talvez a vida, se o meu nome e a minha carreira chegam a ser conhecidos em Veneza, e vim cá unicamente para adverti-la e salvá-la.

Diz que estou mudado! Porém, o intimo? Dê-se por avisada enquanto ainda é tempo!

O tom lúgubre com que Glyndon pronunciou estas palavras alarmou Viola. A palidez que cobria o semblante do estrangeiro fazia parecer-se com o espectro que abandonara a tumba.

— Que é o que diz? — balbuciou Viola. — É possível...

— Escute-me, — interrompeu Glyndon, pondo a mão, fria como a de um morto, sobre o braço da jovem, — escute! Sem dúvida, ouviu falar desses homens que formam pactos com demônios, com o objeto de alcançar poderes sobrenaturais. Estas histórias não são meras fábulas. Tais homens existem, e o seu prazer é aumentar o

maldito círculo a que pertencem, procurando fazer novos adeptos, para torná-los tão desgraçados como são eles mesmos. Se os seus prosélitos não resistem à prova, o demônio se apodera deles já nesta vida, como sucedeu a mim! Triunfam-se, ai! São infelizes, mil vezes mais infelizes! Há outra vida, onde nenhum feitiço pode encantar o espírito maligno ou aliviar a tortura que se sofre. Venho de uma cena onde o sangue corre a torrentes, onde a Morte leva os mais intrépidos e os mais elevados, e onde o único monarca é a Guilhotina; porém, todos os perigos mortais que podem rodear os homens, nada são, quando comparados com o tremendo quarto onde o Horror, que excede o da morte, se move e se agita!

E Glyndon contou a Viola, com uma fria e clara precisão, minuciosamente, como antes o fizera com Adélia, a iniciação pela qual havia passado. Descreveu, com palavras que gelavam o sangue da sua ouvinte, a aparição do fantasma disforme, com os olhos que queimavam o cérebro e gelavam a medula.

Visto uma vez, o fantasma nunca mais se podia afugentar. Surgia quando queria, sugerindo negros pensamentos, murmurando estranhas tentações! Só não se deixava ver, quando a sua vitima se ocupava em cenas de turbulenta excitação. A solidão, a tranquilidade de espírito, a luta para alcançar uma existência virtuosa, estes eram os elementos que o fantasma gosta de perturbar!

Sem saber o que se passava em sua alma, e presa de terror, ouvia Viola a estranha história que veio confirmar-lhe as negras apreensões que, no meio da confiança do afeto, nunca haviam sido examinadas profundamente. Ao contrário, eram sempre banidas logo que surgiam no seu coração, — os receios de que a vida e os atributos de Zanoni não fossem como os demais mortais, — impressões que o seu amor, até agora, lhe censurara como suspeitas injuriosas, e que, assim mitigadas, haviam servido, talvez, somente

para consolidar mais as fascinantes cadeias com que Zanoni havia aferrolhado o seu coração e os seus sentidos. Agora, porém, depois de ter-lhe Glyndon contagiado o seu terror por meio da espantosa narração que acabava de fazer-lhe, desvaneceu-se parte do encanto que sentira até este momento. Viola, tremendo de medo, não por si mesma, levantou-se precipitadamente e agarrou nos seus braços o filho, apertando-o contra o coração!

— Infeliz! — exclamou Glyndon, estremecendo. — é realmente a mãe de uma vítima que pôs no mundo e que não pode salvar? Ah! Negue-lhe o alimento, deixe morrer o filho dele! No túmulo, ao menos, se encontra o repouso e a paz!

Então, apresentou-se à mente de Viola a recordação das longas horas que Zanoni, de noite, passava ao lado do berço, e do medo que dela, já várias vezes, se apoderava, quando ouvia como ele, naquelas ocasiões, murmurava palavras ininteligíveis. A criança olhava-o firmemente com seus claros olhos, e naquele olhar estranho e inteligente, Viola acreditava ver alguma coisa que confirmava o seu terror. Em silêncio, permaneceram ambos, a mãe e o amigo; um raio de sol entrava, risonho, pela janela, e junto ao berço, embora não o vissem, estava acordado e imóvel, o velado Espectro.

Pouco a pouco, porém, recordações melhores, mais justas, mais gratas do passado vieram ocupar o seu lugar na mente da jovem mãe. As feições do filho, quando o olhava, tomavam o aspecto do pai ausente.

Parecia que uma voz triste e melancólica saia daqueles rosados lábios e dizia-lhe: “Eu lhe falo por intermédio do seu filho. A troco de todo o amor que sinto por ti e por ele, você desconfia e duvida de mim, à primeira sentença de um maníaco que me acusa?“

Viola sentiu dilatar-se o seu coração; ergueu de novo o busto e os seus olhos brilharam com uma luz clara e serena.

— Retire-se, pobre vítima de doidas ilusões, — disse ela a Glyndon. — Eu não creria nos meus próprios sentidos, se acusassem o pai do meu filho! E que sabe você de Zanoni? Que é que têm que ver Mejnour e os terríveis espectros que ele invocou, com a radiante imagem com a qual pretende pô-los em relação?

— Em breve o saberá — replicou Glyndon, melancolicamente.

— O mesmo fantasma que me persegue murmura no meu ouvido, coisas horríveis que a esperam e aos seus. Ainda não creio em sua decisão; antes de partir de Veneza, virei vê-la outra vez. Adeus!

E com estas palavras retirou-se.

CAPÍTULO VI

"Quel est l'égarement ou ton âme se livre?"
La Harpe, "Le Comte de Warwick", acte IV, scêne 4.

"Qual é a ilusão a que a tua alma se entrega?"

Ah, Zanoni! Misterioso e iluminado aspirante da Sublime Ciência! Julgou duradouro o laço entre o homem que sobreviveu aos séculos e a filha de um dia? Não previu que, enquanto ela não tivesse passado pela prova iniciática, não podia estabelecer-se à igualdade entre a sua sabedoria e o seu amor?

Está ausente agora, buscando, no meio de seus augustos segredos, a solene proteção para o filho e a mãe, e esquece que o fantasma, que lhe serviu, tem um poder sobre os dons que lhe concedeu, sobre as vidas que lhe ensinou a salvar da morte? Não sabe que o Medo e a Desconfiança, uma vez semeados no coração do Amor, germinam, e da pequena semente se transformam em uma espessa floresta, que oculta as estrelas? Homem misterioso e iluminado, não vê como os odiosos olhos do espectro brilham ao lado da mãe e do filho?

Durante aquele dia inteiro, milhares de negros pensamentos e terrores atormentaram Viola; pensamentos que se desvaneciam quando os examinava, mas tornavam, depois, a se apresentar mais tenebrosos ainda.

Ela se lembrava, como um dia havia contado a Glyndon que, em sua meninice e nos primeiros anos de sua juventude, havia sentido estranhos presságios de que estava destinada para alguma coisa

sobrenatural. Recordava-se também que, quando lhe dissera isto, estando ambos sentados junto ao mar, que dormia nos braços da Baía de Nápoles, ele também lhe participara que se lembrava de haver sentido presságios do mesmo gênero, e que uma misteriosa simpatia parecia unir os seus destinos. Viola se recordava, principalmente, de que, comparando os seus confusos pensamentos, ambos haviam, então, confessado que, ao ver Zanoni pela primeira vez, o instinto, manifestando-se por aquele pressentimento, lhe tinha falado em seus corações mais perceptivelmente do que antes, advertindo-os de que "com aquele homem estava ligado o segredo da vida, cujos enigmas se lhes apresentavam insolúveis".

E agora, que Glyndon e Viola tornavam a se encontrar, outra vez aqueles temores da meninice pareciam despertar do seu sono encantado. Viola sentiu uma simpatia com o terror de Glyndon, contra a qual lutaram em vão a sua razão e o seu amor. E, todavia, quando volvia os olhos para o filho, este a olhava de uma forma particular, fitando-a seriamente, e os seus lábios, embora não articulassem som algum, se moviam como se lhe quisesse falar. O pequeno não queria dormir. A qualquer momento que ela o olhasse, sempre encontrava aqueles olhos abertos e vigilantes, como se, em sua seriedade, revelassem alguma dor, alguma repreensão, alguma acusação. Aqueles olhos a gelavam cada vez que os contemplava. Incapaz de suportar aquela repentina e completa mudança que acabavam de sofrer todos os seus sentimentos tomou uma resolução, própria às mulheres do seu país e do seu credo: mandou buscar o sacerdote que dirigia a sua consciência desde que estava em Veneza, e confessou-lhe, entre lágrimas e intenso terror, as dúvidas que a atormentavam. O bom padre, homem digno e piedoso, porém de pouca ilustração e menos senso comum, que até aos poetas tinha por feiticeiros (como até hoje se dá com muitos dos italianos das baixas

classes sociais), pareceu cerrar ao seu coração as portas da esperança. Os seus preconceitos eram veementes, porque o horror que sentia o bom religioso, não era fingido.

Unindo seus rogos aos de Glyndon, aconselhou a Viola que fugisse, se abrigava a menor dúvida a cerca das intenções e crenças do esposo e se acreditava que eram daquelas por causa das quais a Igreja Romana havia queimado benevolamente tantos homens de ciência, quando as adotavam. E até o pouco que Viola pôde comunicar pareceu ao ignorante ascético uma prova irrefutável de feitiçaria; pois, prevenido por alguns dos boatos que circularam a cerca de Zanoni, achava-se disposto a crer o pior.

O digno Bartolomeu teria enviado, sem menor escrúpulo, o inventor Watt à fogueira, se tivesse ouvido falar da máquina a vapor. Viola, tão pouco instruída como o seu confessor, tremeu ao ouvi-lo falar com sua rude e apaixonada eloquência, temeu, sim, pois com essa penetração que os sacerdotes da Igreja Católica Romana, por mais ignorantes que sejam, geralmente adquirem em sua vasta experiência do coração humano, que podem examinar a toda hora, Bartholomeu lhe falava menos dos perigos que ela corria do que aqueles que ameaçavam o seu filho.

— Os feiticeiros — dizia o padre — tratam sempre de atrair e seduzir a alma dos jovens, sobretudo a das crianças.

E, sobre este tema, referiu o sacerdote um grande número de contos e lendas, dando-os como fatos históricos. Tudo isso, que teria feito rir uma inglesa, aterrorizou a supersticiosa napolitana; e quando o seu confessor se ausentou, depois de lhe ter manifestado as graves penas em que incorreria se faltasse aos deveres que lhe impunha a sua condição de mãe e se hesitasse de fugir com o filho, de uma morada contaminada por poderes tenebrosos, Viola, que ainda se apegava à imagem de Zanoni, caiu em profundo

abatimento que paralisou todas as suas faculdades racionais.

Inadvertidamente, passavam as horas; veio a noite; um silêncio sepulcral reinava no palácio. Viola, despertando, pouco a pouco, do entorpecimento em que mergulhara, começou a agitar-se, muito perturbada, no seu leito. O silêncio tornou-se-lhe intolerável, e mais intolerável ainda foi o ruído que veio interrompê-lo, quando o som do relógio lhe recordou que cada minuto era um passo que dava no caminho para o túmulo. Os momentos, por fim, pareceram encontrar uma voz e uma forma. Viola julgou vê-los sair, pálidos e semelhantes às sombras das aparições, do seio da escuridão; e antes de tornarem a extinguir-se na mesma escuridão, que lhes servia de tumba, murmuravam em voz baixa:

— Mulher, nós relatamos à Eternidade tudo o que se faz no tempo! Que é o que diremos de ti, guarda de uma inocente alma recém-nascida?

Viola sentia que as fantasias a tinham feito cair numa espécie de delírio e que se encontrava num estado entre o sono e a vigília, quando, de repente, um pensamento tornou-se mais persistente do que os demais. O quarto que, tanto nesta casa como em todas as que haviam habitado, inclusive a das ilhas gregas, Zanoni reservava para si, cuidando que ninguém pudesse nele entrar, e em cujo umbral até a Viola era proibido pôr os pés, nunca havia provocado a sua curiosidade, naquele doce estado de tranquila confiança que inspira um amor satisfeito; agora, porém, esse quarto parecia chamá-la com insistência. Talvez encontraria ali, alguma coisa que a ajudasse a decifrar o enigma, ou que, ao menos, dissipasse ou confirmasse as suas dúvidas. Este pensamento crescia e aprofundava-se em sua mente, tornando-se cada vez mais forte e irresistível, e parecia apoderar-se dela e obrigá-la a obedecer-lhe, sem que nisso tivesse parte a sua vontade.

E agora, eis que se aventura a penetrar nesse quarto, atravessando as galerias, e achando-se num estado antes de sono do que de vigília, se bem que caminhe com os olhos abertos! A lua brilha sobre si, quando passa por diante das janelas, vestida de branco, como um espírito errante! Com os braços cruzados sobre o peito e com os olhos fixos. Mãe é o seu filho que a guia! Os solenes momentos marcham diante de si; ouve ainda o som do relógio que está marcando os minutos que vão caindo na sepultura do tempo. Indo passo a passo, chegou à porta; nenhuma fechadura a detém, nenhum encantamento mágico a repele.

Filha do pó permaneça só com a noite, no quarto onde, pálidos e inumeráveis, os habitantes do espaço costumavam reunir-se em redor do vidente!

CAPÍTULO VII

"Des Erdenlebens Scheweres Traumbild sinkt, sinkt und sinkt"
Das Ideal ,und das Leben.

"A pesada ilusão da vida terrestre vai afundando-se cada vez mais".

Ao encontrar-se dentro do quarto, Viola pôs-se a examiná-lo todo; não se via nele o menor sinal nem instrumento pelos quais um inquisidor tivesse podido descobrir um discípulo da Arte Negra. Não havia ali crisões, nem caldeiras, nem volumes com encadernações de cobre ou latão, nem cintos cifrados, nem crânios, nem cruzes de ossos. Calmamente a lua iluminava aquele quarto vazio, deixando ver suas paredes brancas e limpas. Alguns feixes de ervas secas e alguns vasos antigos de bronze, postos desordenadamente sobre um banco de madeira, eram os únicos objetos que um olhar curioso podia ver naquele recinto, e pôr em relação com as ocupações do proprietário ausente.

A Magia, se realmente existia, residia no artífice, pois, para qualquer outra pessoa, os materiais que havia ali não representavam senão ervas e bronzes. Assim sucede sempre com suas obras e maravilhas, ó Gênio, que procura os Astros! As palavras são uma propriedade comum de todos os homens; e, sem embargo, só com palavras, Ó Arquiteto de Imortalidades eriges templos que sobreviverão às Pirâmides, e cada folha de papiro converte-se em um majestoso Shinar, com suntuosas torres, em torno do qual o Dilúvio dos séculos ruirá em vão!

Porém, a presença daquele que, nesta solidão, havia invocado tantas maravilhas, não deixou aqui algum de seus encantamentos? Parecia que sim; pois Viola sentiu que, dentro daquele quarto se verificava uma misteriosa mudança em sua sensação de prazer, parecia-lhe que pesadas cadeias caiam dos seus membros uma atrás de outra. Todos os confusos pensamentos que se haviam acumulado em sua mente durante o estado que não era nem sono, nem vigília, concentram-se num intenso desejo de ver o marido ausente e de estar com ele.

As mônadas que formavam o espaço e o ar pareciam carregadas de espiritual atração, para converter-se em um meio pelo qual o seu espírito, libertando-se da sua prisão de barro, pudesse pôr-se em comunicação direta com o outro espírito, ao qual a impelia o seu desejo. Então sentiu uma debilidade que a obrigou a sentar-se no banco onde estavam os vasos e as ervas e, ao abaixar-se, viu que, dentro de um vaso de cobre, estava um pequeno frasco de cristal. Levada por um impulso 4mecânico e involuntário, a sua mão agarrou o frasquinho, e abriu-o. Imediatamente, escapou de dentro uma essência volátil, que espalhou pelo quarto uma forte e deliciosa fragrância.

Viola inalou o aroma e friccionou as suas fontes com o líquido; e, de repente, sentiu que lhe passava aquela debilidade, para dar lugar a uma nova energia, parecendo-lhe que se elevava no ar e que voava. O quarto desapareceu de sua vista. Longe, longe, cruzando terras e mares e atravessando o espaço, nas asas do vivo desejo voa a mente, saída da prisão!

Numa esfera, não deste mundo, mas de um outro, viam-se as formas dos filhos da ciência, sobre um mundo em embrião, sobre uma imperfeita, pálida e leve massa de matéria, sobre uma das nebulosidades que os sóis dos milhares de sistemas arremessam de

si, ao guiarem ao redor do trono do Criador, para converter-se essa massa em novos mundos de glória; em planetas e sóis que, eternamente, por sua vez, multiplicarão a sua brilhante raça e serão os pais de outros sóis e planetas futuros.

Ali naquela enorme solidão de um mundo nascente, que só no decorrer de milhares e milhares de anos pode alcançar a forma regular, o espírito de Viola viu a figura de Zanoni, ou antes, a sua semelhança, seu simulário, o "Lemur" (a larva) de sua forma, não a sua substância humana e corpórea, e parecia-lhe que a sua Inteligência, como também a dela mesma, apenas se tivesse separado da Matéria, e Viola compreendia que, como o sol, sempre girando e ardendo, havia arrojado no remotíssimo espaço aquela nebulosa imagem de si mesmo, assim o ser da terra, na ação da sua mais luminosa e duradoura existência, havia arrojado a sua semelhança naquele recém-nascido estrangeiro dos céus. Ali estava o fantasma de Zanoni e, a seu lado, outro fantasma, Mejnour. No gigantesco caos que os rodeava, lutavam e mesclavam-se os elementos; a água e o fogo, as trevas e a luz estavam em guerra, vapores e nuvens se convertiam em montanhas, e o Sopro da Vida movia-se como um firme esplendor sobre tudo.

Viola olhava, como sonhando, e estremecia; e observou que os dois fantasmas humanos não estavam sós. Monstros disformes que somente aquele desordenado caos podia gerar, a primeira raça de colossais répteis que serpearam pelas primeiras camadas de um mundo nascente, afundavam na lodosa matéria ou se escondiam entre os vapores luminosos. Porém aquelas duas figuras humanas não pareciam fazer caso daqueles monstros; a sua vista se fixara num objeto situado no lugar mais remoto do espaço.

Como os olhos do espírito, Viola seguiu os olhos desses dois homens fantasmas; e, com um terror maior do que o que lhe pudera

causar a vista do Caos e dos seus hediondos habitantes, avistou uma nebulosa semelhança do quarto em que, naquele momento, se achava, com suas brancas paredes, com a lua brilhando sobre o soalho, com sua janela aberta, os quietos telhados, as torres e cúpulas de Veneza refletindo-se no mar que murmurava em baixo, e, naquele quarto, Viola viu a nebulosa imagem de si mesma! Este duplo fantasma, ou antes, ela mesma como um fantasma, contemplando outro fantasma que era o seu perfeito reflexo, lhe inspirou um horror que as palavras não poderiam expressar, e que os anos, por mais numerosos, nunca fariam esquecer.

Neste instante, viu, porém, a sua imagem levantar-se lentamente e deixar o quarto sem produzir ruído, e, depois de atravessar o corredor, ajoelhar-se ao lado do berço! Céus! ela vê o seu filho! O seu filho, maravilhosamente belo, e com os seus serenos olhos sempre abertos. Porém, ao lado do berço está acocorada uma negra sombra, coberta com um manto, aparição tanto mais horrível, que não se pode distinguir a sua forma, e vê-se que nada tem de humano. As paredes do quarto parecem abrir-se como o cenário de um teatro. Aparece um medonho calabouço; ruas por onde se precipita uma multidão furiosa, em cujos rostos, de aspeto demoníaco, se vêm pintados a ira e o ódio; uma praça cheia de cadáveres; um instrumento de morte; uma carnificina medonha; Viola mesma, o seu filho, tudo, passando com a rapidez de uma furiosa fantasmagoria.

De repente, o fantasma Zanoni se voltou e pareceu reparar nela, no seu segundo Eu! Zanoni correu a abraçá-la; o seu espírito não pôde resistir mais: Viola lançou um grito e despertou. Ela viu que, efetivamente, havia abandonado aquele funesto quarto; o berço estava diante dela, e, no berço, o filho, tudo, tudo como o acabava de ver naquele “transe”, inclusive aquele horrível, disforme espetro, que se desvanecia no ar!

— Filho! Meu filho! — exclamou Viola. — Sua mãe o salvará!

CAPÍTULO VIII

"Qui? Toi m'abandonner! Où vas-tu? Non, demeure, demeure!"
La Harpe, "Le Comte de Warwick", acte III, scêne 5.

"Quem? Tu abandonar-me! Aonde vais? Não, fica, fica".

CARTA DE VIOLA A ZANONI

"Não há mais remédio! — Eu o abandono! Eu despeço-me de ti para sempre. Quando os seus olhos lerem esta carta, me considerará como morta; pois, apesar do que você foi e ainda é, minha vida, eu não existirei para ti! Ó meu caro esposo, a quem ainda amo e adoro! Se realmente me amou, e se de mim se compadece, não procure descobrir os passos que fogem de ti. Se o seu poder mágico é capaz de achar-me, não me busque; poupe-me, e poupe o nosso filho! Zanoni, eu o criarei e o ensinarei a amálo, e a lhe chamar de pai! Zanoni, os seus rubros lábios orarão por ti! Ah! Poupe o seu filho, pois as crianças são os santos da terra, e por sua mediação podemos fazer-nos ouvir no céu! Devo dizer-lhe por que parto? Por que fujo? Não; você, sábio terrível, adivinhará o que a mão não se atreve a escrever; e, ao passo que estremeço ao lembrar-me do seu poder e é desse poder que fujo (com nosso filho nos braços), consola-me o pensar que o seu poder pode ler no coração!

"Você saberá que lhe escreve a mãe fiel, e não a infiel esposa! Há pecado em sua ciência, Zanoni? O pecado há de ser acompanhado de sofrimento; mas doce, oh, quão doce! Era para mim, ser o seu consolo. Porém, o filho, o pequeno anjinho, que, com os olhos, me

pede que o proteja! Mago! Eu lhe arrebato esta alma Angélica! Perdoe, perdoe, se as minhas palavras o ofendem ou o fazem sofrer. Olhe, eu me ponho de joelhos para escrever-lhe o resto!"

"Por que não fugi já anteriormente, diante de sua misteriosa ciência? Por que a estranheza da sua vida, tão diferente da vida geral dos homens da terra, não fazia mais que me fascinar com um delicioso temor?

Porque, se era feiticeiro ou anjo demônio, só havia perigo para mim; e para mim não podia haver perigo algum, pois o meu amor era a parte mais divina do meu ser; e a minha ignorância em tudo, exceto na arte de amá-lo, repelia todo o pensamento que não fosse a meus olhos tão puro e tão brilhante como a sua imagem. Porém, agora há um outro ser! Olha! Por que os seus olhos me fitam assim? Por que esta eterna vigília e este olhar tão sério e repreendedor? Dominaram-no já os seus feitiços? Destinou-o, oh, cruel! Para os terrores da sua incompreensível arte? Não me faça enlouquecer! Não me faça enlouquecer! Desfaz o seu feitiço!"

"Escute! Ouve-se o ruído dos remos! Eles vêm vindo, vêm vindo para separar-me de ti! Olho em redor de mim, e parece-me que o vejo em todas as partes. Você me fala em toda a sombra, em toda a estrela.

Ali, junto a janela, os seus lábios me deram o último beijo; ali, ali, naquele umbral, você voltou a olhar-me mais uma vez, e o seu sorriso parecia dizer que confiava em mim! Zanoni! — Meu esposo! — Quero ficar! Não posso separar-me de ti! Não, não! Irei ao quarto onde a sua voz querida, com sua música suave, acalmava os meus sofrimentos! Onde, através da escuridão, a sua voz foi a primeira que murmurou ao meu ouvido:

"Viola, é mãe! — sim, eu me levanto, — Sou mãe! Eles vêm vindo, para levar-me! Estou resolvida; irei. Adeus!"

Sim; desta maneira repentina e cruel, fosse no delírio de uma cega superstição, fosse no impulso daquela convicção que nasce do dever, a criatura, pela qual Zanoni resignara tanto poder e tanta glória, o abandonava. Esta deserção, nunca prevista, não era, sem embargo, mais do que o constante destino que aguarda a todos os que se põem, com a sua mente além da terra, mas deixam na terra o tesouro do coração. Eternamente, a ignorância fugirá do saber. Porém, nunca, ainda, um amor humano se enlaçou com outro, com mais força, nem por motivos mais nobres e puros de abnegação, do que eram as que impeliram a desamparada mulher a abandonar o marido ausente. Com razão havia dito que não era a infiel esposa, mas sim a mãe fiel que fugia daquele em quem estava concentrada toda a sua felicidade terrestre.

Por todo o tempo que aquela fervorosa paixão, que a impeliu a esse ato, a animou com uma espécie de falsa febre, apertava o filho ao peito, e estava consolada, resignada. Porém, que amargas dúvidas a respeito da sua conduta, a assaltaram depois, e que remorso cruel começou a atormentar o seu coração, quando, ao se deter, em companhia de Glyndon, por algumas horas, no caminho de Livorno, ouviu a mulher, que os acompanhava, rogar a Deus que lhe permitisse chegar com segurança até junto do marido e que lhe desse força para suportar os perigos que ali a aguardavam! Que contraste terrível, a conduta desta mulher que ia acompanhar o marido ao cadafalso, e a sua deserção! Viola perscrutou os recônditos do seu próprio coração, e não pôde ouvir ali nenhuma voz que a consolasse.

CAPÍTULO IX

"Zukunft hast du mir gegeben, Doch du nimmst den Augenblick".
Kassandra.

"O futuro me deste, mas retira-me o momento".

— Mejnour, contempla a sua obra! Despertemo-nos das vaidades da nossa inútil sabedoria! De que nos servem os nossos séculos de estudo e de vida? Para salvá-la do perigo, ausentei-me dela, e o perigo apoderou-se dela com sua mão de ferro!

Não culpe a sua sabedoria; culpe as suas paixões! Abandone, finalmente, a sua vã esperança de poder gozar o amor de uma mulher! A todo o que intente enlaçar o sublime com o vulgar, espera a inevitável maldição. Veja o que sucedeu: a sua verdadeira natureza não foi compreendida, e os seus sacrifícios passaram ignorados. O vulgo vê, no homem elevado pela sublime ciência, somente um necromante ou um diabo. Titan é possível que chore?

— Agora o compreendo, agora vejo tudo. Era o espírito dela o que esteve ao lado dos nossos espíritos, e escapou ao contato da minha mão aérea! Oh, forte desejo da maternidade e da natureza! Descobre todos os nossos segredos, e voa de um mundo a outro, através do espaço! Mejnour, que saber terrível se oculta na ignorância do coração que ama!

— O coração! — respondeu o místico, friamente. — Ah! Durante cinco mil anos pesquisei os mistérios da criação, mas não pude descobrir ainda todas as maravilhas que se encerram no coração do mais rústico camponês!

— E, sem embargo, os nossos sublimes ritos não nos

enganaram; as proféticas sombras, negras de terror e manchadas de rubro sangue, anunciavam que, mesmo ao calabouço, e diante do verdugo, terei o poder para salvá-los a ambos!

— Porém, à custa de um sacrifício de que ainda não tem a menor ideia, e que lhe será extraordinariamente fatal.

— Fatal para mim! Sábio, frio como gelo! No amor não existe o Eu! Eu parto, e parto só; não preciso de ti. Não quero agora outro guia a não ser os instintos do afeto humano. Não haverá caverna, por escura que seja, nem deserto seja vasto como for, capaz de ocultar de mim a minha esposa amada. Ainda que me falte a minha arte; ainda que não me falem os astros; ainda que o espaço com suas brilhantes miríades de mundos, não seja para mim, mais do que azulado vazio, testa-me o amor, a juventude e a esperança! Que mais se necessita para triunfar e salvar os entes queridos?

NOTAS LIVRO SEXTO

[1] Rocló ("roquelaure”), capote usado no tempo de Luiz XIV.
[2] Saúde.
[3] E Fraternidade.

img1.png

LIVRO SÉTIMO

O REINADO DO TERROR

CAPÍTULO I

"Qui suis-je, moi qu'on accuse? Um esclave de la Liberté, un martyr vivant de la République".
Discours de Robespierre, 8 Thermidor.

"Quem sou eu, a quem acusam?
Um escravo da Liberdade, um mártir vivo da República".
Discurso de Robespierre, no dia 8 de Thermidor

Ruge o Rio do Inferno, cuja primeira erupção foi cantada como o borbotão de um canal que conduzia ao Eliseu. Como floresceram as esperanças em belos corações que se haviam alimentado do diamantino orvalho da rósea alvorada, quando a Liberdade surgiu do obscuro Oceano e desembaraçou-se dos braços da discreta Escravidão, como a Aurora, levantando-se do leito de Titon! Esperanças! Que deram frutos, porém estes frutos são sangue e cinzas! Belo Roland, eloquente Vergniaud[1], visionário Condorcet, generoso Malesherbes! Homens de espírito, filósofos, estadistas, patriotas, sonhadores! Olhem a desejada era pela qual tanto ousaram e tanto trabalharam!

Invoco os seus nomes! Saturno devorou os seus filhos , e vive só, — debaixo do seu verdadeiro nome de Moloch!

Estamos no reinado do Terror, e o rei é Robespierre. Estavam concluídas as lutas entre a serpente boa e o leão: a serpente devorou o leão, e tem a sua vítima atravessada na garganta; Danton e Camilo Desmoulins sucumbiram. Danton havia dito, antes de morrer "Somente eu podia salvar o covarde Robespierre". Desde àquela

hora, efetivamente, o sangue do gigante encobria a astúcia de Maximiliano o "Incorruptível", até que, por fim, no meio dos gritos de insubordinada convenção, começou a afogar a sua voz.

Se Robespierre, depois deste último sacrifício, talvez indispensável a sua segurança, tivesse feito terminar o Reinado do Terror, inaugurando a era do perdão, que Danton havia começado a pregar, podia ter-se tornado monarca e vivido ainda muitos anos. Porém, as prisões continuavam a encher-se de vítimas, e o gládio a cair; Robespierre não percebia que a sua canalha já estava saciada de sangue, e que a mais forte impressão que lhes poderia causar um chefe, era tornar a converter aquelas feras em homens.

Achamo-nos transportados, agora, a um quarto da casa do cidadão Dupleix, o marceneiro; a data é o mês de julho de 1794; ou, se contamos pelo calendário dos Revolucionários, era o Thermidor do segundo ano da República Una e Indivisível.

Conquanto fosse o quarto pequeno, estava adornado com um cuidado tão minucioso, que revelava uma elegância forçada. O desejo do seu dono parecia querer evitar tudo o que pudesse oferecer um aspecto baixo e vulgar, sem que quisesse manifestar luxo e voluptuosidade. As clássicas cadeiras eram de forma elegante; os amplos tapetes estavam em perfeita ordem; da parede pendiam singelos espelhos; alguns bustos de bronze estavam colocados sobre seus pedestres, e, em algumas estantes, vários livros, bem encadernados e cuidadosamente alinhados. Um observador teria dito: "Este homem quer dizer-lhe: Não sou rico, nem amigo de luxo ou ostentação; não sou um sibarita indolente que dorme sobre colchões de plumas e possui quadros que excitam os sentidos; não sou um aristocrata altivo que tem espaçosos salões e vastas galerias que repetem o eco; entretanto, como sou homem de gosto e amo a elegância, maior é o meu mérito se desdenho os excessos de bem-

estar e do orgulho. Nada tem de estranho que os outros sejam singelos e honestos, quando os seus hábitos rústicos já naturalmente lhes imprimem essas qualidades, quando eu, que sou dotado de tanto gosto refinado e tanta delicadeza, igualmente sou singelo e honesto; reflitam isto e admirem-me!"

Nas paredes desse quarto viam-se muitos retratos, e sobre vários pedestais, agrupados, alguns bustos. À maior parte dos retratos representava uma só face, e em grande parte dos bustos estava esculpida uma só cabeça: era a face do dono da habitação, o famoso Robespierre. Naquele pequeno quarto, o Egoísmo estava sentado no mais alto lugar, e servia-se das Artes unicamente para utilizá-las como espelhos em que pudesse contemplar o reflexo da sua própria pessoa. O dono da habitação mesmo, o original de todos aqueles bustos e retratos, estava sentado numa cadeira, diante de uma grande mesa coberta de papéis e cartas. Estava só, e mantinha-se ereto, com ar cerimonioso e formal, como se nem em sua própria casa se sentisse bem acomodado. O seu traje estava em harmonia com a sua postura e com o seu quarto: afetava um esmerado asseio e singeleza, diferençando-se assim tanto dos suntuosos vestuários dos depostos fidalgos, como do asqueroso desalinho dos "sansculottes". Muito bem penteado e toucado, nenhum dos seus crespos cabelos estava fora do lugar; a sua casaca azul estava perfeitamente escovada, e nem uma só ruga desfigurava o seu colete branco como neve, com finos bordados encarnados. À primeira vista, nada se notava na fisionomia deste homem, senão que era de feições doentias; porém, examinando-a com maior atenção, descobria-se que possuía um poder e um caráter próprio. A sua testa, ainda que curta e comprimida, revelava alguma inteligência ou o hábito de pensar que geralmente se observa nos que têm um largo espaço entre as sobrancelhas; os seus lábios eram firmes e constantemente cerrados,

mas, de vez em quando, se notava que tremiam e torciam-se impacientemente. O seu olhar, severo e sombrio, era, não obstante, penetrante e cheio de um concentrado vigor que não parecia natural naquele corpo fraco e delgado, ou que, ao menos, destoava num rosto lívido esverdeado, que revelava a ansiedade e falta de saúde.

Tal era Maximiliano Robespierre, e tal a sua habitação, situada sobre a oficina do marceneiro; habitação de onde saiam os editos que lançavam exércitos ao caminho da glória, e que faziam derramar, em torrentes, o sangue que inundou a metrópole do povo mais guerreiro do globo terrestre! Tal era o homem que havia resignado a carreira judicial (o primeiro objeto da sua ambição), porque não queria violentar os seus filantrópicos princípios, o que julgava que aconteceria, se, de vez em quando tivesse que firmar alguma sentença de morte, dada contra um seu semelhante; tal era o acérrimo inimigo da pena capital; tal era aquele que, sendo agora ditador carniceiro, era um homem cujos puros e rígidos costumes, incorruptível honestidade, ódio aos excessos no amor e na bebida, se tivesse morrido cinco anos antes, o teriam recomendado a pais prudentes e a bons cidadãos para ser mostrado a seus filhos como um modelo. Tal era o homem que parecia não ter vício algum, até que as circunstâncias, esse forno incubador, fizeram aparecer nele dois, que, em tempos ordinários, se ocultam nos recônditos mais profundos do coração humano: a Covardia e a Inveja. Num ou noutro destes vícios, descobre-se a causa de todos os assassínios que cometeu esse homem diabólico. A sua covardia era de um gênero muito estranho e particular; pois era acompanhada de uma deliberada vontade que não conhecia escrúpulos, uma vontade que até Napoleão admirou, uma vontade de ferro, encerrada em nervos de choupo-tremedor. Mentalmente, Robespierre era um herói; fisicamente, um covarde. Quando a mais leve sombra de perigo

ameaçava a sua pessoa, o seu corpo tremia; porém, a sua vontade fazia retroceder o perigo até ao matadouro, entregando à guilhotina os que julgava serem seus inimigos.

Como já dissemos, Robespierre estava sentado na cadeira, conservando o corpo erguido; as suas mãos, com os pequenos e delgados dedos, cerravam-se convulsivamente; os seus sombrios olhos erravam, pensativos, pelo espaço, e no seu branco amarelado apareciam listras de sangue; as suas orelhas moviam-se como as de ignóbil animal, para perceber bem qualquer pequeno ruído; era um Dionísio em sua caverna; porém, nem perdia, por isso, a sua decorosa postura, nem se desarranjava a sua encrespada cabeleira.

— Sim, sim, — resmungava, — eu os ouço; os meus bons Jacobinos guardam os seus postos na escada.

Lástima é que praguejam tanto! Tenho preparada uma lei, contra as imprecações, é necessário reformar os costumes do pobre e virtuoso povo. Quando tudo estiver em ordem, um exemplo ou dois entre esses bons Jacobinos produzirão muito bom efeito. Fieis companheiros, como me amam! Hum! Que imprecação foi aquela! Não precisam praguejar tão alto, e até na escada! Isto é prejudicial minha reputação. Ah! Ouço passos!

Robespierre lançou um olhar no espelho que tinha em frente, tomou um livro na mão e parecia estar profundamente absorto em sua leitura, quando um homem de elevada estatura com uma vara na mão e um cinturão de pistolas, abriu a porta para anunciar duas visitas. Um dos anunciados era um jovem que, segundo se dizia, se assemelhava muito a Robespierre, porém, em cuja fisionomia se notava uma expressão de decidida resolução. Este jovem foi o primeiro que entrou no quarto, e olhando o livro que Robespierre tinha na mão, pois este parecia querer continuar uma leitura interrompida, exclamou:

— Como? Está lendo a "Heloisa", de Rousseau? Uma história de amor!

— Meu caro Payan, o que deste livro me encanta, é a filosofia, e não o amor. Que sentimentos tão nobres!

Que virtude tão ardente! Se Jean Jacques tivesse podido viver até estes dias!

Enquanto o Ditador comentava desta maneira o seu autor favorito ao qual se esforçava por imitar no seu discurso, trouxeram ao aposento o outro visitante, sentado numa cadeira com rodas. Este homem, na flor da vida, pois somente contava trinta e oito anos, não podia valer-se de suas pernas; sem embargo, ainda que aleijado a paralítico, mereceu o apelido de Hercules do crime! Uma beleza quase angelical caracterizava as suas feições, e sobre os seus lábios via-se sempre um doce sorriso; um inexpressível aspecto de benignidade, e o seu ar de tranquila resignação do sofrimento lhe atraiam o coração daqueles que o viam pela primeira vez. Com uma suave e melodiosa voz, como a de uma flauta, o cidadão Couton saudou o admirador de Jean Jacques Rousseau, e disse:

— Não diga que não é amor o que lhe atrai neste livro; é o amor sim! Porém, não essa grosseira e sensual atração que sente o homem pela mulher. Não! O que sente é um sublime afeto por toda a humanidade e, com feito, por tudo o que vive no mundo!

E o cidadão Couton, inclinando-se, acariciava um cãozinho que costumava trazer sempre consigo, mesmo quando ia à Convenção, e o qual parecia ser-lhe um desafogo necessário ao excesso de sensibilidade que lhe inundava o coração.

— Sim, por tudo o que vive! — repetiu Robespierre. — Bom Couton, pobre Couton! Ah! Como nos desfigura a malícia dos homens! Caluniar-nos até o ponto de dizer que somos os verdugos de nossos colegas. Ah! Isto destroça o coração! Ser um objeto de

terror para os inimigos da nossa pátria, isto é uma coisa nobre; porém, ser um objeto de terror para os bons, para os patriotas, para aqueles a quem se ama e respeita, isto é a mais horrível das torturas, ao menos para um coração suscetível e honesto!

— Com que prazer o escuto! — disse Couton a Payan.

— Hum! — respondeu este, com alguma impaciência. — Mas, agora, tratemos de negócios!

— Ah! Negócios repetiu Robespierre, e os seus olhos raiados de sangue expeliram um olhar sinistro.

— Chegou o tempo — disse Payan — em que a segurança da República exige uma completa concentração de todos os seus poderes. Esses gritadores do Comitê de Salvação Pública sabem só destruir; não sabem edificar coisa alguma. Eles o odeiam, Maximiliano, desde o momento em que você tentar substituir a anarquia por boas instituições. Como zombam da festa em que foi proclamada a existência do Ser Supremo! Esses homens desejariam não ter governador algum, nem no céu! A sua clara e vigorosa inteligência compreendeu que, depois de haver derribado o mundo antigo, se tornou necessário formar um novo. O primeiro passo para a construção deve ser destruir os destruidores. Enquanto nós deliberamos, os seus inimigos agem. Vale mais atacar, nesta mesma noite, o punhado de homens armados que os custodiam, do que ter que fazer frente aos batalhões que possam pôr em pé amanhã.

— Não, — disse Robespierre, que recusava diante do resoluto espírito de Payan; — eu tenho outro plano, melhor e mais seguro. Hoje estamos a 6 de Thermidor; no dia 10, — no dia 10 deste mês, — a Convenção assistirá, em corpo, à Festa Decadaria. Nesse dia, acudirá populacho. Os artilheiros, as tropas de Heriot e os jovens discípulos da Escola de Marte se disseminarão entre a multidão. Fácil, então, será acabar com os conspiradores, que designaremos

aos nossos agentes. No mesmo dia, também, Fouquier e Dumas não descansarão; e, para que se mantenha o saudável receio e para que se conserve a excitação revolucionária, o gládio da lei fará cair algumas cabeças de suspeitos. O dia 10 será um grande dia de ação. Payan preparou você a lista desses últimos réus?

— Aqui está, — respondeu laconicamente Payan, apresentando um papel.

Robespierre passou por ele um rápido olhar.

— Collot d'Herbois! — Bem! Barêre! Ah! Era este quem dizia: "Matemos; os mortos são os únicos que não voltam mais" Vadier, o bobo selvagem! Bem! Bem! Vadier da Montanha. Foi ele quem me apelidou de Mahomet! Malvado! Blasfemador!

— Mahomet virá à montanha, — disse Couton, com sua voz argentina, ao mesmo tempo que acariciava o seu cãozinho.

— Porém, como é isto? Não vejo aqui o nome de Tallien! Tallien, eu odeio este homem; isto é, ajuntou Robespierre, corrigindo-se com a hipocrisia ou a ilusão de si próprio, que as personagens que formavam o conselho destes fraseadores costumavam empregar, até entre si mesmos, isto é, a Virtude e a nossa Pátria o odeiam! Não há na Convenção outro homem que me inspire tanto horror, como Tallien. Couton, onde esse homem se senta, parece-me que vejo mil Dantons!

— Tallien é a cabeça desse corpo disforme, — disse Payan, cuja criminal ferocidade era, como a de Saint-Just, acompanhada de talentos pouco comuns. — Não seria melhor, em vez de cortar-lhe a cabeça, ganhá-

lo ou comprá-lo, por algum tempo, e deixá-lo á disposição para quando ficasse isolado? Tallien odeia-o talvez; porém, ele ama o dinheiro!

— Não, — objetou Robierre, escrevendo na lista o nome de Jean

Lambert Tallien, com o pulso firme, para que as letras fossem bem visíveis; eu necessito dessa cabeça!

— Eu também trago aqui, uma pequena lista, — disse Couton, com suavidade, — É muito curta. Os senhores se ocupam da Montanha; mas também é necessário dar alguns exemplos na Planície. Esses moderados são como as palhas que sempre seguem o vento. Ontem se pronunciaram contra nós na Convenção. Um pouquinho de terror corrigirá esses cata-ventos. Pobres criaturas! Não nutro nem a menor parte da má vontade; até choraria por eles. Porém, mais do que tudo me vale a querida Pátria.

Robespierre devorava, com olhos acesos, a lista que lhe entregara o homem sensível.

— Ah! — disse; — todos estes nomes foram bem escolhidos; pois, sendo pouco notáveis, a sua morte não será muito sentida; esta é uma polícia excelente para com os restos deste partido. Também vejo, na lista, alguns estrangeiros; sim, estes não têm parentes em Paris. As mulheres e os parentes dos mortos começaram agora a falar mal de nós. As suas queixas desmoralizam a guilhotina!

— Couton tem razão, — disse Payan; a minha lista contém os que conviria despachar em massa, no meio do bulício da festa; na sua, figuram só nomes de pessoas que se podem entregar, prudentemente, à lei.

Não a assinará agora mesmo?

— Já está assinada, — respondeu Robespierre, recolocando a pena junto ao tinteiro. — Vamos falar, agora, de assuntos mais importantes. Estas mortes não produzirão excitação alguma; porém, Collot d'Herbois, Bourdon de l'Oise Tallien (ao pronunciar este último nome, Robespierre arquejou) são as cabeças de partidos. Esta é a questão de vida ou morte, tanto para eles como para nós.

— As suas cabeças são os escabelos da sua cadeira consular, —

disse Payan, à meia voz. — Esta empresa não oferece perigo, se agirmos com ousadia. Juizes e jurados todos foram escolhidos por ti. Com uma mão move o exercito, e com a outra a lei. A sua voz tem ainda autoridade sobre o povo.

— O pobre e virtuoso povo! — murmurou Robespierre.

— E mesmo — prosseguiu Payan — se o nosso projeto fracassar no dia da festa, não devemos retroceder, pois ainda podemos utilizar-nos de grandes recursos. Reflete bem. Henriot, o general do exército parisiense, lhe fornecerá tropas para prender; o "Clube dos Jacobinos" lhe proporcionará um público que aprove; e o inexorável Dumas, juízes que nunca absolvem. É necessário que sejamos ousados!

— E nós o somos, e seremos! — exclamou Robespierre, dando com a mão uma pancada na mesa, enquanto se levantava, com a cabeça erguida, como a serpente no ato de morder. — Ao ver a multidão de vícios que a torrente revolucionária mescla com as virtudes cívicas, — acrescentou, — temo que o impuro contágio desses homens perversos, que deslizam entre os verdadeiros defensores da humanidade, me apresente manchado aos olhos da posteridade. Pois que? Crêem eles, acaso, que podem repartir a pátria como uma presa? Eu lhes agradeço o seu ódio a tudo o que é virtuoso e digno! Esses homens, — e, assim dizendo, arrebatou a lista das mãos de Payan, — eles, e não nós, têm estabelecido a linha divisória entre eles e os que amam a França!

— Tem razão; nós havemos de governar sós! — murmurou Payan; — Em outras palavras, o Estado necessita a unidade domando.

— Eu irei à Convenção, — continuou Robespierre. — Há muito tempo que não me tenho apresentado nela, para não se dizer que violentava a República que criei. Fora com semelhantes escrúpulos.

Quero preparar o povo! Quero confundir os traidores com um só olhar!

Robespierre dizia isto com essa terrível firmeza oratória que nunca lhe faltou, com essa vontade moral que marchava como um guerreiro contra o canhão.

Neste instante, foi interrompido por um criado, que lhe trouxe uma carta. Ao abri-la, o ditador empalideceu e um profundo estremecimento percorreu-lhe todo o corpo; era um dos anônimos com que, continuamente, o ódio e a vingança dos que ainda estavam vivos, ameaçavam aquele verdugo.

— "Está manchado — dizia o escrito — com o sangue mais nobre da França. Lê a sua sentença! Aguardo a hora em que o povo o entregará, furioso, às mãos do carrasco. Se a minha esperança me enganar, — se o seu fim se dilatar ainda por muito tempo, — escute! Leia! Esta mão, que os seus olhos em vão se esforçarão para descobrir, atravessará o seu coração! Vejo-o todos os dias, e todos os dias estou a seu lado. A cada hora, o meu braço se levanta contra o seu peito. Malvado! Viva entretanto, ainda os poucos e miseráveis dias que lhe sobram, viva para pensar em mim; durma para ver-me nos seus sonhos! O seu terror, e a sua contínua recordação de mim, são os arautos do seu próximo fim. Adeus! Hoje mesmo vou-me embora, para rir-me do seu medo!"**[**2**]**

Suas listas não estão bastante cheias! — bradou o tirano, com uma voz terrível, quando a carta anônima se escapou das suas mãos trementes. — Dê-me! Pensem e lembrem-se de que Barêre tem razão. Matemos!

Os mortos são os únicos que não voltam mais!

CAPÍTULO II

"La haine, dans ces lieux, n'a qu'un glaive assassin. Elle marche dans l'ombre".

La Harpe, "Jeanne de Napoles", acte IV, scêne 1.

"O ódio, nestes lugares, tem um só gládio assassino. Ele anda na sombra".

Enquanto Maximiliano Robespierre maquinava estes projetos e estava atormentado por estes terrores, o perigo e o ódio comum, tudo o que restava de nobre e virtuoso entre os agentes da Revolução, servia para unir as mais estranhas e apartadas vontades hostis ao assassino universal. Existia, realmente, uma verdadeira conspiração contra o ditador, na qual entravam homens poucos menos manchados com sangue inocente do que ele.

Porém, esta conspiração teria sido infrutífera, apesar da sagacidade de Tallien e Barras, os únicos entre esses conspiradores que, por sua previsão e energia, eram dignos do nome de "chefes". Os elementos mais seguros e destruidores, que se reuniram ao redor do tirano para o ameaçar, eram o Tempo e a Natureza. Robespierre não se acomodava às exigências daquele, e havia sublevado esta em todos os peitos, ultrajando todos os sentimentos humanos.

Os membros do partido mais atroz da Revolução, a facção de Hébert, iam ao último extremo. Estes carniceiros ateus, que, ao profanar o céu e a terra, se arrogavam uma inviolável santidade a si mesmos, estavam igualmente irritados pela execução do seu execrado chefe e pela proclamação de um Ser Supremo. O

populacho, apesar de seus brutais excessos, despertou sobressaltado, como saindo de um pesadelo de sangue, quando o seu gigantesco ídolo, Danton, deixou de ocupar o cenário do terror, onde popularizara o crime, por aquela combinação de descuidada fraqueza e de eloquente energia que seduz a multidão. O gládio da guilhotina se havia voltado contra eles mesmos. Esse partido sanguinário havia gritado, cantando e dançando de prazer, quando veneráveis anciães ou a entusiasta juventude da aristocracia ou das letras atravessavam suas ruas, levados em tristes e sujos carros para o cadafalso; agora, porém, os adeptos desse partido estavam desesperados e falavam-se ao ouvido, quando vim que a sua própria facção estava ameaçada e que alfaiates e remendões, jornaleiros e lavradores eram entregues ao abraço da "Santa Mãe Guilhotina", com tão pouca cerimônia como se houvessem sido Montmorencys ou La Trémouilles, Malesherbes ou Lavoisiers.

Razão tinha Couton, ao dizer naquele tempo: "As sombras de Danton, de Hébert, de Chaumette passeiam entre nós!"

Entre os que haviam abraçado as doutrinas do ateu Hébert, porém que naquele momento temiam sofrer a sorte do seu chefe, encontrava-se o pintor Jean Nicot. Desesperado e furioso ao ver que, com a morte do seu patrão, havia terminado a sua carreira, e que, no Zenith da Revolução, pela qual tanto trabalhava, se via reduzido ao triste estado de ter que viver escondido nas bodegas mais pobres, mais obscuro e mais desprezado do que o fora a princípio, não se atrevendo sequer a exercer a sua arte e temendo que o seu nome aparecesse na lista dos sentenciados, havia-se convertido, naturalmente, em um dos mais ardentes inimigos de Robespierre e do seu governo.

Tinha secretas entrevistas com Callot d'Herbois, que era animado dos mesmos sentimentos; e, com sua astúcia de serpente,

que formava a parte mais notável no seu caráter, se entretinha, sem ser descoberto, em propagar tratados e invectivas contra o ditador, preparando entre "o pobre e virtuoso" a mina que devia produzir a grande explosão.

Porém, aos olhos de Nicot, como aos dos políticos perspicazes, mais profundos que ele, o poder maléfico do "incorruptível Maximiliano" parecia ainda muito firme; e tão pouco contava com o êxito do movimento que preparavam contra ele, que Nicot, bem como muitos outros, punha mais esperanças antes no punhal assassino do que numa revolução popular. Entretanto, Jean Nicot, ainda que nada tivesse de covarde nesta ocasião, não desejava representar o papel de mártir; ele tinha bastante juízo para compreender que, apesar de que todos os partidos se regozijariam pelo assassinato, todos se uniriam, provavelmente, para decapitar o assassino. O pintor não tinha suficiente virtude para converter-se num Brutus. O seu objeto era, ao contrário, inspirar alguém que desempenhasse esse papel, o qual não era impossível conseguir no meio daquela inflamável população.

Entre os que, com maior aspereza, declamava contra aquele reinado de sangue; entre os desiludidos da Revolução, entre os que mais horrorizados ficaram com os excessos desta, se encontrava, como se pode supor, o inglês Clarêncio Glyndon. O talento, o brilhante gênio e as incertas virtudes que, de vez em quando, vinham iluminar, como esplêndidos relâmpagos, a mente de Camilo Desmoulins, havia fascinado Glyndon mais do que as qualidades de qualquer outro agente da Revolução. E quando, pois Camilo Desmoulins tinha um coração que parecia morto ou adormecido na maior parte de seus contemporâneos, aquele fogoso filho do gênio e da concepção errônea, aterrorizado ante a matança dos Girondinos, e arrependendo-se do que fizera contra eles, começou a alarmar a

serpentina malícia de Robespierre, pregando a tolerância e o perdão, Glyndon abraçou a sua opinião com toda a força da sua alma.

Camilo Desmoulins pereceu, e o inglês, desesperando de salvar a sua própria vida, como também de ver triunfar a causa da humanidade, desde aquele tempo procurava somente a ocasião de fugir daquele calvário hediondo. Além da sua própria vida, tinha ele que salvar duas outras vidas. Temendo mais por estas do que por si mesmo, começou a idealizar um plano de evasão.

Apesar de que Glyndon odiava os princípios, o partido e os vícios de Nicot, socorria a este, quanto podia, para mitigar-lhe a dura penúria. Jean Nicot, por sua vez, decidiu, em seu coração, exaltar Glyndon à imortalidade de um Brutus, que modestamente recusara para si. Ele baseava os seus projetos na coragem física, nas inconstantes e arrebatadas ideias do artista inglês e no veemente ódio e profunda indignação que este manifestava abertamente contra o governo de Maximiliano Robespierre.

Na mesma hora do mesmo dia de Julho, em que Robespierre conferenciava (como vimos) com seus companheiros, duas pessoas estavam sentadas num pequeno quarto, numa das travessas que levavam para fora da rua de St.Honoré; era um homem e uma mulher. O primeiro parecia escutar, com impaciência e franzindo a testa, a sua companheira, que era de singular beleza, porém de fisionomia atrevida e de expressão descuidada. Enquanto ela falava, o seu semblante animava-se com todas as paixões de uma natureza selvagem e veemente.

— Inglês, — dizia a mulher, — olha o que você faz! Já sabe que, seja na fuga, ou no lugar de morte, desafiarei tudo para não me separar do seu lado; você sabe isto. Fale!

— Bem, Filida; tenho, acaso, duvidado alguma vez da sua fidelidade?

— Duvidar dela não pode. Pode, porém, traí-la, — respondeu a jovem. — Disse que, na fuga, deve acompanhá-lo, além de mim, mais outra pessoa, e que essa pessoa é mulher. ? Pois bem; isto não se dará!

— Não se dará? — perguntou Glyndon, pasmado.

— Não, não se dará! — repetiu Filida, com voz resoluta e cruzando os braços sobre o peito.

Antes que Glyndon tivesse tempo de responder, ouviu-se uma leve pancada na porta e, levantando o trinco, entrou Nicot.

Filida recostou-se sobre o espaldar da cadeira e, apoiando a face sobre a mão direita, pareceu fazer tão pouco caso do recém chegado, como da conversação que se seguiu depois.

— Não posso dar-lhe o bom dia, Glyndon, — disse, aproximando-se do artista inglês, Jean Nicot, com seu traje de "sansculotte", sem tirar o seu roto chapéu, com as mãos metidas nas algibeiras e com a barba que tinha mais de uma semana; — não posso dar-lhe os bons dias, porque, enquanto vive o tirano, o mal é o único sol que irradia seus raios sobre a França.

— É verdade! Porém, que quer? Temos semeado o vento, agora temos que colher a tempestade.

— E sem embargo, — disse Nicot, como se não tivesse ouvido a resposta e falasse consigo mesmo, — isso estranha, quando nos lembramos que o carniceiro é tão mortal como a vítima; que a sua vida pende de um tênue fio; que entre a cutícula e o coração há uma passagem muito curta, que, em suma, um só golpe pode libertar a França e redimir a humanidade!

Glyndon olhava o francês com a indiferença do desprezo, enquanto este falava, e não lhe respondeu.

— Muitas vezes, — continuou Nicot, — tenho dirigido um olhar à minha volta para ver se descobria o homem nascido para este

glorioso destino, e cada vez que me ocorria esta ideia os meus passos me trouxeram cá!

— Não seria melhor que o houvessem levado ao lado de Maximiliano Robespierre? — insinuou Glyndon, com um sorriso de escárnio.

— Não, — retrucou Nicot, com sangue frio; — não, porque eu sou um suspeito; a mim seria impossível introduzir-me entre o seu séquito, e não poderia aproximar-me nem cem passos da sua esposa, sem ser preso. Você, porém, ainda é livre de perigo. Escute-me! — e a voz de Nicot tornou-se séria e expressiva. — Escute-me! Ainda que estação pareça perigosa, não o é absolutamente. Falei com Collot d'Herbois e Bilaud-Varennes, e disseram-me que não fariam o menor mal a quem desse esse golpe; o populacho correria a socorrê-lo; a Convenção o saudaria como seu libertador, como...

— Para, homem! Como se atreve a unir o meu nome com o ato de um assassino? — exclamou Glyndon, irritado. — Toque o sino de rebate naquela torre, como um sinal de guerra entre a Humanidade e o Tirano, e não serei dos últimos em correr ao campo; nunca, porém, a liberdade reconhecerá seu defensor num assassino.

Havia algo tão valente e nobre na voz, no aspecto e nos gestos de Glyndon, quando pronunciava aquelas palavras, que impôs silêncio a Nicot, o qual viu, que havia formado um juízo errôneo a respeito do inglês.

— Não! — disse Filida, levantando a cabeça; — não! O seu amigo está preparando um projeto mais prudente; ele quer deixá-los, cidadãos, e não importará de vê-los devorando uns aos outros, como lobos; e nisto tem razão; porém...

— Fugir! — exclamou Nicot. — É possível? Fugir! Como? Quando? Por quais meios? Toda a França está cheia de espias e de guardas! Fugir! Oxalá pudesse fazê-lo!

— Deseja também fugir da abençoada Revolução?

— Oh! Se desejo! — exclamou Nicot, de repente e, deixando-se cair, abatido, abraçou os joelhos de Glyndon. — Oh! — prosseguiu — faz com que eu me salve contigo! A minha vida é uma tortura; a cada momento vejo a guilhotina diante dos olhos.

Sei que as minhas horas estão contadas; sei que não está longe o instante em que o tirano escreverá o meu nome em sua inexorável lista; sei que René Dumas, o juiz que nunca perdoa, resolveu a minha morte, já há tempo. Oh, Glyndon! Em nome da nossa velha amizade, pela comunidade da nossa arte, pela leal fidelidade inglesa, e pelo seu bom coração inglês permita que ele fuja consigo!

— Se quer, eu não me oponho a que me acompanhe.

— Mil graças! Durante toda a minha vida lhe serei agradecido. Porém, como preparou os meios, os passaportes, o disfarce, o...?

— Eu lhe direi. Conhece o cidadão C***, da Convenção. É um homem que tem poder, e é avarento. "Não me importa que me desprezem, com tanto que eu possa jantar", disse ele, um dia, quando lhe censuravam a sua avareza.

— Pois bem; e então?

— Por meio deste forte republicano, que tem muitos amigos no "Comitê", obtive os meios necessários para minha fuga; compreios. Em consideração à nossa amizade, poderei arranjar-lhe também um passaporte.

— Mas, então, o dinheiro que possui, não consiste em meros assinados?

— Não; eu tenho ouro suficiente para nós todos.

Ao dizer isto, Glyndon levou o francês a um quarto contíguo e ali lhe expôs, em poucas palavras, o seu plano de evasão e os disfarces de que haviam de servir-se, para que tudo ficasse conforme os dizeres do passaporte. Em seguida, acrescentou:

— Pelo serviço que lhe faço, peço-te um favor que, julgo, está em suas mãos. Lembra-se de Viola Pisani?

— Ah! Lembro-me, sim! E também me lembro do amante com quem ela fugiu.

— E o qual já abandonou, — disse Glyndon.

— É verdade? Ah! Já compreendo. "Sacré bleu!" Mas homem feliz, caro confrade!

Silêncio, homem! Com as suas eternas frases a cerca de fraternidade e virtude, parece que é incapaz de crer numa ação boa num pensamento virtuoso!

Nicot mordeu os lábios e replicou sombriamente:

— A experiência é um grande desenganador. Hum! Que serviço posso-lhe prestar com respeito à italiana?

— Tive a culpa de ter ela vindo a esta cidade de armadilhas e calabouços; por conseguinte, não posso deixá-la abandonada no meio dos perigos de que não se vê segura nem a inocência, nem a obscuridade.

Nesta abençoada República, qualquer bom cidadão que não seja suspeito e que cobice uma mulher, solteira ou casada, não tem mais do que dizer: "Seja minha ou lhe denunciarei!" Em poucas palavras: É necessário que Viola fuja conosco.

— Que coisa mais fácil, tem passaporte para ela?

— Que coisa mais fácil! — diz você. — Pois lhe asseguro que é sumamente difícil! Ai está Filida — a quem oxalá não tivesse nunca visto! E a quem, em má hora eu escravizei a minha alma e aos meus sentidos! O amor de uma mulher violenta, sem princípios e sem educação, oferece, ao começo, a entrada num céu, para depois levar a um inferno! E ciumenta como todas as Fúrias, e não quer ouvir falar de outra mulher que nos acompanhe. E quando ela vir à beleza de Viola.... Eu tremo só ao pensar nisso. Ela é capaz de cometer

qualquer excesso no ímpeto de suas paixões.

— Ah! Eu sei perfeitamente o que são estas mulheres! A minha esposa, Beatriz Sachini, com a qual entretive relações em Nápoles, quando essa mesma Viola recusou a minha mão separou-se de mim quando se acabou o meu dinheiro. Veio a ser a amante de um juiz, e muitas vezes a vejo passar num luxuoso coche, enquanto eu me arrasto pelas ruas. Maldita! .. . Mas... paciência! Paciência! Este é o prêmio da virtude. Oh! Se eu fosse Robespierre por um só dia!

— Deixe estas loucuras! — exclamou Glyndon, com impaciência. — Vamos ao caso. Que é o que me aconselha?

— Que deixe Filida em Paris.

— Deixá-la entregue à sua ignorância, sem contar sequer com a proteção de uma mentalidade mediana!

Abandoná-la no meio destas Saturnais de violência e assassinato? Não! Fui ingrato para com ela uma vez; mas, agora, suceda o que suceder, não desampararei tão vilmente uma mulher que, apesar de todos os seus erros, confiou ao meu amor o seu destino.

— Entretanto, abandonou-a em Marselha.

— É verdade; porém, naquele tempo, não a ameaçava nenhum perigo e eu não havia experimentado ainda a fidelidade e a força do seu amor. Deixei-lhe dinheiro e julguei que isto a consolaria; não foi assim.

Desde então temos atravessado juntos graves perigos! E deixá-la, agora, exposta a males que nunca a teriam ameaçado, se não tivesse demonstrado tanta fidelidade para comigo, é impossível. Ocorre-me uma ideia. Não pode, acaso, dizer que tem uma irmã, uma parenta ou uma benfeitora, a quem deseja salvar? Não poderíamos, até havermos deixado a França, fazer crer a Filida que Viola é uma mulher que somente interessa a ti, e que eu permito que

venha acompanhar-nos na fuga, apenas para lhe agradar?

— Ah! Bem pensado! Certamente!

— Então, eu fingirei ceder aos desejos de Filida e abandonar o projeto, que tanto lhe repugna, de salvar o inocente objeto dos seus frenéticos xêlos. Você, entretanto, pedirá a Filida para que interceda comigo para salvar.

— A uma senhora, — pois ela sabe que não tenho irmã, — a uma senhora que me tem socorrido na desgraça... Sim, eu arranjarei tudo; não tema. Uma pergunta: Que é feito de Zanoni?

— Não me fale dele. Não sei.

— Ele ama ainda essa jovem?

— Parece que sim. Ela é sua mulher, e tem dele um filho.

— Sua mulher! E mãe! Ele a ama! Ah! E por que?...

— Não me pergunte mais. Vou prevenir Viola que se prepare para fugir; você, entretanto, volte para o lado de Filida.

— Mas o endereço da napolitana? E necessário que o saiba para o caso que Filida mo pergunte.

— Rua M-T, n° 27. Adeus!

E Glyndon, tomando o chapéu, saiu de casa.

Nicot, quando só, pareceu refletir por alguns momentos.

— Olá! — murmurou, falando consigo mesmo, — não poderia eu fazer com que todo este negócio redundasse em meu proveito próprio? Não posso vingar-me de ti, Zanoni, como o tenho jurado tantas vezes, por meio de sua mulher e seu filho? Não posso tornar-me o possuidor do seu ouro, dos seus passaportes e da sua Filida, arrebatado inglês, que me humilha com seus benefícios, e me lançou a sua esmola como a um mendigo? Eu amo Filida; e, mais ainda, amo o seu ouro! Titeres, vou mover as suas cordas!

Dizendo isso, Nicot dirigiu-se lentamente ao quarto de Filida, que permanecia ainda na mesma atitude meditabunda, porém com

algumas lágrimas nos olhos negros. Ao abrir-se a porta, a jovem dirigiu ao recém-chegado um ansioso olhar; porém, ao ver a feia cara de Nicot, volveu a cabeça com visível impaciência.

— Glyndon deixou-me aqui — disse o pintor, aproximando uma cadeira daquela em que estava Filida — para tornar menos fastidiosa a sua solidão, formosa italiana. Ele não tem ciúme do feio Nicot!.. Ah! Ah!

Mas Nicot a amou muito, nos dias em que a sua fortuna era melhor. Porém, deixemos de falar das loucuras passadas!

— Segundo o que diz, pois, o seu amigo saiu de casa? Para onde foi? Ah! Você desviou a vista...

balbuciou... não pode olhar nos meus olhos ! Fale! Eu vo-lo suplico, eu vo-lo ordeno!

— Criança, que é o que teme?

— Temo, sim! Temo! — disse a italiana, estremecendo e parecendo abismar-se em seus pensamentos.

Depois de alguns momentos, a jovem deitou para trás os seus compridos cabelos que lhe caiam diante dos olhos, e, levantando-se de repente, começou a passear pelo quarto, com passo agitado. Por fim, detendo-se em frente de Nicot, pôs sua mão sobre o ombro deste, e levou-o a uma escrivaninha.

Abrindo-a, mostrou-lhe o ouro que havia dentro e disse-lhe:

— Você é pobre, e ama o dinheiro; tome quanto quiser, mas diga-me a verdade. Quem é a mulher que o seu amigo visita? Sabe se a ama?

A avareza brilhou nos olhos de Nicot, e as suas mãos se abriam e cerravam convulsivamente, enquanto contemplava o dinheiro. Resistindo com relutância àquele impulso, disse, afetando amargura:

— Pensa subornar-me? Neste caso, não alcançará por meio do ouro. Porém, porque quer saber se ele ama uma rival? E se lhe trai?

Ou se, aborrecido com seus ciúmes, trata de fugir, sem levá-la consigo? Acaso saber isso a tornaria mais feliz?

— Sim! — exclamou a italiana, fogosamente; — sim! Pois seria uma felicidade, odiar e vingar-me! Ah! Você não sabe como é doce o ódio para quem realmente amou! Porém, jurará que não me acusará, se eu te revelar o segredo, e que não se porá a chorar, como as mulheres costumam fazer, e a repreender o seu infiel amante, quando ele voltar?

— Chorar. . . repreender! Não chorarei, não o repreenderei! A vingança se oculta muito bem nos sorrisos!

— É uma mulher valente! — disse Nicot, em tom quase de admiração. — Outra condição: o seu amante pretende fugir com a sua nova querida e abandoná-la à sua sorte. Se lhe provo isto e lhe proporciono a ocasião de se vingar da sua rival, fugirá comigo? Eu a amo! Eu me casarei consigo!

Filida não respondeu; mas os seus olhos brilharam com um fogo extraordinário, enquanto lançavam sobre o pintor um olhar de inexprimível desdém.

Nicot compreendeu que havia ido demasiado longe; e como aprendera na escola do crime, e que era o sentimento dominante esse profundo conhecimento da parte má da nossa natureza, que no seu coração, resolveu confiar o resto as indômitas paixões da italiana, quando as houvesse excitado até o extremo que se havia proposto.

— Perdoe-me, — disse ele. — O meu amor me tornou presunçoso; e, sem embargo, é somente este amor, a simpatia que sinto por si, formosa enganada, o que me induz a falar, com as minhas revelações, contra um homem que considerei sempre como um irmão. Posso crer no seu juramento de não dizer nada disto a Glyndon?

— Pode crer no meu juramento, no meu sentimento de ofendida

e no meu sangue de montanhesa!

— Basta! Põe o seu chapéu e o manto, siga-me!

Assim que Filida saiu do quarto, a fim de preparar-se para o passeio de exploração, proposto por Nicot, os olhos deste fixaram-se outra vez sobre o ouro; era muito, muito mais do que o francês se haveria atrevido a esperar; e enquanto espreitava o conteúdo da escrivaninha, abrindo as gavetas, viu um pacote de cartas com a mui conhecida letra de Camilo Desmoulins. Apoderou-se do pacote e abriu-o; os olhos brilharam de prazer ao devorar algumas frases.

— Isto seria suficiente para entregar cinquenta Glyndons à guilhotina! — murmurou, e escondeu as cartas na algibeira.

Oh, artista! Oh, gênio errante e obsedado! Veja seus dois piores inimigos: o Falso Ideal, que não reconhece um Deus, e o Falso Amor, que nasce da corrupção dos sentidos, e não reflete nenhum esplendor da alma!

CAPÍTULO III

"Liebe sonnt das Reich der Nacht".
Triumph der Liebe.

"O Amor ilumina o reino da Noite".

CARTA DE ZANONI A MEJNOUR
PARIS.

"Recorda-te, Mejnour, daqueles tempos antigos, quando o selo residia ainda na Grécia, como nós dois, no vasto Teatro Ateniense, assistíamos ao nascimento da Arte das Palavras, tão imortal como nós mesmos? Recordas-te do estremecimento de terror, que correu por todo o auditório, quando Cassandra rompeu o seu espantoso silêncio, inspirada pelo seu implacável Deus? Como estava pálida, quando, à entrada da Casa de Atreu, que por pouco foi sua tumba, lançou suas exclamações, predizendo desgraças: "Morada que o céu aborrece! Carnificina de entes humanos! Solo salpicado de sangue!"**[**3**]**

Recorda-te como, no meio do silencioso terror que dominara aquela multidão de espectadores, cujo número passava de alguns milhares, eu me aproximei de ti e te disse, em voz baixa: "Na realidade, não há profeta igual ao poeta!". Esta cena de horror, embora não passe de fábula e imaginação, apresenta-se à minha mente como se fosse um sonho, que me prediz alguma coisa semelhante que deve suceder no meu próprio futuro, ainda remoto! Recorda-te?

“Quando entrei nesta cidade, transformada em grande carnificina de corpos humanos, a memória me apresentou novamente aquela cena, e eu ouço a voz de Cassandra reproduzir-se outra vez nos meus ouvidos. Um medo solene difunde-se em derredor de mim, como se eu estivesse também a tropeçar com uma tumba, e como se já estivesse preso na “Rede do Hades”!

Que tesouros de negras vicissitudes e de dor se acumulam na nossa memória! Que é a nossa vida mais do a crônica da infatigável morte? Parece-me que era ontem que eu vagava pelas ruas desta cidade dos gauleses, quando estavam cheias de brilhantes cavalheiros, cujas plumas tremulavam no ar, e cujos ricos trajes de seda encantavam a vista. O jovem Luiz, monarca e amante, havia saído vitorioso no torneio de Carrossel, e toda a França parecia resplandecer no esplendor do seu deslumbrante chefe! Agora, não há aqui nem Trono, nem Altar; e que é o que se vê em seu lugar? A guilhotina! É triste estar entre as ruínas de cidades que antigamente floresceram, e ver deslizar-se o lagarto e a serpente entre os restos de Persépolis e de Tebas; porém, mais triste ainda é achar-se como agora eu, — estrangeiro proveniente de Impérios que deixaram de existir, — no meio das ruínas, ainda mais espantosas, da Lei e da Ordem, presenciando o despedaçamento da humanidade! Todavia, ainda aqui, o Amor, o Embelezador, que tem guiado os meus passos, caminha com intrépida esperança no meio do deserto da morte.

“É estranha esta paixão que forma para si um mundo à parte e que, individualizando um ente humano no meio da multidão sobrevive por entre as metamorfoses da minha vida, ao passo que a ambição, o ódio e a ira, já de há muito tempo, estão mortos! O amor é o anjo solitário que paira sobre um universo de túmulos, sustendo-se por suas trêmulas e humanas asas, que são a Esperança e o Medo!”

"Como é, Mejnour, que, quando a minha divina arte me abandonou, quando, ao buscar Viola, não me vi ajudado senão pelos ordinários instintos do mais humilde mortal, como é, repito, que nunca desconfiei, e que, no meio de todas as dificuldades, me animava o forte pressentimento de que, por fim, nos encontraríamos? Todos os vestígios da sua fuga ocultaram-se tão cruelmente! Fugira tão de repente, e envolvida num segredo tamanho, que nem os espias, nem as autoridades de Veneza puderam facilitar-me o menor indício. Em vão busquei-a em toda a Itália! Em vão, na sua anterior morada, em Nápoles!"

"Não obstante, ao encontrar-me naquela humilde habitação, parecia-me respirar a fragrância da sua presença! Todos os sublimes segredos da nossa ciência me falharam, quando quis conseguir que a sua alma se tornasse visível à minha; porém, é preciso que o saiba, pobre solitário que não tem filho algum, que, de manhã e de noite, separando-me do meu invólucro grosseiro, posso comunicar-me com o meu filho! Nesta, que é a mais abençoada, típica e misteriosa de todas as relações, a Natureza mesma parece conceder o que a ciência nega. O espaço não pode separar a alma vigilante do pai do lado do berço do seu primogênito!"

Ignoro o pai e a casa que habitam; as minhas visões não me descrevem a terra, senão a pequena e tenra criatura, a qual parece já ter o espaço por herança! Para a criança, cuja razão ainda não despertou, e na qual as paixões de homem ainda não vieram obscurecer a essência que trouxe do elemento que deixara, não existe país algum peculiar, nem cidade natal, nem linguagem mortal, que lhe seja própria. A sua alma, sendo ainda o habitante do ar e de todos os mundos, encontra-se com a minha no espaço; ali o filho se comunica com o pai!

"Mulher cruel! Por quem deixei a sabedoria das esferas; a quem

devo o fatal dote das debilidades e terrores da humanidade: pude crer que a jovem alma estaria menos segura na terra, porque eu queria conduzi-la cada vez mais alto ao céu! Julgou que eu era capaz de fazer algum mal ao meu próprio filho?

Não via, nos seus serenos olhos, a luz que eu lhe inspirava para adverti-lo, para repreender a mãe que queria ligar essa alma às trevas e fazê-la participar dos tormentos dos demais mortais? Não compreendia que eu era quem, por meio do poder do Céu, o escudava contra as enfermidades e os sofrimentos? E em sua admirável beleza, eu bem dizia o santo meio pelo qual, finalmente, o meu espírito poderia comunicar-se com o seu!"

"E como acho a trilha, depois? Soube que o teu discípulo havia estado em Veneza. Pela descrição que me fizeram da quase selvagem personagem, que esteve a visitar Viola antes da sua fuga, não me foi possível reconhecer o jovem nobre neófito de Partênope; porém, quando quis citar perante mim a sua ideia, esta se negou a obedecer-me; e então compreendi que o seu destino estava ligado ao de Viola.

Segui os vestígios que ele deixara, e assim cheguei até a esta infeliz cidade, onde me acho desde o dia de ontem; até ao instante em que escrevo estas linhas, não pude descobrir o homem que procuro".

"Agora mesmo acabo de voltar do que chamam aqui os Tribunais de Justiça", e o que, na realidade, merece o nome de cavernas onde os tigres processam a sua presa. Não encontrei a quem buscava. Estão, pois, ainda fora do perigo de caírem nas mãos desses tigres. Porém, nos crimes dos mortais, reconheci a escura sabedoria do Eterno. Mejnour, tenho visto aqui, pela primeira vez, que coisa bela e majestosa é a morte! De que sublimes virtudes nos despojamos, quando, sedentos de virtude, alcançamos a arte por meio da qual podemos evadir-nos da morte no momento em que ela

procura! Quando, num clima feliz, onde respirar é gozar, o túmulo se abre para engolir a juventude e a formosura; quando a morte se apresenta a um estudante que está pesquisando, com nobres fins, os segredos da ciência, e este deve interromper os seus interessantes estudos, quando a fatal cortina, caindo sobre a encantadora terra, lhe oculta a interessante cena que se oferecia à sua contemplação, quão natural é, então, o nosso desejo de viver, e quão natural é que a perpetuidade da vida seja o primeiro objeto da nossa investigação!

"Porém, aqui, colocando-me na minha torre do tempo, e volvendo a vista ao escuro passado, e contemplando o brilhante futuro, compreendo que doçura e glória sentem os grandes corações, quando morrem pelos que amam! Vi um pai sacrificar-se por seu filho; faziam-lhe acusações que podia desvanecer pronunciando uma só palavra: haviam-no tomado, equivocadamente, pelo seu filho. Com que prazer aceitou o erro, confessando os nobres crimes de valor e fidelidade que o seu filho cometera!

Com que prazer marchou para o suplício, recordando-se que salvava a vida do filho amado! Tenho visto mulheres jovens e delicadas, na flor de sua beleza, que se haviam consagrado ao retiro da clausura.

Mãos manchadas de sangue inocentes abriam lhes as portas que as separavam do mundo, e, relevando-as dos votos que haviam feito antes o Deus que estes ateus negavam, lhes diziam que buscassem amantes e consortes, já que eram livres. Algumas, dessas ternas criaturas haviam amado, ou talvez lutavam ainda contra o amor. E essas tímidas donzelas declararam, com voz tranquila, que preferiam morrer do que romper o seu voto e faltar à sua fé! Mejnour, de onde provém esta coragem? Do fato que estes corações vivem em uma vida mais abstrata e mais santa do que a sua. Porém, viver para sempre nesta terra é viver em algo que não é mais divino do que nós

mesmos. Sim, mesmo no meio desta sangrenta carnificina, Deus, o Eterno Ser, reivindica, aos olhos dos homens, a santidade da sua serva, a Morte!"

Outra vez o vi em espírito, meu querido filho! Vi-o e abençoei-o. Não me reconheceu também em seus sonhos? Não sentiu os batidos do meu coração por entre o véu dos seus rosados sonhos? Não ouviu as asas dos resplandecentes seres aéreos que ainda posso conjurar ao derredor de si, para o vigiarem, alimentarem e protegerem? E quando o encantamento se desvanece ao despertar, quando os seus olhos se abrem à luz do dia, não me buscam por toda a parte, perguntando à sua mãe, com muda eloquência, porque lhe roubou a seu pai?

Mulher, não se arrepende? Fugindo de temores imaginários, você vem à mansão do terror real, onde o perigo reside visível e palpável. Ah! Se pudéssemos encontrar-nos, não se lançaria nos braços do que tem ofendido, para sentir pobre viajante, perdido no meio da tempestade, que reentrava no seu abrigo?

"Mejnour, as minhas pesquisas foram, até agora, infrutíferas. Apesar de frequentar todas as classes de homens, até os juizes e espias, não posso achar a ponta do novelo. Sei que Viola está aqui. Sei-o instintivamente; pois o alento do meu filho me parece mais quente e mais familiar".

Os espias cravam em mim seus venenosos olhares, quando passo pelas ruas; porém, basta um olhar meu para desarmar a sua malícia e fascinar os basiliscos. Por toda as partes, vejo as pistas e sinto a presença do terrível Espectro do Umbral, cujas vítimas são as almas que quiseram aspirar, mas não venceram o medo. Vejo essa negra e disforme sombra marchar diante dos verdugos, dirigindo os seus passos.

Robespierre passou ao meu lado com passo furtivo; os olhos do

horrível espectro rolam o seu coração.

Fui ver o Senado; o fantasma estava acocorado ali no soalho; fixou a sua residência na cidade do Terror.

E que é que são em verdade, esses homens que se intitulam edificadores de um novo mundo? Como os estudantes que em vão têm lutado para obter a nossa suprema ciência, tentaram uma empresa que está além do seu poder; passaram da sólida terra de costumes e formas, ao país das sombras, e a seu terrível guarda fez deles sua presa. Quis ler no fundo da alma do tirano, esta alma covarde tremia quando passou por meu lado. Ali, no meio das minas de mil sistemas que aspiravam à virtude, estava sentado o Crime, e estremecia vendo a sua obra de destruição. E, sem embargo, este homem é o único Pensador, o único Aspirante que há entre todos eles. Ele sonha ainda com um porvir de paz e de perdão! E quando deverá começar esta nova era? Só quando ele tiver destruído todos os seus contrários. Insensato! Cada gota de sangue derramada produz novos inimigos. Conduzido pelos olhos do Espectro, Robespierre caminha para o seu fim.

Ó Viola, a sua inocência a protege. Você, a quem a doce humanidade do amor privou até dos sonhos de uma beleza aérea e espiritual, fazendo do seu coração um universo de visões mais formosas do que as que pode contemplar sobre o róseo Hespero, não se rodeará essa mesma pura afeição, aqui mesmo, de uma atmosfera encantada, que desarmará o terror, quando este quiser atacar uma vida demasiado pura até para a sabedoria?“

CAPÍTULO IV

"Ombra piü che di notte, in cui luce Raggio misto non è; Nè piü il palagio appar, nè più le sue Vestigia; nè dir puossi — egli qui fue".

Gerus. Lib., canto XVI, 69.

"Sombra mais escura do que a da noite, e em que não há, misturado, nem um raio de luz...

O palácio não aparece mais, nem um vestígio dele; e nem se pode dizer que existiu".

Os clubes se agitam freneticamente, e os seus chefes se perdem num negro labirinto de projetos. O terrível Henriot corre de um lado para o outro, murmurando às suas tropas armadas: — Robespierre, — o seu querido Robespierre, — está em perigo!

O ditador anda perturbado, escrevendo, a cada hora, novas vítimas em sua lista. Tallien, como Macduff e Macbeth, inspiram coragem aos seus assustados amigos conspiradores.

Precipitadamente, passam pelas ruas os carros que levam as vítimas ao cadafalso. As lojas e vendas estão fechadas; o povo está saciado de sangue, e não quer envolver-se mais nessas horríveis cenas. E cada noite, os filhos da Revolução enchem os oitenta teatros de Paris, para rirem aos remoques da comédia, ou para chorarem, sensibilizados, por dores imaginárias de alguma tragédia!

Num pequeno quarto, no coração da cidade, a vigilante mãe está sentada ao lado do berço do seu filho. É a hora tranquila do meio-dia; os raios do sol, quebrados pelos pequenos tetos da rua estreita, introduzem-se pela janela aberta, esses imparciais

camaradas que brincam com o ar e conservam a sua alegria tanto no templo como na prisão, tanto no grande salão como na cabana; e são sempre igualmente dourados e risonhos, quer iluminem a primeira hora da vida, quer assistam, com o seu delicioso tremular, às dores e ao terror a agonia mortal! A criança, deitada aos pés de Viola, estendia as suas mãozinhas como se quisesse apanhar os dourados átomos de pó que estavam dançando nos raios do sol.

A mãe apartou o seu olhar da luz, porque a entristecia mais; um profundo suspiro se lhe escapou do peito.

É a mesma Viola que brilhava mais formosa do que Idalia sob o céu da Grécia?

Como está mudada! Quão pálida e exausta! Sentada negligentemente, com os braços caídos sobre os joelhos, tinha um ar muito sério; o sorriso que, anteriormente, lhe era tão habitual, não residia mais nos seus lábios. Um triste e pesado desalento parecia curvar a sua juventude e tornar-lhe importuno o risonho raio do sol! Com efeito, a sua existência se havia definhado desde a sua fuga, como um melancólico arroio que se ausentasse da fonte que o nutria. O repentino excesso de medo ou de superstição, que, como se a tivesse impelido pelos movimentos inconscientes de um sonho, a fizera fugir de Zanoni, havia cessado desde o dia em que os seus pés pisaram a terra estrangeira.

Então... então... sentiu que a sua vida estava no sorriso do homem que abandonara para sempre. Não obstante, Viola não estava arrependida, nem teria retrocedido outra vez, ante o impulso que lhe deu as asas para fugir. Embora o entusiasmo tivesse desaparecido, a superstição ainda permanecia; Viola cria ainda que havia salvo o seu filho da negra e culpável feiticeira, de que se contam tantas coisas nas tradições de todos os países, mas que em nenhuma parte é tão temida como no sul da Itália. Esta impressão

estava confirmada pela misteriosa conversação de Glyndon e pela terrível mudança que observara nesse homem que se apresentava como a vítima dos feiticeiros. Por isso, não se arrependia de ter fugido; mas a sua vontade parecia ter emudecido.

Desde a sua chegada a Paris, Viola não viu mais a sua companheira, a mulher que lhe dera aquele exemplo de fidelidade. Antes de haverem passado três semanas, essa mulher e o seu marido tinham deixado de existir neste mundo.

E agora, pela primeira vez, as exigências e labutações desta dura terra vieram impor-se à bela napolitana. Naquela profissão em que se dá voz e forma à poesia e ao canto, e na qual empregara os seus primeiros anos, se encontra, enquanto se a exerce, uma excitação na arte que a eleva fora da esfera do mecanismo de um ofício. Balanceando entre duas vidas, a Real e a Ideal, agita-se a vida da música e do teatro. Essa vida, porém, estava para sempre perdida para o ídolo dos olhos e ouvidos de Nápoles.

Elevada à esfera superior do amor apaixonado, parecia como se o gênio fictício, que representa os pensamentos de outros, estivesse imerso no gênio que, de si mesmo, gera e eleva o seu próprio pensamento. Teria sido a pior infidelidade para com o seu querido abandonado, se houvesse decidido outra vez a viver dos aplausos do mundo. E assim, pois, Viola não teria aceito esmola de Glyndon, assim, por meio das artes mais comuns, pela mais humilde indústria que o sexo feminino conhece, pelos trabalhos manuais, sozinha e sem ser vista por ninguém, aquela que havia dormido nos braços de Zanoni, adquiria os meios para criar e proteger o seu filho. Era como quando, no verso prefixado a este capitulo, Arminda destruiu, por si própria, o seu palácio encantado, nem um só vestígio restava daquela suntuosa morada, levantada em outro tempo pela Poesia e pelo Amor, que pudesse dizer: Existiu.

E o filho vingava o pai; florescia e medrava, crescia, são e robusto, na luz da vida. Entretanto, ainda parecia que um ser oculto velava sobre ele. O seu sono era tão profundo e tranquilo, que não poderia interrompê-lo nem um estampido de trovão. E, em seu sono, muitas vezes, o pequeno movia os braços, como para abraçar o ar; e, muitas vezes, os seus lábios pareciam murmurar sons de indistinta afeição, porém, não para ela. E durante o seu sono, via-se sempre em suas faces um colorido de beleza celestial, pairando sobre os seus lábios um sorriso de misteriosa alegria. E quando despertava, os seus olhos não se dirigiam primeiro para ela; pensativos, sérios e errantes, vagueavam de um lado para outro, para fixar-se, por fim, com uma expressão de muda tristeza e repreensão sobre o pálido rosto de sua mãe.

Nunca antes Viola havia percebido quanto amava a Zanoni; o pensamento, o sentimento, o coração, a alma, a vida, tudo parecia paralisado e dormindo na fria ausência a que se consagrara. Não ouvia os ruídos das ruas; não percebia nada daquela tempestade popular, nada dos inumeráveis excitamentos que, a toda a hora, se levantavam na grande cidade. Somente quando Glyndon, pálido como um espectro, vinha fazer-lhe a sua visita diário, a bela filha do sul ficava ciente da pesada atmosfera de sangue e de morte que a rodeava. Sublime na passiva indiferença, — em sua vida mecânica, — a jovem italiana não sentia medo, nesse covil de Aves de Rapina.

A porta do quarto abriu-se repentinamente, e Glyndon entrou. O inglês estava mais agitado do que de costume.

— É você, Clarêncio? — perguntou Viola, com sua voz lânguida e suave. — Não o esperava a esta hora.

— Quem pode contar, agora, as horas em Paris? — respondeu Glyndon, com um trágico sorriso. — Não é o bastante estar eu aqui? A sua apatia, no meio de tantas calamidades, me horroriza. Com

tanta tranquilidade me diz “Bom dia!” ou “Boa tarde!” ou “Adeus!”. Como se não houvesse um espião em cada esquina, e cada dia um massacre!

— Perdoe-me! Porém, para mim, o mundo se reduz a estas paredes. Apenas posso acreditar o que me conta. Tudo aqui, exceto este, disse Viola, apontando o filho, parece-me também um tanto sem vida, que talvez nem na tumba se poderia ignorar mais os crimes que se cometem lá fora.

Glyndon guardou silêncio por alguns momentos, contemplando, com estranhos e variados sentimentos, aquela figura, tão jovem ainda e, todavia, submergida naquele tristíssimo repouso, que reina somente quando o coração se sente envelhecido.

Oh Viola! — exclamou, por fim, o artista, com uma voz de mal contida paixão. — Podia se me figurar que chegaria a vê-la nesta situação, quando nos encontramos pela primeira vez, sob o alegre céu de Nápoles?

Ah! Por que recusou, naquele tempo, o meu amor? Ou, por que o meu amor não foi digno de si? Não se retire! Permita-me tocar sua mão. Jamais poderei tornar a sentir uma paixão tão doce como aquele meu amor juvenil. Agora só lhe professo o afeto que um irmão sente por uma irmã jovem, e desamparada.

Quando me encontro a seu lado, por mais triste que seja a sua presença, parece-me que respiro o ar puro dos primeiros anos de minha juventude. Com exceção das cenas de turbulência e tumulto, é somente aqui que o espetro cessa de perseguir-me; e até esqueço a morte que vejo detrás de mim, e que me segue como se fosse a minha sombra. Porém, ainda podem vir para nós melhores dias. Viola! Por fim, se bem que ainda de uma forma vaga, começo a distinguir o meio de burlar e subjugar o fantasma que envenenou a minha vida; este meio é desafiá-lo e lutar contra ele. Enquanto levo

uma vida desregrada e turbulenta, como já lhe disse, o fantasma não me atormenta. Porém, agora compreendo o que Mejnour queria indicar em suas obscuras palavras, dizendo que eu "devia temer o espectro muito mais quando não se deixasse ver por mim". No meio de uma vida virtuosa e tranquila, sempre me aparece; sim, agora mesmo o vejo; ali, ali está, com seus lívidos olhos!

E, a estas palavras, grossas gotas de suor corriam pelas faces do inglês.

— Porém, por mais que faça, — continuou ele, — não me fará desistir da minha resolução. Eu o encaro, e sei que, gradualmente, se desvanece entre as sombras.

Glyndon calou-se, enquanto os seus olhos pareciam seguir, com estranha alegria, algum objeto no luminoso espaço. Depois, com uma respiração pesada e profunda, prosseguiu:

— Viola, encontrei os meios de escaparmos. Abandonaremos esta cidade. Iremos para algum outro país onde nos esforçaremos para consolar um ao outro, procurando esquecer o passado.

— Não, — respondeu Viola, calmamente. — Eu penso não me mover daqui, até que me levem à última morada. Clarêncio! Esta noite sonhei com ele! E esta foi a primeira vez que com ele tenho sonhado, dede que parti de Veneza; e, não zombe de mim! Parece-me que ele me perdoava e me chamava "esposa", este sonho santifica este quarto. Talvez ele me venha ver outra vez, antes de eu morrer.

— Não fale... desse semi demônio!- exclamou Glyndon, irritado, e batendo com o pé no chão. — Dê graças ao Céu por haver-se livrado dele.

— Silêncio! Disse Viola, com gravidade. E ia prosseguir, quando os seus olhos se fixaram no filho, o pequeno achava-se no centro daquela obliqua coluna de luz, que o sol projetava dentro do quarto;

e os raios dessa luz pareciam formar uma radiante auréola, semelhante a uma coroa, posta sobre o ouro dos seus resplandecentes cabelos. No seu pequeno corpo, cuja forma era tão esquisitamente modelada, nos seus grandes, firmes e tranquilos olhos, havia algo de imponente que, ao mesmo tempo, reprimia e encantava o orgulho da mãe.

A criança fitava Glyndon, enquanto este falava, com um olhar que quase se podia interpretar por desdém, e o qual Viola, por fim, interpretou como uma defesa em favor do ausente, uma defesa mais forte do que os seus próprios lábios pudessem pronunciar.

Glyndon rompeu o silêncio:

— Quer ficar aqui? E para que? Para faltar aos deveres de mãe? Se lhe suceder alguma desgraça aqui, que será do seu filho? Ficará sendo órfão num país que profanou a sua religião e onde não se conhece mais a caridade. Ah! Chore, e aperte o filho ao coração; mas com as suas lágrimas não o salvará nem o protegerá.

— Triunfou, meu amigo, — respondeu Viola. — Fugirei consigo.

— Então deve estar preparada para amanhã de noite. Eu lhe trarei os necessários disfarces.

Em seguida, Glyndon esboçou, em poucas palavras, a marcha que deviam seguir, e o papel que deviam representar. Viola escutou, mas pouco compreendeu. Glyndon levou a mão da jovem ao seu coração, apertou-a e partiu.

CAPÍTULO V

"Van seco pur anco Sdegno ed Amor, quasi due Veltri al flanco". Gerus. Lib., canto XX, 117.

"Acompanham-no, contudo, ainda o Desdém e o Amor, como dois cães galgos que vão a seu lado".

Ao sair, precipitadamente, da casa de Viola, Glyndon não reparou em duas pessoas, agachadas ao canto de um muro; o inglês via ainda o espetro que deslizava a seu lado, mas não percebeu os olhos ainda mais venenosos da inveja humana e do ciúme de mulher, que espiavam os passos da sua retirada.

Nicot adiantou-se até a casa, e Filida seguiu-o em silêncio. O pintor, sendo um "sansculotte" esperto, sabia perfeitamente que linguagem devia empregar, falando com o porteiro. Chamou, pois, este para fora e disse-lhe:

— Como é isto, cidadão? Tu hospedas gente suspeita?**[**4**]**

— Cidadão tu me espantas! Se for assim, diz-me o seu nome.

— Não é homem; aqui mora uma mulher, uma emigrada italiana.

— Uma italiana? Sim, no terceiro andar, a porta da esquerda. Porém, o que há a respeito dela? Esta pobre mulher não pode ser perigosa.

— Cidadão, cuidado! Atreve-se a defendê-la?

— Eu? Não; absolutamente não! Porém...

— Diga a verdade! Quem a visita?

— Ninguém mais que um inglês.

— É isto mesmo, — um inglês, um espião de Pitt e de Coburg.

— Justo céu! É possível?

— Como, cidadão! Tu falas do céu? Sem dúvida, é um aristocrata!

— Não, absolutamente não! Essa palavra é apenas um velho costume, e escapou-me sem eu o advertir.

— O inglês a visita amiúde?

— Todos os dias.

Filida deixou escapar uma exclamação.

— Ela mesma nunca sai, — prosseguiu o porteiro. — A sua única ocupação é trabalhar e cuidar do filho.

— Seu filho!

Filida deu um salto para a porta. Em vão Nicot quis detê-la. Com a velocidade de um raio, ela subiu a escada, e não parou senão quando chegou diante da porta indicada pelo porteiro. A porta estava entreaberta. Filida abriu-a e deteve-se no umbral, para contemplar aquele rosto, ainda tão belo! Ao ver tanta formosura, a montanhesa perdeu a última esperança.

E os seus olhos se fixaram na criança, sobre a qual a mãe se inclinava! E ela, Filida, nunca havia sido mãe! Queria falar, mas não pôde articular som algum; as Fúrias disputavam o pintado o mais mortal ódio, o desprezo e a vingança, a pobre mãe seu coração.

Viola volveu a cabeça. Ao ver aquelas feições, onde estava lançou um grito de espanto, e apertou o filho contra o coração.

Filida soltou uma estrepitosa gargalhada, voltou os ombros, desceu e encontrou Nicot, ainda conversando com o porteiro.

Quando chegaram à rua, deteve-se repentinamente, e disse:

— Vinga-me, e diga o que pede em recompensa!

— O que peço, minha querida? Nada mais senão que me permitas amá-la. . . Fugirá comigo amanhã de noite; e, para isso,

deve apoderar-se dos passaportes e aproveitaremos o mesmo plano.

— E eles?

— Antes daquela hora, estarão na prisão; a guilhotina vingará os seus agravos.

— Faça assim, e ficarei contente, — disse Filida, com firmeza.

E não disseram nem mais uma palavra até que chegaram à casa. Quando, porém, Filida dirigiu um olhar às janelas da triste habitação, da qual a crença no amor de Glyndon fizera um paraíso, o coração daquela leoa se abrandou um tanto, como se algo da mulher se despertasse em sua natureza vingativa e selvagem. Apertando o braço de Nicot, no qual se apoiava convulsivamente, exclamou:

— Não, não! A ele não denuncie! Que pereça ela só! Ele não! Dormi sobre seu peito... A ele não denuncie!

— Como quiser, — respondeu Nicot, com um sorriso satânico; porém, por ora, ele há de ser preso, por poucos momentos, provisoriamente. Não lhe acontecerá mal algum, porque não aparecerá nenhum acusador contra ele. Porém, ela... não se compadece dela?

Filida dirigiu a Nicot um olhar sombrio e terrível, cuja expressão era uma resposta suficiente.

CAPÍTULO VI

"Ia poppa quella Che guidar gli dovea, fatal Donsella".
Gerus. Lib., canto XV,3.

"Na popa estava a fatal donzela que devia guiá-la".

Todo aquele dia soube Filida conservar essa astuta dissimulação que é proverbial no seu país e peculiar ao seu sexo. Nem uma palavra, nem um olhar revelaram a Glyndon a terrível mudança que convertera o amor em ódio.

O inglês absorto também em seus projetos e nas reflexões que lhe sugeria o seu estranho destino, não se encontrava em bom estado para fazer observações. Porém, as maneiras de Filida, mais amáveis e mais humildes do que de costume, produziram nele um efeito consolador, imprimindo uma direção mais animadora às suas ideias, ao declinar a tarde. Ele começou, então, a falar com Filida sobre as esperanças que tinham de escaparem, e do porvir que os aguardava em terras menos profanadas.

— É a sua formosa amiga que devia nos acompanhar? — perguntou a italiana, com os olhos desviados e com um falso sorriso. — Segundo o que me disse Nicot, resignou a ela, para favorecer uma outra pessoa, pela qual ele se interessa. É verdade?

— Ele lhe disse? — respondeu Glyndon, evasivamente. —Bem! Agrada-lhe a troca?

— Traidor! — murmurou Filida, levantando-se repentinamente, para ir a seu lado, e retirando da fronte, com fingidas carícias, os compridos cabelos de Glyndon, beijou convulsivamente a sua testa.

— Esta cabeça é demasiado formosa para entregá-la ao verdugo, — acrescentou, com um leve sorriso.

E separando-se do amante, pareceu ocupar-se com os preparativos da viagem.

Quando, na manhã do dia seguinte, o inglês se levantou da cama, não viu a italiana; e esta ainda não tinha voltado a casa quando ele saiu. Glyndon teve que ir outra vez falar com C***, antes de partir definitivamente, não somente para arranjar o que era necessário saber se não se havia apresentado algum obstáculo que contrariasse para Nicot poder participar da sua fuga, como também para ou ameaçasse o plano que havia adotado.

C***, embora não fosse um dos que formavam a camarilha de Robespierre, ao qual ele odiava secretamente, havia sabido congraçar-se com os diferentes partidos que se haviam sucedido no poder.

Saído da populaça, possuía, contudo, essa graça e vivacidade que se encontra com frequência em todas as classes sociais da França este homem, no curso da sua rápida carreira, e sem que se soubesse como, havia sabido enriquecer-se. Ultimamente, era considerado, com efeito, como um dos proprietários mais ricos de Paris e, na época a que nos referimos, vivia numa casa magnífica, esplendidamente adornada.

Era um daqueles que, por várias razões, Robespierre se dignava favorecer; assim é que C*** havia salvado, muitas vezes, pessoas proscritas e suspeitas, lhes proporcionando passaportes com nomes supostos, e indicando-lhes a maneira de escaparem. Mas ele tomava este trabalho somente para gente rica. O "incorruptível" Maximiliano, que não carecia da faculdade de penetração, que costuma distinguir os tiranos, não ignorava provavelmente estas manobras, nem a avareza que C*** ocultava sob o disfarce de sua

caridade. Porém, era sabido que Robespierre cerrava muitas vezes os olhos, — e propunha destruir depois, — como se tendesse a desconceituá-los ante a opinião pública, fazendo, por outra parte, ressaltar a sua própria, austera e inatacável integridade e o seu "purismo". E, sem dúvida, ria, mais de uma vez, interiormente, ao ver a suntuosa mansão e a insaciável cobiça do digno cidadão C***.

A casa deste personagem, pois, dirigia Glyndon, pensativo, os seus passos.

Era verdade que, como o inglês havia dito a Viola, à medida que resistia ao espectro, este perdia a sua influência sobre ele e lhe causava menos terror. Por fim, havia chegado o tempo em que o artista, vendo o crime e o vício em toda a sua horrível fealdade, exercido em tão grande escala, compreendeu que, no crime e no vício, havia horrores mais repugnantes do que nos olhos do espectro que o espantava. A sua natural magnanimidade começou a voltar ao seu coração. Ao passar pelas ruas, ocupava a sua mente com projetos de arrependimento, formando a resolução de melhorar os seus costumes; e até pensou em esquecer a baixa classe e a pouca educação que o separavam, aos olhos da sociedade, de Filida, e prometia a si mesmo recompensar a sua dedicação, e reparar todos os erros que contra ela tinha cometido, casando-se som ela. Ele, que, em outro tempo, se recusara a casar-se com a amável e generosa Viola, queria unir-se, agora, pelos laços matrimoniais com uma mulher de caráter tão selvagem e tão pouco compatível com o seu. O artista havia chegado a compreender, neste mundo de iniquidade, que o que é justo não deixa de ter a sua razão de ser, e que o céu não criou um sexo para que fosse a vítima do outro. As suas juvenis visões do Belo e do Bom, apresentavam-se novamente aos seus olhos, e no vasto oceano da sua mente vislumbrava, como um caminho iluminado pelo luar, o sorriso da virtude que outra vez

despertava. Nunca, talvez, a sua alma havia estado em condição tão elevada; nunca havia alimentado sentimentos tão altruístas.

Ao mesmo tempo, Jean Nicot, igualmente absorvido em sonhos do futuro, e meditando já de que maneira tiraria mais proveito do ouro do amigo que ia trair, dirigia-se à casa que tinha a honra de ser a residência de Robespierre. Nicot não tinha a menor intenção de cumprir a promessa que fizera a Filida, quando lhe garantira que Glyndon ficaria fora de perigo. O traidor pensava como Barrêre, que "só os mortos não voltavam".

Todos os homens que se dedicaram a algum estudo, ou a alguma arte, e que, à força de trabalho e constância, chegaram a adquirir certo grau de celebridade, possuem, indubitavelmente, um fundo de energia, incomparavelmente maior do que os homens comuns. Geralmente, esta energia está concentrada nos objetos da sua ambição profissional, fazendo-os olhar com apatia todas as outras coisas que movem, inspiram ou excitam a ambição dos outros. Porém, quando a um homem, que possui tal fundo de energia, são negados os objetos que a sua ambição quis alcançar, quando a corrente não tem seu escoamento legítimo, a energia, irritada e despeitada, apodera-se do homem e, se ao seu ânimo não se deixou abater pelos desenganos sofridos, ou se não é purificado pela consciência e por um princípio moral superior, converte-se em um elemento perigoso para a sociedade, pela qual vagueia de orgia em orgia, e de desordem em desordem. É por isso que, em todas as monarquias sabiamente dirigidas, ou, para dizer melhor, em todos os Estados bem constituídos, se atende cuidadosamente que sejam abertos canais para toda a arte e toda a ciência, a fim de satisfazer as ambições de todos os gênios, tanto científicos como artísticos; é por isso que estadistas sagazes e previdentes tributam honras aos cultivadores das artes e das ciências, ainda que, às vezes, não vejam,

numa pintura, nada mais do que uma tela cheia de cores, nem num problema outra coisa senão engenho e paciência. Nunca um Estado se acha em tanto perigo como quando o talento, que devia estar dedicado a trabalhos pacíficos, não tem outra ocupação senão a intriga política ou o proveito pessoal. O talento que não é tratado com apreço é um elemento de guerra empregado contra os demais homens. Devemos fazer observar aqui que a classe de atores, sendo a mais desprezada na opinião pública do antigo regime, que até se lhe negava o enterro cristão (com algumas exceções de pessoas desta classe, favorecidas pela Corte), continha os mais infatigáveis e vingativos entre a escória da Revolução. No selvagem Collot d'Herbois, o mal cômico, estavam personificadas as injúrias e as vinganças de toda uma classe.

Ora, a energia de Jean Nicot nunca havia sido dirigida suficientemente para a arte que professava. Já em sua primeira juventude, as discussões políticas do seu mestre David o haviam distraído dos trabalhos do cavalete, que lhe pareciam um tanto quanto enfadonhos. Os seus defeitos corporais haviam amargurado a sua mente; o ateísmo do seu benfeitor havia amortecido a sua consciência. Porque um grande merecimento da religião, — e, sobretudo, da Religião da Cruz, — é que eleva a paciência, primeiro, ao grau de uma virtude, e converte-a, depois, em uma esperança. Pai que nos recompensa pelos sofrimentos e pelas provas que temos passado neste mundo; e que será, então, a paciência? E que será um homem ou um povo, sem esta virtude? Sem paciência, a arte não pode elevar-se, nem a liberdade pode ser perfeita.

Por meio de grandes dores e impetuosas e infindas lutas, esforça-se o intelecto em libertar o homem da Penúria, e em dar a Liberdade a uma nação. E ai do homem, e ai da nação, si se lançam nessa luta, sem estarem fortalecidos, guiados e apoiados por essa

virtude!

Nicot era um homem muito vil. Na maior parte dos criminosos, por mais que estejam abandonados, há vestígios de humanidade, ou algum resto de virtude; e o verdadeiro delineador da humanidade incorre, às vezes, no escárnio dos corações maus e das mentes obtusas, por mostrar que até as piores ligas metálicas contém alguma partícula de ouro, e que até as melhores coisas que a Natureza produz não estão livres de alguma escória.

Contudo, há exceções, se bem que poucas, desta regra geral; e estas exceções se manifestam quando a consciência está inteiramente morta, e quando o bem e o mal são coisas indiferentes, a não ser que conduzam a algum fim egoísta. Isto é o que sucedia com o protegido do ateu. Inveja e ódio enchiam o seu coração todo, e o sentimento que tinha do seu talento superior, só servia para fazê-lo amaldiçoar todos os que lhe excediam em fortuna ou tinham a vantagem de ser de aspecto mais belo do que a sua disforme figura. Apesar de ser já um monstro, quando pôs a sua mão assassina sobre a garganta do seu benfeitor, querendo estrangulá-lo, o tempo e aquele fermento de todas as más paixões, — o Reinado do Sanguinolento Terror, — aprofundaram mais ainda o inferno do seu coração.

Não podendo exercer a sua profissão (pois nem que se tivesse tornado um artista célebre, as revoluções não são um tempo favorável para os pintores; e nem o mais rico e soberbo magnata tem um instante tão alto e tão vivo no bem-estar da sociedade, como o poeta e o artista), o pensamento de Nicot, sempre inquieto e sem guia, somente se ocupava em contemplar as imagens do crime, que interessavam o seu coração, sempre propenso ao mal. Segundo as suas concepções, não existia nada depois desta vida; o futuro em que ele pensava era, pois, unicamente o que podia gozar neste mundo; e como haviam chegado à prosperidade, nesta vida, os homens que

tinham nas mãos o mando, os grandes lutadores pelo poder? Tudo o que era bom, puro e generoso, fosse entre os Realistas ou entre os Republicanos, havia sucumbido no cadafalso, e só os verdugos se viam triunfantes, na pompa e na púrpura das suas vítimas!

Indigentes mais nobres do que Jean Nicot teriam desesperado, e a Pobreza se teria levantado em suas pálidas multidões de famintos, para degolar a Classe Abastada, e a esfaquear, depois, os seus próprios membros, um por um, se a Paciência, o Anjo dos Pobres, não se tivesse sentado a seu lado, apontando-lhe, com seu dedo solene, a vida futura!

A medida que Nicot se aproximava da casa do Ditador, começou a meditar planos inteiramente contrários aos do dia anterior; não porque vacilasse na sua resolução de denunciar Glyndon e Viola, pois estava decidido a fazê-lo, odiando-os como os odiava a ambos (e, além disso, não esquecia o seu velho ódio que votava a Zanoni). Viola o havia desprezado, e Glyndon lhe havia prestado serviços; e o pensamento de gratidão era-lhe tão intolerável como a lembrança do insulto. Porém, por que devia, agora, fugir da França? Podia tornar-se o possuidor do ouro de Glyndon; e não duvidava que dominaria Filida, por meio dos zelos e da ira a que ela se entregava, e que dela conseguiria tudo o que lhe propusesse. Os papéis que havia furtado, isto é, a correspondência de Desmoulins com Glyndon, não só decidiriam a sorte do inglês, como também seriam muitíssimo úteis a Robespierre, e Nicot esperava que o Rei do Terror, em consideração ao serviço que ele lhe prestava, entregando-lhe esses papéis, esqueceria que o denunciante de Glyndon havia sido íntimo amigo de Hébert, e o alistaria entre os seus aliados e instrumentos. Outra vez sentiu Nicot despertarem no seu coração as esperanças de uma carreira, da riqueza e da prosperidade. Esta correspondência, que datava de muito poucos dias antes da morte de

Camilo Desmoulins, estava escrita com aquela leviana e atrevida imprudência que caracterizava o malogrado partidário de Danton. Falava abertamente dos planos que se forjavam contra Robespierre; dava os nomes de vários confederados, contra os quais o tirano desejava somente encontrar pretexto popular para os enviar ao cadafalso. Esta correspondência era um novo instrumento de morte nas mãos do infatigável carrasco. Que presente melhor, pois, se podia fazer a Maximiliano, o Incorruptível?

Acariciando estes pensamentos, chegou Nicot diante da porta do cidadão Dupleix. Em frente ao umbral, se viam agrupados, em admirável confusão, oito ou dez robustos jacobinos, a guarda voluntária de Robespierre; todos eram homens de elevada estatura bem armados e insolentes como o poder que reflete o poder, e estavam misturados com mulheres jovens e belas, vestidas com vistosos trajes, as quais, em consequência dos boatos que circulavam de que Maximiliano havia sofrido um ataque de bílis, haviam vindo para informar-se, enternecidas, do estado da sua saúde, pois Robespierre, ainda que pareça estranho, era o ídolo do sexo feminino!

Nicot abriu passo por meio deste grupo estacionado diante da porta, e, subindo a escada, chegou ao patamar, pois os aposentos de Robespierre não eram bastante espaçosos para poder oferecer uma ante sala ao grande número de pessoas, de variadas classes e condições, que vinham às suas audiências. Nicot abria caminho à viva força, sem fazer caso das palavras pouco lisonjeiras que lhe vinham aos ouvidos.

— Ah! O belo Polichinelo! — disse uma graciosa matrona, cujo vestido fora enrugado pelos angulosos e descomunais cotovelos do pintor.

Porém, quem poderia esperar alguma atenção de semelhante

espantalho?

— Cidadão, eu o advirto que está pisando nos meus pés. Porém, perdoa, agora vejo os seus e compreendo que não há lugar suficiente para eles.

— Olá! Cidadão Nicot — exclamou um Jacobino, adiantando o seu formidável cacetete; — que é que o trás aqui? Pensa que já estão esquecidos os crimes de Hébert? Fora daqui, fenômeno da Natureza! E dá graças ao Ser Supremo que o fez bastante insignificante para que seja perdoado.

— Uma cara bonita! Valeria a pena vê-la assomar-se na Janela Nacional![5] — disse a mulher cujo vestido o pintor amarrotara.

— Cidadãos — disse Nicot, pálido de ira, porém dominando-se, — tenho a honra de informar-lhe que preciso falar com o Representante, a respeito do assunto da mais alta importância para o público e para ele mesmo; e — acrescentou de vagar e malignamente, olhando em redor de si — tomo por testemunhas todos os bons cidadãos para quando me queixar a Robespierre do recebimento indigno que alguns dos presentes me fizeram.

No olhar e no tom do pintor, havia tão profunda e concentrada malícia, que intimidaram os que o rodeavam; e, ao pensarem estes nos repentinos altibaixos da vida revolucionária, muitas vozes se levantaram para assegurar ao esquálido pintor que nada estava mais longe deles do que a ideia de ofender um cidadão, cujo aspecto só por si já lhes revelava que era um virtuoso "sansculotte". Nicot escutou estas desculpas com carrancudo silêncio; e, cruzando os braços, apoiou-se contra a parede, aguardando, com forçada paciência, o momento de sua admissão.

Os demais que ali estavam puseram-se a formar grupinhos de dois ou três, falando-se, em cada um deles, de coisas diferentes; e no meio deste murmúrio geral, ouvia-se, de vez em quando, a voz forte

e clara do alto jacobino que estava de guarda na escada. Ao lado de Nicot, havia uma anciã e uma linda jovem que falavam em voz baixa, com muito calor; e o pintor ateu ria-se, no seu interior, ao ouvir a sua conversação.

— Eu lhe asseguro, minha querida, — dizia a velha, com um misterioso movimento de cabeça, — que a divina Catarina Theot, que os ímpios agora perseguem, é realmente inspirada. Não pode haver dúvida de que os eleitos, dos quais Dom Gerle e o virtuoso Robespierre são destinados a ser os dois grandes profetas, gozarão a vida eterna aqui, e exterminarão todos os seus inimigos. Sobre isto não há a mínima dúvida!

— Como é delicioso! — disse a moça; — este querido Robespierre parece que não é muito velho.

— Tanto maior o milagre! — respondeu a anciã. — Eu tenho oitenta e um anos de idade, e, entretanto, não me sinto nem um dia mais velha, desde quando Catarina Teot me prometeu que eu seria uma das pessoas eleitas!

As duas mulheres foram empurradas, neste momento, por algumas pessoas que acabavam de chegar e que falavam em voz alta e com muita animação.

— Sim, — exclamava um homem musculoso, o qual, como se via pelo seu traje, pelos braços nus e pelo gorro na cabeça, era um carniceiro; — venho para avisar Robespierre. Estão a lhe preparar uma armadilha; oferecem-lhe o Palácio Nacional. Não se pode ser amigo do povo e habitar um palácio.**[**6**]**

— Tem razão, — respondeu um sapateiro; — gosto dele mais na sua modesta habitação, em casa do marceneiro; assim se parece mais com um de nós.

Outro movimento da multidão, e um novo grupo se aproximou de Nicot. E estes homens falavam mais alto do que os demais.

— Porém, o meu plano é...

— Ao diabo com o seu plano! Eu lhe digo que o meu projeto é...

— Disparate! — gritou um terceiro. — Quando Robespierre compreender o meu novo método de fazer pólvora, os inimigos da França ...

— Ora! Quem teme os inimigos estrangeiros? — interrompeu um quarto. — Os inimigos temíveis são os que estão entre nós. A minha nova guilhotina corta cinquenta cabeças de um só golpe.

— Mas a minha nova Constituição! — exclamou um quinto.

— Melhor é a minha nova Religião, cidadão! — murmurou um sexto, em tom satisfeito.

— Silêncio, com mil demônios! — gritou um dos jacobinos da guarda.

E a multidão calou-se para abrir caminho a um homem de aspecto violento, que descia a escada; a sua casaca estava abotoada até o queixo, a espada tinha a seu lado, bem como as esporas em seus calcanhares. A cor púrpura das suas faces inchadas revelavam nele a intemperança, e os seus olhos, apagados e selvagens, se assemelhavam aos de um abutre.

Todos os semblantes empalideceram ao ver aparecer o infatigável Henriot. Apenas este carrancudo e férreo instrumento do tirano atravessara a apertada turba, um novo movimento de respeito, de agitação e de temor veio impor-se ao crescente grupo que esperava na escada. Um sóbrio e modesto cidadão, de aspecto sorridente e de olhos humildes, subia pela escada com a silenciosa ligeireza de uma sombra. É impossível que algum poeta bucólico pudesse pintar Coridon ou Tirsis com uma fisionomia mais afável e mais cheia de brandura. Por que a vista desta personagem pareceu suspender até a respiração daquela turba, tão buliçosa ainda poucos minutos antes? Como um furão que penetra na toca de coelhos,

deslizou esse homem franzino por meio daquelas criaturas fortes, altas e rudes, que se apressavam a abrir-lhe o passo. Uma piscadela dos seus pequenos olhos bastou para que os robustos jacobinos da guarda lhe deixassem a passagem livre, sem pronunciar uma palavra ou formular, uma pergunta. Esta nova personagem entrou no aposento do tirano, aonde o seguiremos.

CAPÍTULO VII

"Constitutum est, ut quisquis eum hominem dixisset fuisse, capitalem penderet poenam".

"Foi decretado que quem dissesse que ele tinha sido um homem, deveria sofrer a pena capital".

Santo Agostinho, "Sobre o deus Serapis", liv. 18, de "Civitate Dei", cap. 5.

Robespierre estava reclinado negligentemente em sua poltrona, e o seu cadavérico semblante parecia mais abatido e fatigado do que de ordinário, ele, a quem Catarina Theot assegurava uma vida imortal, parecia como se realmente estivesse às portas da morte.

Sobre a mesa que havia diante dele, via-se um prato cheio de laranjas, cujo sumo, segundo se dizia, podia somente acalmar a acre bílis que lhe inundava o organismo. Uma anciã, ricamente vestida (e que havia sido marquesa no antigo regime), ocupava-se em descascar para o Dragão, doente, as frutas nesperianas, com seus delicados dedos, cobertos de preciosos anéis.

Já dissemos que Robespierre era o ídolo do sexo feminino. Isto parecerá estranho, mas aquelas mulheres eram, naquela época, mulheres francesas! A velha marquesa, que, da mesma forma que Catarina Theot, o chamava "meu filho", parecia realmente amá-lo com a ternura e o desinteresse de uma mãe; e, enquanto ela descascava as laranjas e prodigalizava palavras carinhosas ao ditador, assomava nos magros e lívidos lábios deste um ligeiro e melancólico sorriso.

Um pouco mais longe, Payan e Couton, sentados em outra mesa, escreviam rapidamente e, de vez em quando, suspendiam o seu trabalho para consultarem-se em voz baixa.

De repente, um dos jacobinos abriu a porta e, aproximando-se de Robespierre, pronunciou o nome de Guérin. Ao ouvi-lo, o homem enfermo se ergueu, como se esta notícia lhe comunicasse nova vida.

— Minha boa amiga, — disse o ditador à marquesa, — perdoe-me se recuso agora os seus ternos cuidados. A França precisa de mim. Nunca me sinto mal, quando posso servir à minha pátria!

A velha marquesa levantou os olhos ao céu e murmurou:

— Que anjo!

Robespierre fez um gesto de impaciência, e a anciã, exalando um suspiro, acariciou a pálida face de Maximiliano, beijou-lhe a testa e retirou-se com ar submisso.

Um momento depois, o homem risonho e sóbrio, que descrevemos atrás, veio colocar-se, humildemente, diante do tirano. E Robespierre tinha razão de alegrar-se ao receber a visita de um dos seus mais sutis agentes; pois este homem valia, para ele, mais do que o clube dos seus jacobinos, as línguas dos seus oradores e as baionetas do seu exército. Guérin era o mais famoso dos seus instrumentos, o espião universal e onipotente, sempre ocupado em buscas e investigações, o qual, como um raio de luz, penetrava pelas fendas dos lugares e trazia ao ditador notícias não só dos fatos, mas também dos segredos que em si guardavam os corações dos homens!

— Bem, cidadão, bem! E que novas me traz de Tallien?

— Saiu de sua casa esta manhã, às oito horas e dois minutos.

— Tão cedo, hein?

— Passou pela rua de Quatre Fils, rua do Templo, rua da Reunião e rua Martin; nada digno de observação, a não ser que.

— Que? — perguntou Robespierre, curioso.

— Que se entreteve numa livraria para comprar alguns volumes.

— Comprou livros! Ah! Ah! O charlatão! Quer ocultar o intrigante sob o disfarce do sábio! Bem!

— Depois, na rua de Fosses Montmartre, se lhe juntou um indivíduo desconhecido, que levava um sobretudo azul. Passearam pela rua, por alguns minutos, e depois se encontraram com Legendre!

— Legendre! Vem cá, Payan! Ouviu? Legendre!

— Eu fui a uma tenda onde vendiam frutas, e paguei duas meninas para que se pusessem a jogar a pela perto deles, de maneira que pudessem ouvi-los. E as meninas me contaram que Legendre dissera: — "Creio que o seu poder não durará muito". —E que Tallien respondera: — "E nem ele mesmo. Eu apostaria qualquer coisa que não viverá três meses". — Não sei, cidadão, se aludiam a ti.

— Nem eu, cidadão, — respondeu Robespierre, com irônico sorriso, ao qual sucedeu uma expressão de melancólica meditação. — Ah! — murmurou; — sou ainda muito jovem... me encontro na flor da vida. Não cometo excessos. Não; a minha constituição é sadia e forte. Sabe mais algo de Tallien?

— Sim. A mulher que ele ama — Tereza de Fontenay — a que se encontra presa, ainda continua a corresponder-se com ele, e incita-o a que a salve, destruindo-o senhor. Meus agentes souberam isto par uma casualidade. O seu criado é o mensageiro entre ele e a mulher presa.

— Sim? Pois o criado será preso no meio das ruas de Paris. Ainda não se concluiu o Reinado do Terror.

Segundo o que digam as cartas que se encontrarem nas mãos do criado, derrubarei Tallien do seu banco na Convenção.

Robespierre levantou-se e, depois de passear, meditabundo,

alguns instantes, pelo quarto, abriu a porta e chamou um dos jacobinos, dando-lhe ordem de vigiar e prender o criado de Tallien. Em seguida, sentou-se outra vez. Apenas saiu o jacobino, perguntou Guérin, em voz baixa:

— Não é esse o cidadão Aristides?

— Sim; um bom rapaz se lavasse a cara e não praguejasse tanto!

— Não fez guilhotinar seu irmão?

— Sim; porém Aristides foi o seu denunciador.

— Não obstante, crê que lhe convém ter semelhante homem a seu lado?

— Hum! Tem razão.

E Robespierre, tirando uma carteira, escreveu nela algumas notas e, depois de pô-la novamente na algibeira, prosseguiu:

— Há algo mais sobre Tallien?

— Nada mais. Ele e Legendre, em companhia do sujeito desconhecido, dirigiram-se, depois, ao Jardim "Egalité", onde se separaram. Segui Tallien até que entrou em sua casa. Tenho, porém, outras notícias.

Encarrego-me de averiguar quem lhe mandava esses ameaçadores anônimos.

— Guérin! Você os descobriu? Sim?

E o tirano, ao dizer estas palavras, abria e cerrava as mãos, como se já estivesse apoderando-se da vida dos autores daquelas cartas, ao mesmo tempo em que uma careta convulsiva, parecida com um esgar epilético, desfigurou as suas feições.

— Cidadão, julgo que descobri um. Não ignora, de certo, que entre os mais desafetos se encontra o pintor Nicot.

— Espere, espere! — disse Robespierre, abrindo um livro manuscrito, encadernado de marroquim vermelho (pois Robespierre era asseado e preciso até em suas listas de morte) e, guiando-se por

um índice alfabético, exclamou:

— Nicot! Sim, aqui o tenho: Ateu, "sansculotte" (eu odeio os desalinhos), amigo de Hébert! Ah! Nota: — René Dumas sabe da sua vida e crimes anteriores. Continua!

— Suspeitava-se que este Nicot repartia folhetos que falavam contra ti e contra o Comitê. Ontem de tarde, quando ele havia saído de sua casa, o porteiro me permitiu entrar no seu quarto, na rua Beaurepaire.

Com a minha chave-mestra, abri a sua escrivaninha, e achei nela um desenho em que você aparece na guilhotina; e, debaixo do desenho, estava escrito: "Verdugo do seu pai, lê o decreto do seu castigo!"

Comparei a letra com a dos fragmentos das várias cartas anônimas que me entregou; e verifiquei que a letra é idêntica a uma dessas cartas. Olha, eu trouxe o trecho escrito.

Robespierre comparou a letra dos dois escritos, sorriu, e como se a sua vingança já estivesse satisfeita, espreguiçou-se na cadeira, dizendo:

— Bem! Eu temia que fosse um inimigo mais poderoso. É preciso prender imediatamente esse homem.

— Casualmente, espera na escada; passei roçando-me com ele, quando subi.

— Está ai? Que entre! Não! Espere um pouco! Guérin, se esconde naquele quarto, até que eu o chame.

Querido Payati vai ver se este Nicot não trás consigo alguma arma.

Payan, que era tão destemido, quanto Robespierre era pusilânime, reprimiu o sorriso de desdém que ia assomar a seus lábios e saiu do quarto.

Ao mesmo tempo, Robespierre, com a cabeça caída sobre o

peito, parecia imerso em profunda meditação.

— A vida é uma coisa melancólica, Couton, — disse ele de repente.

— Perdoe, mas eu penso que a morte é pior, — respondeu o filantropo, com afabilidade.

Robespierre não disse mais nada, e tirou da sua cadeira aquela carta singular que se encontrou, depois, entre os seus papéis e que leva o número LXI na coleção publicada.[7]

"Sem dúvida, — dizia o escrito, — estará inquieto por não ter recebido mais cedo notícias minhas.

Tranquilize-se; já sabe que eu podia responder somente pelo nosso correio ordinário; e como este foi interrompido, em sua última saída, está explicada a causa da minha demora. Quando tiver recebido esta, apresse-se a fugir de um teatro onde está a ponto de aparecer e desaparecer pela última vez. Seria ocioso mencionar aqui todas as razões que o expõem ao perigo. O último passo que o deveria conduzir ao sofá da presidência, só o leva ao cadafalso; e o populacho cuspirá em sua cara como cuspiu nos que você julgou. Já que tem acumulado aqui suficientes tesouros para a vida, aguardo-lhe com grande impaciência, para rir contigo do papel que tem representado nos distúrbios de uma nação tão crédula e tão ávida de novidades. Aja segundo temos combinado; tudo está preparado. Concluo; o nosso correio está aguardando. Espero a sua resposta".

Pensativo, devorou, devagar, o ditador o conteúdo desta epístola.

— Não, — disse consigo mesmo, — não; quem provou uma vez o poder, não pode já gozar de descanso.

Danton, Danton! Quanta razão tinha você ao dizer que era melhor ser um pobre pecador, do que governar os homens![8]

Abriu-se a porta e Payan reapareceu, dizendo em voz baixa a

Robespierre:

— Não há perigo. Pode ver o homem.

O ditador, satisfeito, ordenou ao jacobino que trouxesse Nicot à sua presença. O pintor entrou com uma expressão intrépida em sua repulsiva fisionomia e parou, com a fronte erguida, diante de Robespierre, que o examinava, com olhar de soslaio, da cabeça aos pés.

É uma coisa notável que os principais atores da Revolução Francesa tinham aspeto repugnante, desde a colossal fealdade de Mirabeau e de Danton, ou a vil ferocidade do semblante de David e Simão, até o asqueroso desalinho de Marat, e a sinistra e biliosa baixeza das feições do Ditador. Porém, Robespierre, cuja fisionomia, segundo se dizia, se assemelhava muito à do gato, tinha também o asseio deste animal; o seu traje sumamente esmerado, a sua face cuidadosamente barbeada, a feminil brancura das suas pequenas mãos, faziam ressaltar ainda mais o descuido e o desalinho do traje e a fisionomia do pintor "sansculotte".

— Então, cidadão, — disse Robespierre, em tom afável, — deseja falar-me? Eu sei que, por muito tempo, foram desatendidos os seus méritos e o seu civismo. Vem para solicitar algum emprego para poder servir o Estado? Não se acanhe fale.

— Virtuoso Robespierre, — respondeu Nicot, — o senhor que ilumina o universo! Não vim com o intuito de pedir um favor, mas para prestar um serviço à pátria. Descobri uma correspondência que revela uma conspiração, cujos atores, pela maior parte, até agora não foram suspeitados.

E ao dizer isto, Nicot pôs os papéis sobre a mesa.

Robespierre agarrou-os e passou por eles, rapidamente e com avidez, o olhar.

— Bem! Bem! — murmurou consigo mesmo; — isto é tudo o

que eu necessitava. Barêre, Legendre! Tenho-os em meu poder! Camilo Desmoulins não era mais do que seu instrumento. Eu fui amigo de Camilo, em outro tempo; a eles, sempre os odiei!

— Cidadão Nicot, eu lhe agradeço. Vejo que estas cartas são endereçadas a um inglês. Quem é bom francês, há de desconfiar desses lobos ingleses, revestidos com peles de ovelha! A França não precisa mais dos cidadãos do mundo; esta farsa concluiu com Anarchasis Clootz. Perdão, cidadão Nicot; mas, creio que Clootz e Hébert eram seus amigos.

— Não! — respondeu Nicot, desculpando-se. — Todos estamos sujeitos a sermos enganados. Eu cessei de honrá-los com o meu afeto, desde o dia em que o senhor se declarou seu contrário; pois antes duvidarei dos meus próprios sentidos do que da sua justiça.

— Sim, eu desejo fazer justiça; pois esta é a virtude que mais adoro, — disse Robespierre, em voz melíflua; e com as suas propensões felinas, mesmo naquela hora crítica, em que estava ocupado em vastos projetos, naquela hora em que corria perigo iminente e premeditava a vingança, se comprazia em brincar com a solitária vítima que pensava imolar. — Em breve verá que a minha justiça saberá recompensar seus serviços, bom Nicot. Você conhece esse Glyndon?

— Sim, conheço-o bem, intimamente. Foi meu amigo. Mas eu entregaria meu próprio irmão, se fosse do partido dos indulgentes. Não me envergonho em dizer que tenho recebido favores desse homem.

— Ah! E, sem dúvida, professa a doutrina de que, quando um homem ameaça a minha vida, devem esquecer-se todos os favores pessoais?

— Todos!

Bom cidadão! Generoso Nicot!... Faça-me o obséquio de escrever

aqui o endereço de Glyndon.

Nicot inclinou-se sobre a mesa, para escrever; de repente, porém, quando já tinha a pena na mão, deteve-se embaraçado e confuso, como se alguma súbita ideia houvesse passado pela sua mente!

— Escreva, bom Nicot!

O pintor obedeceu, com lentidão.

— Quem são os cúmplices de Glyndon?

— Agora mesmo queria falar-lhe sobre eles, Representante, — respondeu o pintor. — Glyndon visita diariamente uma mulher estrangeira que sabe todos os seus segredos; esta mulher afeta ser pobre e sustentar o seu filho por meio do trabalho. Ela é, porém a esposa de um italiano imensamente rico, e não resta dúvida que possui muito dinheiro, que gasta em corromper os cidadãos. Esta mulher deve ser presa.

— Escreva também o nome dela.

— Devo adverti-lo, porém, — acrescentou Nicot, — que não há tempo a perder; pois me consta que ambos tencionam fugir de Paris já nesta noite.

— A nossa justiça é rápida, bom Nicot... Não tenha medo. Hum! Hum! — disse Robespierre, tomando o papel em que o pintor escrevera; e, inclinando-se sobre ele — pois era míope — acrescentou, sorrindo: — Esta é a sua letra habitual, cidadão? Me parece que está disfarçada.

— Eu não quereria que soubessem quem os denunciou, Representante.

— Bem! Bem! A sua virtude será recompensada, eu lho prometo. Saúde e fraternidade!

Robespierre ergueu-se um pouco, dizendo estas palavras, com as quais despedia Nicot, e este se retirou.

— Olá! Aqui! — gritou o Ditador, agitando a campainha; quando entrou o jacobino de guarda, disse a este:

— Segue esse homem, esse Jean Nicot; e logo que ele estiver na rua, prenda-o. Espere! Não se falte à lei; aqui tem a ordem. O acusador público receberá as minhas instruções. Agora vai! Ligeiro!

O jacobino saiu, correndo. Todos os sintomas de enfermidade e de languidez haviam desaparecido do semblante do valetudinário. Robespierre se pôs de pé, com o corpo erguido e os braços cruzados: os músculos da sua face se agitavam convulsivamente. Depois de alguns momentos, exclamou:

— Olá, Guénin.

O espião apareceu.

— Tome estes endereços, — disse o Ditador. — Antes de decorrer uma hora, o inglês e aquela mulher hão de estar na prisão; as suas revelações me guiarão contra inimigos mais temíveis. Morrerão, perecerão com os demais, no dia dez, dentro de três dias, pois. Toma! — E escreveu precipitadamente, — Aqui tem a ordem! Pronto!

E dirigindo-se à Couton e Payan, Robespierre prosseguiu:

— Não percamos mais tempo, e ataquemos Tallien e a sua grei. Soube que a Convenção não assistirá à festa do dia dez. Não nos resta outro recurso senão a espada da lei. Hei de coordenar as minhas ideias e preparar o meu discurso. Amanhã, irei à Convenção; amanhã, o intrépido St.Just, coberto de louros, pelas recentes vitórias dos nossos exércitos, se reunirá conosco; amanhã, da tribuna, lançarei o raio sobre os mascarados inimigos da França; amanhã, à face do país, pedirei as cabeças dos conspiradores.

CAPÍTULO VIII

"Le glaive est contre toi tourné de toutes parties".
La Harpe, "Jeanne de Naples", acte 4, acène 4.

"A espada está dirigida contra ti, de todos os lados".

Enquanto, no domicílio do tirano, sucedia o que acabamos de narrar, Glyndon, depois de haver tido uma longa entrevista com C**, na qual arranjaram os últimos preparativos para a fuga, convencido da segurança com que podia empreendê-la e julgando não encontrar já obstáculos, voltava a Filida.

De repente, no meio dos seus risonhos pensamentos, parecia-lhe ouvir uma voz, cujo terrível eco conhecia muito bem; essa voz murmurava-lhe ao ouvido: "Como você se atreve a desafiar-me e pretende escapar do meu poder? Quer voltar à vida virtuosa e contente? Em vão, é demasiado tarde.

Não, eu não o molestarei mais, agora; mas homens, tão inexoráveis como eu, seguem, neste momento, os seus passos. Não tornará a ver-me senão no calabouço, à meia-noite, antes do dia em que perecera no cadafalso. Olha!"

E Glyndon, voltando maquinalmente a cabeça, viu muito perto de si, um homem desconhecido, que a ele havia notado, porém sem prestar-lhe atenção, quando saíra da casa do cidadão C*** e o qual o seguia com cautela. O inglês compreendeu, instintivamente, que era espiado e que o perseguiam.

A rua onde se encontrava era sombria e deserta, pois sendo o dia muito mormacento, quase todos os habitantes estavam

recolhidos em suas casas, e era a hora em que poucos saiam por causa de negócios.

Apesar da sua natural intrepidez, o artista sentiu que se lhe oprimia o coração, pois sabia demasiado o que ia por Paris, para não ver o perigo que o ameaçava.

O primeiro olhar de um espião da Revolução era, para a vítima a que se dirigia, o mesmo como o primeiro tumor contagioso para o infeliz que se via atacado da mortífera peste. A espionagem, a prisão, o julgamento e a guilhotina, estes eram os passos habituais e rápidos do monstro que os anarquistas chamavam Lei!

Glyndon respirava com dificuldade, e ouvia distintamente as fortes pancadas do seu coração. Parando então, olhou firme para o homem que o seguia, e que também parou, a certa distância, atrás dele.

A coragem de Glyndon se reanimou um tanto, por ver que, naquele instante, o espião estava só, e que não andava ninguém pelas ruas. O artista adiantou um passo para aquele homem, mas este fez um movimento como se quisesse retroceder à medida que o inglês avançava.

— Cidadão, — disse-lhe Glyndon, — observo que me vem seguindo. O que é que deseja?

— As ruas — responde o espião com um sorriso de desprezo — são, certamente, bastante largas para podermos passar ambos ao mesmo lado, não é verdade? Suponho que não é tão mal republicano que julgue que a cidade de Paris inteira pertence exclusivamente a ti.

— Siga, pois adiante; eu lhe deixo o passo livre.

O espião saudou cortesmente, tirando o chapéu, e passou adiante. Um momento depois, Glyndon se meteu numa tortuosa travessa e, acelerando quanto podia o passo, engolfou-se num labirinto de ruas, passagens e becos. Pouco a pouco, foi-se

acalmando, pois julgava ter desorientado o seu perseguidor; então, fazendo uma grande volta, tomou outra vez o caminho de sua casa. Ao sair de uma das ruas mais largas da cidade, um transeunte, envolto num manto, passou por seu lado com tanta rapidez, que Glyndon, a quem ele tocou ligeiramente com o cotovelo, não pôde ver-lhe a face, ouvindo apenas as suas palavras, ditas em voz baixa:

— Clarêncio Glyndon, estão perseguindo-lhe; siga-me!

O desconhecido prosseguiu o seu caminho, marchando com passo ligeiro, diante do inglês. Este volveu a cabeça, e afligiu-se novamente ao ver que tinha detrás de si o homem do sorriso servil, que o perseguia, e ao qual ele pensava haver escapado.

Glyndon esqueceu-se do convite que lhe fizera o desconhecido para que o seguisse; e, reparando num grupo de gente que havia ali perto, detido diante de uma estamparia, passou por meio deles, para chegar a uma outra rua e mudar de direção. Depois de andar, por muito tempo, e com passo ligeiro, foi ter a um bairro, distante da cidade, sem haver tornado a ver o seu perseguidor.

Tudo parecia aqui tão sereno e tranquilo, que a sua vista de artista, apesar do perigo do momento, pôs-se a contemplar com prazer a formosa e serena cena que o rodeava.

Era um sítio formado por um dos grandes cais. O rio Sena corria majestosamente ao longo, e uma multidão de barcos, cheios de marinheiros e dessa gente que encontra ocupações à beira do rio, nadava por sua superfície. Os raios do sol faziam brilhar com variadas cores mil pináculos e cúpulas da populosa cidade, e cintilavam sobre as brancas paredes dos palácios da abatida nobreza.

Fatigado e ofegante, deteve-se Glyndon ali um instante, para que a suave brisa do rio lhe refrescasse a testa abrasada.

— Ainda que não seja mais que por alguns momentos, aqui, enfim, estarei seguro, — murmurou Glyndon.

Porém, apenas havia acabado de fazer esta reflexão, tornou a avistar o espião que estava a uns trinta passos atrás deles. Ao artista pareceu que os seus pés haviam lançado raízes naquele sítio; cansado e surpreendido, parecia-lhe que não podia mais escapar. A um lado tinha o rio (e não via ponte alguma), e ao outro lado uma longa fileira de casas unidas, sem oferecer uma só esquina. Glyndon ouviu grandes gargalhadas e cantos obscenos numa casa que havia detrás, entre ele e o espião. Era um café de muita má fama e muito temido naquele bairro, e quase sempre estava cheio de soldados de Henriot e de agentes e satélites de Robespierre. O espião havia, pois, acossado a vítima até à presença dos cães que o deviam morder. O perseguidor adiantou-se lentamente e, parando diante da janela aberta do café, meteu a cabeça na abertura, parecendo reclamar o auxílio de seus camaradas armados.

Naquele mesmo instante, e enquanto a cabeça do espião estava voltada o interior do café, Glyndon viu, na porta entreaberta da casa que estava imediatamente diante dele, o desconhecido que o havia avisado na rua. Este homem, apenas distinguível pelo manto que o envolvia, fez-lhe sinal de que entrasse. O artista deslizou silenciosamente pelo estrito espaço que lhe oferecia a hospitaleira porta, que se cerrou em seguida; e, quase sem poder respirar, seguiu o desconhecido por uma espaçosa escadaria, e depois por uma série de quartos vazios, até que, por fim, chegaram a um pequeno gabinete.

Ao entrar nele, o misterioso personagem tirou o seu chapéu e o comprido manto que até então haviam ocultado as suas forma e suas feições, e Glyndon viu diante de si Zanoni.

CAPÍTULO IX

"Não penses que eu as obras portentosas, A que vós de Magia o nome dais, Faço apoiado em forças tenebrosas, Ou com auxílio de anjos infernais!

A minha ciência tem por seus aliados: As forças mui sutis dos minerais, As ervas dos jardins, dos bosques, prados, E as posições dos astros abençoados".

Tasso, canto XIV, 43.

— Aqui está seguro, jovem inglês, — disse Zanoni, designando uma cadeira a Glyndon. — Pode considerar-se feliz, porque, por fim, o encontrei.

— Muito mais feliz seria, se nunca nos tivéssemos encontrado! — respondeu o artista. — Entretanto, até nestas últimas horas da minha vida, me alegro de poder ver mais uma vez a face do ominoso e misterioso ser, a quem atribuo todos os sofrimentos que tenho experimentado. Aqui, pois, não deverá iludir ou burlar-me. Aqui, antes de nos separarmos, me revelará o negro enigma, se não da sua vida, ao menos da minha!

— Tem sofrido? Pobre neófito! — exclamou Zanoni, em tom compassivo. — Sim, sofreu, eu o leio no seu semblante. Porém, por que me censura? Por que de mim se queixa? Não o preveni contra as insinuações da sua alma? Não lhe adverti que não devia lhe ceder? Não lhe disse que a prova iniciática era muito arriscada e cheia de tremendos terrores? Não lhe ofereci entregar a você o coração que batia por mim, querendo, assim, desprender-me da minha felicidade para dá-la a ti? Não se decidiu voluntariamente a enfrentar os

perigos da iniciação? Foi você mesmo quem tomou Mejnour por mestre, para estudar a sua ciência!

— Porém, de onde vinha o irresistível desejo que me impelia a essa ciência frenética e condenável? Não o conheci até que o seu mau olhar caiu sobre mim, e fui levado na mágica atmosfera do seu ser.

— Está em erro! O seu desejo estava em ti; e teria aberto caminho de uma forma ou de outra. Jovem!

Pede-me a explicação do enigma do seu destino e do meu. Olhe ao redor de si e reflita sobre tudo o que existe; não vê mistério por todas as partes? Podem os seus olhos seguir a trilha da germinação do grão debaixo da terra? No mundo moral, como igualmente no físico, existem ocultos portentos, muito mais maravilhosos do que as forças que se atribui!

— Desconhece essas forças? Confessa que é um impostor? Ou que, afetivamente, está vendido ao Espírito Maligno? E que é um mago cujo gênio familiar me tem atormentado dia e noite?

— Não importa quem sou — retrucou Zanoni. — O que é de importância é saber se posso ajudá-lo a conjurar o terrível fantasma e restituir-lhe à sã tranquilidade da vida ordinária. Contudo, quero dizer-lhe algo, não para justificar-me, mas para fazer justiça ao Céu e à Natureza, os quais injurias com as suas dúvidas.

Zanoni calou-se por um momento, e depois prosseguiu, com um leve sorriso nos lábios:

— Nos primeiros dias da sua juventude, sem dúvida, leu com prazer o grande poeta cristão, cuja Musa, assim como o Oriente que ele canta, desceu a terra, "coroada de flores colhidas no Paraíso".**[**9**]**

Nenhum espírito estava imbuído mais do que o dele das cavalheirosas superstições do tempo; e, seguramente, o Poeta de Jerusalém, para satisfazer o mesmo Inquisidor a quem consultou, execrou bastante todos os que se entregavam às ilícitas práticas da

chamada Magia e feitiçaria: “Per isforzar Cocyto o Flegetone”[10]. Porém, não sabe que, em suas tristezas e em suas desgraças, na prisão da sua casa dos orates, o mesmo Tasso achava o seu consolo, a sua escapada, no reconhecimento de uma Teurgia santa e espiritual, de uma Magia que invoca o Anjo, ou o Bom Gênio, e não o Demônio? E não se recorda como ele, versado como estava, para a sua idade, nos mistérios do mais nobre Platonismo, que alude a todos os segredos de todas as augustas fraternidades, desde os caldeus até aos Rosacruzes, discerne, no seu belo verso, a negra arte de Ismeno, da gloriosa ciência do encantador que aconselha e guia, em sua santa missão, os campeões da Terra Santa? A ciência deste não era devida às relações mantidas com os rebeldes do Inferno, mas à percepção dos poderes secretos da fonte e da planta, aos Arcanos da natureza desconhecida e aos vários movimentos das estrelas. Das alturas dos montes Líbano e Carmelo, via, em baixo dos seus pés, as nuvens, as neves, os arco-íris, as gerações das chuvas e dos orvalhos. Lembre-se que o Eremita Cristão, que converteu o Encantador (que não é um ser fabuloso, mas é o tipo de todo o espírito que aspira a elevar-se a Deus por meio da Natureza), não lhe ordenou que abandonasse esses sublimes estudos, “Le solite arte e luso mio”; mas que, pelo contrário, deixou-o continuar a cultivá-los, inspirando-lhe os meios de empregá-los para bons e dignos fins. E nesta grande concepção do poeta está o segredo da verdadeira Teurgia que, em dias mais ilustrados, espantou a sua ignorância com pueris apreensões e com pesadelos de uma imaginação enferma”.

Zanoni fez novamente uma pausa e, depois de um momento, continuou:

Em tempos mui remotos, de uma civilização muito diferente da que agora submerge o indivíduo no Estado, existiam homens de mentalidades ardentes, que se entregavam, com todo o coração, ao

estudo das ciências. Nos poderosos e brilhantes reinos, onde viviam, não havia canais turbulentos e terrestres por onde pudesse escapar-se o fogo das suas mentes. Na antiga instituição das castas, ou classes sociais bem diferençadas, que nenhum intelecto podia derribar, e nenhum ato de coragem podia abalar, nos corações daqueles que recebiam os seus estudos como uma herança de pai a filho, só reinava uma insaciável sede do saber. Por isso, até nas suas imperfeitas recordações do progresso dos conhecimentos humanos, os cientistas atuais acham que, nos tempos primitivos, a filosofia não descia aos negócios e aos lares dos homens. Ela residia entre as maravilhas da criação superior; procurava analisar a formação da matéria, os essenciais da alma predominante; ler os mistérios dos mundos dos astros; penetrar nas profundezas da Natureza, em que, segundo dizem os eruditos, Zoroastro descobriu as artes que a ignorância designa com o nome de Magia.

Naqueles tempos, pois, surgiram alguns homens que, no meio das vaidades e ilusões da sua classe, acreditaram descobrir o fulgor de uma ciência mais brilhante e mais sólida. Imaginaram que existia uma afinidade entre todas as obras da Natureza e que, nas mais baixas, estava oculta a secreta atração que podia conduzir descobrimentos das mais sublimes. Passaram-se séculos e muitas vidas se consumiram nestes descobrimentos; porém, passo a passo, tudo foi registrado, e serviu de guia aos poucos que possuíam o privilégio hereditário de seguir a senda da grande ciência.

"Por fim, no meio desta escuridão, brotou a luz para alguns olhos; porém, não pense, jovem visionário, que esta luz se revela aos que abrigavam pensamentos profanos, e sobre os quais a origem do Mal exercia algum poder. Essa luz, naqueles tempos, igualmente como hoje, se revelava somente aos mais puros êxtases da imaginação e do intelecto, livres dos cuidados da vida vulgar e dos

apetites da matéria.

Longe de descerem a pedir a assistência de um demônio, aqueles homens nutriam a augusta ambição de se aproximar mais da Fonte do Bem; quanto mais se emancipavam deste limbo dos planetas, tanto mais eram penetrados pelo esplendor e pela beneficência de Deus. E se eles buscaram saber e, por fim, descobriram, como ao olho do Espírito se tornam aparentes todas as modificações sutis do ser e da matéria; se descobriram como, para as asas do Espírito, deixa de existir o espaço, e como, enquanto o corpo permanece, pesado e sólido, aqui na terra, como uma tumba deserta, a Ideia libertada pode voar de estrela em estrela, se vierem a descobrir realmente estes sublimes segredos, foi somente para admirar, venerar e adorar! Pois, como disse um ator bastante ilustrado nestas elevadas matérias: "Existe um princípio da alma, superior a toda a natureza externa e por meio deste princípio podemos nos elevar acima da ordem e dos sistemas deste mundo e participar da vida imortal e da energia dos Sublimes Celestiais. Quando a alma se eleva a uma natureza superior à sua, abandonada a ordem a que foi sujeita por um certo tempo e por meio de um magnetismo religioso é atraída a uma esfera mais alta, com a qual se liga e une!"**[**11**]**

"Admite, pois, que semelhantes seres encontraram, por fim, o segredo de deter a morte e de passar incólumes no meio das revoluções da terra; pensa que esta vida pode inspirar-lhes outro desejo que o de anelar tanto mais a imortalidade e adaptar o seu intelecto cada vez melhor à existência superior, à qual podem ser transportados quando o Tempo e a Morte tiverem deixado de existir? Expulse da sua mente essas fantásticas ideias de feiticeiro e demônio! A alma pode aspirar somente a luz; e o único erro da nossa sublime ciência consiste somente no esquecimento da debilidade,

das paixões e dos laços de que pode libertar-nos unicamente a morte que tão inutilmente vencemos.

Este discurso era tão diferente do que Glyndon esperava, que o artista ficou por alguns momentos sem poder falar, até que, afinal, balbuciou:

— Então, porque eu...

— Porque você — respondeu Zanoni — não obteve mais do que o sofrimento e o terror, o Umbral e o Fantasma? Insensato! Considere os mais simples elementos do saber comum. Pode cada discípulo converter-se em mestre, somente por meio do seu desejo e da sua vontade? Pode o estudante chegar a ser Newton, apenas por ter comprado uma geometria? Pode um jovem, porque as Musas o inspiram, prometer-se igualar o Homero? Pode aquele pálido tirano, por mais que registre todas as leis e os pergaminhos antigos e por mais que conte com as armas do seu exército, confeccionar uma constituição menos viciosa, que não venha a ser derrubada, num momento, por um populacho frenético? Quando, naquele tempo remoto, a que me referi, um estudante aspirava à elevada altura que você quis alcançar de um só salto, tinha que se preparar e exercitar-se desde o berço para a carreira que devia seguir. A natureza interna e externa se fazia visível à sua vista, ano após ano, à medida que progredia. Ele não era admitido à iniciação prática senão quando nenhum desejo terrestre encadeava a sublime faculdade, a que se dá o nome de Imaginação, quando nenhum desejo carnal anuviava a essência penetrante, chamado Intelecto. E, assim mesmo, quão poucos, e isto dos melhores, alcançavam o último mistério!

Com mais felicidade do que eles chegavam os seus antecessores às santas glórias, cuja mais consoladora porta é a Morte!

Zanoni interrompeu-se, e uma nuvem de tristeza e reflexão obscurecia a sua celestial beleza.

— E há, realmente, além de si e Mejnour, outros que pretenderam possuir os mesmos atributos e atingiram os mesmos segredos que você?

— Existiram outros antes de nós, mas, agora, apenas nós dois, desse número, ficamos vivendo neste mundo.

— Impostor! Você se trai a si mesmo! Se aqueles outros triunfaram da Morte, porque deixaram de existir?

— Filho de um dia! — respondeu Zanoni, com tristeza; — não lhe disse já que o erro da nossa ciência era o esquecimento dos desejos e das paixões que o espírito nunca pode alcançar total e permanentemente, enquanto esta matéria carnal o envolve? Pensa que não é triste renunciar a todos os laços humanos, a toda a amizade, a todo o amor, ou ver, dia após dia, desaparecer da nossa vida os afetos, a amizade e o amor, como se desprendem as folhas da haste? Admira-se de que, com o poder de viver tanto tempo quanto durar o mundo, muitos dos nossos preferiram morrer? Antes deveria admirar-se que existiam ainda dois seres tão fortemente aderidos à terra! Pelo que toca a mim, confesso que o mundo ainda tem atrativos. Tendo eu chegado aos últimos segredos, quando me achava na flor da juventude, a juventude faz brilhar com suas belas cores tudo o que me rodeia; respirar é ainda prazer para mim. A frescura, ao meu ver, conserva-se sempre no semblante da Natureza, e não há erva em que eu não descubra algum encanto, e que não me revele alguma nova a maravilha.

O mesmo que sucede com a minha juventude, dá-se com a idade madura de Mejnour; este lhe diria que a vida para ele não é mais do que o poder de examinar; e que, enquanto não tiver esgotado todas as maravilhas que o Criador semeou na terra, não desejará novas habitações onde o seu renovado Espírito possa seguir explorando. Nós somos os tipos das duas essências do que é imortal:

a Arte, que goza, e a Ciência, que contempla! E agora, para que esteja contente de não haver chegado a obter os segredos, saiba que a ideia deve estar tão absolutamente despreendida de tudo quanto é capaz de ocupar e excitar os homens, que é preciso viver sem cobiçar, amar ou odiar alguém ou alguma coisa; compreende que, para um homem ambicioso ou para quem ama ou odeia, aquele poder é inútil. E eu, por fim, ligado pelos mais comuns laços da vida doméstica, em consequência da que a minha vista espiritual está obscurecida, eu, cego e sem auxílio, peço-lhe a ti, homem burlado e descontente, peço-lhe que me dirija, que me guie: onde estão a minha mulher e meu filho? Ah! Diga-me, fale! Cala-se? Oh! Veja, agora, que não sou feiticeiro nem espírito malévolo? Eu não posso dar-lhe o que as suas faculdades lhe negam, não posso acabar o que o impassível Mejnour não pôde conseguir; porém posso fazer-lhe outro presente, talvez o mais belo, posso reconciliá-lo com o mundo quotidiano, e estabelecer a paz entre você e a sua consciência.

— Você me promete?

— Sim; juro-lhe!

Glyndon fitou Zanoni com firmeza, e acreditou nele. disse-lhe, então, em voz baixa, o endereço da casa aonde o seu fatal passo um pouco antes havia levado a dor e a desgraça.

— Seja abençoado! — exclamou Zanoni, apaixonadamente.

— O Senhor o recompensará esta boa ação! Não pude perceber que, à entrada de todos os mundos superiores, habita a raça que intimida e aterroriza? Quem é que, tendo saído das antigas regiões do Costume e da Prescrição, neste nosso mundo, não sentiu a mão opressora do indescritível e inominável Medo? Por todas as partes, seja no gabinete do sábio, ou no conselho do demagogo, ou no campo do guerreiro, em todas as partes, onde o homem aspire e trabalhe, encontra-se, embora invisível a seus olhos, o terrível

espectro, o inexprimível Horror. Porém, só na região onde você se atreve a penetrar, é visível o Fantasma; e nunca cessará de perseguí-lo enquanto não possa passar ao Infinito, como o Serafim, ou até que volte à vida familiar, como uma criança! Mas responda-me a isto: Não é verdade que sempre quando resolvia voltar ao caminho da virtude, o fantasma se apresentava, de repente, a seu lado? E quando a sua voz lhe murmurava palavras de desespero, quando os seus horríveis olhos o amedrontavam, para conseguir que voltasse outra vez à vida desregrada, porque compreendia que, nessas cenas, deixando-te entregue aos piores inimigos da alma, ele se retirava de sua presença, não resistiu nunca, corajosamente, ao espectro e ao seu próprio horror. Não disse nunca: "Suceda o que suceder, quero abraçar-me com a Virtude?"

— Ah! — respondeu Glyndon; — só no último tempo ousei fazê-lo.

— E então notou que o fantasma se tornava menos perceptível e que o seu poder se debilitava, não é verdade?

— É, sim.

— Regozije-se, pois! Venceu o verdadeiro terror e o mistério da prova iniciática. A sua resolução é o primeiro triunfo Alegre-se, pois o exorcismo é seguro! Você não é daqueles que, negando uma vida futura, são as vítimas do Inexorável Horror. Oh! Quando compreenderão os homens, por fim, que se a Grande Religião inculca tão rigidamente a necessidade da Fé, não é só porque a Fé conduz à vida futura, mas também porque sem a Fé não há nada de excelente nesta vida terrestre! A crença em algo mais sábio, mais feliz, mais divino do que o que vemos na terra é o que os artistas chamam o Ideal, e os sacerdotes a Fé. O Ideal e a Fé são uma e a mesma coisa. Volte jovem estrangeiro, volte. Compreenda quanta beleza e santidade reside no que é Comum e Velho. Para trás, ó

Espectro de Horror! Volte à sua guarida! E o Céu azul, sorria, acalmando o coração infantil, iluminando-o com o seu astro vespertino e com o seu astro matutino, que é um só, se bem que tenha dois nomes: a Memória e a Esperança!

Enquanto assim falava, pôs Zanoni, suavemente, a mão sobre as ardentes fontes do seu excitado e o admirado ouvinte, que experimentou logo uma espécie êxtase ou "transe": parecia-lhe que havia voltado ao lar de sua infância; que se encontrava no pequeno quarto onde, nos seus tempos de criança, a sua mãe velava, rezando, sobre ele, quando adormecia. Ali estava tudo visível, palpável, solitário e intacto. Num lado, via-se a cama; as paredes, as estantes cheias de livros sagrados; o cavalete onde, pela primeira vez, tentara exprimir o ideal pela linguagem da tela, estava num canto, rompido e cheio de pó. Debaixo da janela, via-se o velho cemitério; os raios do sol brilhavam por entre as verdes folhas dos teixos. Glyndon via distraidamente o túmulo onde seu pai e sua mãe jaziam unidos, e a ponta do campanário, dirigindo-se ao céu, apresentava-se como um símbolo de esperança daqueles que consignaram os seus restos mortais ao pó. O toque dos sinos ressoava no seu ouvido, como num dia santo. Para longe voaram todas as visões de ansiedade e horror que o haviam aterrorizado e convulsionado; a juventude, a meninice, a infância voltavam a ele, com seus inocentes desejos e esperanças; parecia-lhe que se ajoelhava para rezar.

Glyndon volveu a si, despertando, e com os olhos marejados de lágrimas; o seu coração lhe dizia que o fantasma havia desaparecido para sempre. O artista olhou em volta de si; Zanoni não estava mais ali.

Mas sobre a mesa via-se um papel, em que estavam escritas as seguintes linhas, com a tinta ainda úmida:

"Proporcionar-lhe-ei os meios de escapar. Esta noite, às nove

horas, um bote o aguardará em frente desta casa. O barqueiro o conduzirá a um lugar retirado, onde estará em completa segurança, até que o Reinado do Terror, que toca ao seu fim, houver passado. Não pense mais no amor sensual que o alucinou e que estava a ponto de perdê-lo. Traiu-o, e tê-lo-ia destruído. Voltará sem obstáculos ao seu país natal, e ainda viverá por longos anos para meditar sobre o passado e para redimi-lo. Para o futuro, que seja o seu sonho seu guia, e as suas lágrimas seu batismo".

O inglês obedeceu aos preceitos desta carta, e achou que diziam a verdade.

CAPÍTULO X

"Quid mirare meas tot in uno corporo formas?"
Propert

"Porque te admiras que eu, num só corpo, tenha tantas formas?"

CARTA DE ZANONI A MEJNOUR

"Viola, se acha numa das sombrias prisões, por ordem de Robespierre e descobriu que isto lhe aconteceu por causa de Glyndon. Nisto, pois, consistia aquela terrível relação entre os destinos destes dois seres, a qual eu não pude explicar-me até que os seus destinos se separaram; e era essa relação que envolvia Glyndon na mesma nuvem que ocultava Viola à minha vista interna".

"Ela, pois, está na prisão, na prisão! Que é a porta do túmulo! O seu julgamento, e a inevitável execução que segue esses julgamentos deve ter lugar depois de amanhã. O tirano fixou todos os seus sangrentos projetos para o dia 10 de Thermidor.

"Enquanto as execuções dos inocentes estiverem enchendo de espanto a cidade, os seus satélites devem exterminar os seus inimigos. Só resta uma esperança, e é que o poder que agora sentencia o sentenciador, fará de mim o instrumento que deve apressar a sua queda. Somente dois dias me sobram, somente dois dias! Em toda a minha imensidade de tempo, não vejo senão estes dois dias; do que, depois deles, seguir, não distingo nada, tudo é obscuridade e solidão. Ainda posso salvá-la. Caia o tirano no dia antes do que assinalou para a matança! Esta é a primeira vez que me

intrometo nos enredos e estratagemas dos homens, e a minha mente ergue-se, combatendo o meu desespero, para armar-se e, ansiosa, aguarda o momento da luta".

Na rua de Santo Honorato se havia formado um numeroso grupo. Acabavam de prender um jovem, por ordem de Robespierre. Este homem era um dos criados de Tallien, esse chefe hostil na Convenção, a quem o tirano não se atrevera ainda a atacar. Por esta razão, o incidente havia produzido uma excitação maior do que se suporia numa circunstância tão comum no Reinado do Terror. No grupo, havia muitos amigos de Tallien, muitos inimigos do Tirano e muitos que já estavam cansados de ver como o tigre arrastava vítima após vítima à sua cova.

Começaram a ouvir-se roucos murmúrios de descontentamento; olhares ameaçadores se dirigiam contra os agentes que se apoderaram do jovem; e, ainda que a gente não se atrevesse a opor uma resistência manifesta, os que estavam detrás empurravam os de diante, e formavam uma espécie de barreira entre o preso e os seus detentores. O jovem começou a lutar para escapar-se e, fazendo um violento esforço, pôde, por fim, ver-se livre das garras dos seus inimigos. A multidão abriu passo, cerrando-se em seguida, para proteger a sua fuga.

De repente, porém, se ouviu perto o ruído da cavalaria, o feroz Henriot e seus soldados atacaram o grupo, que se dispersou num instante. O jovem foi outra vez agarrado por um dos agentes do ditador.

Naquele instante, uma voz murmurou ao ouvido do prisioneiro:

— Tem contigo uma carta que, se for achada em seu poder, tira toda a esperança de te salvar; dê-me, ou a entregarei a Tallien.

O jovem volveu a cabeça, cheio de admiração, e viu, no semblante do desconhecido que lhe falava, algo que lhe inspirou

confiança. A tropa chegava neste momento ao lugar da cena; o jacobino que havia agarrado o prisioneiro soltou-o por um instante, para evitar as ferraduras dos cavalos; o jovem, aproveitando esta oportunidade, entregou a carta ao desconhecido, e este desapareceu.

Os principais inimigos do tirano estavam reunidos em casa de Tallien. O perigo comum fazia com que todos se unissem. Todas as facções depuseram as suas discórdias, para agrupar-se unânimes contra o homem que marchava por cima de todas as facções ao seu sangrento trono. Ali estava o intrépido Lecointre, inimigo declarado de Robespierre; o astuto Barêre, herói dos covardes, que tratava de conciliar todos os extremos; o impávido e calmo Barras; e Collet d'Herbois, respirando ira e vingança, sem ver que somente os enormes crimes de Ropespierre podiam obscurecer os que ele mesmo tinha praticado.

O conselho estava agitado e irresoluto. O terror que excitaram os contínuos triunfos e a prodigiosa energia de Robespierre, exercia uma deprimente influência sobre a maior parte. Tallien, o mais temido pelo tirano, e o único que podia reunir em um só núcleo tantas paixões contraditórias, dando-lhes uma cabeça, um corpo e uma direção, estava demasiado manchado com a memória de suas próprias crueldades, para que não titubeasse em declarar-se o campeão da tolerância.

— É verdade — disse ele, depois de um animado discurso de Lecointre — que o usurpador nos ameaça a todos. Porém, ainda é demasiado benquisto, e com a sua plebe é fortemente apoiado pelos jacobinos; será melhor adiarmos as hostilidades abertas para uma hora mais propícia. Tentarmos e sofrermos derrota, é entregarmo-nos, atados de mãos e pés, à guilhotina. O seu poder há de declinar de dia em dia.

A procrastinação é o nosso melhor aliado.

Enquanto Tallien dizia isto e o seu discurso produzia no auditório o efeito da água sobre o fogo, entrou um criado para dizer-lhe que um desconhecido desejava vê-lo imediatamente, afim de falar-lhe sobre um assunto que não admitia espera.

— Não tenho tempo, — disse o orador, com impaciência.

O criado pôs um bilhete em cima da mesa. Tallien abriu-o, e leu estas palavras, escritas a lápis:

"Da prisão de Thereza de Fontenay".

Tallien empalideceu e, levantando-se de repente, dirigiu-se, com passos rápidos, à ante-sala, onde encontrou um homem que lhe era totalmente desconhecido.

— Esperança da França! — disse-lhe este, com uma voz que parecia chegar-lhe diretamente ao coração. — O seu criado foi preso na rua. Eu salvei a sua vida e o da sua futura esposa. Trago-vos esta carta de Thereza de Fontenay.

Tallien, com mão trêmula abriu a carta e leu: 'Hei de suplicar-lhe sempre em vão? Repetidas vezes disse que não devia perder uma hora, se aprecia a minha vida e a sua. O meu julgamento e a minha morte estão fixados para depois de amanhã, o dia 10 de Thermidor.

Fira o monstro, enquanto ainda é tempo; abata-o! Sobram-lhe dois dias. Se falhar, se vacilar, adiando, olhe-me pela última vez, quando eu passar por debaixo das suas janelas, a caminho da guilhotina!"

— O seu processo subministrará provas contra ti — disse o desconhecido. — A morte dela é o arauto da sua.

Não tema o populacho, o populacho queria libertar o seu criado. Não tema a Robespierre, ele se entregará às suas mãos. Amanhã ele irá à Convenção; amanhã ganhará à cabeça dele ou perderá a sua...

— Amanhã irá à Convenção? E quem é você, que sabe com tanta precisão, o que eu mesmo ignoro?

— Um homem que, como você, quer salvar a mulher que ama.

Antes que Tallien tornasse a si de sua surpresa, o desconhecido havia desaparecido.

O vingador voltou à reunião, como um homem inteiramente alterado.

— Acabo de ouvir notícias, não importa quais, — exclamou, — que me fizeram mudar de plano. No dia 10, segundo o que planeja o tirano, devemos morrer na guilhotina. Revogo o meu conselho de adiar a nossa ação; não devemos esperar mais. Robespierre irá, amanhã, à Convenção; ali devemos pôr-nos frente à frente dele e esmagá-lo. Da montanha há de aparecer-lhe a ameaçadora sombra de Danton, da planície hão de levantar-se, ensanguentados, os espectros da Vergniaud e de Condorcet. Descarreguemos o golpe!

— Sim, descarreguemos o golpe! — exclamou Barêre, cheio de energia pela resolução corajosa do seu colega. — Ficamos! Só os mortos não voltam mais!

É digno de menção (e o fato acha-se numa das memórias daquele tempo) que todo aquele dia e aquela noite, 7 de Thermidor), um desconhecido que não tinha tomado parte em nenhum dos acontecimentos anteriores a esse tempo tempestuoso, foi visto em várias partes da cidade, nos cafés, nos clubes e nas reuniões secretas das diferentes facções; que, com grande admiração e pasmo dos ouvintes, falava, em voz alta, dos crimes de Robespierre, anunciando a sua próxima queda. A sua voz parecia despertar os adormecidos corações dos homens e, rompendo as cadeias do medo, inflamava-os com nobre ira e coragem. Porém, o que mais surpreendia a maior parte deles, era que não se levantava uma só voz para replicar-lhe; que nem uma só mão se atrevia a detê-lo e que nenhum agente do tirano exclamava: “Prendam o traidor!” Nesta impunidade, os homens liam, como num livro, que o povo havia abandonado o

sanguinário usurpador.

Somente uma vez, um violento e robusto jacobino, levantando-se, de repente, da mesa onde estava sentado e bebendo, aproximou-se do desconhecido, dizendo-lhe:

— Está preso, em nome da República.

— Cidadão Aristides, — respondeu o desconhecido, em voz baixa, — vai à habitação de Robespierre, o qual está fora de casa; na algibeira esquerda da casaca que ele tirou há uma hora achará um papel. Leia e volte. Eu o aguardarei aqui; e se, então, quiser prender-me, irei contigo sem resistência. Repare neste momento, quantos olhares ameaçadores se dirigem contra ti. Sim se atreve a tocar-me agora, seguramente será despedaçado.

O jacobino sentiu-se como impelido a obedecer, contra a sua vontade. Saiu do local, murmurando; quando voltou, encontrou o desconhecido ainda no mesmo lugar.

— Mil raios! — disse o jacobino ao desconhecido. — Agradeço-lhe. O poltrão tinha o meu nome em sua lista dos que quer enviar à guilhotina.

E o cidadão Aristides, depois de pronunciar estas palavras, subiu a uma mesa e gritou:

— Morra o tirano!

CAPÍTULO XI

"Le lendemain, 8 Thermidor. Robespierre sedécida a prononcer son fameux discours".

Thiers, "Histoire de la Révolution".

"No dia seguinte, 8 de Thermidor, Robespierre se decidiu a pronunciar o seu famoso discurso".

Amanheceu o dia 8 de Thermidor (26 de Julho). Robespierre apresentou-se na Convenção disposto a pronunciar o seu estudado discurso cheio de frases de filantropia e de virtude, com as quais ia arrojar-se sobre a sua presa. Todos os seus agentes estavam preparados para recebê-lo; o feroz Saint-Just havia chegado do exército, para inspirar-lhe coragem e inflamar a sua ira. A sua ominosa aparição preparava o auditório para a crise.

— Cidadãos! — gritou a aguda voz de Robespierre. — Outros lhes apresentaram quadros risonhos; eu venho dizer-lhe úteis verdades.

"Qualquer violência, qualquer mal que se cometa, a mim me atribuem, a mim só! Robespierre é quem o deseja; Robespierre é quem o ordena. Impõe-se numa nova contribuição? Robespierre é quem os arruína. Chamam-me tirano! E porque? Porque tenho adquirido alguma influência; porém, como a adquiri? Dizendo a verdade; e quem se atreverá a dizer que a verdade carece de força na boca dos representantes do povo francês? Não há dúvida de que a verdade tem seu poder, sua ira, seu despotismo, seus acentos sedutores, terríveis, que acham o seu eco nos corações puros, da

mesma forma como nas consciências culposas. É tão difícil à mentira imitar o fogo da verdade, como o foi a Salmoneu o forjar os raios do céu. E quem sou eu, a quem acusam? Um escravo da liberdade, um mártir vivente da República; a vítima e o inimigo do crime! Todo o rufianismo me provoca, e ações legitimadas em outros são crimes em mim. Basta conhecer-me para ser caluniado. Até o meu zelo converte em culpabilidade.

Despojam-me da minha consciência, e eu seria o mais miserável dos homens"!

Robespierre interrompeu-se por um momento; Couthon enxugava as lágrimas; Saint-Just aplaudia em voz baixa, contemplando com os olhos rígidos a rebelde montanha. Um silêncio lúgubre, como de morte, reinava no auditório. O acento patético do orador não despertou nenhum eco.

O ditador deitou os olhos ao redor de si. Oh! Não tardará em fazer desaparecer aquela apatia. Prossegue discursando; já não se gaba, nem se queixa; denuncia, acusa. Não podendo por mais tempo conter o veneno dentro de si, vomita-o sobre todos. Fala do interior, do exterior, da fazenda, da guerra, e a todos salpica! A sua voz eleva-se mais penetrante:

— "Existe uma conspiração contra a liberdade pública. Esta conspiração deve a sua força a uma criminal coligação formada no seio mesmo da Convenção, e tem seus cúmplices no Comitê de Segurança Pública... Qual é o remédio para cortar pela raiz este mal? Castigar os traidores; purificar este comitê; esmagar todas as facções pelo peso da autoridade nacional, levantando sobre as suas ruínas o poder da Liberdade e da Justiça. Estes são os princípios desta reforma. É preciso que tenha a ambição de professá-los? Pois saibam que os princípios se acham proscritos, e que a tirania reina entre nós! Que pode objetar a um homem que tem de sua parte a justiça, e que

tem, ao menos, este saber: sabe como morrer por sua pátria? Eu nasci para combater o crime, e não para governá-lo. Infelizmente, não chegou ainda o tempo em que os homens dignos possam servir impunemente a sua terra natal. Enquanto governarem os velhacos, os defensores da liberdade sempre serão proscritos".

Duas horas durou aquele discurso de morte. O auditório, frio e sombrio, escutou-o em silêncio, desde o principio ao fim. Os inimigos do orador não ousavam manifestar seu ressentimento, porque não sabiam ainda a que altura se achava a balança do poder. Os partidários de Robespierre temiam aplaudi-lo, porque ignoravam se as acusações envolviam alguns de seus amigos ou parentes.

— Cuidado! — dizia-se cada qual, — é você a quem ele ameaça.

Porém, ainda que o auditório se conservasse silencioso, notava-se que, ao princípio, estava sendo já quase dominado. O homem terrível parecia dispor ainda do poder mágico de uma vontade subjugadora.

Embora não fosse um grande orador, no significado habitual deste termo, manifestava-se sempre resoluto, e as palavras que aplicava, produziam o procurado efeito; a energia destas palavras era aterradora, tanto mais quanto, com um leve aceno, movia as tropas de Henriot, e influenciava a sentença de René Dumas, o inexorável presidente do Tribunal.

Levantou-se Lecointre de Versalhes. Houve um movimento de ansiosa atenção; pois Lecointre era um dos inimigos mais fidagais do tirano. Qual foi o desanimo da facção de Tallien e o prazer que manifestou o sorriso de Couton, quando Lecointre se limitou a pedir que se imprimisse o discurso!

Todos ficaram estupefatos. Um pouco depois, Bourdon de l'Ose, cujo nome estava duplamente marcado na lista negra do Ditador, subiu à tribuna e propôs a atrevida contra resolução: que o discurso

se entregasse aos dois comitês que se acusava. Os conspiradores, estando ainda gelados de estupor, não se atreveram a aplaudir. O tímido Barêre, sempre do lado dos prudentes, dirigiu, antes de levantar-se, um olhar em seu derredor; depois, se pôs de pé e apoiou a Lecointre.

Couton aproveitou esta ocasião, e, sem deixar a sua cadeira (privilégio que gozava o paralítico filantropo), com sua melodiosa voz tratou de converter a crise em triunfo. Ele pediu não somente que se imprimisse discurso, como também que se enviasse a todas as municipalidades e aos diferentes corpos de exército.

— É necessário consolar um coração ofendido e lacerado, — disse. — Deputados, acusou-se o mais fiel, de derramar sangue. Ah! Se "ele" tivesse contribuído para a morte de um só homem inocente, sucumbiria de pesar! Sedutora ternura! — e enquanto falava, o orador acariciava o cãozinho que trazia em seus braços.

Bravo, Couton! Robespierre triunfa! O Reinado do Terror continuará! A assembleia submete-se com a costumada docilidade de um pombo! Vota-se a impressão do mortífero discurso, e a sua transmissão a todas as municipalidades.

Nos bancos da montanha, Tallien, alarmado, desanimado, impaciente e cheio de indignação, dirige a sua vista para o lugar onde estavam os estrangeiros admitidos a ouvir os debates; de repente, os seus olhos se encontram com os do desconhecido que lhe trouxera a carta de Thereza de Fontenay, no dia anterior.

Aqueles olhos o fascinaram. Em épocas posteriores, Tallien dizia, muitas vezes, que aquele olhar fixo, sério, meio repreensivo e, contudo, consolador e triunfante, o reanimou, inspirando-lhe nova energia e coragem. Aquele olhar falou ao seu coração como o clarim fala ao cavalo de guerra. Tallien, levantando-se do seu lugar, falou, em voz baixa, com seus aliados, aos quais comunicou sua nova

energia, como se fosse um fogo contagioso. Os homens, contra os quais se dirigia especialmente a acusação de Robespierre, e que viam levantada a espada sobre suas cabeças, despertaram do seu abatimento. Vadier, Cambon, Billaud-Varennes, Pains, Amar, levantaram-se ao mesmo tempo, pedindo a palavra. Vadier foi o primeiro que falou e depois lhe seguiram os demais. A Montanha começou a vomitar seus fogos e a devoradora lava; uma legião de Ciceros se arrojava sobre o pasmado Catilina!

Robespierre gagueja, hesita, quereria modificar e retratar-se. Os seus inimigos adquirem nova coragem ao vê-lo titubear; interrompem-no; afogam a sua voz; pedem que se revogue a moção. Amar pede outra vez que o discurso se envie aos comitês, os inimigos do ditador! Momentos confusão, bulha, gritaria.

Robespierre envolve-se em silencioso desdém. Pálido derrotado, porém ainda não destruído, permanece em pé, como uma tempestade no meio de outra tempestade!

Os inimigos de Robespierre ganharam a votação. Todos os homens preveem, nesta derrota, a queda do ditador. Um grito saiu das galerias; este grito foi imediatamente secundado por um grande número de vozes no salão e entre o auditório:

— Abaixo o tirano! Viva a República!

CAPÍTULO XII

"Auprès dun corps aussi avili que la Convention, il restait des chances pour que Robesplerre sortlt vainqueur de cette lutte".
Lacretelle, vol. XII.

"Num corpo tão envelhecido como a Convenção, ainda havia alguma probabilidade de Robespierre sair vitorioso dessa luta".

Quando Robespierre saiu da Convenção, reinava, na multidão que se apinhava no exterior das suas portas, um silêncio profundo e ominoso. A multidão, em todos os países, é do lado de quem triunfa e, como os ratos, foge da torre que está caindo. Porém, se a Robespierre faltava coragem, nunca lhe faltou orgulho, e este supria, muitas vezes, aquela. Pensativo e com ar impenetrável, atravessou a multidão, apoiando-se sobre o braço de SainJust, e seguido de Payan e de seu irmão.

No momento em que se encontram em sítio aberto, Robespierre rompeu subitamente o silêncio, perguntando:

— Quantas cabeças deviam cair no dia dez?

— Oitenta, — respondeu Payan.

— Ah! Não devemos esperar tanto; um dia pode perder um império; o terrorismo há de servir-nos ainda!

Calou-se por alguns momentos, e o seu olhar percorreu, suspeitamente, a rua.

— Saint-Just, — disse o ditador, — de repente, não acharam esse inglês cujas revelações ou cujo processo teria esmagado os Amars e os Talliens? Não? Ah! Os meus jacobinos se tornam estúpidos e

cegos.

Prenderam uma mulher, só uma mulher!

— Foi uma mulher quem apunhalou Marat, disse Saint-Just. Robespierre parou um pouco, respirando com dificuldade.

— Saint-Just, — disse, depois, — quando tivermos vencido este perigo, fundaremos o Reinado da Paz. Faremos construir casas e jardins para os anciães. David já está esboçando os pórticos. Nomear-se-ão homens virtuosos para ensinarem a juventude. O vício e a desordem não serão exterminados, não! Não! Serão somente banidos! É preciso que não morramos ainda. A posteridade não pode julgar-nos enquanto não tivermos terminado a nossa obra. Temos proclamado a existência do Ser Supremo; agora nos toca reformar este mundo corrompido. Tudo será amor e fraternidade; e, ah! Simon! Simon! Espera! Saint-Just, dê-me seu lápis!

E Robespierre escreveu precipitadamente algumas palavras, dizendo:

— Simon, leva isto ao cidadão presidente Dumas; vai sem demora! Aquelas oitenta cabeças hão de cair amanhã. A amanhã, Simon! Dumas adiantará a sua sentença um dia. Escreverei a Fouquier-Tinville, o acusador público. Simon, esta noite nos veremos no Clube dos Jacobinos; ali denunciaremos a Convenção inteira e reuniremos, em roda de nós, os últimos amigos da liberdade e da França.

Neste momento, ouviu-se ao longe, detrás deles, um brado:

— Viva a República!

Os olhos do tirano brilharam com o fogo da vingança.

— A República! — exclamou ele, com desdém. — Irru! Não destruímos um trono de mil anos para esta canalha!

O julgamento e a execução das vítimas foram antecipados por um dia. Por meio da misteriosa inteligência que até ali o guiara e

animara, Zanoni soube que os seus esforços haviam sido frustrados.

Sabia que Viola estaria salva, se pudesse sobreviver uma hora ao tirano. Sabia que as horas de Robespierre estavam contadas; que no dia 10 de Thermidor, a data que originalmente havia marcado para a execução de Viola estava antecipada por um dia.

Pobre vidente! Quereria fazer-se instrumento do Eterno e o mesmo perigo que ameaça agora o tirano, precipita a condenação das suas vitimas! Amanha, cairão oitenta cabeças e entre elas, a da mulher que dormiu sobre o seu coração! Amanhã! E Maximiliano Robespierre está seguro esta noite!

CAPÍTULO XIII

"Erde mag zurück in Erde stäuben; Fliegt der Geist doch aus dem morschen Haus.
Seine Asche mag der Sturmwind treiben, Sein Leben dauert ewig aus!"
Elegie.

"Em pó convertida, volte terra à terra; o Espírito, apesar disso, voará para fora da frágil casa. Embora o vento da tempestade leve ao longe as suas cinzas, a sua vida perdura eternamente!"

Amanhã! E já está caindo o crepúsculo da noite. Um após outro, aparecem, sorrindo, os meigos astros no céu. O rio Sena, em suas lentas águas, estremece ainda com o último beijo do rosado dia; e no firmamento azul ainda brilham as torres da igreja de Nossa Senhora; e ainda levanta para o azul do firmamento os seus braços a guilhotina, junto à Barreira do Trono.

Num edifício, roído pelo tempo, o qual outrora fora a igreja e o convento dos Irmãos Pregadores, conhecidos então pelo santo nome dos Jacobinos, tinha seu clube o partido que se havia apropriado deste nome. Ali, numa oblonga sala, onde estava antes a livraria dos pacíficos monges, reúnem-se agora os adoradores de Robespierre. Duas imensas tribunas levantadas nos extremos contêm a escória e as fezes do atroz populacho; a maioria deste auditório se compõe das fúrias da guilhotina ("fureis de guillotine").

No meio da sala, está a mesa e a cadeira do presidente, a cadeira, conservada durante muitos anos pela piedade dos

religiosos, como uma relíquia de Santo Thomaz de Aquino! Acima da cadeira, vê-se um áspero busto de Bruto.

Uma lâmpada de folha de Flandres e dois candelabros derramam por aquela vasta sala uma luz opaca e fuliginosa, sob a qual os ferozes semblantes daquele pandemônio parecem ainda mais medonhos e disformes.

Ali, da tribuna do orador, Robespierre fala ao auditório, com sua voz aguda e iracunda.

Ao mesmo tempo, no Comitê dos seus inimigos, tudo é caos e desordem, metade coragem e metade covardia.

Rumores circulam de rua em rua, de casa em casa. As andorinhas voam quase tocando o chão, e os rebanhos se reúnem em grupos, antes da tempestade.

Só, em seu quarto, estava em pé o homem, sobre cuja brilhante juventude, símbolo do imperecível florescimento do calmo ideal no meio da transformadora realidade; as tormentas dos séculos haviam passado em vão.

Todos os esforços que a inteligência e a coragem ordinárias podiam sugerir haviam sido empregados inutilmente; e tais esforços eram frustrados, porque, naquelas saturnais da morte, o objetivo era salvar uma vida. Nada, senão a queda de Robespierre, podia ter salvado suas vítimas. Agora, sendo já demasiado tarde, esta queda só serviria para vingança.

Outra vez, na agonia do excitamento e desespero, Zanoni se havia imergido na solidão, para invocar novamente o auxílio ou o conselho daqueles misteriosos intermediários entre o céu e a terra, que lhe negaram sua assistência quando vivia dominado pelos laços comuns dos mortais. No intenso desejo e na angustia do seu coração, existia, talvez, um poder ainda não experimentado; pois é fato conhecido que a agudeza de extrema dor corta e rompe muitos dos

mais fortes laços da fraqueza e da dúvida que prendem as almas dos homens e as deitam, atadas e impotentes, na escura cela do negro momento; e que da carregada nuvem e tempestade desprende-se, muitas vezes, a águia Olímpica que nos pode transportar às alturas!

E a invocação foi ouvida, as cadeias dos sentidos se romperam para deixar livre a vista interior. Zanoni olhou e avistou não o ser que chamara, o ser com o corpo de luz e com o tranquilo sorriso angélico nos lábios, não o seu familiar Adonai, o Filho da Glória e da Estrela, mas o mau agouro, a negra quimera, o implacável Inimigo que comparecia com seus olhos cintilantes de malícia e de gozo infernal. O espectro, em vez de arrastar-se, como antes, na sombra, levantou-se diante dele, gigantesco e erguido; a sua cara, cujo véu nunca foi levantado por mão humana, permanecia ainda coberta, porém a sua forma era mais distinta e corpórea, espalhando, em redor de si, o horror, a ira e o espanto. Gelando o ar o seu alento, o Espectro inundou, como uma nuvem, o quarto, obscurecendo as estrelas do céu.

— Olhe! — disse a voz, — aqui estou outra vez. Arrebatou-me uma presa de menor importância; agora, escape você mesmo do meu poder A sua vida o abandonou, para viver no coração de uma filha do barro e do verme. Por meio dessa vida, eu venho a ti com meus inexoráveis passos. Voltou ao umbral, aquele cujos pés pisaram as bordas do Infinito! E como o duende de sua fantasia se apodera da criança na escuridão, assim, ó homem poderoso, que pretendeu vencer a morte, eu me apodero de si!

— Para trás! À sua guarida, escravo! Se compareceu à minha voz que não o chamou, não é para mandar, mas para novamente obedecer. A ti, de cujo murmúrio obtive o meio de salvar as vidas que me são mais caras do que a minha, eu ordeno, não por meio de feitiço ou encanto, mas pela força de uma alma mais poderosa do

que a malícia do seu ser, que me sirva ainda, e que me revele o segredo que pode salvar as vidas que, com a permissão do Senhor Universal, você permitiu reter, algum tempo, no seu templo de pó terrestre!

Com fogo mais luzente e mais devorador arderam os horríveis olhos do espetro; a sua colossal forma dilatou-se e tornou-se mais visível; e, com um ódio ainda mais feroz e mais desdenhoso, respondeu a sua voz:

— Pensou que o favor que lhe fiz, pode trazer-lhe outra coisa que maldição? Teria sido feliz, se tivesse chorado sobre mortes enviadas pela branda mão da Natureza, se não tivesse nunca sabido como o nome de mãe santifica a face da beleza, e se nunca, inclinando-se sobre seu filho, tivesse sentido a imperecível doçura do amor de pai! As vidas deles foram salvas, para que? A mãe, para sofrer a morte violenta, ignominiosa e sanguinolenta, da mão do verdugo, que cortará aqueles brilhantes cabelos que enredaram os seus beijos de noivado! O filho, o primeiro e o último da sua prole, em quem esperou fundar uma raça que contigo ouvisse a música das harpas celestiais, e que voasse, ao lado do seu familiar Adonai, pelas azuladas regiões de alegria, esse filho viverá alguns dias num negro calabouço, como um cogumelo vive a sua existência efêmera num cemitério, e morrerá de fome, abandonado pela crueldade. Ah! Ah! Você, que queria burlar a morte, aprenda agora como morrem os seres imortais, quando se atrevem a amar uma criatura mortal. Agora, caldeu, contemple os meus favores! Eu o envolvo na peste da minha presença, e apodero-me de ti! De agora para sempre, até que haja perecido a sua longa raça, os meus olhos arderão no seu cérebro, e os meus braços o apertarão, quando, para fugir do abraço da Noite, quiser remontar-te nas asas da Manhã!

— Eu lhe digo que não! — respondeu Zanoni. — E outra vez lhe

ordeno que fale e. responda ao senhor que pode mandar o seu escravo. Ainda que me falte a minha ciência, e as flechas, sobre as quais me tenho debruçado, trespassem o meu peito, eu sei que as vidas que defendo, podem ser salvas da mão do verdugo. Em vão obscurece o seu futuro com sua sombra; não pode determiná-lo. Você pode prever o antídoto; pode fazer com que o veneno não aja. E, ainda que lhe torture, a minha ordem, arrancarei de ti o segredo de tua salvação. Eu me aproximo de ti, e, impávido, fito os seus olhos. A alma que ama pode arriscar tudo.

— Sombra, eu desafio e ordeno que me obedeça!

A sombra minguou e recuou. Como a névoa se desvanece quando os raios do sol nela penetram, o espectro se retirou para um canto do quarto, onde ficou acocorado, deixando livre a janela, pela qual penetravam os raios das estrelas.

— Sim, — disse a voz, com acento débil e oco, — pode salvá-la da mão do verdugo; pois está escrito que quem se sacrifica, pode salvar. Ah! Ah!

E a sombra tornou a erguer-se em toda a sua gigantesca estatura, rindo com infernal alegria, como se o Inimigo, iludido por um momento, houvesse recobrado o seu poder.

— Ah! Ah! Pode salvar a vida deles, se quiser sacrificar a sua! É para isto que tem vivido tantos séculos, e tem visto esmigalharem-se tantos impérios e desaparecer tantas gerações! Por fim, reclama a morte!

Quer salvar a mulher? Morre por ela! Cai, forte coluna, sobre a qual poderiam brilhar estrelas ainda não formadas! Cai, para que a erva que cresce a seus pés possa beber por mais algumas horas a luz do sol e o orvalho! Silêncio! Está pronto para o sacrifício! Olha, a lua caminha pelo firmamento. Formoso sábio mandar-lhe-á que sorria amanhã sobre o seu corpo sem cabeça?

— Para trás! A minha alma, ao responder da profundidade em que não lhe é dado ouvi-la, reconquistou a sua glória, e eu ouço as asas de Adonai que, com uma harmoniosa música, fendem os ares.

A estas palavras, o Espetro, lançando um grito rouco de impotente raiva e ódio, desapareceu, enquanto uma repentina e radiante luz argenta inundava o quarto até então em trevas.

Quando o visitante celeste, na atmosfera do seu próprio resplendor, dirigiu o seu olhar à face do Teurgo, com um aspecto de inefável ternura e amor, todo o espaço parecia iluminado pelo seu sorriso. Do quarto em que se havia detido, até a estrela mais distante, no espaço azul, parecia como se, no sereno ar, estivessem visíveis os rastros do seu vôo, deixando ali um prolongado esplendor, semelhante à coluna da luz lunar sobre o mar. Como a flor difunde o perfume, que e o alento de sua vida, assim a emanação daquela aparência espalha a alegria. O Filho da Glória descera ao mundo ao lado do amor, com a velocidade milhares de vezes maiores do que a luz e a eletricidade, e as suas asas derramavam a delícia como a manhã derrama as gotas de orvalho. Naqueles breves instantes, a Pobreza cessou de lamentar-se, a Enfermidade abandonou a sua presa, e a Esperança soprou um sonho do Céu nas trevas do Desespero.

— Tem razão, — disse a melodiosa voz. — A sua coragem restabeleceu o seu poder. Outra vez a sua alma consegue que eu desça à terra para vir a seu lado. Mais sábio é agora, no momento em que compreende a Morte, do que quando o seu livre espírito aprendia o solene mistério da Vida; as afeições humanas que, por alguns instantes, o escravizaram e humilharam, trazem-no nestas últimas horas da sua mortalidade, a mais sublime herança da sua raça, — Eternidade que começa na tumba.

— Ó Adonai! — exclamou o caldeu, quando, envolto no

esplendor do visitante, se sentia rodeado de uma glória mais radiante do que a da maior beleza humana, e parecia já pertencer à Eternidade que o Ser Luminoso lhe anunciava, como os homens, antes de morrer, veem e compreendem enigmas que lhes foram desconhecidos durante a sua vida. — Assim, nesta hora, quando o sacrifício de mim mesmo, em favor de outro ser, traz o curso dos séculos à sua meta, vejo a pequenez da Vida, comparada com a majestade da Morte. Porém, ó Divino Consolador, ainda aqui, ainda em sua presença, as afeições que me inspiram enchem-me de tristeza, ao pensar que deixo neste mundo mau, sem amparo e sem proteção, os seres pelos quais morro! A minha esposa! O meu filho! Oh! Fala, Adonai! Consola-me sobre esta dúvida!

— Como? — respondeu o Filho da Luz, com um leve acento de repreensão, mesclado de celestial compaixão. — Com toda a sua sabedoria e com seus sublimes segredos, com todo o império do seu passado e com as suas visões do futuro, que é você para o Onisciente Diretor de todos os mundos?

Pode imaginar que a sua presença, na terra, dará aos corações que ama o amparo que o mais humilde recebe das asas da Presença de Aquele que vive no Céu? Não tema pelo seu futuro. Tanto se viver como se morrer o seu porvir está ao cuidado do Altíssimo! Até no calabouço e no cadafalso penetra o Eterno Olho daquele que é mais terno do que você para amar, mais sábio para guiar, mais poderoso para salvar!

Zanoni inclinou a cabeça; e, quando tornou a levantá-la, a sua fronte estava serena, e tranquilo o seu olhar.

Adonai havia desaparecido; porém, o quarto parecia estar ainda cheio da glória de sua presença, e o solitário ar parecia murmurar ainda com trêmula delícia. E tal será sempre a, dita daqueles que, desprendendo-se inteiramente da vida, receberam a visita do Anjo

da Fé. A solidão e o espaço retém o esplendor, que se fixará como uma brilhante auréola, em roda das suas sepulturas.

CAPÍTULO XIV

"Dann zur Blumenflor der Sterne Aufgeschauet liebewarm, Fass'ihn freundlich Arm in Arm, Trag'ihn in die blaue Ferne".
Uhland, "An den Tod"

"Depois, levantando os olhos afetuosos aos jardins das estrelas, segura-o amistosamente, braço em braço, e leva-o às distantes regiões azuis".
Uhland, "Á Morte"

Zanoni estava em pé, no alto do balcão, de onde se avistava toda a cidade, que parecia quieta. Embora, longe dali, as mais ferozes paixões dos homens se agitassem, provocando luta e morte, tudo o que estava ao alcance de sua vista estava silencioso e calmo, sob os prateados raios da lua de verão. A alma do vidente, esquecendo naquele momento, o homem e a sua estreita esfera, contemplava outros mundos, mais serenos e mais gloriosos. Sozinho e pensativo, permanecia Zanoni ali, para dar o último adeus de despedida à maravilhosa vida que havia conhecido.

Atravessando os dilatados campos do espaço, via as diáfanas sombras, de cujos alegres coros tantas vezes participara o seu espírito. Ali, grupo sobre grupo, formavam elas multiformes círculos na estrelada e silenciosa abóbada, na indizível beleza de seres que se alimentavam de ambrosíaco orvalho e da mais serena luz. Neste seu êxtase, parecia ao vidente que o universo inteiro se estendia diante dos seus olhos.

Lá ao longe, nos verdes vales, via as danças das fadas; nas

entranhas das montanhas, a raça que sopra o escuro ar dos vulcões, fugindo da luz do céu; em cada folha das inumeráveis florestas, em cada gota de água dos imensos mares, descobria um mundo separado e cheio de vida; e, no mais distante azul do alto espaço, divisava orbe sobre orbe, amadurecendo em forma, e planetas que, saindo do fogo central, iam correr o seu dia de mil anos. Pois, em todas as partes, na Criação, está o sopro do Criador, e, em cada lugar onde o alento respira, há vida! Só na distância do espaço Zanoni viu o solitário Mago, o seu irmão de ciência. No meio das ruínas de Roma, trabalhando com seus números e a sua Cabala, calmo e sem paixões, está sentado, em sua cela, o místico Mejnour, que vive e viverá enquanto existir o mundo, indiferente se a sua ciência produz bem ou mal; um agente mecânico de uma vontade mais terna e mais sábia, que guia cada coisa e cada fato a seus inescrutáveis desígnios. Mejnour vive, e vivera sempre, como a ciência que só suspira pelos conhecimentos, sem se deter para considerar se o saber aumenta e felicidade, nem para ver como o carro do progresso humano, passando pelas estradas da civilização, esmaga em sua marcha tudo o que não pode agarrar-se às suas rodas. Sempre, com a sua Cabala e com os seus números, Mejnour vive para mudar, com seus insensíveis movimentos, a face do mundo habitável!

— Adeus, ó vida! — murmurou o estático visionário. — Quão doce ó vida, sempre me tem sido! Quão insondáveis as suas alegrias! Com que prazer a minha alma tem se elevado às sendas que conduzem às imensas alturas! Para aquele que renova perpetuamente a sua juventude na clara fonte da Natureza, quão esquisita é a mera felicidade de "existir"! Adeus ó lâmpadas do céu! Adeus, milhões de tribos que povoais os ares! Não há um só átomo nos raios solares, uma semente arrojada pelo venta no deserto, que não tenha contribuído para a minha ciência, que procurou sempre

em tudo o verdadeiro princípio da vida, o Belo, o Alegre, o Imortal. Outros localizaram a sua morada num país, numa cidade, numa casa; a minha morada tem sido sempre no espaço, até onde podia penetrar o meu intelecto, ou onde podia respirar o meu espírito.

Zanoni calou-se, e, atravessando o imensurável espaço, os seus olhos e o seu coração, penetrando no negro calabouço, fixaram-se sobre o seu filho. O inocente dormia nos braços da pálida mãe, e a alma do pai falou à alma do anjinho adormecido:

— Perdoe-me, meu filho, se o meu desejo foi um pecado. Eu sonhei educá-lo e dirigi-lo aos mais divinos destinos que as minhas visões podiam prever. Sonhei que cedo, logo que pudesse ter preservado a sua parte mortal do perigo das enfermidades, teria purificado de todo pecado a sua forma espiritual; que o conduziria de um céu a outro, por meio dos santos êxtases que constituem a existência das ordens de seres que habitam as altas regiões etéreas; que, das suas sublimes afeições, teria feito a pura e perpétua comunicação entre a sua mãe e mim. Este sonho não foi mais do que um sonho, e desvaneceu-se!

Achando-me à borda do túmulo, sinto, por fim, que, nas portas da morte, está a verdadeira iniciação que conduz à santidade e à sabedoria. Do outro lado dessas portas, eu as aguardarei a ambas, amadas peregrinas!

No meio das ruínas de Roma, só em sua cela, absorto pela sua Cabala e os seus números, parou Mejnour no estudo em que estava imerso, os seus olhos se dirigiram às estrelas e, pelo espírito sentiu que o espírito do seu distante amigo o chamava.

— Adeus para sempre, neste mundo, Mejnour! O seu último companheiro despede-se de ti. A sua idade madura sobrevive a todas as juventudes; e o dia do fim do mundo o achara contemplando ainda as nossas tumbas. Eu me decidi, de minha

espontânea e livre vontade, a passar à terra da escuridão; porém, novos sóis e novos sistemas brilham ao redor de nós, por quem me despojo do meu barro, e serão meus companheiros por toda a eterna juventude. Finalmente, reconheço a verdadeira prova iniciática e a verdadeira vitória. Mejnour joga para longe de ti o seu elixir! Depõe o seu peso dos anos! Por toda a parte onde a nossa alma possa caminhar, a Alma Eterna de todas as coisas sempre a protege!

CAPÍTULO XV

"Ils ne veulent plus perdre un moment d'une nuit si precieuse". Lacretelle, tomo XII.

"Não querem perder nem um momento de uma noite tão preciosa".

Era já muito tarde, da noite, quando René François Dumas, o presidente do Tribunal Revolucionário, voltou à sua casa, de regresso do Clube dos Jacobinos. Acompanhavam-no dois homens, dos quais se podia dizer que um representava a força moral, e outro a força física do Reinado do Terror: Fouquier-Tinville, o acusador público, e François Henriot, o general da Guarda Nacional de Paris. Este formidável triunvirato se reunia para tratar de negócios do dia seguinte; e as três irmãs feiticeiras, ao redor da sua caldeira infernal, não se sentiam talvez animadas de pensamentos mais malvados, nem projetavam desígnios mais execráveis, do que estes três heróis da Revolução, em sua premeditada matança do dia seguinte.

Dumas havia mudado muito pouco de aspecto desde o tempo em que, no princípio desta narrativa, foi apresentado ao leitor; as suas maneiras eram, sem embargo, algum tanto mais enérgicas e severas, e o seu olhar mais inquieto. Contudo, ao lado dos seus companheiros, parecia quase um ser superior. René Dumas, nascido de pais respeitáveis é um homem bem educado, apesar da sua ferocidade, conservava, em suas maneiras, certo refinamento, e uma elegância no seu exterior, qualidades que, talvez, o faziam mais aceitável ao preciso e formal Robespierre.

Henriot, porém, havia sido um lacaio, depois um ladrão e, mais tarde, um espião da policia. Este homem bebeu o sangue de Madame de Lamballe, e devia a sua elevação somente ao seu rufianismo.

Fouquier-Tinville, filho de um agricultor provincial e, depois, escrivão na Secretaria da Polícia, era de maneiras pouco menos baixas, e afetava certa repugnante bufoneria em sua conversação. Era homem de limitada capacidade, tendo uma cabeça enorme, cabelo preto e sempre bem penteados, uma testa estreita e lívida; os seus pequenos olhos piscavam com uma sinistra malícia. A suas formas robustas e toscas o faziam parecer o que era: o audaz campeão de um tribunal déspota, ilegal e infatigável.

Dumas espevitou as velas e inchou-se sobre a lista das vítimas do dia seguinte.

— É um longo catálogo, — disse o presidente; — oitenta julgamentos num só dia! E as ordens de Robespierre para despachar toda esta fornada são terminantes.

— Ora! — retrucou Fouquier, com uma estrepitosa gargalhada; — havemos de julgá-los em massa. Sei bem como devo proceder diante dos nossos jurados. Bastará dizer: "Cidadãos, eu penso que estão convencidos dos crimes dos acusados!" Ah! Ah! — quanto mais longa é a lista, mais curto será o trabalho.

— Oh! Sim! — rosnou Henriot, meio ébrio, como de costume, recostando-se em sua cadeira e pondo sobre a mesa os tacões das botas com esporas. — Tinville é o homem que sabe despachar.

— Cidadão Henriot, — disse Dumas, com gravidade, — peço-lhe que me faça o favor de buscar outro escabelo para pôr nele os seus pés. Quanto ao demais, permita que o advirta que amanhã é um dia muito crítico e meio importante, no qual vai se decidir o destino da França.

— Vou comer um figo à saúde da minha querida França! Viva o

virtuoso Robespierre, o apoio da República! Porém, esta discussão é muito seca. Não tem um pouco de aguardente naquele armariozinho?

Dumas e Fouquier trocaram olhares de desgosto. O presidente, encolhendo os ombros, replicou:

— Cidadão general Henriot, se lhe fiz vir cá, foi para evitar que bebesse aguardente. Escute-me, se pode!

— Oh, fala, fala, quanto quiser! É o seu ofício. O meu é bater-me e beber.

— Então lhe advirto que amanhã todo o populacho se lançara à rua, e que todas as facções se porão em movimento. É bem provável que tentem deter os carros dos sentenciados, quando estes se dirigirem para a guilhotina. Tem armada e preparada a sua gente, e mata sem compaixão todos os que se atrevam a interromper o curso da justiça.

— Compreendo, — disse Henriot, acariciando a sua espada de um modo que Dumas ficou meio sobressaltado. — O sombrio Henriot não é do partido dos Indulgentes!

— Não o esqueça, pois, cidadão! Não o esqueça! E, escuta, — acrescentou o presidente, com ar grave e sombrio, — se prezas a sua cabeça, deixa de beber aguardente!

— Minha cabeça! Mil raios! Atreve-se a ameaçar o general do exército de Paris?

Dumas, que, como também Robespierre, prezava a pontualidade e era homem bilioso e arrogante, ia replicar de uma forma desagradável, quando o astuto Tinvihle, pondo-lhe a mão sobre o braço e voltando-se para o general, disse:

— Meu querido Henriot, é preciso que o seu intrépido republicanismo, que está demasiado pronto a cometer ofensa, se acostume a aceitar uma repreensão do representante da Lei

Republicana. Falo-lhe seriamente, meu caro: é indispensável que seja sóbrio por estes três ou quatro dias; quando houver passado a crise, esvaziaremos uma garrafa. Vem cá, Dumas; deixe a sua austeridade e aperte a mão do nosso amigo. Não deve haver desavenças entre nós!

Dumas hesitou um instante; porém, afinal, estendeu a mão ao general rufião, o qual a apertou, fazendo, entre lágrimas e soluços de embriaguez, mil protestos de civismo e prometendo ser sóbrio naqueles dias.

— Bem, meu general, — disse Dumas, — confiamos em ti; e agora, posto que amanhã teremos todos a necessidade de nosso vigor, vai a casa e dorme bem.

— Sim, Dumas, — respondeu Henriot, — eu lhe perdôo; eu lhe perdôo. Não sou vingativo. Porém, se um homem me ameaça, se um homem me insulta...

E, com as mudanças repentinas de ideias produz a embriaguez, os seus olhos tornaram a brilhar de ira, através das asquerosas lágrimas. Depois de grandes esforços, conseguiu Fouquier aplacar esse homem feroz e levá-lo para fora do quarto. Porém, como sucede ao carnívoro que tem que abandonar a presa, Henriot grunhiu, assanhado, enquanto descia pela escada. Na rua, um soldado, montado, fazia o cavalo de Henriot passear para cima e para baixo; e enquanto o general esperava, à porta, que a sua ordenança voltasse, aproximou-se dele um desconhecido que estivera encostado à parede, e disse-lhe:

— General Henriot, desejo falar-lhe. Depois de Robespierre, é ou deveria ser o homem mais poderoso na França.

— Hum! É verdade, deveria sê-lo. Porém, que fazer? Nem todos os homens são o que merecem ser.

— Chiton! — continuou o desconhecido. — O seu soldo não é

proporcional à sua posição nem às suas necessidades.

— É verdade.

— Até numa revolução, a gente não deve descuidar a sua fortuna.

— Diabo! Explique-se, cidadão.

— Eu tenho aqui mil peças de ouro, serão suas, se me conceder um pequeno favor.

— Concedo, cidadão! — respondeu Henriot, agitando sua mão, majestosamente. — Quer, talvez, que denuncie algum maroto que o ofendeu?

— Não; é simplesmente o seguinte: Escreva ao presidente Dumas estas poucas palavras: "Receba o portador e, se puder, conceda-lhe o que ele lhe pedir; pelo que lhe ficará muito grato François Henriot".

Enquanto o desconhecido falava, pôs lápis e papel nas mãos trêmulas do general.

— E onde está o ouro? —- perguntou este.

— Aqui, — respondeu o desconhecido.

Henriot, não sem bastante dificuldade, escreveu, com péssima letra, as palavras que lhe foram ditadas, agarrou e guardou o dinheiro, montou a cavalo e ausentou-se.

Entretanto, Fouquier, depois de ter fechado a porta do gabinete detrás de Henriot, disse com azedume:

— Como pôde cometer a loucura de irritar esse brigão? Não sabe que as nossas leis não valem nada sem a força física da Guarda Nacional, e que ele é seu chefe?

— O que sei — respondeu Dumas — é que Robespierre devia estar louco quando pôs esse bêbado à frente da Guarda Nacional; e não se esqueça das minhas palavras, Fouquier: se vier o caso de termos que lutar, a incapacidade e covardia desse homem nos

destruirá. Sim, talvez tenha que acusar ainda o nosso querido Robespierre, e perecer em sua queda.

— Pois, por isso mesmo, devemos estar bem com Henriot, até que se nos apresente uma ocasião para prendê-lo e cortar-lhe a cabeça. Para estarmos seguros, é mister que o lisonjeemos, tanto mais, quanto mais desejamos depô-lo. Não penses que este Henriot, quando despertar amanhã, esquecerá as suas ameaças. É o homem mais vingativo que conheço. Deve mandar chamá-lo amanhã e abrandá-lo!

— Tens razão, — disse Dumas, convencido. — Agi precipitadamente; e agora penso que não temos nada mais que fazer, visto que já decidimos despachar de uma vez a leva da manhã. Vejo na lista um rapaz que eu havia apontado desde muito tempo, apesar de que o seu crime me valeu outrora uma herança; falo de Nicot, esse discípulo de Hébert.

— E o jovem poeta André Chenier? Ah! Esquecia-me; hoje o decapitamos! A virtude republicana está em seu apogeu; pois foi seu irmão que no-lo abandonou.

— Há na lista uma estrangeira, uma italiana; porém, não encontro acusação feita contra ela.

— Não importa; devemos guilhotiná-la para que a conta seja redonda; oitenta soa melhor do que setenta e nove!

Neste momento, entrou um porteiro, trazendo o papel com o pedido de Henriot.

— Ah! Que feliz acaso! — disse Tinville, depois de ler o bilhete que Dumas lhe mostrou. — Satisfaça-lhe o pedido, uma vez que não seja para diminuir o nosso catálogo. Porém, hei de fazer justiça a Henriot sobre este ponto; pois ele nunca diminui, mas, pelo contrário, acrescenta a número nas listas. Boa noite! Estou cansado, a minha escolta me espera lá em baixo. Só em ocasiões como esta me

atrevo a sair de noite à rua.

E Fouquier, com um prolongado bocejo, saiu do quarto.

— Que entre o portador! — ordenou Dumas, que, murcho e seco, como costuma ser a maior parte dos advogados, parecia tão pouco suspirar pelo sono, como os seus pergaminhos.

O desconhecido entrou no gabinete do presidente.

— René François Dumas, — disse ele, sentando-se em frente do juiz e adotando a propósito o plural, como quisesse demonstrar que desprezava a geringonça revolucionária; — no meio das excitantes ocupações que absorvem a sua vida, não sei sim se recorda que já nos temos visto?

O juiz se pôs a examinar atentamente as feições do seu visitante, e, com um leve rubor nas suas pálidas faces, respondeu:

— Sim cidadão, me recordo.

— Então, lembre-se das palavras que eu pronunciei naquela ocasião! O Senhor falava de um modo terno e filantrópico, do horror que lhe inspirava a pena capital. Aguardava com ânsia a próxima Revolução para ver terminar todos os castigos sanguinários, e citou com reverência as palavras de Maximiliano Robespierre, que então começava a sua carreira de estadista: "O verdugo é invenção do tirano"; e eu repliquei que, enquanto estava assim falando, um pressentimento me dizia que tornaríamos a encontrar-nos, quando as suas ideias sobre a morte e a filosofia das revoluções estivessem muito mudadas! Tinha eu razão, cidadão René François Dumas, presidente do Tribunal Revolucionário?

— Ora! — disse Dumas, visivelmente confuso. — Eu falava então como o fazem os homens que não tiveram ocasião de agir. As revoluções não se fazem com água de rosas! Porém, deixemos de recordar-nos das conversações tão remotas. Eu me lembro também que salvou, naquela ocasião, a vida de um parente meu, e tenho o

prazer de dizer-lhe que o homem que tentou assassiná-lo será guilhotinado amanhã.

— Isso concerne a ti, a sua justiça ou sua vingança. Permita-me, agora, o egoísmo de recordar-lhe que, naquele tempo, me prometeu que, se algum dia se apresentasse ocasião de servir-me, a sua vida, sim, as suas palavras foram: "o seu sangue, estaria à minha disposição. Não pense, austero juiz, que venho pedir-lhe um favor que possa afetar-lhe a si mesmo, somente peço-lhe que suspenda por um dia a sentença de uma pessoa!".

— É impossível, cidadão! Tenho ordem de Robespierre para que amanhã sejam julgados, sem faltar um só, todos os réus da respectiva lista. Quanto à sentença, depende dos jurados!

— Não lhe peço que diminua o catálogo. Escute-me. Em sua lista de morte se acha o nome de uma italiana, cuja juventude, beleza e inocência não farão mais do que excitar a compaixão, em vez do terror.

O Senhor mesmo estremeceria ao pronunciar a sua sentença. Seria perigoso, num dia em que a plebe andará agitada, quando os seus carros com sentenciados podem ser detidos, expor a juventude, a inocência e a beleza à piedade e à coragem de uma multidão amotinada.

Dumas levantou a cabeça, mas não pôde resistir ao olhar, do estrangeiro.

— Não nego, cidadão, que há razão no que diz; porém as minhas ordens são terminantes.

— Terminantes somente quanto ao número das vítimas. Porém, eu lhe ofereço um substituto pela dita mulher. Eu lhe darei, em troca, a cabeça de um homem que sabe tudo o que diz respeito à conspiração que ora ameaça Robespierre e a si mesmo. Esta cabeça vale para si até mais do que oitenta vidas ordinárias.

— Isto é coisa diferente, — disse Dumas, avidamente; pode se fazer o que acaba de dizer, suspenderei, sob a minha própria responsabilidade, o julgamento da italiana. Quem é o substituto?

— Tende-o diante de si!

— O Senhor? — exclamou Dumas, e um temor que não podia reprimir revelava a sua surpresa. — E vem a mim, só, e de noite, para entregar-se à justiça?! Ah! Isto é uma armadilha. Treme, louco! Está em meu poder, e posso fazer perecer ambos!

— É verdade, — disse o desconhecido, com calmo e desdenhoso sorriso, — porém a minha vida lhe seria inútil sem as minhas revelações. Sente-se, eu te ordeno, escute-me!

E a luz daqueles intrépidos olhos impressionou o juiz tanto, que, aterrorizado e como fascinado, obedeceu.

O desconhecido continuou:

— O senhor me transportará à prisão, fixará o meu julgamento, sob o nome de Zanoni, na leva de amanhã.

Se as minhas revelações não lhe satisfizerem, tem como refém a mulher pela qual morro. Não lhe peço senão que suspenda o seu julgamento por um só dia. No dia depois da amanhã, eu terei deixado de existir, e poderei fazer cair a sua vingança na vida dela... Como? Juiz e condenador de milhares hesita?

Pensa que o homem que se entrega voluntariamente à noite poderá ser intimidado para que, no seu tribunal, pronuncie uma silaba contra a sua vontade? Não tem ainda suficientes provas da inflexibilidade do orgulho e da coragem? Presidente, aqui tem o tinteiro e o papel. Escreva ao carcereiro que se suspenda por um dia o castigo da mulher, cuja vida nada lhe pode servir, e eu levarei a ordem de minha prisão. Sim, leva-la-ei eu, que à conta do que lhe posso comunicar, lhe digo, juiz, que o seu nome está também escrito numa lista de morte. Eu conheço a mão que escreveu esse nome; eu

sei em que parte da cidade ameaça o perigo; posso dizer-lhe de que nuvem, nesta carregada atmosfera, pende a tempestade que se desencadeará sobre o Robespierre o seu criado!

Dumas empalideceu; e os seus olhos em vão se esforçavam para escapar ao magnético olhar que o dominava. Mecanicamente, e como impelido por uma vontade que não era a sua, o juiz escreveu o que o desconhecido lhe ditou.

—Bem! — disse Dumas, ao concluir, com um forçado sorriso. — Eu lhe prometi que serviria; já vê que cumpri a palavra. Suponho que é um desses loucos sensitivos, desses que professam a virtude anti revolucionária, dos quais vi comparecer não poucos perante o meu tribunal. Irra! Enfastia-me ver essas pessoas que fazem alarde da sua falta de civismo, e perecem para salvar algum mau patriota, porque é seu filho, ou pai, ou sua mulher, ou filha.

— Eu sou um desses loucos sensitivos, — disse o desconhecido, levantando-se. — Adivinhaste-o.

— E em troca do serviço que lhe faço, não fará esta noite as revelações que guarda para amanhã? Venha; diga-o, e talvez receba, — e a mulher também — o perdão, em vez da suspensão da sua sentença.

— Não falarei senão diante do seu tribunal! Nem quero enganá-lo, presidente. Pode ser que a minha revelação não lhe seja de utilidade alguma; e que, enquanto eu mostre a nuvem, o raio já esteja caindo.

— Ora! Profeta tem cuidado de si mesmo! Vai, louco, retire-se! Conheço demasiado a costumas obstinação da classe, à qual suspeito que pertence, para perder mais tempo com palavras! Diabo! Porém, vocês estão tão acostumados a ver a morte, que até esquecem o respeito que se lhe deve. Posto que me oferece a sua cabeça, eu a aceito. Amanhã talvez se arrependa; será, porém, demasiado tarde.

— Sim demasiado tarde, presidente! — respondeu o calmo visitante.

— Porém, lembre-se que não lhe prometo que essa mulher será perdoada, mas apenas que a sua sentença será adiada por um dia. Conforme me satisfizer amanhã, viverá ou morrerá. Sou franco, cidadão; a sua sombra não terá que me aparecer por falta de cumprimento da minha palavra.

—Só lhe pedi um dia de dilação; o resto deixo à justiça e ao céu. Seus beleguins esperam lá fora.

CAPÍTULO XVI

"Und den Mordstahl sehích blinken; Und das Mörderange glühn!"
Kassandra.

"E vejo reluzir o aço assassino, e arder o olho do homicida!"

Viola estava num cárcere que não se abria senão para os que já eram sentenciados antes de serem julgados. Desde que se separara de Zanoni, parecia que o seu intelecto se havia paralisado. Toda aquela formosa exuberância de imaginação que, se não era o fruto do gênio, assemelhava-se, ao menos, à sua florescência; todo aquele caudal de esquisitas ideias que, como Zanoni lhe dissera, manavam com mistérios e sutilezas, novos até para ele, o homem sábio, tudo aquilo havia desaparecido, estava aniquilado; as flores murchavam, a fonte estava seca. Da altura quase superior à que uma mulher pode alcançar, parecia cair em um plano mais baixo do que o da infância. As inspirações haviam cessado desde o instante em que faltara o inspirador; e, desertando ao amor, perdeu também o contato do gênio.

Viola nem compreendia bem porque fora assim arrebatada de sua casa e do mecanismo das rudes pessoas compassivas que atraídas por sua admirável beleza, a rodeavam na prisão, contemplando-a com olhar triste, mas com palavras de consolo.

Ela, que até então havia aborrecido os que a lei condena por crime, admirava-se de ouvir que seres tão compassivos e ternos, com frontes serenas e erguidas, com fisionomias agradáveis e gentis, fossem criminosos, para quem a lei não tinha outro castigo mais benigno do que a morte. Porém, os selvagens, de semblante sinistro e

ameaçador, que a haviam tirado de sua morada, que haviam intentado arrancar-lhe o filho de seus braços e que se riam e burlavam do seu mudo desespero, esses eram os cidadãos escolhidos, os homens virtuosos, os favoritos do poder, os ministros da lei! Tais são os seus negros caprichos, ó Juízo Humano, sempre alternável e calunioso!

Os cárceres daqueles dias continham, uma multidão de gente esquálida, porém alegre. Ali, como na sepultura que as aguardava, todas as classes sociais se encontravam mescladas, com visível desdém. E, sem embargo, ainda ali reinava o respeito que nasce das grandes emoções e da primeira, imorredoura, a mais amável e a mais nobre lei na natureza, que é a desigualdade entre homem e homem! Ali, os presos, fossem realistas ou "sansculottes", davam lugar à idade, à inteligência, à fama, à beleza e a força, com sua inata fidalguia, se punha ao serviço dos desamparados e dos fracos. Os nervos de ferro e os braços de Hércules abriam passo para a mulher e a criança; e as graças da humanidade, expulsas de todas as outras partes, achavam seu refúgio na mansão do terror.

— E porque a trouxeram aqui, minha filha! — perguntou a Viola um velho sacerdote, de cabelos brancos.

— Não o sei; respondeu ela.

— Ah! Ignora seu delito, tanto pior!

— E o meu filho? — perguntou Viola; pois a criança ainda dormia em seus braços.

— Ah! Pobre e jovem mãe! Eles o deixarão viver!

— E para isto, — para vir a ser órfão e estar na prisão! — murmurou a consciência acusadora de Viola, — para isso reservei o seu rebento, Zanoni! Oh! Nem em pensamento me pergunte o que tenho feito do seu filho que de ti arrebatei!

Veio a noite; os presos se precipitaram para a grade, para

ouvirem a lista dos sentenciados, que, na linguagem escarnecedora de então, se chamava "a gazeta da tarde". O nome de Viola estava entre os condenados à guilhotina. E o velho sacerdote, melhor preparado para morrer, porém ao qual não havia ainda chegado a sua hora, pôs as mãos sobre a cabeça da infeliz, e deu-lhe benção, mesclada com lágrimas.

Viola ouviu, pasmada, porém sem chorar. Com os olhos abaixados; com os braços cruzados sobre o peito, inclinou, submissa, a cabeça. Neste momento, pronunciaram outro nome da lista; e um homem, que havia aberto o passo, a viva força, até aquele lugar, para ver ou para escutar, lançou um uivo de desespero e raiva. Viola volveu a cabeça, e os seus olhos se encontraram com os desse homem. Apesar do tempo que havia transcorrido, a pobre mulher reconheceu o asqueroso semblante de Nicot, sobre o qual apareceu um sorriso diabólico.

— Ao menos, formosa italiana! — exclamou o pintor, — nos unirá a guilhotina! Oh! Dormiremos bem a nossa noite nupcial!

E soltando uma gargalhada, retirou-se, por entre a multidão para a sua cama.

Viola foi levada para a sua lúgubre cela; ali ficaria até a manhã seguinte. Haviam-lhe deixado ainda o filho; e ela, olhando o semblante da criança, tinha um sentimento que lhe dizia que o pequeno sabia quão terrível era a condição em que se achavam. No trajeto de sua casa à prisão, a criança não havia gemido nem chorado; havia olhado, com seus olhos claros e firmes, os reluzentes piques e as sinistras caras dos esbirros. E agora, no calabouço, abraçava meigamente o pescoço da mãe, murmurando sons indistintos, em voz baixa e suave, como uma linguagem, desconhecida de consolo, provinda do céu. E, efetivamente, vinha do céu essa linguagem, pois ao ouvir o doce murmúrio, o terror se

desvaneceu do coração da mãe; e a voz querubim, falando por meio desse murmúrio, lembrava-lhe que elevasse o coração às alturas, onde os felizes serafins cantam a misericórdia do Infinito Amor. Viola ajoelhou-se e orou. Os despojadores de tudo o que embeleza e santifica a vida, haviam profanado o altar e negado a existência de Deus; e deixavam as suas vítimas, na última hora, sem um sacerdote, sem um livro sagrado e sem um crucifixo!

Mas a Fé sabe edificar, no calabouço e no lazareto, seus sacrários mais sublimes; e, por entre os tetos de pedra, que cerram aos olhos a vista do Céu, se eleva a escada por onde sobem e descem os anjos, a escada, formada pela prece.

Em outra cela, contígua à sua, está o ateu Nicot, sentado e estólido no meio da obscuridade, acariciando a ideia de Danton, de que a morte é o nada. Este homem não apresenta o aspecto de uma consciência atemorizada e perturbada! O remorso é o eco de uma virtude perdida, e ele não havia conhecido nunca a virtude. Se continuasse a viver, viveria da mesma forma como até então. Porém, muito, mais terrível do que o leito de morte de um crente e desesperado pecador é essa escura apatia, essa contemplação do verme e do rato que roem o cadáver; esse terrível e pesado Nada que, à sua vista, cai como uma mortalha sobre o universo da vida. Fixando a sua vista no espaço, e mordendo os lábios lívidos, Nicot contempla a escuridão, convencido de que ela durará eternamente!

Abri passo! Abri passo! Ainda há lugar para uma nova vítima que entra na casa da morte!

Quando o carcereiro, com a lâmpada na mão introduziu nessa casa o estrangeiro, este lhe tocou o braço e disse-lhe algumas palavras ao ouvido; e, em seguida, tirou um anel muito precioso que tinha num dos dedos. Arre! Como brilha o diamante aos raios da lâmpada! Avalia cada uma das oitenta cabeças que devem cair, em

mil francos, e a joia vale ainda mais do que esse total! O carcereiro se deteve, e o diamante ria-se nos seus deslumbrados olhos. Olá, Cérbero, tu, insensível a qualquer sentimento humano! Não deixe, no desempenho do seu cruel emprego, dominar nem pela compaixão, nem pelo amor, nem pelo remorso. Mas a Avareza sobrevive a todo o resto, e esta serpente, tornando-se senhora do seu coração, devora todas as mais caras afeições. Ah! Ah! Astuto estrangeiro venceu! Os dois seguem andando pelo tenebroso corredor, até chegarem diante da porta, onde o carcereiro havia fixado a marca fatal, que deve ser retirada agora, porque a pessoa que está presa lá dentro deve viver um dia mais. A chave penetra na fechadura; a porta se abre, o estrangeiro toma em sua mão a lâmpada e entra.

CAPÍTULO XVII

"Cosi vince Goffredo!"
Gerus. Liber., canto XX, 44.

"Assim venceu Godofredo!"

Viola estava rezando ainda e submersa nos seus pensamentos; nem ouviu abrir a porta, nem viu a negra sombra que se projetava no soalho. O poder e a arte com que ele a protegia haviam desaparecido, porém o mistério e os encantos que conhecia o puro coração dela, não a abandonavam nas horas de provação e desespero. Quando a ciência cai como um meteoro do céu que queria invadir; quando o gênio murcha como uma flor sob o alento do gelado cadáver, a esperança da alma infantil envolve o ar em luz, e a inocência de uma inquestionável crença cobre de flores a tumba.

Viola estava ajoelhada no mais afastado canto da cela e a criança, como se quisesse imitar o que não compreendia, dobrava seus tenros joelhos e, com semblante risonho, se ajoelhava também ao lado de sua mãe.

Zanoni, em pé os contemplava à luz da lâmpada, cujo débil brilho caia calmamente sobre as suas formas. Caia sobre as nuvens dos dourados cabelos que, desgrenhados e deitados para trás, deixavam ver a sua cândida fronte; os seus negros olhos, cobertos de lágrimas, elevavam-se ao alto, brilhando como se neles se refletisse uma luz divina; as suas mãos cruzadas, os seus lábios entreabertos e toda a sua pessoa animada e santificada pela triste serenidade da inocência e a comovente humildade de mulher. E Zanoni ouvia a sua

voz, apesar de que os lábios apenas se moviam; a voz baixa que vem do coração, suficientemente alta para ser ouvida por Deus!

— E se nunca mais devo vê-lo, ó Pai! — dizia Viola, — não pode fazer com que o amor, que nunca morrerá, guie, de além do túmulo, os seus passos nesta vida terrestre? Não pode permitir também que, como um espírito vivente, eu paire por sobre ele, como um espírito mais belo do que todos os que a sua ciência sabe conjurar? Oh! Qualquer que seja o destino reservado a nós ambos, permita ó Senhor! Que, embora mil séculos hajam de transcorrer entre um e o outro de nós, permita que, por fim, purificados e regenerados, e dignos de gozar o encanto de tal união, possamos ver-nos novamente! E quanto ao seu filho que, ajoelhado aqui, sobre o soalho deste calabouço, a ti, ó Pai Celestial, parece se dirigir, qual é o peito sobre o qual poderá dormir amanhã? Quais as mãos que o alimentarão? Quais os lábios que rezarão por sua felicidade na terra e pela sua alma no além?

E os soluços afogaram a voz da angustiada mãe.

— Os seus, Viola, os seus! — exclamou Zanoni. — O homem que você abandonou está aqui para conservar a mãe ao filho!

Viola se sobressaltou, ao ouvir aquela palavra, ditas com acento trêmulo como trêmula era também a voz dela; e pôs-se de pé. Oh! Ele estava ali, com todo o brilho de sua imorredoura juventude e de sua sobre-humana beleza! Ali estava, na habitação da morte e na hora da agonia. Ali estava ele, imagem e personificação do amor que pode atravessar o Vale da Sombra, e pode, o impávido peregrino que vem do céu, deslizar-se pelos abismos do inferno!

Com um grito, talvez ouvido naquela triste caverna, com um grito de delícia e arrebatamento, Viola correu a prostrar-se aos pés de Zanoni.

Ele se inclinou para levantá-la; porém, ela escapava-se dos seus

braços. Em vão o terno esposo a chamava pelos epítetos familiares dos dias do seu ardente amor; Viola somente lhe respondia com seus soluços. Delirante e apaixonada beijava-lhe as mãos e a orla de suas vestes; a sua voz parecia ter-se extinguido.

— Olha, Viola, olha-me! Estou aqui, estou aqui, para salvá-la! Não quer que eu contemple a sua bela face? Cruel! Quer fugir de mim ainda?

— Fugir de ti? — disse, afinal, Viola, com voz entrecortada. — Oh! Se meus pensamentos o ofenderam, se o meu sonho, aquele meu terrível sonho, me enganou, ajoelhe-se a meu lado e reze pelo nosso filho!

E, levantando-se repentinamente, foi correndo buscar o filho, e, pondo-o nos braços de Zanoni, disse, soluçando, e em tom deprecante e humilde:

— Não o abandonei por mim, não por mim, mas...

— Basta! — interrompeu Zanoni; — conheço todos os pensamentos que os seus sentidos, confusos e postos em luta, mal podem avaliar. E veja como, com um olhar, a ele responde o seu filho!

E, com efeito, o semblante daquela extraordinária criança parecia radiante, no meio de sua silenciosa e insondável alegria. Como se reconhecesse seu pai, abraçou-o, pendurando-se ao pescoço, e nesta posição volvia seus claros e brilhantes olhos para Viola, e sorria.

— Que eu reze por meu filho! — disse Zanoni, tristemente.

— Os pensamentos das almas que aspiram, como a minha, aos ideais divinos, são contínua prece!

E, sentando-se ao lado de sua esposa, Zanoni começou a revelar-lhe alguns dos santos segredos da sua elevada existência. Falou-lhe da sublime e intensa fé, por meio da qual só se pode chegar à ciência

divina, da fé que, vendo o imortal por todas as partes, purifica e leva o mortal que o contempla; falou-lhe da gloriosa ambição que não tem por seu objeto as intrigas e os crimes da terra, mas ocupa-se com as solenes maravilhas que falam não dos homens, mas sim de Deus; daquele poder de abstrair a alma do pó terrestre, poder que dá à vista da alma a sua sutil visão, e às asas, o espaço sem limites; daquela pura, serena e intrépida iniciação, da qual a mente emerge, como se fosse da morte, as claras percepções do seu parentesco com os Princípios Paternos de vida e luz, de modo que, na sua própria sensação do Belo, acha a sua alegria; na serenidade da sua vontade, o seu poder; na sua simpatia com a juventude da Infinita Criação, da qual é essência e parte, os segredos que embalsamam o corpo de barro, que santifica e renova a força da vida com a ambrósia do sono misterioso e celestial.

E enquanto Zanoni falava, Viola o escutava, quase sem respirar; e ainda que não pudesse compreender, não se atrevia mais a desconfiar. Ela sentia, que, naquele entusiasmo, fosse produzido por engano próprio ou não, não podia mesclar-se nenhuma obra do demônio; e mais por uma espécie de intuição do que por um esforço da razão, viu diante de si como um estrelado oceano, a profundidade e a misteriosa beleza da alma que os seus temores haviam ofendido. Contudo, quando o esposo, concluindo as suas estranhas confissões, disse que havia sonhado elevá-la também a essa vida interior e superior, apoderou-se dela o medo que escraviza a humanidade, e Zanoni leu no silêncio dela como teria sido irrealizável esse sonho, apesar de toda a sua ciência.

Agora, porém, quando ele cessou de falar, Viola, apoiando sua cabeça no peito do esposo, sentiu o contato dos braços protetores, quando um santo beijo achou o perdão do passado e o esquecimento do presente, despertaram-se no seu coração as doces e ardentes

esperanças da vida normal e da mulher que ama. Zanoni havia vindo para salvá-la! Viola não perguntou como isto era possível, acreditou-lhe sem formular pergunta alguma. Finalmente, tornariam a viver juntos; ausentar-se-ia para longe dessas cenas de violência e sangue. Voltariam à feliz ilha irônica, para ali viver em segurança, na sua retirada mansão. Viola ria com alegria infantil, quando este quadro sedutor se apresentou à sua vista, ali, na lôbrega prisão. A sua mente, fiel aos seus doces e simples instintos, recusou-se a receber as elevadas imagens que confusamente se lhe apresentavam, e fixou-se em suas antigas visões, embora mais idealizadas, da felicidade terrestre e de um tranquilo lar.

— Não me fale, agora, mais do passado, meu querido! — dizia ela. — Está aqui; salva-me; ainda seremos felizes, vivendo unidos para sempre; e nessa vida de nossa doce união há suficiente felicidade e glória para mim. Atravesse você, quanto quiser, no orgulho de sua alma, o universo; o seu coração é o universo para o meu. Até a poucos instantes, eu estava preparada para morrer; mas ao vê-lo e ao tocá-lo, outra vez, sinto quão bela e grata é a vida! Olhe através da grade, e verá como as estrelas começam a apagar-se no céu; o dia se aproxima, o dia que nos abrirá as portas da prisão! Você me disse que pode salvar-me; e eu não o duvido. Oh! Fujamos das cidades! Naquela ilha ditosa, nunca duvidei de ti; lá não me assaltavam outros sonhos a não ser os de alegria e beleza; e quando, ao despertar-me, contemplava os seus olhos, achava o mundo ainda mais belo e mais alegre. Amanhã! Porque não sorri? Amanhã, meu amor! Não acha abençoada esta palavra: amanhã! Cruel! Quer castigar-me ainda! Por isso, não toma parte em minha alegria. Ah! Olha o nosso filho, olha como ele se ri! Vou dizer-lhe o que me alegra.

Filho meu, seu pai está aqui!

E tomando a criança nos braços, sentou-se a pequena distância de Zanoni e pôs-se a embalar o pequenino, apertando-o ao peito, acariciando-o com ternura e beijando-o a cada palavra. A ditosa mãe chorava e ria ao mesmo tempo, quando, apartando a vista do filho, olhava extasiada o pai, ao qual o sirso das estrelas, que apagava a sua luz, dava o último adeus. Quão bela parecia Viola, sentada daquela maneira, sem suspeitar o seu triste porvir! Quase criança ainda ela mesma, e o seu filho respondendo com riso ao riso dela, eram como dois inocentes brincando à borda do túmulo! Cada vez que Viola se inclinava sobre o filho, a sua abundante cabeleira caia-lhe pelo pescoço, como uma nuvem de ouro, e cobria o seu tesouro, como um véu de luz; e o filhinho com as lindas mãozinhas, apartando de vez em quando esse brilhante manto, sorria à mãe através das suas tranças e depois escondia o rosto entre elas, para descobri-lo sorrindo, um momento depois. Teria sido cruel anuviar essa alegria; porém, muito mais cruel ainda era ter que presenciá-la.

— Viola, — disse por fim, Zanoni, — lembre-se que, estando, numa noite, sentados à luz da lua, diante da caverna, na praia da nossa ilha nupcial, queria que lhe desse este amuleto? Objeto de uma superstição, já há muito tempo desaparecida do mundo, como também desapareceu o credo a que essa superstição pertencia. É a última relíquia da minha terra natal, e foi minha mãe quem, no seu leito de morte, ma pôs ao pescoço. Eu lhe disse, naquela ocasião, lá na praia, que lhe daria este amuleto, num dia, quando as leis da nossa existência fossem as mesmas.

— Lembro-me bem.

— Pois sabe que amanhã será seu o amuleto!

— Ah! O precioso dia de amanhã! — exclamou Viola.

E, deitando ao lado, com cuidado e ternura, o filho, que estava, agora, dormindo, abraçou o esposo e apontou-lhe com o dedo a luz

da aurora que começava a aparecer no firmamento.

Ali, entre aquelas lúgubres paredes, o astro matutino brilhava por entre as barras da grade sobre aqueles três seres, nos quais estava concentrado tudo o que os laços humanos podem oferecer de mais misterioso e encantador; tudo o que há de mais misterioso nas combinações da mente humana; a Inocência entregue ao sono; a Afeição confiante que, contentando-se com um olhar e um contato, não prevê as mágoas; e a fatigada Ciência que, depois de penetrar todos os segredos da Criação, vem, por fim, achar na Morte a solução desses segredos, e aproximando-se já da tumba, ainda se abraça com o Amor. Assim, lá dentro viam-se as tristes paredes de um calabouço; e, no exterior, cheio de mercados e salões, palácios e templos, reinava a Vingança e o Terror, forjando negros projetos e contra projetos; de um lado para outro, flutuando sobre a crescente maré das agitadas paixões, oscilavam os destinos dos homens e das nações; e a estrela da alva, desvanecendo. Se no espaço, fitava com olho imparcial a torre da igreja e a guilhotina.

Radiante, começa a aparecer a luz do dia. Lá, nos jardins, as aves renovam seus cantos favoritos. Os peixes saltam brincando nas frescas águas do rio Sena. A alegria da divina natureza e o buliçoso e discordante ruído da vida mortal, novamente despertam: o comerciante abre as suas janelas; as raparigas, ornadas de flores, dirigem-se para as suas lides; operários correm, com passes ligeiros, aos trabalhos diários nas oficinas, que as revoluções, derribando os reis e os imperadores, deixam, como herança de Caim, aos pobres e rústicos; os carros gemem debaixo do peso das mercadorias; a tirania sobressaltada madruga e se levanta com o rosto pálido; a Conspiração, que não dormiu, escuta atenta o relógio murmurando no coração: “Aproxima-se a hora”. Nas avenidas do salão da Convenção vão-se formando grupos, em cujos semblantes se vê

pintada a ansiedade; hoje se decide a soberania da França! Nos arredores do Tribunal, nota-se o ruído e movimento do costume. Não importa o que o Fado está preparando; neste dia cairão oitenta cabeças!

Viola dormia profundamente. Fatigada de alegria, e segura na presença dos olhos que para ela voltaram, havia rido e chorado de prazer, até adormecer; e parecia que até no seu sono a acompanhava a feliz convicção de que o amado esposo estava a seu lado que achara tudo o que, com sua fuga, havia perdido.

Viola sorria e falava consigo mesma, pronunciando com frequência o nome de Zanoni, estendia seus braços e suspirava quando não o tocavam. Difícil seria expressar as emoções que experimentava Zanoni, que, estando em pé a seu lado, a contemplava. Não a veria despertar mais! Viola não sabia quão caramente ele comprara a segurança daquele sono. A manhã, pela qual ela tanto anelara, havia chegado finalmente. Como saudaria Viola a tarde? Os seus olhos se haviam cerrado no meio das mais risonhas esperanças com que a juventude e o amor contemplam o futuro. Estas esperanças coloriam ainda agradavelmente os seus sonhos. Ela despertaria para viver! Amanhã cairia o Reinado do Terror; as portas da prisão se abririam, ela sairia deste calabouço, para correr, com o filho nos braços, ao mundo da luz de verão. E ele? Ele volveu a cabeça, e o seu olhar caiu sobre o filho, que estava acordado e o fitava com os olhos claros, sérios e pensativos. Zanoni inclinou-se sobre ele e beijou-lhe nos lábios.

— Nunca mais, — murmurou, — ó herdeiro do amor e da desgraça, — nunca mais tornará a ver-me em suas visões nunca mais a luz desses olhos será alimentada por uma celestial comunicação; nunca mais a minha alma poderá, velando junto de si, preservá-lo dos desgostos e da enfermidade. O seu destino não será tal qual eu,

em vão, desejava esboçar-lhe. Confundido com os demais de sua raça, terá que sofrer, lutar e errar. Sejam, porém, brandas as provações que o aguardam, e o seu espírito seja forte para amar e crer! E assim, como eu agora, o contemplo, assim possa a minha natureza transladar, por místico sopro, à sua o seu último e mais intenso desejo; que passe para ti o amor que sinto por sua mãe, e queira Deus que ela possa, nos seus olhares, ouvir como o meu espírito a anima e consola. Ah! Já vêm vindo! Sim!

Adeus! Eu aguardo a ambos no outro lado da tumba!

A porta abriu-se lentamente; o carcereiro apareceu no umbral, e, no mesmo instante, penetrou pela abertura um raio de luz que caiu sobre o semblante da feliz e bela adormecida, e passou, como brincando, aos lábios do pequerrucho, que ainda, mudo e com olhar fixo, seguia todos os movimentos do pai.

Neste instante, Viola, sonhando, murmurou: "Já é dia! Ao mar! Ao mar! Olha como os raios do sol brincam sobre as águas!"

Vamos para nossa a casa, meu querido, vamos para a nossa casa!

— Cidadão, chegou a sua hora! — disse o carcereiro.

— Silêncio! Ela dorme! Um momento, e estou pronto! Graças a Deus, ela dorme ainda!

Zanoni não quis beijá-la, temendo despertá-la; porém, pôs-lhe delicadamente ao pescoço o amuleto que lhe transmitiria, depois, o seu adeus de despedida, e, ao mesmo, tempo, a promessa de que novamente se uniriam! Zanoni dirigiu-se para a porta, e dai volveu-se uma e outra vez. A porta se cerrou; Zanoni se foi para sempre!

Viola despertou depois de algum tempo e, olhando ao redor de si, disse:

— Zanoni, já é dia!

Não recebeu outra resposta senão o fraco gemido do seu filho. Ó Deus misericordioso! Foi apenas um sonho tudo aquilo? A

desconsolada esposa, deitando para trás as compridas tranças que lhe cobriam a vista, sentiu ao pescoço o amuleto. Não! Não era sonho!

— Ó Deus! Exclamou. — E ele se foi!

E, correndo para a porta, pôs-se a gritar, até que veio o carcereiro.

— Meu esposo, o pai do meu filho? — perguntou a infeliz.

— Precedeu-a mulher! — foi a resposta.

— Aonde? Fala! Dize-me!

— À guilhotina!

E a negra porta cerrou-se outra vez.

Viola caiu desmaiada ao chão. Com a velocidade do raio, se apresentaram à sua mente as palavras de Zanoni, a sua tristeza, o verdadeiro significado do seu místico presente e o sacrifício que fazia por ela.

Compreendeu tudo naquele terrível momento. E, depois, a sua mente se obscureceu como se obscurece o horizonte à aproximação da tempestade; mas aquela obscuridade tinha também sua luz. E enquanto permanecia sentada no soalho do calabouço, muda, rígida e como se estivesse petrificada, uma visão pôs diante da sua vista interna, como a rápida decoração de um teatro, a lúgubre sala do Tribunal, o juiz, o jurados e o acusador; e, no meio das vítimas, se distinguia a altiva e radiante forma de Zanoni.

— Acusado, conhece o perigo que ameaça o Estado; confesse!

— Sim, conheço-o; e vou cumprir a minha promessa. Juiz, eu lhe revelo a sua sentença. Eu sei que a Anarquia, a que dás o nome de Estado, expirará hoje ao pôr do sol. Escute o ruído e os murmúrios ameaçadores nas ruas! Abri passo, ó mortos! Dai lugar no Inferno para Robespierre e a sua grei!

Tudo é desordem e confusão no Tribunal; pálidos mensageiros

vêm correndo; os verdugos começam a ter medo.

— Fora com o conspirador! E amanhã morrerá a mulher que você quis salvar!

— Amanhã, presidente, o aço cairá sobre ti!

O comboio da morte marchava lentamente pelas ruas, por entre a apinhada e ruidosa multidão. Ah! Povo valente! Por fim despertou. Não morrerão os sentenciados! O trono da Morte ruiu por terra! Robespierre caiu! O povo corre a salvá-los!

Num dos carros, ao lado de Zanoni, gritava e gesticulava a feia figura humana que, em seus sonhos proféticos, o místico havia visto como seu companheiro no lugar da morte.

Salve-nos! Salve-nos! — uivava o ateu Nicot. — Avante, bravo povo! Havemos de ser salvos!

E, por entre a multidão, com seus negros cabelos voando nos ares, e com os olhos arrojando fogo, abriu passo uma mulher, em cujo semblante se via pintado o desespero.

— Meu Clarêncio! — gritou ela, no suave idioma italiano.

— Verdugo! Que fez você do meu Clarêncio?

Os seus olhos correram com ansiedade pelas caras dos presos; e a mulher, não vendo entre elas o que buscava, exclamou:

— Graças a Deus! Graças a Deus! Não sou sua assassina!

O populacho se agrupa mais e mais, ainda um momento e o verdugo ficará sem as suas vítimas. Ó Zanoni! Porque se vê, em sua fronte, a fria resignação que não fala de esperança?

Tram! Tram! As tropas armadas enchem as ruas! Fiel às suas ordens, o feroz Henriot as conduz. Tram! Tram! Lançam-se sobre a multidão que se acobarda e dispersa! Aqui, fogem uns em desordem, ali, caídos, outros são pisados pelos cavalos e lançam gritos de desespero! E, no meio deles, ferida pelas espadas dos soldados, e com seus compridos cabelos empapado de sangue, jaz a italiana; os

seus lábios se torcem convulsivamente, mas ainda se nota neles alegria, quando murmuram: Clarêncio! Não o destruí!

O comboio chega à "Barreira do Trono" onde se estende, no ar, o gigantesco instrumento de assassino.

O cutelo se levanta e torna a cair uma vez, e outra, e outra, e mais outra! Graças! Graças! Tão ligeiro se passa pela ponte que da luz do sol conduz às trevas? A passagem é tão curta como um suspiro!

Ah! Agora veio a sua vez. — "Não morra ainda! Não me deixe! Ouve-me! Ouve-me!" — gritou a inspirada vidente. — "Como? E sorri ainda?"

Sim, aqueles pálidos lábios sorriam ainda e, ao extinguir-se aquele sorriso, pareceu se desvanecer o cadafalso, o horror e o verdugo. Com aquele sorriso, pareceu que todo o espaço foi inundado de uma brilhante luz eterna. Viola viu, como a forma do seu amado se elevou acima da terra, e pairou sobre ela; não era forma material, era uma ideia de alegria e luz! E, detrás, abriu-se o Céu e, nele, região atrás de região; e, ao longe, viam-se grupos sobre grupos, numerosos seres de incomparável beleza.

"Seja bem vindo!" — cantavam milhares de melodiosos coros dos habitantes dos Céus. — Seja bem vindo, ó ser purificado pelo sacrifício, que se tornou imortal somente pela morte! Isto é morrer!" E, radiante entre os radiantes, a Imagem estendeu os braços, e murmurou à extasiada vidente: — "Companheira da Eternidade! Isto é morrer!"

— Ah! Que é que significam esses sinais que nos fazem do alto das casas? Por que as multidões se precipitam para as ruas? Por que tocam os sinos? Ouvi os tiros dos canhões! O choque das armas!

Camaradas presos, luzirá enfim, esperança para nós?

Assim falam os presos uns aos outros. O dia se vai, a noite se

aproximava. Eles permanecem ainda com os seus pálidos rostos encostados às grades, e ainda veem que se lhes dirigem das janelas e do alto das casas sorrisos de amigos, e que se lhes acena!

— Hurrah! Hurrah! — dizem finalmente. — Robespierre caiu! O Reinado do Terror se acabou! Deus nos permitiu viver!

Sim; dirijamos um olhar à sala onde o tirano e o seu conclave escutavam a tempestade que rugia nas ruas! Cumprindo a profecia de Dumas, Henriot, ébrio de sangue e de álcool, entra cambaleando, na sala, e arrojando o seu ensanguentado sabre ao soalho, exclama:

— Tudo está perdido!

— Miserável! A sua cobardia nos destruiu! — gritou o feroz Cofinhal, arrojando o cobarde pela janela.

O inflexível Saint-Just permaneceu calmo como o desespero; o paralítico Couthon, arrastando-se como uma serpente, esconde-se debaixo da mesa. Ouve-se um tiro: Robespierre quis suicidar-se; porém, a mão trêmula errou o tiro, e não conseguiu pôr fim à sua vida. O relógio do "Hotel de Ville" marca as três horas. A multidão derriba a porta, e, invadindo os sombrios corredores, chega à sala da Morte.

Desfigurado pelo tiro, lívido, cheio de sangue, mudo, porém consciente de si, senta-se ainda no seu elevado lugar o altivo chefe dos assassinos. A multidão o rodeia, o insulta, roga-lhe pragas, e as suas faces de ira à luz das tochas que se agitam. E ali está ele, não como brilhante Mago, mas o verdadeiro feiticeiro! E, em suas últimas horas, o tirano vê reunidos a seu redor todos os inimigos que criou!

Arrastam-no para fora da sala. Abra as suas portas inexorável prisão, receba a sua presa! Maximiliano Robespierre não pronunciou nunca mais uma palavra na terra!

Deixe sair às ruas os seus milhares e dezenas de milhares de

habitantes, emancipadas Paris! O carro da morte do Rei do Terror rola para a "Praça da Revolução", e Saint-Just, Dumas e Couthon são os companheiros de suplício de Robespierre.

Uma mulher, a quem deixaram sem filhos, com os cabelos brancos, salta ao lado do tirano, e exclama:

— A sua morte embriaga-me de alegria!

Robespierre ao inferno! — continuou a mulher, — desce ao inferno, no meio das maldições das viúvas e das mães!

O verdugo arrancou a venda do rosto de Robespierre, cuja mandíbula fora despedaçada pelo tiro; o tirano lançou um grito, os espectadores responderam com uma gargalhada e, em seguida, caiu o cutelo, no meio dos gritos da imensa multidão, e negras trevas se precipitaram sobre a alma de Maximiliano Robespierre!

Assim terminou o Reinado do Terror.

A luz do novo dia iluminou o calabouço. A gente corria, de cela em cela, a levar a feliz notícia. Os alegres presos se mesclavam com os carcereiros, os quais, de medo, também mostravam ar alegre. Os presos corriam embriagados de prazer, por aquelas espeluncas e por aqueles corredores da terrível casa que, em breve, iam deixar. Entraram numa cela, esquecida desde a manhã anterior. Ali acharam uma mulher ainda moça, sentada sobre a sua miserável cama, com os braços cruzados sobre o peito, a face levantada para o céu os olhos abertos e um sorriso nos lábios, que revelava não só serenidade, mas até felicidade. A gente, ainda no tumulto de sua alegria, retrocedeu cheia de respeito. Nunca, na vida, haviam visto tanta beleza; e quando se aproximaram silenciosamente, ao lado daquela formosa mulher, viram que os seus lábios não respiravam, que o seu repouso era o de mármore, e que a beleza e o êxtase eram de morte.

A multidão rodeou-a em silêncio; e eis que a seus pés havia um menino, o qual, despertado por seus passos, olhou os presentes com

serenidade e os rosados dedinhos brincavam com o vestido da mãe morta.

— Um órfão aqui, na cela da prisão!

— Pobrezinho — exclamou uma mãe. — Dizem que o seu pai pereceu ontem; e agora também sua mãe morreu! Sozinho no mundo, que destino será o seu?

O menino sorriu tranquilamente, enquanto a mulher fazia esta exclamação. E o velho sacerdote, que se achava entre aquela gente, disse, com voz terna:

— Mulher! Olha! O órfãozinho está sorrindo! Deus cuida dos órfãos e os protege. Ele protegerá também este!

NOTAS LIVRO SÉTIMO

[1] “La Révolution est comme Saturne; elle dévorera tous ses enfants”. “A Revolução é como Saturno; devorara todos os seus filhos”, dissera Vergniaud.

[2] Esta carta foi achada entre os papéis inéditos de Robespierre.

[3] Esquilo, “Agam”. 1098.

[4] Os revolucionários se tratavam por tu.

[5] A Guilhotina.

[6] “Ou ne peut être ami du peuple et habiter un palais” — (Papiers inédits trouvés chez Robespierre, vol. II, pág. 132).

[7] Papiers inédits, vol II, pág. 156.

[8] “Ii vaudrait mieux étre um pauvre pêcheur que de gouverner des hommea”, disse Danton, na prisão.

[9] “L’aurea testa di rose colte in Paradiso infiora”. — Tasso, “Gerus. Lib”., IV, 50.

[10] “Para constranger Cocyto ou Phlegetonte”. Rios mitológicos do Inferno.

[11] Jamblico, “Sobre os Mistérios”, cap. 7.

NOTA

A curiosidade que o “Zanoni” despertou entre os que acham útil penetrar o sentido mais sutil que ele encerra, podia dispensar-se de acrescentar aqui poucas palavras, não como explanação de seus mistérios, mas sobre os princípios que os permitem.

“Zanoni” não é, como alguns pretendem, uma alegoria; mas, sob a narrativa que ele desenvolve, se ocultam significações sim bélicas.

Ele apresenta duas feições distintas e, contudo, harmônicas.

Primeira, a de uma ficção simples e objetiva, em que (dada uma vez à permissão do autor em escolher o assunto que é, ou parece ser, preternatural) o leitor julga o escritor pelas regras usuais, a saber, pela firmeza de seus caracteres, sob tais circunstanciais admitidas, o interesse de sua história e a coerência de seu plano; da obra encarada deste ponto, não intento dizer nada, quer na exposição do objeto, quer em defesa da execução.

Nenhuma das significações simbólicas (que, em termos latos, não são mais do que sugestões morais, mais ou menos numerosas mais ou menos sutis) pode desculpar, justamente, ao autor, de uma ficção, pelos erros que deveria evitar numa novela mais ordinária. Não temos razão de esperar que o leitor mais ingênuo procure o significado interno, se o curso manifesto da narração é tedioso e desagradável. É, pelo contrário, em virtude do contentamento que provamos com o sentido objetivo de uma obra de imaginação, que nos inclinamos a investigar o fundo das intenções mais secretas do autor.

Não nos teriam tanto maravilhado o “Fausto”, o “Hamlet” e o “Pmometeu” e não nos deixaríamos ardentemente levar pelo

interesse da história referida às inteligências comuns, se nos preocupássemos pouco com os símbolos que podemos observar em cada qual deles. Nenhum de nós pode elucidá-los, porque a essência do símbolo é um mistério. Vemos a figura, mas não podemos levantar-lhe o véu. O autor mesmo não poderia explicar o que designou.

Uma alegoria é um disfarce das coisas distintas e definidas, — virtudes ou qualidades, — e a chave pode ser facilmente dada; mas o escritor que comunica as significações simbólicas pode expressá-las em miríades. Ele não pode dissociar as cores que se casam dentro da luz que procura lançar sobre a verdade; e, por isso, os grandes mestres desta encantada região, o pais maravilhoso dos países maravilhosos, a poesia da poesia, levam, com sabedoria, cada discípulo a adivinhar a Verdade, como melhor lhe apraz, ou segundo as luzes que possui. Ter pedido a Goethe uma explicação do "Fausto", fora provocar uma resposta complexa e embaraçosa; o mesmo fora pedir a Mefistófeles uma explanação do que está debaixo da terra.

As cumulações internas podem diferir para o caminhante; cada uma pode requerer uma nova descrição; e o que é um tesouro para o geólogo, é uma caliça para o mineiro. Seis mundos podem achar-se debaixo de um torrão, mas o olhar comum não descobre mais do que seis camadas de pedra.

A arte em si mesma, se não é necessariamente simbólica, é essencialmente o que sugere alguma de mais sutil do que o que reveste os sentidos. O que Plinto nos conta de um grande pintor da antiguidade, é igualmente aplicável aos grandes pintores; "suas obras exprimem alguma coisa além das palavras", mais sentidas do que compreendidas. Pertence tal coisa à concentração do intelecto que pede sublime arte, e que, melhor do que todas as suas irmãs, a

escultura ilustra.

A estátua de Mercúrio de Thorwaldsen não é senão uma simples figura e, contudo, significa muitas coisas para os versados em toda lenda mitológica. Tirou o deus dos lábios o cachimbo, porque já acalentou, a dormir, o Argus, que vós não vedes. Ele impele a espada com o seu calcanhar, porque é chegado o momento que deve arremeter contra a vitima.

Aplicou o principio desta nobre concentração da arte ao escritor moral: este expõe ao seu olhar apenas uma simples figura; contudo, cada atitude, ou expressão, denota acontecimentos verdadeiros; deve ter o conhecimento, lembrança e sutileza para penetrar, ou a imaginação para conjeturar. Mas, para um juiz severo da escultura, haveria, porventura, algum prazer em descobrir o todo tido falado na obra prima de Thorwaldsen, se o artista tivesse gravado na base da estátua o pormenor da significação?

Não é a mesma coisa com o sentido simbólico que o artista dá em suas palavras?

O prazer da arte profética, em cada qual, é o nobre exercício de todos aqueles por quem a arte é dignamente encarada.

Nós, que somos os mais humildes da raça, não desarrazoadamente nos abrigamos sob a autoridade dos mestres, sobre quem o julgamento do mundo é pronunciado; e citam-se grandes nomes, não com a arrogância dos iguais, mas com a humildade dos inferiores.

O autor do "Zanoni" não dá, pois, a chave dos mistérios, sejam eles triviais ou importantes, chave que pode ser encontrada na câmara secreta por aqueles que erguem a tapeçaria das paredes; mas fora de muitas soluções de maiores enigmas, se enigmas, de fato, há que lhe foram transmitidos, ele aventura-se a escolher um que nos apresenta, apesar da nossa engenhosidade de pensamento e do

respeito ao escritor distinto (um dos mais eminentes que nossa época produziu), o qual é digno de honra e maior acatamento.

Ele deixa-o ao leitor, que pode aceitá-lo ou não. Cem homens, diz um velho platônico, podem ler um livro sob a luz da mesma lâmpada; não obstante, todos podem diferir no texto, porque a lâmpada só alumia os caracteres, a mente deve adivinhar a significação.

O objeto de uma parábola não é o de um problema; ele não vem, por fim, convencer, mas sugerir. A parábola apresenta o pensamento por baixo da superfície do conhecimento para a Inteligência que o mundo raramente conhece. Não é luz solar sobre a água; é um hino cantado à ninfa, que acorda e ouve interiormente.

EXPLICAÇÃO DO "ZANONI"

Por ***

Mejnour — Contemplação do Atual, — Ciência. Sempre velho, deve ser, apesar disso, sempre o Atual.

Menos falível do que o Idealismo, mas menos praticamente poderoso, por sua ignorância do coração humano.

Zanoni - Contemplação do Ideal. Sempre necessariamente simpático; vive pelo gozo; e é, por isso, simbolizado pela eterna mocidade. O Idealismo é o poderoso Intérprete e Profeta do Real; mas seus poderes se enfraquecem à medida que se manifesta à paixão humana.

Viola — Instinto humano. (Dificilmente digno de chamar-se Amor, visto como o Amor não faltaria ao seu objeto na ordem da superstição). Dirige-se, primeiro, em sua aspiração ao Ideal, às aparências brilhantes; depois, deixa estas por um sentimento mais elevado; mas é, contudo, pelas condições de sua natureza, impróprio a este, e sujeito a suspeitas e desconfianças. Sua força maior (Instinto Materno) tem o poder de penetrar muitos segredos, de traçar muitos movimentos do Ideal; mas, sendo fraco demais para os governar, cede à Superstição, vê faltas onde não há enganos, cometendo, além disso, um erro sob uma falsa direção; procura fracamente refugiar-se entre os tumultos das paixões guerreiras do Atual, ao passo que deserta do sereno ideal, lânguido, não obstante, na ausência do Ideal e moribundo (não parecendo, mas tornando-se transmudado) na aspiração de ter reconciliadas as leis de duas naturezas.

Porque, dada as premissas acima, o Idealismo á mais que a

Ciência, sujeito às Afeições, ou ao Intelecto, pois as Afeições, mais cedo ou mais tarde, forçam o Idealismo no Atual e no atual sua Imortalidade se extingue. A única porção do Atual encontra-se nas cenas finais que pintam a Região do Terror... A introdução desta parte foi acusada de conter as porções fantásticas que a precederam... Mas, se o escritor da solução mostrou exatamente a intenção do Autor, a cena mais forte e rudemente atual da idade em que a história está calcada, foi a compleição necessária e harmoniosa do Todo. Os excessos e crimes da Humanidade são a sepultura do Ideal. — O Autor.

Poder-se-ia melhor acomodar à concepção popular e chamar a estes trás: — a Compreensão, a Imaginação e o Coração.

Filho — Instinto recém-nascido, enquanto educado e instruído pelo Idealismo, promete um resultado sobre-humano por sua precoce, incomunicável vigilância e inteligência, mas é impelido à inevitável orfandade, e uma parte das leis de sua existência cai nas condições ordinárias.

Adonai (Aidon-Al) — Fé, que manifesta seu esplendor, relata seus oráculos, e comunica suas maravilhas somente à natureza mais alta da alma, e cujos ordenados antagonismos é com o Medo; de modo que aqueles que empregam os recursos do Medo devem dispensar os da Fé. Contudo, a aspiração conserva aberto o caminho da redenção e pode excitar a Fé, quando o grito saia mesmo da escravidão do Medo.

Morador do Umbral — Medo (ou Horror), de cuja palidez os homens se protegem pela opacidade da região da Prescrição e do Costume. Desde que esta proteção é deixada e o espírito humano

atravessa a nuvem, e entra só nas inexploradas regiões da Natureza este Horror Natural o persegue, e deve ser felizmente combatido somente pela desconfiança, pela aspiração para o Formador e Diretor da Natureza e confiança nele, cujo Mensageiro e Instrumento de segurança é a Fé.

Mervale — Convencionalismo.

Nicot - Baixa, vil, maligna Paixão.

Glyndon - Aspiração sem apoio. Seguiria o Instinto, mas é impedido pelo Convencionalismo, intimidado pelo Idealismo, não obstante, atraído e ligeiramente inspirado, mas não tem firmeza para a contemplação iniciatória do Atual. Ele associa seus arrebatados privilégios ao sensualismo habitual, e sofre, ao mesmo tempo, o horror de um e desgosto do outro, envolvendo o inocente no conflito fatal de seu espírito. Quando já está a ponto de perecer, é salvo pelo Idealismo, e, incapaz de levantar-se à ideia da existência, compraz-se em abismar-se na região do Familiar, e descansa, daqui por diante, no Costume. É o espelho da mocidade.

ARGUMENTO

A existência humana está sujeita às condições ordinárias ou delas isenta. (Tais são: moléstia, pobreza, ignorância, morte).

A Ciência esforça-se por levar o mais digno, além das condições ordinárias e o resultado disso é haver tantas vítimas quanto os esforços e o competidor ficar finalmente solitário, porque seu objeto é incongruente com as naturezas que trata.

A procura do Ideal envolve tanta emoção que torna o Idealismo vulnerável pela paixão humana e, enquanto tenta guardar-se, fica, não obstante, vulnerável, sujeito a unir-se ao Instinto. A paixão obscurece o conhecimento e a previsão.

Todo o esforço para elevar o Instinto ao Idealismo é infrutífero; as leis do ser de um e as de outro não coincidem (no primeiro estágio da existência de um).

Ou o Instinto alarma-se e refugia-se na Superstição ou Costume, ou fica entregue à caridade humana, ou aos cuidados da providência.

O Idealismo, sem conhecimento e previsão, perde sua serenidade; torna-se, uma vez mais, sujeito ao horror de que escapou, e, aceitando seu auxilio, perde o favor mais alto da Fé. Resta-lhe, contudo, a aspiração, com cujo auxílio pode vagarosamente reabilitar-se; e, desta maneira, alcançar o melhor.

Fortalecida pela aspiração, a Fé tira do Medo a verdade salvadora a que a ciência continua cega e a quem o Idealismo dá as boas vindas como à sua coroação final, a Prova inestimável conseguida com muito trabalho, depois de muitos conflitos.

Dada a elaboração desta prova, o Convencionalismo estiola-se, se por acaso se salva, torna-se complacente; a Paixão egoística morre,

ou rasteja sem auxílio; o Instinto dorme, para despertar num plano mais alto; o Idealismo aprende, como uma lição, que o sacrifício próprio é a verdadeira redenção; que a região de além-túmulo é apenas um preparo para a isenção das condições mortais; e que a Morte é o portal eterno, indicado pelo dedo de Deus, a larga avenida na qual o homem não se lança solitário e clandestino, mas entra triunfante, saudado por uma hierarquia de naturezas imortais.

O resultado é (em outros termos) que o lote universal humano é, afinal, o do privilégio mais sublime.

FIM